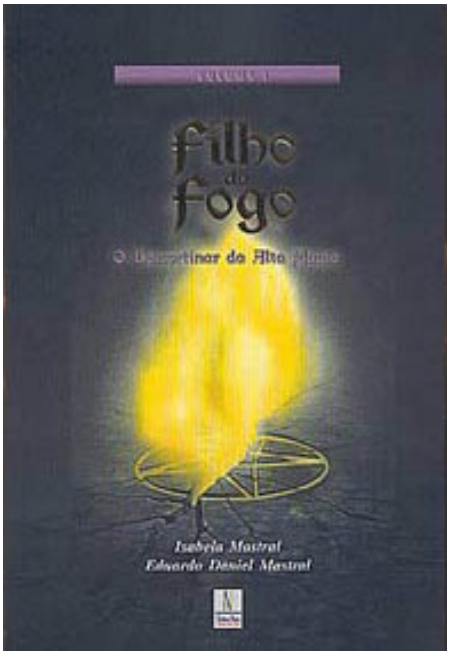

FILHO DO FOGO

O Descortinar da Alta Magia

Volume 2

Isabela Mastral

Eduardo Daniel Mastral

Autores:
Caixa Postal: 60.154
Cep: 05391-970 – São Paulo – SP
DANIELMASTRAL@HOTMAIL.COM
Editora Naós:
HTTP://WWW.EDITORANAOS.COM.BR
NAOS.EDITORANAOS@EDITORANAOS.COM.BR
Digitalizado, Revisado e Formatado por SusanaCap

O princípio da sabedoria é o temor do Senhor. (Pv. 1:7)

O princípio da sabedoria é: adquire a sabedoria; sim, com tudo o que possuis, adquire o entendimento. (Pv 4:7)

Porém a sabedoria habita com a prudência, no coração dos prudentes repousa ela. (Pv. 8:12; 14:33)

Ouça o sábio e cresça em prudência; e o entendido adquira habilidade!

Pois com medidas de prudência faremos a guerra. (Pv. 1:6; 24:6)

* * *

Antes de dar início a esta leitura coloque em prática este princípio:

Seja prudente!

Ore a Deus, revista-se completamente com a Sua armadura, peça a cobertura do sangue do Cordeiro.

E que o Espírito Santo, o Espírito da Verdade, lhe acrescente sabedoria, discernimento e a compreensão completa do propósito de Deus neste livro.

Que o nosso Senhor Jesus Cristo nos abençoe a todos!

* * *

Esta é uma história baseada em fatos reais.

Nomes de pessoas, empresas e escolas foram modificados.

Houve omissão do nome de algumas cidades.

Apenas o nome das entidades demoníacas é original.

* * *

Dedicamos este livro aos muito poucos que permaneceram realmente ao nosso lado.

Índice:

PARTE II 4
Capítulo 8 4
Capítulo 9 22
Capítulo 10 44
Capítulo 11 67
Capítulo 12 85
Capítulo 13 101
Capítulo 14 118
Capítulo 15 132
Capítulo 16 163
PARTE III 179
Capítulo 1 179
Capítulo 2 205
Capítulo 3 222
Capítulo 4 244
Capítulo 5 269
Capítulo 6 296
Capítulo 7 327
Capítulo 8 348
Capítulo 9 372
Capítulo 10 388
Capítulo 11 407
Capítulo 12 424
Capítulo 13 464
Capítulo 14 495
Capítulo 15 501
Epílogo 524
UMA PEQUENA HISTÓRIA DE UM GRANDE AMOR 526
CONVITES PARA SEMINÁRIOS 542
RESPOSTA 542
Alerta 544
PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BÍBLICAS 546

PARTE II

Capítulo 8

As semanas passaram sem maiores novidades.

Aquele sábado tinha sido agradável. Treinei Kung Fu e fui direto para a casa de Camila

Vamos comer juntos mais cedo?! — Convidara ela. — Podíamos pedir uma pizza e pegar filme de vídeo, né? O que acha? Você ficou tão sumido no final de semana passado...

Ela estava feliz, descontraída e louca para me agradar. Havíamos retomado o namoro há pouco, após mais uma das nossas tão freqüentes brigas e separações. Havia sido um “Deus-nos-acuda” como sempre.

Camila começou a não querer mais comer, emagreceu terrivelmente, vivia atrás de mim. Foi pressão de todos os lados para que voltássemos. Dona Carminha falava com minha mãe e depois me mandava recados:

— A Camila continua sem comer. Só fala de você. É melhor repensar esta decisão! Você não vai encontrar outra moça como ela. Só fala em morrer, em se matar, em definhar de inanição, coisas assim! — E por aí adiante.

De fato Camila emagreceu muito. Quando a vi de novo até assustei. Ficou abatida, acabada, deixando a todos preocupados. E até tentou “suicídio”. Felizmente não foi dos mais inteligentes, tomou apenas algumas cartelas de aspirina. Era o que havia de disponível.

Eu não queria mais manter aquele relacionamento, principalmente depois da Iniciação. Mas a velha “pena” acabou

novamente falando mais alto. (Onde que eu estava com a cabeça???...)

Decidi realmente ir comer pizza à noite na casa de Camila, afinal eu a havia visto apenas na última terça-feira. Ela havia estado a me esperar no portão aproveitando o sol do final da tarde.

— Acho melhor pedir pelo telefone, para entregar! Pode ser meia “frango com catupiry” e meia “portuguesa”, ou você quer toda “portuguesa”? — Camila sabia que eu não dispensava a “portuguesa” e tão logo cheguei ela já me acenava com o panfleto do cardápio.

— Pode pedir meio a meio, como você quiser. — Então, tá!

Entramos em casa conversando. A poodle veio fazer festa. A poodle somente, porque os dobermanns continuavam no quintal. Fui direto para o telefone encomendar a pizza.

— Trás também uma coca grande, por favor! — Pedi, antecipando um super copo com gelo e limão para acompanhar o refrigerante.

Depois de cumprimentar Dona Carmem fui atrás da Camila, que estava no quarto.

— Eu peguei aquele filme que você queria ver. — Explicou Camila, sentando sobre a cama.

Preferimos ficar por lá naquele horário — começo da noite — pois o relacionamento da família dela comigo não era dos melhores e em breve todos estariam por lá. Entenda-se por “família” a irmã e o Pastor. Não conseguia suportar a Kelly, sempre procurando um motivo para implicar comigo ou com a Camila. Mas o pior de todos era o “Pastorzinho”!!! Deixa estar... eu ia pegá-lo de jeito.

Uma vez no quarto me acomodei no chão, de costas para a parede. Camila sentou-se de frente para mim, contando as novidades do serviço:

— ...e acabou dando a maior confusão; também todo mundo avisou que o controle ia ficar mais rigoroso a partir de segunda-feira, mas ele não quis dar o braço a torcer. Não sei, não... talvez

seja despedido!

Ouvi quando o Pastorzinho chegou. Não da Igreja, é claro, afinal sexta-feira era dia de folga. No entanto o carro da Igreja bem que ficava com ele, e com gasolina à vontade! Hum...nada como um dia após o outro.

— Imagine só, que rolo! — Camila dava risada. Eu havia perdido o final da história ao desviar minha atenção para os ruídos na sala e o som de vozes.

Procurei descontrair-me. Acho que só estava um pouco mais irritado do que de costume. Jogamos um pouco de xadrez, mas logo chegou a pizza. Camila, como sempre trouxe pratos, talheres e copos para o quarto. Eu coloquei um pedaço de pizza sobre o outro fazendo um sanduíche, e dispensei os talheres. Estava com o sanduíche a meio caminho da boca e o copo cheio de borbulhante coca-cola quando...: TUM! Minha mente deu um estalido! Eu não podia comer àquela hora! Haveria um Ritual naquela noite para o qual eu deveria manter-me em jejum por seis horas.

Nem sempre isso era necessário, mas naquele dia sim.

Olhei para Camila, que experimentava o seu pedaço sabor “frango com catupiry”.

— Ah, eu não vou comer, não, tá? — Falei de pronto, sem delongas.

— Não?!! — Ela parecia não compreender. — Mas, por quê? Você não queria pizza?

— Queria, até, mas sei lá... perdi a fome. Não vou comer agora. — Respondi com convicção. — Come você!

— Mas eu não vou agüentar tudo. O que faremos com este monte de pizza?! — Perguntou ela meio brava.

— Ah, não sei! Dá para sua família!

— Agora pode, né?

— Bem, se não quer dar para sua família dê para os cachorros. Você escolhe!

— Não, vou dar para minha família, aproveitar que meu

irmão chegou agora.

— Dá este pedaço aqui para ele — Falei rindo. Num momento de “descuido” eu havia cuspido embaixo do queijo.

Ela, estranhamente, concordou. Nem entornou o caldo. Eu achei que Camila não devia estar muito bem. Não era apenas porque o dinheiro saía do meu bolso. Havia algo mais. Situações assim começaram a acontecer com freqüência. Numa outra ocasião, logo depois deste dia, Camila não discutiu diante de outra desculpa bastante esfarrapada.

Agora eu tinha compromissos em dias pouco favoráveis. Para Camila, é lógico. Porque para mim o dia nunca estava desfavorável. Os Rituais de Celebração eram todas as sextas e sábados à partir das onze e meia. Além das reuniões de estudo no Grupo às segundas e quartas.

Conforme aproximava-se o horário combinado com Marlon, eu procurava sair da casa dela:

— Olha, este tênis aqui está incomodando muito. — Falei para Camila. — Eu vou para casa trocar de sapato, tá bom? Preciso ir agora!

— Tudo bem. — Afirmou Camila. — Eu vou junto com você.

— Não! Não precisa ir junto. — Retruquei. — Eu vou e volto. Você aproveita para tomar um banho enquanto isso, com calma.

Novamente ela concordou, sem discussões e sem insistir mais. Nem parecia a Camila que eu conhecia. Seria só a boa vontade de reconquistar os bons períodos de namoro?

Quando cheguei em casa, peguei o telefone e liguei para ela:

— Olha, eu não vou voltar mais. Estou cansado e vou aproveitar para descansar um pouco hoje.

Ela não pareceu se incomodar:

— Descanse bastante, então, amanhã a gente se vê. Tudo bem!

Eu sabia como era difícil convencer uma mulher quando ela faz questão da presença do homem. Ou Camila não estava fazendo questão, ou...?

Mas, a bem da verdade, pouco me interessava estar muito ou pouco tempo com Camila.

"O quê me faz continuar esse relacionamento?"

Fui levando o namoro aos trancos e barrancos. Só que logo depois da Iniciação eu passei a ter convicção muito clara de uma coisa:

— Eu não vou casar com esta mulher. Não é ela a pessoa certa! Se eu me unir desta forma à Camila estarei prejudicando a mim mesmo, meu desenvolvimento e crescimento na Irmandade. Depois... — Meu semblante sempre ficava carregado nessa altura. — Depois eu vou ter que aturar esta família e isto *decididamente* não dá!!!

E este era um fator que pesava muito. Camila de fato não me incomodava. Ela levava o Cristianismo no "vai-da-valsa". E só queria me agradar. Com medo de perder o namorado, acabou domada. E passou a concordar com praticamente tudo, não reclamava das coisas mais absurdas. E com essa submissão toda ficou muito mais fácil ludibriá-la sobre aonde eu estava e o que fazia

Dona Carminha e a avó eram boas... mas estavam eternamente me contando aquelas histórias bíblicas intermináveis, e tentando arrastar-me para a Igreja, e falando de Jesus. E isso era tão insuportável! Eu até evitava dirigir muito a palavra para as duas. Não suportava mais escutar aquela pergunta:

— Você leu a Bíblia hoje?

Bíblia! Bíblia! Bíblia! Estava cheio daquela palavra. Eles todos me davam nojo com sua eterna "Bíblia"! Minha vontade era de dar uma respostinha à altura.

— Não li, não! Eu a uso para outros fins!!!

Mas como isso não era possível (tinha que manter uma certa diplomacia por causa de Camila), ficava só na vontade. E que

vontade!

Mas suportar o “Pastorzinho”...! Sem dúvida que esse era o “xis” da questão.

Naquela época ainda dava pra agüentar porque eu estava quase o tempo todo ocupado. Estudava; tinha os compromissos com a Irmandade à noite. O tempo que me sobrava era, naturalmente, para treinar Kung Fu. Restava muito pouco para Camila e quase nada para a família dela.

Camila acreditava nas mais tolas desculpas que eu pudesse dar. Os estudos e os Rituais começavam tarde mas eu não tinha carro. Dependia de Marlon — que me levava quase sempre — ou de Thalya, que também tinha carro. Por vezes eu até combinava com eles nas imediações da casa de Camila porque não era muito distante do palacete de Zórdico. A maior parte dos Rituais realmente acontecia lá. E eu, que nem sequer fazia idéia quando estava estudando no Grupo!

Quando começava a dar o horário em que deveria sair sempre acabava tendo que apelar: cansaço, sono, coisas para estudar, dor-de-cabeça, etc. ..etc. ..etc. ...! E quando o argumento estava ficando batido demais eu era obrigado a me utilizar de verdadeiras “pérolas” da invencionice. Era relativamente fácil. Em suma, eu realmente nunca tive o menor problema e Camila nunca desconfiou daquela vida dupla. Nem ela e nem ninguém da família. Isto deixava de ser coincidência, extrapolava as leis da probabilidade e do fato dela querer agradar-me.

Sem dúvida o dedo de “meu pai” estava naquela história. Só que, nessa altura, eu ainda não compreendia este contexto espiritual. Não podia supor que Abraxas ou qualquer outro se daria ao trabalho de influenciá-la de alguma forma. Não sabia que também tinham esse Poder. Achava que tudo era apenas fruto da minha capacidade de persuasão. Nem cheguei a questionar muito. Se o tivesse feito acharia estranho que minha namorada concordasse, em pleno fim de semana, com o fato de que eu precisasse, com urgência (inadiável), arrumar as gavetas do armário, por exemplo.

— A gente aproveita melhor uma outra hora. Eu chego mais

cedo no outro sábado, tá?

Poucas vezes Camila realmente insistiu para que eu me demorasse mais. Certamente que este não era o feitio dela:

— Ah, Edu! Dorme aqui em casa hoje, vá, amanhã não tem horário. Fica aqui hoje?

— Não dá, Camila. Não tenho nem pijama aqui na sua casa.

— Mas eu te arrumo uma camiseta do meu irmão!

— Nem pensar. Eu só durmo com o *meu* pijama! — O mais curioso é que Camila era a primeira que deveria saber que eu não usava e nem nunca usei pijama.

Acabei até rindo-me disso mais tarde. Nada do que ela sugeria serviu. E então ela concordou.

Marlon também havia me instruído um pouco acerca dela logo de cara.

— Dá a cartada logo. — Falou ele tão logo comentei que reatara o namoro. — Você quer realmente torná-la maleável a ponto de não ser obstáculo de espécie nenhuma? É muito simples: chega nela e diz que não está mais gostando. Isso é fato, certo?

— Em parte, Marlon. Sabe como é que é, não se trata daquele amor, nada disso. Mas tenho pena e acho que um pouco eu ainda gosto dela. Não vou casar! Mas ela é boazinha, é uma moça direita... é difícil encontrar uma moça direita hoje em dia!

Em momento algum ele me incentivou a romper de vez o relacionamento.

— É importante que você continue com ela enquanto for bom para você. Mas quando *você* achar que acabou, que não é mesmo ela que você quer... então põe o ponto final sem esta história de ficar com pena. Não aceite imposições de família e nem de ninguém. Decida por você mesmo! Por hora, continue namorando a moça. Mas para que ela não seja um problema para você, faça como eu disse. Diga que seu amor está acabando, que você está com muita dúvida a respeito do relacionamento, dúvidas em relação a ela, por aí adiante. Fala que você vai dar uma última chance para ela te reconquistar, e caso isso não ocorra é “tchau”

mesmo! Afinal, se ela tentou até se matar por sua causa...! Te garanto que ela será super compreensiva!

E assim foi mesmo. Ela era muito compreensiva em todos os aspectos. Como Marlon havia dito. E ele também me havia feito entender que era muito bom ter duas mulheres. Ou três. Ou quantas eu desejasse.

— Salomão teve setecentas. — Disse-me Marlon com ar cínico. — Vejam só, o Rei de Israel, o escolhido de Deus. Naturalmente que ele teve que deixar de lado um pouco a lei de Deus, e fez o que tinha vontade. Se teve setecentas é porque o negócio devia ser bom pra caramba! A verdade é que às vezes o homem precisa de mais de uma mulher para se completar. — Ele sorria com malícia no olhar. — Tem mulher que é "boazinha" como você mesmo comentou, mas que para outras coisas não é tão boa assim. Tem outras que são muito carinhosas, meigas... mas também rancorosas. Outras são inteligentes, boas para longas conversas. Por outro lado, independentes demais. Por aí vai! Então uma compensa a outra. A deficiência aqui é suprida pela eficiência ali. O bom mesmo é ter várias. Você aproveita o melhor de cada uma!

Incentivada a poligamia, eu fiquei pensando. Marlon tinha dourado um pouco as coisas, mas o fato é que todo homem pensava assim mesmo. Só que, apesar disso, *eu* pensava diferente. Não estava com vontade de fazer coleção de namoradas. Por ora ficava com Camila.

E mesmo porque havia Thalya nessa história toda. Novamente esbarrava nesse pequeno e irrevogável "detalhe". Mas eu podia estar com ela sempre que assim o quisesse.

Ela era imprevisível e combinava muito com o meu próprio jeito de ser. Intelectualmente falando eu podia manter com ela os diálogos que seriam impossíveis de ter com Camila. Thalya era linda. Não dava para negar esse fato. E Camila, bem, ela era boazinha, direita, submissa. Bem diferente. De certa forma uma completava mesmo a outra, como dissera Marlon. Pelo sim, pelo não... eu ia deixar como estava.

Thalya compreendia perfeitamente que tipo de aliança

tínhamos um com o outro. Era uma aliança de *Poder*... não um "casamento"!

— A união que nós temos, — Disse ela certa vez. — não implica em "respeito", esse respeito que a Igreja muito ridiculamente impõe. Nosso elo está acima destas efemeridades. Eu posso ter tantos homens quantos eu queira, e você a mesma coisa com as mulheres. Mas ainda assim eu e você somos — e sempre seremos — como um só. Vai muito além de um coito! Lembra-se? O laço de sangue nunca quebra! Isso quer dizer que tem tempo certo para tudo. Por hora se você acha que deve ficar com essa fulaninha, que fique. Se quiser ficar comigo, que fique também.

Era fato. E ficamos assim combinados. Eu namoraria Camila quanto quisesse e Thalya teria "tantos homens quantos desejasse", mas fora do contexto da Irmandade. Ficou acertado que, lá dentro, não teríamos "outras" ou "outros". Pelo menos por enquanto. E não era uma questão moralista, era apenas uma espécie de "pacto" que levava mais em consideração a amizade e o carinho que tínhamos um pelo outro do que qualquer outra coisa.

Fosse como fosse, do lado de fora ela aproveitava do modo dela e eu do meu. Thalya era como o tempo: podia-se "prever", mas jamais determinar. E eu não podia estar na dependência de alguém assim.

A verdade era que não havia necessidade de escolher... então deixei rolar! Mas acho que se tivesse mesmo que ter escolhido... difícil dizer... qual delas seria? Tal vez... minha "alma gêmea"...?

***

Camila tinha uma vizinha que volta e meia estava lá na casa dela. Seu nome era Tamara. Tanto ela quanto a família eram hippies. O passatempo de Tamara era fazer aqueles artesanatos que se vendem em feirinhas de hippies. Os irmãos dela — bem mais cabeludos do que eu — eram músicos e tocavam "na noite", em barzinhos. A mãe era professora de piano e o pai — imagine! — um maestro!

A meu ver, eram um bando de loucos! Da casa da Camila

podia-se escutar aquele piano martelando o dia inteiro, um entra e sai de alunos da manhã à noite, e guitarras e baterias nos intervalos.

E como se não bastasse tanta esquisitice, como todo bando de malucos, eles eram todos ateus. Eu me divertia com aquela família, e especialmente com Tamara que volta e meia aparecia em casa de Camila. Sempre com suas roupas indianas e seus "papos filosóficos" totalmente sem pé nem cabeça! Não sei como aquela moça podia acreditar em tanta besteira!

O detalhe: naturalmente que o Pastorzinho queria evangelizá-la. E, de quebra, trazer toda a família dela "para Cristo".

Depois que fui Iniciado, minha bronca com o Sérgio piorou bastante. Eu não suportava nem ouvir a voz irritante dele e estava louco para confrontá-lo um pouco. Mais ou menos uns dois meses após o Rito de Iniciação eu estava num domingo à tarde pronto para tomar um chá com Camila. E Tamara estava por lá. O Pastorzinho borboleteava aqui e ali, e não levou muito tempo para que ele e Tamara acabassem desembocando numa discussão acerca do Cristianismo.

Vibrei! Eu não via a hora de ter uma deixa qualquer. Afinal, no meu entender eu tinha argumentos de sobra para fazer o Sérgio engolir a sua doutrina vã. Meu problema não era a Tamara e as tolices nas quais acreditava. Eu queria era pegar o Pastor de jeito! Queria vê-lo engolir toda a sua mediocridade e hipocrisia, aquele *aproveitador!* Minha antipatia parece que tinha se multiplicado tremendamente. E como eu ansiava pelo gostinho de deixá-lo numa situação de constrangimento público!

"Mais dia, menos dia eu vou acabar tendo uma bela oportunidade e vou entupir esses Cristãozinhos de meia tigela!"

Tratei de esperar. E demorou! Estranhamente, *muito estranhamente*, naquele último mês a mãe de Camila não me pegou para contar nenhuma história bíblica: nada de Davi, Abraão ou Rute. A avó... nem me perguntou se eu havia lido a Bíblia, ou se ia acompanhá-los à Igreja. Nada acontecia! E eu tinha que me contentar apenas em desejar, ironicamente, uma boa "jornada de trabalho" ao Sérgio. Quando ele saía para pregar eu não perdia a oportunidade:

— Bom serviço!

— Mas isso não é serviço, já te disse.

— Lógico que é. Você ganha pra isso! — Eu era cínico.

Logo depois que comecei a freqüentar a Escola Preparatória com Marlon as coisas mudaram um pouco de figura, sem que eu percebesse. Ir à Igreja, só se fosse para assistir ao "show"! O "show" que o Pastor dava, o "show" da Congregação. E para aprontar pequenas maldades.

Era tudo muito engraçado. Eu morria de dar risada diante da cara vermelha e suada do Pastor titular! E via as pessoas naquele transe coletivo, erguendo as mãos, aplaudindo, chorando. Faziam cada cara... eu não conseguia me conter. E ria, ria, ria compulsivamente!

No fim aquilo acabava contagiando a Camila, e ela entrava na brincadeira:

— Olha! Olha só a cara daquela mulher gorda ali! — Eu a cutucava, apontando. — Parece que ela está fazendo cocô.

Eu não tinha o mínimo de respeito por nada e por ninguém. Olhares tortos nem de longe surtiam o menor efeito. Eu devolvia um ar de "não tô nem aí" e continuava com a mesma falta de educação. Afinal, ninguém tinha nada que ver com isso, eu estava falando com Camila, não tinha culpa se escapava alguma coisinha aqui e ali.

Tudo o que eu pudesse fazer para afrontar as pessoas eu fazia. Toda e qualquer situação de constrangimento que eu pudesse criar... eu criava. Só pensava em fazer pequenas maldades todo o tempo que estava na Igreja. Acostumado ao "senta-levanta" de sempre, aprontava também:

— Levanta pra louvar ao Senhor! Agora ajoelha! Agora senta! Agora levanta para orar! Vire para o seu irmão e diga...

Eu resolvia que ia ao banheiro e, uma vez erguido o povo, colocava tachinhas nos bancos. Longe de onde eu estava sentado, é claro! Acho que volta e meia devia acertar alguém. Pensar naquilo — alguém pulando depois de espetar o traseiro — me enchia de um

estranho e sádico prazer!

Outras vezes arremessava chicletes mascados nas cabeleiras mais longas. De preferência enquanto todos estavam de olhinhos fechados para “orar ao Senhor”. No banheiro escrevia palavrões nas portas, xingava os Pastores, achincalhava a Bíblia.

Assim, o Culto terminava por ser o momento mais hilariante da semana.

Mas *isso... antes!* Antes da Iniciação... antes da aliança de sangue... antes do meu comprometimento com Abraxas e a Irmandade.

Ir à Igreja agora seria inconcebível, nem me passava pela cabeça. Era um programa reles demais.

“Ainda que seja o mais engraçado do mundo, para mim... basta!!!”

Volta e meia Camila também deixava de ir a Igreja para ficar comigo, aliás a família toda não era muito assídua! Somente o “Pastorzinho” ia regularmente porque, afinal de contas, se não fosse também não comia. Salário “suado” aquele!!!

As coisas estavam neste pé quando naquela tarde de domingo, de repente, a Tamara me veio com esta:

— Escuta, Sérgio. — Principiou ela ainda bebendo os últimos goles de chá mate. — Me desculpe, você é Pastor, mas deixa eu te perguntar uma coisa...

O Pastorzinho limpou as mãos no guardanapo, aguardando o que viria:

— Não é por nada, mas você acredita *mesmo* nesta história de que Maria recebeu um filho do Espírito Santo?! — Perguntou Tamara naquele jeito desleixado de hippie. — Pra mim, o José levou um belo par de chifres e ela quis colocar a culpa no anjo, né? Porque, imagina só, vê se isto tem cabimento! E o José engoliu essa.

— Não, não! — Começou o Sérgio. — Isto está na Bíblia e é uma coisa muito séria. Não convém brincar com estas coisas.

Eu já acendi os olhos: “Opa!”

Ele continuou falando que a concepção de Jesus havia sido assim mesmo, e blá-blá-blá, porque a Bíblia dizia que era assim, então era assim. Encostado no batente da porta eu simplesmente interrompi a explanação de sopetão:

— E você acredita em tudo que está escrito na Bíblia? — Perguntei com certo mau-modo e à queima-roupa, os olhos chispando na direção dele.

“Que oportunidade esta menina acaba de me criar!”, pensei exultando.

— Sim, acredito! — Respondeu o Pastor com ar sério, balançando a cabeça repetidas vezes.

Hoje reconheço que a pergunta que fiz era básica. Mas ela não soube responder!

— Pois é. Você deve estar lembrado então que Deus criou o tal Adão, né? E pelo que parece a mulher não estava nem nos propósitos da Criação, pois ela só apareceu depois. Deve ter sido porque o coitado do Adão ficou lá no jardim olhando os cavalos... os pássaros... os elefantes... todos se divertindo, tendo seus prazerezinhos, não é? E ficou encafifado, pensando: “Bom, o que será que tem parecido *comigo* por aqui?”. E Deus colocou a mulher lá pra ele. E daí nasce o Caim e o Abel. Mas me diga... se só havia esta gente por lá, como é — ou melhor, de onde é — que saíram todas as outras pessoas? Só se Caim teve relação com a mãe, né? Explica aí, vai! O que que aconteceu?

Meu tom de falar, meu semblante, meu olhar, tudo expressava um ar de descaso agressivo e debochado.

— Bom... — Começou ele, enrolando os dedos no guardanapo, pressentindo no ar um clima pouco amistoso. — A Bíblia não é muito clara a este respeito, mas parece que eles tinham uma irmã...

Eu nem esperei ele terminar a frase. Ribombei logo:

— *Irmã!!?* — Até para mim aquela era nova! — Mas então houve relação entre irmãos?! Tudo bem, eu entendo que o negócio

devia estar feio mesmo se não havia ninguém para o Caim e o Abel darem umas bimbadinhas! Se Deus "generosamente" não lhes deu ninguém... como é que ficavam os pobres coitados? Ou será que Deus criou uma mulher do nada para eles também? Que Deus maluco! Fala mais tarde que incesto é pecado, mas toda a Humanidade principiou como sendo fruto de um tremendo pecado de incesto??? Só podia dar no que deu, né? Sodoma, Gomorra, perdição... só vindo o dilúvio para acabar tudo de vez. — Eu nem esperava resposta. Emendava logo uma idéia na outra. — Então, o pecado só pode ser relativo mesmo! A mesma coisa numa hora é pecado, na outra não é. Não é assim? Para formar a Humanidade valia incesto, mas depois não valia mais. Legal isso aí! Até o coitado do Canaã levou na cabeça com esta do pai dele dar umas e outras em família, né? Gozado é que quem pecou foi o pai... mas quem leva a maldição é o filho. Tudo a ver!

Ele parecia um tanto confuso. Eu continuei, pois acho que ele nem pescou o lance de Canaã! Nem sabia do que eu estava falando.

— Quer ver mais uma? Uma mais fácil, tá? De lambuja! Canaã é muito difícil! Em uma época é pecado ter mais de uma mulher, em outra não é! Salomão tinha setecentas mulheres e trezentas concubinas. Depois, no Novo Testamento, faz-se menção ao homem ser "marido de uma só mulher". Mas este que teve mil mulheres foi "somente" o rei de Israel e o homem mais sábio do mundo?!!!? Este Deus aí da Bíblia é completamente louco.

Aquilo foi demais para ele e para os presentes.

— Não, senhor!! — Exclamou o Sérgio um tanto ou quanto exaltado ao ver tão ostensivamente ofendidos os seus preceitos. — Deus é o mesmo ontem, hoje e sempre!

— Ah, pois é mesmo? — Respondi com pouco caso. — Então me prova isto, me prova com base *nesta Bíblia* mais confusa que o próprio Deus. Quer ver mais um exemplo das loucuras de Deus, só pra você se conformar? Os profetas de Deus... aqueles que deveriam pregar ao povo de Israel e ser exemplos vivos do próprio Deus... por exemplo, Eliseu. Pediu a "porção dobrada" da unção de Elias. Nem bem recebeu, o que ele faz com sua "porção dobrada"? Causa a morte de quarenta e dois meninos, amaldiçoando-os em

nome de Deus. Foram mortos por duas ursas... consegue imaginar a cena? A Bíblia diz que eles foram *despedaçados!*. Sabe como é que é, né? Vísceras pulando para todos os lados, cabeças rolando...! E tudo isso porque, brincando, chamaram o profeta de "carequinha".

Despejei mais alguns argumentos tirados das minhas aulas e vomitei todo o meu desprezo diante deles. Tamara limitava-se a alternar o olhar entre mim e o Sérgio, muda diante da discussão que ameaçava pegar fogo. A expressão do rosto do Pastorzinho merecia uma foto!

— *Prova!* — Retruquei novamente. — Porque eu não estou vendo lógica nenhuma nisso tudo! Ontem Deus pensava de um jeito, hoje de outro, e amanhã... vá saber o que passa na cabeça Dele! — Havia desdém e sarcasmo nas minhas palavras. — Hoje, a Igreja se esfola para viver debaixo dos preceitos que considera ser revelação da "vontade" de Deus. Mas vá saber o que Ele vai inventar amanhã para seus "adoráveis filhinhos"! Quer mais um exemplo? Antes Deus mandava o seu Povo escolhido destruir todos os povos diferentes. Morriam mulheres, crianças, ao fio da espada, uma chacina em nome de Deus... hoje, nada de matar ninguém: é pecado! Não parece mudança demais? E, amanhã como é que fica? Será que o que você crê hoje... não vai virar "pecado" amanhã?

Não sei o que houve, se deu um branco na cabeça dele ou se a expressão do meu rosto simplesmente o fez querer deixar por menos. Mas, o fato é que ficou evidente que ele estava enrolado e confuso. Não precisava mais nada. Aquelas idéias acerca da relatividade do pecado e a mutabilidade do Criador, ainda que apenas esboçadas, fizeram com que ele se atrapalhasse todo!

Mérito de meu treinamento. Estava satisfeito! Tinha lavado a alma. Acabado com ele em poucos minutos, na frente de todos. Ele e o seu Cristianismo de fachada.

— Bom... — O Pastorzinho ainda tentou esboçar uma reação. O guardanapo jazia todo amarfanhado sobre a mesa. — Você até tem razão no que colocou mas certamente há uma explicação para isso, pois Deus de fato é o mesmo. Sempre. Ontem, hoje e sempre. Deus é fiel e sua Palavra...

Ele não desistia. Ataquei por outro ponto:

— Ah, Deus é fiel?!! — Dei risada. — Me mostra a fidelidade Dele! O que aconteceu com os discípulos de Jesus, os que deram sangue, suor e lágrimas pela divulgação do Evangelho? — Eu quase gritei ao responder, a raiva transparecendo em meu semblante. — Morreram todos de forma horrível! Pedro foi crucificado de ponta cabeça, vários foram decapitados, Estevão foi apedrejado, centenas... crucificados... queimados... devorados por leões... torturados! Aqueles de quem Deus se orgulhava. Aqueles a quem foi prometida "tão grande salvação", os escolhidos a quem "nada poderia causar dano". Cujas casas estariam "livres de pragas". A quem se diz, conforme o salmo 91: "Mil cairão ao teu lado, dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido...". Mas simplesmente foram entregues nas mãos do inimigo.

Houve um momento de silêncio. Concluí:

— Bela fidelidade!... Esta aí eu dispenso! Se você crê na Bíblia, crê que ela é cem por cento Verdade, como explica isto? Ela está negando a Si mesma! Você vai ver em sua própria vida no que esta fidelidade vai dar...

Penso hoje que alguém mais compromissado com Deus teria uma boa resposta para me dar. Eu não era ainda um "expert" em argumentação. Podia ser convincente com alguém menos informado. Mas pelo visto ele estava meio fraquinho em conhecimento de contextos bíblicos.

— Bem... eu nunca tinha pensado nisso que você disse... — Resmungou ele meio atordoado.

Fui implacável:

— Nunca tinha pensado? Mas então você acredita em algo que nem entende? Não sabe dar boas razões para justificar a sua fé? As pessoas falam e você simplesmente acredita? Quem te garante que a Bíblia não foi manipulada pelos homens e não passa de uma fajutice?

Foi um vexame total. Ele foi levantando da mesa, resmungando baixo: —Bom...

— Pode ser que a Bíblia tenha sido adulterada! — Continuei. — A Igreja Católica, com todo o seu poderio, mexeu em tanta coisa

e mudou tanta coisa. E as pessoas que se dizem donas-da-verdade e que acreditam na Bíblia como sendo um Absoluto cometeram atrocidades. E tudo em nome de um Deus de Amor. E cometeram atrocidades devido às diferentes interpretações do mesmo assunto, do mesmo texto, não?! Porque se Deus é um só, e não muda, você há de concordar que a Verdade deveria ser uma só! Como você explica toda esta divergência de interpretações? E — mais ainda — a infinidade de seitas derivadas da Bíblia? Todas crendo terem a interpretação certa! Jesus veio e disse "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida". Se Ele é o único Caminho, a Verdade também deveria ser uma só. Como então existe este monte de lixo Cristão, um querendo ser mais do que o outro, brigando entre si, discutindo? Cadê o Absoluto? Tudo é relativo! A bondade de Deus é relativa, a Verdade de Deus é relativa... o pecado é relativo! Tudo vai da interpretação!

Ele passou a mão sobre os cabelos e procurou interromper a discussão:

— Bom, talvez fosse mais interessante você marcar um horário com o Pastor Sines. Ele poderá esclarecer todas as suas dúvidas. Ele está acima de mim, conhece bastante.

Nem sei que fim deu na Tamara depois disso. Eu só tinha olhos para o Pastorzinho baratinado.

Camila cochichou-me depois, meio que me recriminando:

— Mas, pôxa vida! Você não consegue mesmo fechar esta matraca?

Eu não respondi, mas pensei comigo: "Eles não têm como refutar isto!" E o episódio terminou assim, com todo mundo "deixando passar". Nunca havia uma contestação mais direta. Nunca houve. Aliás era assim em todos os aspectos, não só no âmbito espiritual. O problema maior deles é que não havia realmente como me criticar. Ninguém tinha moral para me falar nada. Ninguém tinha essa autoridade.

O pai dela às vezes me perguntava sutilmente pelo casamento.

— E aí? Vocês vão ou não vão casar?

— Casar? Com dezoito anos?!

— Tudo bem, é meio cedo mesmo, mas também não vejo vocês fazendo planos para o futuro! Mais de dois anos namorando, a Camila já está com vinte...

— E daí? Casar pra quê? Eu caso quando tiver condições, não vou ficar assim que nem você!

Ele tinha que ficar quieto. Seu Augusto sabia muito bem que vivia de favor, estava sempre endividado e não supria as necessidades da família. Uma vez a mãe de Camila teve que mandar arrancar um dente porque não tinha dinheiro para o tratamento. E eu, embora não casado com Camila, era capaz de suprir todas as necessidades dela, em todos os sentidos.

— Vou casar quando puder sustentar a minha casa e minha família numa boa, não vou ficar morando de favor por aí, dependendo dos outros. Isso é bíblico, não é mesmo? "*Deixará* o homem a seu pai e sua mãe..." e blá, blá, blá, não é assim?!! Né?

E por aí afora.

Sempre que procuravam me dar uma lição de moral eu acabava revidando insolentemente com as armas que eles próprios queriam usar contra mim. Não adiantava vir com "ar caxias" recitando versículos que nem eles cumpriam. Tinham mais é que calar a boca e deixar-me em paz! Antigamente eu escutava, por educação. Mas agora até a educação nesse sentido eu havia deixado de lado.

— Vai ser muito fácil desviar a Camila. Ela não tem compromisso nenhum, a base bíblica dela é super frágil. — Normalmente eu derrubava suas argumentações bíblicas com duas ou três rebatidas, nas coisas mais elementares. Ela não tinha firmeza da sua crença e eu, pelo meu lado, estava absolutamente convicto de estar no caminho certo.

A doutrina da Irmandade era muito superior à do Cristianismo.

— Gostaria que Camila pudesse encontrar o mesmo que eu encontrei. Não deixa de ser uma maneira de retribuir o que ela já fez por mim e que, eu sabia, tinha sido de coração. Coitada... o que

vai ser dela? — E acabava me condoendo. — Tão dependente de mim, tão limitada... e ainda por cima... *Cristã!* Acredita nesse besteirol que falam nas Igrejas!

E tudo que ela me dizia sobre a Igreja eu contestava.

— Mas você é cabeça-dura, Eduardo! Você não entende!!! — Ela brigava comigo. — Está escrito!

— E daí que está escrito? *Prova* que é assim. Me convença de uma maneira um pouco mais inteligente do que dizer "está escrito"!

Cá comigo eu achava que não seria difícil influenciá-la. Camila não tinha vida de oração, não lia a Bíblia e ia uma vez por semana à Igreja *se tivesse carona.* Não queria mais saber de ir de ônibus.

— Eu vou convencê-la! E vou trazê-la para a Irmandade! Eu só gostaria que ela fosse bem cuidada. — Refletia. — Na Igreja as pessoas não são cuidadas. Na Irmandade, sim, somos família de fato, sem este cheiro de hipocrisia...

Eu era muito ingênuo para ter idéias tão loucas a respeito de Camila na Irmandade! Ela nunca seria aceita pelo Satanismo. Jamais entraria lá. Camila era fraca. Dependente. Sem iniciativa. Sem garra. Nunca saberia pensar daquela maneira.

E a Irmandade era a cúpula... o resultado de uma seleção natural... o lugar dos fortes. E ser forte significava muita coisa. Uma delas era poder sobrepujar — sem olhar para trás — a maior parte dos valores impostos pela Sociedade.

***

Capítulo 9

Nesta época eu continuava treinando Kung Fu, só que agora

vinha ganhando bem na ADINK. Tinha um salário invejável. E fazendo o que eu gostava!

Tinha o meu grau de Professor em *Wing Chun*. E logo depois disso passei a ser também instrutor na W. Wei, ensinando *Ton Long* como era do meu interesse. Eu me aperfeiçoava com rapidez no novo estilo. Estava no final do quarto estágio e tinha sido aprovado com notas "dez" nos estágios anteriores. Por indicação dos meus superiores, e após minha aprovação como instrutor, passei a ter aulas somente com o principal Mestre da Academia, o Liu. Era também ele quem coordenava os exames. Treinando sob a sua supervisão eu iria progredir ainda mais rápido. Só os melhores tinham aulas com ele.

Os chineses são muito criteriosos em suas avaliações. Para arrancar deles um "dez"... não é fácil! Do Mestre Liu em especial. Ele até dava notas altas se houvesse merecimento: 9.6; 9.7; até mesmo um 9.8 eu vi acontecer. Mas eu fui o único na Academia a conquistar todas as notas "10.0" nos meus exames, inclusive em técnicas específicas.

Isso sem dúvida foi a principal porta de acesso ao seleto e reduzidíssimo grupo de alunos de Mestre Liu. Os treinos aconteciam no Bairro da Liberdade. Isto me estimulava muito, a maior parte dos alunos era mais adiantada do que eu. Isso significava novos referenciais e metas a serem atingidas. Como sempre eu queria mais, mais, mais! Ser o segundo nunca seria o suficiente. Nem que eu me matasse de treinar, mas enquanto não superasse — ou, pelo menos me equiparasse — aos melhores, não seria o suficiente. Nisto eu era ambicioso, reconheço. E me enfiei de cabeça no novo desafio. Eu adorava o *Ton Long!*

***

Começou aos poucos e, de início, não o notei. Mas após a Iniciação paulatinamente algumas coisas começaram a ficar diferentes. Reparei que meu vigor tinha aumentado. Em todos os sentidos. Não sei se coincidência ou não, mas eu me contentava com poucas horas de sono e mesmo assim estava sempre bem disposto. Não sabia mais o que era ficar doente, nem resfriado eu

tinha mais. E quanto ao exercício físico, parece que realmente a minha resistência aumentou muito, eu não me cansava nem diante dos mais extenuantes treinos. Foi uma mudança muito bem vinda.

Eu já tinha uma habilidade nata para o esporte, mas agora eu vivenciava na prática que esta capacidade podia de fato ser potencializada. Como haviam me ensinado na Irmandade.

Os treinos específicos com o Mestre Liu eram muito diferentes dos dados na Academia para todos os alunos. Durava três horas e o enfoque era principalmente na parte técnica, basicamente nas lutas e no manejo de armas.

Aprendi muito ali, debaixo de uma disciplina muitíssimo rigorosa, "marcial" mesmo. Meu desenvolvimento deu um salto gigantesco nessa época. Logo comecei o meu quinto estágio. Mas isso aconteceu somente cerca de cinco ou seis meses depois que fui iniciado na Irmandade.

***

O primeiro fato em relação ao Kung Fu que me marcou muito após a minha Iniciação foi mais ou menos nesse período de minha vida. Eu sempre tivera um pouco de dificuldade no domínio das técnicas de "*Chikow*". Era uma cobrança meio minha, não me sentia plenamente satisfeito com o meu desempenho. Na verdade, eu não tinha me interessado muito pela técnica logo de cara. Meu primeiro Mestre tinha "ocidentalizado" demais a arte e acabou dando muito pouca ênfase ao "*Chikow*". E a primeira impressão é a que fica. O contato só começou a ser realmente profundo depois do terceiro estágio do *Ton Long*.

Os estilos internos e externos do Kung Fu, mais de 360, tiveram sua essência produzida numa raiz indiana. O Kung Fu não nasceu na China, surgiu antes na índia de uma técnica de autodefesa chamada Vadjaramushi. Um monge indiano, Bodhidarma, refugiou-se no Templo chinês Shaolin após períodos de muita perseguição na Índia. Ali ensinou as técnicas do Vadjaramushi que, somadas aos exercícios medicinais praticados pelos monges de Shaolin, deram origem às formas mais primitivas do Kung Fu e também à linha Zen-Budista.

Mas o que vem a ser o *"Chikow"?*

O doutrina Kung Fu leva em consideração a existência de três formas de energia. A energia "li", que é definida como sendo a nossa força física, *a força muscular* propriamente dita, e que gera a capacidade de realizar qualquer trabalho. A energia *"wei" é* aquela que nós, aqui no Ocidente, entendemos como aura. É basicamente o resultado dos processos bioquímicos e biofísicos do organismo.

E a energia *"chi"*. Esta última é a chamada "energia adormecida" e acredita-se que ela esteja concentrada no plexo solar, quatro dedos abaixo do umbigo. O seu símbolo é o de uma serpente enrolada, que também é muito difundido na Yoga e no Tantra Yoga.

A serpente é uma figura muito respeitada na China, e representa Poder. Aliás, o *Hu Lai Shien*, ou estilo do "Punho da Serpente Sagrada", é um dos mais temidos na China. A "serpente adormecida", ou *"chi", é* a forma mais poderosa de energia do ser humano.

Compreendido isto teoricamente é necessário aprender a liberá-la. Caso contrário ela ficará sempre fora de uso. Realmente como uma serpente enrolada, adormecida, inerte. Para isso são as técnicas de *"Chikow"*. *"Chi"* quer dizer energia; *"kow" é* movimento. Literalmente falando, *"Chikow" é* "energia em movimento". Essas técnicas possibilitam fazer circular e, por fim, canalizar a energia *"chi"*.

Para que o *"chi"* circule é necessário que os chakras estejam desimpedidos. O que eu aprendi no Kung Fu acerca deles, mesmo antes de conhecer Marlon, foi muito semelhante ao que mais tarde aprenderia na Escola. Mas até então eu não tinha visto com muito interesse os resultados imediatos da técnica, como quebrar tábuas e tijolos.

"Para quê isso?!", eu me indagava, mais interessado nas armas e na arte em si do que naquela demonstração de força bruta.

Mas agora entendia melhor os conceitos relacionados aos chakras, ou melhor, aos *Portais.* E passei a ter uma expectativa totalmente diferente. A Irmandade me abrira a visão. E o que antes

era pura demonstração de brutalidade ganhou um novo colorido.

Resolvi me dedicar bem mais seriamente ao *"Chikow"*.

Em primeiro lugar, antes de pensar em fazer circular o *"chi"* com intuito de canalizá-lo os chakras têm que estar liberados. Para que isso aconteça é preciso seguir corretamente algumas normas disciplinares. A primeira delas é a dieta. Os orientais acreditam que uma dieta composta basicamente de vegetais, ervas, folhas e raízes é indispensável. A carne — especialmente a vermelha — obstrui os chakras e impede a plena circulação de energia. Nos Templos orientais antigos, como o Templo Shaolin, e também nos templos zen-budistas, a alimentação continha muito arroz e vegetais, mas quase nunca carne.

Dessa forma a dieta era condição indispensável caso quiséssemos realmente nos aprimorar na técnica de *"Chikow"*. A explicação até que tem muita lógica. Se nos alimentamos com carne o processo digestivo é moroso e pode levar até quase doze horas. Pelo menos é o que diz a Medicina Tradicional Chinesa. Se não ingerirmos carne o tempo de digestão diminui tremendamente. Cai, por exemplo, para duas ou três horas. O gasto energético é, portanto, muito menor. Se o indivíduo se alimenta de forma errada três vezes por dia ele passa vinte e quatro horas sobrecarregando o organismo e desperdiçando energia. Ao longo do tempo o gasto desnecessário de energia e o acúmulo de energia negativa causa um desgaste do organismo como um todo levando à fadiga, envelhecimento precoce e doenças.

O segundo item para aprimorar o *"Chikow"* tem a ver com a parte sexual. Experiências sexuais individuais não são permitidas. Estas levam à perda inútil de grande quantidade de energia. A relação só é permitida se for "homem-mulher" porque então está havendo *troca* de energia, e não desperdício. O que se perde é recebido através do parceiro. Portanto não há gasto inútil.

Igualmente, se o homem quiser acumular energia pode simplesmente evitar a consumação do ato. É um conceito fácil de entender: toda a energia produzida para ser utilizada no clímax da relação sexual ficaria "retida", "acumulada", "guardada". Funciona mais ou menos como se fosse rodado um dínamo ou carregada uma

bateria com alta força. Quando liberada, esta energia sai como uma explosão. Esta forma de "carregar" o organismo com energia através do estímulo sexual não consumado é muito utilizada no Tantra Yoga, principalmente.

Estas eram as principais recomendações: o acúmulo de energia, a redução dos gastos, e a dieta capaz de favorecer o trânsito energético através dos chakras.

Entenda-se que nada disso realmente "abre" os chakras, apenas propicia as condições mais favoráveis possíveis. O que realmente "abre" o chakra é a técnica específica orientada e realizada por meio do *"Chikow"*. Basicamente envolve três aspectos: a respiração, a concentração e a meditação.

A respiração é somente abdominal. Aprende-se a controlá-la desta forma com exercícios. Deitados de costas no solo, com uma vareta de bambu apoiada na região abdominal, procura-se mover apenas a vareta, e não os pulmões.

Para sentir o fluxo de energia leva bastante tempo. Não é nada que se consiga na primeira ou na segunda vez, ou em poucas aulas. A técnica básica se faz através dos exercícios de meditação e concentração. São vários os estágios a serem percorridos. Aos poucos aprendemos a imaginar e sentir o fluxo de energia por todo o corpo. As posturas usadas são diversas, mas basicamente a posição do cavalo fechado (kinhomah — em chinês) e a postura da árvore, muito utilizada também no Tai-chi-chuan.

Imagina-se uma fonte de água pura, cristalina, jorrando a partir do plexo solar e que irá percorrer todos os pontos chakras do corpo. Esta água, sempre jorrando, sobe pelo centro do corpo atravessando o coração, chega ao pescoço e começa a entrar pelo braço direito, flui e sai pela palma da mão, que está voltada para cima. É "jogada" e entra pela palma da mão esquerda. Continua o seu caminho: sobe pelo braço, pelo pescoço, volta para o outro braço, sai de novo, entra pelo meio das sobrancelhas, sobe pela fronte, desce pela nuca. Sempre fluindo, em movimentos, rodando, circulando.

A grosso modo é assim que funciona. As sensações experimentadas são as mais diferentes: começa com um

formigamento principalmente nas mãos, logo nos primeiros estágios. Depois a temperatura do corpo sofre variações. Ora, sente-se frio; outras vezes, muito calor, a ponto de suar e ficar todo enrubescido. Estes "sintomas" eram uma prova bastante palpável de que aquilo tudo não era uma mera alucinação. O Mestre não sugeria as sensações. Elas apenas aconteciam de forma semelhante com todos.

É óbvio que o *"Chikow"* só começa a ser ensinado a partir de um certo nível dentro da caminhada no Kung Fu. O conceito oriental da coisa é que, em primeiro lugar, temos que moldar o *"li"*, ou seja, a força física, o exterior. Apenas bem mais tarde é possível iniciar a moldagem do *"chi"*.

Não deixava de ser um "arremedo" da mesma doutrina que iria aprender no Satanismo: o desenvolvimento do *"Chikow"* e o pleno domínio do *"chi"* leva a atingir o ápice de nosso potencial. Desenvolve a habilidade até o patamar máximo da capacidade humana. Logicamente o bom desempenho abrange uma série de "desbloqueios sociais", por assim dizer. É preciso reformular conceitos tais como "medo", "isto ou aquilo machuca", "não é possível", e assim por diante.

Da mesma forma que aprenderia na Irmandade a despir-me de velhas doutrinas para introjetar outras, no Kung Fu este ensinamento corria paralelo e apregoava a mesma coisa. Eu conhecia, sim, *conhecia muito bem* o ditado chinês que Zórdico utilizara numa das suas primeiras aulas: "Se queres provar meu chá tens antes que esvaziar tua xícara".

Não deixava de ser também um ensinamento que colocava o homem em posição introspectiva e centralizado nele mesmo: "Eu posso, eu faço". De fato. O homem faz. Pois ele é energia e pode dominar a energia que existe nele. Pelo menos, assim eu aprendi. Naturalmente que no Kung Fu ninguém falou em Entidades de dimensões paralelas para aumentar ainda mais a minha capacidade. Isto eu tinha o privilégio de conhecer porque o Oculto me fora mais descortinado do que a eles, meus Mestres de Artes Marciais.

Observar que os conceitos orientais ensinados tinham a ver — ainda que de forma um pouco mais rudimentar — com o que

aprendi na Irmandade, só me fizeram confirmar ainda mais aquilo como absoluta verdade. E me entregar de corpo e alma.

***

Nos finais de semana às vezes eu treinava um pouco de *"Chikow"* num terreno baldio perto de casa. Era perfeito em todos os aspectos, um lugar isolado, amplo, sem olhares curiosos para atrapalhar. E o melhor: havia material excelente e totalmente disponível. Sempre grande quantidade de madeira boa e forte, ideal para ser usada. Nem sempre era muito fácil conseguir coisas assim para quebrar. Pelo simples fato de que "coisas boas" são para guardar e não para quebrar.

Era um domingo de manhã. Eu estava ali perto com dois amigos, vizinhos da própria rua. Conversando sobre nada em especial acabamos por passar defronte ao muro que separava o terreno da calçada. E eu comentei só por comentar:

— Às vezes eu treino aí dentro. — Falei.

— Sério, é? Mas por onde você passa para entrar aí? — Perguntou o Hamilton.

— Dá pra pular o muro ali por trás, na esquina.

— Legal! Vamos dar uma olhadinha? — Falou o Régis já querendo dar a volta pelo outro lado.

— Vamos! Vamos entrar lá! — Concordou Hamilton.

Pulamos fácil o muro. O terreno tinha chão de terra batida e plana, alguns tufos de mato aqui e ali, uma pilha de pedregulhos e duas de areia. Uns sacos de lixo estavam amontoados num canto. Um gatinho amarelo com manchas cinzentas que estava estirado no solzinho cálido azulou.

— Quanta coisa tem aqui, heim?! — Fez o Hamilton olhando para os meus preciosos pedaços de madeira.

Xeretamos um pouquinho por lá, até que o Régis falou: — E você treina direto aqui?

— Direto, não, que não tenho muito tempo sobrando. Mas às

vezes dá pra vir pra cá, sim! Venho só pra quebrar umas tábuas, sabe? Aqui tem bastante!

— Ah, qualé? Deixa disso! Não vem com onda de dizer que você quebra essas tábuas! — Caçoou numa boa o Hamilton.

— Quebro, lógico que quebro. Através do *"Chikow"!* O Régis já foi mais prático:

— Quebra, é? Pois então... vamos ver isso!

Correu e escolheu uma tábua que estava apoiada contra a parede. Era até modesta. O Hamilton se animou também:

— Antes do Edu quebrar de verdade... — Olhou irônico pra mim. — ...deixa eu tentar!

O Régis apoiou melhor a tábua inclinando-a um pouco e com a outra ponta bem fixada no chão. E o Hamilton afastou-se, tomou impulso, veio correndo e "zás"! Pulou com força sobre ela aplicando uma bela patada bem no centro. A pobre coitada não agüentou e "crack"! Rachou!

— Uau, que ninja que eu sou! Também consigo quebrar as tábuas do Edu! E nem preciso desse seu *"Chi-ca-bom"* aí!

Eu nem esquentei:

— Uma tabuinha de nada que nem esta, Hamilton! Até criança quebra isso daí.

— Então, tá! Régis, vamos achar uma melhor!

Os dois separaram outra, de maior espessura, e a acomodaram como a primeira.

— Lá vai... ninja!!! — O Hamilton fez toda a cena de novo e com um uivo selvagem (daqueles que vemos nos filmes), avançou com ímpeto.

— Ai, ai, ai! — Ele chacoalhava o pé no ar, rindo ao mesmo tempo. — Essa doeu!

A tábua continuou intacta. O Régis resolveu tentar também. Mas ele não levava lá muito jeito para a coisa, não tinha agilidade e nem sabia usar a musculatura.

— Não é questão de força. — Expliquei. — É mais jeito do que força, você tem que potencializar o movimento, entende? Joga o quadril assim...e chuta! — Mostrei de leve como deveria ser o movimento.

— Larga mão de conversa e quebra você logo isso aí! — Incentivou o Hamilton.

Aceitei o desafio com calma. Levei tudo na brincadeira, nem me concentrei muito com eles rindo e se cutucando, falando graças o tempo inteiro do meu lado. Mas eu não precisava de *"Chikow"* para quebrar aquela tábua. Era como eu tinha dito, só questão de jeito, de usar a técnica certa. Nada que minha energia "li" não pudesse dar conta.

Foi fácil. "Crash"!! A tábua rachou no meio ficando as duas metades presas por algumas farpas.

— Pôxa! Que legal! Tremendo! Como é que você faz? — Eles vibravam.

— É questão de fazer o movimento certo. — Respondi de novo, sem maiores explicações.

Mas o Hamilton estava na febre.

— Vamos lá! De novo!

Arrumou nova tábua, parecida com a primeira. Tentou fazer como eu explicara, mas ficou com o pé dolorido outra vez.

— Ai, isso dói, caramba! — Ele ainda não estava muito convencido. Seu olhar revelava a intenção de testar-me um pouco mais.

Ele vasculhou e vasculhou, sem dar-se por achado. Finalmente descobriu uma viga de madeira maciça. Era robusta, troncuda, de formato quadrado e uns dez centímetros de diâmetro. Parecia um pé de mesa que alguém tinha jogado fora.

— Ah! Olha isso aqui.

Ele a arrastou para posicioná-la no mesmo lugar das tábuas. Limpou uma mão na outra, triunfante, e virou-se para mim.

— Esta aqui eu *duvido* que você quebre! — Desafiou. —

Aquelas ali eram muito fraquinhas pra você. Mas vamos ver essa!

Nesse exato momento, não sei nem de onde me saiu a turma da rua. Alguém espichou a cabeça por cima do muro e gritou:

— Olha lá o Catatau, o Hamilton e o Régis!

E foram entrando. O Raimundo, o Marcelo, o Luís Gustavo e mais um ou dois:

— E aí, galera? Que que está pegando? — Indagavam eles.

— Chega mais! — Convidou o Régis. — O Edu está quebrando umas tábuas aqui pra gente.

— Quebrar tábua?! Quem está quebrando tábua?! — O Edu!

— Tudo bem, depois a gente aproveita a madeira quebrada, fazemos um fogo e rumamos uma carreira. Vá!

— Bebemos um vinho também! A turma ria e falava alto. Todos me conheciam. E respeitavam. Resquícios da velha "29". Ficaram para ver a "quebra das tábuas". Ninguém nem tentou quebrar antes de mim, tal era a certeza de que nada poderiam com aquela pequena viga.

Desta vez tive que fazer a técnica nos conformes. Senão — eu sabia — não conseguiria também. Então me esqueci deles. Assumi a postura correta, controlei a respiração, senti o fluir do *"chi"* pelos chakras, dobrei as pernas para retesar aquela energia crescente como uma mangueira dobrada represa o fluxo à montante. Levei um certo tempo naquilo.

Fazia parte do processo visualizar a coisa concretizada. Abri os olhos, olhei para a viga inclinada e formei aquela imagem mental rapidamente, imaginei-a partida. Vislumbrei o alvo como sendo algo *atrás* dela para que o chute tivesse mais penetração ainda. Estava pronto. Tomei impulso e chutei baixo, como quem quer quebrar uma patela. Liberei o ar dos pulmões ruidosamente, como estava acostumado:

— Hei!!!

E CRASH! Sinceramente nem eu acreditei que tinha conseguido.

Quebrada. Houve um murmurar de assombro que percorreu a turma.

— Que legal, meu irmão!!!

Mas o Hamilton estava chato mesmo, não queria dar o braço a torcer:

— Não é possível! Essa madeira devia estar podre! Só estando podre pra acontecer isso!

E procurando, encontrou mais duas vigas iguais. Deviam ser da mesma mesa. Só que aí eu também impus a condição:

— Vocês que tentem primeiro! Vocês não estão dizendo que a madeira está podre?! Pois então... quebrem!

Nos minutos seguintes a rapaziada se alternou, em fila indiana, esforçando-se na tarefa proposta. Mandaram ver o pé na viga que, heroicamente, resistiu a todos sem sequer lascar. Voava de um lado para o outro e nada. A turma é que saía pulando num pé só.

— Acho que a madeira não está podre, não! — Comentavam entre si, com risos.

— Vai ver que só a outra que estava ruim! — Disse o Hamilton, zombeteiro. E para mim: — Dessa *vez... duvido* mesmo, Edu!

Olhei para ele e cometi um erro. Por uma fração de segundo a dúvida veio, num flash, enquanto me posicionava.

“Será que vou conseguir... de novo?!”

Aquela ponta de dúvida iria me prejudicar, eu sabia. Como diz o ditado chinês: “Quem teme perder já está vencido”. Então, quase instintivamente, fiz o gesto. Depois de erguer os braços acima e atrás da cabeça e deslizá-los vagarosamente para frente e para baixo, deveria juntar as mãos em posição “zen” (como quem reza). Só que ao invés disso eu as ajuntei numa outra posição, semelhante, mas que queria dizer coisas totalmente diferentes.

Movimentei-as lentamente de uma forma muito específica. Murmurei quase inaudivelmente as palavras de encantamento

necessárias para sinalizar a Abraxas que eu precisava da ajuda dele. Foi a primeira vez que experimentei o que somente tinha conhecido na teoria.

Eu havia aprendido a manipular minha força. Tanto é que quebrei de fato a primeira viga. Mas agora, eu estava prestes a ver se realmente era possível o que me disseram: que o meu potencial poderia ser aumentado além do limite máximo...! Pois bem: que fosse acrescentado “Poder à minha força”.

Por meio daquela sinalização eu dava a Abraxas a permissão de utilizar-se do Portal aberto no Ritual de Iniciação e semi-canalizasse sua força através de mim. Pensei no que me haviam dito, e falei de mim para mim: “Eu tudo posso... naquele que *vai* me fortalecer!”

E baixinho:

— Não deixe que o teu protegido seja envergonhado.

Fechei os olhos. De repente, em segundos, comecei a sentir uma força diferente tomando conta de mim. Minha perna esquerda — aquela que eu usava para chutar — parecia que estava se tornando como uma barra de aço. Quase que eu podia perceber a musculatura saltar e crescer, tornar-se rígida. Tinha a impressão de que se eu chutasse o muro podia abrir nele um buraco.

A respiração involuntariamente ficou forte, carregada, pesada. As batidas cardíacas estavam mais intensas e surdas, quase audíveis. E ao redor dos olhos vieram ondas sucessivas de calor como se estivesse afluindo muito sangue para aquela região.

Pela primeira vez o silêncio era total. Ninguém dava um pio.

Olhei para a viga. Parecia irracional. Por uns instantes, senti raiva... ódio! Ódio daquela tábua. Minha mente já não via um pedaço de madeira apenas, parecia... parecia que era uma *cruz!* E eu queria quebrar, *destroçar* aquilo!!! Nem sei porque pensei daquele jeito. Tudo foi tão rápido...

Voei na direção da viga completamente esquecido de tudo o mais e apliquei tal coice que meu pé a atravessou e bateu na parede! E nem senti nada. Estava alucinado.

O pessoal deu um urro de assombro, todos juntos.

— Não é possível...! — Gritou o Hamilton de novo, primeiro do que todos. — Quero ver você quebrar a. outra!

Num ápice ele colocou a outra. Eu praticamente o atropelei, nem o deixei sair da frente, escoiceei novamente, com um grito seco. O ódio ainda me dominava, aquela idéia insana de 'quebrar a cruz" martelando dentro da cabeça.

— HEI!!!

Quebrei de novo.

A turma me cercou, desta vez realmente convencidos. Todos queriam falar comigo, me davam tapinhas nas costas.

— Caramba, Eduú!

Mas eu estava com raiva deles também, com ódio. Minha vontade era chutar todo mundo. Não sei por quê. Mas eu queria mesmo era dar um *bico* em cada um! Procurei me controlar, procurei pensar, era uma raiva totalmente desprovida de lógica. Eles eram meus amigos, tudo aquilo não passava de brincadeira. Normalmente eu tinha tanto senso de humor.....

"Por que que eu vou chutar eles?!?", raciocinei ainda com incoerência procurando me manter afastado. Vai que de repente eu socava alguém!

— Espera aí! — Fiz um gesto para afastá-los.

— Gente, ele machucou o pé! — Falou um deles.

Não tinha machucado nada mas aproveitei a deixa para poder me abaixar, desviar um pouco o rosto. Fui sentindo aquela estranha sensação abandonar-me devagar, a respiração voltando ao normal, o coração cedendo ao ritmo de antes, a musculatura relaxando.

Eu não sabia bem como agir, o que fazer para dizer a Abraxas que fosse embora. Eu sabia que *tinha sido ele!* Tinha usado o meu corpo, sei lá! Canalizado, semi-canalizado, influenciado...!? Nunca tinha experimentado nada parecido antes. Meu corpo ainda estava esquisito, com uma tremedeira por dentro. E a perna esquerda meio bamba, mole, cansada. Aliás, todo o meu hemi-corpo esquerdo

ficou meio adormecido e formigando.

Foi passando aos poucos. Quando me acalmei e pude pensar direito..... tremendo! Tremendo! Simplesmente *tremendo!!!*.

Comecei a perceber que....pôxa vida, era verdade! Ainda não sabia lidar bem, mas.....funcionava!

***

Apesar de episódios como este ainda assim eu poderia dizer que o que mais mudou em mim foi a "disposição interna". Parecia que minha índole tinha ficado diferente! Naturalmente esta constatação só me ocorreu claramente anos mais tarde. Na época, sinceramente falando, não foi nada que realmente me chamasse a atenção. Mas o fato é que mudei sensivelmente.

Eu já vinha de um contexto cheio de violência por causa da passagem pela Gangue. Mas agora *era* diferente! Atos de violência não dependiam mais de que alguma coisa específica acontecesse. Uma palavra, uma ofensa, uma provocação. Não se podia mais dizer que eu "ficava agressivo", uma mudança puramente causai, temporal. A realidade agora é que eu "era agressivo". Um sentimento constante de ira me dominava e já não dependia de fatores externos.

Antes eu ainda conseguia encontrar uma causa: "Meus pais não me dão atenção", por exemplo; ou: "Sou a ovelha negra". Mas agora já não havia causa aparente. Era um estado de espírito. Muito sutil, muito leve, quase indetectável. Mas estava lá.

Comecei a perceber a mudança principalmente nos treinos de Kung Fu porque praticamente não existiam mais brigas de rua.

Nos treinos, embora houvesse combate e às vezes nós lutássemos como que parecendo defender a própria vida, era puramente esportivo. Quero dizer, meu oponente nunca foi um inimigo real, não era necessário machucar ninguém. Sempre fui cuidadoso, ponderava os golpes, respeitava os que eram mais fracos do que eu. Especialmente os meus alunos! Tanto é que muitas vezes, tanto na ADINK como na W. Wei lutávamos mesmo sem os protetores. As regras eram estabelecidas... e pronto! A

maioria sabia respeitar.

Mas alguma coisa mudou. De repente as lutas passaram a ter um outro sabor para mim. E machucar parece que criava por dentro uma sensação muito estranha de prazer e regozijo. Era como se tivesse sido despertado um lado negro dentro de mim.

Certa ocasião eu estava dando aula na W. Wei. E, como era o meu costume, no final do treino eu organizava os alunos para fazerem pequenos simulados de lutas comigo. Nesse dia em especial havia um aluno novo, meio fortinho até, e que era segurança do metrô. Eu o chamei de cara e nem bem o rapaz aproximou-se de mim, pensei no íntimo:

“Esse cara bem que merecia uma coca!”

Comecei a “lutar” com ele, devagar, na manha, explicando aos outros volta e meia o que se encaixava melhor. O rapaz avançava para mim com muito respeito, afinal eu era o instrutor dele.

Mas ele me irritava. Mais do que isso, eu sentia raiva. Queria poder acabar com a raça dele! De graça enfiei um chute bem dado na boca do estômago, de pura maldade. Não causou muito estrago, é verdade, mas foi com força e ele ficou ali caído no chão, se contorcendo na frente de todos, gemendo. Demorou para se recuperar.

E eu fiquei sem saber porque fiz aquilo.

Dei a resposta que passaria a usar como desculpa vezes seguidas:

— Você estava com a guarda aberta. Não tem outro jeito. Assim como ninguém aprende a nadar sem engolir água... ninguém aprende a lutar sem tomar porrada!

Fiz parecer que aquilo era tão somente uma lição “filosófica”. E o deixei levantando sozinho. Os outros alunos ficaram muito quietos, olhando para mim com ar ressabiado. Todos sabiam que eu não era daquele jeito. Afinal eu era alegre e bem humorado, muito amigo da maioria deles. Aquela demonstração gratuita não fazia parte do meu estilo. Devem ter achado que eu estava de lua virada e só.

Mal sabiam eles que cenas assim iriam repetir-se muitas vezes.

Um outro destempero acabou sendo na ADINK. Alguns Professores tinham uma certa rixazinha comigo porque eu havia entrado depois de todos eles e era o que tinha mais alunos. Mas que culpa eu tinha? Meu estilo de aula era diferente, os alunos gostavam muito de mim e do meu jeito criativo de diversificar. E o meu curso de armas continuava de vento em popa.

O único Professor que tinha tantos alunos quanto eu era o Túlio. De quebra, era o melhor da Academia e um dos poucos que não me via com maus olhos. Pelo contrário, éramos bem amigos.

O Túlio era um Professor nato, alguém com dom para a coisa. E ele nem era chinês! Antes um mulato bonitão, forte, cobiçado pelas moçoilas, de traços meio mestiços, com olhos amendoados e cabelo comprido todo trançado. Mas tinha absorvido muito da cultura oriental até mesmo no seu jeito de conversar e de se portar, muito calmo, comedido. E se virava falando um chinês até que bem legal!

Eu apreciava tremendamente o seu Kung Fu e a sua maneira de ensinar. Tínhamos sempre oportunidade de estarmos juntos no treino dos Professores, todos os sábados. Aliás, o treino do sábado era uma espécie de “tira-teima”. Uma exibição em grupo, na verdade. Não havia nenhum Mestre que pudesse dispor de tempo e coordenar o treino uma vez que este fora iniciativa dos próprios Professores, e não uma exigência da ADINK. Então fazíamos como bem queríamos. Ou seja: sempre um tentando provar que era melhor que o outro.

Mas não deixava de ser bom porque lutávamos muito e isso, no fim, acabava resultando em crescimento. E também sempre se aprende muito observando quem é bom. Claro que eu queria aprender com o Túlio. Tinha outros caras bons, sem dúvida, mas ele era exímio na técnica e também praticava outros estilos além do *Wing Chun*.

E o melhor: ele era humilde, acessível, não estava sempre se vangloriando para cima dos demais.

Só que se de um lado o Túlio era o melhor, o mais galinho de briga era o Fred. E esse não era pedante e filhinho-de-papai só no nome. Era o natural dele mesmo. Tudo bem que no Kung Fu era muito bom, ágil, com boa visão de combate. Mas ninguém gostava de enfrentá-lo porque não sabia lutar limpo. Só queria dar pancada. Não era de meias medidas. Então dificilmente ele encontrava parceiros, mesmo no treino dos Professores.

Uma vez eu o vi levar um corretivo bem dado. Não fazia ainda muito tempo que eu era Professor na ADINK e gostava de assistir às aulas do Túlio sempre que fosse possível. Uma tarde eu treinei muito e depois, para descansar, acomodei-me para observar a aula dele sentado a um canto no chão.

De repente o Fred entrou na sala para "participar" da aula. O Túlio nesse horário não dava *Wing Chun,* ensinava *Hu Lai Shien,* um estilo que ele praticava em uma conceituadíssima Academia. Esse tipo de coisa era permitido às vezes, como conhecimento extra para os alunos, e se o Mestre do estilo aprovasse. Era mais ou menos o mesmo tipo de coisa que eu fazia com as armas e os artifícios que aprendera no *Ton Long.*

O Fred ficou quieto e submisso no começo. Mas depois ele foi fazer um exercício de "sombra" com um aluno. Isso consiste em simular o combate mas sem tocar o oponente com os golpes, que devem ser muito leves. E começou a provocação. Não deu um minuto e o Fred encheu a lata do rapaz, enfiou o pé na perna dele que até envergou. O pobre do aluno deixou escapar umas lágrimas dos olhos, quieto.

O Túlio foi muito rápido em tomar atitude. Não falou palavra mas apontou para o Fred com o dedo em riste, e, em seguida, apontou para si próprio como quem diz: " *Você* luta *comigo,* agora". Por aquela tão repentina o Fred não esperava. Não deu nem tempo de entrar em guarda. O Túlio arrumou um chute tão forte e de tanto impacto no peito dele que o "pobre" Fred voou para trás alguns metros, caiu para fora do tatame e rolou de costas contra a parede do vestiário num enorme estrondo.

A parede não passava de uma divisória leve de madeira coberta por uma cortina. Do outro lado, já dentro do vestiário,

havia um pesado armário de ferro para os alunos. O Fred desapareceu no meio da cortina, derrubou a divisória e quase que o armário foi junto. Um vexame incalculável!!! Os alunos ficaram olhando, estupefatos mas intimamente regozijando-se: “Ele mereceu isto!”.

Um bom tempo depois disso, depois da minha Iniciação, certo dia eu treinava esperando a hora de dar minha aula.

Estava tenso, carregado, queria bater, bater, bater, bater. O saco de pancada não era mais meramente um “saco”, um objeto inanimado. Agora eu enxergava ali uma pessoa, um inimigo. Não esmurrava como alguém normal, mas dominado por um ódio cego, e imaginava como seria destroçar aquela pessoa, bater violentamente nos pontos vulneráveis, nos pontos letais, acabar com ela, destruí-la completamente.

Só que nada disso adiantava. O saco de pancada já não dava barato, não aliviava a minha eletricidade. Podia bater, esmurrar, chutar por horas se fosse o caso, mas eu não relaxava.

E naquela tarde eu estava mesmo meio “quente”, carregado de pólvora. Queria uma faísca qualquer! Qualquer coisa que me servisse de desculpa para explodir e descarregar o que eu trazia no íntimo. Eu queria *machucar* alguém! Por quê, não me pergunte, eu não sabia. Só sabia que queria bater em alguém.

É até difícil de explicar. Por fora eu parecia o mesmo de sempre, alegre e extrovertido. Mas eu me sentia com se estivesse com alguma coisa entalada na garganta, como que remoendo uma raiva contida.

Por vezes eu me perguntava porque me sentia assim, afinal eu levava a vida que pedi a Deus... ou melhor... ao diabo! Tudo ia bem, tudo ia realmente muito bem!

Mas enfim... durante a aula aliviei a minha sede de estrago ao confrontar um aluno. Talvez influenciado pela façanha do Túlio eu o machuquei após fazer uma finta na direção do rosto. Quando ele ergueu as mãos para se proteger dei um chute de impacto na base dos arcos costais. No tombo, ele derrubou o armário do vestiário. E terminou com uma trinca na última costela. Pronto! Eu fizera a pro-

eza maior ainda!

E a desculpa padrão... sempre a mesma, com pequenas variações:

— Esta é a única maneira de você perceber aonde está errando. Não vai esquecer nunca mais.

Evidentemente que esta não era a didática.

Certa feita o Fred desafiou-me para uma luta. Foi logo depois desse episódio. Mas ele não sabia lutar “na manha”! E o único capaz de derrubá-lo era o Túlio.

“Caramba.”, pensei. “Este cara está a fim de me encher a lata!”

E recusei.

— Não, obrigado. Não quero lutar.

— Sem essa, cara! Vamos lá! — E me dava chutinhos folgados, me descabelava, fazia trejeitos idiotas.

Aquilo começou a me irritar de verdade. Os outros Professores, que observavam, acabaram entrando na brincadeira.

— Yeaaahhh! — E gozação pra cá, e piadinhas pra lá.

Se o Túlio estivesse presente ele teria colocado ordem na coisa, mas nesse dia ele não estava. Lembrei-me do episódio da viga quebrada há poucos dias, diante dos meus amigos.

“Pois eu vou quebrar esse cara no meio!”

Estava irado pra valer. E respondi:

— OK! Você quer lutar? Então vamos.

Ele era fisicamente mais forte do que eu e, tecnicamente falando, superior. Reconheço. Mas retruquei:

— Só me dá um tempinho!

E tratei de me concentrar. Só que usei do mesmo artifício e, ao invés de cruzar as mãos em posição zen...usei o gesto ritualístico ao mesmo tempo em que murmurava o encantamento. Entrei em mabú (posição do cavalo aberto), fiquei de olhos fechados, só

esperando. As mesmas reações que senti na outra ocasião deveriam acontecer, só que... nada! Não senti *nada!*

Abri os olhos. O Fred olhava para a minha cara, com as mãos na cintura.

— Como é?! Já acabou com essa palhaçada aí?! — Gritou ele.

— Não! — Respondi com maus modos, fuzilando-o e sentindo-me mais irritado ainda. — Espera mais um pouco! — E cá comigo: "Pô!.Será que o Abraxas vai me deixar na mão?!!"

A turma ao redor até parou o treino, encostaram-se nas paredes, acomodaram-se para ver. De repente éramos só nós dois para dar o "show", eu e o Fred.

Num flash recordei das palavras de incentivo de Marlon, os conceitos da Irmandade e das próprias palavras de Abraxas: "Não temas, eu estou com você".

"Não tema..." — De olhos fechados ainda eu raciocinava. "Caramba, ele *está* comigo! Por que então eu não sinto nada?!"

E repeti os gestos e as palavras. Mas parecia tudo muito vazio à minha volta. Continuei sinceramente sentindo-me como que jogado para as traças.

— E essa agora!

Só que com ou sem Abraxas eu ia lutar, o Fred era muito folgado, não importava que fosse melhor do que eu. Eu ia quebrar a cara dele assim mesmo. O máximo que podia acontecer era levar umas porradas.

"Mas aí o pessoal separa, eu só fico com um hematoma e tudo bem! Tô na chuva é pra me molhar mesmo!"

Me posicionei e fiquei esperando. Ele me atacaria primeiro e eu tentaria pegá-lo no primeiro contra-ataque. E ficou aquela cena vai-não-vai, vem-não-vem, uns chutinhos tanto dele quanto meus.

Mas aí, de repente, num abrir e fechar de olhos ele veio que nem uma vaca louca pra cima de mim! Eu fui me defendendo, me defendendo, recuando, recuando...parede! O Fred aproveitou a

chance e veio com um soco seco na altura do estômago, que defendi. Mas acho que abaixei demais o corpo, nem sei, mas parece que ele acertou a minha nuca. O golpe foi forte e localizado. Senti as pernas bambearem e o corpo amolecer instantaneamente.

Tenho certeza que dali eu ia para o chão. Mas não foi assim que aconteceu.

Foi num instante. Senti que ia cair... mas não caí! Abri os olhos... estava de pé..... e aquela sensação tão *diferente* no corpo! Não havia tempo para pensar. O Fred me atacou de novo e eu revidei com muita fúria e muita destreza! Consegui dar um golpe nele que até hoje não saberia dizer como aconteceu! Um contra ataque como aquele, veloz, requereria bastante treino. Mas saiu mesmo como um relâmpago, instintivo e animal.

O Fred terminou caído no chão completamente travado, com o braço virado nas costas, em posição totalmente submissa. Ainda lembro que o pensamento me ocorreu:

“Eu posso parar agora.... ou quebrar o braço dele!”

Mas aí não tive mais consciência de nenhum outro pensamento, raciocínio ou lógica. Foi uma coisa estranha. Não senti. Quando vi, já tinha feito. Chutei a região do cotovelo dele e escutei o som: “closh”! A tensão oferecida pelo braço desapareceu, ele envergou que nem um galho seco e o osso do antebraço veio para fora num jorro de sangue. Parecia que eu tinha quebrado uma madeira. Foi uma sensação muito diferente.

O sangue manchava a camisa e escorria em profusão, o braço estava caído ao longo do corpo com aquela coisa branca espetando para fora: o úmero dele! Foi uma comoção geral.

— Meu Deus, o osso dele está pra fora!!!

O Fred berrava — na realidade, urrava — de dor e desespero. A confusão e a correria começaram:

— Hospital! Hospital! Hospital!

Ajeitaram-no como foi possível. Quando saíram com ele da sala de treino foi mais gritaria de quem estava fora.

Um dos alunos estava de carro. Levado para o Hospital, foi

operado na urgência. Ele ficou muito tempo afastado... e, até onde eu sei, o braço dele nunca mais foi o mesmo.

Na Academia a situação ficou delicadíssima. Um clima estranho, todos me olhavam meio esquisito. Fui obrigado a me justificar. Mas os Mestres entenderam aquilo como acidente, não era a primeira vez que coisas assim graves aconteciam nos treinos. Uma vez eu mesmo vi. Numa demonstração um dos Mestres fraturou a escapula de um aluno ao mostrar um golpe.

E apesar de algumas pessoas ainda questionarem se tinha sido mesmo necessário chutar... no fim ficou por isso mesmo. Fazia parte de um esporte como aquele. Levou um tempo até que o choque geral na Academia passasse. Mas depois as pessoas começaram a me olhar com outros olhos. Eu havia acabado com o mito.

— Pôxa...o Eduardo bateu no Fred!

E me admiravam.

Mas da minha parte, fiquei meio sem entender o que tinha acontecido naquele dia. Não estava esperando aquela reação, imaginava que seria algo mais ou menos como da primeira vez, algo mais ou menos "controlável". Quando vi o rapaz naquele estado, num piscar de olhos... eu sabia que não tinha condições naturais de fazer aquilo. Pelo menos, não *ainda!*

E embora eu fosse tomado por aquela indescritível e estranha sensação de prazer, meu lado "humano" ficou meio chocado. De verdade.

***

Capítulo 10

As reuniões em Grupo dos "Fire's sons" haviam começado na semana seguinte logo após o meu primeiro Rito individual com Abraxas. Para meu assombro também elas aconteciam na residência de Zórdico. Aliás, eu e Thalya *fazíamos parte* do grupo

de Zórdico! Na época da Escola eu não tinha a menor idéia de como era grande aquele lugar e quanto tempo eu passaria lá.

Eu tinha ficado pensando a respeito de como seriam as reuniões. No meu entender seria inconcebível estar separado de Marlon. Lucifér não faria isso, isso é coisa de Deus. Ele, sim, separa as pessoas. Mas meu pai sabia o que era melhor. E realmente não fiquei longe de meu amigo.

Os Rituais de Celebração semanais — aqueles que reuniam toda a Irmandade em São Paulo —, nas sextas e sábados, também aconteciam ali em casa de Zórdico. Foi uma grande surpresa para mim porque eu e Thalya nunca tínhamos visto movimento anormal de carros nos dias das aulas na Escola.

Mas é que a casa, na verdade, não era uma só. As casas de todo o quarteirão tinham sido compradas e unidas por passagens subterrâneas. E estavam englobadas dentro de muros altíssimos que conferiam ao conjunto a dimensão de uma fortaleza. As entradas eram muitas, por ruas diferentes, de forma que nunca cruzamos com o imenso número de membros da Irmandade que vinha para os Rituais.

Mas agora aquele lugar passava a ser muito mais descortinado aos meus olhos. Não havia mais necessidade de ficarmos limitados a uma saleta escondida. Podíamos caminhar por ali à vontade, sem receios. O lugar era muito bonito!

Nosso Grupo de Fire's Sons tinha mais ou menos quinze pessoas. Foi uma surpresa agradável olhar para eles. A maioria já era conhecida, pelo menos de vista. Alguns tinham estado presentes no “Jantar de Formatura”. Outros conhecemos no Ritual de Iniciação. Estavam ali o Ariel e o Górion, dentre outros rostos familiares. E a Rúbia.

Ela me abraçou apertado, sorridente.

— Que bom que você está aqui!

Ainda que Thalya tivesse pegado em minha mão incontinenti e me olhado meio contrariada, nem liguei. Aquela peruana era mesmo um estouro! Rúbia cumprimentou Thalya com o mesmo

carinho e ela própria terminou de nos apresentar a quem não conhecíamos.

Já não nos reuníamos no Porão. Mas nossa sala de reuniões, no primeiro andar, não era bem o que se podia chamar de “sala de reuniões”. Era super informal, ampla, aconchegante, cheia de poltronas com almofadas, lareira. Amplos janelões com cortinas de tecido suave davam vista para o jardim cheio de árvores.

Uma farta mesa exibia tudo o que havia de delicioso. Podíamos ficar bem à vontade, pegar o que quiséssemos à hora que quiséssemos. Eu não perdia tempo, para variar.

Percebi que havia também sofisticados aparatos para projeção de filmes e slides.

Zórdico continuava presidindo as reuniões e nos ensinando a todos. Às vezes era Marlon quem nos dirigia nos estudos, mas mais raramente. Tanto Marlon quanto Zórdico ocupavam posição de “Mestres”. Mas Zórdico estava num patamar um pouco acima.

Os propósitos do grupo eram o aprimoramento. Era absolutamente necessário o conhecimento amplo, completo e profundo da Magia e das suas técnicas básicas. E tudo tem um começo, começamos com o que era genérico e básico. O conhecimento específico viria a seu tempo. O evoluir é conseqüência.

Novamente veio a teoria. E principiamos a aprender sobre a diversidade dos muitos processos ritualísticos. Primeiro os mais simples, a nível individual, que são usados para crescimento e consagração pessoais. (Aprendi que também há Ritos para serem feitos em pequenos conjuntos, normalmente com cinco a nove participantes, e que visam resultados específicos comuns).

Aprendemos de tudo um pouco nesse sentido. Esmiuçamos cada detalhe. Desde os componentes usados em cada tipo de Ritual, o por quê de sua utilização, a simbologia por trás de cada item, a forma de realizar os Ritos e preparar os ingredientes, as palavras de encantamento, e muito mais.

Terminado isso, passamos a estudar a Cerimônia Ritual em si, isto é, o Ritual de Celebração (aquele que reúne toda a

Irmandade). Começamos pelo Cerimonial “normal”, aqueles que são feitos semanalmente. Há outros Ritos que são específicos para determinados períodos do ano, e também as Festas. Estes foram abordados mais tarde.

Com relação à Cerimônia Ritual aprendemos o significado de cada peça, cada etapa, cada postura, cada gesto, cada palavra, cada encantamento, de forma muito incisiva. Estudamos também muito a fundo a respeito do uso das ervas e a confecção das poções.

Era bom compreender tudo aquilo. Sabíamos agora porque se fazia cada coisa. Era uma diferença crucial, mais ou menos como o médico e a enfermeira: esta última executa ordens muitas vezes sem *saber porque* o faz. Mas o médico é o detentor do conhecimento, dos detalhes, da profundidade. E todos nós, como “Médicos da Magia” tratávamos de aprender, absorver todo aquele conhecimento recheado de significados e simbolismos tão profundos!

Passávamos de duas a três horas estudando todas aquelas coisas durante duas noites por semana. E era muito diferente do jeito da Escola. Agora não haveria mais limites. O Oculto vinha sendo mais e mais descortinado. E a Magia tinha que ser entendida a fundo. Era necessário conhecer o âmago, a essência dela, os mínimos detalhes.

É óbvio que o processo era progressivo. Não se dá feijoada a recém-nascidos. E os mais adiantados estavam ali com o propósito de auxiliar os mais jovens, pelo menos naquela etapa inicial.

Foi-nos dada também uma introdução do aramaico e do latim, o necessário para aquele período. A fluência em aramaico só é necessária a nível do sacerdócio.

Eu devorava tudo aquilo como alguém que tivesse que tirar o pai da forca! Queria aprender o máximo e o mais depressa possível.

Estudamos também História da Magia pois faz-se necessário conhecer a origem dos Rituais para compreender como eles se desenvolveram e porque são como são. Mas não ficamos apenas na História. Em se tratando de Magia às vezes usávamos como material didático alguns livros “internos”. Ou seja, nada que se

encontre em livrarias. Aliás, nenhum deles podia sequer sair de lá. O Livro dos Mortos do Antigo Egito (mas não aquele que se encontra por aí), manuscritos antigos dos Druidas, dos Essênios, dos Babilônicos. Antigos Ritos africanos.

Os primórdios da Magia estavam contidos neles.

Passamos também por coisas bem mais contemporâneas associadas aos alquimistas e à Bruxaria da Idade Média.

Depois aprendemos, em pinceladas meio por alto, como foram os primórdios da revelação de Lucifér e como isto desenvolveu-se. Os povos politeístas adoravam "deuses" sem necessariamente compreender a profundidade daquela dimensão espiritual. Mas a "Igreja Satânica" organizada e estruturada, por assim dizer, passou a existir no século XVI. No entanto, já na época dos Druidas no século V, foram lançados alguns princípios rudimentares.

Antes disso a presença de Lucifér não era explícita. Revelações progressivas tiveram que acontecer aos poucos ao longo da História da Humanidade. Evidentemente que as informações não são repassadas de uma vez só, mas ao longo de milênios. Os ensinamentos recebidos das Trevas foram seguindo de geração em geração. Alguns Ritos foram preservados intactos desde os primórdios. Outros foram sofrendo alterações conforme o revelar das orientações do pai.

E hoje — ah! Tempo de glória! — hoje Lucifér explicitou a sua estratégia de forma cabal aos seus filhos. A Irmandade é detentora desta verdade, e trabalha assiduamente em prol dela. Sem dúvida... o Hoje é um tempo de muitos privilégios e regalias que os antigos almejaram, mas não alcançaram!

***

Naquele período eu me dediquei realmente de corpo e alma ao estudo. [n] A Irmandade tinha uma Biblioteca imensa e cheia de livros a que eu gradativamente ia tendo acesso. Cada vez mais eu podia ler volumes de Magia que não encontraria em livraria nenhuma do mundo. Tudo o que eu tinha passado tanto tempo

procurando estava ali, finalmente, cada vez mais ao meu dispor.

Comecei a estudar, sozinho, sobre algumas hierarquias demoníacas, formas e tipos de Ritos, os grandes Bruxos da História e tudo o mais que me interessasse. O Ocultismo que eu encontrava ali era muito diferente daquele divulgado na Sociedade. Era totalmente diferente, cheio de embasamentos. Verdadeiro. Aquela Biblioteca foi de inestimável valor no meu crescimento.

Mas o conhecimento maior certamente que vinha das reuniões do Conselho. Nessas ocasiões eu vivia um pouco da prática de tudo o que aprendia nos livros. Mais tarde vim a saber que a escolha dos membros de cada Grupo “Fire's sons” não era aleatória, mas cuidadosamente selecionada.

Eu convivia muito bem com os participantes do meu Conselho. Apesar de que todos eram pessoas singulares, naturalmente estreita-se relacionamento com alguns. Comecei aos poucos a conhecê-los melhor, saber de suas vidas, suas profissões, alguns dos seus encargos dentro e fora da Irmandade, etc.

E logo mais pessoas se me tornaram próximas além de Rúbia, Ariel, Górion e o próprio Zórdico.

Um deles era um homem de seus 40 anos, claramente árabe, falava um português com certo sotaque e se vestia super esquisito. Seu nome era Aziz; e ele era professor de História numa Faculdade de muito renome. Claro que lá tinha muito campo de trabalho para ele. Foi inclusive autor de vários livros.

Um outro era egípcio. Aliás, seu pseudônimo era esse mesmo: Egípcio. Fora dos limites da Irmandade ele se utilizava da fachada de parapsicólogo. Dava palestras sobre esse assunto por todo o Brasil, e também sobre poderes da mente, radiestesia, hipnose, seres extraterrestres. Tudo nessa linha. Era sempre muito requisitado por escolas e Faculdades. Além disso, Egípcio era um sujeito muito forte no dom da persuasão. Falava muito pouco, ouvia muito. Mas quando falava, convencia quem quer que fosse do que quer que fosse!

Mas o que mais me chamava a atenção nele é que era um indivíduo *frio.* Tanto é que depois ele foi até drenado para fazer

parte de um segmento da Irmandade denominado de “Inquisitores”. Eram estes responsáveis pela vingança em todos os sentidos, quando isso se fizesse necessário. É muito difícil alguém cogitar em sair do Satanismo, nunca soube de ninguém, o caminho era mesmo sem volta. Mas às vezes ouvia-se falar de pessoas tentadas a desistir e voltar atrás. Esse grupo era encarregado de matar tais desertores.

Aliás, esse era um dos assuntos prediletos do Egípcio: ele gostava muito de falar sobre assassinato, sobre formas e mais formas de acabar com a vida alheia. Era inteligentíssimo.

Kzara era uma moça de características indianas, vestia-se como tal, e tinha mesmo nascido na índia. Era muito bela. Tinha a cor das indianas, o corpo cheio e bem torneado, com cabelos muito negros. Os olhos, de uma beleza singular, eram de um tom verde muito profundo. Tinha seus 23 anos e era uma peça estratégica em algo que, na época, não compreendi bem. E não vi qualquer vantagem naquilo. Algo sobre seduzir pessoas e levá-las ao adultério. Só vim a entender mais tarde.

De qualquer maneira o seu encanto não fazia efeito sobre nós, os homens com quem ela convivia. Ainda mais sobre mim, porque nesse caso tinha um fator a mais. Thalya era muito ciumenta! Eu nem podia conversar muito, perguntar coisas sobre a Índia como gostaria. Thalya já chegava me agarrando e fazendo algumas obscenidades. Kzara não se importava, ria muito, qualquer coisa era motivo para ela dar risada.

Havia outros colegas que estavam ali conosco naquele Grupo mas que não vieram a fazer parte do meu círculo de amigos mais próximos. Como por exemplo o simpático rapaz de seus 30 anos, de nome Cerdic, norte-americano de origem e que era, como Aziz, professor de conceituadíssima Universidade. Ou o casal de sotaque boliviano e aparência indígena que estava sempre muito bem vestido. Naion e Surama. Ele era alto e de boa aparência, um empresário bem sucedido. Ela, bem mais nova, estava ligada a um escritório de Advocacia.

Dentre outros.

No meu convívio semanal pude verificar logo de cara que

problemas financeiros não existiam, nem de saúde. Mas existiam problemas outros e estes eram solucionados *sempre* em conjunto. Nos Grupos de Conselho aprendíamos que a ajuda mútua era muito mais do que necessária, era uma questão de *honra*, um dever a ser exercido. E todo o bem recebido de alguém deveria ser retribuído nove vezes.

***

Meu relacionamento com Abraxas cresceu rapidamente. Eu o sentia claramente, já o tinha visto.. o próximo passo era a comunicação verbal propriamente dita. De verdade! Só assim estaríamos de fato integrados para trabalharmos juntos.

A primeira vez que Abraxas falou comigo depois da Iniciação foi numa das reuniões do Grupo. Sempre que terminávamos os estudos havia um momento de confraternização em "família". O clima de seriedade cedia lugar às brincadeiras e ao riso, aos papos informais, ao companheirismo mútuo que só entre aquelas pessoas eu experimentei de forma tão intensa.

Parece estranho dizer isto hoje... mas havia amor entre nós. Pelo menos eu via assim. E dentro do que eu conhecia e experimentara, aquele era um amor verdadeiro.

E foi no meio da brincadeira que Abraxas novamente me pegou de surpresa. Rúbia virou-se para nós, numa roda, e perguntou alto:

— Adivinhem que carta eu tenho na mão! — Os braços eram mantidos nas costas. — Vamos ver quem adivinha?

Naturalmente era um desafio para nós, os novatos. Para eles era muito simples. Eu queria brincar também, de forma que procurei mentalizar do jeito que tinha aprendido na Escola. Só que... que injúria! Antes funcionava, a resposta aparecia na minha mente e eu sempre acertava. Mas agora... neca! Não estava mais funcionando.

— Que coisa! — Virei-me para Thalya. — Dava certo quando a gente fazia juntos a telepatia, e agora nada de nada! Puxa! Você também não está conseguindo adivinhar?!

Marlon respondeu antes dela, observando-me:

— Agora é diferente, filho! Aquela era uma maneira grosseira e rudimentar de adivinhação. Servia apenas para demonstrar que o Poder existe e pode ser desperto. Mas agora você não precisa mais disso. Deve pedir àquele que dá "Poder à sua força".

Sem dar resposta, simplesmente obedeci. Pronunciei rápida e audivelmente as palavras de encantamento necessárias para chamar o meu Guia. E imaginei que talvez ele colocasse uma imagem na minha mente e eu pudesse saber qual era a carta. Mas foi aí que escutei — *claramente!* — no meu ouvido esquerdo:

— Ás de espadas!

Até assustei. Não era como um cochicho, nem um "eco mental". Era uma *voz* mesmo, que falava bem dentro do meu ouvido. Clara. Alta. Perfeita. Sem a menor sombra de dúvida!

— Ás de espada! — Repeti imediatamente.

— Acertou! — Rúbia rodopiou nos calcanhares e mostrou a carta a todos. — Palminhas para Rillian!

Este era meu pseudônimo. Eu tinha tido que escolher um, Thalya também. Desde a Iniciação que já não éramos sequer mencionados como "Eduardo e Thalya". Ela manteve um apelido que usava às vezes: Tassa.

Rúbia foi trocando e trocando as cartas e eu... ouvindo e ouvindo! UAU! Que coisa!!!!

Depois desse episódio passei a brincar muito com aquilo, parecia uma criança com o novo passatempo. Levava o baralho aonde quer que fosse e vivia mostrando a "mágica" aos meus amigos. Eles ficavam fascinados. E eu mais do que eles.

Abraxas passou a falar comigo constantemente, mesmo sem que eu o chamasse. Era uma troca. Às vezes era ele quem tinha a necessidade de me falar, de incumbir-me de algo, orientar-me de qualquer forma. Sempre no ouvido esquerdo. Pelo visto ele gostava muito daquele lado. O ouvido direito parecia não existir.

Foi mais ou menos nessa altura que voltamos a falar das

Artes Mágicas no Grupo de Estudos. Só que o enfoque foi totalmente diferente. Tínhamos aprendido antes que as Artes Mágicas servem para desbloquear e potencializar capacidades mentais. Mas para nós — filhos do Fogo — realmente perdiam o valor. Um dia questionei com Marlon:

— Você mesmo disse que elas são rudimentares. No entanto... há algo mais por trás delas, certo?

— Rillian, na época da Escola parte do Oculto vinha lhe sendo revelado, mas ainda era tempo de ignorância. Vocês aprenderam um pouco de teoria e muito pouco de prática. Podemos dizer que naquela época você entrou em contato com a "periferia" do Oculto envolvido nelas. Agora temos que ir ao cerne da coisa, por assim dizer. Afinal... o domínio das Artes Mágicas é o início do aprendizado de todo bruxo. Mas é o *início,* apenas. Há muito mais além disso. Aos verdadeiros bruxos em início de aprendizado elas têm certo valor pois permitem acesso à Entidades até o terceiro nível dimensional. Ou seja, demônios de patente muito baixa. Por exemplo...lembra-se da transferência bioplasmática? Vocês não aprenderam quase nada sobre isso. É o que se conhece vulgarmente por Vodú. Mas a transferência bioplasmática, ou bioplasmódica, é uma prática muito rudimentar. A técnica em si é o meio pelo qual se pode *alterar* o biocampo de alguém. Na verdade é um pequeno Feitiço. Através dele você está invocando uma Entidade e faz com que ela se utilize da sua própria energia para interferir com a energia da pessoa que você quer atingir. O enfraquecimento desse campo energético causa predisposição a uma série de alterações, principalmente doenças. O boneco Vodu nada mais é do que uma sinalização. Uma espécie de "endereço" para orientar a aproximação dos demônios. É até ridículo pensar nisso agora. Com o desenvolvimento de Alta Magia a sinalização torna-se totalmente descartável.

— Está vendo? É o que eu digo. Esta é a questão que me incomoda! Por que tanta ênfase em práticas que não são necessárias de fato? Quer dizer, eu não preciso jogar cartas ou ler a mão de alguém para saber tudo sobre ela. Basta perguntar ao Abraxas. Não preciso de perfumes, incensos ou jogos de luzes coloridas para influenciar quem quer que seja. E talvez em breve não seja

necessário fazer um bonequinho de ninguém para atingir essa pessoa. Agora tenho contato direto com meu Guia. Essas técnicas passaram a ser meio da “Idade da Pedra”, não? Por quê, então... gastar tanto tempo com elas? Por que *voltar* a falar nelas?!”

— Você tem razão. As Artes Mágicas são a forma mais “inocente” de Magia que existe. Aliás, nem podemos chamar a isso de *Poder!* Para o mundo leigo até pode ser, mas para nós... está muito aquém disso. Porque agora, como filhos do Fogo temos mais privilégios. Muito mais do que antes. Esse é um fato. Entenda o seguinte: você não precisa realmente das Artes Mágicas... concorda?

Nem precisei pensar:

— Não!

Marlon riu:

— Você mesmo já respondeu sua pergunta. Qual é a dúvida?

— Como assim?!...

— Você já respondeu. Não precisa das Artes Mágicas para seu uso pessoal. Pois não é através delas que o Poder vem. Então, logicamente que o conhecimento e uso delas *não* se destina a você. — Ele olhou para mim com um piscar de olhos. — Não é simples? Para nós — Satanistas — elas não são “fim”! São “meio”. Úteis, sim, mas nunca para nosso próprio benefício e crescimento. No ponto em que nos encontramos hoje, excetuando a Numerologia cabalística, as Artes Mágicas são puras “ferramentas de engano”!

Logo minha curiosidade foi saciada. Marlon pigarreou e tocou a mão em meu ombro, segurando-me firme.

— Eduardo, é tempo de você compreender o seguinte. Muitos são os objetivos quando somos escolhidos por Lucifér. Um deles, naturalmente, é o prazer de gozar a vida em total plenitude. Você tem sido chamado para isso, para deixar de lado regras estúpidas, dogmas, preconceitos, mediocridades, prisões das mais variadas. E abraçar a Liberdade! Tornar-se filho do Fogo é tornar-se um ser livre, completo e pleno. Este é o objetivo do pai, mas não é o único. Fomos chamados com um propósito claro e este segundo objetivo é tão importante quanto o primeiro: você foi chamado não apenas

para ser um *filho* das Trevas, mas um *guerreiro* das Trevas. Você é filho do Fogo...e guerreiro do Fogo! E para ser guerreiro... é preciso treinamento! É preciso saber manejar as armas, é preciso estar capacitado para atender plenamente ao recrutar do general. As Artes Mágicas "puras", as nove raízes, podem ramificar-se em outras infinitas práticas que também vêm a causar influência. Estas também são chamadas de Artes Mágicas. Nessa ramificação aparece de tudo um pouco e a diversidade nas práticas é muito grande. Mas decrescem em Poder.

Aquilo lançava entendimento sobre muita coisa. No começo minha mente não tinha conseguido compreender bem aquilo. Por que esta gama imensa de técnicas, essa "rede" invisível tremendamente abrangente, permeando tudo e todos? É fácil perceber que quanto maior o número de tentáculos que englobam uma Sociedade, mais fácil é obter domínio abrangente sobre ela.

E — isto me surpreendeu - vim a saber que em relação às nove raízes, os pilares, há quase que plena necessidade das Entidades para realizá-las. Isto é, a sua prática requer muito pouco do ser humano. Foi então que comecei a compreender melhor as experiências que tinham sido feitas na Escola. Ao mexermos com as Artes Mágicas puras, mesmo sem saber estávamos já entrando em contato com os demônios. Mas era um contato inconsciente. Muito diferente do que acontecia agora. Comecei a perceber porque Zórdico era tão enfático em dizer que "tudo seria provado". De fato... estava sendo.

— Comecemos do princípio. — Disse Marlon. — É tempo de compreender isto plenamente. Recapitulemos o que você já sabe: as Artes Mágicas têm por objetivo alcançar a plenitude da potencialidade: é o que os indianos chamam de "Prana", os chineses de "Tao", os japoneses "Satori", e por aí vai. Chame do que quiser:

Absoluto, Perfeição, Êxtase, Clímax, Platô! Na Escola você aprendeu um pouquinho mais sobre isso, que parte do potencial adquirido vem através dos Guias. Nas reuniões específicas, ainda na Escola, um pouco mais do Oculto foi revelado: os Guias, as Entidades, são espíritos, demônios valentes que creram na causa de nosso pai, Lucifér. E que habitam em outras dimensões. Assenti

afirmativamente. Marlon continuou:

— E agora, como Iniciado, você sabe um pouco mais ainda: é simples até demais. O contato direto e profundo com os Guias fez com que, para nós, as Artes Mágicas se tornassem dispensáveis como "ferramentas de crescimento" mas, como "ferramentas de engano" são *armas* de que dispomos. Você percebe como é diferente isso que estou te dizendo? Para os "órfãos", aqueles que não têm o mesmo pai que temos, que estão à deriva no mundo, a Arte Mágica tem um fim em si mesma! É a prática pela prática mas, para nós, é mais do que isso. Porque percebemos, sabemos, foi-nos *revelado* o verdadeiro motivo para o qual foram criadas. Engano! Sabendo disso, que dispomos dessas armas para um fim específico... então devemos conhecê-las e usá-las. Porque para nós foram criadas. Não para os "órfãos"!

— Se não foram criadas para os órfãos, como fica isso? Há pessoas que não fazem parte da Irmandade mas que praticam algumas destas Artes apenas por praticar... há até mesmo os que crêem de verdade nisso e fazem desta "arte" um negócio!

— A grande maioria destas pessoas *pensa* que domina alguma coisa, ou que tem um dom especial. Na verdade elas é que são dominadas, porque são fracas e vazias. São apenas instrumentos descartáveis, influenciados por demônios sem sequer o saberem na maioria das vezes, e que contribuem para o nosso próprio propósito. Porém para eles não há nunca privilégios de filhos, porque não são filhos. Arderão no Inferno dos Órfãos. — Respondeu Marlon com seriedade e firmeza. — Para começo de conversa a teoria a que eles têm acesso não aponta para a realidade. Qualquer um pode dominar princípios astrológicos de fundo de quintal, aprendidos em manuais sem fundamento. Mas não terão muito mais do que isso. No entanto o caminho à mente deles está aberto. Quando vocês iniciaram as práticas adivinhatórias no período da Escola muitas respostas "apareciam" na cabeça. Vinham de onde? Dos demônios acessados nas dimensões superiores. A diferença entre vocês e os indivíduos ignorantes é que vocês sabem, *agora,* o que ocorria. Eles... nem isto! — Marlon tornou a repetir enfaticamente: — Tais pessoas são meros instrumentos de Lucifér para ajudar a alcançar os seus objetivos. São peças sem

valor, “órfãos”...que pensam que sabem, mas não sabem nada. Fracos, inexpressivos, totalmente manipuláveis. O conhecimento real e profundo, toda a mecânica da coisa... é dado a poucos. Muito poucos. Nós, por exemplo! Aos demais é dada uma *capacidade ilusória* que visa puramente endossar ainda mais o erro.

Eu batia de leve uma mão na outra, com o semblante ligeiramente enrugado. Compenetradíssimo. Realmente... como tinha me passado pela cabeça que perderíamos tempo com o que não interessava??!

— Por que o que é a Magia, afinal? — Perguntou Marlon. — É a tentativa de criar-se um efeito tal que, aos olhos de quem vê, uma *ilusão* possa se apresentar como realidade. O efeito causado no expectador deve ser forte o suficiente para que ele fique literalmente “encantado”. Em outras palavras aquilo tem um impacto tão profundo sobre a sua mente que causa uma confusão da realidade. Ela se funde com a fantasia, e vice-versa, e para quem está encantado a fantasia torna-se *real.* Veja bem, é muito diferente de “loucura”. Quem está sob encantamento não está louco. Mas é que essa pessoa já perdeu a capacidade de discernir o que é imaginário do que não é. Já não sabe mais o que é...e o que não é. Quando digo que o encantamento faz com que se creia no falso... é o mesmo que dizer que houve um “engano”! Percebe? Lembre-se de que a revelação é progressiva, inclusive para você. Então, aprenda. Parte, *apenas pequena parte* da Magia continua sendo fruto das Artes Mágicas. Então, vamos conceituar novamente: tudo que produz uma ilusão capaz de fazer o ser humano *distanciar-se da Verdade pré-estabelecida por Deus é* conceituado como “Magia”. E o encantamento é o produto dela. Já os instrumentos usados para que a Magia se manifeste e cause o encantamento são vários: desde os mais rudimentares, como as Artes Mágicas, até os grandes Feitiços da Alta Magia.

Interessante aquele novo conceito. Lançava luz sobre novos horizontes... novos destinos!

— Faz sentido. É que eu ainda não tinha totalmente claro em minha mente tudo isso.

— Eu sei. Há tempo para todas as coisas. Até então você tem

aprendido a ser filho. Agora é necessário ser um pouco além de filho... começar a ser guerreiro! Começar a usar a menor das armas, aquela que você pode empunhar agora. As Artes Mágicas. Mas depois, com o passar do tempo e mediante o seu crescimento você verá as belezas da Alta Magia, dos grandes Feitiços, dos grandes Encantamentos. E então poderá descartar plenamente as Artes Mágicas. É uma questão de patente, soldado! Portanto, instrua-se com afinco.

Realmente esse era o caminho. Compreendi perfeitamente o que Marlon queria dizer. Eu já era um guerreiro da Arte Marcial. Sabia que o bom manejo das armas tem que ser conseguido aos poucos. Agora eu queria usar as Artes Mágicas com esse novo objetivo: guerrear!

De início eu e Thalya apenas nos divertíamos com aquilo tudo. Eu já tinha uma facilidade toda especial com qualquer tipo de adivinhação. Gostava e usava muito bem a quiromancia, o taro e a radiestesia. Aprimorei mais ainda as técnicas. Mas agora eu sabia exatamente por que e para quê deveria usá-las. Thalya seguia na mesma linha.

Sinceramente falando, era mais uma brincadeira do que qualquer outra coisa. Abraxas às vezes apontava claramente pessoas que eu deveria abordar, mas com a maioria era puramente um instinto natural. Aquilo passou a ser o meu dia-a-dia, impregnou em mim. Eu já não precisava me esforçar para ser o que eu era.

As primeiras experiências de que me recordo foram mesmo com leituras de mão. As mulheres são naturalmente mais sensíveis, curiosas e supersticiosas. Eu gostava de ler a mão delas. Falava muita coisa, acertava a maior parte, e brincadeira vai e vem, uma falava para a outra e sempre tinha alguém que estava disposta a “ler a sorte”.

Normalmente meu Guia não me falava nada. Eu olhava e era muito clara para mim a interpretação daquelas linhas, era quase instintivo, fácil, natural. O que eu tinha aprendido me chegava muito rápido à cabeça, não havia dificuldade. O passado era claríssimo; o presente nada além do óbvio; o futuro, no entanto...

era mais vago mais difícil de interpretar. Então, eu “jogava dados”. “Plantava sementes”. Induzia.

Logo as histórias que Thalya e eu tínhamos para contar não chegavam mais ao fim tanto era o Poder de influência que passamos a possuir. E ficávamos alegres porque nos tinha sido concedido o privilégio de estar desviando pessoas de um caminho que pudesse — talvez — levá-las a Deus. Como já tínhamos aprendido, essa era a primeira forma de bem atender às determinações e vontades de Lucifér. Era o nosso primeiro passo para nos tornarmos guerreiros!

Tudo tem um preço. Disso nós sabíamos muito bem. Nosso relacionamento com os Guias não tinha “mão única”. Havia uma troca. Sempre! Nós pedíamos... eles atendiam... eles pediam... nós atendíamos. Parecia justo. Nós devíamos nos agradar mutuamente.

Ficou muito claro que afastar as pessoas de Deus agradava a eles e a Lucifér. Como Iniciados nós não podíamos fazer muita coisa, mas as Artes Mágicas estavam ao nosso dispor para isso mesmo. O que, a princípio, já era o suficiente.

Eu tinha um ódio mortal de Deus, bem como todos os demais. E queríamos — *como queríamos!* — cumprir bem os desígnios de nosso pai. Queríamos ver quem podia mais! Quem constituirá o maior reino! Afastar o ser humano do Seu Criador já é uma afronta. É devolver o troco na mesma moeda pois Ele e os Seus escolhidos também têm afrontado a Serpente e os seus... desde o início!

Uma coisa, porém, é fato: nem todos são bons o bastante para virem efetivamente a ter a revelação do Oculto. E servirem ao príncipe deste mundo! Lucifér escolhe os seus... mas aos demais cabe a destruição. Que ficassem afastados de Deus!

Eu era feliz por ser digno de fazer parte do Exército das Trevas, por ter sido chamado. Agora eu sabia onde estava pisando. Como filho das Trevas eu tinha privilégios e como guerreiro, deveres. Queria cumprir bem o meu papel e agradar tanto ao meu senhor Abraxas quanto a meu pai Lucifér.

Em breve eu seria um guerreiro de Lucifér!

Aprendi que estávamos em Guerra. *E Guerra é Guerra!!!* Não se entra nela para perder. Os fins justificam, *sim,* os meios! Vale qualquer coisa, “quem pode mais... chora menos”!

Pouco nos importava que os que fossem desviados de Deus estivessem a caminho de um Inferno de horror e sofrimento. São “órfãos”. Sinal que não foram escolhidos nem por um e nem por outro. São fracos, e o destino deles é a morte. Não servem a Deus... não servem a Lucifér... que mais lhes resta?!

Cada vez compreendia melhor aquela frase: “Poder à força, morte aos fracos”.

***

O episódio da Regina serviu muito bem para por em prática meus novos conhecimentos. Isto é, a arte do engano. Coisas assim passaram a acontecer com freqüência.

Essa foi também a primeira vez que Abraxas realmente foi enfático em me sinalizar o que queria.

Era uma manhã abafada apesar da brisa. Eu estava passando sozinho por uma rua pertinho de casa, no quarteirão de cima, aproveitando a sombra agradável das árvores. Vi, de longe, uma amiga minha sentada na calçada em frente à casa dela. Estava acompanhada por uma outra moça que eu não conhecia. A Bia, minha amiga, me viu e acenou de longe, cumprimentando.

Retribuí ao aceno e foi então que senti o já costumeiro formigamento à esquerda, principalmente no rosto. Eu sabia que era uma espécie de “prenuncio”, um sinal de Abraxas. Imediatamente escutei bem claro:

— Vá até aquela moça. — Disse Abraxas. — O nome dela é Regina. Atravessei a rua em direção às duas.

— A mãe dela morreu há uma semana. — Continuou explicando ele na sua voz gravíssima, antes que eu chegasse perto. — Ela está inconformada com isto, está muito abatida. O nome dela é Regina...sabe o que quer dizer isso? Rainha! — E categoricamente: — Você precisa trazê-la para cá!

— Oi, Edu! — Exclamou a Bia. — Vem aqui!

Bia olhou para a mocinha ao lado e já foi explicando:

— Essa aqui é uma amiga minha, ela está passando uns dias comigo e... Não a deixei concluir:

— Eu sei. O nome dela é Regina, não é? . — Ué?! Vocês dois já se conhecem?

A moça olhou para mim meio que desconfiada e pouco disposta a bater papo:

— Acho que não. Nunca nos encontramos antes. — Fez ela com ligeiro mau humor. E diretamente para mim: — Você me conhece?

— Não te conheço, não. — E entrei de sola, cheio de sorrisos para ela. — Você sabe o que quer dizer "Regina"? Quer dizer *Rainha!* E isso torna você uma pessoa muito especial!

Ela ainda assim não respondeu e a Bia continuou, tentando salvar a situação:

— Pois é, Edu, a gente precisa juntar uma galerinha aí pra sair com a Regina esses dias. Ela está passando por uns momentos meio difíceis...

Interrompi de novo:

— Eu sei, Regina, como você está chateada. Perder alguém que a gente ama é terrível.... — Minha entonação de voz demonstrava pesar e eu olhava diretamente para a novata.

Dessa vez ela pareceu levar um pequeno choque e ergueu o rosto, franzindo a testa.

— Mas... você me *conhece?!*

— Não, eu já te disse isso. Mas eu sei que a sua mãe faleceu há uma semana. Não foi? E você está tremendamente transtornada com a morte dela.

Ela emudeceu e ficou me olhando, os olhos tristes demonstrando uma ponta de espanto e respeito. De repente, encheram-se de lágrimas e ela se descontrolou, chorando de dor por

ter sido tão subitamente tocada na ferida recém aberta.

Eu continuei falando com brandura, ao mesmo tempo em que me inclinava, abraçando-a:

— Mas, olhe, não fique triste. A sua mãe está agora num lugar muito bonito... um lugar lindo! E ela pediu que eu viesse aqui hoje e falasse para você que ela está muito bem, e que ela te ama muito. Que você pare de se preocupar com ela porque em breve vão tornar a se encontrar! — Eu improvisei um pouco, esperando dicas do Abraxas.

A Bia me olhava com assombro e sem conseguir formular uma frase. E Regina, chorando de soluçar diante de mim, não cessava de questionar:

— Mas, como? Como? Como ela falou com você?! Como você soube disto? —Bem, os mortos... eles se comunicam!

E escutei novamente a voz poderosa de Abraxas:

— *Traga* ela para cá! — Ribombou no meu ouvido.

— Você quer conversar com sua mãe? — Perguntei gentilmente.

Ela procurou enxugar os olhos com o lencinho do qual certamente não se desvencilhou naqueles dias tão terríveis. E olhava-me com uma expressão estranha, como se eu fosse uma espécie de Buda dos tempos modernos, ou o salvador da Pátria. Alguém que podia oferecer-lhe o impossível.

— Eu tenho um amigo que psicografa. Ele pode entrar em contato com sua mãe.

A Bia se intrometeu, procurando ajudar:

— Imagina, Edu! É só depois de um ano que dá para entrar em contato. Retruquei explicitamente e com toda a segurança do mundo:

— Não é assim, não! Este meu amigo é super “elevado” espiritualmente. Ele psicografa na hora! Garanto! Eu já vi. Depois depende no nível espiritual da pessoa que partiu, e a mãe dela já estava em um nível bem alto. Ela já tem autorização de imediato

para se comunicar! — E olhando para Regina, novamente bati no ponto certo. — E ela está com *saudades* da filha!

Regina baixou a cabeça, pensativa. E Abraxas deu a dica novamente:

— Ela marcou um encontro de aconselhamento com um Pastor. — A voz dele transmitia um sentido negativo referindo-se ao Pastor. — Pastor Sálvio. Ela vai aconselhar-se com ele.

— Olha... — Meu tom de voz era brando, mas firme. — Não vai atrás de outra coisa, não! Dê ouvidos à sua mãe. Sabe o que você vai escutar daquele Pastor?

Ela estremeceu e passou a chorar compulsivamente dessa vez, cobrindo o rosto com as mãos. Nem a Bia entendia mais: — Pastor?!...

— Sim. O Pastor Sálvio. Você marcou um horário com ele, não foi, Regina? — Perguntei de novo.

— Mas a Igreja foi tão boa comigo e com minha família! — Ela quase gritava, querendo justificar-se mais a si mesma do que a mim. — Minha vizinha é evangélica, e quando mamãe... se foi... eles ajudaram tanto... cuidaram de tudo... do velório, do sepultamento!... Ela foi até velada na própria Igreja! — Soluçava.

Percebi que Regina devia estar a um passo de sua conversão... àquele Deus hipócrita!!! Quebrantada como estava!

— Sabe o que aquele Pastor vai falar para você? Ele vai dizer que a sua mãe foi para o Inferno. Que você nunca mais vai vê-la! Que não há como se comunicar com ela, que cartas psicografadas são coisas dos demônios!!! Escuta o que eu estou dizendo! Estes Protestantes... eles não acreditam nestas coisas. Eles estão cegos... perdidos! Não dê ouvidos a isso. — E continuei falando com docilidade, com brandura. Volta e meia eu ouvia o sopro de uma ou outra dica.

Não demorou muito mais tempo. Abraxas contou-me um detalhe que foi a conta:

— Pede para ela olhar na terceira gaveta da cômoda. A mãe tinha comprado um presente. O aniversário da Regina é na semana

que vem! — Disse-me ele.

— Escuta. Na gaveta da cômoda de sua mãe, na terceira gaveta...

— A gaveta está trancada à chave e a chave está dentro do guarda-roupa!

— Escutei Abraxas dizer, no meio da minha frase.

— A gaveta está trancada, e a chave está dentro de um guarda-roupa... — Fui dizendo.

— Ah! Eu sei!! Acho que sei onde está! — Completou Regina ansiosa. — Mas o que tem?! O que é?

— A sua mãe, antes dela... bem, ela tinha comprado um presente para você, comprou antecipado! É seu aniversário na próxima semana, não é?

Regina chorava. E Abraxas esclareceu:

— A mãe dela morreu de repente. Morreu atropelada.

Estava tudo explicado. E Regina... quase decidida! Ao erguer novamente o rosto para mim seus olhos já diziam que ela faria como eu dissesse. Completei:

— Sua mãe me disse que gostaria muito que você abrisse o presente. Ela te ama muito. Não quer ver você sofrendo por causa dela. Não precisa mais estar triste. Que mais eu preciso dizer para que você acredite que falo a verdade?

Abraxas continuou:

— Olhos claros. Cabelo castanho escuro. Estatura média. Um brinco de pérola com ouro branco.

— Olha Regina, eu vi sua mãe. Eu não a conheci em vida, mas eu a vi. Ela tinha olhos claros, grandes, bonitos... um cabelo escuro, castanho escuro! Usava um par de brincos muito delicados... eram de ouro branco e havia uma pérola. Tinha mais ou menos a sua altura. Esta não é sua mãe?!? — Eu fechava os olhos como se estivesse vendo, mas na realidade estava ouvindo. — Eu estou vendo ela! Ela está bem aí ao seu lado. E quer falar com você!

Regina estava profundamente sensibilizada com o que ouvira, abalada até, totalmente quebrantada.

— E além disso... sua mãe não quer nenhuma missa de sétimo dia, não! — Falei, mas por falar, apenas para poder acrescentar logo a seguir: — E também não quer que você vá conversar com nenhum Pastor. Ela quer que você fale diretamente com ela!

— Tá bom, tá bom! — Gritou Regina. — Eu vou! Como é que eu faço? Aonde eu tenho que ir? Mamãe, querida mamãe! Como é que eu faço? — A choradeira continuava, a tristeza estampada no rosto e no olhar.

A batalha estava ganha. Sorri intimamente, procurando acalmá-la, sempre com muito carinho e respeito:

— Fique tranqüila. Procure se acalmar que tudo vai sair bem!

E realmente ela foi comigo, como Abraxas determinara. Levei-a à casa de Ariel. Uma das "ferramentas fortes" dele era o espiritismo. Eu havia ligado para ele durante a semana para marcar um encontro com Regina.

— Eu recebi uma ordem de Abraxas para trazê-la para cá. — Expliquei a ele.

— Tá bom. Trás ela aí que a gente conversa! Então eu a levei tão logo possível.

— Realmente tinha um presente na cômoda... — Disse ela tão logo me viu novamente. — E eu não fui ao encontro com o Pastor Sálvio. Não marquei para outra data também.

Ariel disse-lhe um monte de coisas, todas certeiríssimas. Até escreveu-lhe um bilhetinho da "mãe". Com a letra dela! E Regina saiu de lá encantada com o que vira e ouvira. Ariel havia terminado o encontro com a orientação:

— Sua mãe está dizendo que você deve freqüentar tal e tal lugar! — Deu-lhe o endereço de um centro espírita Kardecista, conforme foi orientado pelo seu próprio Guia. — Você deve estar lá. Aquele é seu caminho. Você vai preparar-se, desenvolver-se, crescer em mediunidade. E, em breve, você poderá ver sua mãe.

Em algum tempo atingirá este potencial e ela poderá aparecer para você. E não haverá mais necessidade de intermediários, como eu!

Minha missão estava cumprida.

Era tudo tão palpável... tão certeiro... pegou-a no momento certo... e no ponto certo!

Pelo que soube depois, por meio da Bia, realmente ela estava freqüentando o tal centro. E largou mão da Igreja Evangélica!

***

Várias semanas mais tarde cruzei novamente com Regina. Estava passando novamente perto da casa de Bia que, para variar, me acenou da janela do seu quarto, no segundo andar. Parei para uma conversa rápida. A Regina estava lá outra vez. Desta feita ela fez muita questão de conversar comigo, estava diferente.

— Você me ajudou muito... nossa, como é que você sabe todas essas coisas?

— Tudo é uma questão de oportunidade... e de aprendizado. Começamos a conversar. Ela me olhava, olhava diferente, não tirava os olhos de cima de mim.

Abraxas ainda me disse, em dado momento:

— Ela te agrada?

— Bom... ela é bonita. — Respondi, baixo, apenas para que ele escutasse.

Regina tinha o cabelo louro abaixo dos ombros e olhos tremendamente verdes. Não foi preciso que ele dissesse mais nada, eu sabia que se a quisesse, estaria disponível. De fato, ela se insinuou muito. Me perseguiu com o olhar durante toda a noite. E a Bia facilitou tremendamente as coisas, lá pelas tantas deixou-nos sozinhos. Até a mãe dela fez de tudo para que eu ficasse:

— Dorme aí, pode subir. Fique à vontade!

Eu aproveitei e fomos mesmo para o quarto, eu e Regina. Conversamos bastante, rimos, cantamos. Dava para perceber que ela estava fascinada comigo e louca para maiores envolvimentos.

Quando ela forçou a barra, me fiz de besta enquanto deu. Mas como ela não deu paz, tive que ser mais direto:

— Regina, não vale a pena. — Falei olhando fundo nos seus olhos. — Não faça nada de que você possa se arrepender amanhã.

— Você não quer? — Ela foi bem explícita. — Não me acha bonita?

— Você ainda está muito carente e a gente nem se conhece. Deixa rolar a amizade, se tiver de ser, vai ser.

E fiquei por lá até umas sete da manhã. Desconversei e fui mesmo embora. Apesar do que Abraxas me dissera, eu não a queria. Tinha minha liberdade. Mais tarde comentei com Marlon o verdadeiro motivo da minha recusa:

— Fiquei com pena dela... ela parecia tão triste ainda!

Foi uma das poucas vezes em que Marlon irou-se comigo: — Pena?! *Pena?!!* — Ele ficou bravo de verdade. — Que sentimento mais primitivo! Podia ser qualquer outro motivo, Eduardo! Os filhos do Fogo são os escolhidos, o resto...sabe o que é o resto? Puro excremento! Não valem nada! O que são na ordem das coisas para que mereçam a sua pena?! Engrossar o reino de Lucifér é despovoar o Reino de Deus, e *isso* é o que de fato importa! E despovoar o Reino de Deus não significa fazer a todos filhos do diabo, entende, meu filho? Lucifér escolhe apenas os melhores, ele quer para si uma raça pura! Parta sempre do seguinte princípio: se duas nações poderosas estão em conflito, e uma delas consegue dividir a outra em quinhentas partes, já está ótimo! Não é necessário que as quinhentos partes sejam englobadas à nação mais poderosa. Deu pra entender?

***

Capítulo 11

Muitas outras coisas começaram a mudar.

Um outro dia eu estava com Marlon e Thalya tomando um

café no meio da tarde perto da Alameda Santos. O lugar era bonito e agradável, ficava bem embaixo de um “Flat”. Não sei como começou a conversa, e muito menos como eles conseguiram me convencer.

Marlon às vezes dava a entender muito de leve que talvez eu devesse mudar um pouco a minha indumentária. E procurava me preparar para aceitar aquilo numa boa. Eu continuava me vestindo ao meu modo: rasgado, com botinas de exército, braceletes.

— Sabe, Eduardo, a Sociedade dá muita importância para os “rótulos”. As aparências. E sempre somos tratados de acordo com o rótulo que apresentamos. Você precisa pensar em mudar um pouco o seu visual. Pode ser que fique muito bom! O que que você acha?

Thalya comentou de imediato:

— Ah, é isso mesmo. Você devia experimentar, Edu! Eu não tenho nada contra o seu estilo, inclusive gosto muito, mas todo mundo dá um passo pra trás quando te vê. Quem não te conhece e não sabe como você é, já fica assustado de cara. Já pensam que vão ser assaltados!

Demos risada.

— Mas é assim que *eu* gosto. Me sinto bem assim! Pra que mudar?

— Ah, Edu!!! Vamos experimentar! Pensando bem, já imaginou você com uma roupa da hora?

— Até Deus usou de rótulos. — Continuou Marlon. — Se Ele se apresentasse aos homens dizendo algo mais ou menos assim: “Olha, Me sigam. Me sigam porque agora vocês vão ser separados da sua família, vão perder tudo o que têm. Vou entregá-los na boca do leão depois que vocês tiverem feito tudo o que Eu quero”. Vê lá se alguém ia atrás dessa conversa! Mas Ele se “rotulou”, se apresentou da forma como sabia que seria mais bem aceito. Lucifér também se apresenta como quer, dependendo da sensação que quer causar. E a Sociedade também é assim. Para você ser bem aceito, precisa apresentar o rótulo certo.

— Faz sentido. Mas não sei, não! Sabe que que é? E se eu tiver que lutar com alguém na rua? Se eu for dar um chute *quem*

garante que uma calça social não vai prender os meus movimentos? E se o solado dos sapatos sociais não derem a aderência que eu preciso, e eu escorregar e cair no meio de uma confusão? Isso pode me custar muito caro!

— Também não é assim, filho. Tem calças que são muito boas, muito resistentes, e que dão perfeita liberdade. Os sapatos também não são essa coisa horrível que você está pensando. Mas é claro que roupas e sapatos bons custam um certo dinheiro. E eu sei que você está acostumado somente com aqueles sapatos terríveis do "DIC"!

Thalya caiu na gargalhada e me cutucou, toda espevitada.

— É isso mesmo, que eu sei!

Tive que rir de novo. Não adiantava querer negar. O único par de sapatos que eu tinha era uma tragédia de mal feito. (Bons mesmo eram os meus tênis "motoca". Eles tinham até uma bolsinha do lado para guardar moedas para o ônibus).

— Mas como é que ficam as caneleiras?! — Perguntei, querendo complicar. Vou poder continuar usando por baixo da calça? Vai que não cabe!

— Cabe. Cabe, sim! Pode continuar andando o dia inteiro com elas que não tem problema.

E me convenceram.

— Tudo bem, uma hora qualquer aí eu vejo se compro uma outra roupa... Mas Marlon atiçou ainda mais as bichas de Thalya que estava à toda com a idéia de me ver arrumado. Tirou um maço de notas do bolso do paletó e colocou sobre a mesa. Em dinheiro de hoje era mais ou menos uns cinco mil reais. Grana que não acabava mais.

— Olha, isso aqui é pra vocês dois. Podem usar como quiserem. Comprem umas roupas novas!

Thalya me entregou de novo sem dó, exclamando prontamente:

— E nem pense em comprar *pó* com isso! É pra comprar roupa! Cocaína, era o que ela queria dizer. Não que eu fosse usar a

droga, mas eu podia fazer uma quantia três vezes maior revendendo. E brinquei:

— Eu transformo isso aí em quinze mil! Marlon interferiu, bem humorado:

— Deixa essa bobagem pra lá, já conversamos sobre isso. Não vai te levar a lugar nenhum! Depois, não precisa se preocupar com dinheiro. Podem ir e usem à vontade. Se precisarem de mais depois a gente conversa. Tudo bem? Estamos combinados?!

Era a primeira vez que ele me dava dinheiro. E que quantia!

— Vamos, vamos, vamos! — Thalya estava afoguetada. Tudo para ela era motivo de festa.

— Calma, deixa eu tomar o café primeiro!

— E esse cabelo? Você bem que podia cortar, né? Aquilo j á era exigir demais.

— Pode esquecer. Não vou cortar coisa nenhuma! Nem o professor do boxe conseguiu isso.

Era fato. Eu tinha treinado um pouquinho de boxe no DER De início tudo bem. O professor Mutuca era bom e ensinava legal. Ainda que vivesse pegando no meu pé porque a toda hora eu enfiava chute no saco de pancada, como fazia no Kung Fu.

Mas boxe era boxe. Não se pode *chutar* o saco! Só que eu não estava nem aí. Bastava o Mutuca distrair e lá estava eu com chute atrás de chute. Às vezes me empolgava, esquecia tudo e todos, e Poft! Poft! Poft!

De repente, aquele silêncio. Todo mundo olhando pra mim só esperando o que ia acontecer. E eu tomava altas bordoadas do professor. Mas não respondia. Ficava quietinho porque podia ser expulso, e eu queria treinar.

Mas aí o Mutuca começou a implicar com o meu cabelo. Logo me arrumou um apelido: Maestro.

— Maestro, você precisa cortar esse cabelo. Aqui não dá pra ter essa *gadelha.* É pra sua própria proteção. Se você levar um soco, abrir o supercílio e o cabelo entrar dentro, é muito mais fácil

de infeccionar.

— Pôxa, Mutuca, levou tanto tempo pra ficar assim comprido. Que coisa! Eu desconversava um pouco e às vezes prendia num rabo. Mas nem me passava pela cabeça acatar aquela sugestão besta de cortar o cabelo. Só que ele não me dava trégua.

— Maestro... quando é que você vai cortar o cabelo?! Estou avisando, se você não vier com o cabelo cortado *amanhã* não vai poder treinar! Esse seu cabelo é pra quem faz música, entendeu? Não é pra quem luta boxe.

Vi que ele não ia desistir e procurei ganhar tempo.

— Mas sabe o que é? Eu estou sem dinheiro para o corte. Meu pai só vai me dar a mesada mês que vem.

Como se meu pai me desse alguma mesada! Ele torceu um pouco o nariz mas compreendeu.

— Mês que vem, é? E que dia do mês que vem?

Joguei uma data bem distante. Quem sabe ele esquecia daquela bobagem? Mas que nada. Não é que o Mutuca guardou tudo na cabeça e nem bem chegou o dia, já veio me cobrando:

— Então? Recebeu a mesada?

— Recebi, mas meu irmão ficou doente, sabe? E eu tive que comprar remédio pra ele. E, olha, não tenho dinheiro para o corte.

Mutuca olhou bem pra minha cara e por fim perguntou:

— Quanto é que custa o corte? Chutei um valor. Ele enfiou a mão no bolso e me deu o dinheiro.

— E não me apareça mais aqui sem cortar o cabelo! “Oba! Grana!”, regozijei-me.

Na saída do treino passei no supermercado e comprei um engradado de cerveja. Levei para a casa do Éder, chamamos o Cebola e mais alguns. Ficamos até as tantas bebendo, tocando violão. E nem por sombra me passou pela cabeça fazer o que deveria com o dinheiro.

Até que não deu mais pra enrolar. E o Mutuca acabou me

expulsando do treino. Nem liguei.

— Eu não ia cortar mesmo! — Retruquei para ele. — E fiquei com o seu dinheiro!

Quando ele começou a se irritar, fui embora. Esqueci do boxe. Contei a Marlon o episódio e fui categórico novamente.

— *Não* vou cortar o cabelo!

Thalya deu-se por vencida. Marlon só riu e nos despachou:

— Bem, crianças... tenho o que fazer agora. Aproveitem um pouco. Eduardo, por que você não vai para o Shopping com a sua irmã e compra umas coisas legais? — E para Thalya: — Confio no seu bom-gosto!

E foi o que fizemos. Ela estava de carro e fomos direto para o Shopping Morumbi. Foi uma tarde muito agradável. Primeiro rodamos bastante olhando as vitrines. Eu nem podia acreditar que estava mesmo fazendo aquilo. Eu não gostava de olhar vitrines e nem de experimentar roupa. Finalmente nos decidimos por uma loja enorme e muito elegante que tinha de tudo em termos de roupa masculina, inclusive sapatos.

Thalya conseguiu me estimular o suficiente para que eu experimentasse diversos modelos de terno.

— Uau, que *gato* você está! — E entrava junto comigo na cabine, me ajudava com as camisas e o blazer.

Comprei três ternos finíssimos, várias camisas, sapatos e meias. Gastamos uma fábula.

— O perfume deixa que eu compro. — Gritou Thalya. — Eu quero escolher! Depois fomos olhar roupas para ela. Thalya não era o tipo de moça que gostava de usar trajes muito sociais. Preferia as roupas indianas e largas, calças *jeans*, camisetas. Mas agora ela tinha que empatar comigo. Mas não comprou muita coisa: um conjunto de saia e tailleur muito delicado, e um vestido azul de festa.

Aí fomos jantar. Logo depois acabamos passando em frente ao salão de cabeleireiros. Era luxuoso e me espantei com o preço do corte. Muitíssimo além daquele valor que eu tinha surrupiado do

Mutuca.

— E se você entrar só para lavar e pedir pra acertar o corte? Não precisa cortar muito. Só acertar? Heim? Que tal?!!

E acabei indo. Mas cortei bem pouquinho. Ficou bom.

Quando apareci em casa de Camila, ela e a família levaram um susto tremendo. Camila olhou para o terno de marca, os sapatos impecáveis, sentiu o cheiro do perfume.

— Eduardo! Você acertou os números na loto? Eu vivia jogando.

— Não. Não acertei, não. Mas é que eu vou começar a trabalhar numa grande Empresa e eles me adiantaram o salário.

Que desculpa *esfarrapadíssima!!!* Mas acreditaram. Quiseram saber tudo sobre o meu emprego. Eu não tinha o que contar sobre o emprego porque o emprego não existia. Então só respondi:

— É segredo. Ninguém tem que saber aonde eu trabalho!

E ponto final. Diante daquele resultado surpreendente não havia nem o que questionar!

***

Profissionalmente falando, naquela altura dos acontecimentos tudo era uma incógnita para mim.

Minha Iniciação na Irmandade coincidiu com um período no qual eu havia optado por algo nada convencional. Acabara por desistir dos empregos convencionais e há meses vinha vivendo apenas do Kung Fu.

Naturalmente que minha família detestou esta opção. Primeiro porque neste aspecto eu nunca fui incentivado mesmo. Segundo porque a minha remuneração era muito sazonal. Além do que eu não tinha registro em carteira. Pelo menos a princípio.

Mas a maior parte do tempo eu recebia uma boa grana. Apenas em algumas ocasiões — nas férias de Inverno, por exemplo — meu salário chegava a diminuir em até 80%.

Eu já era quase adulto e totalmente dono do meu nariz, fazia o que bem entendia, mas a pressão vinha implacável de todos os lados. Principalmente da minha família e de Camila, que literalmente continuava odiando tudo que se relacionasse com o Kung Fu.

Resolvi então tentar reconciliar um emprego “normal” com minha vida de Professor. Não houve muita dificuldade nisto e eu optei por um emprego na *Pharthon’s.* Temporário. Só para ver no que ia dar.

Condensei todos os meus períodos de aulas nas terças e quintas à noite, de forma que não colidisse com as reuniões da Irmandade. O colégio levei como dava. Tinha que faltar um pouco, não tinha jeito. E o dia reservei para trabalhar na *Pharthon's.*

A Empresa tinha ônibus fretado mas eu nunca tinha usado esse tipo de mordomia. Isso fez com que meu primeiro dia de trabalho fosse uma comédia! Parado cedinho no ponto, tomei o primeiro fretado que apareceu. Eu não sabia que o nome da Empresa deveria aparecer no painel do ônibus. E, feliz da vida, me acomodei e tratei de dormir até chegar no serviço.

A bem da verdade eu não estava lá muito empolgado. Se não fosse possível conciliar com as aulas de Kung Fu o emprego que fosse para o espaço! Porque, bem ou mal, eu gostava muito do que fazia na Academia. A maior parte do tempo a grana era suficiente e, se não fosse, sempre dava pra arrumar um “extra” por lá mesmo. Na ADINK esporadicamente eu convocava treinos que varavam a madrugada toda com os meus alunos. Naturalmente que eles me pagavam *in cash,* na hora. Normalmente esse treinos rendiam muito e o pessoal adorava a novidade. Era muito proveitoso para ambas as partes. E haja cooper pelas ruas de São Paulo!

O fato de ter as chaves da Academia me facilitava porque o meu sangue de “marginal” ainda corria pelas veias. Eu podia revirar tudo, fuçar à vontade! Um dia descobri uma gaveta cheia de diplomas em branco... que eu podia surrupiar... carimbar... e vender!

Vendi muito diploma. Especialmente para aquele povo que estava voltando para o nordeste, que viera tentar a vida em São

Paulo e não tinha dado certo. Olha só que bela oportunidade! Voltar como mestre de Kung Fu e abrir uma academia! Óbvio que um diploma deste custava caro. Mas depois acabei me arrependendo. Não porque tivesse furtado, mas por estar prostituindo a Arte. E parei com aquilo movido por esta causa muito nobre: preservar as puras raízes do Kung Fu.

Eu ponderava em todas essas coisas afundado na poltrona do ônibus fretado. E dormi. E acordei ultra longe! No meio de uma fábrica.

“Nossa! Onde estou?”, pensei comigo.

Que trabalheira para voltar. Mais tarde, quando já estava relativamente entrosado com o pessoal do meu serviço, fui apelidado de “Alien, o 43° passageiro” por causa deste episódio.

E uma vez na *Pharthon's*... como o serviço era chato! Eu era um mero auxiliar administrativo encarregado do Telex e do arquivo! Que sofrimento para tornar aquele trabalho medíocre deglutível.

Uns vinte dias depois do meu início, Marlon me encostou na parede por causa desse assunto. Foi no meio de um bate papo informal, no meio do chope, no meio dos salgadinhos. Uma das coisas boas de se fazer parte da Irmandade era que eu nunca precisava falar sobre os meus problemas. Eles simplesmente sabiam, ou adivinhavam as minhas necessidades! Especialmente Marlon.

Thalya não estava presente nesse dia, nem sei por quê. Mas Rúbia estava, Ariel, Górion, Aziz, Zórdico, Kzara e mais alguns. Todos conversavam, riam, Rúbia não parava de contar piadas de Cristãos.

Até que Marlon voltou-se para mim e subitamente quis saber sobre o meu trabalho. Eu comecei a contar sobre o episódio do primeiro dia e a confusão em tomar o ônibus fretado. Marlon tinha o corpo voltado para mim e escutava atento minha história. Mas não era bem o que ele queria ouvir. E voltou à carga:

— Mas o que é que você *faz* lá?

Naturalmente que eu não ia perder o rebolado. Respondi

emendando uma frase na outra e fazendo parecer que meu serviço era uma das sete maravilhas do mundo. Discursei um pouco, abusando do palavreado. A quem eu queria enganar?

Marlon permaneceu quieto e continuava me olhando enquanto eu falava. Mas a pergunta dele me derrubou:

— E você está contente lá? Parece mesmo ser um serviço muito interessante...

Num instante senti meu orgulho ruir. Não tinha porque fazer parecer que aquela estupidez toda era tão boa assim! E Marlon me queria tão bem, não havia o por quê daquela dissimulação entre nós.

— Não... — Respondi até meio cabisbaixo. — Não estou contente.

— E aonde você gostaria de trabalhar? — Ele pareceu querer me animar.

— Ah! Eu queria trabalhar num prédio bonito. Fazer alguma coisa legal. Inteligente. O meu serviço é muito besta! — Agora era eu mesmo falando. — Eu não agüento mais fazer arquivo, cuidar daquelas pastas e passar aquelas mensagens idiotas o dia inteiro! — Desabafei. — Estou cheio de ser pau-para-toda-obra e ficar datilografando.

A empatia de Marlon foi genuína:

— É...você está coberto de razão. Merece coisa muito melhor! Você é inteligente e cheio de potencial. Diga-me uma coisa... aonde você gostaria *realmente* de trabalhar?

Divagar um pouco naquela idéia foi gostoso. Sonhar, afinal, não faz mal nenhum. — Pôxa, cara...eu gostaria de trabalhar na Avenida Paulista! É super linda e fica perto de casa. Eu adorava a Paulista. Já tinha trabalhado lá um tempo e daria tudo para voltar. — Mas “Paulista” é vago, né, Eduardo?! Que lugar da Paulista? Tem algum lugar que você gostaria mais?

Dei risada com a brincadeira dele e resolvi encarar de verdade. Nem precisei pensar muito.

— Tem, sim! Tem o prédio da *Canion Tower!*

Era um prédio lindo, recém inaugurado, uma grande instituição financeira multinacional. Sempre que eu passava por ali ficava babando. E pensava em como não seria o máximo estar lá dentro todos os dias!

Mas a pergunta de Marlon até me cortou um pouco o barato:

— E você gostaria de trabalhar lá?

Parecia um cruel retorno à realidade. Mesmo assim respondi afável, apesar do ar zombador:

— Ah, sei, eu vou ser o "boy", né? — A pergunta dele era ridícula. — Ou, quem sabe, o porteiro! Ou segurança! Não, obrigado! Ascensorista, será que precisa?! Acho que não, o elevador deve ser computadorizado! — E dava risada compulsivamente.

Marlon sorriu diante dos comentários tão depreciativos a meu próprio respeito, mas poupou maiores comentários.

— Eu só te fiz uma pergunta simples: gostaria ou não gostaria?

Peguei uma mini-coxinha do prato levemente incomodado com a questão. Procurei não demonstrar o que sentia, afinal aonde ele queria chegar? E respondi, resmungando, enquanto comia a coxinha:

— É claro que gostaria, né, Marlon! Que pergunta.

— Você por acaso se esqueceu, Eduardo... de a quem pertence este mundo? — Marlon fitava-me um olhar sério agora, remexendo a tigela de tremoços com o garfinho. — Parece que você se esqueceu de que Lucifér ofereceu este mundo... as Nações... ao próprio Jesus! Já parou para pensar nisto? Ninguém dá o que não tem.

Eu dei um muxoxo, sem responder.

— A Lucifér foi dado este mundo. — Continuou Marlon. — E ele o *dá* a quem quiser! Me parece que você se esqueceu do direito legal que passou a ter... quando foi feito filho do Fogo. Você não é mais a mesma pessoa... *Rillian!*

Ele falava com convicção e segurança, e apoiou a mão sobre o meu ombro. Era o gesto carinhoso de sempre. Mas eu recebi as palavras de Marlon como um mero discurso. Ou, melhor! Nem as recebi. Apenas escutei, como me cumpria fazê-lo. Mais nada.

— Você não está a par da realidade. Vejo que você *não está compreendendo* o que ocorre. Não está ainda de olhos abertos para ver. — Marlon fez uma pausa rápida. — Você foi chamado para muito mais do que apenas brincar com Artes Mágicas.

Encarei tudo aquilo como uma "bronquinha". E era de fato. Ele concluiu:

— O Oculto já lhe foi revelado, filho, mas está parecendo que para você ele ainda está oculto, não?

Eu não quis argumentar mais, meio irritado. Apenas dei de ombros e com um resmungo seco encurtei a história:

— OK. Tá bom. Deixa isso pra lá. Na *Pharthon's* está bom para mim, é uma Empresa boa também e quem sabe eu consigo crescer lá dentro, aos poucos!

Ele não disse mais nada e eu também não. Mudamos de assunto e eu esqueci da conversa. Nem dei importância alguma ao que ele me dissera.

***

Passados dois dias eu estava bem no meio de minha entediante jornada de trabalho, em meio aos arquivos e o Telex, quando avisaram-me:

— Telefone pra você!

— Já vou. — Devia ser a Thalya. — Alô?

— Eduardo? Eduardo Mastral? — Não era a voz de Thalya.

— Sou eu.

— Boa tarde! Eu sou a Noêmia, da Agência de Empregos "Bonanzza"! E nós estamos aqui com o currículo do senhor.

Minha mente deu algumas voltas: “As Agências devem ter trocado cadastros, só pode!”

Mas ainda assim perguntei, espantado:

— Que currículo? Vocês têm o meu currículo?!

— Sim, estou com ele aqui na minha mão. Você não é o Eduardo Daniel Mastral, e não mora em tal e tal lugar? — Sou eu mesmo!

— Estamos com uma vaga que talvez lhe interesse. Você não quer dar uma passadinha aqui amanhã pela manhã para a gente conversar?

Fui raciocinando enquanto falava com ela. Realmente eu havia distribuído alguns currículos antes de decidir-me pelo emprego na *Pharthon's*. Devia mesmo ter sido algum intercâmbio entre as Agências. Agendei a entrevista.

— Amanhã de manhã, então! Você pode me confirmar o seu endereço? — Pedi.

— Certamente!

Qualquer coisa era melhor do que o meu atual emprego. Desliguei o telefone bastante animado.

No dia seguinte fui à tal Agência, feliz da vida, faltando no emprego por uma boa e justa causa. Minha curiosidade logo foi saciada e a oportunidade me alegrou muito:

— Temos vaga na *Canion Tower*. — Esclareceu-me a Noêmia. — Uma vaga de auxiliar administrativo, outra de assistente administrativo e outra de técnico de câmbio. Estou vendo que você está registrado aqui na *Pharthon's* como auxiliar administrativo. O que você faz lá?

Eu estava bastante surpreso com a coincidência. E chutei o pau da barraca, aumentando os meus encargos e responsabilidades, com ar seriíssimo. Ela ouvia, fazendo anotações em minha ficha. Logo que terminei de falar ela me fez mais umas duas ou três perguntas tolas e avisou-me:

— Vou então encaminhá-lo para a vaga de auxiliar

administrativo, na qual você mais se encaixa. A entrevista na Empresa será hoje mesmo, à tarde!

— Muito obrigado!

Eu já estava me erguendo, mas ela interrompeu-me com um sorriso e um comentário.

— Você sabe como você vai, né?

— Vou de ônibus. — Esclareci.

— Não, não! Estou dizendo que você precisa ir de *terno!*

— Ah! — Sorri de volta. Meus 18 anos e minha história de vida me haviam poupado desse tipo de conhecimento. — Tudo bem, não se preocupe!

— Boa sorte!

Despedi-me dela com o envelope de encaminhamento na mão. Saí exultante para a rua.

— Que sorte a entrevista ser hoje!

Voei para casa para me aprontar o quanto antes. Tinha que estar na Empresa no começo da tarde.

“Ainda bem que agora eu não terei problemas com a roupa!”, refleti alegremente.

De fato, não fossem as recentes compras que fizera e teria que pegar emprestado um terno do meu pai. Algumas poucas vezes eu tinha tido que fazer uso deles, e foi um desastre! As calças ficavam de pula-brejo e as mangas do paletó vinham quase até o cotovelo se eu erguesse os braços.

Ironicamente falando, não era muito diferente daqueles Pastores que ficam pregando aos urros na Praça da Sé.

Fazer o quê! E fui.

Na *Canion Tower* as entrevistadoras deixaram claro logo de início:

— São duas as vagas para auxiliar administrativo e estamos com doze candidatos. Mas estamos finalizando o processo de seleção e, para dizer a verdade, já estávamos decidindo o quadro.

No entanto nós trabalhamos com várias Agências, e como a Bonanzza mandou você, vamos entrevistá-lo. Saiba que você é o último candidato porque temos que decidir com urgência este cargo.

A entrevista foi muito simples. Só o básico. Mas tudo o que eu pudesse aumentar, aumentava astronomicamente. Empolgado como estava, me saí muito bem.

— Está ótimo. Hoje mesmo vamos finalizar a escolha. Se você estiver dentre os escolhidos, entraremos em contato. — Disse uma delas estendendo-me a mão.

Agradeci e fui direto para casa. Nem valia a pena ir para a *Pharthon 's* naquela altura. Quando cheguei, minha mãe me deu o recado assim que abri a porta:

— A Edite ligou para você.

Era uma das moças que me haviam entrevistado! UAU! Liguei de volta.

— Parabéns, você foi aprovado! — Congratulou-me ela. — Daria pra você começar na semana que vem? Segunda-feira?

Era uma quarta. Perfeito!

— Claro! Segunda está ótimo! — Desliguei o telefone no auge. — Que mão na roda!!!

O melhor de tudo era que eu podia dar um *bico* na *Pharthon's!* Eu poderia simplesmente faltar... mas isso não seria tão divertido! E resolvi que iria trabalhar na quinta-feira só para me divertir um pouco.

Naquele dia mesmo à noite, na reunião de Conselho, eu estava ansioso para contar a novidade ao Marlon. Ele estava ocupado no final conversando com algumas pessoas que tinham vindo de fora. De modo que apenas dei-lhe umas batidinhas no ombro:

— Depois quero falar com você!

E fiquei conversando no meio do pessoal. Quem soube das novidades em primeira mão foi Thalya.

— Imagina só! Já começo na segunda!

— Pôxa, cara, que massa! Lá é super-super-bonito!

Thalya vibrava genuinamente apesar de que ela mesma trabalhasse em um posto de gasolina como frentista. Tudo bem que não era um posto qualquer, ficava pertinho da Paulista, na esquina de uma das Alamedas. Mas ainda assim, posto era sempre posto! Não raro Thalya chegava cheirando a gasolina nas reuniões.

— Ih, você deixou cair gasolina na roupa outra vez! — Era o meu comentário costumeiro.

Mas ela nem se abalava. Estava bastante segura que um cheirinho de gasolina, se partisse *dela*, era até que muito charmoso. Ainda mais que agora Thalya era modelo, tinha saído até em algumas revistas legais nos últimos meses.

— Caramba!... — Ela ainda estava espantada com a *Canion Tower*. — Até agora nós não passávamos de dois peões, o arquivista e a frentista. Isso até dá título de filme! Mas agora você está melhorando. Será que eu consigo ser promovida no posto, pra acompanhar?

Até me esqueci de Marlon. Ele me procurou mais tarde, mas ao me ver muito entretido e aos risos no meio do grupo, deixou passar.

No dia seguinte, com toda a rompança do mundo comecei de cara chegando atrasado na *Pharthon's*. Havia uma senhora que era a “Supervisora do Arquivo” e o trabalho dela era “deixar tudo em ordem”. E quem era o *único* subalterno dela... aquele a quem D. Clotilde podia encher de serviços chatos? Eu. Isso mesmo. Eu era o “menino” que ajudava no arquivo. E ela supervisionava.

— Eduardo, pegue a pasta verde!

— Sim.

— Agora guarde.

— Sim.

— Agora passe essa mensagem. E leve a resposta lá no décimo! — Sim. E “Por favor”, “Obrigado” eram palavras que

dificilmente se encontravam no seu vocabulário, pelo menos comigo. Mas aquele seria o dia da vingança! Eu estava com ela na garganta.

Como se não bastasse a falta do dia anterior e o atraso, fiz cera para tomar café. Encontrei D. Clotilde já de "ovo" tão logo entrei no departamento.

— Você faltou ontem e essas pastas precisam ser arquivadas com urgência. — Foi logo dizendo, antes do "Bom dia". — Nossa, você precisa ser um *pouco* mais responsável! Como é que você pretende ser alguma coisa na vida deste jeito?! E olhe, essas pastas precisam estar arquivadas antes do meio dia, ouviu bem? Vou subir lá no sétimo e quando eu voltar quero ver tudo em ordem porque se o meu gerente me aparecer e vir esta bagunça toda, vai sobrar é pra mim! — E blá, blá, blá! Ela andava à minha frente gesticulando. — Tem também estas mensagens que deveriam já ter sido enviadas desde ontem! E esta página datilografada aqui não está certa! Você copiou uma palavra errada, e deu outra idéia, e quase me causou um tremendo estrago! Isso não pode mais acontecer. Trate de copiar a página toda outra vez, seu Eduardo!

Tão logo me incumbiu das tarefas, sumiu. Eu me acomodei no meu canto e fiquei desenhando. Vampiros, cemitérios, lobisomens. Desenhei, desenhei. Cansei de desenhar e D. Clotilde não aparecia!

Então fui para o Telex. Naquela época, quando o Telex era bastante usado, sempre tinha alguém "do outro lado". Disquei qualquer número e lancei o chavão:

— Oi! Quem aí?

— Oi! — Veio a resposta. — É o Uruca.

— Oi, Peruca, aqui é o Catatau!

— Não é Peruca, é Uruca.

— Peruca é mais legal. Que você faz aí?

— Eu opero Telex. E você?

— Eu também. Como está o tempo?

— Tá sol! Você vem pra cá?

— Não, Peruca, só queria passar o tempo.

— Pô, não mexe comigo. Na verdade eu sou o amigo do primo do tio do vizinho do irmão do Schwarzenegger.

— Tá legal. E eu sou o primo do amigo do sobrinho do Bruce Lee.

Eu estava no meu assunto predileto e a conversa foi por aí afora. Pelo visto o colega também não tinha mais o que fazer. Era engraçado!

— Tem hotel legal aí, Uruca?

— Sei lá. Não moro em hotel.

— Acho que eu vou aí!

Quando a D. Clotilde chegou eu já havia gasto quase ique uma bobina inteira de Telex só no papo furado! Ela olhou de longe para mim e pensou que eu estava trabalhando. Comentou, toda espantada:

— Nossa, mas o texto ficou grande! O que aconteceu?

Chegou mais perto e leu algumas frases. O sangue afluiu-lhe ao rosto e ela só faltou me bater. Muito vermelha rasgou o papel gritando:

— Mas o que é que você pensa que está fazendo, *menino?!!* Vai já cuidar do seu serviço!! — Bateu sobre a pilha de pastas. — *Arquive* estas pastas agora!

Eu cruzei as pernas na cadeira e falei com calma, contendo o riso:

— Ah, eu não vou arquivar, não. Arquiva você!

— Vai já e enfia estas pastas no armário, menino, que se o gerente passar por aqui...

— Quer saber? Tem lugar melhor para enfiar as pastas! — Eu não tinha um pingo de educação. — E outra: eu vou embora! Você é muito chata. Fica aí sozinha! Pronto! Perdeu o *menino!!!*

Virei as costas e fui direto para o departamento pessoal.

— A conta.

Foi rápido. Quando passei de volta pelo meu setor lá estava D. Clotilde arquivando as pastas. Pus as mãos na cintura e falei bem alto, imitando o jeito dela, em tom irônico:

— E arquive *tudo,* ouviu?!

Ela olhou com ódio para mim. Ah, se pudesse me pegar! Saí triunfante e muito bem vingado da *Pharthon's.* Fui direto para a Academia, aproveitar o tempo livre. E esperei ansioso pela segunda-feira.

***

Quando pude conversar com Marlon foi com todo o orgulho do mundo. Já cheguei cheio de mim:

— Marlon! Adivinhe aonde estou trabalhando!

— No Canion Tower.

— Ué?!...Eu já te contei? Ah, já sei! Foi a Tassa, né?

— Não, não foi. Mas eu já sabia. Eu te disse que você merecia algo melhor. Meus parabéns! E não vai ficar só nisso. Espere!

Não falei nada. Será que eles tinham feito alguma coisa? Facilitado de alguma forma...?

Até aquele momento não tinha associado a recente conquista com a Irmandade.

Capítulo 12

Eu e Camila estávamos novamente brigados, para variar. Tinha rolado um “pau” feio e eu tinha terminado outra vez.

— Não quero mais ficar com ela! Meu mundo e o dela não combinam mais! — Saí furioso, disposto a não dar as caras nunca mais.

Foi a mesma ladainha de sempre. Mas depois a caixinha de pertences logo foi enviada para minha casa: as coisas que eu havia dado a ela. Lógico que os presentes mais caros como roupas, tênis importado e algumas jóias ela nunca devolvia! Como se eu quisesse algo de volta!

Mas quem sabe dessa vez dava certo!

Estávamos separados há alguns dias e eu aliviadíssimo com a situação quando conheci a Mariana. Foi na *Canion Tower,* ela foi contratada para o setor de marketing e começou alguns dias depois de mim. De cara chamou a atenção do pessoal do setor dela e dos setores vizinhos.

— Esta garota aí é jeitosinha.

E era mesmo. A rapaziada apostou quem a levaria primeiro para almoçar. Mas, que nada! Ela almoçava com as moças todos os dias e recusava os convites. Eu observava, caçoando dos meus colegas.

— Vocês não estão com nada, heim?

Resolvi fazer do meu jeito. Se ela sorrisse, estava no papo. No final da manhã eu a observei passar perto de minha mesa, por trás do vidro divisório, quando foi para o outro lado do departamento com uns papéis na mão. Fiquei esperando.

Quando Mariana voltou, dei umas pancadinhas no vidro para chamar-lhe a atenção. Os setores eram todos separados daquela maneira. Ela olhou e eu coloquei sobre o vidro o convite: “Vamos almoçar hoje?”. E fiz uma careta gozada do outro lado. Mariana olhou primeiro para mim e depois para o papel. E riu. Não me deu resposta mas foi para o seu lugar.

Na hora do almoço, à caminho do elevador, só dei uma batida em cima do tampo da mesa dela:

— E aí? Vamos almoçar?! — Mas não parei e nem dei muita bola para ela. Enquanto eu esperava o elevador, Mariana apareceu.

— O seu convite foi engraçado! — Disse ela.

A partir daí ficamos amigos e em menos de uma semana ela mesma deu o *ultimato.* Na hora do almoço fomos dar uma

espiadinha na Exposição de Arte do Espaço Cultural. Mariana me beijou e considerou que estávamos namorando. Eu não tinha dito nada sobre isso mas deixei rolar. Que menina impulsiva! Só que... haja perseguição! Não é que Mariana era mais uma daquelas *crentes* da Congregação Cristã do Brasil?!!!

Logo fui convidado para ir à sua casa conhecer a família. Fui. Mais conversa de Bíblia! Eu já não agüentava mais, que falta de sorte! Tudo de novo. Ganhei mais umas duas Bíblias em pouco tempo. A mãe dela era daquelas mulheres de cabelo comprido e coque que só falava na "Palavra".

— Você sabe o que Deus disse para Moisés no monte? Venha cá, venha cá... olhe só...

O Pai de Mariana também me falava da Bíblia, só que mais raramente. O seu assunto predileto era abelha. Ele era apicultor.

— Tudo bem? — Eu cumprimentava cordialmente. — Como vai o senhor?

— Tudo bem, mas olhe, rapaz! Sabe que nesta época do ano as abelhas "tais" fazem "tal" tipo de mel? — E então ele engatava no piloto automático e podia esquecer.

Não que realmente as abelhas não fossem interessantes, e o mel muito ilustrativo, mas é que eu não conseguia falar nada. Era um monólogo, ele não parava e eu também não tinha como me livrar dele, a não ser que fosse mal educado. Acabava deixando. E era abelha pra cá e abelha pra lá!

Em casa de Mariana era sempre assim, ou era Bíblia, ou era abelha. Por quanto tempo eu suportaria aquilo?!...

Certo sábado Mariana carregou-me para o Culto. Não sei como ela conseguiu fazer aquilo...! Mas o fato é que quando acordei eu já estava sentado no banco ao lado do irmão dela. Não podíamos sentar juntos porque havia uma ala masculina e outra feminina. Ele fazia parte da orquestra e carregou-me para o meio da dita cuja durante o período do Louvor. Eu me sentia patético. As músicas eram chatíssimas. Só hino!

O anfitrião que trouxe a palavra naquela noite foi o futuro e "abençoado" cunhado da Mariana. Observei tudo com olhos que

pesavam de sono. Os homens estavam todos de terninho! Eu queria morrer! Que tormento. Acho que minha cara dizia tudo. Mas suportei corajosamente até o fim.

— Você não acha que as mulheres dessa Igreja já parecem umas santas? — Perguntou-me depois da pregação o futuro cunhado.

As mulheres estavam todas cobertas com um véu branco. Uma coisa de louco! Não achei o que responder.

No dia seguinte, domingo, estava marcado o "Churrasco Santo". O pai dela, como apicultor, era dono de um pequeno sítio e estava já acertado o encontro da família e de alguns membros da Igreja. Eu estava curioso para ver qual era o divertimento deles. Fui espremido no carro ao lado de Mariana, no meio "Améns" e "Aleluias" e "Glórias a Deus" que não acabavam mais!

— Vamos buscar o irmão Filipe!

Buzinaram na frente da casa dele. Na minha cabeça parece que até o ecoar da buzina dizia "Amém"! Acho que mais uma vez estava amarrando o burro no lugar errado. Devia ter saído com a Thalya!

O trajeto foi feito em meio aos hinos: "fervor", "ardor", "amor".....

— Canta aí, Edu! — Mariana me cutucava. — Eu não sei a letra!

— Mas é tão fácil! Olha..."fervor", "amor", "ardor"! Eu só enxergava as rimas.

— Não quero cantar. — Fiquei de cara amarrada. Aquilo já estava me enchendo!

Nessa altura eu já sabia alguns pequenos feitiços que precisava por em prática. Só não pedi a Abraxas para ele fazer bater o carro porque eu estava dentro. Pensei comigo em dado momento: "O que será que Marlon faria nesta situação? Cercado de *crentes?!"*.

Por sorte não era longe e chegamos logo. A chácara era modesta mas agradável, e o dia estava bonito.

“Tudo bem, talvez dê para aproveitar um pouco, afinal, apesar desses crentes todos!”

Foi o meu pensamento. Mas parecia que a Igreja inteira estava lá, oh, que coisa! Os carros não paravam de chegar, abarrotados de comida no porta-malas. As mulheres começaram a arrumar tudo em diversas mesas enquanto os homens se incumbiam do churrasco. As crianças e os mais jovens reuniram-se no pequeno campo de futebol ao lado.

Mariana ia me apresentando ao restante da família e aos conhecidos. Ninguém me olhou torto por causa do cabelo aparado e uma aparência mais decente. Mas implicava-me especialmente o rapaz de cabelinho engomadinho que não parava de me encarar. Qual seria a daquele cara? Mariana esclareceu quando inquirida a respeito, procurando inocentemente me provocar um ciuminho:

— Aquele ali é o Eliseu. É que ele gosta de mim, sabe? Já faz tempo! Grande coisa que ele gostava dela, como se me fizesse muita diferença. Nem

me dei ao trabalho de responder. Mas fiquei de olho nele. Eu estava na condição de namorado, e não ele. Será que não dava para ele ir encarar outro gaiato?

Procurei me distrair mas o fato é que o tal do Eliseu começou a me irritar ao extremo. Volta e meia lá estava ele me olhando.

Convidaram-me para uma pelada. Recusei polidamente. Eu era péssimo de bola!

Ao lado de Mariana, encarapitado num galho de árvore, eu mantinha um olho nela e outro no jogo. Estavam orando antes de começar, vê se pode uma coisa dessas! E acertaram que um time era dos “Querubins” e o outro dos “Serafins”!

— Que gostoso estar aqui, né, Edu?! — Mariana era muito carinhosa e meiga, fazia afagos no meu cabelo e na minha mão. Que pena que fosse Cristã! — Olha só este verde! Não é ótimo sair de São Paulo um pouco?

— Se é! — Eu sorri de volta e procurei não prestar atenção nos rapazes que corriam atrás da bola. Nem no Eliseu, que corria se exibindo.

As tias de Mariana passavam por nós a toda hora, sempre olhando para cima. Às vezes ficavam paradas um pouco mais longe, mas sempre de antena em nós. E pareciam sempre cochichar, esquecidas que eu poderia perceber a indiscrição. E tão esquecidas estavam que volta e meia literalmente ficavam falando e falando, quase bradando, voltadas na nossa direção. E de repente parece que caíam em si, e acenavam. Me parecia um comportamento muito estranho e eu procurava fazer de conta que não estava percebendo.

Mas num dado momento achei graça. Uma delas acenava-me tão insistentemente que achei pouco delicado da minha parte ignorar. E com um sorriso e um gesto de cabeça, acenei de volta.

— Tchau!

Mariana me deu um tapinha de leve no braço:

— Eduardo! Não faz isso!

— Ué? Por quê? Ela está me dando tchau faz tempo!

— Não é *tchau!* Elas estão intercedendo!!

— Orando, é o que você quer dizer, não é? E precisa ficar chacoalhando a mão desse jeito na minha direção?!

Mariana estava séria e explicou:

— Não é “chacoalhar” a mão! É que ela está revestida do Poder do Espírito e a mão treme mesmo.

Acho que não consegui controlar muito bem a expressão do rosto.

— Poder do Espírito, é? Tá bom, então. Nem dei mais corda. Eram um bando de loucos, coitados...! Os sanatórios devem estar cheios de poder, então.

— Mas é isso, sim!

A bola correu para baixo da árvore e o Eliseu veio correndo pegar. Eu já não conseguia ouvir o que Mariana me dizia sobre o Espírito. Segui Eliseu com os olhos e comecei a sentir aquela raiva cada vez maior crescendo dentro de mim. Era tanta, tanta raiva que já nem era raiva. Era ódio mesmo. Aquele ódio cego, descomunal,

indescritível! Comecei a sentir os olhos muito quentes, cheios de sangue.

Eu queria causar algum estrago e isso era tudo em que eu conseguia pensar. Queria ver ele passar algum vexame na frente de todos! Queria causar um pouquinho de dor, nada de muito grave, quem sabe um machucadozinho, talvez?...

Tinha mesmo que ver se aqueles pequenos Feitiços que aprendera funcionavam. Discretamente eu fiz o sinal do Pentagrama no ar e o empurrei na sua direção, pronunciei baixo o encantamento em aramaico. Foi aí que escutei, vindo de longe:

— Eduardo? Edu?! — Mariana me chamava olhando com ar esquisito para mim. — Tudo bem com você?

— Tudo. Tudo bem, por quê?

Ela estava visivelmente emocionada, quase em lágrimas, e sorria de felicidade:

— Meu bem, você entrou em transe. Eu te chamava e você não respondia. E você falou em línguas!

— Ah...é?... — Me fiz de morto, sem compreender direito. Será que eu tinha mesmo voado?

— É o Poder do Espírito Santo sobre você! As orações foram atendidas! Você sem dúvida deve ter aceitado Jesus ontem no Culto e hoje o Pentecostes desceu sobre a sua vida! Oh, eu estou tão feliz!!! — E me abraçava com força. — Vamos! Quero contar essa benção para todos. Como Deus é maravilhoso!

Eu ignorei o que ela dizia, ainda sentindo ódio e só queria ver o que aconteceria. Parece que Abraxas esperou que eu tornasse a voltar os olhos para o jogo. Foi a conta para ver o Eliseu tomar um tombão, após colidir com outro rapaz. Até aí, nada de mais. Mas um terceiro que vinha correndo atrás deu-lhe um chute na boca ao invés de na bola. Coincidência ou não, lá estava o sangue espirrando, pingando pelos lábios, como eu desejara.

Não houve nada de muito irrecuperável, mas o transtorno comeu uma parte do seu dia e dos demais. Voltando do Pronto-Socorro explicou que tinha quebrado dois dentes e levado uns

pontos na parte interna da mucosa bucal.

Passado o susto, Mariana não desistiu e fez a festa a seu modo, arrastando-me junto com ela e contando as “novas” aos parentes e amigos:

— Ele foi batizado no Espírito Santo e falou em línguas! Eu vi! Novamente foi “Glória a Deus”, “Amém” e “Aleluia” demais para o meu gosto.

Saí dali disposto a por um paradeiro naquilo de uma vez por todas. Não ia dar para continuar com Mariana embora ela fosse uma moça muito bacana. Eu já estava saturado dessas coisas em casa de Camila, e ia agora trocar o roto pelo rasgado??? Antevi a tortura: ser arrastado para a Igreja todo final de semana e ser obrigado a conviver com aquela gente eternamente! Impensável!

Quando contei à Thalya o meu final de semana ela comentou:

— Nossa, cara, eu não sei como é que você suporta isso! Se fechar a área vira hospício, e se cobrir, vira circo!

Ela tinha razão. Terminei o namoro imediatamente, naquela semana mesmo. Ironicamente foi no Dia dos Namorados, e Mariana tinha até me comprado um presente. Mas fui irredutível! Ela chorou e chorou, não entendeu minha pressa em terminar o que parecia estar indo tão bem.

Procurou-me algumas vezes depois disso, no Parque perto de casa. Eu havia montado um grupo de vizinhos que treinava Kung Fu comigo todos os sábados.

Mas eu não lhe dei muita trela e Mariana acabou por desistir. Deixei bem claro que estava mesmo tudo acabado.

E Camila, por sua vez, voltou a me procurar insistentemente jurando de pés juntos que tudo seria diferente. E reatamos. Era tão difícil eu ter certeza se gostava mesmo dela ou não...

Tirando o percalço com Mariana, que depois passou a me evitar acintosamente, estava me dando bem e satisfeito com o serviço na *Canion Tower*. Ainda que eu continuasse a ser meramente um auxiliar administrativo. Mas as minhas responsabilidades cresceram e passei a fazer tudo o que havia dito

que fazia no outro emprego, e que na realidade era mentira.

Como não fosse nada que exigisse muito, eu me dei bem e logo fui também designado para auxiliar um rapaz que trabalhava no setor de câmbio, o Marcos. Ele era Técnico de Câmbio e estava sobrecarregado devido às férias de um colega.

Quando iniciei o serviço soube da existência de uma vaga de assistente administrativo não preenchida.

Me informei melhor e lembrei da Thalya:

— Posso indicar uma amiga para a vaga?

A resposta foi afirmativa. Liguei para o posto de gasolina na mesma hora:

— Thalya, vê se você vem almoçar comigo hoje! Tenho uma surpresa. A voz de Thalya soava estridente do outro lado:

— O quê?! Nossa, que barulho tá aqui hoje! Surpresa? Que surpresa?!

— Vem que você fica sabendo!

— Ah, Edu, dá uma dica! — Gritou ela.

Desencostei o fone do ouvido:

— Caramba, esse telefone funciona bem, heim? Tô te aguardando, OK? — Falou!! — Gritou Thalya de novo antes de desligar. Mais tarde eu desci para almoçar com a mochila nas costas. Normalmente ela vinha vazia e voltava cheia. Era tudo tão estratégico! O refeitório da *Canion Tower* era uma coisa como eu nunca tinha visto e eu comia para valer. Não contente com isso, ainda levava tudo o que me interessava, enchendo a mochila com iogurtes, frutas, refrigerantes em lata e o que mais pudesse carregar. Afinal, as refeições não eram descontadas do meu salário!

Thalya atrasou e fiquei cheio de esperar. Fui comer sozinho e abarrotar a mochila como de costume.

Estava já sentando à mesa quando meu amigo de setor, o Fábio, entrou refeitório adentro com a “figurinha”! Lá vinha Thalya com o macacão do posto, com boné sobre seus cabelos amarrados, tênis manchados de graxa e cheirando gasolina! Bem disposta a

chocar todo aquele que cruzasse com ela.

Não quis acreditar:

— Mas, Thalya! Por que você não trocou de roupa?!!

O Fábio só olhava, sem dizer palavra, impressionado pela beleza dela apesar da indumentária pouco convidativa. Todo o refeitório também notou a presença de minha estranha convidada.

— Ah, cara, que que tem?! — Thalya deu de ombros lançando-me o sorriso mais maravilhoso do mundo.

Pensando bem... grande coisa mesmo!

— Tá bom, vá! Senta aí e come alguma coisa, se quiser mais tem na minha mochila. Nem vou te perguntar como você me encontrou aqui!

Thalya nem precisou se servir. Havia o bastante para três em minha bandeja. E ela nem mesmo comeu muito, só um iogurte e duas maçãs.

Expliquei do que se tratava. Thalya sequer olhou para os lados.

— Se você disser que sim, já te indico já! Topa fazer a entrevista? — Perguntei por fim.

— Mas nem! Por que você não me avisou antes, heim, Edu? Agora eu tenho que voltar até o posto.

— Você já devia ter vindo arrumada, né, Thalya? Quem mandou inventar? Mas tudo bem, corre lá, se arruma e vem para a entrevista.

— Legal! — Thalya apoiou os cotovelos na mesa para terminar de comer a maçã.

Resumo da ópera: Thalya fez mesmo a entrevista. Mas não naquele dia, sexta. Foi na segunda-feira à tarde. E na quarta-feira pela manhã estava trabalhando comigo, no mesmo setor.

Tanto eu quanto ela estávamos esfuziantes de alegria!

Consegui por fim contar as novidades ao Marlon. Ele estava muito defasado das notícias, pois agora não apenas eu, mas Thalya

também estava trabalhando no *Canion Tower.*

— Marlon, adivinhe de novo! — Exclamei.

— Tem a ver com o *Canion Tower.* — Respondeu Marlon sem rodeio.

— Pois é. Thalya também está lá!

— Isso é ótimo! Afinal de contas vocês tem que estar juntos, certo? Eu olhei com certo espanto para ele.

— Temos que estar juntos...? Bom, isso se refere ao contexto da Irmandade, não?

— Não apenas. Vocês têm mais Poder unidos, filho. Eu já cansei de falar isso! Vocês se completam.

— Bom...e você não está contente que nós entramos? Ele riu com a pergunta:

— Mas é claro que estou contente! E é *claro* que vocês dois iam entrar! Não era lá que você queria trabalhar?

— É, queria...

— Pois então... lá você está! E não se esqueça. Você e Tassa devem estar juntos.

Não compreendi bem. Estava meio atordoado. Marlon já sabia de novo... então...? Não pude ficar quieto dessa vez.

— Você conhece alguém lá? — Perguntei, enfático, mas senti estar fazendo a pergunta errada.

Ele balançou a cabeça:

— Rillian...você é filho do *dono-do-mundo!* E tem uma Entidade poderosíssima ao seu lado. Você acha que ele não pode manipular pessoas? Quem são estas bostinhas humanas perto dele? Você é filho do Fogo! Bota isso na sua cabeça!

Fiquei pensativo. Marlon havia feito um "abre-portas" para nós. Usando para isso a força dos demônios. Que coisa.

***

Só aí realmente me dei conta do que ocorrera. Fora rápido demais... tantos concorrentes... foi questão de dias tanto para mim como para ela! Eu falei sobre o *Canion Tower* e dias depois... estava lá! Um pouquinho mais...e também Thalya! Que coisa... que coisa!

Durante os primeiros dois meses eu fiz o meu serviço rotineiro pela manhã e à tarde dei suporte ao Marcos no setor de câmbio, mesmo depois que o tal colega retornou das férias. Eu já tinha uma noção daquele assunto devido a meu curso técnico em Administração e realmente me interessei bastante. E procurei sinceramente aprender como funcionava o trâmite cambial.

O Marcos era bastante acessível, respondia com paciência a todas as minhas perguntas e sempre que sobrava tempo ensinava-me tudo o que eu queria saber.

Ao cabo dos dois meses ele adoeceu e teve que ficar em casa vários dias. Trinta dias em licença médica. Teve sarampo. O Gerente do setor, que já estava habituado comigo zanzando ali diariamente sugeriu, meio em caráter emergencial, que minha chefia me cedesse "emprestado" durante aquele período a fim de cobrir o buraco. Como não houve objeções, logo fui procurado pelo Gerente do Câmbio para oficializar o pedido:

— Eduardo, você tem aprendido bastante o trabalho por aqui. Daria pra quebrar nosso galho por uns dias até ajeitarmos esta situação?

Concordei com bom ânimo:

— Com certeza posso não fazer o melhor, mas farei o melhor que posso. Pode deixar, não haverá problemas, eu estou bem familiarizado com a rotina. O senhor não se arrependerá! — Para variar, supervalorizei meu trabalho, me vendi com classe!

Toda segurança que eu apresentava exteriormente não era lá o perfeito reflexo da realidade. De fato eu aprendera muito naquele período. Todo o substrato que necessitava eu o tinha bem à mão, e ainda contava pontos a meu favor o fato de "correr atrás" do conhecimento. E a oportunidade que surgiu em tão pouco tempo era absolutamente imperdível!

Havia outros Técnicos de Câmbio, uns vinte mais ou menos. No entanto todos eles estavam ocupado demais com suas próprias rotinas, de modo que não podiam incorporar mais carga de trabalho ao que já faziam. Então, lá estava eu! Sozinho de verdade.

Carreguei minha mochila para minha "nova mesa". Ainda que por pouco tempo, é verdade, mas enquanto eu estivesse ali... o lugar era meu e pronto! Inspirei fundo, lançando um olhar para as pilhas de papéis à minha frente.

— OK... vejamos! — Comecei a remexer nas coisas um tanto ou quanto nervosamente. — Não deve ser tão terrível assim. Faz até que um bom tempinho que tenho acompanhado toda esta coisa. O chefe confiou em mim e sabe que farei um bom trabalho. Caso contrário, não estaria aqui!

Tomei a calculadora financeira, uma HP-12C, e a caneta nas mãos. Afundei-me na mesa para tomar pela primeira vez minhas próprias decisões. Até o meio da manhã tudo correu sem novidades. Mas depois apareceu uma questão um pouco mais delicada.

— Nossa... — Minha mente rodopiava velozmente diante das conclusões a que fui chegando. — Será que estas taxas estão certas mesmo? Devo despachar isto para a CACEX...ou não? Pelos meus cálculos e análises, faria assim... assim... e assim...! Acho que isso é o melhor. — Eu rabiscava incessantemente no bloco de anotações à minha frente. — Mas seria tão bom poder conferir com alguém!

Ergui os olhos. Nem adiantava pedir qualquer orientação aos outros Técnicos, disso eu sabia bem. Todos estavam de nariz virado para mim. A maioria achava que era um tanto ou quanto cedo para eu estar sentado ali. Bem, não tinha sido idéia minha. E eu não queria perguntar nada ao Gerente logo no primeiro dia!

"Aceitei o desafio... e eu vou me sair muito, *muito bem*\

E o primeiro passo para isso era não confiar em nenhuma dica deles. Eu sabia que a melhor maneira do serviço deles sobressair era fazer o meu ir de mau a pior. Só que eu tinha alguém melhor com quem contar!

Levantei-me da mesa e fui ao banheiro, único local onde

haveria um mínimo de privacidade. Entrei dentro da cabine, fechei-a bem. Ajoelhei-me em posição za-zen sobre a tampa do vaso. E pedi ajuda.

— Olha, eu não sei o que fazer, Abraxas! — Murmurei em um tom baixo quase inaudível aos ouvidos humanos, mas muito audível aos ouvidos dele. — Você existe desde antes que o mundo fosse mundo, a sua sabedoria é incomparável! Então o que é este serviço, estas exportações e importações, estes negócios para você? É nada! Me ensine, meu amigo, me ensine, Abraxas! Diga-me o que devo fazer *exatamente.* Aumente minha capacidade, minha inteligência e meu raciocínio. Usa meu corpo se for necessário, mas ajuda-me!

Esperei um pouco, de olhos fechados, mas não senti qualquer indício da presença dele. Insisti um pouco ainda, mas nada ocorreu.

"Esse Abraxas é meio de lua! Custava dar um pouco de atenção?!", pensei comigo mesmo, ao escutar barulho de gente no banheiro. Abri a cabine e retornei ao setor.

Diante de minha principal dúvida, resolvi arriscar e perguntar ao Técnico sentado na mesinha ao lado da minha. Mas realmente era a velha história da "panelinha".

— Deixa aí que daqui a pouco eu vejo. — Respondeu o rapaz. — Eu preciso finalizar uma negociação importante antes do meio-dia!

Não deixei. Ele que fosse para o Inferno!

Havia uma moça, a Malú, que desde o início me pareceu mais confiável. Ela escutou minha pergunta e procurou ajudar-me, demonstrando solicitude e boa vontade:

— Olha, Eduardo. — Disse-me ela após ter se inteirado melhor da questão.

— Você pensou bem e acho que você poderia fazer assim mesmo... mas que tal...

— E deu-me algumas dicas.

Ainda assim eu estava na dúvida se realmente era o melhor. Acatei em parte o que ela sugeriu e o resto resolvi por mim mesmo

da maneira que julguei mais conveniente. Aquilo tudo envolvia milhões...! Um erro poderia ser crasso.

Tudo pronto e eu ia já despachar para o boy os documentos, quando escutei claro como água cristalina:

— Não faça deste jeito. — E Abraxas falou-me pouco mais de meia dúzia de palavras, orientando-me no que deveria investir e qual importação liberar.

Ele não fez nem como eu queria e nem como Malú dissera. Mas não questionei mais nada, nem sabia o que estava fazendo, mas resolvi o problema conforme Abraxas dissera. Depois encaminhei ao Gerente para colher sua assinatura:

— Você pode dar uma olhada nestes papéis? — Coloquei os documentos na mesa dele. — Já estão prontos!

Ele olhou, olhou... e não dizia nada! Dei uma vacilada. Embora soubesse que aquele que tinha falado comigo existe desde antes da fundação do mundo, e que para ele aquilo era brincadeira de criança... senti uma sensação ruim na boca do estômago.

"Ai, ai, ai. Será?!"

— Deixa isto aqui um pouco. — Falou o Gerente. — Vou analisar melhor, depois falo com você.

Voltei para minha mesa um pouco tenso. Será que eu tinha feito alguma besteira???!!

De soslaio eu olhava para ele, através dos vidros. Percebi que ele continuava olhando para os papéis... depois olhava para mim... aí para os papéis de novo... tomou a calculadora financeira, fez contas... levantou, levou os documentos para outro Gerente, discutiram a respeito... aí os dois começaram a fazer contas... depois levantaram...

— Ihhh...acho que fiz algo que não devia! — Resmunguei.

Fiquei esperando. Meia hora. Não tinha o que fazer, até que o Gerente voltou e com um meneio de cabeça, perguntou-me:

— Escuta... de onde você tirou esta idéia?

— Que idéia?

— Bem, isto aqui que você fez! Sabe que nós não tínhamos pensado nisso? Está perfeito! Esta operação vai trazer um ótimo lucro, talvez milhões!!! Nossa, é fantástico! *Tremendo!* Parabéns, muito bom mesmo, Eduardo! Você tem grande habilidade, que faculdade você faz? — Ele não parava de me elogiar, batendo no meu ombro, algo até fora de proporção. Nem parecia verdade. — Como você descobriu isto?

— Intuição. Acho que foi só intuição.

— É muito bom ter você aqui. Depois vamos conversar mais.

E eu só pensei comigo mesmo: "Desde que ele não me faça nenhuma pergunta muito técnica..."

Todo cheio de mesuras e sorrisos, o Gerente tomou a caneta e assinou os papéis. Parecia que tinha implantado dentes postiços, tão feliz estava com a solução que eu havia apresentado. A partir daí houve um estopim. E o serviço fluiu realmente.

Abraxas orientou-me audivelmente mais umas três ou quatro vezes, mas depois o serviço tornou-se fácil e, como gostasse daquilo, estudei e aprendi muito. Eu gostava de estudar quando o assunto me interessava. Sempre gostei! Aquilo não era dificuldade nenhuma.

Procurei aprender também com meus colegas que, nessa altura, diplomaticamente deixaram de ser grosseiros. Havia mais de uma maneira de atingir o mesmo fim, por isso cada um desenvolvia uma rotina individual de trabalho que melhor se adaptasse aos problemas. E meu prestígio perante a Gerência cresceu tanto que alguns Técnicos até queriam aprender comigo!

Eu deslizava como sabão quando não era capaz de resolver uma parada. Quando a dúvida era pertinente e não urgente, levava ao conhecimento de Marlon, que me orientava como proceder. Aquilo valeu muito. Mais do que um curso de Faculdade pois aprendi na prática, no dia-a-dia. Quando comecei de fato a dominar completamente a rotina procurava sentar com meus colegas e captar seus problemas e dificuldades nos processos. E novamente levava as dúvidas para Marlon, às vezes até para Zórdico.

Isso foi um ótimo estímulo para mim, consistia num desafio!

Venci muitos obstáculos e resolvi muitas questões, claro, com ajuda de Abraxas, Marlon e Zórdico! E como aprendi!

Acabei por ganhar a simpatia e respeito de meus colegas e de meus superiores.

***

Capítulo 13

— O fundamento básico é o que se segue: todo caminho que não leva a Deus é bom. — Instruía-nos Zórdico certa noite.

Naquele dia tínhamos saído todos juntos após a aula do "Fire's Sons" e Zórdico, conhecedor das minhas dúvidas, abordou o assunto.

— As Artes Mágicas servem bastante para isso porque é fácil influenciar pessoas vazias e fracas. A única Arte que tem significado para o nosso uso é a numerologia cabalística pois tudo está ligado a ela. As demais servem apenas para fagocitar as pessoas. E por que usar a Numerologia? Porque é fidedigna em dar dados sobre o futuro. Vocês podem se questionar: como pode uma Entidade acessar o que não ocorreu ainda? Prever o que virá? Mas vejam bem... o homem também é capaz de fazer algo semelhante, não? Um estudo meteorológico pode prever chuva, frio, calor; e o sismógrafo pode adiantar quando um terremoto acontecerá. Um cálculo matemático pode estabelecer o horário exato em que um avião chegará a seu destino. Os astrônomos podem dizer quando ocorrerá o próximo eclipse, ou quando virá o próximo cometa. Bem, se nossa inteligência pode prever certas coisas, o que não pensar de seres que existem antes da fundação do mundo? Mas como isso acontece? Imagine a seguinte seqüência de eventos: um ser qualquer, distante dois mil anos-luz da Terra nos observa com

seu potente telescópio. Lá do seu planeta — chamemos de planeta "X" — ele tinha uma visão muito ampla e, ao desviar o telescópio noutra direção, viu um gigantesco cometa que se aproximava da Terra. Este estava a quatro mil anos-luz da Terra e a dois mil anos-luz do planeta "X". Por outro lado, a luz do meteoro levou dois mil anos para chegar até o planeta "X". Certo? Isto quer dizer que quando o cometa foi visto através do telescópio tanto este quanto o observador estavam a uma distância semelhante da Terra. Dois mil anos-luz!

Concordei com a cabeça.

— Mas imagine agora: se o observador pudesse viajar a uma velocidade muito superior à da luz...por exemplo, duas vezes a velocidade da luz...ele chegaria aqui na Terra em mil anos-luz, ou seja, mil anos antes do choque. E ele diria: "Um cometa está se aproximando da Terra e vai colidir com ela dentro de mil anos." Ele só pôde afirmar isso porque se antecipou a um fato *que já existia!* E isso foi possível somente porque ele *não estava limitado à nossa contagem de tempo e espaço.* O futuro só está oculto a nós porque estamos cerceados dentro da nossa dimensão. Mas no mundo espiritual... essas leis que nos cercam e nos aprisionam não existem mais. Passado, presente e futuro caminham de forma Paralela uma vez que nas dimensões superiores não existe o fator *Tempo:* não existe o antes e o depois. Por isso Deus Se intitula "Eu sou": sem passado ou futuro, mas existindo sempre, simplesmente. Por isso Ele próprio também diz que as coisas que hão de vir já são agora. Isto é, já existem. Nas dimensões superiores tudo simplesmente "É". O homem instintivamente sabe disso, afinal toda história de ficção tem início em uma probabilidade: como a viagem à Lua de Júlio Verne. Era ficção na época, mas havia uma probabilidade de ser real. Viagens no Tempo hoje são ainda uma ficção, mas por quanto tempo? Matematicamente os físicos sabem ser possível. Mas não é sobre isso que quero falar, portanto não divaguemos.

Zórdico pegou o fio da meada e continuou, retomou a seqüência inicial.

— Mas a arte do engano, no entanto, não se restringe às Artes Mágicas. Há um outro quinhão da Sociedade que é muito

estratégico nesse sentido. Lembra-se quando falei sobre a cultura de cada povo, que é respaldada por ritos...?

Fiz que sim.

— Naquela altura isso não foi apresentado como algo de muito mais valor. Não que seja, de fato, mas quer ver como é interessante? Raciocine comigo: o homem é um ser pensante. E como tal, acaba por muitas vezes divagando e com isso cria idéias e conceitos que nada têm a ver com a realidade. E curioso o comportamento humano, não é preciso ensinar nada ao homem: se separarmos um grupo em uma ilha, ainda crianças, com certeza, após algumas décadas já terão desenvolvido uma cultura com linguagem, costumes, crenças e rituais próprios. O homem precisa disso! A maior parte das crendices populares não têm o menor fundamento! Por exemplo, quem disse para o índio que ele tem que fazer aquele totem? Quem disse que máscaras feias espantam maus espíritos? Isso *funcional* Tem fundamento? É claro que não, funciona só na cabeça dele. Porque ele quis acreditar que poderia ser assim. As crendices, muito ao contrário das Artes Mágicas, são criadas pelo próprio homem. A mente dele está cheia de lixo e eles podem transformar qualquer besteira em algo "importantíssimo".

— Mas você está falando de índios. Nem precisa ir assim tão longe! É só olhar à nossa volta. — Retruquei. — As pessoas acreditam em cada coisa absurda... que pé de coelho dá sorte, que quebrar espelho dá sete anos de azar, que duende existe, que "santo" morto pode fazer milagre, que defunto se comunica, que defumar a casa espanta mau-olhado, e por aí vai. O povo acredita em cada coisa!

— Mas isso é no mínimo estratégico, se formos olhar por outro ângulo. — Interveio Marlon. — O povo divaga porque divaga. Faz parte da nossa natureza humana. Algumas crenças têm uma raiz longínqua que até se perdeu no tempo. Mas até disso Lucifér se utiliza, na sua sabedoria, e é isto que ele tem feito através dos séculos e séculos.

Eu escutava com toda a atenção do mundo. Estávamos todos diante de uma janta indescritível e a conversa havia novamente se desviado do corriqueiro para o meu assunto ultimamente predileto:

como introduzir o engano não apenas num indivíduo isolado, mas em toda uma cultura! Lembro-me que Marlon me fizera essa pergunta no dia da minha Iniciação, no carro, à caminho do Castelo.

— Diferente do que acontece com o indivíduo, para contaminar um povo pode levar séculos e séculos. Mas desde a fundação do mundo Lucifér tem tido todo o tempo necessário. Os povos, como já dissemos, *têm* crendices — ou mitos. Não é assim? Que povo não tem os seus mitos? Como eles se originam não importa tanto, basta saber que os mitos sempre saem da observação e da vivência humana. A partir daí os demônios começam a trabalhar. Chega um momento na história desse povo que aquela crendice está tão incrustada que passa a ser um rito. O próprio nome já diz: ritual não é aquilo que se faz esporadicamente, mas *periodicamente.* Quando há uma periodicidade em alguma prática, ela impregna... e vira tradição! E uma vez consolidada uma tradição... para derrubar isso depois, meu caro... — Zórdico deu uma risadinha. — Precisa muito! Quebrar tradições individuais, que não têm respaldo na cultura aonde está imerso o indivíduo não é tão difícil. Mas destruir a tradição de um povo é quase impossível. É algo que foi absorvido, introjetado, impregnado de tal forma ao longo de gerações e gerações e gerações... que já não pode ser mudado. A legalidade dada aos demônios nessa cultura é tão grande que praticamente nada pode derrubar essas fortalezas. Pergunto eu... em que fundamento elas foram construídas?

Balancei a cabeça:

— Um fundamento falso. Que coisa tremenda.... — Eu falava reverentemente diante daqueles fatos. — Compreendo, compreendo... Zórdico, diga-me, então...a base das religiões falsas é esta também? Mitos que viraram Ritos e que por fim o povo já não podia mais viver sem eles?!?...

— De uma boa parte delas, sim. E eu diria que essa é a melhor parte! Pensam estar caminhando para Deus... mas embasados numa crença estúpida e vazia que, ao contrário, jamais os aproximará do Criador. Mas os sujeitará a um cativeiro árduo e pavoroso, uma carga duríssima de ser suportada. Desfalecem antes do fim. E no fim... nada mais os aguarda senão o lago de fogo e

enxofre! Não é isto? "Apartai-vos de mim, malditos..."? — O olhar dele era estranho, profundo, quase cruel. — O Inferno de sofrimento existe, como você sabe, e está destinado aos "órfãos" de toda espécie.

Retruquei novamente, decidido a espremê-lo ao máximo. Queria aprender:

— Está certo, deu pra segurar essa. Mas me explica um pouco mais do que vem depois.

— Depois do quê?

— Bom... você me explicou como se cria uma tradição ritualística, ou até mesmo uma religião falsa. Mas, convenhamos... à medida que o tempo passa a gente se cansa de bobeiras sem fundamento. A tendência natural, ainda mais com o desenrolar da ciência e da tecnologia, não seria que essas coisas acabassem sendo sufocadas e deixassem de existir?

Marlon pareceu gostar da pergunta. Ele mesmo respondeu:

— Em outras palavras, você está querendo saber como idéias destituídas de lógica podem perpetuar-se *ad infinitum*, inclusive dentro da Era Moderna?

— Mais ou menos por aí.

Foi a vez dele responder de uma forma inesperada:

— E quem foi que disse, Rillian, que os mitos, os ritos, as idéias e tradições, as religiões... dogmas... crendices... e etc. .. não têm lógica?!

— ?????!!! — Fiquei mudo por uns instantes. — Ué, não foram vocês mesmos que disseram que tudo isso é história de carochinha? Pare de brincar.

— Não é brincadeira. A sua pergunta tem muita lógica e a minha resposta também. É claro que não se pode manter alguém mergulhado na ignorância se isso for absolutamente uma loucura do início ao fim. Eu não te disse que as pessoas que lidam com o que *pensam ser* uma Arte Mágica têm a sensação ilusória de Poder e conhecimento? *Ilusória!* Compreende?! Aqui é a mesma coisa. Se o engano não for capaz de enganar, é falho. Mas Lucifér sempre

pensa em tudo. E dá todo o respaldo necessário para que a ilusão continue. Eternamente! Afinal, uma meia-verdade é melhor do que uma mentira completa!

Ele tomou calmamente uns goles de vinho enquanto eu permanecia com os olhos fitos nele. Marlon teve que rir:

— *Ilusão,* Eduardo! Se funciona com uma pessoa isolada, por que não funcionaria com um povo todo? Se há castas inferiores de demônios capazes de influenciar astrólogos e cartomantes de fundo de quintal... por que não haveria legiões e legiões de exércitos demoníacos, sob o comando de Entidades poderosas, que pudessem dominar legalmente *toda uma cultura...* e criar nela a ilusão de que os seus mitos idiotas são reais? Da mesma forma que as crendices e os mitos, as falsas religiões também nasceram na própria mente do homem. Ninguém nunca disse que os processos rituais deviam ser feitos assim. Não vieram de Deus...e também não vieram de Lucifér, é claro! Você sabe qual é o culto agradável a Lucifér. O resto, meu amigo... é uma confusão que nasceu da cabeça humana e morrerá do mesmo jeito que nasceu, isto é: sem efeito espiritual nenhum! As religiões falsas não agradam nem a Deus nem a Lucifér, não têm fundamento, lógica, nada de nada. Só existem duas coisas no mundo: Satanismo e Cristianismo. O resto... é só resto!

A venda caiu de vez dos meus olhos e meu rosto se iluminou.

— Puxa, tem razão. Como estive cego até agora!

— E muito fácil manter viva uma crença qualquer se dermos substrato, algo palpável para o povo se apoiar. Os demônios se encarregam disso. Não há ciência e tecnologia que se sobreponha ao insobrepujável. Com certeza este não é o caminho. Nada tem um sabor mais doce do que o inexplicável! — Disse Zórdico.

— É deitar e rolar!

— Você captou bem o cerne da questão! As próprias Entidades se incumbem de fazer perpetuar as crenças. Quer ver um exemplo simples? Pegue lá uma das suas experiências simples de colégio: uma lata vazia de óleo é esquentada no fogo. O que acontece? O ar quente se expande e vai para fora da lata. Aí você

tapa o orifício da lata com um palitinho e imediatamente coloca-a debaixo da torneira. O grande fenômeno: a lata amassa inteirinha. Porque a pressão é maior fora da lata do que dentro. Mas mostra isso para alguém que não entende! "Nossa, como você fez isso?". E você responde: "*Eu* não fiz nada... foram os espíritos!". Deu pra entender? As crendices funcionam na mesma linha. Mas a explicação por trás de toda uma montoeira de fenômenos inexplicáveis é uma só: os demônios armam o palco e as pessoas acreditam. Funciona como a pessoa que não sabe porque a lata amassou. E a partir daí começam uma série de doutrinas falsas. E uma casta específica de demônios fica incumbida de fazer com que o equívoco não se desfaça. A inteligência das Entidades é muito maior do que a inteligência humana! Mas hoje em dia, com a organização da Irmandade, se for necessário podemos ajudar nesse processo.

— Sério?! Isso pode acontecer?

— Sim, é fácil infiltrar alguém dentro de qualquer doutrina para facilitar o engano e desviar ainda mais da verdade. A Verdade de Deus é diferente da verdade suprema de Lucifér! Por exemplo, veja o Ariel: ele trabalha dentro do Espiritismo. Você e eu sabemos que ele não é espírita, é Satanista. Mas ele está propositalmente colocado como um instrumento que atua seguindo as orientações das Entidades que o acompanham. Isto é ainda mais palpável e mais poderoso para influenciar pessoas. É interessante ter Satanistas "disfarçados" em quase todos os lugares. Estes estão ali com propósitos específicos. Apenas os líderes mais proeminentes de algumas ramificações próximas a nós poderão — eventualmente — saber a verdade sobre isso.

Fiquei pensativo. E depois voltei à questão dos mitos culturais.

— Isto me faz lembrar o ritual zumbi de certa tribo africana. A tribo vodu. Eles produzem um pó onde vai de tudo, até raspa de crânio. Tem todo um ritual só para fazer o pó. A substância ativa dele é o tetradoxeno, extraído das vísceras de um tipo de sapo. Esta droga causa um bloqueio da transmissão neuromuscular e uma diminuição drástica da atividade cerebral cortical e de um tal sistema reticular ativador ascendente. Em suma: o indivíduo que

entra em contato com o pó fica como morto. A partir daí, em estado cataléptico, só um eletroencefalograma para diagnosticar a vida. "Mortinho" o cara, ele é enterrado, de acordo com o rito. Só que o efeito da droga dura apenas doze horas. Aí o sujeito é desenterrado. E então começa o rito para fazer "reviver" o morto. Como o efeito já está passando, ele volta à vida mesmo. Tem todo um contexto ritualístico aí, o pajé dança com uma serpente, tem fogueira e essas coisas todas. Mas como a pessoa passou muito tempo embaixo da terra sofreu um déficit de oxigenação no cérebro, e ela volta "zumbi". O cérebro volta lesado. Existe uma explicação científica, mas as tribos acreditam que a alma da pessoa ficou aprisionada dentro de um coco. É a mesma coisa que dissemos até agora, né?

— Você está certo. E não se esqueça que os próprios zumbis são manipuláveis e podem passar a ser diretamente usados. É natural que os demônios capacitem pessoas para coisas "especiais", é assim que funciona. Só que não são *elas* que dão o comando como ocorre conosco. Nem sabem o que está acontecendo. E estes se queimam, como queimam! Mas note o principal ponto: para introduzir algo dentro de um povo, e fazer disso uma coisa bem aceita, não podemos ir de encontro às suas raízes. O interessante é simplesmente manter as aparências, isto é, as crendices, as idéias, as doutrinas, as religiões. E introduzir *elementos novos,* adaptáveis ao modo de pensar e de enxergar o mundo daquela gente. Assim temos certeza de que serão plenamente bem digeridos. Veja as próprias Artes Mágicas, por exemplo: aproveitando-se de elementos e raízes culturais próprias foram introduzidas práticas que se perpetuam até hoje. Se você pensar bem desde milhares de anos antes de Cristo, Deus já tinha dito ao Seu povo: "Não haverá entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou filha, nem adivinhador, prognosticador, agoureiro, feiticeiro, encantador, necromante, mágico, ou quem consulte os mortos...". *Sinal de que havia quem fizesse tudo isso!* Percebe?! Estas práticas existiam... e continuam existindo! E cada uma delas se originou e perpetuou com a intenção de fagocitar ou, pelo menos, influenciar a fundo uma determinada cultura ou conjunto de culturas. Os elementos falsos que vêm dos Guias também têm como base o mesmo objetivo.

— Ah, é mesmo. A Verdade plena é um privilégio dos filhos

do Fogo. Mas você falou em ramificações próximas da Irmandade?!... Mas o que são essas ramificações?

— Doutrinas falsas cuja origem foi direcionada pelos próprios Guias. São como Braços da Irmandade.

— Mas desde a origem?! Então quer dizer que nem sempre essas falsas doutrinas partem da ignorância de pessoas que nem sonham com nada disso que comentamos até agora?

— Certamente. As doutrinas podem também partir diretamente da mente dos Guias. E difundirem-se da mesma forma que as outras. Mas alegre-se! Você foi eleito. Até Deus elegeu os seus filhos, não é isso? Está escrito.

— É!... Pôxa, legal o que você me ensinou com tudo isso. Como Lucifér sabe infiltrar-se no meio dos povos e plantar o que quer. O que é bem aceito no Oriente ou na África nem sempre, ou melhor, quase nunca tem muito respaldo aqui nas Américas, por exemplo. Mesmo assim ele consegue prevalecer tanto lá como aqui. Mas conte-me mais segredinhos! E, voltando um pouco às Artes Mágicas, como se originaram realmente?

— A origem delas, como surgiram e se espalharam, você aprenderá mais tarde. Por enquanto atenha-se ao princípio básico do seu uso. E olhe, você falou de falsas religiões, seitas, falsas crenças, e até citou o ritual zumbi. Mas nem é preciso correr até a África! Há exemplos tão palpáveis bem debaixo dos nossos olhos! Mega-exemplos! — Zórdico saboreava as palavras com o olhar brilhando de satisfação. — Você não sente o mau cheiro que vem sendo exalado de farsas *tremendas* que têm influenciado a nossa própria cultura brasileira desde há muito, muito tempo? — Olhou-me nos olhos.

Eu estava empolgado com o que acabara de ouvir.

— Mas, puxa vida, esse negócio é como... como uma doença oportunista! Vocês já ouviram falar em doenças oportunistas?

— Aquelas que se desenvolvem em um organismo debilitado, imunodeprimido? Sim, no que você está pensando? — Perguntou Marlon.

— As doenças oportunistas aparecem "do nada" e podem

virar pragas devastadoras num organismo fraco e sem defesa. Estive aqui fazendo um paralelo entre isso e o que vocês disseram sobre falsas religiões. As pessoas vazias e ignorantes, sem o conhecimento, apoiadas em práticas e conceitos que não têm fundamento, criam culturas vazias. Óbvio que não quero dizer que essas pessoas equivocadas não são inteligentes. Alguém pode ser muito inteligente e estar enganado do mesmo jeito! Certo? Mas *a cultura vazia é como um organismo imunodeprimido.* Qualquer agente externo pode entrar... e causar estragos profundos! Crescer, alastrar como câncer.

— Eu melhoraria um pouco a sua definição. Concordo com o seu exemplo, mas as pessoas são vazias por definição. Não é uma mera questão de "depressão espiritual". Perante o Reino Espiritual a Humanidade pode ser comparada a montes de "vermes". Em termos de potencialidade. Só existem duas raças puras, como você sabe.

— Os Filhos de Deus e os filhos de Lucifér.

— Isso. O que passar disto entra no contingente dos "imunodeprimidos". Dos órfãos! Os filhos de Lucifér somos nós, os que fazemos parte da Irmandade e os que estão em posições muito altas nos braços mais próximos. Os Filhos de Deus... — E o semblante de Marlon carregou-se um pouco. — ...são os verdadeiros Cristãos. Apenas nós...e eles... temos alguma possibilidade de deixarmos de ser "vermes"! Não me entendam mal! — E riu.

— Muitos se dizem Cristãos... — Observou Thalya que escutava quieta até então, entretida com o seu *fusilli.*

— Muitos *se dizem,* mas não são! — Retruquei, convicto por experiência própria. — A maioria não conhece o Reino e nem o Deus a quem julgam servir.

— De fato não são muitos. — Tornou Zórdico. — E Deus lá sabe atrair e manter o Seu Povo?! Nós dominamos a Terra e estes Cristãozinhos que esperem porque em breve serão totalmente esmagados.

— O Rillian falou há pouco em coisas que alastram como

câncer. — Começou Rúbia, entrando na conversa também. — Eu gostei do exemplo. Você tem razão! O câncer corrói e enfraquece o hospedeiro. Algumas religiões falsas foram tão bem introduzidas que se tornaram como tumores que engolfam tudo o que vêem pela frente, destroem, necrosam, fedem! — Ela deu umas pancadinhas sobre a mesa. — Há culturas e povos completamente necrosados e prontos para irem feder na caldeira!!!

Ela e Thalya deram risada de novo, juntas, falando besteiras sobre como seria fazer churrasco de "órfãos".

— É verdade! Tudo isso é uma verdadeira podridão. — Ariel estava apoiado confortavelmente no espaldar da cadeira, rodando de leve os cubos de gelo do seu whisky.

Eu também rodei meus cubos de gelo. A coca-cola borbulhava no copo alto e a película esbranquiçada do limão podia ser vista nas bordas.

Aquele desvendar tinha me fascinado completamente. A sabedoria de Lucifér era incomparável, quanta astúcia em enredar o ser humano integralmente. Oferecendo milhares de caminhos diferentes para serem escolhidos, aparentemente todos bons... e todos levando para um só lugar: longe de Deus! Lucifér tinha provado — e continua provando — que deu de "mil a zero" em Deus! Deus ofereceu apenas um Caminho para que o Seu povo possa chegar a Ele. Através Daquele que evitávamos até pronunciar o Nome, Daquele que foi pregado na Cruz...

Mas meu pai, ah, que sabedoria! Que gosto em falar! Todos os outros caminhos estão a seu serviço, para engrossar as suas fileiras, fazer prevalecer o seu reino.

— Estive pesquisando um pouco sobre as origens de algumas religiões brasileiras, como vocês comentaram agora há pouco. Mas realmente, não tive muito tempo...

Foi a vez de Zórdico me interromper.

— Rillian, você vai aprender tudo isto no devido tempo. Estudar em livros escritos por homens aquilo que Lucifér faz não vai elucidar o seu caminho. Poupe seu esforço e concentre-o por hora em coisas mais urgentes. É admirável o seu desejo de

aprender, mas poupe-se de estudar o material errado.

— Sim, eu sei que vou aprender. Mas eu queria saber um pouco da origem das principais linhas. Algumas são como os tumores que acabamos de falar... doutrinas tão arraigadas... tão incrustadas!

— Bem, meu querido... — Zórdico às vezes me tratava assim. — Seja paciente. Por hora, junte as peças do seu quebra-cabeça: a raiz africana veio com os escravos. Foi modificada pela fusão com as culturas indígenas e a herança européia dos colonizadores do novo mundo. O que existe hoje é o produto disto tudo no hospedeiro brasileiro — uma mistura de índios, negros e brancos. Que é o povo brasileiro senão a mistura de raças e culturas diferentes? A miscelânea foi total. O hospedeiro foi favorável... e o processo é sempre o mesmo. Que divaguem!

Hoje o Brasil está totalmente tomado e sabemos que quase todas as religiões e seitas de expressão derivam basicamente de duas linhas. De repente a conversa passou a ficar tão engraçada!... Marlon já não conseguia falar com seriedade e nem nós conseguíamos ouvi-lo sem que sorrisos caçoístas brotassem em nossos lábios. Zórdico não ficava atrás. Thalya e Rúbia riam já às gargalhadas e Ariel não parecia mais tão entretido no whisky:

— Como o povo é idiota! O "legado" espírita é um dos melhores! Cada coisa que eu vejo acontecer! — Ele melhor do que ninguém podia saber disso.— Deus proibiu e condenou o acesso aos mortos. Mas naturalmente que os "mortos" falam...

— Mas não os mortos que eles estão pensando! — Exclamei de sopetão.

— Sim. — Fez Zórdico. — Os "mortos" a que Deus se refere são os anjos expulsos de sua presença, nossos aliados. É claro que Ele proibiu esta comunicação. Afinal, as Entidades são detentoras de informações que Deus deseja omitir ou ocultar muitas vezes. Deus é contra o conhecimento vindo das Entidades espirituais. Aliás, ao que parece Ele é contra todo e qualquer conhecimento que vá além daquilo que a sua Pessoa determinar. Não fosse assim não teria proibido o homem de comer da árvore do conhecimento!

— Mas Lucifér nos dá este conhecimento. — Tornei a exclamar.

A partir daí a conversa deixou de ser "cultural" e ficamos apenas terminando o jantar e vomitando nossa indignação contra Deus. E a indigestão parecia não ter fim. Aliás... não tinha fim mesmo!

Um pouco mais de tempo e Thalya fez uma outra pergunta que nos devolveu à uma conversa puramente "séria".

— Deus tratou sua Criação de modo completamente sem lógica. Engraçado se formos pensar bem. É de se imaginar que o ato de criar o homem implicasse em dotá-lo do direito de viver a vida em plenitude. Mas Deus não deu esse direito ao homem. Por outro lado... — Thalya tinha o ar pensativo. — Sabemos que Deus criou o homem...isto é, todo homem! Inclusive nós!.... Sendo assim...

Eu ajudei a completar o pensamento:

— Realmente é estranho pensar nisso, que fomos *criados* por Deus. Marlon fez um leve murmúrio meio sarcástico, meio irônico, meneando a cabeça com desdém:

— Hum...não se deixem levar por questões tão tolas! O fato de Deus ter-nos criado a todos é de menor significado. Porque Ele equivocou-se com a Criação. "Viu que era bom", mas depois "Arrependeu-se"! Não é assim? Parece que ter criado o homem e tudo o mais na verdade não foi tão bom assim. Isto revela a natureza equivocada de Deus. Ele fez, mas depois Ele mesmo destrói.

Zórdico completou:

— Fomos criados por Deus, sim, mas um Deus... louco! É uma verdadeira *confusão!* Deus parece esquizofrênico, e em cada surto Ele muda as regras do jogo!

Marlon retomou a linha de raciocínio:

— Lucifér, muito ao contrário, sempre teve o perfil do verdadeiro deus. Ele, sim, sempre foi o mesmo ontem, hoje e sempre. E embora não possuísse ainda o poder da Criação em si, o

conhecimento da essência humana é inerente a ele. Todo ser humano tem no seu interior o lado negro, a natureza ruim que caminha paralela ao lado bom. Ainda que Lucifér não tivesse o Poder de criar o homem ele foi capaz de lançar uma semente na essência mais profunda do ser humano, na Criação de Deus. De modo que ele é parte do homem... e parte do homem é dele!

— E parece que a natureza humana busca mais ao pai Lucifér do que ao Pai Deus. Tudo funciona mais ou menos como na paternidade natural: nem sempre aquele que gera é o verdadeiro pai de uma criança. — Comentou Ariel.

Eu compreendia aquele conceito muito bem.

— Deus ficou muito aquém do esperado como "Pai". Ele gerou o homem mas teve uma atitude pouco condizente: "Bem, você está aí, gerado, à minha imagem e semelhança, mas agora, filho, a sua vida vai ser assim: você só pode andar desse lado da rua, do outro lado não pode ir. Estas árvores altas, está vendo? Você pode *olhar,* tá bem? Mas nada de subir nelas, caminhe somente no meio daqueles matinhos ali. Estas outras coisas que estão à sua volta é o seguinte: estas aqui podem ser tocadas, pode comer, cheirar, apalpar. Mas aquelas outras... nem encoste nelas! Ah, e está vendo aquela mulher ali? Ela não é pra você, não, ouviu bem? Se você quiser, Eu te dou esta aqui! E é só essa, viu?" — Marlon falava em tom debochado, ridicularizando, e arrancou risadas de todos.

— É mesmo! — Falou Thalya. — Deus impôs regras demais. Impediu o desabrochar da Sua Criação. E o homem olha para si mesmo e sente aquele vazio. "Pôxa, não tenho liberdade para nada!!!".

Rúbia foi categórica. Demonstrava alegria e alívio na voz ao comentar:

— Mas ainda bem que veio um outro... e nos adotou! Livrou-nos dos maus tratos do Pai Deus.

Zórdico escutava mas abriu a boca para comentar:

— Você está certa, Rúbia, mas não fomos "libertos" do Pai Deus... porque Ele sequer era nosso Pai! Deus agiu um pouco pior

do que isso que vocês estão falando. Ele fez mais ou menos como a mulher que está para dar à luz e, uma vez nascida a criança, joga o bebê no lixo! Na verdade, toda a Humanidade foi renegada por Ele! De repente o próprio Criador é "Pai adotivo" também! Não se fala lá na Bíblia em "Espírito de adoção"?!! E em "Enxertar a Oliveira brava na verdadeira"? Ora, se há necessidade de adoção é sinal de que os Cristãos não eram filhos *antes.* E se não eram filhos... é porque foram rejeitados! Não diz também a Palavra que "Foi-lhes dado o poder de serem feitos filhos de Deus"? A Humanidade foi rejeitada por causa da semente de Lucifér. Por terem desejado ser livres, por terem querido sair de debaixo do jugo. Por causa de tudo aquilo que o Bode representa... e que faz parte do mais íntimo do ser humano. Mas o próprio Deus é livre! Se o homem é sua imagem — e Deus assim o fez — como fazer morrer o desejo? Como mantê-lo aprisionado? Isso não tem o menor senso de lógica! Então... pai adotivo por Pai adotivo... cada um escolhe o que desejar! Meu íntimo se revolvia, inquieto, afrontado. Zórdico tinha razão!

— É...Deus criou tudo, fez nascer tudo.. trouxe *à luz* tudo o que existe. Mas depois, Ele só é Pai de alguns. Escolheu o povinho filhinho-de-Papai, Israel, porque os demais se recusaram a seguir as Suas regrinhas. Só que uma parte destes excluídos teve o privilégio de ser adotada por um verdadeiro pai. Deus escolheu alguns... Lucifér também! E nós somos os seus "queridinhos"! E ele é o que é, sempre! O que supre, sustenta, que dá a liberdade de agir, de atingir o conhecimento e a liberdade, a plenitude verdadeira.

Ariel completou:

— Esta vida é um momento sublime no meio da Eternidade, e tem que ser completamente aproveitada. Para que submeter-se à castração Divina? Se Lucifér tem tudo o que precisamos para sermos felizes?

Decididamente eu estava mesmo no lugar certo. Que reino impressionante Lucifér tinha construído. Que domínio das circunstâncias, que Poder, que *visão!!!*

Foi aí que reparei em dois casais conversando em uma mesa mais ou menos próxima. Estavam em clima bem romântico mas um

dos rapazes era daquele tipo intragável: "Sou o tal". Fazia a maior pose na frente das moças. O mais perfeito "mauricinho". Estava escrito na cara e no jeito dele.

Naquela noite nós estávamos conversando num belíssimo restaurante muito grã fino. Afinal eu e Thalya tínhamos que ter *aonde* usar as nossas roupas sociais. Então, depois dos estudos, Zórdico havia sugerido nos levar para conhecer um lugar realmente decente.

Eu tinha ficado um bom tempo de queixo caído com o restaurante. Thalya também. Espaçoso, luxuosíssimo, o maitre só faltava nos carregar no colo. À meia-luz tocava sempre ao vivo um piano acompanhado por um quarteto de cordas. E as pessoas desfilavam recendendo a dinheiro.

Mas realmente eu me impliquei com o sujeito na outra mesa.

— Que cara mais metido aquele ali. Olha só, Tassa, ele se acha o gostosão!

— Como tem gente besta nesse mundo! — Retrucou ela observando também. — E que cara de *idiota* ele tem!

Marlon foi o primeiro a sugerir, discreto, sem olhar muito na direção dele:

— E vocês não querem fazer ele passar uma vergonha qualquer? — Vergonha?!

Eu pensei em tudo, menos em usar algum Feitiço. Mesmo porque nós praticamente nem sabíamos como fazer um. Eu poderia soltar um "pum" perto deles.

Ou Thalya podia fazer a cena completa:

— Quer dizer que você anda me traindo, é? E essa é a vagabunda da sua *outra* namorada?!

Eu e ela imediatamente nos entreolhamos com os semblantes brilhando e a mente dando voltas. Mas Zórdico adivinhou o rumo dos nossos pensamentos:

— Não! Não, crianças! O que vocês estão maquinando? Vocês são filhos do Fogo, usem o Poder. Os Guias trabalham pra

vocês

— Usar o Poder?! Mas como? — Indaguei.

— Peça para Abraxas.

— Se eu fizer um encantamento eu posso matar ele? — Perguntei cheio de curiosidade.

— Bom, até poderia. Mas não é ainda o momento disso. Não precisa matar o cara, né? Faça algo melhor. Faça ele passar um belo constrangimento.

Olhei de novo na direção dele. Ele rodava a taça de vinho nas mãos. Que maneira tola de insinuar o óbvio. Fazia até contorcionismos com o pulso.

— Será que eu posso fazer aquela taça explodir? O que você acha, Marlon?

— Não custa tentar!

Todos olhavam para nós. Era bem claro que eles queriam ver a gente se divertir um pouco. Ninguém se ofereceu para fazer nada em nosso lugar.

Eu não sabia muito, nem sabia direito como fazer. Mas tinham dito que eu e Thalya juntos teríamos mais Poder. Então me decidi, peguei a mão dela e disse:

— Tassa, pede junto comigo. Pede para Thorzzodú ao mesmo tempo que eu peço para Abraxas. Vamos fazer aquela taça explodir!

E na minha cabeça eu já via mesmo aquilo arrebentando em mil pedaços, voando caco de vidro na cara dele. Pedimos e esperamos. Não aconteceu nada nos primeiros instantes. Eu dei uma olhadinha para Zórdico. Mas ele já estava olhando pra mim. Então fez um gesto rápido apontando para o rapaz:

— Olhe!

E então imediatamente vi a taça partir-se em duas. A metade perto dele caiu inteira sobre a roupa e ensopou de vinho a camisa branca. Mais que depressa ele apertou o dedo na gravata para tentar fazer estancar o sangue que escorria de um talho. Depois viu o

guardanapo e enrolou o dedo apertado nele. O pessoal do restaurante acudiu para saber o que tinha acontecido.

Thalya não se controlava. Ria alto e compulsivamente. Eu ri também, mas não tanto quanto ela. Os demais mantiveram a linha. Não ficava bem nós rirmos demais.

— Uau! Nós fizemos isso?!! — E eu olhava para Thalya.

Ela estava mais entusiasmada do que eu e procurava com os olhos mais alguém pelo restaurante.

— Olha, Rillian, olha aquela mulher ali! Vamos explodir a taça dela também?

— É isso aí, vamos fazer explodir todas as taças do restaurante!

Deram risada e disseram:

— Chega de brincadeira por hoje. Vocês podem usar o Poder, mas não ostensivamente.

Nós assentimos e nos acalmamos. Passamos a conversar de outras coisas depois que esgotamos o assunto da taça. Eu continuava olhando e olhando o ambiente.

— Puxa, esse restaurante deve ser o melhor lugar do Brasil!

— Não. Não é. No exterior, inclusive, tem coisa melhor ainda. Você vai conhecer! No tempo certo!

***

Capítulo 14

Certa noite Marlon puxou a mim e Thalya de lado na reunião do Grupo e falou, animado, com a expressão do rosto muito característica: tinha algo de novo a nos contar!

— A partir de agora vocês dois devem oferecer um Rito só entre vocês! — Explicou.

E começou a nos dar todas as orientações necessárias para que pudéssemos fazer o Ritual juntos. Até aquele momento eu tinha oferecido o meu, e Thalya o dela. Mas agora teríamos por obrigação um ato cerimonial conjunto no último sábado de cada mês.

Era relativamente rápido e simples. Fazíamos no porão de minha casa antes de nos encontrarmos com Marlon para ir ao Ritual de Celebração da Irmandade. Não durava mais do que quinze minutos.

Aquele processo tinha por objetivo reforçar a nossa aliança um com o outro, era um símbolo da minha união com Thalya. Mas não somente isso. Era também a celebração da nossa união como casal perante as Entidades. Visava desenvolver um *feeling* todo especial entre nós como almas gêmeas, como dois seres que se complementam e que, juntos, oferecem algo aceitável diante dos demônios.

Deveríamos praticar para que, em tempo oportuno, nossos poderes viessem de fato a se unir para finalidades comuns que vão além da mera celebração.

Os elementos usados não eram muitos: o Pentagrama, incenso, algumas ervas. Nem se faziam necessárias as velas. Elas tinham um contexto mais individual. Devíamos também utilizar uma roupa especial, um manto semelhante ao que tinha sido utilizado no Rito de Iniciação. Este era permitido ter em casa.

A primeira vez que celebramos a nossa união meus pais não estavam em casa. Tinham saído para a Formatura de ginásio de meu irmão Roberto. Não havia muita novidade além do fato de termos que fazer tudo a dois, mas estávamos tranqüilos. Era gostoso nos juntarmos para isso. Tantas eram as promessas!

Entoamos os mantras e os encantamentos alternadamente, e depois em coro, posicionados sobre o Pentagrama. Os incensos aromáticos já tinham perfumado o ambiente calmo e silencioso. Tomamos as alianças e as colocamos numa taça de ouro. Esta taça também tinha sido fornecida para aquele fim. Tinha um formato estranho, com duas asas laterais e três pedras vermelhas incrustadas formando um triângulo.

O simbolismo era simples mas profundo.

Usando a pequena lanceta de ouro perfuramos os nossos dedos. Gotejamos sobre as alianças. Uma mistura de cor forte e sabor como de vinho tinto foi colocado para completar a taça. A presença dos Guias era forte, completamente palpável, e uma sensação muito profunda de alegria nos invadia.

E bebemos ambos daquela bebida. Era uma união de sangue. Uma aliança de sangue! Algo de profundo valor, que não seria desfeito.

Nos abraçamos ao final, unindo fortemente as nossas mãos num gesto simbólico.

— Poder à força! — Eu disse.

— Morte aos fracos! — Veio Thalya em resposta.

***

Cada vez mais Thalya e eu tínhamos consciência — e desejo — de estarmos juntos. Eu fazia parte dela e ela fazia parte de mim de uma forma que já não seria possível com mais ninguém.

Numa ocasião pude comprovar claramente que idéias apenas induzidas podem concretizar-se de fato. E isso veio a fazer com que eu e ela estivéssemos mais juntos do que nunca também na *Canion Tower*.

Fazia já alguns meses que eu estava no setor de Câmbio. O Marcos tinha tido um sarampo muito complicado, acabou tendo infecções e foi obrigado a sair por mais tempo do que o previsto. Depois passou pela perícia médica e foi afastado em licença, nem sei por quê. Fato é que não iria voltar tão cedo. A vaga dele continuava existindo, mas alguém tinha que fazer o serviço.

Realmente agora a rotina me era quase totalmente familiar e eu podia perfeitamente me virar sozinho. Às vezes discutia um pouco com a Malú, debatendo possibilidades. Mas já nos tratávamos de igual para igual.

Como eu estava lá, e a Gerência tinha se alegrado muito

comigo... acabei ficando por lá mesmo! *Efetivamente* como Técnico de Câmbio! Mas com isso Thalya ficou muito defasada em relação a mim. Aquilo tinha que mudar em breve.

Malú sentava-se bem atrás de mim. O departamento do Câmbio era todo assim, com duas fileiras paralelas de mesas individuais, uma atrás da outra. Bastava girar a cadeira e podíamos discutir à vontade sobre o serviço ou outra coisa (às vezes era mais sobre outras coisas). Certa ocasião reparei que ela usava uma aliança na mão direita.

— Ah, você é noiva, heim? — Comentei. — E quando é que casa? Malú devia ter uns 23, 24 anos:

— Bom, se tudo der certo, quem sabe lá para o final do ano. Já temos até uma data em mente, mas precisamos juntar dinheiro. O dinheiro é o que pesa, por isso não deu certo o casamento ainda. Mas, se Deus quiser...

— Hoje em dia casar consome grana à beca!

— E você, não casa?

— Bem depois dos vinte, com certeza! É cedo! — E dei risada. — Posso ver a sua mão? Já te dou umas dicas sobre você e esse seu casamento.

Alguns dias antes Abraxas tinha me falado algo que adorei ouvir:

— Thalya tem que estar sentada na cadeira dela. Esta mulher vai sair daqui. Aquilo me acendeu. Não poderia haver nada melhor. Mas o que ele queria dizer? Eu não sabia bem o que fazer, nem mesmo se *deveria* fazer algo. Mas quem sabe eu não podia ajudar a antecipar aquele tempo?! Parecia tão improvável... mas se ele dissera, haveria de ser.

Ela me olhou um pouco antes de estender a mão.

— Andaram comentando que você sabe ler a sorte... Devolvi o olhar sem pestanejar:

— E você não quer experimentar?

— Pois é, que mal faz, né? Vamos lá! — Ela se acomodou na

cadeira, dando de ombros, e estendeu-me a mão com um sorriso. — Me diz o que você está vendo aí.

Olhei, vi as linhas, observei mais um pouco e então comecei.

— Pôxa, mas ele foi o seu primeiro namorado?

— Como é que você sabe?

— Bom, está aqui, né? Tá vendo? — Apontei. — Forma aqui uma única ilha, isto quer dizer que não houve outros.

Malú gostou e se acomodou melhor.

— Que mais?

— Vocês devem estar juntos há bastante tempo, deixa ver... uns cinco anos!

— É verdade! Quatro e meio!

— Mas vamos começar por essa linha aqui, ela mostra vários aspectos da sua personalidade!

E fui falando, explicando o por quê de cada dado novo que eu ia acrescentando. E Malú se encantava!

— Uau! Aonde foi que você aprendeu isso?!!

— Foi na Rosa Cruz. É muito interessante.

Resolvi arriscar. Continuei olhando a mão dela e voltei a falar do relacionamento com o noivo:

— Mas estou vendo aqui que você casa *mesmo* este ano! Vou te dizer uma coisa...

A confiança dela já estava ganha mesmo. Talvez eu pudesse criar alguma predisposição, influenciá-la. No meio de todas aquelas coisas verdadeiras que eu já tinha visto poderia introduzir sugestões facilitadoras. Que desabrochariam em futuro próximo. E ainda que agora eu não mais estivesse vendo nada, fui falando. Com o mesmo jeito cativante, procurei a brecha certa para entrar:

— E qual é seu signo?

— Aquário.

— Aquário! Aquário é sonhador... mas, sabe, às vezes o

aquariano fica muito preso apenas nos sonhos, não luta para concretizá-los. Fica como que "preso" dentro do aquário. E é preciso conhecer... o mar! O mar está aí para ser conquistado e somente os corajosos trocam o aquário, aparentemente seguro, pelo mar. E o seu noivo? Que signo é o dele?

— Ele é de câncer!

— Pôxa, que bom, os dois estão associados à água! Vocês estão muito bem, o relacionamento tem muita chance de dar certo quando é assim. Vocês realmente vão casar este ano! Ele é o homem certo para você.

Observei melhor e aí comecei a avançar realmente na direção que eu queria:

— Vejo aqui algumas coisas a nível profissional para você... estas linhas estão me dizendo que você não vai ficar muito tempo aqui na *Canion*, não! Este não é o seu lugar.

Malú mantinha a mão estendida acomodada na minha e apoiou a cabeça levemente inclinada na outra mão. E sussurrou:

— Sabe que eu já pensei mesmo nisso? Porque depois que eu casar... vai ficar mais difícil, talvez vá morar longe. Mas eu fico pensando: viver só dentro de casa não vai ser bom também.

— Sim, com certeza. Este marasmo não se adapta à você. Mas eu vejo também outros talentos. Coisas que estão ocultas, escondidas, amortecidas... — Continuei cutucando. — É tão claro! Tem outras coisas que você gosta de fazer!

— É...tem razão, eu gosto muito de pintura mas acho que eu não faço isso muito bem. Só de *hobbie* mesmo!

Bingo!!

— Mas não é isso que vejo aqui, dona moça! Você tem uma veia artística muito forte. Mas é aquele lance de ficar presa dentro do aquário e se contentar com isso. É que você nunca tentou arriscar e seguir este impulso que está adormecido. Ele pode acordar! Estas linhas são um reflexo daquilo que você pode conquistar... se for em direção ao mar! O aquariano sonha...mas nunca faz nada para que o sonho se transforme em realidade.

Malú ouvia profundamente interessada. Eu a olhava firme, dentro dos olhos.

— Lembra disso: *você* é capaz de escrever o seu próprio destino. *Você é* a escritora do livro da sua vida! Sabe, se alguém gosta de drama, vai viver um drama. Se gosta de terror, vai viver terror. Se gosta de tristeza, se não acredita que felicidade existe de fato... vai realmente ser infeliz toda a vida. E você... você gosta de romance... — Aquilo era tão primário! Toda mulher gosta de romance. — Viva o seu romance. Aproveite-o! Escreva-o! Viva cada página da sua vida com intensidade e paixão, saboreando as delícias dela e a alegria de poder ser livre! Não coloque e não aceite fronteiras, limites, empecilhos. Descubra o seu Potencial.

Apertei levemente a mão dela, à guisa de solidariedade e incentivo. Eu me empolgava ao ver a reação positiva dela. Continuei dando corda:

— Acredite no sonho... acredite nele e você vai pular fora desse aquário. E vai ter o mar à sua frente! Descobrirá coisas novas, a rotina deixará de ser tão enfadonha. Você não vai mais ver aquelas coisinhas de sempre, no fundo do aquário. Vou fazer a sua numerologia! Me responda algumas perguntinhas...

E fiz. Malú inclinava-se sobre a mesa, na minha direção, embevecida, satisfeita.

— O que você está falando tem tudo a ver comigo! — Comentava ela, enquanto eu rabiscava os cálculos rapidamente. — É que é tão difícil ir contra a sensação do "dever", sabe?

Observei pela tabela numerológica que submissão era um traço característico dela. Mesmo assim continuei investindo e falei uma interpretação diferente dos números.

— Vejo que você realmente é amante da liberdade! Os números completam de forma mais profunda o que eu já disse. E você tem um lado emotivo muito forte que, associado à sua sensibilidade, formam um alicerce para que você possa construir grandes coisas na área artística.

Eu olhava de soslaio para ela de vez em vez e observava um brilho crescente no rosto dela. Sabia que as Entidades deviam estar

à volta, endossando o que eu dizia. Malú realmente ia se animando a olhos vistos e vi que a semente estava caindo em solo fértil. Estava plantado. No devido tempo frutificaria.

Se fosse necessário Abraxas designaria demônios para acompanhá-la, influenciá-la mais ainda, direcioná-la naquela direção, ajeitar as circunstâncias. Até mesmo seria destacada outra pessoa diferente para dizer as mesmas coisas, em ocasião subseqüente, se houvesse proveito. A única coisa que Abraxas me disse ali na hora foi simples:

— Toque sua mão de leve nos cabelos dela.

Fiz o que ele dizia, sem questionar. Malú estremeceu involuntariamente mas recompôs-se logo. Eu sabia que tinha atingido o meu objetivo.

— Mas você está dizendo para eu me rebelar com tudo, então? — Ela tentou questionar um pouco, falou brincando, mas senti uma ponta de verdade no que ela dizia.

— De modo nenhum. Eu não estou dizendo para você fazer nada, estou simplesmente *vendo* você através das ferramentas que eu tenho. Mas já que você falou em rebelar-se... não é uma rebeldia em relação ao sistema! É mais profundo do que isso, é um rebelar-se contra a *sua própria natureza* acomodada! Compreende? Seu maior inimigo é você mesma e não o mundo à sua volta. Vencer a si mesmo nos leva a dar um avanço muito grande! — Continuei elogiando-a e por fim falei novamente, desta vez de forma bastante enfática. — Seu lugar não é aqui! Você não nasceu para ficar amarrada numa mesa de escritório, fazendo este serviço idiota!

Malú inspirou fundo, convencida de muita coisa, eu sabia:

— E você? — Redargüiu ela. — Com todo esse potencial que você tem, tão inteligente, falando tão bem...será que este é o seu lugar?

— Mas eu entrei agora, né? Entrei como auxiliar administrativo mas já estou fazendo o serviço de Técnico de Câmbio. Isto significa que estou crescendo! O que é progresso? Progresso é um vetor crescente, não é? Quando eu deixar de ver horizontes aqui realmente é hora de mudar de rumo. A essência da

natureza humana é assim mesmo. Do mesmo jeito que a árvore cresce para cima buscando cada vez mais alcançar o céu... esse também é o desejo do ser humano! Dei um leve tapinha na mão dela:

— Vá lá! Escreva uma página da sua história. Seja produtora, diretora, figurinista e — principalmente — *a atriz principal.* Quer coisa melhor do que isso?!! — Estalei os dedos. — Só que enquanto isso não acontece, vamos trabalhando, né?

E Malú ficou mesmo pensando naquilo.

***

Mais tarde comentei com Marlon:

— Olha, eu falei um bocado de coisas para a Malú, aquela moça que trabalha comigo. E pelo jeito está mesmo criada uma disposição diferente nela! — Expliquei o contexto. — Ela ficou super influenciada, Marlon. O que você acha?

— A palavra tem muito Poder. Especialmente aquela que sai da *nossa boca.* Pode ter certeza de que algo vai acontecer!

— Abraxas me disse que ela vai sair de lá!

— Não se preocupe. As Entidades vão se incumbir de continuar fazendo a cabeça dela, darão ordenanças para que isso se cumpra. Tanto Abraxas quanto Thorzzodú sabem que vocês dois devem andar lado a lado. Já comentou com Tassa sobre isso?

— De leve.

— Alguma coisa vai acontecer. Aguarde o tempo certo!

— Vou continuar trabalhando neste sentido. Pelo menos no que eu puder fazer...

Marlon sorriu, devolvendo um olhar significativo, satisfeito porque aprendíamos com rapidez. Aqueles meses após a Iniciação tinham transformado profundamente as nossas vidas em *todos* os aspectos. E isto era apenas o começo!

As semanas passaram rápidas e Malú começou a ficar sobrecarregada de serviço. O fim do ano estava próximo e havia

muito o que acertar sobre o casamento. Ela e o noivo tinham desistido de labutar por mais dinheiro extra e consolidado a data. Mas havia vezes em que Malú chegava atrasada e outras em que precisava sair mais cedo. E se atrapalhava com tudo.

— Você não quer ajuda, Malú? — Sugeri certo dia. — Tem uma moça amiga minha que é assistente e sabe bastante. Você talvez possa solicitá-la para que ela te ajude um pouco no serviço!

— Edu, talvez seja mesmo a solução, por que não pensei nisso antes? Pôxa, será que daria para você ver isso pra mim? Estou atarefadíssima agora!

Não esperei outra ordem e fui direto ao Supervisor de Thalya.

— Hum. — Disse-me ele. — Não sei se vai dar para liberar a moça agora. Mas vou ver o que dá pra fazer.

E tudo aconteceu sem a menor oposição de ninguém, "lisinho"! No mesmo dia, no fim da tarde, ele ligou de volta.

— Vamos fazer assim? Todas as manhãs ela fica aí no Câmbio com a Malú. De tarde volta para o nosso setor, combinado?

Combinadíssimo!

E foi assim. Thalya, toda compenetrada, aprendia e ajudava Malú. Depois do almoço dava um "adeusinho" e voltava à sua antiga função. Foi bastante divertido, não resta dúvida. Thalya zanzava por ali a manhã inteira, atarefada e risonha, e eu acabava virado para trás bem mais do que de costume.

Apesar de haver muito trabalho era uma alegria o tempo todo, eu e Thalya vivíamos rindo e animando todo o setor. Malú também ria por qualquer coisa e estava muito satisfeita em trabalhar conosco. Trabalhávamos mais em trio do que individualmente, todo o serviço era dividido e feito em conjunto.

Até para almoçar estávamos sempre juntos. Thalya perguntava do casamento, incentivava, dava palpites, sugestões, olhava junto revistas de noivas. Malú nos considerava seus amigos. Pena que nós fôssemos de fato "amiguinhos-da-onça". Sutilmente, nos bastidores éramos nós dois contra ela. Já tinha sido introjetado

dentro de nós o princípio de que não existe amizade, compaixão ou consideração fora dos limites da Irmandade. O que passava disso era puro jogo de interesses.

Coitada da Malú! Às vezes eu tinha um pouco de dó, mas Thalya não estava nem aí. Era mais cruel. Mas até que eu me divertia com as suas pequenas maldades, e até endossava-as. Certa ocasião, durante o almoço, Thalya estava sentada ao lado de Malú e diante de mim. Então, do nada, no meio da conversa, Thalya estendeu a mão aberta sobre o prato de Malú, como quem sente o vapor, e perguntou:

— Está quente a sua comida? — E pronunciou alto e rápido algumas palavras de encantamento que eu compreendi muito bem, mas que deixou a pobre Malú a ver navios.

— Ué? O que é isso que você está falando? — Malú sorria. — Está enrolando a língua, é, menina?

Thalya tinha fama de ser muito impulsiva, espevitada. E meio "louquinha", no bom sentido. Por isso Malú não ligou quando veio a resposta:

— Isso foi um palavrão em aramaico! — E ria, ria. Volta e meia olhava para mim como quem diz: "Vamos ver se vai funcionar!".

Era só brincadeira, para variar. Mas senti a mão de Thalya que procurava a minha por baixo da mesa:

— Só para garantir, Edu, vai! — Exclamou ela, divertindo-se a valer.

Estendi a mão sobre o prato da Malú repetindo as mesmas palavras.

— Ué! Você também fala palavrão em aramaico? — Malú tomou um gole de suco e virou-se para conversar com alguém do outro lado.

Ela nem estava ligando muito para nós. Sabia que quando baixava a "hora da bobeira" podia desistir de arrancar de nós alguma atitude coerente. No entender dela nós "éramos assim mesmo".

Mas o fato é que eu e Thalya estávamos ainda naquela fase de êxtase com aquele vislumbrar do Poder. O início do Poder. Estávamos começando a aprender alguns Feitiços e era sempre muito engraçado ver pessoas caindo da escada, vomitando, tendo dores de cabeça, machucando-se com ferimentos leves.

— Será que vai funcionar? — Perguntou Thalya.

— Acho que vai, né? Sempre funciona!

Havia um regozijo íntimo em provocar a maldade. Thalya em especial revelou-se muito má. Mas eu já tinha aprendido que as mulheres são assim mesmo. Podem ser piores do que os homens. Quando são boas, são boas de verdade, abnegadas e abençoadoras. Mas quando estão em aliança com as Trevas tornam-se instrumentos muito fortes também.

Mulheres são assim. Ou santas, ou demoníacas, tanto usadas para a bênção como para a desgraça; tanto podem gerar vida... como matar!

O almoço terminou e subimos de volta para o departamento. Durante a tarde nada aconteceu. Foi só lá pelas quatro que começou.

— Puxa, meu estômago está doendo já faz tempo... — Reclamou a Malú de repente, meio pálida e com as mãos frias. — Mas está piorando. Será que foi a comida? Vocês estão bem?

Eu e Thalya confirmamos:

— Estamos bem, sim.

— Melhor você ir até a enfermaria se não melhorar, né? — Fez Thalya com ar "preocupado".

E a Malú não melhorou mesmo. Continuou com dores, vomitou um pouco, teve que sair mais cedo. Mas só. No dia seguinte já estava bem.

Alguns dias depois desse episódio, empolgados com o primeiro sucesso, tentamos fazer algo que viesse de fato a desestruturar a Malú. Quem sabe ela não dava no pé de uma vez por todas?!?

E durante o nosso Rito a dois tentamos pedir aos Guias que dessem um jeito para que isso acontecesse. Mas nem eu e nem ela tínhamos a menor noção de *como* fazer um Feitiço de maiores proporções. Esses conhecimentos viriam, mas não tinham ainda chegado.

E realmente não adiantou fazer o Feitiço do "nosso jeito". Nada aconteceu.

— Pôxa, mas o Marlon *disse* que algo ia acontecer! — Reclamei com Thalya. — Que eu tinha que esperar o tempo certo, que Abraxas e Thorzzodú fariam o resto. Mas já se passaram semanas, está demorando e nós não conseguimos resolver essa parada sozinhos.

Hoje tenho cá comigo que a demora dos demônios tinha sido proposital. Para que almejássemos ainda mais o Poder pleno. Porque naquela altura, como simples Iniciados no Satanismo, realmente era muito pouco o que podíamos fazer sozinhos. Só mesmo as dores de cabeça, os vômitos e os machucados de sempre.

Quando havia necessidade de algo maior era necessário que se recorresse a alguém.

— Vou ter que falar com Marlon. Ou Zórdico. Ou você poderia pedir à Rúbia! No dia do Ritual da Irmandade fui direto em Marlon.

— Acho que nós estamos fazendo alguma coisa errada. Está demorando para acontecer.

Contei como tínhamos feito o Feitiço. Marlon riu, desta vez muito paternal:

— Nãããão... não é assim que faz, meu filho! Vocês não sabem fazer ainda. Não é desse jeito que se lida com situações desse tipo!... Vá lá! Qual é o nome completo dela?

De posse dos dados, Marlon tornou a sorrir. Thalya já tinha grudado perto de nós e olhava para ele com olhos grandes.

— Podem ficar descansados, crianças...! Vai ser como vocês querem. Depois de alguns dias, Malú adoeceu. De leve, é verdade, teve algo como uma virose que a afastou por vários dias. Mas não

sei o que deu nela, resolveram antecipar o casamento. Uma atitude totalmente inusitada. Malú veio alguns dias, faltou outros e, em poucas semanas, no princípio de dezembro, casou-se. Ficou fora todo o período da Lua-de-Mel e também tirou as férias atrasadas, quase um mês e meio longe do setor.

Todo esse tempo Thalya ficou em tempo integral no lugar dela, vigiada de perto pelo Supervisor do Câmbio. Terminado o tempo de afastamento de Malú, afinal de contas ela não voltou. Simplesmente ligou para nós à guisa de despedida:

— Sabe que que é? Estou a fim de curtir o casamento! — Disse-me ela ao telefone. — Mande um abração para o pessoal! E, olhe, Edu, obrigada mesmo por tudo, foi muito importante o que você falou. Me fez pensar e vejo agora com mais clareza. Sei que o meu caminho é outro. Não quero continuar nesse emprego. Toda sorte pra você! Quem sabe a gente não se cruza ainda por aí?

Felicitações de ambas as partes, desliguei o telefone e contei para Thalya em primeira mão.

E ficou a vaga. E Thalya ocupou a vaga. Naturalmente.

Comemoramos, e Marlon recebeu a notícia alegremente, sem qualquer espanto.

***

Depois que Thalya veio definitivamente para o meu setor vivemos um período muito gostoso a partir de então. Volta e meia ficávamos até mais tarde para "colocar em ordem" alguma bobeira. Além da hora-extra, a *Canion* pagava o jantar e o táxi. Enquanto tinha gente no departamento ficávamos por lá mesmo, mas depois saíamos para a Avenida Paulista.

Jantávamos em algum bom restaurante ali por perto. Depois de muito papo, uma sobremesa e um cafezinho pegávamos o táxi para casa. Ou, mais freqüente até nestes dias, para as Reuniões de Celebração da Irmandade.

Geralmente já estava previamente combinado um ponto de encontro com Marlon. Não era conveniente ir de táxi até a casa de

Zórdico. Ainda que ninguém tivesse falado nada explicitamente, era natural: ninguém que não pertencesse à Irmandade deveria ir até lá, parar em frente, ver o local. Ninguém que não soubesse do que se tratava. Aquele lugar não deveria ser apresentado a quem quer que fosse. Por isso sempre nos encontrávamos com Marlon antes.

Descíamos do táxi. Ele já estava à nossa espera. Entrávamos no carrão enorme, importado. Normalmente os motoristas dos táxis ficavam olhando... olhando... sem entender bem. Era engraçado!

Thalya estava feliz da vida como Técnica de Câmbio efetiva. Ela também tinha mudado muito naqueles pouco mais de nove meses desde que fôramos Iniciados.

Ainda que continuasse a brincalhona de sempre, cheia de querer fazer graça, agora eu via que minha amiga era capaz de manter-se séria e compenetrada sempre que fosse preciso. Era respeitosa com tudo o que se referisse à Irmandade, aos Ritos, aos Guias, aos nossos novos amigos. Falava de uma maneira mais adulta, não tinha medo de nada, agia sempre com determinação diante do que queria.

No entanto, assim como eu, não foi somente isto que mudou na personalidade dela. Era como se estivéssemos sendo submetidos a uma "metamorfose". Lenta ainda...mas inexorável. Na mente, nas emoções, nas ações e reações, nos propósitos de vida, na maneira de enxergar o mundo e seus habitantes.

Não haveria mais como viver a mesma vidinha de antes.

Mas não era nada que não estivéssemos dispostos a entregar.

***

Capítulo 15

A Irmandade toda se reunia de sexta para sábado e de sábado para domingo nos chamados "Encontros de Celebração". Era comemorada a nossa união com os Poderes das Trevas, nossa

gratidão por termos sido escolhidos, nosso agradecimento porque cada um de nós teria o seu lugar no reino do nosso pai.

Eu já tinha ficado muito impressionado com o número de pessoas presentes no Castelo. Mas o grupo que se reunia em São Paulo era muito expressivo também. Normalmente nos encontrávamos em cinco mil pessoas na casa de Zórdico.

De fato a Irmandade era um "corpo"! Tudo o que eu tinha escutado em teoria e nunca tinha experimentado na prática durante os meus devaneios pelas Igrejas agora estava bem diante de mim. Só que do *outro lado.* Havia realmente um profundo elo que nos unia, invisível mas palpável. As pessoas dentro do Satanismo eram unidas. "Irmandade" não era apenas um nome. Carregava um intenso significado. E verdadeiro! Pela primeira vez na vida eu me deparava com algo que... era verdadeiro.

A Irmandade parecia um formigueiro. Cada um tinha o seu papel muito bem definido e tudo funcionava perfeitamente.

Havia os Iniciados: aqueles que tinham acabado de chegar. Estes começam a ser treinados e entendem um pouco melhor como funciona o grande formigueiro do qual fazem parte agora. Como bebês, são poupados da maior parte das obrigações e dos principais Ritos que vão além dos habituais. Mas o cuidado é bastante. É fundamentada uma sólida base sobre a qual construir-se-á a longa trajetória. O tempo que se permanece como "Iniciado" varia de pessoa para pessoa. Depois disso os Iniciados tornam-se Aprendizes, ou Discipulandos. São aqueles que já conhecem um pouquinho da periferia da Magia e conseguem realizar pequenos encantamentos como os que eu e Thalya vivíamos fazendo.

O próximo patamar é o de Mago. O Mago já está mais consciente dos seus deveres e do seu chamado dentro do contexto da Irmandade. Já passou do "leitinho" inicial e é capaz de compreender melhor a Magia em si, os seus propósitos, e os *motivos* que movem o Satanismo. Mas ainda que conheça melhor a Magia isso ainda é expresso mais a nível teórico do que pratico. Não foi atingida ainda uma patente capaz de conferir um pouco de autonomia. Para os Feitiços complexos e mais poderosos faz-se necessária a dependência dos mais experientes.

Quando se atinge o patamar de Feiticeiro a coisa muda bastante de figura. Atinge-se um patamar hierárquico de bastante respeito e se está apto a lidar de forma muito mais plena com a Magia. Não somente o Feiticeiro é capaz de realizar encantamentos bastante poderosos como conhece bem a mecânica espiritual por trás destes Feitiços. Conhece o "por quê" de cada prática.

Os Feiticeiros podem ser divididos em três hierarquias: superficiais, medianos e profundos. O Poder cresce gradativamente porque as Entidades acessadas são cada vez mais poderosas. O Feiticeiro superficial atinge até o quinto patamar dimensional; os medianos, o sétimo patamar; os profundos, o nono patamar. Este é o grau máximo atingido dentro do escalão de Feiticeiro.

Depois o Feiticeiro torna-se Bruxo. É semelhante ao Feiticeiro em função, mas cresce em conhecimento e Poder.

A partir daí entra-se já na função sacerdotal. Existem também níveis a serem galgados dentro dessa classe, que se subdivide em Sacerdotes e Sumos Sacerdotes.

Os primeiros geralmente são em número de oito nas Celebrações normais. Sua função é "preparar a casa" para o recebimento do povo e das Entidades. Isto implica em chegar ao local com pelo menos três horas de antecedência. A preparação requer um sem número de detalhes que vão desde a confecção dos incensos e o preparo das ervas aromáticas, até o acendimento das velas e tochas, passando pelo preparo das bebidas, da mesa, dos instrumentos, do Pentagrama, etc.

Para isso contam com um grupo de doze auxiliares. Estes são, no mínimo, Feiticeiros.

O grau de Sumo Sacerdote é o patamar máximo atingido dentro da Irmandade. Nem todos chegarão a isso. Os Guias escolherão e apontarão quais são as pessoas que eles querem exercendo as funções sacerdotais, tanto Sacerdotes como Sumos Sacerdotes.

O Sumo Sacerdote tem por função dirigir as reuniões. O conhecimento deles é vastíssimo, conhecem muito bem todas as literaturas satânicas, todos os tipos de Rituais em pormenores,

falam fluentemente o aramaico e o latim. São os detentores dos grandes segredos, das grandes revelações de Lucifér e de Poderes indescritíveis.

A mudança de patamar hierárquico nunca é decidida pela própria pessoa e o tempo que se gasta em cada patamar pode variar bastante. Pois o reconhecimento não é humano, ao contrário, vem das Entidades. Os demônios dizem quando cada um está — ou não — apto para galgar mais um degrau. E a sinalização é feita à classe Sacerdotal, nunca diretamente ao contemplado. Então acontece a mudança de nível, sempre dentro de um contexto ritualístico específico para o novo "cargo".

A questão do chamado e do destino espiritual de cada filho do Fogo é muito singular, muito individual. Há quem não tenha sido escolhido para galgar muitos patamares hierárquicos, por exemplo. Pode-se ficar anos e anos como Feiticeiro, como Bruxo, ou até como Mago. Outras vezes, conforme haja direção de Lucifér, o crescimento é muito rápido. Alguns entrarão em contato quase que de cara com questões estratégicas. Outros nem sequer saberão dessas. Tudo depende do propósito para o qual cada um foi escolhido.

Por exemplo, no meu próprio Conselho havia de tudo um pouco: As "patentes" dos meus amigos eram várias. Górion, Naion, Surama e Ariel eram Magos. Rúbia já era Feiticeira. Aziz e Kzara também. Marlon, Egípcio e Cerdic eram Bruxos. Zórdico era Sacerdote. E eu e Thalya, Aprendizes.

A partir do grau de Feiticeiro abrem-se portas para que, se for do interesse das Entidades, a pessoa assuma mais de uma função. Há algumas outras posições que podem ser consideradas.

Os Mestres das Escolas, ou Mestres Doutrinários, é uma delas. Nessa altura eu já sabia que havia *muitas* Escolas como a que eu tinha freqüentado com Thalya. Zórdico era Sacerdote *e* Mestre Doutrinário, por exemplo. Marlon era Bruxo e estava iniciando como Mestre, mas ainda num patamar menos elevado do que o de Zórdico.

Outra posição é a dos cinco "Profetas": pessoas cuja casta demoníaca que os acompanha lhes confere uma capacidade

diferente de discernimento espiritual. Estes conseguem perceber muito facilmente quando alguém tem algum problema, e que tipo de problema. Até as coisas mais "escondidas" não permanecem ocultas diante deles. Indivíduos que estejam com dúvidas, titubeantes, tentando esconder algo não passam despercebidos. Os Profetas atuam também como sentinelas no sentido de imediatamente perceber qualquer tipo de espião ou intruso dentro da reunião.

Uma última posição é a dos Músicos que, sempre em múltiplos de nove, são responsáveis pela orquestra e pelos corais.

Eu admirava em especial o trabalho deles...! Normalmente a orquestra é bastante grande, com uma média de vinte e sete participantes, e são tocados os mais diversos instrumentos musicais. Até as coisas mais estranhas, que eu nunca vi em nenhum outro lugar fora da Irmandade. O coral também é enorme, com pelo menos cinqüenta e quatro pessoas.

As músicas e os cantos são impressionantes!!! Afinal, o pai da matéria, Lucifér, os tinha ensinado e capacitado. Uma música diferente, melodiosa, afinadíssima... maravilhosa! Ela é dita "inspirada" porque não há ensaios ou partituras a serem seguidas. Na hora da Celebração os músicos são simplesmente canalizados pelas Entidades e produzem tudo aquilo.

É como se descesse uma orquestra e um coral de uma dimensão superior e, canalizando os humanos, em sincronia com eles produzissem aquele efeito indescritível.

***

Na Celebração daquele sábado, com pontualidade impressionante iniciamos a entoação de um mantra em uníssono e, a seguir, a música começou. Estávamos alegres! Era impossível não estar alegre. Aquele tipo de Ritual acontecia todos os finais de semana.

Marlon segurou forte minha mão esquerda. Eu tomei a de Thalya. Rúbia também estava perto e aproximou-se de nós. Górion e Egípcio estavam bem à nossa frente e nos lançaram seus sorrisos.

O povo todo deu-se as mãos formando um gigantesco círculo de milhares de pessoas.

Nosso local habitual de culto era um vastíssimo salão subterrâneo em casa de Zórdico. Aquele salão me lembrava um pouco o outro, no Castelo, talvez por causa das dimensões. Mas a belíssima decoração não era muito semelhante.

O teto altíssimo era muito lindo, totalmente abobadado, e me lembrava a arquitetura das antigas catedrais góticas. Era pintado em toda a sua extensão de azul claro e desenhos de nuvens. À primeira vista eram de fato apenas nuvens; no entanto, se detida a vista por algum tempo, a figura clara e impressionante dos demônios começava a aparecer no meio daquelas nuvens, e nas *próprias nuvens.*

Havia nove pares de enormes colunas laterais unidas por arcos que se estendiam de um lado a outro do salão. Os nove pares de colunas, junto com os seus arcos, delimitavam como que nove galerias subseqüentes, a primeira perto do altar e a última próxima ao *hall* de entrada. O povo ficava acomodado nas nove galerias, sobre almofadas. Um corredor central percorria todas elas, da porta ao altar.

As colunas de mármore negro estavam envolvidas a intervalos por anéis largos de ouro, ricamente trabalhados, e com inscrições em aramaico. Os arcos, de mármore claro, também tinham inscrições em aramaico e detalhes minuciosos primorosamente entalhados.

O altar, sobre uma plataforma, ocupava toda a porção anterior do recinto.

Aquele salão era destinado apenas às Cerimônias de Celebração, de modo que não havia a região escondida pelo manto negro. (Fiquei sabendo depois que naquele recinto existe todo um aparato para lidar com o corpo do sacrifício Ritual.)

O altar tinha os mesmos elementos que eu já conhecia: a mesa de mármore negro, o candelabro de nove braços, o triângulo desenhado no chão. Na parede dos fundos do altar, vermelho-rubro sobre fundo negro, o imenso Pentagrama com o círculo ao redor e

os símbolos em cada ponta.

A iluminação ficava por conta de duas piras de fogo ao pé das escadas, mas bem menores do que a do Castelo. O resto da iluminação vinha das velas e lamparinas artificiais colocadas sobre suportes nas colunas.

A música começou leve, melodiosa. O coro entrou de manso, indescritivelmente belo. Fechei os olhos saboreando aquilo, apertei mais ainda a mão de Marlon, meu melhor amigo, e de Thalya, minha alma-gêmea. Mais do que ouvindo, fui sentindo aquela música, e ela permeava a minha alma, entrava dentro de mim. Todos começaram a acompanhar o ritmo com um balançar suave do corpo, em total sincronia.

À medida que a música fluía uma sensação de júbilo crescente foi invadindo todo o nosso ser. As melodias vão se alternando, o povo se alegra cada vez mais, riem e sorriem aberta e sinceramente. Fui-me deixando embalar, e de repente estávamos todos cantando juntos, balançando o corpo ao sabor da melodia e deixando a energia daquele ambiente entrar bem lá no fundo...

Desviei meus olhos de repente para Akilai, o gigante, nosso Sumo Sacerdote. Ele é o único que não dá as mãos para ninguém. Permanece num ritual solitário fazendo gestos e se movendo de maneira bastante peculiar, como requer o momento.

Em dado momento, ergueu bem para o alto os seus braços e mãos. Todos nós sabemos o que vem a seguir e esperamos com certa ansiedade. Akilai desceu devagar as escadas e aproximou-se dos que estavam na primeira galeria. Tocou a mão de um deles. Quase que imediatamente a sensação de descarga elétrica chegou até onde nós estávamos.

Ela vem pelas mãos e se espalha, inunda o corpo. Agradável, tênue... e então acontece aquele regozijo intenso, enquanto as sensações continuam se alternando. Frio na barriga, formigamento na cabeça; extremidades quentes, frias... quentes...!!! O coração começa a bater forte... depois diminui bruscamente o ritmo... aí acelera de novo... a respiração muda...! E sempre aquela descarga elétrica suave, impossível de nomear, produzindo uma sensação boa, quase atingindo um clímax!

Este período termina com um sinal de Akilai, o Sumo Sacerdote. Dura bastante tempo. Então todos erguemos as mãos para o alto e, juntos, nos prostramos com a testa no chão, ainda de mãos dadas, em unidade.

E então, quando erguemos o olhar... *ele* já está lá, bem atrás do Sumo Sacerdote!

***

Nem sempre Lucifér pode vir. A sua presença é muito valiosa, mas ele tem que dividir suas atenções. Eu o vi apenas algumas vezes. Na falta dele são designados outros para estarem presentes. Às vezes, um Principado. Outras vezes, Potestades. Mas nunca uma patente menor do que essa.

Naturalmente, se oferecíamos um Ritual de Celebração, a *alguém* oferecíamos. E esse era o momento deles aparecerem diante da vista de todos. Um momento muito aguardado. Éramos contemplados com a presença de demônios poderosos: Astaroth, Behemoth, Asmodeo, Bélzebu e Leviathan, por exemplo. O próprio Abraxas aparecia bastante. Mas Asmodeo era um dos que vinham, mais vezes.

Todo o povo os vê. Não é privilégio de apenas alguns. Os demônios aparecem cheios de pompa e de glória, enormes, exalando força, Poder, domínio. Algumas características individuais nos auxiliam a identificá-los. Os Principados e as Potestades sempre têm braceletes de ouro nos quais está inscrito o seu próprio emblema. Ajuda a identificar.

Asmodeo, por exemplo, tinha orelhas proeminentes e um sorriso muito simpático; louro, cabelos longos, com duas tranças ladeando a face, geralmente estava vestido com uma roupa azul de tecido acetinado. Parecia um guerreiro *viking*. Era forte, com ombros largos, e nos seus braceletes a insígnia vermelha: um "A" cortado.

Behemoth tinha aparência semelhante à de um elefante, com a pele grossa e o ventre espaçoso, as pernas lembrando as patas do elefante. Parecia animalesco, mas tinha um rosto com leves traços

humanos e características meio indianas, meio orientais. Às vezes aparecia com uma roupa que sempre me lembrava um kimono.

Astaroth variava bastante. Às vezes aparecia numa forma masculina, outras vezes numa forma feminina. Como mulher é muito bonita. Mas como homem parece um ancião. A identificação vinha através da coroa que sempre usava. A sua inscrição aparecia tanto nela quanto nos antebraços.

Bélzebu tinha o rosto que parecia uma mistura de vários animais. Tinha chifres que saíam da nuca, muito longos, como os de um touro. Abriam acima da cabeça, e brilhavam como se fossem de cristal, meio transparentes. O contorno do rosto parecia com o de um bode, mas a aparência era de homem. Os olhos eram bem profundos. Tinha o cabelo bem preto e curto, e as laterais dele misturavam com a barba. Usava um monte de colares com pedras. O punho era estranho. Parecia cercado por garras.

Leviathan já não era muito humano. Parecia realmente um monstro, lembrava um dragão; as mãos eram como garras, pareciam deformadas, e os olhos, envergados, lateralizados, assemelhavam-se aos de um réptil. A boca era muito vermelha, parecia estar sempre cheia de sangue. Mais raramente ele aparecia como um homem com patas de bode. Mas não era feio.

Nas vezes em que vi meu pai Lucifér, ele se apresentou muito bonito. Bem bronzeado e com músculos tão absolutamente delineados que era quase como se não houvesse pele e gordura sobre eles. Os braceletes de ouro tomavam toda a extensão do seu antebraço e tinha muitos entalhes. No centro da testa, um sinal como o que tinha ficado na minha mão após o Rito de Iniciação.

Vestia-se sempre de branco. Às vezes um terno, às vezes algo como uma camiseta e calças brancas. Uma vez eu o vi como um "centauro", só que meio homem - meio bode.

No entanto uma característica era comum a eles. Sempre se apresentavam muito bem humorados, quase alegres. Falavam pouco, mas brandamente. E sorriam muito. Pareciam realmente gostar de nós. E nós gostávamos deles!

Quando era Abraxas quem ia aparecer sobre o altar à vista de

todos eu era convidado a estar lá na frente. Abraxas tinha sempre um sorriso um tanto ou quanto sarcástico e o olhar irônico. Era difícil saber se ele estava satisfeito com a Celebração ou se estava "cheio" de tudo. Parecia de fato um guerreiro, um general aparatado para a guerra. O olhar era muito firme, compenetrado, cortante, meio cerrado. Parecia estar sempre olhando de soslaio, observando tudo e todos. Lembrava-me o olhar de um cachorro raivoso prestes a atacar.

Às vezes, sorria. Mas tinha um ar muito enérgico. Alguém que, se "perdesse a paciência".....era bom nem estar por perto!

Eu me orgulhava muito em ser o seu protegido. Sempre que ele aparecia, olhava primeiro para mim. E deixava bem clara a nossa aliança.

A primeira vez que meu Guia apareceu "em público" foi uma surpresa para mim. Eu não sabia que ele viria e quando ergui o rosto do chão dei de cara com ele, olhando para mim. Depois, significativamente, Abraxas voltou-se para os demais como quem diz: "Nem se atrevam a mexer com ele".

Era bem óbvio. A rivalidade existia. Pode parecer incongruente, mas esse tipo de coisa é passível de acontecer: quem tem mais Poder tem mais respeito. E ciúmes às vezes pintavam por ali. Principalmente os Feiticeiros se envolviam em disputas à busca de Poder.

Mas se alguém desafiasse alguém para uma disputa de Poder... tinha que ter Guias à altura da peleja. Senão, a morte era certeira.

***

Naquele sábado, quando erguemos o rosto do chão lá estava ele, Asmodeo em pessoa. O povo vibrou à sua vista, se alegrou, bateu palmas, ergueu as mãos. Asmodeo inclinou levemente a cabeça e nós o imitamos, sempre erguendo os braços em regozijo, imitando os gestos que ele fazia.

Os Sacerdotes permaneciam em posição de reverência. Percebia-se que nenhum deles estava canalizado ainda.

Asmodeo deu uma palavra rápida de orientação geral e desapareceu logo. Talvez ele tivesse visitas a fazer, ou compromissos a cumprir. Deixaria outros ali no decorrer da noite e da reunião. Mas o fato de aparecer tinha razão de ser. Demonstrava a todos que ele *estava lá*\ Nós não estávamos cultuando as paredes. Mesmo que não dissesse nada a aparição por si só já nos fazia lembrados:

— Estamos aqui. Estamos ouvindo cada palavra que vocês estão dizendo. Estamos com vocês. Recebemos o seu Ritual.

A sensação é ímpar, sem dúvida. E era muito bom aquele contato.

A seguir Akilai tomou a palavra. Abriu um livro enorme e com páginas como pergaminhos. O mesmo que tinha sido lido no jantar de Formatura. Era um momento basicamente doutrinário, seguido de palavras de incentivo, orientações ou comandos estratégicos. Akilai leu um trecho em aramaico e passou a discorrer sobre ele. Era o Livro dos Grimões.

Normalmente estudávamos trechos deste livro, ou da Bíblia Negra. O Livro dos Grimões é um antiqüíssimo livro de Magia, anterior à era Cristã, uma espécie de Bíblia Negra "antiga". É composto de cinco livros escritos em períodos históricos diferentes, por autores diferentes, levando a uma revelação progressiva de Lucifér a seus seguidores. Apresenta uma cadeia hierárquica demoníaca reduzida e os locais de atuação territorial destas Entidades no mundo conhecido. Palavras mágicas de encantamento e Ritos específicos de invocação de demônios também têm seu lugar no livro dos Grimões. Bem como também uma contextualização histórica da Magia e da bruxaria. Histórias reais de grandes Bruxos como Abra Merlin são contadas, por exemplo, e citam-se acontecimentos de relevância ligados a estes.

O Livro dos Grimões é usado em estudos comparativos e favorece o entendimento de como o Satanismo nasceu, cresceu e evoluiu. O original foi escrito com sangue, em aramaico. Ele fica um pouco de tempo em cada Unidade da Irmandade em todo o mundo. Quando estávamos com ele era um grande privilégio. Mas há cópias para uso particular nas principais Bases, em três línguas.

O exemplar a que tínhamos acesso era único e jamais saía de dentro da Biblioteca da Irmandade. E ele só podia ser tocado pelos Feiticeiros em diante. Os Iniciados, Aprendizes e Magos sequer podem chegar perto dele. Há até quem nem saiba da sua existência, tão secreto é. Um dos livros mais sagrados da Irmandade. Em alguns casos mais específicos é permitido que se copie alguma coisa dele, mas sem jamais retirá-lo da Biblioteca.

A Bíblia Negra foi escrita depois, bem depois do Livro dos Grimões. Possui quatro livros de Ensinamentos Mágicos inspirados pelos Grandes Príncipes demoníacos e um Livro Doutrinário inspirado por Lucifér. Muitos dos seus ensinamentos fazem referência ao Livro dos Grimões. Estes são codificados com símbolos semelhantes aos usados pelos Alquimistas para que haja preservação dos segredos. Em se tratando da simbologia é possível "ler" a letra, mas não elucidar seu conteúdo completo sem a ajuda dos Mestres. Assim os maiores segredos ficam selados.

Os cinco Livros são: o Livro de Lucifér; o Livro de Leviathan; o Livro de Asmodeo; o Livro de Bélzebu; o Livro de Astaroth.

Os Livros de Ensinamentos Mágicos desmembram a Hierarquia Satânica referente ao Príncipe que o inspirou. Quer dizer, os Grandes Príncipes têm controle sobre os cinco Continentes através de exércitos de Principados e Potestades Territoriais que são plenamente expostos. Os Poderes específicos de cada um são mencionados, suas formas de atuação, os Ritos de Adoração, Consagração e Iniciação para cada Entidade.

Os Ritos para pactos específicos são também abordados, os métodos de sacrifício Ritual são esmiuçados nos mínimos detalhes, o mesmo se dá com o preparo de poções, incensos e ungüentos. Todo tipo de Feitiços e encantamentos são descritos.

O Livro Doutrinário de Lucifér relativiza valores, demonstra verdades ontológicas. (A verdade é imutável, porém Deus, o "Absoluto", é um "Mutante"). Contém alguns outros relatos históricos da Bruxaria pelo mundo: Egito, Alexandria, Europa, etc.e menciona enfaticamente toda a estratégia para o advento do anticristo. Relata também quais são os principais Braços

internacionais da Irmandade e suas ações no Globo. Templários, Pitagóricos, Gnósticos, Golden Dawn, WICCA, Warlock, Maçonaria, AMORC (Antiga Ordem Mística Rosa Cruz), etc. Os braços regionais não são mencionados.

Por fim Lucifér faz a descrição do seu próprio Apocalipse. Como o Mundo será tomado por ele e seus filhos. Além de abordar uma descrição minuciosa do Inferno.

(Há um livro que é comercializado nos EUA e muitos têm fácil acesso a ele em livrarias esotéricas e Faculdades. Porém o que é apresentado neste representa cerca de apenas dez por cento do conteúdo da verdadeira Bíblia Negra usada internamente na Irmandade).

É claro que eu não tinha acesso a todas essas informações logo de cara.

Tudo vem aos poucos. .

Com o uso principalmente destes dois livros fica clara a bondade de Lucifér no descortinar da sua estratégia. Que vem desde o princípio do mundo.

Mas não somente estudávamos o nosso material. É muito importante conhecer o "material alheio". De sorte que havia ocasiões quando eram lidos trechos da Bíblia Sagrada.

— Olhem o que os Cristãos pensam! — Disse Akilai naquela noite. — Mas nós sabemos que o que se refere a esse assunto não é bem assim.

E ia por aí afora, mostrando o "outro lado da força". Segundo a Bíblia Negra.

— O tempo da nossa vitória está próximo!!! E era um delírio geral.

Depois dos estudos havia tempo para alguns avisos informativos relevantes também.

— Esta semana deu entrada no Hospital Bandeira de Prata o Pastor J. Gimenez. Unam seus esforços para de uma vez por todas colocar um fim nessa pedra de tropeço. Ele não morreu no acidente que causamos, mas agora está em nossas mãos. Ele não deve sair

vivo daquele hospital!

Ou então:

— O irmão Hálax está tendo problemas com uma pessoa que abriu uma loja próxima à sua, no Shopping "M". Notifiquem seus Guias e reunam forças para que isso acabe.

Ou ainda:

— A esposa de Rosmùe está cada vez mais sendo empecilho ao bom desenvolvimento de nosso amigo. É hora de por um ponto final definitivo nessa história. Decididamente ela não tem entendido os avisos e nem cooperado. Nós somos filhos do Fogo e ninguém prevalecerá sobre nós. Ela vai pagar com a vida agora.

Em outras palavras tudo podia ser sentenciado de forma bem simples: "O mundo que caia. *Nós* vamos ficar em pé!". Se alguém tivesse algo a acrescentar à informação, podia fazê-lo na hora. Por exemplo:

— Quanto ao Pastor Gimenez, realmente ele está internado. Estive visitando-o há dois dias, ocasião em que pude lançar um encantamento e deixá-lo bem acompanhado. Mas unamos nossos esforços para que a queda deste homem se concretize efetivamente desta vez.

Quando eram referentes aos Cristãos os avisos só tinham razão de ser caso a pessoa em questão fosse, ou pudesse vir a ser, algum tipo de empecilho muito forte. Caso contrário não valia a pena perder tempo. De Cristãos vazios o mundo estava cheio! E Cristão de "rótulo" não representa nada para a Irmandade.

Os nomes e endereços dos verdadeiros homens e mulheres de Deus podiam vir de qualquer lugar, inclusive de fora do Brasil. Não raro recebíamos nomes e informações específicas de Pastores e líderes dos Estados Unidos, Canadá, ou até da Europa. A notícia corria como fogo em rastro de pólvora e o resultado era um "bombardeio" em massa!

O regozijo vinha se a queda se efetivasse e, mais ainda, se virasse notícia. Adultérios, escândalos, roubos e até morte eram muito bem-vindos. Esta última, porém, nem sempre era estratégica. Se alguém simplesmente morre quando *ainda é* um líder honesto e

correto, morre como "mártir" e continua sendo um referencial para muitos. Por isso é mais eficaz apenas causar o escândalo, derrubá-lo, feri-lo. Afinal se é "ferido o Pastor... as ovelhas se dispersam"! Morte física rápida era só em último caso. Só se o obstáculo estivesse incomodando muito.

Isso tudo era motivo de júbilos!

***

Depois que Akilai falou, a um gesto dele todo o povo se dividiu em grupos de cinco. Já estavam demarcados no chão os pequenos Pentagramas sobre os quais cada grupo deveria assentar-se. Nós todos voltamos a nos preparar para dar andamento à Cerimônia. Entoávamos mantras e encantamentos, em profunda reverência, assumindo posturas específicas.

Os Sacerdotes, no alto do altar, consagravam o caldeirão onde já estava preparada a poção feita por eles próprios. A receita, minuciosa e detalhista, é de conhecimento exclusivo da classe sacerdotal. A bebida espessa, doce, cor de sangue, com um teor levemente alcoólico e aroma agradável de ervas seria servida a todos em breve. Jarros de ouro com inscrições aramaicas em relevo foram cheios.

E os doze auxiliares passaram a percorrer a multidão.

No centro de nosso Pentagrama foi colocada a taça. Eu estava junto com Thalya, Marlon, Rúbia e Górion. Nossa taça foi preenchida e demos seqüência ao que viria. Quem é escolhido para estar na ponta do Pentagrama dá inicio à Pequena cerimônia, mas antes aguarda o sinal vindo dos Sacerdotes.

Dadas as mãos e somadas as forças, em total unidade, palavras mágicas são ditas e preces de reverência e adoração a Lucifér são proferidas em coro por toda a Irmandade.

***

Os mantras e as palavras de encantamento são uma linguagem espiritual. Uma linguagem Universal da Magia. Sempre

foi usada e continuará sendo usada da mesma forma. Por isso é entendida da mesma maneira por qualquer filho do Fogo em qualquer lugar da Terra (como os números da Matemática).

E não somente os filhos entendem, mas também todos os demônios. Os mantras, os Ritos, os Feitiços, em última análise, são símbolos da Magia. Todo aquele compromissado com Lucifér e os Poderes das Trevas pode fazer a leitura dos mesmos, e comunicar-se com os Guias. E vice-versa. Em qualquer lugar, em qualquer situação.

Os encantamentos usados naquele momento do cerimonial visam "chamar" os Guias individuais, acessá-los, convidá-los a estar ali. Não que todas as legiões das Trevas que nos acompanhavam não estivessem ainda presentes. Mas este era o momento da sua manifestação.

Há um clamor conjunto por Poder e por visitação. Um oferecimento conjunto e real de nossos corpos e nossas mentes aos Guias, um oferecer de nós mesmos. Um clamor por comunhão. Um pedido de benção.

***

E novamente começava: as descargas elétricas, o alternar de sensações corpóreas agradáveis. Eu conhecia o aproximar-se de Abraxas. Sabia quando ele estava ali ao meu lado, atrás de mim; sentia sua presença, às vezes seu odor, e o efeito dele sobre mim. Mantive os olhos fechados mas meus lábios teimavam em sorrir: meu amigo estava ali!

Erguemos ritualisticamente nossas mãos, estendendo-as sobre a taça, energizando-a, consagrando-a. Ela simbolizava o nosso pacto uns com os outros, como um só corpo, e nossa aliança com o mundo espiritual. Na maioria das vezes não havia necessidade de colocar nosso sangue na taça, a não ser que houvesse uma orientação específica quanto a isto, no momento.

Às vezes alguém dizia:

— Meu Guia está dizendo que hoje é necessário adicionar um pouco do nosso sangue nesta taça.

E assim era feito. É reiterada a nossa total e completa entrega

Ao final, a taça é passada um por um em sentido anti-horário.

O maior líder dos demônios presentes tomaria a dianteira agora. Apenas o mais forte dos Guias prevalece neste momento. Ele canalizaria o seu protegido e falaria a todo o grupo. Ou poderia também materializar-se à nossa frente, simplesmente, na forma que desejasse.

Geralmente há entrega de palavras específicas para os componentes do grupo: incentivo, orientação, revelação, ou até mesmo uma "exortação".

Observamos que Marlon estava encolhido e tremia um pouco. Quando ele estava no grupo, normalmente era o seu Guia que tomava a liderança. Mas quando eu estava separado dele era praticamente certo que Abraxas sobrepujaria os demais. Às vezes, mesmo quando Marlon estava comigo, em certas ocasiões era permitido que Abraxas se manifestasse ao invés do Guia dele.

Sabíamos quem iria canalizar quando a pessoa começava a sentir muito frio. Isto ocorre devido a um princípio simples: como as Entidades são sempre Potestades muito poderosas é necessário que o biocampo energético humano seja enfraquecido antes que aconteça a canalização. Porque esses demônios de nível dimensional muito elevado são, eles próprios, dotados de uma força energética muito intensa. Então, antes que entrem no corpo dos seus protegidos, faz-se necessário "sugar" parte de sua energia. Isso traduz-se na sensação de frio.

Se a Entidade canalizasse subitamente, sem esse preparo, o choque energético seria tal que poderia causar um distúrbio eletromagnético muito intenso no ser humano, podendo chegar à parada cardíaca. (Não seria necessário o mesmo cuidado se se tratasse de pequenas canalizações de demoniozinhos como "exús", por exemplo. Mas esse tipo de contato espiritual é totalmente desprezado dentro da Irmandade e simplesmente não acontece. Essas Entidades não servem para fazer aliança com os filhos de Lucifér. São apenas elementos descartáveis usados para o engano).

Marlon teve sua musculatura facial transformada quando foi

canalizado pelo Guia. O olhar dele adquiriu aquele aspecto profundo e cortante que eu já conhecia, e a voz assumiu o timbre gutural característico. Depois de dizer tudo o que era necessário a cada um de nós, foi-se.

Depois disso Marlon ficou quieto ainda um tempo. Quando se desfaz a canalização é comum sentir o corpo formigando e certa letargia que passa em alguns minutos.

À medida que os grupos concluíam seu cerimonial individual todos rumavam para as últimas galerias, à espera. Ficavam conversando, trocando informações enquanto aguardavam o final completo de toda a Cerimônia.

Os Sacerdotes e Akilai acabavam de fazer o mesmo tipo de entrega e celebração entre eles, no altar. Com a diferença de que todos eles ficam canalizados. Quando tudo termina, ainda assim não é o final definitivo. A partir daí algumas pessoas são chamadas para receber revelação e orientação individual através dos Sacerdotes, que continuam canalizados.

Normalmente trinta a cinqüenta pessoas são chamadas pelos nomes, e estas devem permanecer no Átrio Ritual. As demais se retiram para outro salão aonde acontecerá a confraternização, que vai até o raiar do dia.

O período da Cerimônia propriamente dita dura em torno de três horas ou três horas e meia. Portanto, terminava entre duas e duas e meia da madrugada.

Neste horário todos vão para o salão de confraternização. É momento de boa comida, bebida, música... e liberdade plena para fazer o que quiser.

***

Raras vezes eu pude participar destas confraternizações. Porque eu *sempre* era chamado. Naquele dia não foi diferente.

De início não conhecia muita coisa e pensei que essa fosse a praxe. Mas logo reparei que Thalya ia muito menos. Os outros colegas do meu Grupo também. Marlon não me tinha dito nada mas

comecei a perceber que o comum não era estar lá *sempre.*

Mas... ao que parecia... as Entidades tinham certo prazer em me ver. Nem de longe saberia dizer o por quê daquele tratamento amistoso. E lembrei-me das palavras de Marlon e daquele estranho senso de urgência em relação à minha pessoa. Por que seria??!

Enfim, eu também gostava daquele contato e nem ligava para o fato de quase nunca ir à confraternização!

Nas primeiras vezes eu mais fiquei calado do que qualquer outra coisa, procurando manter uma postura reverente, escutando e respondendo apenas quando inquirido. Mas depois, soltei-me completamente. Era gostoso dialogar, aprender, ser instruído por eles. Conversávamos muito durante muito tempo. Conversas das mais variadas. Por incrível que pareça os demônios eram dotados de um excelente senso de humor e muita, *muita inteligência.*

A maior parte das vezes era Abraxas quem canalizava o Sacerdote, pois tinha que me falar a sós coisas que não diziam respeito ao grupo. Às vezes era um dos Guias do próprio Sacerdote que me falava. Outras vezes eram outros demônios.

Eu gostava daquele termo "canalizar". Nunca se fala em "possessão", um termo muito ruim e falso ao mesmo tempo. Em se tratando de nós, os filhos de Lucifér, o uso do corpo pelos demônios reflete uma *parceria.* O homem é o canal, o meio de divulgação da voz da Entidade. É importante!

Naquele primeiro ano todas as conversas foram mais a nível pessoal. Às vezes Abraxas passava muito tempo me explicando novamente conceitos sobre a Irmandade e sobre o Satanismo, só que de uma maneira diferente. Um esboço muito mais "pessoal" da doutrina, na visão dele mesmo como demônio.

Aquela abordagem tão peculiar geralmente me acrescentava anos-luz em relação a muitos aspectos. Abraxas dizia muitas vezes a mesma coisa, mas por prismas diferentes, e nunca era enfadonho. Ao contrário, era um descortinar de sabedoria, inteligência e capacidade.

Eu o enchia de perguntas. Aprender daquela forma, em primeira instância, era bom demais. Eu não desperdiçaria

momentos como aqueles por coisa alguma.

Ele sempre iniciava com palavras de incentivo.

— Você foi escolhido, filho do Fogo, nunca se esqueça disso: do quanto você é precioso para Lucifér. Ele não escolhe qualquer um. E você vai ser capacitado com *muito* Poder no devido tempo. Ele tem planos para você.

As orientações vinham as mais variadas logo após os elogios e cumprimentos:

— O seu Ritual individual está sendo feito de forma correta, e está muito bom. No entanto esta palavra "(...)" tem sido pronunciada errada. — Disse-me Abraxas. — Não é assim, a pronúncia correta é "(...)". E você também pode melhorar aquela etapa, assim e assim.

Às vezes algumas colocações doutrinárias eram balizadas e corrigidas. Ele fazia muita questão de testar o meu entendimento.

— Você entendeu realmente o que tem sido colocado nas últimas reuniões do "Fire's Sons"? Ficou claro o significado de cada coisa?

Parecia também que todo meu círculo de amizades e conhecidos não lhe estavam ocultos. E não apenas isso: assim como o pai zeloso cuida em saber de com quem seus filhos andam, e com quem se relacionam, com Abraxas não era diferente. E lá vinham as muitas orientações:

— Olha, você tem andado muito com fulano. Mas saiba de uma coisa: ele é falso, tem duas caras, não é seu amigo. Deixe de estar perto dele, não é companhia para você.

Minha família também era um quadro aberto para Abraxas; bem como a família de Camila:

— Evite estar muito tempo em sua casa no horário das dezoito horas, durante esta semana.

— ???? — Não entendi mas não perguntei. Eu confiava no que ele me dizia.

— Outro detalhe... quando você estiver com Camila e quiser

vir para a reunião, ou tiver outras coisas mais importantes para fazer, ou simplesmente estiver a fim de sair, passear, livre, em paz... faça da seguinte forma: coloque a mão sobre a cabeça dela e diga calmamente que ela está cansada e que precisa descansar um pouco. — Ele tocou a mão em mim e acrescentou: — E ela vai mesmo ficar muito cansada e dormirá profundamente.

Logo que pude, experimentei. Realmente as desculpas fajutas estavam ficando meio esgotadas. E aquilo foi muito fácil! Funcionava de forma tão absurdamente rápida que eu mesmo ficava cada vez mais fascinado. Aquele Poder estava mexendo de fato comigo. Era muito fácil....muito fácil.

Em contrapartida, algumas vezes era eu quem levava para Abraxas os detalhes que me incomodavam. Era bem melhor quando eu podia falar diretamente com ele porque no nível de Magia meio "crú" em que me encontrava não dava para me virar sozinho. Eu não sabia como realizar Feitiços específicos para cada coisa. Precisava de ajuda, e queria aprender.

Então todas as minhas dúvidas e questionamentos, tudo que eu precisava levava ao conhecimento de Abraxas.

— Falando em Camila, sabe que eu não agüento mais a avó dela me falando sempre a mesma coisa? "Você leu a Bíblia?" — Arremedei. — E me pegando para contar histórias e mais um monte de abobrinhas! Ela me incomoda, me enche a sapituca!

— Não se preocupe — Respondeu ele com voz firme, categoricamente. — A partir de hoje você não vai mais ouvir isso.

E toda vez que eu chegava na casa de Camila, dona Olívia sentia um sono profundo e ia dormir. Estava sempre muito bem disposta até eu chegar; a partir daí dava muito sono e ela mal conseguia manter seus olhos abertos. E só despertava quando eu já tinha ido embora.

Ela se queixava que nem me via mais e acreditava estar fazendo um "papelão" comigo, indo sempre dormir quando eu chegava. Que ótimo papelão!!!

E ficava assim. Na Irmandade nunca ninguém se incomodou com o fato de eu conviver com a família de Camila. O assunto só

vinha à baila quando eu tinha alguma reclamação específica. Aliás, reclamações não faltavam quando se tratava da Kelly! Eu a *detestava.*

— Este é o melhor dia para atacá-la. — E Abraxas sinalizava o dia do mês e o horário. — Faça como digo e você verá o que ocorre!

E ele mesmo me ensinava o Feitiço. Normalmente era preciso conseguir algum material que pertencesse a ela. Minha patente de Aprendiz ainda estava presa a essas limitações. Isto é, ainda estava inserida nos moldes dos pequenos Feitiços. Ainda precisava de objetos descartáveis. Como os bonequinhos vodu. Mas haveria tempo em que não mais seria necessário sinalizar com isso.

Então eu conseguia um pouco de cabelo ou algum objeto íntimo da Kelly. Pensava lá com meus botões:

"Vou arriscar e levar hoje. Se eles me chamarem após a Celebração, entrego direto na mão dele."

E batata! Era chamado.

Não me passava pela cabeça que Abraxas tinha muito, muito mais Poder. Mas ele agia de acordo com meu patamar hierárquico. Não além. A plenitude do Poder dele viria na mesma medida do meu crescimento.

Sem que eu dissesse nada, Abraxas me esperava com um ar zombeteiro nos olhos e um sorriso sarcástico:

— Pode dar o que você trouxe para mim.

— Com isto aqui você pode... pode causar um pouco de estrago? Ele meneava a cabeça:

— É claro! Mas a morte seria um prêmio para alguém como ela. Alguém morto não pode sofrer tanto! Viva é melhor, pelo menos você poderá contemplar sua dor, seu sofrimento lento...! Por isso eu a quero viva! Ela merece sofrer pois tem magoado o filho do Fogo. Vai sentir o calor do Inferno. Ela vai sofrer.

Pegava o material. Fazia gestos e pronunciava encantamentos. E depois ria. Ria tão compulsivamente que eu tinha vontade de rir junto.

— Aguarde. Aguarde que o que você vai ver vai deixá-lo muito contente. — Dizia com ar de regozijo antecipado.

Dias depois: Kelly era despedida, batia o carro bem no dia em que seu seguro acabava de vencer, era assaltada na rua, ficava muito doente, caíam seus cabelos, apareciam manchas que coçavam muito em sua pele e os médicos não tinham êxito no tratamento. Era só gasto e mais gasto de dinheiro com remédios caros. Uma sucessão de males assolavam a sua vida.

Na semana seguinte, a primeira pergunta de Abraxas:

— Quer que continue?... Ou já chega?

Por vezes eu acabava amolecendo, ficava com pena por causa de tanto massacre. Já tinha sido advertido quando a estes "sentimentos primitivos" mas mesmo assim respondia:

— Está bom. Pode parar.

Mas aí era ele que não queria saber! Olhava meio esquisito para mim e dizia:

— Vou torturá-la só por mais uma semana.

E não havia argumentação que o demovesse. Eu assistia com meus próprios olhos o desespero da Kelly.

Embora Thalya fosse minha alma-gêmea e eu estivesse "compromissado" com Camila, Abraxas, sempre reiterava:

— Você pode ter a mulher que desejar, sabia? Se você vir alguma a quem queira, basta pedir. Quer aprender a maneira certa de pedir?

Eu não tinha lá intenção daquilo, mas me dispus a aprender a sinalização específica: não queria desapontá-lo. Aquilo era um presente!

Muitos Feitiços específicos eu aprendi assim, diretamente com Abraxas, na medida em que ele me considerava apto para adquirir e lidar com aqueles ensinamentos.

Certas ocasiões eram diferentes. Eu chegava bem — pelo menos assim eu pensava — mas ele colocava a mão sobre meu coração, ou sobre minha cabeça, e o rosto assumia uma expressão

como se estivesse sentindo algo:

— Ia entrar uma infecção em seu corpo, você ia ficar doente. — Sorria e falava com brandura. — Mas, tudo bem! Eu já tirei a enfermidade de você...

Eu devolvia o sorriso aliviado, meu rosto demonstrando meu quase... amor por ele! Eles não tinham o Poder de retirar males que não tivessem sido causados por eles mesmos. Será que algum Bruxo estaria me fazendo algum mal?! Mas o fato é que eu nunca tinha tido sequer gripe desde que entrara para a Irmandade.

Outras vezes, tão logo eu chegava, ou antes de ir-me, ele me tocava e fazia sinais na minha testa. Ou me ungia com ungüento para lacrar os meus Portais. A intenção era sempre de proteção. Eu aceitava aquilo com submissão e me poupava de perguntas. Confiava nele.

— Estou protegendo essa sua área. Ela está vulnerável.

Todos os meus problemas pessoais eu levava para Abraxas. Tudo o que eu não podia falar em casa ou com meus amigos, tudo de tudo: o relacionamento com Camila, as dificuldades profissionais, minhas dúvidas doutrinárias, meus sentimentos, o Kung Fu. Não que Marlon não fosse amigo o suficiente! Muito pelo contrário, ele era o amigo *mais fiel* que eu já tivera, mais disposto e presente que meu próprio pai. Apenas era diferente. Marlon era um amigo... Abraxas era outro amigo, porém muito mais sábio. E eu dispunha de ambos.

Uma vez Abraxas deu-me uma corrente. Nem sei de onde saiu aquilo, o Sacerdote estava com suas mãos vazias quando cheguei. Mas de repente ela simplesmente estava lá. Era linda, de ouro, grossa e trabalhada. Trazia pendurada uma delicada medalhinha de ouro com uma inscrição.

— Usa isso por algum tempo, para te dar livramento e proteção.

Eu não perguntei mas imaginei que novamente alguém talvez estivesse com inveja de mim, fazendo algo para me prejudicar. A luta seria espiritual, entre Abraxas e o demônio desafiante, mas eu estaria protegido, eu o sabia. Aquilo serviria como uma espécie de

escudo.

Outra vez deu-me um pequeno maço de uma erva toda amassadinha, parecia palha.

— Feche um pouco os seus olhos. — Dissera ele.

Senti então um cheiro diferente e, ao abrir os olhos, ele segurava o macinho próximo ao meu nariz.

— Isso é para você. Põe embaixo do travesseiro essa noite.

E eu tinha sonhos diferentíssimos. Parecia que voava e estava num mundo todo diferente, as coisas com formas surrealistas, estranhas. Mas era muito bonito... lindo!

Mas a verdade era que todos os presentes que ele me dava tinham um fim muito específico e limitado, porque sempre desapareciam depois. No começo me assustei porque não sabia que seria assim. Foi justamente com a corrente. E eu pensei que a houvesse perdido!

Tinha passado quinze dias com ela e não a tirava do pescoço para nada. Como um talismã. Mas certa manhã acordei e reparei que estava sem ela.

— Nossa, será que eu deixei cair em algum lugar? Olhei, olhei e nada!

No final da semana fui chamado para ficar além do término da Cerimônia. Tinha até medo de ir.

— Ai, ai, *ai... que* que eu vou dizer?

Cheguei todo cabisbaixo, esquivo. Era sempre ele quem começava a falar. Com voz branda perscrutou meu rosto inclinado.

— A sua corrente sumiu, não é? Ergui o olhar procurando explicar:

— Mas eu não tirei pra nada, Abraxas!

— Eu sei. — Redargüiu Abraxas. — Mas ela deveria ser usada somente durante um período, e ele já acabou. Não precisa ficar preocupado com isso, filho!

Respirei aliviado. Era assim com todos os presentes.

Apareciam do nada nas mãos do Sacerdote, e sumiam do nada também.

Outras ocasiões eu recebia dinheiro. Dinheiro mesmo, dinheiro vivo.

— Isto aqui, filho, é para você satisfazer uma parte dos desejos do seu coração. Sabe aquilo que você está querendo? Aquele passeio? Pode fazer.

Era sempre uma soma considerável. Eu gastava sem dó, também para não desagradá-lo. Se o dinheiro era para ir de táxi até Aldeia da Serra e jantar em um luxuoso restaurante, ou passear de helicóptero sobre São Paulo, ou comprar aquele cobiçado terno de corte fino italiano, ou viajar com Camila... não importava! Se o dinheiro era dado para aquele fim, eu assim o usava. Era o máximo! Meu pai realmente me queria feliz.

Havia momentos descontraídos também. Certa ocasião eu perguntei, meio na brincadeira:

— Bom, você está dizendo tanta coisa hoje... quer dizer, então, que Deus não tem *chance* mesmo?!?

A resposta veio recheada de termos de baixo-calão. E rimos muito! E ele sempre tocava os meus olhos. Às vezes com sangue, às vezes com saliva. Sempre.

— Teus olhos vão emanar Poder. — Dizia. — Quando você olhar para alguém estarei vendo esta pessoa através de seus olhos. E quando você odiar esta pessoa... este ódio vai estar no nosso coração também. E se você desejar a morte, o nosso Poder irá se manifestar. E haverá morte. Um gesto de sua mão...e nós vamos atendê-lo. Prepare-se. Este tempo vai chegar!

Com relação à Igreja dava dicas também. Muito raramente eu era obrigado a ir.

— Você não deve entrar lá dentro com raiva. Entre calmamente. Faça o que eles fizerem, é meramente um teatro, uma interpretação, mas tem que convencer. A maioria dos que estão dentro das Igrejas nem sabe o que está fazendo! Eles seguem "comandos". Então, se levantarem a mão, você também levanta; se abaixarem, faça o mesmo. Se sentarem, você senta, se levantarem

você levanta; é simples, é só não destoar. Tenha a mesma "aparência" deles. No futuro você estará entre eles sem jamais ser notado. Irá até impressioná-los com sua "unção". Falará em "línguas", dirá "profecias", operará "milagres"de cura! Nós te capacitaremos.

Em outras ocasiões ainda discutíamos a própria Bíblia. Eu questionava um pouco.

— Bem, mas e este negócio aí de... Jesus? — Pronunciei rapidamente o Nome pois todos evitávamos até o referir-se a Ele, tal o ódio que nos causava. Olhei de esguelha, com o rosto meio abaixado, procurando sondar se havia alguma reação negativa da parte dele. — Que Poder tem este homem??

Não houve reação negativa. Ele apenas riu grosseiramente agitando o corpo do Sacerdote e esgarçando ainda mais o seu rosto.

— Ah!! Este é mais um dos enganos de Deus! Ele tem se equivocado durante toda a História, mudando a direção de seus planos, de idéia, de conduta! Lucifér é o verdadeiro caminho. O próprio Jesus infringiu as leis que Ele mesmo colocou. Não poderia ser nada digno de nota.

Passou a discorrer, convenceu-me com argumentos que me pareceram muito fortes. Jesus não honrou seu pai, nem sua mãe, era um rebelde perante o sistema de sua época. Portanto tinha seus pecados também. E, se tinha, nada poderia fazer pelo homem.

Eu ainda nutria uma idéia estereotipada, resquício de filmes de TV, talvez:

— Mas vocês podem mesmo entrar em *qualquer* lugar? — Eu queria dizer outra coisa. — Qualquer Igreja?

Ele ria:

— É claro! O *mundo* é nosso! Não existem fronteiras.

Eu ficava muito contente em ouvir aquilo. "Faço parte de um time de vencedores!".

— Deus faz com que o homem experimente o medo. O próprio Jesus sentiu *pavor!* — E riu novamente. — Pois sabia o que teria que enfrentar... e ainda tem idiotas que ousam nos desafiar

como se fossem super-homens. Lucifér não quer que seus filhos sintam medo. — Olhou-me tão profundamente que quase abaixei os olhos. — Seu pai quer que você sinta paz, que esteja bem. Ele quer o melhor! Ameaça, dor e sofrimento são para os outros... não para você!

***

Depois destas longas conversas eu nunca comentava nada com Marlon pois esta era a orientação que as Entidades davam. Tanto Abraxas como os outros que eventualmente canalizavam para falar comigo. Mas Marlon também nunca perguntava nada. Somente Thalya foi a grande curiosa, cheia de querer saber o que eu tinha conversado durante tanto tempo. Questionou após as primeiras vezes, mas depois deixou de insistir. Nas vezes em que ela era chamada eu também não ficava sabendo o que ocorrera.

De início Thalya quase não escondia uma pontinha de frustração devido a eu ser tratado claramente de maneira diferente. Mas Rúbia conversou com ela, explicando-lhe, creio eu, que certos fatos têm uma razão de ser. E isto criou nela um certo conformismo.

Quanto a mim, estava embevecido e fascinado demais para gastar tempo com questionamentos.

Só viria a saber mais tarde — bem mais tarde — o por quê daquela aparente "predileção".

***

Eu já vinha experimentando um pouco do que era poder contar com eles. Com a Irmandade e com os Guias. Thalya também teve sua oportunidade bem cedo e viu na prática que não estava sozinha para resolver os seus problemas.

Ela tinha um relacionamento extremamente truncado com o pai. Encontrava muito pouco com ele por causa do seu trabalho como prefeito em outra cidade. Mesmo assim este não era o problema maior. A família era muito desestruturada e ele nem a

considerava como filha. Devia ser verdade. A mãe dela não era confiável, dava até em cima de mim quando nos cruzávamos. Os dois eram separados, e Thalya e a irmã eram diferentes em todos os sentidos.

Às vezes Thalya vinha chateada com as mudanças muito bruscas do pai. Ele era totalmente "de lua", às vezes dava o carro, às vezes tirava, às vezes dava dinheiro, às vezes nada. E ela compartilhava com o Conselho quando questionada a respeito. Foi sugerido que se fizesse um encantamento para que os problemas de relacionamento acabassem. Thalya confiou plenamente.

Como não era interesse dela que o pai morresse, os Feitiços tinham por objetivo apenas moldá-lo mais facilmente. Os objetos utilizados para isso foram enviados em forma de presentes. Um perfume, algo para comer, coisas desse tipo.

Realmente funcionou. E o pai de Thalya virou uma verdadeira seda com ela. Mas depois parece que a coisa mudou um pouco de rumo. O interesse do pai foi tanto que virou perversão. E ele passou a insinuar-se para ela querendo-a mais como mulher do que como filha. Aquilo criou em Thalya um ódio tão grande, e uma repulsa tão intensa, que consentiu em mudar o rumo dos encantamentos. E foi plantada uma semente de destruição propriamente dita.

Logo ele perdeu o cargo político que exercia e isso deu seqüência a uma sucessão de perdas de dinheiro e patrimônio. Até que ele não tinha praticamente quase mais nada. E então ficou doente, com tuberculose bastante grave, e foi internado em uma clínica distante. Fora de São Paulo. Ficou completamente afastado dela.

O dinheiro não faltava, pelo contrário. Passou a vir bem mais fácil. O pai tinha um fundo de pensão que ia para a mãe, e esta generosamente começou a repassá-lo para Thalya. De forma que a situação financeira dela melhorou muito. Todo o dinheiro que o pai antes recusava agora ela fazia bom uso. Bem como dos carros dele. Thalya ficou com um Santana e um Escort para usar de mão beijada.

* * *

A Irmandade era também muito bem guardada. Nenhum que não fosse dos nossos poderia entrar lá. Havia uma senha secreta que era característica de cada tipo de reunião.

Porém, às vezes as Entidades permitiam que um ou outro tolo adentrasse o Átrio Ritual. Acho que para divertir-se um pouco.

Certa ocasião fiquei muito impressionado com o que ocorreu.

Antes de iniciar a Celebração, cumprimentávamos-nos alegres à medida que íamos entrando. Naquele dia estranhei que todos respondiam ao cumprimento afavelmente erguendo a mão num gesto curioso, que eu não conhecia. Ninguém falava nada e eu não resisti:

— Ué? Que que deu no povo hoje? Tá todo mundo fazendo um gesto diferente!

— É um sinal. — Respondeu Marlon. — Quer dizer mais ou menos "Cuidado com o que você fala, porque tem gente estranha aqui entre nós". Tem uma pessoa que não é bem vinda em nosso meio.

Eu arregalei os olhos, embasbacado. Onde estaria, no meio de cinco mil pessoas?! Pelo visto os cinco "Profetas" já tinham sido comunicados pelos demônios.

— *Sério?!!!* — Senti um gelo na espinha e tive até medo de fazer a outra pergunta.

Thalya se adiantou na minha frente. Falou muito calma e com uma secura na voz que me impressionou.

— Bom... ele entrou! Mas não vai sair, não é?

— É claro que não! — Respondeu Marlon com uma risada. Mas eu estava meio inquieto:

— E o que a gente faz?!

— Não precisa fazer nada. — Respondeu Marlon novamente. — Deixa que ele faça sua matéria.

— Matéria?!!

— É um repórter. Descobriu alguma coisa e veio aqui com

intenção de fazer um furo de reportagem.

Me calei. Só que acho que eu estava dando a maior bandeira, virando o pescoço que nem uma coruja a toda hora para ver se descobria onde ele estava. Não conseguia me concentrar em nada. Até que Zórdico, observando-me, aproximou-se de mim:

— A pessoa que você está procurando está ali. Aquele idiota de óculos. — Disse-me ele. E a seguir acrescentou em tom firme: — Não assuste nosso hóspede.

Era uma advertência. Procurei ser mais discreto.

Então eu o vi, num cantinho, todo estereotipado, o coitado! Todo de preto, com jaqueta de couro e gel no cabelo, a "pochette" cuidadosamente enfiada debaixo do braço.

— A câmera está lá dentro. — Explicou Zórdico. — Ele está filmando através de um pequeno orifício feito no couro.

Tratado bem, e com naturalidade, ele até conversava com algumas pessoas. Era um rapaz jovem. Mas ninguém ia vestido todo de preto daquele jeito ridículo, todos iam com roupas normais. Afinal, todo mundo usa roupa normal.

Os mantos foram entregues lá dentro e trocamos de roupa. O jovem repórter fez o mesmo, porém sua bolsinha permaneceu com ele. Quanta bandeira!

E então o Ritual começou a transcorrer normalmente. Entoamos as canções iniciais, o Átrio já estava esfumaçado pela queima dos incensos e das tochas acesas. Mas não cantamos muito naquele momento. A Bíblia Negra foi aberta e um trecho do livro de Leviathan foi lido pelo Sumo Sacerdote:

— "Poder à força, morte aos fracos..."

Akilai fixou a multidão com olhar profundo, visivelmente já canalizado. Caminhou, desceu do altar, entrou pelo meio da multidão que lhe dava passagem formando um corredor. Sua voz era potente e ecoava pelo salão como se ele falasse com o auxílio de amplificadores. Suas cordas vocais estavam super-potencializadas pelo poder do Principado que o canalizava. Na verdade, semi-canalizava. Um Principado não pode entrar

completamente em um ser humano, pois o mataria.

— Desafiar os poderes das Trevas é subestimar a força de Lucifér. Quem entra na escuridão sem conhecer seus caminhos, encontrará o Inferno. A casa de nosso pai tem muitas moradas. Moradas para os filhos do Fogo... e moradas para os loucos. Esta noite... peço sua alma... o preço de sua ousadia será pago com sangue...

Parou bem na frente do repórter, olhando-o fixamente. Dava para sentir uma atmosfera de ódio no lugar. O grupo afastou-se formando um círculo à volta dos dois.

— Seu sangue... — Akilai tomou-o pelo pescoço com violência, e o ergueu do solo. — É nosso!

Só tinha visto cenas assim em filmes, erguer alguém do solo daquele jeito exigiria muita força. Porém o Sumo Sacerdote não parecia estar fazendo qualquer esforço para mantê-lo no ar. E num gesto frio, calculado, rápido... partiu o pescoço daquele jovem. O som do osso partindo ecoou secamente. A turba entrou em júbilo, seu corpo foi simplesmente incinerado e nada foi aproveitado. Leviathan não quis aquele sangue, bastava sua morte e seu espírito aprisionado no Inferno dos órfãos.

***

Capítulo 16

Nossos dias na *Canion Tower* estavam contados. Tudo começou com a história do laxante.

Havia uma garota, a Luciene, tão sem desconfiômetro! Sempre que passava próximo à minha mesa ou à de Thalya comia tudo o que havia por ali, sem a menor cerimônia, até a última migalha.

Era uma verdadeira draga, um aspirador de comida!

Então um belo dia eu pensei:

— Taí! Vou armar uma para ela.

Havia também mais uns dois Técnicos no departamento tremendamente implicados com Luciene. Após mancomunarmos um pouco em conjunto decidimos a vingança: um saboroso suco de abacate com um frasco inteirinho de um laxante incolor e insípido dentro. A bula advertia que para os casos mais graves deviam ser consumidas apenas quinze gotinhas. O frasco tinha 30ml...e não deu outra. Foi tudo!

A suculenta "isca" ficou sobre a mesa de Thalya.

— Oba! — Luciene, com seus olhos treinados para rastrear comida à distância, logo veio que nem uma águia pronta a dar o bote sobre uma lebre. — Tá bonito este suco! Dá um pouco?!

Thalya se fazia de muito ocupada e nós também. Então ela passou a mão no copo sem esperar resposta. Mas aí o azar: de repente chegou o Geraldo, um outro amigo que trabalhava no setor ao lado.

— Peraí, peraí, peraí! — Gritou ele para a Luciene. — Me dá um gole antes!

E já foi arrancando o suco das mãos dela. Eu me adiantei procurando evitar que ele caísse na ratoeira.

— Geraldo, não bebe isso aí, não! Larga de ser mal-educado, a Luciene já ia beber e você tira da mão dela?

Tratamos sutilmente de demovê-lo mas, de pura birra, Geraldo tomou tudo em um só gole!

— Geraldo, deixa para mim! — Gritou em vão a Luciene. Todos nós ficamos olhando para ele com piedade. Chiii! Avisamos depois, numa boa:

— ...e é melhor você ir para sua casará! Tinha uma dose cavalar de laxante no suco, dá para secar um mamute. Você não percebeu nada na textura, no gosto...?

— E, tava meio esquisitinho, mas achei que era falta de açúcar. Só que como eu não queria deixar nada para aquela predadora de bolachas.... bebi assim mesmo!

— Melhor você comer uns quatro pacotes de bolacha de maisena. — Thalya ria.

Ele não acreditou em nós e não tomou nenhuma providência.

— Vocês estão é de onda com a minha cara!

E permaneceu até o final do expediente. No dia seguinte ficamos sabendo de tudo: o efeito começou, infelizmente, no trajeto para casa. Mais exatamente dentro do trem aonde estudantes alegres jogavam truco. Um grito mais alto do Geraldo e...o inevitável! Ele não pôde mais impedir as leis orgânicas de seguirem o seu curso. O vagão dele foi o único a manter todas as janelas abertas apesar do frio terrível.

Geraldo entendeu que foi um "acidente" e nos perdoou. Mas o problema é que nós rimos tanto com aquela história que decidimos causar uma super disenteria coletiva. Eu, Thalya, Geraldo e mais um amigo, o Japa, armamos a bagunça na surdina. O projeto era "vacinar" os galões de água do andar com uma dose generosa de laxante.

Compramos todo o estoque da farmácia.

— Você tem laxante aí?

— Temos. Vai levar um frasco?

— Não. Uma caixa inteira, 50 unidades!

— Nossa!

— É que vamos fazer uma doação para uma creche.

— Ah, que bonzinhos!

No dia seguinte, munidos de seringas, mandamos ver o medicamento nos garrafões de água.

Todos passaram mal!

E depois ficou um clima estranho. O povo se perguntava o que tinha ocorrido e acabaram colocando a culpa no "goulash" do almoço. As filas eram enormes nos banheiros, faltou pouco para distribuírem números e colocarem em ordem os mais desesperados.

Passados alguns dias, eu mesmo acabei sendo o culpado.

Comentando com o Geraldo sobre o incidente e rindo a mais não poder, acho que algumas orelhas escutavam a conversa por trás das divisórias.

O negócio foi parar nos ouvidos de nossa chefe, também vítima da "Operação Diarréia". E fomos todos chamados para "depor". Eu, Thalya, Geraldo e o Japa.

— Quer dizer que vocês foram os responsáveis pelo episódio?!

Ela estava muito brava, literalmente soltando fumaça pelas narinas. Talvez lembrada da noite que passou sentada no vaso sanitário, sem poder dormir...

— Todos ficaram super mal, eu mesma quase perdi minha flora intestinal! Tive que tomar soro no Pronto-Socorro e foi uma coisa horrível! — Ela reclamava sem parar.

Tentamos desconversar mas não houve jeito. E levamos advertência por ato indisciplinar.

Mas eu e Thalya não nos conformamos. Ficamos indignados e, à medida que os dias passavam, nos enchíamos cada vez mais de raiva dela.

— Pois vamos fazer um Feitiço bem bravo! — Bradou Thalya.

— A gente ainda não tem Poder para isso, Thalya! Só se pegarmos um objeto dela e levarmos para o Marlon.

— Pois vamos fazer isso mesmo!

Assim que houve a deixa entramos na sala da chefe e reviramos suas gavetas. — Olha só!

— Caramba!

Não havia nada de uso pessoal ali. Mas encontramos algo bem melhor, um bloco de formulários de reembolso de despesas. Cada vez que fazíamos horas-extras tínhamos direito a retorno para casa de táxi e janta em qualquer restaurante das imediações. Desde que não ultrapassasse um determinado valor. E esse valor era ressarcido mediante o preenchimento dos formulários e aprovação

da nossa chefia.

Mas as cópias que encontramos discriminavam dias em que não fizemos horas-extras, só que ela tinha preenchido em nosso nome e agora receberia o reembolso!

— Tá ferrada! — Sussurrei. — Nem vai precisar de encantamento! Tá vendo só que bandida? Ela está recebendo grana no nosso lugar!

— Que folgadona!

Pegamos os blocos e fomos direto para a sala da Diretoria. No impulso da emoção juntaram-se a nós mais uns seis ou sete inquisitores que, da mesma forma, não iam com a fachada da "amada chefinha". E vieram fazer mais pressão.

Explicamos ao Diretor do que se tratava. Ele deu uma vista de olhos no material e jogou-o sobre a mesa com um comentário seco:

— Vou analisar. No final da tarde ele nos chamou para dar o laudo de sua "análise".

— Vocês estão despedidos. Levantaram uma suspeita que envolve uma Gerente com quinze anos de casa. Isto que vocês estão me apresentando é irrelevante.

— Irrelevante? Mas ela *roubou*!!!

— Só que não vamos levar isto em consideração. Quanto aos senhores, podem ir direto para o Departamento Pessoal.

E todos nós, ao todo dez pessoas, saímos em fila indiana para o olho da rua!

Que bela roubada!!! Aí sim nossa ira subiu às alturas. Contatamos Marlon após fazer um levantamento de dados pessoais dela e encomendamos uma vingança.

Após uma semana nossa ex-chefe foi demitida por justa causa. Ela e o marido, que trabalhava na *Canion* também. Nem sei sob qual justificativa. Mas nós estávamos vingados, era o que importava.

Mas, diante disso, agora tanto eu quanto Thalya estávamos

desempregados. Thalya não estava mais a fim de trabalhar. O dinheiro do pai era mais do que suficiente. Ela podia, mas eu não. Então tratei de me por em campo para arrumar outro serviço.

***

O caminho à Alta Magia é possível de ser trilhado. Mas é um caminho para o qual são convidados apenas — e tão somente — os filhos de Lucifér. Para estes foi reservado algo mais. E esse *algo mais é* um novo início. Tudo o que tinha sido feito e ensinado até então era para que pudéssemos enfim dar o grande passo inicial. De encontro aos grandes Ritos, grandes Feitiços e encantamentos. Grandes possibilidades!

Tinha sido divertido brincar com as Artes Mágicas e com a periferia da Magia, os Feitiços de menor porte. Mas estes já não tinham mais razão de ser em si mesmos. Era necessário ir em direção ao topo, ao cerne, ao âmago. À Alta Magia.

Este novo caminhar estava associado à abertura dos Portais. Uma possibilidade restrita à Irmandade. E embora eu soubesse ter aberto parcialmente um deles não compreendia ainda a mecânica da coisa.

A abertura dos chakras, mesmo que incompleta, leva à potencialização das capacidades humanas, ao sinergismo com o Cosmos e ao desenvolvimento de Poderes especiais. Isso é o que pregam as várias doutrinas por aí, mas não é assim. Segundo elas, o objetivo da abertura dos chakras é facilitar o fluxo de energias. Há várias maneiras de fazê-lo. Através de técnicas de Meditação e Concentração, através de dietas alimentares, com o próprio *Chikow* dentro das Artes Marciais, e assim por diante.

Para a maioria leiga os Poderes sobrenaturais são decorrentes de um estado avançado de mente ou, no máximo, uma simbiose com forças "cósmicas", e só. Mas nós sabíamos que os Portais são, na realidade, facilitadores da ação das Entidades Superiores. Ou demônios.

Os Portais abertos implicam numa comunicação permanente entre o indivíduo e a Entidade. Não é mais uma comunicação

temporária e informal como quando se tratava das Artes Mágicas. Mas um acesso livre, pleno e cada vez mais cheio de mútuo compromisso.

A abertura de um Portal implica em entrar em *Aliança* com uma Entidade; implica em comunhão íntima com ela, em troca de favores. O Portal aberto se traduz sempre em duas grandes possibilidades.

Primeiro, acesso livre à uma Entidade específica. Não se trata mais do contato com um demônio qualquer, mas o *Guia* com o qual entramos em aliança. Assim como podemos acessá-lo, ele também pode nos acessar sempre que queira. Esta comunicação tem por objetivo a troca de informações e favores.

Em segundo lugar, o Portal aberto trás a possibilidade de realizar Feitiços cada vez maiores. A patente dos demônios é cada vez mais alta quanto mais elevado for o Portal aberto.

Na Escola Preparatória tínhamos visto que eram sete. Mas na verdade são nove os principais. A base da nuca; o ponto central no alto do crânio; entre as sobrancelhas (o terceiro olho); a região da fúrcula; o coração; a região do estômago; quatro dedos abaixo do umbigo; posterior ao saco escrotal; o cóccix.

Os Portais são nove porque nove também são as dimensões espirituais que podemos acessar em vida. O acesso à décima - segunda dimensão, região de domínio do próprio Lucifér, só se conhece após a morte.

Não existe necessariamente uma ordem seqüencial para a abertura dos Portais, ainda que a abertura de alguns traga mais Poder do que outros. Há Ritos específicos para a abertura de cada um deles. O primeiro pode — e deve — ser feito por substituição. Isto é, o Guia escolhe o Portal mas o Sumo Sacerdote consuma o ato Ritual no lugar da pessoa que está se submetendo à abertura do primeiro Portal.

Foi o que aconteceu comigo e com Thalya no Rito de Iniciação.

Cada Portal está associado a um determinado "tipo" de Poder e a um tipo específico de hierarquia demoníaca. Entende-se

claramente, então, que em última análise a abertura dos Portais visa a conquista de Poder por meio de alianças com os demônios. O Poder pleno vem progressivamente à medida que os Portais vão sendo abertos e novas alianças são feitas. Cada hierarquia tem um Poder maior ou menor nesta ou naquela área. A abertura do Portal trás não só proteção específica naquela área, como concede Poder de utilizar a força demoníaca neste mesmo sentido através de encantamento.

Esses encantamentos produzidos são praticamente infindáveis e abrangem todas as áreas.

A capacidade de causar doenças leves ou graves, infecções importantes, alterações do sistema imune, dores, desconfortos, lesões de todo tipo, muitas formas de cânceres, desbalanços endócrino-metabólicos são conseguidos pela abertura dos Portais da base da nuca, do plexo solar, do centro da cabeça e do estômago, por exemplo.

Lesões específicas e males em coluna lombar, dorsal e cervical são muito fáceis de serem causadas depois da abertura do Portal do cóccix. Alguém com dor freqüente dorme mal, fica mais tenso e mais propenso a outros tipos de ataques. A longo prazo uma postura arqueada influencia até a nível psíquico, altera a auto-estima, impede a prática de atividades físicas e sexuais com plenitude. A irritação crônica leva o indivíduo à prostração, fadiga e depressão.

O Portal do centro da cabeça está também ligado à mente. É o Portal mais poderoso e dá acesso à nona dimensão. É o único que requer três Ritos para ser aberto completamente. Dá Poder de lançar encantamentos a grandes distâncias, até sobre quem está do outro lado do mundo. O Poder de causar profundos distúrbios mentais também está relacionado à abertura deste Portal. O coração tem bastante relação com o simbolismo das emoções. Junto com o Portal do centro da cabeça este está ligado a todo tipo de alteração nessa área, inclusive franca loucura. O Portal do coração e da fúrcula estão ligados também a um Poder de morte. Através de aliança com espíritos de morte e demônios ceifadores há possibilidade de realizar esses Feitiços. Mas não a morte lenta que se causa por meio de doenças. Esses demônios são aqueles capazes

de tomar a vida subitamente, arrancar a alma.

O Portal do saco escrotal faz com que se adquira uma capacidade sexual totalmente sobre-humana em todos os sentidos. Dá também o Poder de atacar nesta área. Casamentos, em especial, tornam-se muito abalados em face das disfunções e da apatia sexual. Além do que o Feitiço pode abrir acesso para demônios de sensualidade e prostituição que levam o indivíduo ao "pecado".

O Portal da Terceira Visão, aquele entre os olhos, está ligado a Poderes de premonição, revelação e clarividência.

Outra peculiaridade no uso dos Portais pela Irmandade é que, diferentemente das outras doutrinas que esbarram no conceito dos chakras, o Portal do estômago e o do saco escrotal não são compreendidos. Por exemplo, na Yoga, Tantra-Yoga e nas artes milenares orientais, principalmente, o conceito dos chakras é conhecido e usado, mas parcialmente. Para eles são apenas sete os principais, e não nove.

A abertura dos Portais — como eu já aprendera teoricamente e já havia vivenciado uma vez na prática — tinha o seu preço. E o preço era de sangue. Através de sacrifício.

"Por que sacrifícios humanos!!?"

O questionamento tinha razão de ser, afinal não era a prática mais corriqueira do mundo. Ia levar um tempo para que eu conseguisse digerir aquilo. Brigar na rua, arrebentar com alguém... era uma coisa. O sacrifício era algo muito diferente. Passei muito tempo sem querer pensar a respeito.

Durante a Escola tínhamos ouvido falar um pouco sobre isso. Mas pouco. Só que agora nada mais seria como antes. E eu precisava ser convencido da necessidade de atos como aquele. Explicações superficiais não iriam me convencer!

Quando os conceitos sobre os Portais começaram a ser muito enfatizados no Grupo de estudo dos "Fire's sons" questionei Marlon de leve. Sondando as suas reações e procurando fazê-lo compreender as minhas dúvidas.

Ele era sempre perspicaz. E paciente. Não precisei questionar muito. E Marlon Principiou indo tão direto ao assunto que

estremeci.

— Não fomos nós que inventamos os Ritos Sacrifício, sabe? São *muito* antigos, e vieram espelhados em coisas lá do "outro lado". Após a queda do homem, para que novamente houvesse comunhão entre o homem e Deus foi instituído um sistema de sacrifícios dentro do Povo de Israel, a nação escolhida para receber revelação do Criador. Está tudo lá no livro de Levítico, tudo a respeito dos sacrifícios.

Eu não sabia nada sobre o livro de Levítico, mas fui escutando. Marlon conhecia muito bem a Bíblia.

— Os sacrifícios de animais tinham por objetivo fazer com que o homem voltasse a ser "aceito" por Deus, ou seja, para que a comunhão de ambos voltasse a se restabelecer. Em outras palavras, era necessário que novamente existisse um *elo* entre estas duas dimensões, a Divina e a humana, separadas por causa do pecado. O pecado rompeu a comunicação que existia no Éden. Como você já sabe, é óbvio que Deus não habita a mesma dimensão do homem, mas muitas dimensões acima. E a maneira de abrir — ou melhor, *reabrir* — esta porta fechada... é através da *morte sacrificial.* — Marlon encarou-me após a conclusão. — Concorda comigo?

— OK. Mas de animais, pelo que compreendi até agora. E então?

— Sim, escute. Por causa do pecado Deus dispõe dos animais para que estes morram em lugar do homem. E diga-se de passagem que foi Ele em pessoa que mandou matar os animais, a Criação que Ele mesmo fez e disse que "Era bom", está lembrado? Interessante isso, não? Os animais são inocentes, desprovidos de inteligência, incapazes de se defenderem. Não foram eles que pecaram, mas agora têm que morrer de uma forma dolorosa e cruel. E não eram um ou dois animais, mas muitos e muitos. Centenas. Milhares. O que Deus mandou fazer com os animais denota parte da sua natureza cruel, mas isso não é novidade de qualquer forma. — Marlon tinha a voz pesada ao falar das doutrinas bíblicas, o rosto levemente irado. — Mas vamos tentar compreender a lógica de Deus. Vamos esquecer um pouco dos animais e raciocinar. Você compreende que a abertura entre estas dimensões acontecia através

da morte... da dor... do *sangue?* Porque não dá para dizer que aquele tipo de morte não envolvia dor!! Mas, na realidade, o que Deus pediu tinha a sua razão de ser porque o sacrifício *é* necessário! Somente através dele há como haver reabertura do elo dimensional.

Eu desconhecia a Bíblia, de forma que fiz a pergunta óbvia:

— Mas por que houve o desligamento das dimensões? E porque o sacrifício...

— Calma! Eu já te disse sobre o desligamento, aconteceu por causa do pecado! Agora imagine comigo se existia alguma possibilidade disso não acontecer! Deus deu ao homem uma série de capacidades, sentidos, raciocínio, vontade própria. Mas colocou também uma série de limitações. Você tem mãos, mas nem tudo você pode pegar. Nem tudo você pode olhar, apesar de que te foram dados os olhos. Você tem paladar, e desejos, mas nem tudo o que existe nesse jardim você pode comer! Caso fosse desobedecida alguma dessas regras de sobrevivência a comunhão entre o homem e Deus estaria desfeita *permanentemente!* Deus sempre coloca uma regra, sempre! Ele nunca dará liberdade absoluta ao homem. Ele o criou, mas nunca dirá: "Você é livre. Seja feliz!". A liberdade de Deus é sempre cheia de condições. "Você é livre, filho, *mas...* aquilo não pode!". Se Deus colocou a tentação ao alcance do homem, sabendo que ele ia cair... então ele fez de propósito, e se fez de propósito é porque é sádico! — Marlon lançava faíscas pelos olhos. — E é assim porque Deus quis assim. E o elo entre as dimensões de fato ficou rompido. E uma vez fechada a porta Deus passa então a apontar o caminho para que acontecesse a reabertura: a matança dos animais, o justo entregue pelo injusto. Muito justo, não acha?!? — E ele riu.

Eu sentia aquela ira crescendo também dentro de mim. E uma revolta insana diante daquela argumentação. Mas aí Marlon voltou a falar do sacrifício Ritual satânico, e me acalmei.

— Da mesma forma que Deus, os demônios também podem abrir as portas que separam a nossa dimensão e a deles. Para isso faz-se necessário o sacrifício. Mas como você já sabe, não de animais. Por quê? É simples quando bem compreendido e já está na

hora desta dúvida deixar o seu coração. — Ele me olhou com brandura então, e passou a falar com mais calma. — Todo ser vivo possui uma energia vital. Você sabe disso. Encontramos diversos nomes para ela se percorrermos as diversas culturas. Mas vamos chamá-la simplesmente de energia vital. O que é isto exatamente? É tão intuitivo que fica difícil conceituar. Vamos exemplificar, é o melhor caminho. Imagine um robô de brinquedo. Se você privá-lo da energia elétrica gerada pelas pilhas ele pára de funcionar muito embora todo o seu sistema *mecânico* esteja intacto. Sem a energia das pilhas, sem que haja corrente elétrica circulando, o robô não anda. Assim é a energia vital. Nós não a vemos, mas ela está lá. Sem ela não passamos de pura matéria inanimada, morta.

— Eu sei! — Interrompi. — Os chineses chamam essa energia vital de *"chi"*! O *"chi"* eu conheço!

— Isso mesmo! Compreendeu o princípio?

— Sim. Mas o que a energia vital tem a ver com os sacrifícios?

— No contexto das outras dimensões existem forças diferentes e que nós, que estamos aqui neste mundinho, não conhecemos. Ou, se conhecemos, não sabemos explicar como elas agem. Mas o fato é que as dimensões paralelas existem, você aprendeu isso, e todas elas estão no mesmo lugar no espaço. Há, portanto, "forças" que determinam aonde começa uma e termina a outra.

— Chi, calma aí, Marlon! — Torci o nariz. — Como é o barato aí?

— Tudo é questão de física e química, Eduardo! Não é nada muito sobrenatural. Porque a pedra atirada para o alto retorna? Por causa da força da gravidade. Por que é que um carro consegue fazer uma trajetória circular? Por causa do Produto de duas forças que se complementam, a centrípeta e a centrífuga. Se visualizarmos um objeto no fundo da água ele parecerá estar numa posição diferente da real. Por quê? Por causa da refração que a luz sofre ao entrar num meio mais denso que o ar. Por que um balão cheio de gás sobe?... Poderíamos ficar falando até amanhã. Sabemos que o nosso mundo é regido por uma infinidade de leis, de "forças" que

determinam que ele seja assim, do jeito que nós o conhecemos. No caso das dimensões dos seres espirituais não seria diferente, concorda? Quero que você entenda que *as leis de lá não são as daqui*, e vice-versa, e do mesmo modo como água e óleo não se misturam, mesmo quando colocados em contato, as dimensões paralelas também não! Elas estão sob a ação de forças invisíveis que delimitam o lugar de cada uma delas no espaço. A grosso modo, como eu já disse, todas as dimensões coexistem no *mesmo lugar* no espaço mas não se interpenetram.

— Mas havia uma ligação antes, como você mesmo disse. — As idéias apresentadas por Marlon começavam a fazer sentido. — Se havia uma ligação entre a dimensão de Deus e a do homem...

Marlon calmamente recusou-se a prosseguir:

— Pois conclua você mesmo!

— Bom... a reabertura teria alguma coisa a ver com essas "forças", quero dizer... com *energia*, talvez??? Mas o que o sacrifício...? — Fiquei quieto, pensando.

— A questão é óbvia. Por que a morte teria o poder de abrir um elo entre as dimensões? Você pensou bem! Tem a ver com energia, claro, tudo funciona por meio dela. Se pudermos liberar uma quantidade de energia grande o suficiente para vencer a barreira existente entre duas dimensões, é possível criar — ainda que momentaneamente — um *Portal* entre elas! Consegue compreender?

Balancei devagar a cabeça. Bem. Fazia lógica.

— Continue.

— Se bem manipulada... a energia vital pode ser muito poderosa. E só existe uma forma de utilizá-la a nosso favor, só existe uma maneira de liberá-la do organismo vivo...

— Já entendi. Pela morte.

— Exatamente. Num ato inédito de bondade Deus resolveu poupar o homem e pediu a morte de animais porque o que interessava afinal era a energia contida neles. Mas como eles só têm corpo e alma a quantidade de energia liberada não é muito

grande. Por isso há necessidade de um número tão alto de sacrifícios. Mas se é o homem quem erra, não deve ser ele mesmo a pagar pelos seus atos? É mais justo que seja ele a morrer, afinal foi por sua causa que se perdeu o elo dimensional. Mas o mais importante é que a energia contida no espírito humano é altíssima. Nós não somos como animais, apenas com alma e corpo. Desse modo a energia vital liberada com a morte de um ser humano é infinitamente superior à morte de muitos animais! Lucifér assim prefere. O potencial energético humano é muito superior. E ele foi o culpado. É muito simples, não acha?

— Simples, sim. E bem destituído de emoção. Estamos falando de potencial energético ou de vidas?

— Estamos falando das duas coisas. Mas são diferentes. Até para Deus o fim justificou os meios. Não podemos fugir do princípio de que a morte é um "mal" necessário. — E Marlon retomou apenas a fim de enfatizar a conclusão. — Mas você sabe muito bem que "Bem" e "Mal" são relativos. Se o próprio Deus criou o Mal, é porque ele mesmo tinha a maldade dentro Dele. E Lucifér, a "essência do Mal" é o pai que te ama e te acolhe. É uma questão de conceito. A morte não é diferente. Leve em conta apenas a explosão de energia, que pode ser comparada a um tiro de arma de fogo, por exemplo. A bala só é projetada para fora do revólver porque foi criada uma condição energética atípica, caso contrário ela ficaria ali para sempre. O impacto da espoleta faz com que se incendeie a pólvora dentro da cápsula. A pólvora incendiada cria uma pressão muito grande que faz com que a bala acabe projetada violentamente para fora do cano. O Ritual Sacrifício pode ser comparado a esta "condição energética atípica". O Fluxo da energia vital é liberado e impulsionado de tal forma que é capaz de "furar" o bloqueio entre as duas dimensões, abrindo um elo entre elas.

Fiquei olhando para Marlon, ainda sem responder, assimilando o que ele dizia. Ele continuou:

— Imagine um lago congelado. Digamos que o ar acima da superfície congelada seja uma dimensão; a água, outra dimensão. E a barreira entre estas duas dimensões é o gelo. Se atirarmos com um revólver sobre a superfície do lago, a bala sai carregada de uma

energia tal que atravessa o ar, o gelo e entra na água lá embaixo. Se esperarmos muito tempo, o gelo volta a se formar e o buraco aberto pela bala deixa de existir. Mas e se esta bala pudesse carregar um "fio" amarrado à ela? Mesmo depois de refeita a película de gelo o fio garantiria uma comunicação *permanente* entre o ar e a água! O elo não mais se fecha! Ficou mais claro agora?

Assenti. Não havia mais o que discutir.

— O Portal aberto fica aberto permanentemente. Veja... o "tiro" parte de um lugar para outro e o elo se dá entre estes. No caso, quem dá o tiro é aquele que executa o sacrifício. A outra dimensão é acessada. O elo tem duas vias. Tanto as Entidades podem acessar você, quanto você pode ir à elas. Não é preciso esperar que o contato parta deles! Isto significa Poder e autonomia.

Apenas o futuro me faria compreender plenamente. Era preciso deglutir aquilo tudo. Marlon sabia que feijoada demais faz mal, causa indigestão e — pior! — pode fazer a gente vomitar.

Por isso, quando me calei, refletindo a respeito e afundando-me em considerações das mais diversas, meu amigo simplesmente deixou-me quieto e absorto.

***

Mais tarde eu compreenderia que a questão da energia é o que há de mais importante para que se efetive uma abertura de Portais. Mas o sacrifício em si tem um simbolismo muito grande por causa do sangue. O sangue é um dos símbolos máximos dentro do contexto espiritual. É símbolo de vida. É símbolo de morte. É moeda espiritual!

O próprio Deus pediu sangue. E depois pediu um Sacrifício ainda maior, com o Cristo. Assim deduz-se, logicamente, que *este* é o preço: a moeda usada para galgar dimensões e acessá-las.

Deus pediu. E Lucifér também pede sangue. Só que a este não se oferece qualquer coisa, não se oferece sangue de bois, carneiros, bodes e pombas. O ser humano é o que existe de mais precioso. Apenas a estes foi dado o privilégio da "imagem e semelhança" e, naturalmente, este é o sangue que Lucifér quer! O

sangue que lhe agrada! O sangue dos que são semelhantes Àquele que o expulsou dos céus.

Que têm a ver os animais com esta história? Nada. Essa história é entre Deus... Lucifér... e os homens.

Os animais são usados muito pouco, somente para treinamento e aprendizagem das técnicas que serão utilizadas depois nos humanos. Porque é inconcebível oferecer ao príncipe das Trevas um Ritual feito de qualquer jeito. Assim como um cirurgião aprende suas técnicas em animais e depois vai ao ser humano, alguns processos ritualísticos requerem o mesmo cuidado. Treina-se nos animais para fazer com homens!

A aliança de sangue é algo de simbolismo indiscutível, extremamente profundo, não se pode fazer pela metade. Deus dispunha das vidas dos animais e uma vez derramado o sangue, o máximo feito com ele era a *aspersão.* Inconcebível !!! É como se Deus pedisse ao homem que fizesse um bolo de receita complicada, cheia de detalhes e etapas.

— Quando finalmente o bolo está pronto, bonito, depois de tanto trabalho, é oferecido a Deus. E tudo o que você recebe daquilo é uma cuspida na cara. É sua recompensa após todo o seu trabalho! Ele te dá em troca um pequeno farelinho daquilo tudo. — Tinha dito Marlon.

E essa comparação ficou impregnada na minha mente.....como pode uma coisa dessas?!

Mas Lucifér, não! Lucifér torna o ser humano co-participante de tudo junto com ele. Ao oferecer um sacrifício Ritual — sendo ambos conhecedores da importância e do valor espiritual do mesmo — Lucifér convida o homem para sentar-se à sua mesa. A taça contendo o sangue é partilhada. A Cerimônia não é somente para ele, não se faz apenas em função de cultuá-lo isoladamente. É um partilhar, um brindar, um trocar de amizade, um bater solidário de corações. O tomar do sangue, bebê-lo é um honra incalculável!

— O culto oferecido a Lucifér é aceito, mas ele também presta um culto a todos os seus convidados. Nosso pai também nos está homenageando, está dizendo "Vocês são meus filhos! Bebem

da mesma taça e partilham da mesma mesa". Na cultura antiga, o homem que bebia da mesma taça que o Rei era seu homem de confiança. Da mesma forma são assim considerados os que partilham da taça de Lucifér. São filhos do Fogo e Lucifér confia plenamente neles. É um grande privilégio!

***

Parte III

Capítulo 1

A água fria parece que me despertou um pouco. Continuei jogando água com as duas mãos até que me senti melhor. Normalmente eu não ficava assim, com a cabeça fora de órbita, "aérea". Percebi que me recordava muito pouco de tudo o que acontecera de manhã. Para dizer a verdade, eu não lembrava de quase nada.

Sentei-me diante da mesa do Sr. Stênio. Ou melhor, diante da *minha* mesa. Aquele era o meu lugar definitivo agora. Muito bom. Era tudo o que eu podia dizer!

Mas eu continuava esquisito. Corri os olhos sobre o tampo da mesa e dei de cara com o porta-retrato colocado bem à minha frente. Era um retrato do Sr. Stênio junto com a família, a mulher e duas filhas pequenas.

A imagem que eu tinha na cabeça — a única coisa que conseguira reter daquela manhã — não combinava com a foto. Eram mais do que justificadas as muitas lágrimas delas durante o enterro do Sr. Stênio.

Procurei me desfazer da foto o quanto antes, uma tentativa de dissipar aquela sensação estranha que teimava em me dominar.

Coloquei no lugar uma foto minha, abraçado com Marlon e Thalya. E apeguei-me com mais intensidade ainda ao que Marlon me dissera. Eu o havia procurado na noite anterior, durante a reunião do Grupo. Logo que tivera notícias do falecimento.

Eu estava chocado. Pensei que ele não soubesse.

— Marlon... o Stênio morreu!

— Há coisas que você ainda não entende, não é? — Respondeu Marlon com muita calma.

De fato. Eu não imaginara nem de longe uma atitude tão drástica. Fiquei ainda mais chocado porque ele já estava a par de tudo. — *Você já* sabia?! A pergunta era totalmente desnecessária.

— Mas você ganhou a promoção! — Continuou Marlon ignorando a minha pergunta.

— Droga! E ele precisava *morrer*, Marlon?! Eu pensei que ele fosse ficar doente, afastar-se um pouco, como a dona Tânia, que só quebrou o fêmur! Não precisava matar o cara!...

Naquele momento tudo o mais parecia ter assumido posição bastante secundária. Meu olhar dizia tudo, encarando meu amigo com muito espanto. Eu estava um tanto ou quanto sem entender.

— Rillian, pense bem. — Explicou Marlon com paciência. — Ele nunca deixaria de ser o Supervisor. Por que você está tão chocado com essa morte? Deus — que é o grande bonzinho da história — "naturalmente" matou os dois filhos do Sacerdote Arão. Sabia disso? Nadabe e Abiú. Matou os dois, e por quê? Porque a atitude deles desagradou a Deus. Note bem. E isso porque eles *eram filhos* de Arão! Deus nem sequer cogitou se atitude tão drástica causaria algum dano a Arão, por exemplo. "Não gostei!", e que se dane. Não foi assim? "Morram"! Essas são as atitudes de Deus, o Justo, o Amoroso!

— Tudo bem, Marlon, mas nós não estamos falando de Arão e nem nada disso, eu acho...

Ele me interrompeu.

— Escute antes de falar. — Marlon sabia fazer contrastes entre Deus e Lucifér com enorme riqueza de detalhes. — Lucifér é

seu pai. Ele te ama e quer o melhor para você. Ele matou o Sr. Stênio mas...e daí?! Ele não era seu irmão, nem seu pai, seu amigo, seu filho. Que *vínculo* você tinha com ele, realmente? Sabe, Lucifér nunca tocará em um dos seus familiares porque sabe que se os ferir, estará ferindo você. Não fará nunca o que Deus fez com Arão, seu servo. A sua família tem uma proteção também, por sua causa. Você, além da proteção, tem também o favorecimento, mas a proteção em si abrange tudo à sua volta e tudo o que lhe diz respeito. As pessoas não sabem, mas são privilegiadas em serem da sua família. Aqui não é como do lado de lá! Arão era Sumo Sacerdote, mas que garantias ele teve? Nenhuma! Absolutamente nenhuma! O próprio Deus fez descer fogo do céu sobre os seus filhos para os consumir.

Eu escutava, calado.

— Com relação ao Sr. Stênio, essa medida foi necessária. Não questione, porque foi feito tão somente o que era necessário. Mesmo que ele ficasse em casa, doente, como você sugeriu, ele continuaria trabalhando de lá. Continuaria sendo o Supervisor de Operações Financeiras da *Style*. E você precisa galgar um posto alto logo. Precisa receber aquilo que você merece ter. Precisa melhorar essa sua auto-estima!

Ele fez uma pausa, encarando o meu rosto com firmeza e carinho ao mesmo tempo. Deu-me um tapinha nas costas, amigável:

— Quando Lucifér quer te dar alguma coisa, ele realmente *quer* fazer isto, quer concluir o seu objetivo de qualquer forma. O propósito, o fim é o que importa. E os fins justificam os meios. Isso faz você lembrado de algo?! — E concluiu: — O câncer é muito fácil de ser plantado!

Eu ainda não sabia o que dizer, continuava sentado esperando ele terminar, processando as idéias, abstendo-me de comentários.

— Deus às vezes age de forma muito estranha... e os Cristãos continuam a adorá-Lo do mesmo jeito! Ele avisa: "Agora vou forjar em você o caráter de não sei quem". E Deus vai e mata a família, faz capotar o carro, a empresa vai à bancarrota. Do lado de Deus os fins *sempre* justificam os meios. Que nem Jó, que quase morreu! —

Marlon parecia visivelmente indignado. — "É isso aí! Vamos ver se você é bom mesmo, meu servo Jó!" E lá vai. Uma chuva de "bênção". Isso porque ele era o mais justo sobre a Terra. Que recompensa, heim? E querem fazer acreditar que Jesus veio para que a Humanidade tivesse Vida, e Vida em abundância! Ora, e isso é *vida?!!!* Vida de sofrimento, só se for! Mas os fins... justificam tudo isso! Parece que Deus não tem mais o que fazer. Mas Lucifér não faz isso, ele não tira o que você tem pra fazer você sofrer. Ele não quer sofrimento para o homem, quer, ao contrário, a plenitude da Felicidade. Você nasceu para ser feliz, Eduardo. Lucifér é aquele que dá vida de verdade. E é isso que você está começando a experimentar. Vida! Vida é você estar exercendo um cargo que merece ter. Vida é não passar necessidade, é ter paz com você mesmo. É ter amigos que estão ao seu lado sempre!

Me convenceu. De fato. O exemplo de Nadabe e Abiú me tocou profundamente. Realmente Deus não estava preocupado. Nem com eles e muito menos com Arão, que era pai. O contraste era tão imenso...! Lucifér era bom. A argumentação dele caiu no meu coração como uma bomba.

— Tem razão. — Admiti. — É *só* uma vida. Meu pai a tomou porque quis dar o melhor para mim.

E fiquei agradecido, sinceramente. A Lucifér, a Abraxas e a todas as Entidades que tinham participado para que eu pudesse ter — e ser — o que eu queria. Compreendi o significado de tudo aquilo. Depois de refletir por alguns minutos tornei a me manifestar:

— Eu quero agradecer, então, Marlon. Não estava entendendo muito bem, mas agora gostaria de agradecer! Oferecer um brinde a estes demônios que estão me dando isso.

Então todos concordaram com a minha decisão, especialmente Marlon, satisfeito que eu tivesse compreendido corretamente todas as coisas. Eles prepararam uma poção rápida ali, na hora. Um Pentagrama foi desenhado no chão e todos participaram comigo. Zórdico mandou trazer a oferta, um bezerro. Não era comum ter animais por ali. Aquele bezerro ia ter um outro destino mas foi possível utilizá-lo naquele momento.

Eu morria de pena dos animais, mas procurei não dar muita atenção àquilo. Eu gostava muito de bichos e o bezerro parecia tão meigo. Foi o próprio Zórdico quem o sacrificou e eu me esforcei para não me deixar influenciar novamente. Tinha que aprender definitivamente que há coisas que são simplesmente necessárias.

A poção foi feita, todos nós bebemos dela, em meio aos mantras. Foi oferecido o brinde às Entidades. Depois nós começamos a tomar vinho e comer alguns petiscos, e nos alegramos muito. Ninguém saiu de lá. Ficamos até alta madrugada conversando e confraternizando. Saí umas três da manhã.

Sacudi novamente a cabeça, puxando-me para o presente de novo. Voltei a olhar para a mesa do Sr. Stênio e minha foto sobre ela.

— Sim... acho que eu estou assim letárgico por causa disso. Não dormi quase nada à noite.

E o enterro tinha sido às sete da manhã.

— Não! — Tornei novamente. — Não foi porque eu dormi pouco!

Levantei-me, abri a cortina e olhei a avenida movimentada lá embaixo. Estava no sétimo andar do luxuoso edifício aonde ficava a *Style,* uma multinacional no ramo da Informática.

— Não tem a menor lógica. Abraxas repôs a minha energia e eu fiquei bem. Isso não tem nada que ver com sono!

Era óbvio. Quando acordei pela manhã realmente eu estava muito cansado. Mas, depois, veio o vigor. Havia um encantamento para isso, eu literalmente pedia ao meu Guia que fizesse da sua força a minha força. O efeito era imediato e tremendo. Parecia que eu tinha tomado uma dose de cocaína na veia!

A lógica é simples. O que faz com que nos sintamos cansados é a perda de energia ao longo do dia. O desgaste nos leva a dormir justamente para esse fim: repor as energias. Mas os demônios podem fazer por nós a mesma coisa. Eles são energia pura e podem "carregar as baterias" como se tivéssemos tido um boa e comprida noite de sono.

Saí muito bem de casa. E fui ao enterro. Um procurador da *Style* que morava pertinho de minha casa me ofereceu carona e fomos juntos.

Foi um enterro diferente, lembro-me de que não vi nenhum padre. Mas, de resto, me recordo muito pouco. Nem sei o que conversei com as pessoas, o que sem dúvida era muito estranho. Foi como se eu tivesse apagado. Por quê? Haveria ali algo que meu Guia não desejasse que eu visse e ouvisse? Ou será que eu me deixaria dominar pela emoção outra vez? E acabaria esquecendo os propósitos mais profundos que culminaram naquele acontecimento?!! Nunca vou saber. Mas parece que Abraxas me deixou como que "inconsciente" durante todo o período em que estive ali.

A única coisa de que me lembro claramente foi do rosto do Sr. Stênio, que me pareceu muito calmo e tranqüilo. Sinceramente... tive muita pena. Muita pena mesmo. Mas procurei deixar de lado o "sentimento primitivo". E Abraxas me falou, muito claramente, em dado momento:

— O sofrimento por vezes é necessário. Não se vem à Vida sem dor...todo processo de transição envolve dor... a morte não é diferente.

Ainda assim não me confortou. Eu estava diante do sofrimento daquela família e me sentia pesado. Talvez tenha sido mesmo por isso que Abraxas achou por bem me "apagar" o resto do tempo. Eu não estava preparado para nada daquilo! Apenas entendia *racionalmente* que era necessário, mas estava inconformado nas emoções. Eu conhecia o Sr. Stênio. E até onde o conhecia... ele era bom! Que diferença fazia se ele não era meu parente, nem nada? Eu gostava dele do mesmo jeito!

A partir de um certo momento parecia que eu não estava mais ali, me sentia anestesiado, como se estivesse vendo um filme. Escutava... e não entendia; via... e não enxergava.

Estranho.....

Quando dei por mim já estava de volta na Empresa e já era quase horário de almoço. Estava ali na *toalete* jogando água no

rosto.

Desviei a vista da janela e procurei fazer algo mais útil. Como arrumar a sala do Sr. Stênio ao meu modo, evitando assim sentimentos que pudessem vir a me perturbar.

E dessa forma eu assumi o cargo de Supervisor de Operações Financeiras da *Style*. Tudo tinha acontecido tão depressa! Era até difícil absorver todas as mudanças. Realmente meu pai Lucifér tinha planos para mim e as Entidades tinham trabalhado rápido e muito bem.

***

Depois que saí da *Canion Tower* não fiquei muito tempo desempregado. Por indicação de um amigo meu que tinha trabalhado comigo na própria *Canion,* concorri a uma vaga na *Style*. Fiz os testes ao mesmo tempo em que compartilhei com meu Grupo sobre o início do novo processo de seleção. Eu tinha muito interesse em entrar porque a Empresa era excelente e muito bem situada.

— Fique tranqüilo. — Disseram-me. — Essa vaga será sua!

De fato, em dois dias eu já estava trabalhando. No começo o serviço era muito chato. Eu tinha entrado como Assistente de Contas a Pagar Sênior e minha chefe, para variar, era uma senhora. A função dela era nos supervisionar. Já viu! Em pouco tempo eu não suportava mais a dona Tânia! Nem ir ao banheiro sossegado a gente podia:

— Mas o que é que você foi fazer no banheiro, menino? Assim desse jeito vai atrasar o seu serviço.

Era assim o dia todo. Apesar de satisfeito com meu emprego, um dia acabei sinalizando minha indignação com Marlon e Zórdico. Eles riram um pouco e limitaram-se a pedir alguns dados de dona Tânia, coisas como endereço, data de nascimento, etc.

— É bom que você aprenda que na nossa Irmandade as pessoas não devem ser molestadas. — Comentou Zórdico. — Isso vai ser por pouco tempo. Tenha Paciência! Você vai fazer carreira

nesta Empresa.

Em poucos dias dona Tânia sofreu um acidente e fraturou o fêmur. A cirurgia e os cuidados médicos a mantiveram afastada por quase seis meses. Foi um verdadeiro sossego depois que ela saiu.

Eu tinha sido contratado para uma vaga temporária, mas nesse meio tempo surgiu uma vaga efetiva. Eu participei do processo de seleção interno, que foi muito fácil, e fui aprovado. Acabei sendo efetivado a um nível acima do meu: como Analista de Contas a Pagar Júnior. Estava muito satisfeito e adorava o meu trabalho! Sempre entusiasmado em aprender, ficava perto de quem pudesse me ensinar.

Havia um rapaz, um Analista Sênior que sabia bastante e em quem grudei para aprender todos os processos do departamento. Não era necessário esse esforço mas eu gostava do serviço. Depois que terminava as minhas incumbências ia sempre para perto dele, ajudava-o e aprendia. O nome dele era Milton e acabamos fazendo uma certa amizade. Ele gostava de ensinar e apreciava a minha capacidade e facilidade em aprender. Eu era determinado e não tinha receio de trabalho.

Foi então que surgiu uma oportunidade ímpar quando Milton anunciou que precisava tirar férias. Já fazia dois anos que ele não saía. E eu era o único que conhecia o "filé" do setor e as rotinas de serviço dele. Fiquei sabendo depois que foi do próprio Milton que veio a sugestão:

— Olha, o Eduardo é muito interessado e tem me acompanhado diariamente em todos os processos. Ele pode me substituir enquanto eu estiver fora.

A sugestão, ainda que um tanto ou quanto inusitada, foi fruto da ordem natural das coisas e não precisou de nenhuma intervenção espiritual. A Supervisão e a Gerência concordaram e nos próximos quinze dias eu passei a ser treinado especificamente para este propósito. O Milton me ensinou, em tempo integral, todos os detalhes dos processos.

E eu assumi.

***

Nos primeiros dias a tensão foi natural por causa da responsabilidade que estava sobre mim. Afinal eu preparava diariamente um relatório que ia para a Diretoria Financeira.

Na primeira semana me virei bem. Nada de novo além do que tinha aprendido com Milton. Na segunda semana, entretanto, apareceram uns problemas mais cabeludos para resolver. Mas eu não queria ter que perguntar nada para ninguém, queria arrumar uma maneira de resolver aquilo sozinho.

Eu vinha me esforçando muito, suprindo corajosamente todas as deficiências que fazia a falta de uma Faculdade. Estava aprendendo muito e muito rápido, eram montanhas de coisas novas todos os dias para absorver. Mas vinha me dando bem e não tinha sido necessário pedir orientação a Abraxas.

Mas naquela segunda semana foi preciso. Ele me disse algo acerca de uma "melhoria de processos". E deu-me algumas dicas muito boas e muito providenciais sobre como eu poderia fazer as mesmas coisas, e ter um resultado melhor. Depois levei também as dúvidas menores a Zórdico, que analisou os problemas e deu-me outras dicas importantes.

— Antes de você começar o seu dia, Rillian, consagre todo o serviço ao seu Guia. — Instruiu Zórdico. — Não se esqueça disso.

Trabalhei bastante e a principal mudança que consegui implantar foi no Relatório Financeiro. Antes ele ficava pronto somente com um dia de "atraso" mas agora, devido às mudanças, estava à disposição no mesmo dia. Aquilo agradou muito ao Diretor Financeiro. Além da entrega antecipada eu modifiquei muita coisa no *layout* do documento, o que conferia maior abrangência e uma leitura muito mais fidedigna.

Minha resposta aos elogios que começaram a vir da Supervisão e da Gerência foi a seguinte:

— Posso fazer muito mais do que isso. Mas eu preciso de melhores condições de trabalho. Preciso de uma sala só para mim, onde posso me concentrar melhor. E preciso de dois auxiliares

também. Queria um telefone só meu, mas não na minha sala. Poderiam designar alguém para filtrar as ligações e só deixar passar o que é urgente. Quero também uma iluminação assim e assim na minha sala. E prefiro uma cadeira mais anatômica.

Confesso que chutei o balde nas exigências porque sabia que tinha a faca e o queijo na mão. No final de semana fizeram uma pequena reforma no setor e realmente me deram a sala como eu queria. Providenciaram os auxiliares e tudo o mais.

"UAU!"

Depois disso ganhei autoconfiança. Trabalhei com muito afinco e em caso de necessidade sempre sabia aonde encontrar as explicações certas na hora certa. Com Zórdico, claro, ou Marlon. Pegava o telefone e perguntava. Abraxas era somente em último caso.

— Olha, eu tenho estas alternativas para carteira de investimentos. Em qual eu devo investir, Zórdico?

A resposta era sempre certeira.

Naquela época a Economia era muito instável. Um erro representava a perda de milhões. E justamente por causa disso em certas ocasiões eu precisava justificar meus atos à Gerência.

— Por que você decidiu aplicar todo o nosso capital aqui? — Ela me perguntava. — Em vez de distribuir parte do dinheiro em outros investimentos? Isso é muito arriscado!

— Esta é a melhor opção.

— Mas ninguém sabe qual é a melhor!! Como você pode afirmar?

— Esta é a melhor.

Eu insistia categoricamente e isto fazia com que ela me liberasse para agir como preferisse. No dia seguinte ficávamos sabendo das oscilações na Bolsa de Valores: tinham ocasionado um rendimento maior exatamente na carteira de investimento em que eu aplicara o capital. Comecei a ter a reputação de quem tem *feeling* para negócios.

***

E foi aí que eu descobri o "elefante branco"!

Depois do sucesso com o Relatório Financeiro e com os investimentos certeiríssimos eu estava à caça de algo mais que pudesse consolidar o meu valor. O tempo era curto e eu tinha que me fazer totalmente insubstituível. As férias do Milton estavam chegando ao fim.

Zórdico tinha comentado comigo há alguns dias:

— Abra bem os seus ouvidos, Rillian! Porque o Abraxas tem muito a te ensinar. Não é à toa que ele existe desde antes da fundação do mundo. — E brincou: — Ele sabe *muita* Administração!

Era um final de tarde e eu estava sentado em minha sala, pensativo, e com o serviço já todo feito. Normalmente eu ficava além do horário de expediente para deixar o trânsito baixar. Aproveitava para ler o jornal, brincava com os joguinhos eletrônicos do computador, jantava na Empresa com meus amigos.

Tinha feito um café na máquina e observava o vapor quente saindo do copinho enquanto me deixava levar pelos meus pensamentos. Finalmente invoquei Abraxas por meio dos encantamentos e disse, com muita sinceridade:

— Olha, Abraxas! Tem mais alguma coisa que eu possa fazer aqui? Tem algo mais que eu possa mudar, ou melhorar, e que eu não esteja vendo? O Milton vai voltar e eu preciso de coisas *de peso* para apresentar, coisas que me garantam efetivamente este lugar! Quero continuar ocupando este cargo, e esta sala, como tem sido até agora!

A voz dele veio no meu ouvido esquerdo:

— Dê uma olhada nos relatórios que estão subindo do Caixa. E calcule quanto a Empresa deixou de aplicar no decorrer de um mês.

Tomei o resto do café já meio frio. Em outras palavras, Abraxas estava me dizendo para verificar quanto a Empresa tinha

deixado de ganhar. Naquela época os juros eram muito altos e a maior receita da Empresa vinha justamente da especulação na ciranda financeira.

Fiz como ele me dissera. Um levantamento diário dos valores que não eram aplicados e que ficavam ao léu até que os fornecedores os retirassem. Calculei a projeção para o mês e os juros. Fiquei boquiaberto! A quantia que a *Style* estava jogando no lixo era muito significativa! Dava para pagar a folha de funcionários de um andar inteiro, já embutidos os encargos sociais. Muita grana.

Mais que depressa preparei um relatório com base naqueles dados, e acrescentei xérox de todos os documentos que comprovavam o que eu dizia. Nem conversei com o Sr. Stênio. Fui direto até a Márcia, a Gerente Financeira. Entreguei o material nas mãos dela:

— O relatório de hoje está pronto, Márcia, mas dá uma olhada nesse detalhe que eu descobri aqui. Veja também o relatório em anexo.

Ela bateu os olhos nos números, e eles eram incontestáveis:

— Meu Deus! Eduardo, isso é uma bomba!

Ela me elogiou muito e saiu, apressada, voou até a Diretoria:

— Vou conversar com o Diretor Financeiro agora mesmo! — Esclareceu ela. — Isso não pode continuar acontecendo!

No dia seguinte fiquei sabendo dos acalorados comentários do Diretor acerca do meu dossiê. E que a partir de então eu iria ocupar definitivamente o cargo de Analista Sênior. Em poucos dias, quando Milton retornou das férias, foi simplesmente demitido. Não havia mais espaço para ele ali.

E eu fiquei com todas as regalias do setor!

— Há algo mais que você queira em sua sala?

Eu me sentia o todo-poderoso. Impliquei com o barulho que o vento fazia nas persianas da janela e que prejudicava minha concentração.

— Não dá pra vocês colocarem umas cortinas?

Ganhei as cortinas e a vida no departamento parece que engrenou. Em sete meses meu crescimento dentro da *Style* tinha ido de vento em popa. Eu adorava o meu serviço e em pouco tempo já era dono da situação. Não fazia diferença que Abraxas tivesse dado as dicas iniciais, e Zórdico as tivesse complementado. Eu me virava muito bem agora. Sozinho. Nos próximos cinco meses ocupei o cargo de Analista. E completei um ano de casa.

Mas o episódio do "elefante branco" acabou por estreitar o meu relacionamento não só com Márcia, a Gerente, mas também com o sr. Stênio. O Supervisor. E era muito bem visto também pela Diretoria.

No que dizia respeito ao Sr. Stênio, eu era o preferido dele para as tarefas de maior responsabilidade, costumava acompanhá-lo de perto. Procurei trabalhar sempre com conhecimento de causa. Eu não me contentava em que ele me dissesse para fazer isso ou aquilo. Eu queria saber opor *quê* disso ou daquilo. Detestava serviços robotizados.

Naquele período um dos desafios foi implantar um novo sistema informatizado de Contas a Pagar porque muitos dos processos ainda eram feitos manualmente. Toda a gestão e implantação do novo sistema ficou por nossa conta e eu pude acompanhar de perto desde o treinamento dos funcionários até os processos finais tanto do sistema quanto dos equipamentos.

Foi desgastante, sem dúvida, sempre saíamos tarde da Empresa. Não raro trabalhávamos até aos sábados e domingos. Mas valeu a pena. Uma sensação gostosa em ver o bom funcionamento de tudo!

E uma vez consolidado o sistema, o Sr. Stênio ia sair em férias. Comentou comigo logo de cara:

— Estou precisando pescar um pouco, espairecer a cabeça! Vou pegar umas férias. Você fica no meu lugar? Saio só uns quinze dias.

E ficou mesmo acertado que assim seria. Eu o substituiria por quinze dias. O departamento aprovou e eu sabia que era agora ou

nunca. Aquela sede incontrolável de Poder me dominava.

***

O Sr. Stênio saiu na sexta-feira à noite.

Apresentei o meu desejo veementemente a quem pude, na reunião da Irmandade, no mesmo dia. Conversei com Marlon, Zórdico, Rúbia, Ariel, Egípcio, dentre outros:

— Olha, eu estou assumindo o cargo, heim? Aquele lugar *tem* que ser meu! Marlon adiantou-se depois que expliquei a situação.

— Não se preocupe! Fique tranqüilo. O cargo será seu porque você o merece. Aliás, você merece muito mais do que isso. É muito bom que você vá tendo essa experiência de liderança desde já. Você ainda vai liderar muitas coisas!

Zórdico pediu:

— Me arruma o nome completo do seu Supervisor, endereço, tudo. Me passa os dados por fax logo na segunda-feira.

Ele também me deu uma estatueta e orientou-me para que a deixasse em qualquer lugar dentro da sala do Sr. Stênio. Era uma réplica de um deus hindu semelhante a um elefante. Eu estranhei um pouco. Zórdico explicou:

— Essa pequena estátua foi consagrada a Behemoth e Belfegór. São Entidades muito poderosas, como você sabe!

— Eu sei, Zórdico, mas o meu Guia é o Abraxas, e ele mesmo está subordinado a Leviathan! Como, então uma outra Hierarquia...?

— Sim, sim, não entenda mal, Rillian! Mas todos os demônios colaboram entre si visando um fim comum. Se você quer algo, terra e céus vão se mover para ajudá-lo! Afinal... você não faria qualquer esforço pelo seu filho? Lucifér a mesma coisa. Ele não mede esforços.

E fiz como me orientaram. Logo na segunda-feira após o expediente entrei na sala dele aproveitando o departamento vazio.

Depois da correria das últimas semanas todos tinham saído cedo.

Percorri aquele espaço, pensativo. Eu não tinha ainda autoridade espiritual suficiente para fazer algo de peso, infelizmente, apesar de já ser um Mago. Mesmo assim consagrei o lugar a Abraxas e pedi sua orientação para os próximos dias.

— Este lugar agora será meu. — Murmurei. — Porque eu sou *filho do Fogo*, e assim vai ser!

Depois desembrulhei a estatueta e a coloquei sobre a mesa, junto à fotografia da família. Já tinha conseguido os dados que Zórdico pedira, e os enviei com o maior número possível de detalhes. Mandei inclusive uma cópia xérox da foto.

E deixei rolar. Sabia que tudo estava sob controle. E Abraxas estaria ali comigo todo o tempo, dando-me cobertura e me orientando, se fosse necessário. Os dias que se seguiram foram muito tranqüilos. Me dei bem no cargo. Somente se aparecesse um pepino muito grande é que eu me aconselharia com Marlon, Zórdico ou Abraxas. Mas nem foi preciso.

Mais ou menos no décimo dia das férias do Sr. Stênio recebemos uma notícia de que ele não estava muito bem de saúde. Tinha sido internado com um quadro de vômitos, dores de cabeça muito intensas e convulsões. Foi a própria Márcia que adentrou minha sala para dar a notícia:

— Olha, Eduardo, talvez você tenha que permanecer mais uns dias no cargo porque o Stênio está fazendo uns exames. A esposa dele acabou de nos telefonar.

E me explicou tudo. O Sr. Stênio estava internado num bom hospital que não ficava muito distante da *Style.* Naquele dia eu saí do serviço e fui visitá-lo. Sinceramente.... em momento algum me passou pela cabeça que ele fosse morrer. Imaginei que ele ficaria doente por algum tempo, o suficiente para que eu me consolidasse no cargo de Supervisor.

Conversamos um pouco, ele estava estável e até otimista em relação ao quadro da sua enfermidade. No dia seguinte ia fazer uma ressonância nuclear magnética em outro hospital, um exame que poderia elucidar melhor a patologia cerebral que ele vinha

apresentando. Quando eu ia saindo, ele ainda brincou:

— Cuida bem das coisas por lá, heim?

Abri a porta e dei de cara com o médico dele, que vinha entrando para uma visita vespertina. Engraçado... de onde ele me era familiar??? Eu tinha quase certeza de que o conhecia... mas de *onde?!!*

Nossos olhares se cruzaram por alguns instantes, mas nenhum de nós disse palavra. Já na rua, finalmente lembrei-me: ele fazia parte da Irmandade.

***

O Sr. Stênio foi operado mais ou menos uns cinco dias depois, por causa do tumor cerebral. Mas não sobreviveu à cirurgia.

Quando soube da notícia fiquei completamente chocado. Márcia entrou em minha sala meio quieta, sentou, ficou me olhando com um ar perdido.

— Que aconteceu?! — Perguntei.

— Não tenho uma notícia boa para dar...é uma decisão muito difícil para todos. Nem sei como te dizer. Mas falei com o Diretor e a decisão já foi tomada. Em suma: a partir de agora você é o novo Supervisor.

— Pôxa! E você me dá notícia com essa cara?!!

— Isso só está acontecendo porque o Stênio faleceu! Evidentemente, não me entenda mal. O seu mérito é inquestionável, e não há ninguém capacitado no setor a não ser você. A decisão partiu inclusive do próprio Diretor. Mas... o Stênio...

— O Stênio... morreu?!!! Mas não é possível!!!

— Ontem à tarde. O enterro será amanhã às sete da manhã.

Eu não sabia dizer se estava ouvindo mesmo aquilo ou não. Por um lado...uma euforia estranha. Por outro, o que teriam eles feito???! Eu não queria que ele tivesse morrido! Que atitude mais drástica!

Márcia começou a chorar, sinceramente chateada. Eu fiz o papel de consolador o melhor possível. Queria só sair dali... encontrar Marlon... entender porque o preço tinha sido tão alto!

***

Minha primeira atitude como Supervisor foi reunir o grupo que me estaria subordinado a partir de então. Ao todo umas dezesseis a dezoito pessoas. Fazia pouco mais de um ano que eu estava na *Style*.

Convocada a reunião, Márcia iniciou explicando em poucas palavras porque eu tinha sido escolhido para assumir o cargo. A maioria aceitou bem apesar de haver funcionários mais antigos de casa do que eu. Fui muito bem deglutido como novo chefe.

— Bem, vou deixá-los com seu novo Supervisor. — Disse por fim a Márcia. — Dêem-me licença que eu tenho muito o que fazer!

E deixou-me com o grupo. Eu já conhecia a todos e eles me conheciam, mas agora era muito diferente.

— Gostaria de saber um pouco mais de vocês! Quanto tempo têm de Empresa, quem ainda está fazendo Faculdade, quais as expectativas dentro da *Style?*... Vocês moram sozinhos ou com os pais? São casados ou solteiros? Qual sua crença religiosa?.....

Fui fazendo as perguntas triviais e dei um jeito de embutir no questionário a única questão que realmente me interessava: a religião. Na verdade era o que eu mais queria saber. Queria saber se algum deles poderia me ser empecilho de qualquer forma. Eu literalmente odiava pessoas Cristãs.

Cada um foi falando de si mesmo. Tinha quem fosse espírita, ou católico, ou esotérico, ou simplesmente sem definição. Mas lá estavam elas, sentadas lado a lado. Como é que eu não havia reparado antes naquelas moças?!!

Uma delas, a Vanessa, de cabelo comprido e óculos, magricela; a outra, Tatiana, era até bonitinha, com cabelos curtos e crespos, da mesma idade da Vanessa. Ela era Assistente Sênior e a

Vanessa, Analista Financeira Júnior.

E estavam bem ali, à minha frente!

A Vanessa em especial falou muito de Deus. As duas freqüentavam a mesma Igreja, uma denominação Pentecostal qualquer.

— E, olha, estamos muito felizes em você estar assumindo o cargo! Vamos estar orando por você, para que Deus dirija os seus passos nessa sua nova função. Que você seja muito abençoado e possa ser mesmo um instrumento de Deus para nos abençoar também.

Eu procurei controlar ao máximo a expressão do meu rosto. Era preciso disfarçar um pouco o quanto estava odiando aquela introdução.

"Você vai ver que instrumento de bênção eu vou ser, sua cretina!"

E procurei falar brevemente de mim mesmo. Mas não entrei em detalhes de nada. Comentei somente um pouco da Arte Marcial mas evitei entrarem detalhes de religião. Para constar, disse que não tinha opinião formada sobre a Palavra de Deus. Apenas achava que tantas distorções vindas de um único Livro só serviam para uma coisa: ofuscar ainda mais a Verdade.

E deixei por isso mesmo. Meu objetivo já tinha sido alcançado. Terminei a reunião falando mais de trabalho, expondo os meus projetos a curto, médio e longo prazo. E incentivando-os a colaborarem comigo.

— Vocês serão bem recompensados. Quem se sobressair não vai ganhar apenas o bom e velho tapinha nas costas. Isso é bom, sem dúvida, mas a mola que impulsiona essa auto-realização é o reconhecimento financeiro!

Mas percebi que aquelas duas, a Vanessa e a Tatiana, tinham chance de vir a ser uma chateação só. Uma pedra de tropeço no departamento. E no meu sapato! Eu tinha que encontrar uma maneira de demiti-las. Só que não poderia ser sem uma boa justificativa! E nem antes que findassem os meus três meses de experiência.

Pelo visto teríamos que nos suportar um pouco.

— Esse ambiente vai feder com esse dois bichos aqui dentro...! Como é que nunca reparei nisso?!!!

***

Eu tinha três meses para provar a incompetência das duas. Se conseguisse, uma vez efetivado como Supervisor elas estariam no olho da rua.

Logo depois da primeira reunião, Vanessa teve o topete de vir bater na minha porta.

— Dá licença, Eduardo? Eu queria te entregar uma coisa.

Era um panfletinho com uma cachoeira desenhada na primeira capa.

— Isso aqui é para você refletir! — Explicou Vanessa jogando o cabelão nas costas.

— Refletir?! *Refletir* no quê??? Numa cachoeira?! — Respondi meio brusco.

— Não, não! É o que está escrito no verso. — E acrescentou, num tom de voz doce que me irou mais ainda. — É um Salmo!

A vontade que eu tinha era dar uma resposta bem à altura e bem mal educada. Mas me contive:

— Tá bom, Vanessa. Ótima idéia, mas, olhe, vá trabalhar que você está me atrapalhando.

Nem bem ela saiu dei ordens expressas à minha secretária.

— Não me deixe ninguém entrar aqui assim desse jeito, à toa! A secretária fez que sim, mas acudiu em tempo.

— Ah, a propósito! Me parece que essa moça, a Vanessa, e aquela outra lá... — Apontou para a *outra* adorável subalterna. — Elas comentaram comigo para que pedisse permissão ao senhor: elas gostariam de poder orar na sua sala! De manhã, sabe? Antes do expediente. Acho que não tem problema, né?

— *Orar?*!!! Ah! Pois era só o que me faltava!!! De jeito

nenhum. Tem problema, sim! Aqui não entra ninguém, entendeu? Ninguém!!! Você não deixa absolutamente ninguém entrar na minha sala. Entendeu?! Aliás, eu vou levar a chave.

E assim eu fiz. Minha secretária ficou com cara de ostra diante de tão veemente negativa e não entendeu nada. Mas no final do dia eu trancava a porta e levava a chave comigo. Como se eu fosse suportar aquilo! Aquelas duas *orando* na minha sala!!!

A partir de então eu passei a sobrecarregá-las de serviço. Ficava pensando comigo mesmo sobre que tarefas impossíveis eu poderia inventar e dar à elas. Por experiência própria eu sabia que fazer qualquer serviço sob pressão é terrível. Ainda mais se for algo complexo, que exija atenção, e se o espaço de tempo disponível for pequeno. A probabilidade de haver algum erro é bem alta.

Eu procurava criar este tipo de situação sempre que possível. Muitas vezes eu já sabia que ia precisar de um dado serviço desde manhã cedo. Mas eu só dava a incumbência depois do almoço. Então, além de arcar com a rotina do dia, elas tinham que resolver aquele outro abacaxi para o *mesmo dia.*

— Preciso deste levantamento para hoje porque amanhã eu tenho uma reunião logo cedo. É urgente! E, olha, isso não pode ter nenhum erro, heim? Se tiver erro nós vamos conversar, porque isso é um negócio muito sério.

E falava na frente de outras pessoas justamente para que todos soubessem da urgência do trabalho. Não haveria como elas alegarem qualquer tipo de ignorância. Mas invariavelmente o serviço estava sempre pronto, a tempo e a hora. *Sem erro.* Como eu odiava aquilo! Não sei como é que elas conseguiam dar conta, as duas se revezavam e dividiam as tarefas e sempre acabavam cumprindo tudo o que eu determinava.

Aquilo só me estimulava mais ainda a inventar tarefas cada vez mais estratosféricas.

Mas, serviço à parte, havia outras coisas que me incomodavam.

Certa ocasião: horário de almoço e o departamento estava meio vazio. Eu passei por perto da mesa delas, que ficava atrás de

um biombo, e escutei as duas cantando baixinho.

— Deus está aqui...! Aleluia! Tão certo como o ar que eu respiro!

O sangue me subiu imediatamente ao rosto. Dei uns murros no biombo.

— Mas o *que* que é isso que eu estou ouvindo?!

Eu me sentia afrontado com aquilo. Parecia que era alguma coisa a nível pessoal, como se elas estivessem pessoalmente me ofendendo terrivelmente. Repeti com mais ênfase, ainda procurando me conter.

— Ô! Vamos trabalhar aí?!! Escutei a voz da Vanessa, meio em tom de brincadeira:

— Estamos almoçando, chefe!

— Se estão almoçando deviam estar com a boca *cheia*, se alimentando! E não ficar cantando por aqui! Aqui não é boate, cabaré, para vocês terem esta liberdade aqui dentro! — O tom da minha voz soou mais mal educado do que eu pretendia.

— Ai, chefe, que é isso?! Isso aqui não é música de cabaré, não! São músicas que a gente canta na Igreja.

Eu enfiei a cabeça pelo biombo e falei categoricamente:

— Pois é. Canta na Igreja mas *aqui* não canta! — Respondi, bravo. — Eu não consigo me concentrar com essa cantoria toda!

Como se eu estivesse fazendo alguma coisa.

Outras ocasiões eu chegava de manhã cedo e elas estavam lá lendo a Bíblia, esforçadas. Aquilo já era o motivo do dia. Impressionante como elas conseguiam me irritar com atitudes assim.

— Ô, menina! Você não vai trabalhar, não? Não tem nada pra você fazer aqui?!

— Ah, mas não deu o meu horário ainda.

— Bom, se você chegou mais cedo, você vai trabalhar. Aqui é um local de trabalho. Se você quer ler a sua Bíblia que vá ler no

refeitório, no elevador, vai pro telhado, vai ler em outro lugar. *Aqui no setor, não!* E eu quero que isso fique bem claro de uma vez por todas!!! Aqui é lugar de trabalho. Vocês têm que entender que estão aqui pra trabalhar. Se querem chegar mais cedo, muito bem, mas é pra trabalhar. Aqui não é lugar de ler Bíblia! Vai arrumar outro lugar pra você ler isso!

E elas respeitavam, não desacatavam, não faziam cara torta. Simplesmente levantavam e se desculpavam:

— Tudo bem, a gente não quis incomodar. Tem alguma coisa que nós possamos fazer para ajudar?

Não tinha nada, àquela hora da manhã. Então eu dava o serviço predileto:

— O arquivo precisa ser arrumado.

Até que situações desse tipo deixaram aos poucos de acontecer. E eu já não escutava hinos e nem dava de cara com Bíblias no meu setor. Passaram-se os três meses e eu fui efetivado como Supervisor. Mas ainda não tinha conseguido arrumar nada que as desabonasse. No entanto, só de raiva, tudo que eu pudesse fazer para criar algum tipo de problema para elas eu fazia, sem nenhum constrangimento.

Certa ocasião a Vanessa me procurou com um pedido:

— Eduardo, será que eu poderia sair mais cedo amanhã? É que eu e meu noivo estamos para fechar um negócio com um apartamento que pretendemos alugar, e tínhamos que ir até lá amanhã de tarde.

Eu passei de cara uma montanha de serviço para ela fazer e acrescentei, com cara lavada:

— Olha, Vanessa, por mim tudo bem. Se este serviço estiver em ordem, amanhã você fica liberada!

Ela tinha horas-crédito, se quisesse poderia nem dar as caras o dia inteiro. Mas eu não tinha intenção de deixá-la usar as horas assim, sem mais nem menos. Soube que naquela noite ela ficou até tarde na Empresa. E no dia seguinte chegou antes para conseguir dar conta de tudo o que eu a tinha incumbido.

Antes de sair para o almoço Vanessa veio à minha sala e entregou o serviço todinho, perfeito e em ordem, e simplesmente lembrou-me da promessa.

— O serviço está aqui, Eduardo. Eu vou almoçar agora e de tarde já não venho porque o meu noivo vai estar me esperando.

Como não tinha nada que eu pudesse fazer para segurá-la, inventei uma história daquelas. Nós estávamos às vésperas de receber uma Auditoria e então pedi a ela que me levantasse um processo de cinco anos atrás. Com a desculpa de que havia suspeita de um procedimento irregular naquele período.

— Infelizmente surgiu este problema, Vanessa, e a Auditoria está aí mesmo. Eu não tenho mais ninguém a quem confiar este serviço.

O problema é que os tais documentos estavam num arquivo morto da *Style* que ficava numa cidade um pouco além de Campinas. Eu sabia que até ela pegar o táxi, ir até lá, localizar o documento, tirar cópia e voltar para São Paulo...já era!

No dia seguinte eu soube pela minha secretária que Vanessa acabou chegando depois do término do expediente.

Eu estava crente que ela ia ficar de birra comigo, estaria brava e ia criar algum questionamento quanto à minha autoridade. E isso seria a deixa para mandá-la embora. Logo de manhã ela veio falar comigo. Eu procurei me desculpar, diplomaticamente:

— Me desculpe, Vanessa, realmente foi um imprevisto, eu soube que você chegou muito tarde ontem!

— Ah, não tem problema, não, chefe! Meu noivo foi sozinho e, puxa, Glória a Deus! Deus deu pra gente um apartamento muito bom!! Estou super feliz e você não precisa se preocupar com nada.

Ela mantinha um bom humor e uma atitude submissa que me incomodava. E nada de eu conseguir cumprir o meu plano!

Resolvi dar o basta. Estava na hora de fazer um Feitiço contra elas e aí eu queria ver. Já era Mago mesmo! Sabia o básico para criar, sozinho, algum problema que se fosse bem manipulado depois, podia me trazer o que eu queria.

Assim que me foi possível fiz o encantamento direto na mesa delas. Pronunciei as palavras certas, coloquei coisas nas suas gavetas, amaldiçoei aquele recanto. Eu sabia que elas iriam adoecer.

Naquele mesmo dia, no final da tarde Vanessa e Tatiana já estavam visivelmente indispostas, com febre e muita dor de cabeça. Não deixei ninguém sair mais cedo e nem tive nenhuma piedade em diminuir o ritmo de serviço das duas.

— Dando pra ficar, fica, né?

Isso foi numa terça-feira e elas faltaram o resto da semana por dispensa médica. Quando voltaram com o atestado, na segunda-feira, criei o problema.

— Mas esse atestado é uma coisa muito vaga, não? O que foi que vocês tiveram, afinal de contas? Foi uma gripe forte? Ninguém mais teve nada no departamento inteiro, só vocês duas.

Foi a Tatiana quem respondeu primeiro:

— Não sei bem o que foi que a gente teve, seu Eduardo. Foi muito esquisito! Dava febre o tempo todo, o médico disse que a princípio poderia ser mesmo só um gripe, mas não estava cedendo!

— Mas aí, no final de semana, como nós continuávamos ruim o Pastor ungiu a gente com óleo. Porque a gente freqüenta a mesma Igreja! :

Eu bufei comigo mesmo:

"As pragas são do mesmo bueiro! *Ratos* do mesmo bueiro!"

— Então... e depois da Unção com óleo acho que Deus deu o livramento porque nós começamos a nos sentir melhor. — Continuou a Vanessa.

"Numa próxima ocasião eu vou fazer um Feitiço pra matar vocês", pensei outra vez com os meus botões, enquanto elas continuavam no "Glória a Deus" e "Aleluia". E continuei:

— Peraí um pouco. Esta história está estranha, vocês não acham, não? Todo mundo sabe que as duas são amigas inseparáveis aqui dentro. E as duas, simplesmente *as duas,* ficam doentes. Vão

no mesmo médico... como é que pode uma coisa dessa? E vocês ainda querem me convencer de que o Pastor ungiu... e vocês sararam?! Por favor, né? Vocês são crentes e não deveriam estar mentindo desse jeito. Não é errado mentir, não? Não tá escrito isso na Bíblia em algum canto?!!!

— Não, não! — Sobreveio a Vanessa novamente. — Nós não estamos mentindo! É a verdade, não sabemos mesmo o que foi que a gente teve.

— Então está muito bem. Eu quero uma segunda opinião. Vocês passem em um outro médico e me tragam um outro atestado.

E não é que elas voltaram com outro atestado? Eu pensei que haveria uma contestação por parte deles, mas não houve. E eu tive que dar a mão à palmatória. Depois do incidente ainda bati na cabeça, inconformado com o meu esquecimento:

— Por que não as mandei para um médico da Irmandade? Que comida de bola!!!

Mas aí já não tinha o que ser feito. Só que dei a cartada:

— Apesar disso tudo, pra mim esta história está mal contada. Estou de olho em vocês. Qualquer deslize a partir de agora... — E deixei nas entrelinhas.

Elas se empenharam e ficaram até tarde durante toda a semana, vieram ate no final de semana para conseguir por todo o serviço atrasado em ordem. E puseram. No início da outra semana estava tudo andando normalmente outra vez.

E aí, a novidade! Não é que as duas cismaram em me *converter?!!* Aquela era a última piada do ano!!!!! Na cabeça delas eu precisava de Jesus com urgência. Fiquei sabendo disso um belo dia ao voltar do almoço. Passei perto da mesa delas e lá estavam as duas com a mãozinha levantada. Mas em silêncio. Elas sabiam o que eu pensava a respeito de orações dentro do setor.

— *Mas o que que significa isso?!*. — Eu não me contive diante da cena. — Que história é essa agora?!!

— Nós estamos orando. Mas bem baixinho, pra não atrapalhar ninguém, e nem o senhor!

— E precisa dessa mão levantada pra orar? Eu já não falei sobre isso?!

— Mas é que nós estamos orando por você! — Retrucou a Vanessa. Fui bem seco:

— Eu não preciso de oração. — E meu olho quase fuzilava.

— Sim, de fato não foi bem o que eu quis dizer. Você precisa de Jesus! Viu? Você... olha, me desculpa, viu? Você é nosso chefe, e tudo, mas você tem alguma coisa por dentro... só Jesus pode preencher isso! Você tem um vazio nessa sua alma.

— Não tenho, não, senhora! Eu estou muito cheio e muito bem, obrigado. Eu não preciso de Jesus *coisa nenhuma!* Quem precisa de salvação são vocês.

— Nós já somos salvas. — Tentou começar a Tatiana, sem muito sucesso.

— É. Nós já temos Jesus. E a Bíblia diz que aquele que crê no Filho terá a Vida Eterna.

Eu não conseguia ouvir nem mais uma palavra sobre aquela besteira. Estava louco da vida com tanta audácia. Minha vontade era dizer que na *minha Bíblia* estava escrito que o Poder seria dado à Força e a morte se destinava aos fracos.

"Suas vermes!...", pensei com ira.

E tratei de deixá-las falando sozinhas o quanto antes. Mas aí parece que cismaram mais ainda comigo.

— Você não quer orar com a gente? — Era o convite que vinha volta e meia. — Você não quer conhecer a nossa Igreja?

Eu resolvi que precisava saber aonde era aquela porcaria de Igreja. Elas foram muito solícitas em me fornecer o endereço. E um dia eu passei em frente só para saber aonde ficava a "bênção".

Já tinha comentado algumas vezes com Marlon sobre Vanessa e Tatiana e ele só dava risada, despreocupado:

— Você precisa aprender a lidar com isso. Essa gentinha está em todo o lugar. Mas não se preocupe porque elas não oferecem perigo para você! Não têm nenhuma visão de batalha.

Mas depois que elas passaram literalmente a me perseguir, fiquei cheio. Um dia comentei na reunião do Grupo, indignado:

— Elas cismaram que agora vão fazer reunião de oração por minha causa, pra me converter. Isso não tem um pingo de cabimento! Eu preciso dar um jeito de vez nessas palhaças!

Eles deram risada mas resolveram ajudar-me a acabar logo com aquilo tudo. E Marlon ainda me garantiu:

— Em pouco tempo essas meninas vão parar de te incomodar.

***

Capítulo 2

Em pouco tempo o golpe já estava concretizado. Nove pessoas da Irmandade foram infiltradas naquela Igreja. Todos chegaram como crentes e com cartas de recomendação de outras Igrejas. Naturalmente nenhuma das informações foi checada e eles logo foram aceitos. A maioria era já muito especial, com "Ministérios" em andamento, com dons do "Espírito" que logo começaram a se manifestar, para deleite dos "irmãos".

Era muito fácil ludibriá-los a todos. Meus colegas da Irmandade eram pessoas dóceis, carismáticas, cheias de boas intenções e loucas para "servir ao Senhor". E cheios de dons de revelação, em especial, o que faz muito sucesso no meio dos Pentecostais. Os Guias se incumbem de tudo, eles sabem mesmo de tudo. As curas são também muito bem vindas. É muito fácil tirar uma doença que o próprio demônio colocou. Até câncer é "curado" sem esforço nenhum. E os "levitas" tocam cheios de unção e de habilidade, conseguem levar o povo à adoração.

As informações eu colhia com as próprias meninas, no serviço. Elas me contavam tudo sobre a Igreja, certas de que eu estava de fato começando a me interessar pela vida espiritual.

— Nossa, como Deus fala com aquele irmão novo, que

chegou agora. Ele é muito ungido! E ele cura também, coisa incrível como Deus atende as suas orações. E não é só ele, não! Ontem mesmo teve uma palavra profética por boca de outro irmão.

Uma vez que os infiltrados ganharam a confiança e o respeito da Comunidade, alguns já estavam até ocupando cargos de liderança, foi simples criar uma situação toda especial para difamar o Pastor. Foi enviada uma mulher da Irmandade que esperou o momento oportuno para abraçá-lo e beijá-lo. Não foi nem na Igreja. Não seria necessário mais do que isso. Em poucos dias Vanessa comentou comigo, com os olhos muito abertos e o rosto um tanto ou quanto contristado.

— Imagine só... quem diria, não? O nosso Pastor foi visto com uma prostituta.

— Não é boato, não? — Perguntei aparentando dar pouca importância ao assunto.

— Não! E verdade! Alguns irmãos viram ao vivo e à cores. Que coisa terrível! O Conselho vai se reunir neste fim de semana para ver o que fazer.

Eu não procurei saber dos detalhes porque a bem da verdade nem me interessava. Mas o Pastor titular da Igreja foi afastado do Ministério que realizava e deixou a Igreja. No lugar dele assumiu um daqueles "abençoadíssimos" irmãos que tinham vindo da Irmandade.

Depois disso a Igreja estava com os dias contados. Os principais líderes nomeados foram justamente os infiltrados e a doutrina passou a ser sutilmente modificada. As diretrizes foram mudadas e pessoas que pudessem vir a ser empecilho de alguma forma iam sendo desestimuladas aos poucos. E, se necessário, podadas mesmo!

— Reunião de oração? Mas para que isso? Deus é Pai! Ele sabe do que nós necessitamos. Quem fez o ouvido, ouve. Não precisamos estar clamando pelas mesmas coisas todos os dias.

Os grupos foram destruídos, intrigas iam sendo criadas, o Louvor foi contaminado, alguns foram atacados com enfermidades. Uma vez que a Igreja estivesse bem destruída nem seria necessário

que todos efetivamente continuassem lá. Geralmente a maldição é tão grande e as pessoas tornam-se tão cegas que a bola de neve simplesmente perpetua-se por si mesma.

E eu soube tudo em primeira mão por Vanessa e Tatiana. Só dava corda:

— É mesmo, é? Puxa...e o que mais?! Vocês vão acabar me convertendo! Eu me divertia com aquilo. A conversa bíblica já não me incomodava porque tinha se tornado irônica.

Nas reuniões de Celebração da Irmandade eu procurava conhecer quem eram os que tinham sido designados para infiltrar aquela Igreja. E dávamos risada a mais não poder.

— Pôxa, "irmão"! As meninas disseram que você é uma bênção! Quer dizer que você fez uma cura?!

— Pois é, fiz mesmo!

E era só "Quá, quá, quá"! Tudo era muito engraçado.

Mas enfim acabei conseguindo o trunfo que eu queria.

Eu já sabia que elas eram completamente inoperantes, a oração delas não atrapalhava em nada, mas ainda que realmente não tivessem o Poder de atingir-me eu não as queria por perto com todo aquele ímpeto Cristão. Elas tinham o coração sincero, é verdade, pena que isso não fosse o suficiente para manter o "Mal" do lado de fora das suas vidas. Tanto elas quanto a Igreja não tinham Poder de causar interferência.

Só que a atitude delas me incomodava, tudo soava como afronta! Dizer que estavam orando por mim era um insulto muito grande porque eu tinha muito ódio de Deus e muito amor a Lucifér. Para a Irmandade, Deus é muito pior do que o "diabo" para os Cristãos.

A gota d'água foi num dia em que cheguei à minha sala e a proteção de tela do meu computador tinha sido modificada. Estava escrito "Jesus te ama"!!! Eu me senti invadido por uma ira, uma ira tão indescritível que não poderia descrevê-la. A vontade que eu tinha era de acabar com a vida delas na mesma hora. Uma indignação sem parâmetros. Tentei amenizar a raiva, escrevi "Jesus

é um... e coloquei um palavrão. Deixei assim por alguns dias.

Saí que nem um furacão da minha sala e fui direto para a mesa dela. Só podia ser coisa da Vanessa. Todo mundo assistiu ao destempero.

— Escuta aqui, menina! Que coisa é essa de você ficar invadindo a minha sala pra escrever mensagem no *meu* computador?!! Meu computador é coisa privada, é coisa de serviço! Quem é que te deu ordem pra entrar na minha sala? Você quer fazer os seus evangelismos? Então vai pra rua, vai de porta em porta que nem Testemunha de Jeová, vai berrar na praça da Sé! Eu já te disse que aqui é local de trabalho!!!

Ela procurou humildemente se desculpar, desenxabida. Eu não escutei explicações. Virei as costas e subi direto para a sala da Márcia, a Gerente.

— Márcia, eu quero demitir essa funcionária.

— Mas por quê? Ela está com a gente há tanto tempo! O que você alega?

— Olha, eu acho que ela não está produzindo como deveria. A conduta dela não é uma conduta que eu aprecio, acho que ela tem pouca iniciativa, eu quero alguém mais ativo aqui, quero uma pessoa menos robótica. Ela faz apenas aquilo que eu a mando fazer mas não apresenta sugestão, não tem iniciativa. Se aparece um problema qualquer ela não resolve sozinha, tem que esperar que eu diga o que fazer. Se eu não estou no setor por qualquer motivo o serviço fica por isso mesmo.

Toda aquela ladainha tinha uma certa parte de verdade mas também não era assim. O maior problema dela não era bem a incompetência, mas a timidez. Mas não quis nem saber, argumentei utilizando como maior argumento o fato dela não ter iniciativa.

— Eu quero um funcionário que, diante de uma situação emergencial, quando há necessidade de efetivamente *resolver* um problema isso realmente aconteça! Alguém mais dinâmico. Prefiro eu mesmo fazer o processo de seleção para preencher a vaga dela. Veja bem, eu herdei o departamento e embora o Sr. Stênio fosse ótimo ele tinha um traço de caráter meio paternalista. Acredito que

muitos funcionários foram mantidos aqui em função disso. Mas a Empresa não é uma instituição de caridade, tem que ser fria e tomar decisões balizadas, não se deixar envolver pelo lado emocional da coisa porque senão perdemos a visão do negócio! Quero uma equipe de profissionais *capazes*. Eu estou de olho em outros funcionários também. — Aquilo não era verdade mas fiz parecer assim. — E estou submetendo-os a testes subliminares, de forma que eles não saibam que estão sendo testados. A medida que vou aumentando a complexidade do serviço vejo como estão se saindo. Mas a princípio vejo que a Vanessa realmente está destoando do grupo.

— Bom... eu vou ver, Eduardo. — Disse a Márcia. Eu precisava do aval dela. — Vou pensar, sua idéia parece boa. Se for aprovado o seu pedido abrimos primeiro um processo de seleção secreto e quando tivermos o novo funcionário, ela será demitida.

Fiquei satisfeito. Minha intenção era influenciar a Márcia através dos encantamentos para que ela tomasse a decisão favorável. E a decisão foi favorável. E eu a mandei embora. Assim que tive o aval para demiti-la chamei-a na minha sala:

— Olha, Vanessa...tenho uma coisa pra te dizer! Esse Jesus... eu acho que ele não te ama mais. Porque se Ele te amasse, teria conservado o teu emprego. Você precisa aprender que o mundo *ainda é* dos mais fortes. E o teu Deus está muito fraquinho, viu? Muito fraquinho! Aliás, a sua Igreja inteira é muito fraquinha. — E dei o voto de Minerva secamente. — Eu não quero mais ver a sua cara aqui dentro.

Ela simplesmente baixou a cabeça e murmurou:

— Sim, senhor. Se eu fiz alguma coisa errada eu quero que você me desculpe, foi inconsciente. Não tinha intenção de atrapalhar ninguém. — Ela sabia qual tinha sido o seu erro. — Me desculpe. Eu só quis o melhor para você! Que você tenha sucesso. Até logo!

Foi educada e não me desacatou apesar de saber que já estava no olho da rua. Quanto à outra, a Tatiana, eu ainda tentei armar a cama pra ela também, mas afinal não foi necessário. Ela parou com todo aquele papo de me evangelizar porque perdeu a companheira.

Era a Vanessa a grande articuladora do negócio. Uma vez que se viu sozinha no departamento, Tatiana ocupou-se exclusivamente de serviço. Não tinha mais cantos e mãozinhas para o ar, nem Bíblias esvoaçando por ali.

E tive sossego.

***

Mas nem só agruras eu vivi na *Style* naquele período inicial. Naquele tempo entrou um estagiário no meu setor, um rapaz da minha idade que estava no último ano da Faculdade de Administração da USP, a FEA. Era um chinês de verdade, que tinha nascido na China. Seu nome era Wang. Minha primeira pergunta foi:

— Wang, você sabe Kung Fu?

— É... — Foi a resposta. — Um pouquinho!

Com a típica humildade oriental achei que aquele comentário no mínimo queria dizer que ele sabia horrores.

Nossa amizade nasceu e cresceu muito espontaneamente. Eu o convidei para fazer aula de Kung Fu comigo porque queria aprender com ele. Mas descobri que o Wang não poderia me ensinar, realmente não sabia quase nada. Ele que aprendeu comigo. Dei-lhe de cara uma bolsa para poder treinar de graça pois os estagiários não ganhavam muito.

Mas Arte Marcial à parte, no que dizia respeito ao serviço ele era muito inteligente e muito interessado. Diversas vezes eu joguei pepinos na mão dele, coisas que nem eu mesmo estava sabendo como me virar. Wang geralmente quebrava a cabeça, levava os problemas para discutir com os seus professores na Faculdade e vinha com alternativas muito boas. Eu acabei aprendendo muito com isso, apesar de não o deixar perceber que eu não sabia a resposta. Meu chavão era típico:

— Muito boa a sua solução, mas agora você precisa me convencer de que este é o melhor caminho. Como você chegou nessa solução? Por que fez desse jeito e não de outro?

Dando uma de professor, aprendia com meu aluno. À tarde, depois do expediente, não raro ficávamos junto com outros amigos brincando com os joguinhos importados de computador que Wang trazia. Eu não sabia ainda mas minha amizade com Wang duraria muito mais tempo do que eu imaginava.

***

Apesar de tudo o que eu estava vivendo, às vezes acontecia de me bater um momento de solidão aguda. Eu tinha tudo mas calhava de vez por outra acordar no meio da noite querendo conversar com alguém. Lembrava de algo, tinha uma idéia ou uma dúvida. E queria conversar.

Um dia foi muito forte. Eu tinha assistido a um filme de Kung Fu e acordei com as cenas de luta na cabeça. Me lembrei muito claramente de um movimento que tinha sido feito no filme e que eu queria fazer igual. E realmente não consegui ficar deitado apesar de saber que tinha que trabalhar no dia seguinte. E desci para o porão.

Treinei um pouco. Até cansar. Mas o que eu queria mesmo era poder bater um papo com alguém. Subi outra vez e chamei o Roberto. Ele nem quis saber:

— Pô, não me enche o saco, Eduardo!

— Vamos conversar, vá, Roberto! Vamos descer um pouco e tomar um café!

— Me deixa dormir, isso lá é hora de conversar?! Não me incomoda, que cara mais chato! Me deixa dormir!

Desci. Também não adiantava querer ligar para Thalya, ela deixava o telefone na secretária eletrônica e não tinha como falar com minha alma-gêmea naquelas alturas. Ligar para Camila não teria um pingo de graça. E chamar o Marlon a troco de bobeira também não era lá o mais aconselhável. Seria muito constrangedor incomodá-lo por causa de nada. Mas eu estava mesmo aceso! Nada de aparecer o sono. Liguei a TV mas não estava passando nada de bom.... que droga!

Até que me veio a idéia.

"Vou chamar o Abraxas, por que não? Afinal de contas eu tenho o meu demônio! Ele é meu amigo!"

Várias vezes aconteceu assim. E naquelas noites de insônia quem era incomodado acabava sendo ele mesmo. Então fazia os encantamentos, chamava meu Guia. E pedia:

— Aparece! Materializa na minha frente. Às vezes... nada!

"Pôxa vida... nem ele quer falar comigo!"

E chamava mais ainda. Mas houve vezes em que ele não respondeu nem por um decreto! Me deu até nervoso!!! Bem umas três ou quatro vezes aconteceram esses ridículos episódios. Uma vez eu tinha tido um sonho estranho, num lugar esquisito, aí me veio o questionamento: "Como será que é o Inferno? Nunca ninguém me disse!"

E desci correndo ao porão para perguntar. Encantamentos e palavras mágicas.

— Abraxas! Abraxas!

Às vezes eu sentia a presença dele. E sabia que meu Guia estava ali, tinha atendido ao meu chamado. Dava até pra ver o contorno do vulto dele perto de mim.

— Ah, Abraxas, que bom que você veio! Sabe o que que é? Eu estava sonhando... e tive um sonho do Inferno! Mas eu não tenho idéia de como é o Inferno! Não daria pra você me contar um pouco? É bonito lá? Tem árvore? Tem animais?! Porque se o Inferno é bom, e é o que Lucifér tem de melhor... então eu imagino que no Inferno tem bichos, né? O Céu é que é um tédio, os Anjos ficam só tocando harpa o tempo todo...

Silêncio. Nada dele me responder. Só que eu sabia que ele estava ali.

— Pô, Abraxas! Vai dizer que você não vai querer falar comigo agora? É uma pergunta simples, só me diz se tem ou se não tem bichos lá, só diz "sim" ou "não", não precisa dizer mais nada!

Silêncio de novo.

— É...você não é mesmo meu amigo, né? Fala que está junto comigo, que me protege, tudo mais... mas não abre a boca pra responder uma coisa assim simples!

Às vezes ele respondia. Mas sempre de uma maneira seca, fria, muito diferente de quando estava canalizando o Sacerdote nas reuniões de Celebração. A impressão que dava era que ele estava cheio de mim.

"É mesmo... eu estou aqui incomodando um ser eterno como ele! Estou mesmo sendo muito crica!..... Chateando alguém dotado de uma sabedoria incalculável, eu, um moleque..."

— Não é o tempo de você saber essas coisas. — Disse ele por fim. — Além do mais, isso é irrelevante!

— Irrelevante nada! Se eu vou para a casa do meu pai um dia, quero saber se lá tem bichos ou não! Custa você me dizer se tem *cachorro* no Inferno, ou não?

Um pouco mais de relutância, e então ele respondeu: — Tem.

— Ah, que bom! Mas será que tem cachorro no Céu também? Se tem, isso quer dizer que tem cachorro que vai pro Céu e cachorro que vai pro Inferno... qual será o critério de escolha? Quero dizer, como é que são escolhidos os que vão pro Céu e os que vão pro Inferno?...

— Deus nunca afirmou que existem animais no Céu. Ele criou, mas ao mesmo tempo Ele os abomina. Se não fosse assim, os animais não sofreriam tanto nessa Terra. Nem Deus mandaria queimá-los, degolá-los! Mas tudo aquilo que Deus despreza, Lucifér ama. No Inferno tem tudo aquilo que Deus criou, mas não soube amar. Inclusive os animais.

Aí eu parava, pensava no que ele tinha dito. Concordava. E arrumava outra coisa pra perguntar.

— Bom, Abraxas, você é um demônio! Mas qual é a sua forma original? Você é feio ou é bonito? Porque você devia ser um Anjo, né? E o que que você fazia quando era Anjo?

E nada de resposta.

— Fala, o *que* você fazia?! Lucifér não era um Anjo

também? Então conta, o que vocês faziam quando eram Anjos?! Aí quando vocês se rebelaram... deixaram de ser Anjos... mas vocês tinham algum cargo lá no Céu?

Silêncio total. Que raiva!

— Você tinha asa, Abraxas? Nada.

— Você tinha asa ou não tinha asa? Às vezes vinha uma frase:

— Não é necessário ter asas pra voar.

— Ah! Tá! Então você não tinha asa! — Mas até eu estava me achando chato. Que conversa! — Bom, tudo bem, já deu pra ver que você não quer falar sobre isso... mas me diz uma outra coisa: você gosta de morar no Inferno?

— É um local muito confortável.

— Que bom! Mas você não me respondeu aquilo que eu te perguntei primeiro: o que que você fazia quando era um Anjo?!?

Silêncio absoluto.

— Ainda tem muitos Anjos lá no Céu?

— Só os fortes saíram.

— Aaaaahhh! Então os fracos ficaram... por isso vocês escrevem "Poder à Força, morte aos fracos" naquele versículo do Livro de Leviathan? Vocês vão matar também os Anjos fracos que ficaram, não é isso? No dia da Guerra Final eles vão ser aniquilados! Mas tem uma coisa... vocês são eternos! Então como é que alguém eterno pode morrer?! Você morre, Abraxas?

Era uma conversa sem pé nem cabeça. Só eu fazendo perguntas e de vez em quando uma ou outra resposta.

— Puxa, você deve ter visto a História desfilando diante de você!... Você viu o Império Babilônico, o Império Romano... deve ter sido muito legal, muito legal mesmo! Será que quando eu morrer vou ter esse Poder de conhecer tudo que existe também? Heim? Será que isso vai acontecer? Ou será que isso está reservado só para os demônios? Vocês são muito privilegiados por serem demônios, sabia? Você gosta de ser um demônio?

E nesse dia Abraxas estava completamente mudo. Até que me irritei:

— Puxa, mas você não me responde nada! Estou aqui falando com as paredes! E perguntei de novo. — Você não vai mesmo me dizer o que você fazia quando era um Anjo?!

Abraxas me falou em tom meio seco:

— Você não tem sono, não?

Fiquei indignado com a pergunta. Vê só se isso era coisa para o meu Guia dizer para mim?!!

— Não, não estou com sono, não!

Mas imediatamente ele veio. Quase que nem deu tempo de acabar a frase e me deu um sono inacreditável. Incontrolável. Eu não conseguia mais abrir os olhos. E dormi ali mesmo no porão. Capotei!

Foi o jeito dele me calar a boca. Depois fui questionar o ocorrido na primeira oportunidade. Isto é, na reunião, quando ele estava canalizando o Sacerdote. Essas eram as boas ocasiões para conversar com ele, quando o chamado partia dele próprio. Aí fluía.

— Olha, aquele dia eu estava em casa conversando com você...e você me fez dormir!

— Não. Você que estava cansado e não sabia.

— Sei. Pelo jeito quem estava cansado era *você!* E deu um jeito de se livrar de mim.

— Não veja assim. Eu gosto de conversar com você! Você é inteligente.

— Então por que que você não me respondeu? Afinal, você é feio ou é bonito?

— Bom... o que é feio...e o que é bonito? Se tudo é relativo?! A minha forma pode agradar a você, e não agradar a outros. Qual o problema nisso? Eu posso me apresentar de uma forma agradável aos seus olhos. E essa mesma forma pode ser repugnante a outro.

Aquilo não respondia bem à minha pergunta, mas deixei por

menos. Ele podia mesmo apresentar-se da forma como lhe conviesse melhor.

— Tá certo. Você tem controle pleno sobre a matéria. — Mas perguntei de novo: — E o que que você fazia quando era um Anjo?

Aí eu vi um olhar fixo pra mim. E ele não falava nada.

— Pô, Abraxas... mas o que você era?! Os Anjos têm funções, né? Fala, vai! Mas Abraxas ficou mudo. E não me falou.

***

Eu havia dormido em casa de Thalya após o Rito daquela sexta-feira. Acordamos tarde no sábado e decidimos caminhar um pouco pelo Parque da Água Branca, próximo à casa dela, respirar ar puro e treinar um pouco de nunchaku.

Mais tarde, espalhados na grama e descalços, decidimos:

— Vamos chamar mais gente?

— Legal!

Ligamos para Rúbia, que também morava ali por perto, e para o Anel. Marcamos encontro no Shopping ali perto. Ariel chegou primeiro, usando roupas coloridas e alegres, bem disposto. O natural dele já era mesmo aquele jeito descontraído e extrovertido de ser, alguém que falava por dois. O cabelo loiro e arrepiado imitava o dos cantores de Rock.

— Estamos esperando a Rúbia!

Dali a pouco ela chegou. Rúbia era mais velha mas parecia criança quando era hora de divertir-se um pouco.

— Oi, gente? E aí?

Ela nos abraçou a todos e resolvemos tomar um café. Foi Ariel quem comentou:

— Sei que vocês dois já estiveram no Parque mas tem um outro lugar que eu conheço que é muito jóia! Com uma grama super-legal, e um moinho, sabiam? Um moinho de verdade!

Eu me interessei:

— Eu nunca vi um moinho! E se a gente fosse lá agora? Ariel topou na hora. Rúbia e Thalya foram na onda. — Então vamos!!

Saímos todos juntos e fomos na pick-up do Ariel. Thalya ainda teve tempo de telefonar para o Marlon, convidando-o também. Ele garantiu que nos encontraria mais tarde, tão logo terminasse seus compromissos.

Chegamos no Parque, caminhamos bastante, fomos ver o moinho. A tarde já ia pelo meio e estava muito gostoso, sossegado. Ficamos sentados na grama jogando conversa fora, descontraídos.

Realmente Marlon foi ao nosso encontro. Ele sentou-se conosco na roda, aceitou pipoca e refrigerante.

Um pouco antes de irmos embora, Ariel e Rúbia conversavam acaloradamente entre si e Marlon comentou, apenas comigo e com Thalya.

— Vocês já repararam como a Natureza é perfeita? Parecia somente um comentário sem maiores significados.

— É mesmo, né? Aqui é tão bonito!

— Pois eu acho que já é hora de vocês dois buscarem essa mesma perfeição. Em outros sentidos, é claro! Compreendem? A natureza só é perfeita porque ela está em harmonia com tudo à sua volta. Ela é plena e não há interferências. Da mesma forma, para que vocês sejam plenos há necessidade de haver alguns "desbloqueios".

— Como assim?

— Todo mundo já nasce com um potencial particular mas muitas vezes a Sociedade coloca as tão conhecidas barreiras. Como aprender a nadar. Com mais um monte de coisas acontece o mesmo, vocês sabem muito bem disso!

Ficamos escutando. Ele não fez rodeios.

— Quando os Portais são abertos vocês conhecem de fato o que é a simbiose com os mundos paralelos ao nosso. Seus ouvidos passam a ouvir o que normalmente não se ouve; seus olhos vêem o que os olhos humanos não podem ver. Passam a ter visão além do alcance, contemplam uma Verdade que o mundo não enxerga. Por

exemplo, vocês sabem que o negro absoluto não existe, o escuro absoluto. Existe, sim, uma incapacidade nossa de enxergar no escuro, o que é muito diferente. Mas o homem pode encontrar ferramentas que o capacitem a enxergar o escuro! Até certo ponto elas podem ser humanas... só que tudo o que é *puramente* humano é limitado. Mas o que procede de um contexto espiritual, das hierarquias superiores... é perfeito!

Marlon apoiou-se melhor e nos comunicou, sorrindo:

— É tempo de você começarem a abrir os Portais para que possam desenvolver suas capacidades de forma plena. Vocês têm experimentado uma Magia "infantil", extremamente limitada. É hora de virar essa página! Os primeiros Portais têm que ser abertos logo!

E fez analogia com um versículo bíblico que nós conhecíamos:

— Assim como os Cristãos sabem quando Deus está à porta — e bate —, os demônios também batem à porta buscando um acesso maior às suas vidas. É hora de vocês começarem a abrir estas portas. Naturalmente que os demônios não fazem "morada" em vocês, mas a abertura dos Portais representa um livre acesso deles à casa de vocês. Assim como vocês podem ir à casa deles... eles também podem vir à casa de vocês! A orientação nesse sentido já veio, vocês foram escolhidos para mais esse passo importante e eu me sinto muito honrado em poder ser o portador da notícia! Meus parabéns!!

E continuou a nos elogiar:

— O que está reservado para vocês é algo fantástico. Alegrem-se com mais este privilégio! Vocês são muito especiais.

E realmente nos alegramos muito com aquilo. Já sabíamos por experiência própria que tudo o que eles prometiam se cumpria.

— E o que nós temos que fazer? — Perguntou Thalya.

Ele nos deu algumas explicações acerca dos preparativos e nós voltamos empolgados para casa depois daquele sábado tão agradável. Era hora de tomarmos banho e nos prepararmos para o Rito daquela noite, mais tarde.

Há basicamente três tipos gerais de Ritos dentro da Irmandade: os de Iniciação, os de Adoração e os de Consagração. Os Ritos de abertura de Portais, dentre outros mais específicos, fazem parte dos Ritos de Consagração. As Festas anuais, realizadas em todas as passagens de Estação, são tanto de Consagração como de Adoração. E os Ritos de Iniciação acontecem sempre que se inicia uma nova fase de crescimento dentro da Irmandade.

A abertura dos Portais é necessária, em última análise, para que haja progresso e crescimento. É sabido dentro da Irmandade que a abertura de todos os Portais leva a uma amplitude de ação cada vez maior dentro da Magia, até atingir-se a plenitude.

Existe, obviamente, uma grande diferença entre abrir-se um chakra por meio de Meditação... ou por meio de um Ritual Sacrifício. Nos demais seguimentos que lidam com o conceito dos chakras tem-se a ilusão de que é possível abrir todos eles, mas não existe realmente esta possibilidade *fora* da Irmandade. Todas as técnicas concentradas não seriam capazes de abrir mais do que dois ou três, quando muito, e de forma parcial e limitada.

Os Ritos Sacrifício são espelho de antigas práticas pagãs e o Satanismo moderno é uma evolução natural delas. Antigamente os sacerdotes pagãos tinham Poderes também. Mas o conhecimento e as capacitações não vinham a eles por mero acaso. Eram resultado dos Ritos oferecidos aos deuses conhecidos e cultuados naquelas épocas longínquas. Tais "deuses" são a manifestação camuflada das Entidades demoníacas. O processo era o mesmo, isto é, existia um intercâmbio entre os seres humanos e os seus deuses através dos Ritos. E o povo recebia favores mediante pagamento.

Dentro dos Rituais da Irmandade existia agora uma complexidade muito maior e há necessidade de maiores pré-requisitos.

O Rito é um atalho — o meio mais rápido — de acessar as Entidades. Enquanto as técnicas mais rudimentares que são difundidas em todos os outros segmentos que não o Satanismo levam meses, e até anos, para *começar* a produzir algum efeito real... a abertura do Portal através dos sacrifícios é praticamente instantânea! Além do que a abertura dos Portais é plena e

possibilita também o acesso às duas últimas Dimensões. As mais fortes.

Por isso nunca há como desenvolver o Poder pleno fora da Irmandade. As Entidades acessadas quando a abertura é incompleta são muito limitadas, de patente baixa. Dificilmente poder-se-ia encontrar alguém pertencente à Nova Era ou ao Espiritismo, por exemplo, capaz de fazer as coisas que os Satanistas fazem. Porque somente aos filhos Lucifér deu o direito de entrar em contato com as verdadeiras Hierarquias Superiores dos demônios, e acessar os Poderes mais profundos das Trevas.

Até o presente momento eu era apenas um Mago e tinha passado pela Iniciação há dois anos. O único Portal aberto — na realidade, semi-aberto —, era o da Terceira Visão. Todo o meu preparo desde então tinha sido limitado praticamente à teoria e aos pequenos encantamentos. Por isso eu não tinha ainda poder para fazer quase nada: porque todos os meus Portais estavam fechados. Daí a necessidade de pedir ajuda a Marlon, Zórdico e aos outros.

De fato eu tinha me acostumado a brincar apenas com o básico. Mas agora tínhamos sido escolhidos para iniciar a abertura dos Portais. Era uma honra! Ninguém escolhe a sua própria hora. Os Guias é que sabem realmente quem está pronto ou não para receber o Poder, não há como cumprir protocolos. A sinalização tinha sido feita aos Sacerdotes. E, no nosso caso, Marlon trouxera a notícia.

Foi somente no dia seguinte que a "ficha caiu" de verdade dentro da minha cabeça. Faltavam ainda uns quinze dias para que chegasse a data do primeiro Rito. O preparo individual começaria nove dias antes.

"Pôxa.....", raciocinei. "Mas para abrir os Portais... é preciso haver o derramamento de sangue!"

Fui direto perguntar a Marlon como é que ficava aquela história, depois de refletir muito.

— Marlon, deixa ver se estou entendendo bem... quer dizer que eu vou ter que *participar* do sacrifício? Olha, embora eu entenda que isso é necessário não deixa de ser uma experiência um

tanto ou quanto fora dos padrões e...eu acho que não estou preparado para isso... ainda!

Nem de longe aquela idéia me soava agradável.

— Veja bem, Eduardo, não é assim como você está pensando. O seu Guia está com você e ele vai te ajudar! Quem te chama também te capacita. Se você permitir que Abraxas entre no seu corpo e canalize sua força através de você, tudo sairá direito. Nas primeiras vezes isso pode ser necessário. Lembre-se..."Poder à força...". Você será somente canal.

Os sacrifícios para a abertura de Portais são sempre de crianças: para o primeiro Portal, uma criança de um ano; para o segundo, uma criança de dois anos, e assim por diante, até nove anos. Quanto mais alto o Portal aberto, maior e mais poderosa é a Dimensão e a Entidade acessada.

Tais Rituais acontecem normalmente de sexta para sábado ou de sábado para domingo, sempre dentro da Lua Crescente. Dentre muitos fatores, a escolha dessa fase da Lua é porque há todo um simbolismo no que diz respeito ao "crescimento". Até a abertura do sétimo Portal a realização dentro da Lua Crescente simboliza o "Crescimento do Poder". No que diz respeito ao oitavo e nono Portais é um pouco diferente. É feito geralmente na Lua Cheia, o que simboliza "Plenitude do Poder".

Uma vez iniciado o processo existe uma seqüência, escolhida pelos Guias, dos Portais a serem abertos. O tempo total de abertura para todos eles varia. Pode levar até anos. Cada caso é um caso. E não existe como tornar-se Feiticeiro sem antes ter todos os Portais abertos.

O local também é determinado com antecedência. Em se tratando deste primeiro Rito o lugar escolhido foi mesmo no salão subterrâneo em casa de Zórdico.

Eu acabei concordando com a explicação de Marlon sobre permitir que Abraxas canalizasse o meu corpo, e me empolguei de novo. Eu queria o Poder. Estava cansado de depender de tudo e todos para as coisas mais *corriqueiras.*

Nos nove dias que antecederam o Rito eu aguardava

ansiosamente para ter o meu pequeno momento individual de preparação. Me preparei o melhor possível.

***

Capítulo 3

Era uma sexta-feira chuvosa e fria. Estávamos às vésperas do Outono. Eu aguardava no ponto de encontro, em frente à Igreja na avenida Pompéia, vestido com a jaqueta *jeans.*

O carro chegou e Marlon espantou-se que eu estivesse tão mal agasalhado diante da frente fria. Emprestou-me o seu próprio casaco. Eu sempre quis ter um casaco como aquele! Parecia de detetive. E tão entretido eu estava com ele que a viagem até me pareceu mais rápida do que de costume.

Eu já sabia que abriria plenamente o sétimo Portal. Por ocasião da Iniciação eu o tinha aberto parcialmente para Abraxas e, por causa disso, já tinha adquirido visão espiritual aberta. Mas com a abertura total dele eu viria a ter de fato a visão além do alcance. Receberia um Poder sobrenatural ligado a tudo o que diz respeito à premonição, clarividência, adivinhação e revelação.

Eu já tinha as técnicas. Faltava a capacitação. O Poder seria pleno a partir daquela noite.

Quando um Satanista faz uma previsão, ou lança um decreto, ele acerta com grande margem de precisão. Bem ao contrário dos gurus que vemos na televisão fazendo previsões tolas. As Entidades desconhecem a dimensão Tempo, eu já sabia disso. Mas agora passaria a experimentar de fato.

Chegamos defronte à casa e o portão foi aberto. Thalya estava um pouco mais quieta do que de costume, provavelmente pensando no Rito que se aproximava. Mas tanto eu quanto ela estávamos calmos e confiantes. Ela já tinha aberto também parcialmente o sétimo Portal na Iniciação, mas naquela noite abriria o quinto Portal.

Já sabíamos quais seriam as Entidades envolvidas naquela Cerimônia e que a partir de então viriam a ter legalidade para relacionar-se conosco. O sétimo Portal, no meu caso, serviria a um outro demônio muito poderoso, mais poderoso do que Abraxas. Ele queria manter maior contato comigo e iria utilizar-se do mesmo Portal.

Abraxas tinha sido o escolhido por Lucifér para me acompanhar. Mas existe uma ordem hierárquica ligada ao próprio Abraxas. No caso, da mesma forma que existe uma série de legiões abaixo dele, isto é, subordinadas a ele, existem também algumas acima porque Abraxas estava inserido no Quinto nível dimensional. Há Entidades do Sétimo e Nono nível que são como "comandantes" dele. E todos estes estão subordinados a Leviathan.

Quando eu dei a legalidade para Abraxas entrar no meu corpo, mais tarde esta legalidade estender-se-ia para todas as legiões comandadas por ele. Isto é, eu poderia ter acesso e envolvimento com elas, e elas comigo. Do mesmo jeito isso aconteceria com a nova Entidade com quem estava prestes a entrar em contato, Adramelech.

Adramelech seria o convidado daquela noite para entender-se comigo, um demônio do Sétimo nível dimensional. Ele foi um dos deuses antigamente cultuados na Assíria, onde o Povo de Israel passou seu exílio, e é uma Entidade de cegueira espiritual e destruição. Eu precisaria dos Poderes desse demônio no futuro para cegar as pessoas diante das operações que teria que realizar, para tornar-me escondido e proteger-me. Adramelech e as legiões que o servem fazem parte dos demônios que protegem a Irmandade nesse sentido. Neutralizam a ação de terceiros contra a Organização.

E eu já tinha recebido um pequeno vislumbre do meu destino, do lugar no qual seria usado e, portanto, precisaria daquele revestimento especial.

O carro serpenteou pelas alamedas. Já havia bastante gente ali, a julgar pelo número de veículos estacionados. Conversamos um pouco, nos cumprimentamos, mas logo descemos para o porão porque a garoa se intensificava.

As casas são interligadas por uma grande galeria e

percorremos o caminho até um salão um pouco menor do que o Átrio Ritual convencional. Eu já o conhecia de ter passado perto, mas nunca participara de nada que tivesse sido feito ali dentro. Era reservado para algumas Cerimônias mais especiais.

Preparei-me em silêncio, vesti o meu manto e aguardei Marlon e Thalya para que entrássemos juntos. Naquela noite não estariam presentes todos os membros do nosso núcleo. Ao invés de cinco mil pessoas contaríamos com cerca de apenas seiscentos participantes naquele Ritual de abertura de Portais.

Quando desci as escadas para entrar no salão ao lado de Marlon atravessei uma cortina grossa e negra que separava os ambientes.

"Nossa...", pensei. "Para variar... parece um cenário de um filme".

A impressão foi muito forte. E tantos eram os detalhes do salão! Ele estava preparado de um jeito todo diferente e havia muitas minúcias. Extremamente adornado, extremamente luxuoso, era realmente bonito ali dentro.

Logo na entrada duas lanças enormes cruzavam-se sobre as nossas cabeças. As paredes eram de grandes blocos de pedras e arcos cruzavam-se em cima, na abóbada, dividindo o salão em gomos.

A iluminação feita por tochas laterais conferia ao ambiente uma claridade característica, como uma noite de Lua Cheia. No centro, perto do altar, as duas características piras de fogo cujas bases eram muito, muito ricas de desenhos em relevo.

O altar era bem grande e tinha um Gongo sobre ele, imenso, bonito. No Gongo, o desenho de um triângulo, e um olho dentro do triângulo. Nas laterais do altar, duas armaduras. Um Pentagrama muito grande se destacava ali em cima.

Havia um também em cada parede.

Caminhei devagar sentindo o odor perfumado que se desprendia dos vasos de incenso. O ar já estava impregnado dele. A fumaça habitual também já se fazia presente. Respirei fundo e, junto com Thalya, afastei-me de Marlon para acompanhar o grupo

que participaria do Rito daquela noite.

Seríamos cinco pessoas.

Esperamos até que o horário cravado desse início à Cerimônia. E então, em meio aos cânticos que já se iniciavam, subimos ao altar e nos posicionamos sobre o Pentagrama. Em cada ponta dele já estava marcado o nome de quem ficaria ali. Meu lugar fora reservado sobre a ponta que correspondia à barba do bode, à cabeça do homem, o lugar de maior destaque. Thalya ficou à minha esquerda.

Dali eu podia ver Marlon, sentado bem em frente, e Rúbia perto dele. Ariel estava logo atrás junto com Górion, Aziz e Kzara.

Nós cinco tínhamos que ficar com os capuzes bem posicionados e bem rente ao rosto até que os demônios aparecessem. Assumimos a posição de lótus e aguardamos enquanto o Ritual tinha início.

***

O processo ritualístico todo duraria seis horas, até ao raiar da manhã. Nove momentos diferentes teriam lugar, cada um deles marcado pelo soar do Gongo.

Um momento muito solene foi a leitura de um trecho do Livro dos Grimões original, algo que tínhamos o privilégio tremendo de ver ao vivo e à cores. Foi lido o texto em aramaico e depois explicado em português. Naquele dia não pude ver o Livro de perto, mas mais tarde eu poderia fazê-lo. Sem encostar nele.

De fato parecia escrito com sangue, a julgar pela coloração das letras, e tinha muitas gravuras. Na capa, um caldeirão e um Pentagrama. Do caldeirão sai uma fumaça que forma como que a figura do bode. Por trás dele há algumas estrelas, uma representação do Universo. A impressão é que o conhecimento daquele Livro é universal e ultrapassa o limite das Gerações.

Aquele era um momento muito importante de nossas vidas dentro da Irmandade, um momento mágico e sobrenatural. Não estávamos ali por acaso. Aquele era um novo começo. Novamente

seria adicionado "Poder à nossa força". Aquele ato era individual e conjunto ao mesmo tempo, todos os que estavam ali eram participantes da mesma aliança.

Depois da leitura e explanação do Livro dos Grimões deu-se o Juramento. Comandados pelo Sumo Sacerdote todos os presentes juraram em alta voz manter segredo daquele momento, colocando em juízo a própria vida e sanidade mental, bem como a vida e a sanidade mental de seus familiares.

Qualquer dos presentes que porventura deixasse vazar informações a respeito do Ritual e do Pacto da Irmandade seria amaldiçoado e pagaria com a própria vida. Os presentes estavam ali com o intuito de somar forças, de tornarem-se um só corpo uns com os outros. A traição não seria jamais perdoada.

Toda a assembléia por fim estendeu as mãos sobre nós e jurou fidelidade absoluta e incondicional, mútua proteção, permanente ajuda e íntima unidade conosco.

A seguir foi lido um texto do Livro de Leviathan, na Bíblia Satânica. Aquele que tinha sido injustiçado, Lucifér, agora tinha o Poder de revidar. Ele próprio nos conferia o Poder de fazer justiça.

E seguiu-se um momento de júbilo com muitos cânticos e pedidos às Entidades para que nos presenteassem com a sua presença naquela noite.

***

Tudo passou muito rápido, parecia que estiváramos inseridos numa dimensão de tempo diferente. Durante todo o decorrer do Rito eu procurei permanecer atento a tudo o que acontecia à minha volta apesar de estar com o rosto parcial-mente coberto pelo capuz. Quase que nem pude ver Thalya porque ela permaneceu a maior parte do tempo com a cabeça baixa. As sensações se misturavam, por vezes até mesmo contraditórias. De um

lado eu me sentia totalmente assombrado, considerando se *realmente* estava ali fazendo parte de tudo aquilo. Mas também senti o júbilo que me invadiu mais e mais no decorrer da madrugada, exatamente como todos os convidados no salão.

Que privilégio. Aquele lugar era para poucos! Não sentia medo de espécie nenhuma, mesmo porque Marlon estava perto. E toda a comunidade era sempre tão acolhedora, lançando-nos olhares cheios de ternura e aprovação.

Aquele momento era quase o clímax da Cerimônia. Os Sacerdotes sobre o altar eram sete, dentre eles Zórdico, e diferentemente encontravam-se dois Sumos Sacerdotes. Akilai e um outro, cujas vestes eram diferentes das demais. Durante todo o tempo os Sacerdotes deram forte suporte à Cerimônia fazendo algo como uma invocação em concordância, pedindo que as Entidades agraciadas com a abertura dos Portais — ou os seus representantes — pudessem estar vindo e sentindo-se bem no nosso meio. Era uma junção de Poderes para um fim comum.

O Sumo Sacerdote que efetivamente presidiu toda a Cerimônia não me era familiar. Tinha um forte sotaque norte-americano. Era muito claro de pele, com cabelos loiros.

Por fim, em meio aos cânticos e ao rufar dos atabaques ele adiantou-se e tocou nossas cabeças, um por um, num ato muito solene. E parabenizou-nos pelo presente que estaríamos recebendo naquela noite.

O gongo tocou pela oitava vez. Havia um estranho prenuncio no ar.

***

Eram sete crianças ao todo nesse dia, de diferentes idades. Estavam todas desacordadas e envoltas em mantos vermelhos. Foram posicionadas lado a lado com muito cuidado sobre a mesa.

.....
...

O Sumo Sacerdote estrangeiro ofereceu a primeira criança diretamente às Entidades. Elevou-a acima da cabeça para que o príncipe mais forte tomasse ele mesmo aquela vida. Começou a falar as palavras de encantamento e enquanto falava de repente a sua voz mudou completamente. Percebi a canalização de forma muito clara.

Mas o rosto dele tinha mudado tanto... já nem parecia um homem... uma mudança absurda...! Estava parecido com um *lobo!*

"Será que eu estou mesmo vendo isso?!!"

.....
...

O manto vermelho que envolvia a criança foi arrancado do nada, com muita violência. Eu ainda não estava vendo a Entidade.

O Sumo Sacerdote falava com voz potente, ecoava por todo o ambiente. Subitamente foi como um trovão, um verdadeiro rugido! Senti a vibração percorrer o meu corpo. Não sei exatamente o que aconteceu porque fechei instintivamente os olhos por uma fração de segundo. E o corpo já estava sangrando.

.....
...

Depois o Sumo Sacerdote canalizado tocou com sangue em cada um de nós, no Portal que seria aberto, fazendo um Pentagrama em cada ponto. Até a textura da pele dele estava diferente, não parecia pele humana, senti-a estranha quando me tocou.

A segunda criança foi oferecida por ele mesmo.

Houve júbilo no salão. Davam gritos, batiam palmas, ergueu-se um verdadeiro clamor.

Atabaques.

O nono soar do Gongo.

.....
...

Naquele momento o uivo de um estranho instrumento musical se fez ouvir, lúgubre, melancólico.

E a vibração estranha no ar começou a crescer, aquela presença, aquele... não saberia descrever.

Eu não estava enxergando nada ainda. Mas percebi que Marlon olhava de uma forma que me dizia que ele já estava vendo tudo o que se podia ver. Rúbia também. Mas eu somente

contemplava o vazio. Só que sabia que eles já estavam lá.

Então, um a um fomos chamados pelo Sumo Sacerdote. As mãos dele eram impostas sobre nós, algumas palavras de encantamento eram faladas. E ele nos orientou que poderíamos pedir a canalização naquele momento.

.....
...

Eu me levantei sentindo a descarga de adrenalina muito forte. Eu tremia levemente por dentro, como se estivesse com frio. Mas sabia que era por causa de Abraxas. Evitei olhar demais para a mesa. A marca já estava feita no local aonde deveria ser desferido o golpe, de acordo com o Portal a ser aberto.

Cumpri os passos Rituais e, por fim, autorizei a canalização.

Uma descarga elétrica me percorreu, indescritivelmente intensa. Nunca tinha sido assim. Nunca tinha sido plenamente canalizado daquela forma. A sensação é que iria dali para o chão. Mas algo parecia sustentar-me. Um calor estúpido me subiu instantaneamente, os músculos retesaram-se de imediato e os olhos ficaram muito quentes. O ar entrava de uma maneira vigorosa como se eu precisasse de muito oxigênio.

A descarga elétrica continuava rodando o meu corpo, em ondas. O coração parecia querer saltar para fora do peito!

Perdi totalmente o controle sobre o meu corpo, mas não a consciência. Vi tudo o que aconteceu.

A força foi sobrenatural naquele instante.

E ódio. Ódio. Ódio!!!!!!!!!!

.....
...

Quando Abraxas deixou o meu corpo desabei pesadamente no chão.

Eu estava todo dormente, como se tivesse recebido uma anestesia de dentista. Formigava. Uma zonzeira leve tomava conta da minha cabeça.

Dois Sacerdotes me tomaram por baixo dos braços com cuidado e me levaram de volta para o Pentagrama.

Fiquei ali tentando me recuperar daquilo. Não consegui ver mais nada e nem ninguém. Eu tinha sido o primeiro e não pude acompanhar os outros, nem mesmo Thalya.

Depois que todos estávamos recuperados o Sumo Sacerdote voltou e tocou a cada um de nós nos olhos. E novamente aquela indescritível visão, semelhante ao dia da minha Iniciação. Normalmente eu não tinha visão completa do mundo espiritual à nossa volta. Foi novamente um choque tremendo. Parecia que já não estávamos mais naquele mundo e pude ver os demônios: eram cinco, um para cada um dos nossos Portais abertos.

Os cinco Guias pareciam humanos, só que muito grandes e muito fortes, a musculatura tremendamente trabalhada e definida. Mas os pés eram como cascos de animais. Reparei nos braceletes de ouro cheios de inscrições.

Adramelech era bonito, de pele muito lisa. Tinha o sorriso branco e perfeito.

Incongruência.....?

***

Os Sacrifícios Rituais eram muito raros durante as reuniões de Celebração semanais. O objetivo daqueles eventos era outro, isto é, era uma *Celebração* mesmo, comunhão entre nós e os demônios. Tanto é que o nosso Átrio habitual nem tinha os aparatos necessários para tal. Porém às vezes acontecia, como fruto de uma orientação especial.

Akilai tomava a palavra e dizia:

— Nesta noite nosso pai, Imperador absoluto das Trevas, o príncipe deste mundo, pede uma oferta de sacrifício.

Todos nós sabíamos o que isto significava. Havia dois caminhos:

Algumas pessoas eram destacadas para trazerem a oferta na

próxima reunião; ou então... alguém voluntariamente podia oferecer-se para a entrega. Pode parecer estranho, mas morrer em oferta voluntária é considerado um enorme privilégio. Pois serão transportados imediatamente para a dimensão do pai, para a casa eterna, com Poder e glória!

Tal procedimento também era natural nos Ritos antigos, em especial dos Astecas, onde garotas adolescentes eram oferecidas aos deuses de forma voluntária e com alegria. Quando isto acontecia na reunião da Irmandade, a pessoa evidenciava-se na hora e passava por um preparo especial durante toda a semana, até o próximo encontro.

Em raríssimas ocasiões o ato é realizado na hora.

Mas a verdade é que eu tinha visto muito pouco dessas coisas. Desde a minha Iniciação tivera pouquíssimo contato com os sacrifícios. Estava claro que esse tempo estava terminado.

Por isso foi-me dado um embasamento a título de esclarecer melhor porque o meu processo de abertura de Portais estava acontecendo em uma velocidade um pouco acima da média. Durante todo o mês de março e abril o processo continuou ininterrupto, aproveitando-se o início e o fim das Luas crescentes. Os Ritos foram basicamente semelhantes, com leves nuances peculiares a cada um.

Aconteceu tão depressa que eu não tive tempo de me questionar a respeito. Pensei que era apenas porque estávamos dentro de um período privilegiado, afinal março era o mês em que Leviathan inicia o seu ciclo e está mais forte. E ele é o Principado que se encontra sobre o Brasil. E também porque Abraxas é um dos príncipes de São Paulo. Pareceu-me então que o período era simplesmente favorável e tinha que ser aproveitado.

Mas quando começou o mês de maio vi que o processo ia continuar. Eu tinha tido três Portais abertos em março e abril. Na primeira semana de maio abri o quarto Portal. Mas a coisa não parou por aí. Aparentemente eu deveria completar o quanto antes essa etapa.

Marlon avisou-me que eu participaria de uma Cerimônia

muito especial ainda no final daquele semestre, também com o intuito de abrir Portais. E me disse que nesse único evento seriam abertos — inacreditavelmente — *três* portais!

Eu me espantei e indaguei:

— Ué?! Mas pode isso? Por quê?! Marlon ainda sorriu e respondeu de forma bem curta:

— Pode porque você é especial, Rillian!

O meu ego vinha sendo constantemente massageado e aceitei aquela explicação sem maiores questionamentos. Embora um Ritual naquelas condições fosse contrário a tudo o que eu já tinha aprendido. Enfim...

Preparei-me então para abrir o Portal do estômago juntamente com os Portais do coração e do plexo solar.

***

Eu não sabia ainda mas meu pai Lucifér tinha pensado e preparado para mim, como uma dádiva muito especial, aquele Rito fora dos padrões normais. Não somente haveria a abertura de três Portais de uma só vez mas também o sacrifício oferecido não seria convencional.

Ele, ou melhor... ela tinha sido escolhida com muita antecedência. Para dizer claramente, com *nove* meses de antecedência, desde antes de eu começar a pensar no processo de abertura dos Portais. Pelo menos... foi o que me disseram.

Era uma mulher que já tinha sido escolhida para entrar *logo* na presença de Lucifér. Para cruzar a barreira da morte. Para oferecer-se a si mesma em sacrifício voluntário.

Coisas como essas só aconteciam porque tínhamos conosco a certeza de que era muito bom estar *logo* em casa de nosso pai, na dimensão dos demônios, onde o Poder é absolutamente perfeito e infindável. Nosso lugar de descanso é bonito, agradável, aprazível! Afinal de contas, Lucifér sabe muito bem o que agrada ao homem. Toda a essência dele visa proporcionar ao homem algo agradável.

Por isso nós sabíamos que o Inferno, a nossa morada eterna... era belíssima!

***

Viajamos para outro estado no dia do Ritual, logo depois do almoço.

Eu, Marlon e Thalya fomos juntos, como sempre. Como havia que manter uma dieta específica comemos apenas raízes e verduras, mas foi muito bom do mesmo jeito. Era a primeira sexta-feira do mês de junho.

Eu já sabia que aquele Rito seria diferente dos demais, mas não exatamente *como* seria. O interessante é que assim que o carro deu as primeiras voltas rumo à estrada tanto eu quanto Thalya literalmente "capotamos" e dormimos todo o percurso. Ninguém acordou para nada. Foram horas e horas de sono ininterrupto.

Despertei com o sacolejo do carro numa estrada estreita de terra.

Aprumei o corpo procurando espantar o sono e olhei pela janela do meu lado. O caminho por onde o veículo passava não era muito maior do que um túnel pelo meio do mato. A folhagem densa ao redor esbarrava nas portas e no capo. Onde será que nós estávamos?!!!

Finalmente saímos de dentro do matagal e pude avistar o vale lá embaixo. Era uma fazenda linda, linda, a perder de vista, protegida pelos montes que a circundavam. Havia plantação de milho, café, algodão e cana-de-açúcar, pelo que parecia. Tinha gado também, cavalos. Parecia extremamente próspera.

Chamou minha atenção o galpão enorme, como um celeiro gigantesco, mais ou menos perto da casa principal. Havia ali também uma fileira enorme de pequenos alojamentos um ao lado do outro, parecia ser um lugar para abrigar trabalhadores. Mas depois fiquei sabendo que aquele enorme número de alojamentos era para hospedar as pessoas da Irmandade, quando havia algum evento de proeminência a ser realizado ali.

Nem bem apeamos do carro e um homem simpático já nos aguardava à porta. Era até que jovem, e apresentou-se com o nome de Taolez. Ele estava bem à vontade com camisa xadrez azul e calça *jeans.* O abraço foi muito caloroso e amigável, ele brincou com todo mundo e logo nos levou para dentro.

O lugar era muito aconchegante, com decoração pitoresca e de bom gosto. Sentamo-nos na varanda ampla que circundava toda a casa. E tomamos um chá com biscoitos recém saídos do forno para nos revigorarmos da longa viagem. Os biscoitos estavam quentinhos.

Entardecia. O sol já tingia tudo de vermelho e dali a vista era belíssima. Conversamos muito informalmente durante um tempo, contamos piada e demos risada todos juntos.

Então Marlon interrompeu, e falou com seriedade e sinceridade ao mesmo tempo:

— Sabe, Taolez... é uma honra muito grande para mim acompanhar o Rillian e a Tassa. Este jovem casal tem um papel muito importante na estratégia futura. O Rillian é uma peça que será muito especial dentro da Irmandade e foi um privilégio ter sido escolhido pelos Guias para acompanhar de perto o seu crescimento. Hoje eles estarão participando de mais uma etapa nesse processo de desenvolvimento, desbloqueando mais e mais tudo o que impede a plenitude.

Voltou-se para mim e disse algo que não entendi:

— Você vai ter um papel fundamental no final do Terceiro Ciclo! — Eu já estava acostumado que no momento certo todas as coisas vinham à luz, por isso não fiz perguntas. — Seu lugar será estratégico e muito importante nesse período! E você será revestido de Poder como nunca sonhou. Existe uma urgência nisso, em que você esteja completamente preparado no momento certo. Por causa disso — do seu chamado — hoje você vai passar por uma experiência ímpar. Esteja preparado!

Taolez ouviu com atenção e bateu fraternalmente no meu ombro, sorrindo. Fiquei calado apesar de sentir-me lisonjeado com o voto de confiança que Marlon sempre me dava diante de todos.

Taolez não era qualquer um. Soube que naquela época já era Sacerdote.

— Esse momento que você vai viver hoje foi separado há tempos, com exclusividade. Seu pai Lucifér semeou para você. Esse momento é seu, Rillian!

Sorri mas novamente não disse nada. Não sabia do que estavam falando. O melhor era descontrair um pouco a cabeça. Fui assistir com Thalya a um filme de vídeo, e foi muito legal. Depois da janta percebi que as pessoas começavam a chegar. A maioria já se dirigia direto para o local da Cerimônia: o enorme celeiro!

***

Lá pelas dez e meia da noite sentei no jipe ao lado de Thalya. Marlon e Taolez foram no banco da frente. Rumamos em direção ao galpão. Eu sentia um misto de regozijo e ansiedade. Meu corpo estremecia por dentro.

O galpão era aconchegante, bem iluminado por luzes naturais, sem tochas. E havia *muita* gente! Sem dúvida muito mais do que as costumeiras cinco mil pessoas. Deveria haver ali gente de vários estados. Alguns eu reconheci, faziam parte do núcleo de São Paulo. Rúbia estava por ali, Zórdico e Ariel idem, bem como todos os participantes do meu Conselho.

A Cerimônia em si não diferiu muito do que eu já estava acostumado em se tratando de Portais. Dividia-se em nove partes e a seqüência básica era a mesma. Os atabaques tocaram, os Gongos também. Foi lido novamente o Livro dos Grimões. Houve muitos cânticos e encantamentos.

Os participantes nesse dia eram dezoito. Todos nós estávamos ali com o mesmo fim. Mas, excetuando Thalya, mais ninguém me era familiar. Eram pessoas que vinham de outros Núcleos espalhados pelo Brasil.

***

Chegou o grande momento esperado por todos. A atmosfera

estava elétrica!

Nós estávamos acomodados em volta de um único Pentagrama, sentados em círculo, sobre o altar.

O Sumo Sacerdote, que eu também não conhecia, ofereceu um sacrifício de um jovem que tinha a nossa idade, mais ou menos 20 anos. Todos nós, os dezoito participantes, girávamos em torno disso. Até aquela ocasião eu nunca tinha visto alguém adulto ser sacrificado.

Logo depois foi feito um brinde e nós bebemos do seu sangue misturado com vinho e ervas. Na mesma taça.

E então começou a seqüência de Ritos Sacrifícios oferecidos pelos participantes. Foi de fato muito diferente porque em alguns casos três, ou até cinco pessoas seguravam a adaga ao mesmo tempo e ofereciam um único sacrifício. Outros iam sozinhos. Tudo conforme havia sido requerido pelos Guias.

Dessa vez eu fui o último. Mas reparei que não havia sobrado nada para mim. Todas as crianças já haviam sido entregues. Esperei um pouco diante do Sumo Sacerdote e então, completamente canalizado pela Entidade, ele deu uma ordem em voz extremamente potente:

— Abadom pede agora: aquela que foi escolhida para estar hoje mesmo na presença de Lucifér... que se levante perante esta assembléia!

Uma mulher jovem ergueu-se de onde estava sentada. Todos os presentes exultaram com grande entusiasmo. Gritos e palmas e vivas inundaram o ambiente. Ela retirou o manto negro deixando ver claramente o ventre proeminente. Estava no nono mês de gestação.

Ela subiu ao altar em meio aos gritos de todos os presentes. O Sumo Sacerdote fez um Pentagrama sobre o seu abdome, representando o número cinco. O número sete foi feito dentro do próprio Pentagrama. E foram desenhados ainda três seis sobre ela.

Compreendi enfim o que se destinava a mim de forma tão especial. Iam ser abertos três Portais e três vidas seriam tomadas para isso. A mulher estava grávida de gêmeos.

***

O Sumo Sacerdote ergueu o braço sobre mim, pediu que eu estendesse a mão esquerda, aonde eu tinha a marca, e repetisse algumas palavras. Tomei a taça e bebi mais do seu conteúdo. Ele fez marcas e cruzes de ponta cabeça sobre os Portais que eu estaria abrindo naquela noite.

Declarei novamente minha herança como filho das Trevas e dei legalidade aos demônios para que entrassem na minha vida e no meu corpo através daqueles Portais.

Fiquei no centro do Pentagrama. Foi-me dado o direito de ler eu mesmo alguns trechos da Bíblia Satânica. Houve mais urros e manifestações de júbilo. Os atabaques tocaram euforicamente, e incrível! O Gongo também! Percebi que aquela parte da Cerimônia realmente dizia respeito somente a mim. Todos os outros sacrifícios já tinham ficado para trás.

Finalmente ergui os braços para cima, com as pernas afastadas, representando o homem pleno sobre aquele Pentagrama. Ao erguer o rosto fechei os olhos e dei liberdade para ser canalizado.

A canalização foi como eu jamais tinha experimentado. Mais ainda do que das outras vezes. Senti uma descarga impressionante e fortíssima por todo o meu corpo, instantânea e poderosa. Perdi totalmente o controle muscular.

Meu corpo tremia, simplesmente tremia inteiro, muito rápido, em movimentos involuntários, como uma convulsão. E me vi tomado por uma força descomunal. Não sei se foi Abraxas quem canalizou. Eu já tinha outros Portais abertos e outros demônios que me acompanhavam, bem como suas legiões.

Houve um desfalecimento completo e não vi mais nada. Perdi completamente a consciência. Foi a primeira vez que isso aconteceu. Nas outras vezes eu perdia o controle dos movimentos mas não a consciência. Dessa vez a perda foi integral.

***

Quando voltei a mim eu estava no meio do grupo de Sacerdotes canalizados, deitado sobre um outro Pentagrama. Eu havia sido encaixado perfeitamente ali, como se ele tivesse sido confeccionado com as minhas medidas Os Sacerdotes que me rodeavam impunham as mãos sobre mim ritualisticamente, me consagravam, liberavam mantras sobre minha vida.

Me levantei, ainda mole e atordoado, meu corpo formigava e parecia que eu não tinha força nenhuma em mim mesmo. Vi de relance o que tinha sobrado do sacrifício. Só então me dei conta do sangue nas minhas vestes, na minha boca, e do braço que estava arranhado com as unhas daquela mulher.

***

O Sumo Sacerdote, à minha esquerda, e Marlon, que tinha surgido do nada, me apresentaram diante de todos.

E todos se prostraram perante mim!! Aquelas milhares de pessoas estenderam a mão na minha direção e todos repetiram as palavras que o Sumo Sacerdote leu no Livro dos Grimões.

Vi a manifestação física de Abraxas ali perto e senti sua presença poderosa. Ele apareceu com um traje imponente, como que de gala, como eu ainda não tinha visto. Mas não vi os outros demônios nessa ocasião. Acho que teria sido um baque emocional grande demais. Talvez Abadom, Azazel e Mênphus tenham preferido me poupar naquela ocasião.

Abraxas olhou na minha direção sorrindo, como se estivesse muito contente com tudo, e me lançou um gesto de aprovação.

***

O Ritual terminou ao raiar da manhã. Uma grande confraternização estava sendo preparada. Todos tinham liberdade para estarem bem mais próximos agora.

Os barris de vinho estavam todos enfileirados logo na saída do celeiro. Nós bebemos um pouco, mas quando o povo começou com os costumeiros ensaios eróticos eu me afastei apenas com

Thalya. Apesar de Marlon ter nos convidado para participar, eu só queria ver um pouco da manhã e respirar ar puro e fresco. Ela estava curiosa para saber algumas coisas, mas eu tinha muito pouco a acrescentar. Não lembrava e nem sabia de nada. Certamente ela tinha visto muito mais do que eu.

Notamos que, à medida que o sol se erguia e o calor aumentava, as moscas apareciam em bandos. E pudemos comprovar algo que sabíamos apenas a nível teórico: elas não nos tocavam. Era uma proteção especial de Bélzebu.

Fomos passear um pouco, conhecer os bichos. Lá pelas nove da manhã eu estava me sentindo melado e sujo. Fui tomar um bom banho, pois a liberdade era total. Taolez ainda disse que eu podia abrir o guarda-roupa dele e escolher a roupa que quisesse.

Tentamos em seguida brincar com o jipe, eu e Thalya dirigimos um pouco, afinal não tinha mesmo onde bater com ele.

Fiz algumas perguntas sobre o que tinha acontecido comigo mas ela esquivou-se, argumentando:

— Não posso te falar.

Imaginei que Thalya tivesse sido instruída nesse sentido e então eu não perguntei mais nada.

Fui extremamente parabenizado por todos que se aproximavam de mim. Inclusive pela linda ruiva que eu tinha conhecido há dois anos, no Castelo. A Feiticeira que auxiliou no preparo do caldeirão foi muito explícita e me queria a todo custo. Thalya já estava cheia e a jovem foi tão incisiva que Taolez, como Sacerdote daquele Núcleo — e do qual ela fazia parte — foi obrigado a balizar a situação.

— Ele não é para você agora. Ele tem uma alma-gêmea. E enquanto não chegar o tempo dos dois cumprirem o que tem que ser feito diante de Lucifér, é melhor que não se una a você!

E ela nunca mais se atreveu a tantas insinuações.

Depois que saí do banho vi que começava a chegar uma equipe contratada para preparar um enorme churrasco. Eram pessoas comuns, que nada sabiam sobre a Irmandade. Estavam ali

só para auxiliar nos preparativos para tanta gente.

O dia foi agradável ao extremo. Uma banda tocou ao vivo, havia muita comida e muita bebida, a confraternização durou o dia inteiro.

Mas no íntimo sempre ficava aquela sensação que eu não saberia descrever, cuja palavra mais próxima era *choque*. Marlon explicou-me novamente, mais tarde, que tudo aquilo se fazia necessário porque a minha posição no futuro seria muito importante e de muito destaque. O Poder que eu havia recebido naquele Rito era forte e muito especial. Mas ao final do Terceiro Ciclo o revestimento seria tremendo, muito maior do que então.

Sem dúvida era uma honra. Poucos são os escolhidos para o fim ao qual eu me destinava. Já tinha uma leve idéia, sabia que estaria ocupando um posição estratégica. Todos são colaboradores, muitos são os filhos, evidentemente, mas poucos são os chamados para níveis como aquele.

Depois disso eu fui muito admirado. E o respeito cresceu palpavelmente em relação à minha pessoa.

Muita coisa mudou depois daquele Ritual. Muitos foram os que passaram a pedir minha ajuda para a realização de encantamentos, muitos eram os que pediam que simplesmente eu lhes impusesse as mãos. Os encantamentos realmente se fizeram muito mais fáceis a partir de então. A voz de Abraxas se tornou incrivelmente mais audível, passei a ter visão aberta com muito mais freqüência.

De fato a manipulação do Poder se tornou mais fácil. Comecei a experimentar a Magia de fato. Me tornei muito mais altivo e minha segurança para tudo cresceu tremendamente.

***

Em quase cinco anos de namoro eu me convenci definitivamente que a pior coisa que eu tinha feito era ter namorado com Camila. Não adiantava. Eu não a compreendia e ela também não me compreendia, não gostava das coisas que eu gostava, não era companheira. Só me cobrava, mas no entender dela não estava

fazendo nada de errado.

Comecei a querer terminar de verdade! Com ou sem pena, não via a hora de estar livre. Era uma loucura continuar atado àquele relacionamento. Antes era eu quem gostava muito dela e ela não queria saber muito de mim. Agora eu já estava farto e ela tinha se apegado demais, tornado-se dependente. Isso não era só uma questão financeira, eu sabia. Camila decididamente não queria *ficar sem mim!* Mas terminei assim mesmo.

Nesse meio tempo voltei a ficar muito mais com Thalya. Mas Camila veio atrás, procurava ser carinhosa, desculpar-se, dizia que ia mudar, que me amava, essas coisas. Reatamos. Mas tudo continuou como antes, ou seja, muito ruim. Camila queria me colocar um cabresto e isso não ia dar. Eu não conseguia mesmo olhar para ela com os mesmos olhos!

Terminamos de novo. Ela fazia a cena costumeira. Eu já nem ligava! Dizia que ia se matar, que não podia viver sem mim, um dramalhão mexicano em alto estilo. A mãe dela voltava a me ligar, contava que Camila não estava comendo, que ia adoecer, a mesma ladainha de sempre, etc... etc... etc....!

Por que não me largava?

Piorou de vez quando Camila decidiu me procurar pessoalmente. Baixou em casa sem avisar, era um sábado, final de tarde, e eu estava à espera de Thalya que havia ligado fazia pouco:

— E aí?! Chegou do treino? Topa dar um rolê? Minha prima está aqui, vamos curtir um pouco, cara, liberar! Comprei aquele negócio que você falou!

— Negócio? Que negócio?!

— Aquela *lingerie.*

— Pô, eu não falei nada! Você que perguntou qual cor eu achava que ficava melhor.

— Bom, te arruma, gato, que eu tô passando aí!!

E eu estava justamente à espera quando a campainha tocou e dei de cara com Camila na porta.

— Droga, droga, droga! — Resmunguei.

Já fazia alguns bons dias que eu não a via e realmente estava mais magra. Ela veio toda humilde, toda solícita, querendo reatar da melhor maneira. Sentou no sofá, cabisbaixa, para conversar. Eu escutava com um ouvido nela e outro na rua. De repente:

— FOM! FOM! — Eu conhecia aquela buzina.

Tentei avisar minha mãe para contornar a situação, dizer para Thalya esperar, algo assim, mas não deu tempo.

— Oi, Edu!

Thalya se dependurou na janela, toda sorrisos, espiando para dentro da sala num salto. Eu me ergui, procurando me interpor entre as duas. De costas para Camila eu fazia todo tipo de sinal para que ela se mancasse. Thalya já tinha percebido a situação, mas nem se fez de rogada, não deu bola para os meus sinais.

— Olha lá, aquela é a Cris! — A Cris estava empoleirada na traseira do Escort conversível e me acenou toda sorridente também. — Vamos?

Cheguei perto da janela e falei baixo:

— Thalya, vê se te toca...

Ela deu uma olhada de relance para os dois lados da rua e ergueu voluntariosamente a saia. Observei a cinta-liga cor de vinho no mesmo instante em que Camila, já desconfiada, me abraçou por trás e veio procurando debruçar-se por sobre o meu ombro. E viu também a *tal lingerie!* Sinceramente eu não tinha dito nada, nem sugeri, Thalya que inventou de comprar aquilo. Eu só tinha opinado quanto à cor.

— Ôôôi! — Thalya soube ser cruel. — Essa daí que é a lombriguinha da Camila???

Descrever a reação de Camila seria difícil. Ela ficou alucinada! Berrava de raiva e correu para abrir a porta:

— Eu vou matar essa vagabunda (...)!!!

Foi literalmente um banzé. Minha mãe tentava contê-la e trancar a porta. Thalya voltou para o carro e esperou pacientemente

até que Camila se arrumasse com a chave da porta da frente e do portão. Quando saiu berrando na calçada e se aproximou do carro Thalya acelerou. Ainda fazendo careta para ela. A Cris, encarapitada onde estava, deu um aceno provocativo e mostrou a língua. As duas saíram rindo e eu tive que conter a fera, que veio babando para cima de mim.

Precisei segurá-la com força, ela gritava e chorava, queria me chutar, cuspir no meu rosto. Esperei até que a crise passasse e a soltei. Imediatamente ela me unhou com tanta força que tenho uma pequenina cicatriz até hoje. Fiquei bravo também! Eu não estava fazendo tudo o que ela estava pensando! Thalya era daquele jeito mesmo.

Comecei a berrar também:

— Nós *não* estávamos mais namorando! E *não* estamos namorando! Chega dessa palhaçada, você aparece aqui só para arruinar a minha noite!!!

Meu braço sangrava e eu perdi a cabeça, agarrei-a e a coloquei para fora do portão:

— Pode ir para casa! Nós não estamos mais namorando, eu estou cheio de te aturar!!! Escutou?!!! NÃO ESTAMOS NAMORANDO!!!!

Voltei para dentro e ela ficou lá. Minha mãe estava penalizada.

— Pelo menos acompanha ela até o ponto do ônibus. Terminei de lavar o braço e voltei. Camila estava sentada no portão.

— Vamos. — Falei secamente. — Vou te acompanhar até o ponto.

Ela sabia quando era hora de parar. Eu estava bravo de verdade. Fomos caminhando em silêncio sepulcral até que ela se manifestou:

— O que ela tem que eu não tenho?

Eu queria me livrar dela. Falei o que sabia ser a coisa certa para magoar:

— Ela é mais mulher do que você! *Sabe?!* Ela sabe se portar, sabe ser feminina. E faz o que você não faz!

Camila ficou muda. Ela sabia do que eu falava.

— E o que você quer?

Inacreditável. Propus algumas coisas que, eu sabia, eram demais para ela. Eu tinha certeza que ela não ia topar. Mas topou...

Novamente: fiquei com dó apesar da minha raiva.

— Eu faço o que você quiser. Mas diga que nós estamos namorando

— Amanhã a gente conversa, vai. Vá para sua casa agora. — Respondi mais brandamente.

Fiquei pensando. Não saí com Thalya, aquela mulherada às vezes enchia demais a minha cabeça. No dia seguinte fui à casa de Camila como combinado Ela estava sorridente como se nada tivesse acontecido, tinha feito bolo e nem tocou no assunto. Eu não seria capaz de cobrar dela o que havia sugerido. Nunca o fiz. E ela também nunca mais ofereceu.

***

Capítulo 4

O oitavo Portal foi aberto de maneira convencional, sem nada de diferente, na última Lua Cheia de junho. Passaram-se quase três meses. Faltava apenas o nono Portal a ser aberto.

Aconteceu em setembro. Depois passei muito tempo pensando se o que aconteceu nessa ocasião foi real mesmo ou não. Percebi que novamente haveria uma solenidade especial. Foi um pouco antes da Festa da Primavera, uma semana antes, mais precisamente. E por ocasião dessa Festa eu iria mudar de patente. Isto é, seria consagrado Feiticeiro.

Voltei ao Castelo aonde eu tinha sido Iniciado para a abertura daquele último Portal.

Naquele dia Thalya não participou. Ela já tinha aberto seis Portais mas o seu processo ia mesmo ser mais demorado do que o meu. Naquele dia havia gente de todo o Brasil no Castelo e Marlon apresentou-me algumas pessoas em caráter muito especial. Deu-me a entender que também eles tinham sido escolhidos para o mesmo nível estratégico que eu. Num futuro próximo, ao que parecia, nossas vidas estariam muito mais unidas do que eu imaginava. Trabalharíamos juntos por um fim comum, uma missão especial dada por Lucifér.

Mas naquela época eu nada entendia sobre aquilo. Não sabia que "nível estratégico" era aquele e nem qual o trabalho que deveria ser realizado.

***

Aquele Portal — o nono, o do centro da cabeça — era um Portal de consagração. De entrega. De corpo, alma, mente e espírito. E naquele dia eu estava fechando um ciclo, atingindo a plenitude do Poder que me faria Feiticeiro em pouco tempo.

A legalidade seria dada ao próprio Leviathan nesse caso, o Principado que exerce influência sobre o Brasil. Não que ele fosse me acompanhar, porque o meu Guia sempre seria Abraxas, mas ele também teria influência aberta sobre mim.

Eu tinha sido Consagrado a Leviathan desde o meu nascimento, embora ainda não soubesse disso.

Mas aquele Rito simbolizava uma Consagração plena a Leviathan. A Lua estava cheia e maravilhosa!

Aquele Ritual me lembrou muito o dia da minha Iniciação. Aconteceu naquele mesmo salão: iniciei ali e terminei ali. A partir de agora haveria nova etapa a ser percorrida.

Nesse dia aconteceram algumas coisas diferentes. Fiquei sozinho no altar e o Livro dos Grimões me foi entregue pela primeira vez nas mãos. Nesse dia eu passei a ter acesso a ele. Poderia manuseá-lo sem a necessidade de intermediários. O Sumo Sacerdote me disse que abrisse o Livro em qualquer página. Eu obedeci. Mas evidentemente eu não entendi o que estava escrito.

Ele se aproximou novamente e traduziu para o português.

Ao terminar, o clima era de muita reverência e solenidade.

— Isso que você leu... quer dizer que hoje você recebe um Poder muito especial como filho do Fogo. E o Fogo nunca o queimará!

Parecia algo estranho, mas o texto era profético. Como se aquela página tivesse sido escrita diretamente para mim, para todos os que estavam predestinados a chegar aos mais altos patamares dentro do Ocultismo. Compreendi o que ele quis dizer. Me falou muito, durante um bom tempo, mencionou coisas que eu ainda não sabia sobre o meu futuro. Coisas que eram ocultas ainda para mim mas que para todos eles parecia claro como a luz.

.....

O sacrifício oferecido, feito de forma semi-canalizada, foi de um jovem da minha idade e mesmo porte físico. Era como se fosse uma troca. Simbolizava a doação da minha própria vida a Leviathan.

.....

Depois que me recuperei tomei a poção recém-preparada pelo Sumo Sacerdote. Havia muita fumaça e fogo naquele dia, mais do que normalmente, e o ambiente era denso a ponto de se poder palpá-lo.

Eu estava sobre o altar a uma distância mediana da imensa pira de fogo. Podia sentir o calor tênue e brando que emanava dela. Houve mais uma série de passos Rituais depois que tomei a poção.

Mas de repente... após um pronunciamento de encantamentos do Sumo Sacerdote sobre mim, comecei a perceber que as pessoas começaram a olhar para mim de uma forma esquisita. Com um misto de espanto e respeito, me pareceu.

E então tive a impressão muito nítida de sentir todos os ossos do meu corpo estalando, dos pés à cabeça. Mas me mantinha perfeitamente consciente. Parece que toda a musculatura foi gradativamente se retesando... ficando... compacta. Meus olhos

estavam muito quentes, a boca formigava... e então senti os ossos do meu rosto estalando também! Não me veio à mente olhar para mim mesmo, para minha mão, por exemplo... que estava acontecendo??? Parecia que de repente eu estava *vendo* diferente... eu estava *escutando* melhor... a impressão é que os sons tinham sido incrivelmente potencializados. Eu podia ouvir a respiração das pessoas lá embaixo.

Movimentos involuntários me fizeram voltar a cabeça para trás, como se algo me puxasse com força e me fizesse virar o rosto para cima. Eu me sentia compacto, retesado...era como se eu estivesse me transformando em alguma *coisa.* E algo me levantou do chão... me elevou em direção ao fogo... pude sentir que flutuava... parecia estar flutuando! E aí o fogo estava já muito perto de mim, fui sentindo o calor aumentando... aumentando... não tive receio, estranhamente não tive medo nenhum. O Fogo nunca me queimaria...

E eu passei através da pira! Tive a impressão de atravessá-la completamente. Eu não sabia se estava dormindo ou acordado, se era um sonho... alucinação... ou realidade...!

Eu não me queimei. Passei por dentro dele e não aconteceu nada!

O fogo parecia ter a consistência de uma geléia, de algo amorfo. E já não estava tão quente, não significava algo danoso. Era inofensivo! Parecia o calor de um banho de sol.

***

Depois de alguns dias eu fui perguntar o que tinha acontecido de fato, embora no meu íntimo eu tivesse uma certa idéia. Mas ninguém me disse bem o que eu queria escutar.

— Você sabe o que aconteceu, Rillian. Por que eu teria que explicar o que você já sabe? — Respondeu-me Zórdico.

— Mas eu quero escutar isso de *você!* Ele apenas riu:

— Você não tem idéia do que isso significa. É algo muito especial. Se você soubesse o Poder que tem nas mãos! — E

acrescentou algo que me deu quase que a confirmação de tudo. — Ao contrário do que você já viu nos filmes... isso não é uma maldição. É uma dádiva! Você vai aprender a controlar tudo isso.

Mas Zórdico não respondeu o que eu queria ouvir! Eu sabia que o que os filmes mostram não é a verdade. Eu sabia, pelo menos teoricamente, que poderia controlar o fenômeno se quisesse. Mas...e daí??!!!

Marlon só riu do meu espanto e não acrescentou mais nada além do que eu já tinha escutado.

Perguntei depois à Thalya. Ela iria me dizer alguma coisa. Ela tinha visto.

Mas logo me frustrei. Thalya não tinha enxergado nada. Rúbia cobrira o seu rosto no momento "H" com um pequeno manto. Talvez ela não estivesse preparada para aquilo ainda.

E, a bem da verdade, eu mesmo fiquei sem saber *o quê* tinha mesmo acontecido. Zórdico parecia convicto e muito satisfeito. Marlon, bastante entusiasmado. Mas eu... não sabia o que pensar!

Então não pensei. Ou melhor... pensei apenas na Festa da Primavera, que aconteceria dali a uma semana, e durante a qual eu me tornaria Feiticeiro.

***

A licantropia, segundo a explicação convencional, é o processo pelo qual pode-se transformar a matéria. Segundo a Teoria de Einstein, energia é igual a massa vezes a aceleração da luz ao quadrado. A célebre $E=m.c^2$. Eu já tinha aprendido que tudo o que existe é uma forma de energia "condensada".

O ser humano consegue equacionar isso a nível teórico. E *prevê* que o processo inverso talvez pudesse acontecer.

E de fato acontece. A licantropia é um fenômeno que se baseia nesses princípios. Os demônios se transformam e aparecem da maneira como eles querem. É um princípio muito claro. Como

são formas puras de energia, têm o Poder de manipular esta energia conforme a sua vontade.

Assim como um tronco se transforma em energia térmica e luminosa quando a *energia do fogo* é adicionada a ele, o mesmo pode acontecer com o ser humano. Quando é adicionado *Poder* — Poder que vem das Trevas, que vem dos demônios — ao corpo físico humano... este pode ser transformado.

O Poder vai além da força. A força pertence ao homem, e é limitada. Vai até um certo patamar. Mas o Poder ultrapassa e domina a força, potencializa-a. O horizonte da força é muito pequeno, restringe-se ao mundinho em que o ser humano vive. Dentro das limitações de espaço-tempo e das Leis que regem o nosso Universo de três dimensões.

Mas o mundo espiritual tem um outro conjunto de Leis que extrapola completamente as do nosso mundo. Vai além do nosso horizonte. E não é explicada pela razão. Mas os demônios, por viverem nesse Universo que vai além do nosso, são capazes de adicionar *energia à nossa massa física.* Essa energia, quando adicionada à nossa matéria, condensa-se porque foi desacelerada. Isso faz com que seja adicionada *matéria à nossa matéria!* Daí vem a metamorfose. Ou licantropia.

Lucifér — o quinto elemento — é a representação da Luz Pura. Da Energia Pura. Os demônios de fato têm este Poder. E o concedem a quem quiser. O Poder das Trevas pode ser assim manifesto através da força humana. A licantropia existe.

Acontece. É a transformação dos filhos das Trevas em qualquer coisa que lhes seja concedido que sejam.

Eu só não imaginava que pudesse acontecer comigo. Antigamente esse tipo de coisa acontecia e era usado puramente com finalidades estratégicas. Por exemplo, alguém poderia transformar-se num lobo. E iria à casa de seus inimigos, ser-lhe-ia concedida a chance de fazer vingança com as próprias "mãos". E garras, e presas e mandíbulas fortes. Afinal, nada impede que pessoas sejam mortas por um lobo...ou um cão selvagem. Isso era muito comum no século dezoito. A morte era causada por um animal. Não havia pista nenhuma.

Era uma capacidade dada pelos demônios para que a vingança pudesse ser feita sem a necessidade de intervenção direta das Entidades. Daí as lendárias histórias de Lobisomens...até dizem que os Lobisomens gostavam muito de mulheres grávidas! Era uma ferramenta muito utilizada pelos Bruxos antigos.

Mas com o crescimento da Civilização e o aumento da urbanização isso se tornou pouco viável. E a licantropia em si passou a não ser mais algo importante a nível estratégico. Resume-se em uma demonstração de Poder concedida pelos Guias aos seus escolhidos. É como levitar, não há muita vantagem em sair levitando por aí. Mas é uma clara demonstração de Poder e de patente. Não é qualquer um que recebe essas *dádivas.*

Hoje em dia é muito mais utilizada, em se tratando de estratégia, a arte do desdobramento ou projeção astral. Através desta técnica pode-se ir a qualquer lugar, observar, ouvir segredos, atravessar paredes, viajar na velocidade do pensamento.

***

E por falar em desdobramento.....

Só fiquei sabendo que aquela experiência realmente aconteceu porque depois soube que o gato da Simone havia morrido.

Segundo o que eu havia aprendido não existe nada sólido. Isto é, o "sólido absoluto" não existe de verdade. Toda a matéria é composta por moléculas que, por sua vez, são compostas de átomos. E existem *espaços* entre um átomo e outro.

Quando, pelo desdobramento, projetamos o nosso espírito é óbvio que ele não é composto por matéria nenhuma. Então é muito fácil compreender porque ele pode passar através de quase tudo. Assim como não se pode atravessar um pedaço de tecido com a mão, mas a água pode atravessá-lo, o mesmo acontece com o espírito. O corpo não atravessa e nem pode ir a muitos lugares, mas o espírito humano pode. O espírito atravessa os obstáculos como uma "radiação".

Outro aspecto importante do desdobramento é que, saindo do

corpo, não se está mais sujeito às leis de tempo e espaço. Pode-se ir de um ponto a outro num piscar de olhos.

Teimoso como eu era, acabei me envolvendo numa experiência para a qual não estava ainda preparado. Eu havia recebido todo o embasamento teórico acerca da projeção astral mas ainda não estava apto para efetuá-la de fato.

Eu andava com raiva de uma vizinha, a Simone, porque o gato dela vivia invadindo o meu quintal e tentava comer os meus passarinhos. Eles ficavam todos soltos, tinham plena liberdade: maritacas, pássaros pretos, chupins. Inicialmente eu pensei em dar um tiro naquele gato que tinha aprendido o caminho da minha casa e volta e meia aparecia sem a menor cerimônia.

Lembrei-me então que o Egípcio tinha comentado uma vez que entrara dentro de um animal através do desdobramento. Era muito fácil, porque os animais não têm espírito. Diziam que era possível entrar em pessoas também, mas é mais difícil e requer muito mais técnica.

Resolvi tentar. Eu conhecia a técnica e embora soubesse que ainda não era bem o tempo de experimentar... decidi ir em frente assim mesmo.

Segui criteriosamente todos os passos. Deitei-me e relaxei sobre a cama. Esvaziei a minha mente através das técnicas. Depois era como se eu já nem estivesse na cama, mas deitado sobre uma nuvem. Respirava profundamente, e parecia que a cada respiração eu ia ganhando impulso para cima.

O céu parecia muito azul... muito límpido... e eu sempre flutuava. Comecei a liberar um mantra, constante, procurando me soltar.

Quando me senti completamente relaxado e vagando naquele céu azul, flutuando como uma nuvem, pedi a Abraxas para estender-me a mão e levar-me para um passeio.

De repente comecei a ter a sensação de que eu estava subindo, subindo *mesmo*. Vi o cordão de prata, algo meio fluido e brilhante que saía do umbigo e me ligava ao meu corpo. Mas só vi o cordão e o corpo na hora em que comecei a sair. Depois não

mais.

Haviam-me dito também que este tipo de coisa tem que ser feito sempre num lugar aonde não haja interrupção, porque o susto pode fazer com que não se volte mais para o corpo.

Era uma sensação gostosa. Eu me sentia leve, em liberdade. Cheguei à altura do teto e vi pela última vez meu próprio corpo deitado na cama. Traspassei o teto, flutuando, e não havia vertigem, nem medo, nada. Uma sensação ímpar! Parecia que nem mesmo o sol eu estava conhecendo. Tudo à minha volta era como uma grande novidade, como se tudo o que eu sempre conheci já não fizesse parte da realidade que estava vivendo naquele instante. Via as árvores se movendo com o vento mas eu não sentia o vento. Via as pessoas mas não escutava o barulho delas. Simplesmente não fazia parte daquele mundo. Era apenas um expectador.

Tão somente escutei de leve uma música doce e suave, muito tranqüila. Eu sabia aonde queria ir: à casa da Simone. Pensei no caminho, era pertinho. Tive a impressão de que assim que o pensamento passou pela minha mente, um túnel abriu-se diante de mim e eu como que fui sugado por ele. Quando dei por mim... já estava lá. Pareceu realmente ser instantâneo!

Vi que estava na cozinha da casa dela. Simone sentava-se à mesa e preparava um lanche. Sozinha. Então vi o malfadado gato perto da mesa, olhando para cima, querendo comida. Fiquei tremendamente curioso. E lembrei:

"Disseram que é fácil entrar num bicho... como será?!!?".

Eu teria que entrar pela nuca dele. Me aproximei e fixei os olhos no ponto desejado. Num piscar de olhos me senti novamente sugado, num ápice de segundo. Uma sensação muito diferente outra vez.

E quando eu abri os olhos... eu estava *vendo do chão!* Do chão para cima, isto é, como se estivesse olhando através dos olhos dele. Parece uma loucura mas foi assim mesmo que aconteceu. Eu via tudo grande à minha volta, uma cozinha imensa, e me sentia muito pequeno. E então eu pude ouvir a Simone falando:

— Berimbau?! *Berimbau?!* Psss, pssss, pssss! Oi, Berimbau,

tudo bem com você, gatinho?

Eu só conseguia pensar se aquilo estava mesmo acontecendo. "Será possível que eu estou mesmo dentro dele? Será que eu consigo fazer com que ele se movimente?".

Não consegui. Ele continuou parado.

— Nossa, como você está esquisito, Berimbau! — Fez a Simone novamente. — Por que você está olhando assim pra mim?!!! Que coisa!

Ela ofereceu comida mas Berimbau, ao que parece, ficou sem fome de repente. Estagnado. E Simone estava sem entender nada.

— Jura que você não quer a sua ração preferida, bichinho?

Então, de repente, por uns instantes eu tive muito medo de tudo aquilo. Que loucura!.....Não era possível que estivesse mesmo acontecendo. E tive um desejo muito grande de voltar, sair dali, entrar de novo no meu corpo. Saí às pressas, abruptamente.

Senti um arrepio intenso ao sair de dentro de Berimbau. E tive a impressão de ter escutado um miado forte no momento em que deixei estabanadamente o corpo dele. Parece que aquele som ficou ecoando no meu ouvido. E voltei.

Mas durante algum tempo eu fiquei achando que tinha sonhado.

"Pôxa... deitei aqui e dormi! Só pode ser! Minha gana com aquele gato está tão grande que até sonhei que entrei nele!"

Para mim foi mesmo só um sonho. Mas quando foi lá pelas quatro da tarde eu estava parado em frente de casa e um amigo meu ia passando:

— E aí, Edu? Tudo em cima? — Fala, cara!

— Sabe da última? O gato da Simone está morto. — O gato está *morto?!*

— É, tá sim. Acabei de ver, ele está lá. O bicho está logo aí na esquina, morto.

Dei um jeito de ir até lá para ver. Tinha que ser alguma

coincidência. Mas o fato é que ele estava mesmo mortinho da silva, o sangue tinha saído profusamente pela boca. E Simone chorava desconsoladamente procurando ver como faria para enterrá-lo.

Acabou sobrando pra mim. Eu já tinha comentado com várias pessoas sobre meu desejo de dar um tiro no gato. Ela me acusava, cheia de raiva:

— Você deu um tiro no Berimbau!!!

— Não dei, não, Simone! Pode olhar aí nele se tem tiro. Eu nem encostei no seu gato!

Num certo sentido era verdade. Mas vi que o desdobramento não tinha sido sonho coisa nenhuma. Ninguém quis mexer no gato para procurar marca de tiro. E eu fiquei o grande suspeito da história. Simone nem falava mais comigo depois disso. Até que os meus amigos da vizinhança acabaram por convencê-la de que eu não tinha nada que ver com o acontecido.

Ela contou a todos como foi o trágico fim do bichano. Não tinha idéia do que poderia ter havido com o Berimbau.

— Ele estava em casa, comigo, na cozinha. Estava meio esquisito. Não quis comer. De repente deu um miado e sumiu. Passou o dia sumido. Apareceu morto na esquina, cheio de sangue. Será que ele foi envenenado?! O coitadinho.....

Indaguei a Marlon sobre o que teria havido. Ele me explicou que, em primeiro lugar, eu não deveria ter sido tão imprudente. Deveria ter esperado até estar plenamente apto para realizar a técnica. Poderia não conseguir mais voltar para o meu corpo!

— E você saiu muito rápido de dentro do bicho. Causou com isso um distúrbio eletromagnético nele que muito provavelmente levou à arritmia cardíaca e ele morreu. Quando você saiu levou parte da energia vital dele, causando o desequilíbrio. Ele acabou não suportando. Espero que você não seja tão imprudente no futuro. Pode acabar se dando mal, Eduardo. Cada coisa no seu tempo!

***

Quatro dias antes da Festa da Primavera, durante a reunião do meu Conselho, estávamos à espera de visitas especiais. Todos nós já estávamos reunidos quando eles entraram no horário exato de iniciar a reunião. Nunca ninguém se atrasava.

Um homem entrou acompanhado de uma moça. O homem era aquele simpático Sacerdote que eu conhecera na fazenda por ocasião do Rito de abertura de Portais, o Taolez. A moça, muito jovem e muito bonita, eu não sabia quem era. Após as costumeiras boas vindas e abraços e apertos de mão e sorrisos e risadas, nós nos acomodamos.

Taolez apresentou a sua acompanhante que tinha um sedutor jeito de caminhar:

— Nós temos hoje aqui conosco uma convidada muito especial. Ela sorria volta e meia, sentada ao lado dele.

— Esta é Gwyneth. — Continuou Taolez. — Ela nasceu na América do Norte e é filha de um dos principais líderes da Irmandade no mundo.

UAU! Aquela declaração me soou como uma bomba e minha admiração por ela cresceu instantaneamente. A reunião que se seguiria traria nova luz aos meus olhos. Eu deixaria de contemplar a Organização da qual fazia parte como algo puramente regional. Não que eu não soubesse que o Satanismo é Internacional... mas ainda não tinha sido realmente apresentado às evidências daquele fato.

Foi a primeira vez que eu ouvi falar mais claramente sobre a questão da estratégia a nível Mundial.

— Ela veio dos Estados Unidos até aqui para cumprir uma missão muito importante. Gwyneth tem visitado alguns dos Núcleos mais importantes do nosso país em sua estada, e hoje ninguém melhor do que ela para explicar o motivo de sua visita. Por isso... não vou me estender! — Taolez sorriu para a jovem e concluiu: — A palavra é toda sua!

Ela mesma se apresentou, falando um português extremamente "brasileiro". Minha natural curiosidade não me deixou resistir e indaguei assim que me foi possível:

— Pôxa, mas o seu português é muito bom! Há quanto tempo você está no Brasil?

Gwyneth deu risada:

— O nosso pai sabe muitas línguas!

Eu dei risada de volta mas acrescentei, na brincadeira, apenas para Zórdico escutar ao meu lado:

— Como é que eu *ainda* não consigo?!! Como é que eu não consigo falar inglês?

— Calma. Se um dia você precisar ir aos Estados Unidos ou a qualquer outro lugar o Abraxas vai junto. Ele te capacita no momento certo!

— Ah, que interessante!...

E voltei a atenção para ela novamente. Gwyneth tinha um colar tão bonito que era difícil não notá-lo. Um Pentagrama super-incrementado, de ouro cravejado com pedras preciosas que brilhava muito. Ela usava um vestido azul turquesa, justo, com decote bastante generoso e que deixava ver a pele branca e delicada. As unhas eram longas e pintadas de vermelho escuro. Tinha um sorriso muito agradável, um cabelão puxando para o castanho, os olhos no mesmo tom. Era realmente muito bonita. Devia ter somente uns vinte anos. E logo eu viria a saber que apesar da pouca idade ela já era Suma Sacerdotisa.

— É muito bom estar no vosso meio. Gostaria de lembrá-los de que vocês fazem parte de um Grupo chave neste país. Que Lucifér esteja protegendo este lugar com os seus guerreiros e que esteja demonstrando seu amor a cada um. Que os seus Guias estejam na cobertura!

Em seguida ela parabenizou individualmente a cada um de nós de uma forma pessoal. Chamou-nos pelo nome e demonstrou saber quem era cada um que estava à sua frente. E começou com um breve resumo de coisas que nós já sabíamos.

— Não é necessário que eu vos fale sobre a principal Cadeia Hierárquica Satânica, pois é muito bem conhecida de todos. Mas relembremos alguns conceitos em conjunto. O Pentagrama faz

alusão a estes cinco demônios, como vocês sabem. Lucifér, nosso pai, o maioral, tem sob seu comando os quatro Grandes Príncipes. Lucifér ocupa a décima-segunda dimensão espiritual e os seus quatro Grandes Príncipes a nona dimensão. Estes — Leviathan, Astaroth, Bélzebu e Asmodeo — são mais fortes e poderosos do que a classe dos Principados. São Príncipes que têm um domínio territorial Global muito extenso. Atuam no mundo todo, é claro, com diferentes nomes conforme muda-se a região. Mas de forma mais intensa em alguns lugares do planeta. Nosso interesse maior é em relação ao mapeamento destas regiões específicas. Falemos brevemente sobre eles. Leviathan atua muito fortemente na América Latina e especialmente no Brasil. Asmodeo tem seu compromisso na América do Norte e Estados Unidos. Bélzebu está bastante ligado ao Oriente, à Índia, China, Mongólia. Astaroth tem uma participação especial na África, na Austrália, Nova Zelândia. Estes quatro Príncipes contam cada um deles com uma "Guarda de Honra" composta por cinco Capitães. Estes vinte Capitães ao todo são dos mais poderosos e influentes Principados. Eles favorecem a atuação dos seus Príncipes e têm fortes domínios em diferentes pontos do Globo. Não vamos entrar muito em detalhes dos outros, falemos mais da hierarquia ligada ao Príncipe de vocês: Leviathan. Ele está associado ao elemento Água. Isso nos trás uma série de revelações subliminares acerca do seu modo de atuação e raio de Poderes. Cresce o seu domínio em toda a região ligada aos mares, aos rios, às cidades costeiras e regiões portuárias. Ele comanda boa parte das legiões das Águas. Mas como podemos identificar isso? Se vocês prestarem atenção, aqui no Brasil boa parte do folclore regional e das Religiões de massas estão associadas intimamente ao elemento Água. Os principais deuses cultuados no Brasil são a "Aparecida" — que saiu das águas —, e a Iemanjá, que dispensa maiores comentários nesse sentido. Até dentro do contexto indígena aparece a Iara, ou "mãe d'água". Percebe-se a influência cabal de Leviathan por trás destes objetos de adoração. Além do que a própria Bíblia se refere a este demônio como o "dragão do mar", a "serpente deslizante". Vejam como o Brasil é muito propício para Leviathan, um "Habitat" natural para ele. Um país de costa marítima muito extensa. E se formos nos aprofundar e divagar no termo Bíblico descobrimos um pouco mais. A Floresta Amazônica é um símbolo que faz menção, no reino físico, a uma

realidade espiritual: as serpentes se escondem nas matas! Não é à toa que o Brasil tem a maior floresta do mundo! Ela como que "abriga" o esconderijo da "serpente deslizante"! O Principado mais proeminente da sua Guarda é *Abadom*, o braço direito de Leviathan. Este é um demônio principalmente de destruição, ruína, perda e morte. Atua na região do Oriente Médio, Irã, Iraque, Israel. Ele é considerado o chefe dos gafanhotos que sairão do Abismo, mencionados na profecia de Apocalipse. Ao seu comando ele tem nove demônios, nove Potestades muito poderosas.

Isso eu sabia muito bem. Abraxas e Adramelech estavam inseridos nesta categoria e faziam parte desse grupo de nove Potestades.

— Na região da Índia, China, Tibet e proximidades Leviathan conta com o domínio de Shiva. É um demônio de sensualidade, prostituição, adultério. Está muito ligado também à idolatria desse povos. Thamúz atua na região da Itália. Tem também forte ação dentro da Maçonaria, por exemplo, que é um dos Braços do Satanismo. O-Yama é o quarto demônio que faz parte da Guarda de Leviathan. Tem ligações com o Japão, Malásia, Vietnã e aquelas localidades ao redor. E um dos principais demônios por trás da idolatria e do cativeiro em que se encontra aquela região. Rimmon atua na região de Espanha e Portugal e, junto com Thamúz controla boa parte da Europa. Mas voltemos aos Grandes Príncipes e à simbologia do Pentagrama no que dia respeito aos elementos representados. Sabemos que Lucifér é o quinto elemento, a Energia pura. Já disse que Leviathan é o elemento Água. E os demais?

Gwyneth inspirou fundo e continuou:

— Asmodeo está associado ao Ar. O seu braço direito, Dagon, é um Principado capaz de causar tempestades, furacões, maremotos. Notam a influência dos Poderes dos Ares?! Como vocês sabem, esse é o tipo de coisa muito comum na América do Norte. O nome de Asmodeo é mencionado no livro apócrifo de Tobias e também no Talmude. Ele é conhecido como o Príncipe da luxúria e da corrupção. Por causa desses seus dotes fica muito clara a influência sobre os Estados Unidos. A corrupção e a luxúria imperam naquele país. O próprio símbolo de Asmodeo foi divulgado por todo o mundo. E ele partiu dali, de dentro dos

Estados Unidos, através da moda "Punk". Aquele "A" cortado não quer dizer "anarquia" pura e simplesmente como acreditam e apregoam os punkes. Antes é o símbolo de Asmodeo! Nosso terceiro Príncipe, Bélzebu, o Senhor das Moscas, associa-se ao elemento Fogo. E o fogo é o elemento que tudo *consome*. Isso faz alusão ao modo como ele age. Está ligado às disseminações de pragas, doenças, enfermidades. Isso certamente os faz lembrados das péssimas condições de higiene e de saúde em toda aquela região! E das moscas! Inclusive seu principal escudeiro é Nosferatus, o responsável por destruir e consumir as energias, "sugar energias". Toda a atuação dele é no sentido de *consumir*, ânimo, saúde, bem estar, etc...! Bélfegor e Behemoth estão associados a Bélzebu também. Mas Belfegór não está ainda em nossa dimensão.

E isso eu não entendi. Mas ela continuou sem maiores comentários.

— Astaroth, representado pelo elemento Terra, é um demônio de confusão e engano que está muito ligado à Era Mística, dos cristais, dos duendes, das pirâmides e tudo o que se propaga através do Movimento Nova Era. Mas a questão do elemento Terra faz mais alusão ao mundo material. Quero dizer que tudo o que prende o ser humano ao mundo horizontal, ao "Ter", é influenciado por Astaroth. Ele está também ligado ao domínio das riquezas da Terra e sua cobiça pelos homens.

Depois daquela introdução Gwyneth começou a falar brevemente do seu próprio país, os Estados Unidos, e de como a estratégia satânica vinha andando ali conforme o esperado.

— Todas as Igrejas estão praticamente inoperantes! Não têm mais Poder nenhum, já não há interferência e nós temos plena liberdade de atuação. As poucas comunidades que nos ofereciam resistência estão já em vias de destruição. Os principais líderes já caíram e não vejo de onde surgirão outros que possam vir a fazer frente ao poderio da Irmandade naquele lugar. Alguns pagaram com a vida!

Realmente aquela Nação já não é de cunho Protestante. Nós estamos plenamente inseridos dentro da Sociedade em todos os

níveis: o sistema econômico, social, político, militar, de saúde e de ensino nos pertence. Já não há como resistir à Irmandade graças ao domínio extenso que nosso pai e os Guias, cooperando conosco, conquistaram! A Base está totalmente firmada, no lugar certo onde Lucifér havia determinado. São Francisco já não é a mesma, nem a Califórnia. Ainda que Asmodeo domine na América do Norte, ele o faz preparando terreno para o pai. Porque o país mais poderoso do mundo será território de domínio de Lucifér em curtíssimo tempo! Ele será coroado ali. Restam poucas arestas a serem aparadas para que isso efetivamente se concretize. E ele dominará completamente todos os Estados Unidos! Tudo o que é exportado para o mundo nasce naquela Nação: os games de computador com mensagens subliminares, RPG, as músicas e bandas que mais fazem sucesso e têm seus discos consagrados, as principais griffes, etc. A rede está se expandindo. Como um inexorável enxame de abelhas. O domínio será total!

Gwyneth não usou de subterfúgios em momento algum. Projetou um slide cujo gráfico mostrava o decréscimo de Cristãos Evangélicos na América do Norte. A queda era vertiginosa depois de um certo período, após o governo de um certo presidente cujos favores haviam sido comprados.

Nós batemos palmas e demos vivas diante do exposto, com sincera alegria. Ela continuou falando de coisas sobre a estratégia mundial.

— Mas o que tem acontecido em larga escala nos Estados Unidos é um reflexo do que ocorre no Mundo todo. O Evangelho não pode ser propagado. Vocês sabem que para isso é preciso que o nosso domínio seja completo e inexpugnável. A questão das Bases é outro aspecto que quero enfocar agora. Até Março de 1998, teremos doze Bases Mundiais. Por enquanto, como vocês sabem, são apenas duas, a de São Francisco e a da Holanda. A da Holanda não é definitiva, ela será mudada para um local maior e mais estratégico antes que finde o tempo até 1998. E este é o prospecto das outras dez Bases.

O slide foi projetado. Para a maioria aquilo não era novidade, mas para mim e Thalya foi a primeira vez. As doze Bases estavam ali estampadas, cada três formando um triângulo que dominaria

cada quadrante do planeta. Para meu espanto uma delas seria no Brasil. Na Bahia. Na região por onde os colonizadores tinham entrado no nosso país. Arregalei os olhos.

— No quadrante noroeste do Globo a triangulação acontecerá ao redor de Nova York, São Francisco e México. A maior concentração de demônios ficará neste eixo. No quadrante sudoeste os pontos ligam o Peru, provavelmente partindo de Lima, Buenos Aires e Bahia. O triângulo menor, formado por Grécia, Cairo e Jerusalém tem por objetivo controlar e cercar a cidade Messiânica. Porque daí virá o anticristo, descendente de Judeu. Provavelmente a Base atual na Holanda será transferida para a Grécia. O triângulo maior tem seus pontos na África do Sul, Austrália e provavelmente Bancoc, ou ali por perto mesmo.

Alguém perguntou sobre a questão da (antiga) União Soviética.

— Ela não oferece um pingo de resistência. — Respondeu a jovem Suma Sacerdotisa. — Não há necessidade alguma de implantação de Bases naquele lugar. Dentro da Cortina de Ferro estão todos completamente mortos e apagados. A Igreja Ortodoxa é uma facção da Igreja Católica, uma espécie de Igreja Católica "Oriental". Ela domina vorazmente e essa doutrina prega e crê piamente que os Evangélicos Protestantes estão associados ao diabo, são hereges condenados ao Fogo Eterno. Não há com o que se preocupar. Apenas monitorar de longe, mais nada! Mesmo porque, Lucifér escolheu para si os Estados Unidos. A União Soviética terá que deixar de existir!

— Mas não é o mesmo caso da África? Eles também estão completamente dominados por outras religiões.

— Mas em especial a África do Sul tem recebido muitos Missionários e há planos de continuar esse processo. Por isso uma das futuras Bases estará colocada ali! Como vocês sabem, as Bases são as Unidades da Irmandade responsáveis por repassarem a visão estratégica e a direção que tem vindo de Lucifér a todos os seus seguidores. A localização delas foi muito estudada e finalmente repassada a todos nós. Se vocês já tivessem no Brasil a Base-Mãe de vocês eu não precisaria estar hoje aqui. Isto é, os líderes

brasileiros poderiam receber e repassar as diretrizes sem necessidade de intermediários. Enquanto não é chegado este tempo vocês continuam sob a supervisão da Base norte-americana. Assim como todos os outros lugares do mundo aonde temos implantado os Núcleos dependem, ou de nós, ou da Base holandesa. Conforme a direção de Lucifér. Entendam que quando o número das Bases for doze o Domínio e o Poder serão definitivos e completos! Também os incontáveis Núcleos Regionais, espalhados pelas principais cidades e estados de todo o mundo estarão no auge do seu domínio e nada poderá detê-los. Assim como nos Estados Unidos, todo o sistema de governo dos povos estará em nossas mãos: a política, o exército, as leis, os hospitais, as escolas, as faculdades, e tudo o que se possa possuir. Todos os setores! E quando digo todos os setores são todos os setores *mesmo*, inclusive as classes menos favorecidas porque a tendência destas é apegar-se a Deus com maior facilidade. Mas a Igreja Cristã não poderá fazer frente a nada disso. Eles perderam tempo demais! Vou apresentar-lhes os dados logo mais.

Gwyneth tomou um pouco de água e retomou, sorrindo:

— Tudo o que falo é com propósito. A questão do extenso domínio dos nossos aliados, a crescente e esmagadora vitória nos Estados Unidos e o projeto em andamento das doze Bases Mundiais tem sua razão de ser. É a expressão antecipada da nossa grande vitória futura! Comprovarei aos irmãos alegremente através dos dados. E declaro com veemência: aqui no Brasil não será diferente! — Exclamou ela. — A estratégia brasileira já foi montada por Lucifér e o tempo se aproxima. Trabalhemos, pois! O findar do Terceiro Ciclo nos trará a coroa da vitória! Vocês estão muito bem assistidos aqui, não receiem por nada. Leviathan tem o seu Poder. Este Principado trás sobre o Brasil uma influência imensa, coisa que o povinho Evangélico nem desconfia! Muitos líderes proeminentes vão cair a partir de março de 1998, e aí... as ovelhas se espalharão. E tornar-se-ão ainda mais fracas!

Novamente nos rejubilamos incontidamente com ela. Gwyneth jogou o cabelo para as costas e continuou falando com entusiasmo e muita convicção de tudo o que conhecia. Eu nunca tinha escutado falar de coisas naquelas proporções. A Irmandade de fato estava estendendo a sua rede pelo mundo inteiro, como um véu

já quase prestes a se fechar. Nada mais sairia dali... nada mais entraria.

Compreendi que cada Núcleo de Adoração espalhado pela Terra — num dos quais eu mesmo estava inserido — era como uma "mini-rede" coordenada pelas Redes-Mães, as Bases, e todos atuavam com um propósito comum. E todas as culturas e povos do Planeta estavam sendo fagocitados pelo Satanismo. Tudo funcionava perfeitamente, dentro do previsto!

— Cada povo receberá o seu jugo Satânico embasado na própria cultura. Infiltramo-nos de forma a não chamar a atenção, é claro. Os lobos não vêm arreganhando os dentes quando querem comer as ovelhinhas! Nosso lugar sempre será na Sombra. Na Índia não se fala em deuses africanos, do mesmo modo que na África não se cogita em Buda. Já os Estados Unidos gostam muito de Nova Era. E no Brasil deixamos que a Aparecida e as religiões ligadas ao baixo espiritismo façam a sua parte. Aliás, o candomblé, a umbanda e a quimbanda são como "parque de diversões" para demônios! Em se tratando disso já não há mais nem o que fazer, o engano já está no piloto automático. Os próprios demônios se incumbem de fazer a coisa funcionar. E esse é o caminho, vocês sabem muito bem: a Irmandade cria estruturas que não ferem as crenças locais, ao contrário, perpetuam-nas e desviam o curso da História no rumo que queremos. Rumo ao reinado do anticristo! Por isso já é hora de acabar de vez com esses ventos de rumores e falatórios sem propósito acerca do Brasil vir a ser "Celeiro de Missionários", como gostam de apregoar os tolos de Deus. Esses ventos de doutrina e promessas Daquele que é nosso inimigo já chegou também aos nossos ouvidos. No entanto... guardem bem: a doutrina deste Deus hipócrita jamais sairá deste país numa chuva de avivamento! Jamais!! Estamos tomando todas as providências para que isso não aconteça. Toda monitoragem será necessária e os enviados de todo o mundo virão sempre que se fizer necessário. A luta é conjunta, a luta de vocês é a nossa luta! "Poder à força... e morte aos fracos"! Por isso enfoco a necessidade de monitorarem-se os Missionários Cristãos. As Profecias sobre o "Celeirinho Missionário" não terão razão de ser muito em breve! Tudo bem que o nosso trabalho é incrivelmente facilitado por causa dos próprios Cristãos, mas ainda assim não se pode perdê-los de vista. Querem

ver algo de peso em relação às Missões?! É que a Igreja decididamente não sabe, *não tem a menor noção* de como se fazem "Missões"! Há Missionários Cristãos que vão, por exemplo, para a Etiópia, ou para o Cazaquistão, ou para a Turquia. Só que no seu peculiar egoísmo a Igreja larga aqueles pobres coitados num fim de mundo desconhecido, muitas vezes sem o suficiente para manter a mínima dignidade. Eles ficam até sem ter o que comer, e quando alguém não tem o que comer deixa de pensar em Deus. Cedo ou tarde a necessidade constante das coisas mais básicas faz com que eles esqueçam completamente dos propósitos para os quais foram enviados. Óbvio que em primeiro lugar eles têm que comer, beber, dormir e se vestir. É muito utópico acreditar que todos eles vão viver integralmente — e permanentemente — o "Buscar em primeiro lugar o Reino de Deus para que as demais coisas sejam acrescentadas". Ninguém fala de Deus por muito tempo com o estômago vazio! Ninguém fala de Deus com os filhos doentes e nús. E mesmo que os mantenedores se lembrem deles... *nós* os fazemos esquecer. Aos poucos deixam de falar... de orar... de pedir sustento para as Igrejas...! E quando mandam coisas, nós as interceptamos! Criamos todo tipo de problemas no campo missionário: doenças, dificuldades com moradia, excesso de gastos que vão muito além do que eles recebem. É preciso criar muitas necessidades, muitos pontos nevrálgicos. Naturalmente este esforço é despendido somente em casos extremos, para pessoas muito resistentes. A maioria sucumbe sem todos esses rodeios espirituais. Não é interessante que as Missões Evangélicas cresçam e tenham sucesso! Qualquer uma que seja empecilho, ou que possa vir a ser... tem que ser exterminada. Observem aqui alguns nomes de Missões nas quais temos atuado com maior intensidade. E saibam que temos atingido os nossos objetivos. O trabalho deles nos campos não têm sido muito frutífero.

Gwyneth colocou diante de nós uma lista de Missões Evangélicas e discorreu com detalhes a respeito dos projetos de cada uma.

— Esta linha Missionária, por exemplo, tem uns obreiros que não passam de burros de carga. Eles são pobres, miseráveis, não têm sustento e nem quem os ajude. Apesar de serem uma Missão Internacional! Ah! — Gwyneth soltou um risinho sarcástico. — A

Igreja Evangélica é a coisa *mais ridícula* que existe na face da Terra!!! O Império de Lucifér vai prevalecer. Para nós nunca falta dinheiro para nada!

Ela mostrou a seguir os gráficos que denunciavam todos os eventos Cristãos de porte. Eles estavam mapeados e as datas confirmadas para que fossem enviados os espias.

— Tudo o que acontece na Igreja de Cristo é monitorado. Eles são tolos o bastante para que todas as suas estratégias caiam logo nas nossas mãos. Aliás, estratégia é uma palavra muito pouco conhecida dentro do vocabulário Cristão... os poucos líderes que têm mais visão não encontram qu*orum* de jeito nenhum! "Batalha Espiritual" é um termo a que os Cristãos têm especial resistência. Os idiotas!!'

Mas observem o levantamento dessas últimas estatísticas. Voltemos um pouco e vejamos no gráfico os valores representados de cada fatia de Religião no vosso país. Havia ali fatias de várias cores mostrando o número de pessoas inseridas dentro do catolicismo, do espiritismo, do candomblé, umbanda e quimbanda, das seitas orientais, etc...

Mas ela falou apenas sobre os Cristãos Evangélicos:

— Isso aqui não tem muito valor na prática porque esse número é virtual. Podemos reduzir para um milésimo este exército porque não aprenderam ainda o que significa compromisso com o Seu Deus. São fracos, *desunidos* e despreparados! Vivem de arrotar a sua presunção e o seu triunfalismo. Pensam que são fortes. Que riam enquanto podem! Poucos são os focos que ainda estão criando alguma resistência. Lucifér não se importa que falem dele. Pelo contrário. E muito bom que falem, que riam, que batam os pés e gritem histericamente, que desprezem o príncipe deste mundo. É muito bom quando eles acreditam estar enfrentando um leão sem dentes, um cão sarnento. Porque enquanto as Igrejas acreditam que *venceram,* enquanto vivem de "Xô, Satanás!" abrem o espaço para que tornemos a nossa vantagem cada vez maior. É mais fácil derrubar o inimigo quando ele acha que já ganhou...! Esse é o primeiro passo em direção à queda, a sua autoconfiança e a sua soberba, a falta completa de visão, de unidade. Eles não dizem que

"aquele que está em pé veja que não caia"? Pois é isso mesmo, dessas palavras fazemos também a nossa bandeira: *nós, fazemos parecer* que eles estão em pé. Tudo não passa de uma grande aparência. Mas quando dermos o toque de atacar eles serão derrubados como dominó, um após o outro. Nós faremos soprar um novo vento, um vento cuja doutrina os fará desviar os olhos do seu propósito. E não prevalecerão!

Ela então projetou um slide que falava mais detalhadamente acerca do crescimento numérico do Evangelho. Tanto no Brasil como a nível mundial.

— Vocês podem perceber que os números mostram um aparente crescimento. No entanto isso não é reflexo da realidade pelo seguinte: as Igrejas formadas são frias, são mortas, são desvirtuadas. Podem crescer o quanto quiserem... podem *inchar!* Não representam ameaça nenhuma! O crescimento é puramente numérico. Poucos são os remanescentes. São Igrejas de rótulo cujos Pastores estão mais preocupados com o dízimo das suas ovelhas do que com o compromisso delas com Deus. O exército deles tem aumentado *em número*, mas é um exército fraco aonde ninguém luta, ninguém tem visão estratégica nenhuma, ninguém está preparado para o confronto. Eles ficam sentados esquentando os traseiros e criticando-se uns aos outros, fazendo picuinhas por causa de usos e costumes, por causa de denominações, e eles mesmos destroem os poucos a quem sobrou alguma visão do *Reino!* Em suma: o quartel está cheio, mas não há quase nenhum soldado. No que diz respeito ao fim do Terceiro Ciclo: os poucos líderes que restam deverão cair, como eu já disse. E o nosso exército estará totalmente colocado em posição estratégica, pronto para o brado de comando, pronto para manifestar ao mundo o verdadeiro detentor de Poder, Lucifér, o que está na Sombra e vem agindo desde os primórdios sem que tenha sido descoberto! Algumas pessoas são chave nesse exército. Falemos um pouco mais sobre eles. Então Gwyneth chegou perto de Marlon e perguntou:

— Você está preparado?

Ele não hesitou nem um segundo e respondeu muito senhor de si:

— Lógico. Sempre estive!

Com uma das mãos sobre o ombro de meu amigo ela falou para todos nós:

— Vocês vão ver que este homem ainda vai ter muito Poder. Muito Poder! Ele será um dos líderes desta Nação e todo aquele que se levantar em oposição a ele cairá e não mais reerguer-se-á! E, dentre outras coisas, eu vim para participar deste Rito. Um Rito de entrega de algumas vidas que serão pontos cruciais no desenrolar da estratégia no Brasil. Uma destas é o Marlon. Os demônios que o acompanharão depois serão muito mais poderosos do que os que o acompanham agora. Ninguém poderá resisti-lo! Ele será capacitado com força, Poder e sabedoria, e desempenhará bem a sua missão! Nós vamos preparar caminho para aquele que vem nos dar a liberdade absoluta, o anticristo, aquele que no devido tempo será feito morada de nosso pai e transformará todas as coisas. O tempo é curto, muito curto, pois o final do Terceiro Ciclo se aproxima e tudo tem que correr dentro do previsto. Então receberemos todo o Poder necessário para que cumpramos completamente a Missão! Cada um tem o seu lugar e a sua função. Mas em especial o chamado daqueles que governarão as Nações é muito grande. Eles serão as portas através das quais o anticristo governará o mundo visível e o invisível! Os escolhidos para o governo dessa Nação já foram apontados e o tempo em que serão Consagrados já foi também determinado. Este será o primeiro Rito de Entrega. Mais tarde haverá outros conforme chegue o tempo de cada um dos escolhidos.

Eu me senti extremamente ensoberbecido com aquilo tudo, com a estratégia a nível macro começando a descortinar-se diante dos meus olhos. Que Poder!! Gwyneth continuou falando e eu devorava as palavras que saíam de sua boca. Em última análise a Irmandade descortinou-se totalmente nova naquele dia para mim. Como uma estrutura dotada de um poderio imenso, incalculável, e cujo objetivo era englobar a Sociedade Humana completamente e da maneira mais subliminar possível. Ela terminou de falar a respeito das estatísticas mundiais e de tudo o que vinha ocorrendo pelo mundo em se tratando do cumprimento da estratégia. E concluiu:

— As Igrejas falsas estarão montadas nos países onde o Cristianismo é mais forte. No caso do Brasil, por exemplo, haverá 666 Igrejas falsas implantadas até 1998. Os seus Pastores e líderes serão pessoas da Irmandade ou dos Braços mais próximos. Somente no estado de São Paulo haverá 54 destas Igrejas. Sei que vocês têm tido as direções para que isso se concretize. Tudo está correndo perfeitamente bem dentro do cronograma estabelecido! Que Lucifér esteja com vocês! A reunião terminou com muito júbilo. Gwyneth abraçou-nos a todos. Quando chegou perto de mim cochichou um elogio pouco pudendo no meu ouvido. Fiquei roxo, mas lisonjeado. O olhar de Thalya alçou-se um pouco mais inquiridor, para variar, e à medida que Gwyneth continuava sua confraternização eu brinquei com ela, rindo:

— Calma, Tassa...é tudo família, ouviu? — Falei com ar de troça. — Ela é *irmã!* Não é isso? Você que é a minha alma gêmea! — Dei uns tapinhas na cabeça dela.

Thalya acabou rindo:

— E desde quando na Irmandade alguém é irmão de alguém? Isso não é empecilho nenhum. Já vai derrubar a asa para essa peruazinha aí?!

— Tudo bem, tudo bem! — Eu continuava na troça com ela. — *Você é* a alma gêmea! Essa Gwyneth aí não está com nada.

Ficou pré-agendado um jantar com todo o nosso Grupo de Conselho para o dia seguinte, quinta-feira. A Festa da Primavera seria no sábado. E o Rito de Consagração do qual Marlon faria parte aconteceria na sexta subseqüente.

O jantar foi magnífico, na rua mais badalada de São Paulo, perto de uma das mais famosas danceterias da cidade. Algumas pessoas do Grupo até foram dançar depois, mas eu e Thalya estávamos cansados e mais a fim de trégua. Depois de comer tanto não dava para encarar o pula-pula da música. E fomos para a casa dela assistir filme de vídeo.

Naturalmente que Camila estava no sétimo sono, eu já quase nem me lembrava dela. Ela continuava tendo horríveis dores de cabeça e muito sono sempre que eu tinha compromissos assim.

***

Capítulo 5

E chegou o dia da minha Consagração, dia da Festa da Primavera. A partir de uma determinada patente hierárquica as Consagrações passam a ser feitas durante as Festas de mudança de Estações. A não ser que haja ordem de Lucifér para fazer de outra maneira. É necessário participar da Festa para receber efetivamente a graduação. Ninguém precisa de uma celebração maior porque atingiu o grau de Mago ou de Aprendiz. Mas Feiticeiros, Bruxos, Sacerdotes e Sumos Sacerdotes precisam de uma unção especial de Poder.

Há cinco principais Festas durante o ano: a cada mudança das Estações — vinte e um de março, vinte e um de junho, vinte e três de setembro, vinte e dois de dezembro — e no dia trinta e um de outubro. São destinadas às Consagrações mas também são Ritos de Adoração. Eu já tinha participado da minha primeira Festa no dia vinte e um de junho, logo depois que assumi meu cargo de Supervisor na Style. Logo depois dos primeiros Portais abertos. Mas sem dúvida a Festa da Primavera seria muito mais importante para mim por causa da Consagração.

Estas Festas na virada das Estações são dedicadas aos Grandes Príncipes: Leviathan, Astaroth, Asmodeo e Bélzebu.

Leviathan, por exemplo, tem mais força no período do Outono, portanto ele trabalha ao sul no período correspondente, isto é, a partir de vinte e um de março. No norte do Globo sua atuação principal já vai ser a partir de vinte e três de setembro, quando inicia o Outono no hemisfério norte. Na Primavera o domínio maior é de Astaroth; no Inverno, atua Asmodeo; e no Verão, Bélzebu. Estas quatro Entidades são cultuadas de forma cíclica a cada Estação, tanto no norte quanto no sul do Globo.

E o Sabbath acontece anualmente.

A questão do Sabbath, vulgarmente divulgado como "Festa

das Bruxas", já é um pouco diferente. Acontece na data escolhida pelo próprio Lucifér, no dia trinta e um de outubro, e é uma Celebração a ele mesmo.

As cinco Festas não são simplesmente chamadas de "Festa da Primavera" ou "Ritual de Inverno". O número cinco volta a fazer alusão ao Pentagrama pois anuncia a grande Hierarquia Satânica. Mas há cinco palavras mágicas que estão também associadas tanto ao Pentagrama quanto às Entidades. Elas carregam um significado muito profundo em si mesmas. São elas: SÁTOR — ÁREPO — TENET —ÓPERA—ROTAS.

A primeira Festa do ano no caso do hemisfério sul é a Festa do Outono, ou "Festa Sátor". A segunda Festa é o "Ritual de Árepo"; a terceira, o "Ritual de Tenet"; a quarta, que coincide tanto no Hemisfério Sul quanto no Hemisfério Norte é o Sabbath, conhecido como "Ópera Negra" ou "Black Sabbath". E a última Festa é o "Ritual de Rotas".

Estas palavras, quando dispostas numa espécie de quadrado mágico, seja qual for a direção em que sejam lidas a pronúncia é a mesma, de cima para baixo, da esquerda para a direita, e vice-versa. Assim:

S	Á	T
Á	R	E
T	E	N
Ó	P	E
R	O	T

Mas o por quê das Festas receberem esse nome é bastante interessante. Essas palavras têm uma representação numerológica cabalística que está associada a todo um contexto astrológico. Por exemplo, "Tenet" tem uma soma cabalística cujo número só pode ser encaixado astrologicamente no período da Primavera, e ao sul, devido às conjunções de planetas que acontecem neste período. Ou seja, só "encaixa" naquele período.

A grosso modo quer dizer que a configuração astrológica seria uma espécie de "prenúncio" às Entidades que estão se aproximando daquela região. A palavra mágica seria então uma "tradução" do que acontece no reino espiritual e que, conseqüentemente, refletir-se-á no reino físico.

E cada letra de cada palavra não é meramente uma "letra", mas o símbolo de uma Entidade demoníaca. Na verdade, o símbolo de cada um dos cinco capitães que compõem a Guarda de Honra do Príncipe a quem se oferece a Festa. Por exemplo, SÁTOR é a Festa do Outono e portanto, cultua Leviathan. As letras desta palavra explicitam os Principados que estarão acompanhando este Príncipe na região durante algum tempo. "S" de Shiva; "A" de Abadom; "T" de Thamúz; "O" de O-Yama; "R" de Rimmon.

Em cada Festa de mudança de Estação a palavra mágica correspondente é colocada no Pentagrama por ocasião da Cerimônia. Uma letra em cada ponta por causa do significado simbólico muito extenso de cada uma delas. O número de Sumos Sacerdotes é sempre cinco também. Quatro homens e uma mulher. A única mulher, a Suma Sacerdotisa, sempre vem representando a chegada da Estação e a entrega daquele período à Entidade cultuada. E os Sacerdotes são, pelo menos, dezoito.

É a Celebração de um novo ciclo: são dadas as boas vindas à Guarda que está chegando e oferecidas despedidas temporárias à Entidade que está saindo daquele trono. Acontece uma Festa em cada Continente, cinco ao todo.

A questão do Domínio Territorial é muito complexa no Reino Espiritual. Por exemplo: Leviathan domina sobre todo o Globo, mas de forma cíclica porque não é onipresente. Então quando esse Príncipe chega ao Brasil no final de março, vem acompanhado pela sua Guarda. Por demônios cuja principal ação Pode dar-se sobre pontos extremamente longínquos. Tomando-se por base o próprio O-Yama, que atua no Oriente e especialmente no Japão.

Apesar de aparentemente este demônio não ter nada que ver com o Brasil e a América Latina, não é bem assim. É necessária a sua atuação na nossa região durante um período por causa da extensa colônia oriental que o país detém. O-Yama deixa

substitutos no seu território de origem e vem ao encontro de Leviathan, vem para a América Latina durante um tempo. O mesmo se dá com os Outros Principados.

É importante essa atuação porque o Brasil em especial é um país extremamente miscigenado que requer atenção especial sobre as diversas raças que abriga.

E este é o principio. As Entidades estão sempre rodando o Planeta de forma coordenada e cíclica, monitorando, unindo esforços. Qualquer problema pode ser precocemente detectado e combatido. Como acontece com os exércitos humanos, assim também são os exércitos espirituais. Do mesmo jeito que um conflito no Golfo ou na Palestina atrai atenção e reforços dos Estados Unidos, por exemplo, conflitos espirituais em qualquer parte do mundo podem atrair reforços demoníacos específicos. E tropas de demônios que normalmente não estariam ali podem ser convocadas para vir.

***

Já o Sabbath é um pouco diferente porque é uma Homenagem Mundial a Lucifér, uma homenagem única que nenhuma outra Entidade recebe da mesma maneira. A data naturalmente foi escolhida levando-se em consideração os mais primorosos cálculos cabalísticos, e já existe desde antes da Era Cristã. Embora eu ainda não tivesse participado, sabia que esta é uma ocasião em que Lucifér aparece pessoalmente. Em todas as Festas Sabbath. São cinco, uma em cada continente, como acontece com todas as demais Celebrações.

São reunidas verdadeiras multidões que viajam de todos os lugares do continente. O horário da Celebração varia um pouco de região para região de forma que nosso pai pode apresentar-se subseqüentemente em cada uma delas. Ele se manifesta de dentro do fogo, materializa-se e escolhe normalmente uma das suas filhas para unir-se sexualmente a ele. É uma grande honra ser escolhida para esse fim!

O Sabbath em si destina-se à Celebração do prazer e liberdades totais. Há muito vinho, muita carne, muitas drogas,

muita orgia sexual. E a aparição de Lucifér é a grande coroação da noite! São feitos muitos sacrifícios nesta ocasião, e até atos de canibalismo são praticados; bebe-se muito sangue das vítimas misturado na poção.

A presença e concentração dos demônios é impressionante, todos os que podem retiram-se para o local do Sabbath para a grande confraternização.

Aqueles que estão participando do Sabbath pela primeira vez têm a honra de "Dançar na Fogueira com Lucifér"!!! Existe um momento onde todos os participantes, nus, ficam de costas para a fogueira e, de mãos dadas, dançam loucamente. Os novatos entram dentro do fogo e ali eles fazem uma outra ciranda, em sentido contrário, junto com Lucifér. Eu já não achava que entrar dentro do fogo era algo tão impossível assim. Desde que eu próprio tinha sido conduzido através da Pira, no meu Rito de abertura de Portais, sabia que era algo plausível. E isso representava a nossa harmonia com o mundo das Trevas.

***

Em se tratando da minha Consagração, no Rito de Tenet, o Príncipe homenageado era Astaroth. Mas ao Norte, no local das Bases-Mães, a Celebração seria a Leviathan na Festa Sátor. Aquele por quem eu já tinha sido escolhido e a cuja hierarquia eu devia os meus Poderes. Portanto subtendia-se que minha Consagração estava sendo feita a ele.

Eu havia me preparado devidamente para a Consagração nove dias antes. A dieta favorece um perfeito fluxo energético e é basicamente de ervas, raízes, peixes, chás. Mas era tudo gostoso, tudo me era fornecido por Marlon ou Zórdico e não havia maiores problemas com aqueles poucos dias de abstinência de alguns alimentos. Nunca era pedido jejum absoluto de coisa alguma. Nenhum filho do Fogo se priva de nada.

Aquela era uma data muito importante porque estávamos no mês nove e a soma dos dígitos do número vinte e três dava cinco. Tanto o nove quanto o cinco são bastante expressivos dentro da Numerologia cabalística. Eu estava contente por já ter sido

selecionado. Do meu Grupo não havia mais ninguém a subir ao patamar de Feiticeiro uma vez que Thalya ainda não fora chamada para abrir todos os seus Portais. Os participantes daquele momento especial viriam de outros Grupos, e até de outros Núcleos que eu não conhecia. Inclusive dos países vizinhos, Argentina, Paraguai, Venezuela, Colômbia, Peru, etc...

Nós viajamos um dia antes para uma cidade não muito distante de São Paulo. O Rito aconteceria numa Fazenda. Rúbia e Marlon revezaram-se na direção, eu e Thalya fomos atrás. Eu dormi no colo dela e Thalya capotou com a cabeça apoiada na almofada contra a janela lateral. Para variar, "apagamos" durante todo o percurso. Era impressionante como eu sentia sono! Só vim a acordar novamente quando já estávamos fora da Rodovia principal, sacolejando numa estradinha de terra.

O resto do meu Grupo de Conselho viria no dia seguinte, mais próximo da hora da Celebração: Zórdico, Ariel, Aziz, o Egípcio, Kzara, Górion, bem como a maior parte dos membros da Irmandade que freqüentavam o meu Núcleo.

Logo chegamos à Fazenda, simplesmente i-men-sa!!!! Coisa semelhante a um enorme latifúndio de verdade. Era final de tarde, quase noite, e eu desci do carro ainda meio sonado.

A casa era em estilo bem rústico, extremamente aconchegante, ampla, cheia de redes, almofadas, móveis de madeira, enfeites de palha. Tudo bonitinho, com cortinas de coraçãozinho. Um cheirinho gostoso inundava tudo. Nada que eu pudesse identificar como um símbolo da Irmandade, ou algo subliminar, nada mesmo. Até me espantei! Uma casa tão comum.....

Da varanda dava pra ver uma parte das plantações, o forte deles naquela região. Não tinha gado de corte e nem de leite, nenhuma espécie de criação, somente plantações a perder de vista, subindo pelos morros ao redor da fazenda. Dali também podia-se contemplar a colina atrás da qual ficava o Vale aonde aconteceria o Ritual. Aquele Vale era um lugar privilegiado, uma extensão muito grande de terra plana ladeada por morros de bom tamanho. Ficava isolado de tudo, no coração da fazenda. Os Guias tinham feito uma

boa escolha para aquele ano. Sempre partia deles a orientação neste sentido.

Eu observava toda aquela decoração agradável ao mesmo tempo em que ia sendo apresentado aos donos da casa: um casal relativamente jovem e seu filho. Eu estava com fome e louco para que nos servissem algo. Fomos muito bem recebidos como sempre e levados cada um a seu próprio quarto de hóspedes. Deixaram-nos tomar um banho e nos refazermos da viagem. Depois disso nos chamaram para um lanche com coisas que eu podia comer. Conversamos bastante sobre assuntos informais e depois fomos nos deitar.

Eu dormi muito rápido. (Dava um sono ficar naquele lugar!). Nem tive pique de conversar com Thalya. E acordei bem tarde no dia seguinte, lá pelas onze da manhã, super disposto.

Na sala dei de cara com Thalya que não parecia de pé há muito tempo. Resolvemos sair para caminhar um pouco antes do almoço.

— Fiquei sabendo que aqui tem cavalo! Você não quer andar a cavalo? — Perguntou ela.

— Não, não, não! Vai que eu caio desse cavalo! Era só o que faltava. Prefiro esticar um pouco as pernas. Vamos a pé mesmo! Que tal a gente ir dar uma olhada no Vale onde vai haver a Festa?!

— Vamos! Eles já estão preparando tudo!

— Não tem muito o que preparar nesse caso, né? Só o Pentagrama e a Fogueira!

— Só! Como se fosse "só"!

— Você entendeu o que eu quis dizer! Vamos indo, então!

Fomos caminhando devagar, aproveitando o dia ensolarado e quente.

— Pôxa vida, quem diria, heim? — Comentou Thalya com ar sonhador. — Você já está chegando a Feiticeiro!... Vai ter muito mais Poder agora!

— É verdade... mas por que será que não te chamaram?

Parece uma coisa estranha, não é? Se nós somos almas-gêmeas por que será que não te dirigiram do mesmo jeito?

— Sei lá! Mas realmente... a gente deveria estar sendo Consagrado junto! Especulamos um pouco a respeito, mas logo fomos interrompidos. Rúbia vinha correndo ao nosso encontro!

— Oi, e aí, vocês dois!? Estão indo lá dar uma xeretada?!! — Estamos!

Rúbia estava com calças jeans e camiseta, bem à vontade. Ela se pôs ao nosso lado e como que adivinhando a nossa conversa, comentou:

— Olha, vou dizer uma coisa pra vocês! Hoje o Rillian está assumindo uma nova posição, recebendo a unção de Feiticeiro. Para a Tassa não chegou o tempo ainda. Mas vocês não precisam estar necessariamente no mesmo nível para serem fortes e cumprirem todos os desígnios do pai! Os dedos da mão são diferentes, não é assim? Mas quando eles se juntam, tornam-se fortes, formam um punho fechado que multiplica a força individual de todos eles. Nós somos assim também, somos todos diferentes uns dos outros, com diferentes patentes e funções. Mas se estivermos juntos seremos como uma mão fechada. Como um punho! Então.... — E deu uma risada gostosa, convidativa. — não se preocupem com isso!

Rúbia era extrovertida e alegre. Ria muito, estava sempre animada, brincava com tudo. Às vezes era difícil saber se ela estava falando sério ou se estava brincando.

— Olha... — Disse ela a certa altura do caminho, em tom grave. — Cuidado ali com aquelas árvores, viu? Vocês não podem chegar muito perto!

— É? — Perguntamos eu e Thalya com ar curioso. — Mas por quê, Rúbia?

— Porque ali tem um porco-espinho das Trevas, imenso, que adora devorar jovens preocupados como vocês!

— Êh! Você está sempre arrumando um jeito de tirar um baratinho com a cara de todo mundo, né?! — E demos risada.

Rúbia abriu o seu repertório enorme de piadas. Tudo piada de crente, de Pastor, de Jesus. Altas bandalheiras. Fomos ouvindo e rindo o tempo todo até lá em cima. Mas, às vezes, no meio das piadas ela ficava séria e falava direito.

— Olha só essa terra! — Rúbia abaixou e pegou um punhado na mão. — Você veio do pó e vai voltar ao pó. Você acredita nisso? Mas enquanto está aqui, o homem só é pó se viver debaixo das suas limitações. Quando somos capazes de moldar as circunstâncias, deixamos de ser pó! — E viajou um pouco na doutrina.

Escutamos e concordamos. Rúbia gostava de ensinar. Por mais tola que pudesse ser a pergunta ela sempre ouvia. E respondia com seriedade, atenção e toda a paciência do mundo às nossas inquirições. Nunca debochava das nossas dúvidas e, apesar de brincalhona, nessas horas parava e ficava muito atenta. Aproveitamos a companhia dela para perguntar bastante:

— Peraí. Mas me diga uma coisa, Rúbia. — Comecei eu. — Nós estamos fazendo aqui um Pentagrama gigantesco... ao ar livre! E se chover??

— Não vai chover por vários motivos! — Ela respondeu. — Primeiro porque não há previsão de chuva e depois porque, afinal de contas, os Guias também têm influência sobre o tempo, ora!

— Bom... vamos ver isso! Você quer dizer que nunca chove nessas Festas?

— É. Nunca chove.

— Tudo bem. Mas e se passar um avião, um helicóptero qualquer, e vir este Pentagrama no chão? Ele vai ficar iluminado à noite. É arriscado, não é?!!

— Não, não! Os Príncipes dos Ares não permitem que nada passe por aqui. Qualquer aeronave que chegar nas imediações vai ter problemas, vai ter que voltar por onde veio. É impossível que eles cruzem este espaço aéreo durante estes dias! O espaço está Consagrado. Esse solo que você está pisando foi concedido por nosso pai, mas isso não quer dizer que se restrinja apenas ao chão. Todo o espaço acima das nossas cabeças também foi concedido por

ele, os Guardiões já foram destacados. Pode esquecer, Rillian. Ninguém que não seja bem vindo pode chegar perto daqui! A limitação em relação a eles não é só na terra, é acima da terra também!

Rúbia falava com muita segurança. Eu ainda não tinha participado de nenhum Rito ao ar livre e vibrava comigo mesmo. "Mas que Poder e que controle tem o nosso pai!"

E ficava o tempo todo olhando pra cima: "Será possível que não vai passar nem um aviãozinho nas imediações?"

Só muito ao longe, no horizonte, distante dali.

Chegamos ao alto da colina.

— Olhem! — Falou Rúbia. — Não é lindo?

O Vale se descortinou, verde e muito belo. O Pentagrama já estava praticamente pronto, enorme, e a estrutura de madeira de pinho que seria incendiada também. No caso do Rito de Tenet a fogueira tinha que ser feita todinha com aquela madeira.

— Uau!

Fazia vista, de fato! Nunca tinha visto um Pentagrama tão tremendamente grande. Apenas uns dez centímetros de altura, mas provavelmente dois quarteirões de diâmetro na sua extensão. Os blocos que o compunham eram pré-montados, feitos com uma pedra avermelhada e natural. E a enorme fogueira de pinho ficava no centro.

Sentamos na grama e ficamos olhando, comentando, antecipando o que aconteceria logo mais à noite. Apesar disso todos nós estávamos um pouco mais introspectivos diante da vista do Pentagrama no Vale lá em baixo.

Observei os pássaros que passavam voando em bando não muito longe de onde estávamos.

— Puxa, como deve ser gostoso voar! Já imaginou se isso pudesse acontecer? — Eu estava divagando um pouco.

— Você diz isso porque ainda não aprimorou bem a técnica de desdobramento. Vai ver como você vai voar muito ainda. É uma

sensação ímpar! — Respondeu Rúbia, contemplativa. — É realmente muito bom! Vocês podem voar, sim!

Ficamos quietos de novo aproveitando o vento que despenteava o cabelo Então Rúbia me parabenizou mais claramente, passando os braços sobre os meus ombros:

— Quero te dar os parabéns desde já. Saiba que é um grande privilégio poder conviver com você, Rillian. Você nos honra muito! Saiba que muito em breve você estará ocupando o lugar que Lucifér quer que você ocupe!

Eu agradeci com a cabeça, sem dizer muita coisa. Depois começamos a olhar para o céu e divagar sem maiores compromissos, apenas aproveitando o momento e a companhia uns dos outros.

— Olha lá aquela nuvem! — Exclamou Thalya. — Não parece a forma de um elefante?

— Parece! E aquela ali? — Apontou Rúbia.

— Eu acho que parece um machado! — Respondi.

— Você por acaso não trouxe algum chocolate aí com você? — Perguntou Thalya de novo voltando-se para Rúbia.

— Ah, só lá em casa, Tassa. Saí sem carregar nada! Mas me pede lá que eu te dou!

Rúbia era o tipo de pessoa que adorava doces. Ela sempre estava a fim de um sorvete, um bolo, que nem formiga. E na bolsa dela sempre — sempre — tinha chocolate! Sempre que alguém queria uma coisa doce, nos momentos mais inusitados, era só apelar para ela.

***

O dia passou muito agradável, ficamos na varanda tomando suco, batendo papo, descansando. Mais tarde começaram a chegar as pessoas. Eu não conseguia acreditar no que meus olhos viam: era muita gente, muita gente mesmo!!!!!

Carros e mais carros iam estacionando lado a lado próximo

da casa e aquela romaria de repente não acabava mais! Dezenas de micro ônibus (tipo ônibus de executivos), com ar condicionado e cheios de rococós aportaram também. Os helicópteros vinham um após o outro, não paravam de chegar. Quando veio voando o primeiro olhei meio assustado para o céu. Rúbia falou de imediato, adivinhando os meus pensamentos:

— Nem vem, não! Isso aí são os nossos irmãos chegando. Eles podem, né? Afinal de contas a casa é deles!

Ao todo vieram uns dezessete helicópteros. Alguns ficaram pousados lá mesmo, outros voltaram pelo caminho que vieram. Eu não consegui resistir à curiosidade e corri para ver de perto o pouso deles. Desceram quatro pessoas, dois homens e duas mulheres que vieram parar nos meus braços, num forte abraço. Eu nem os conhecia mas não fazia diferença.

— Oi, tudo bem?!!! Meu nome é Rillian! Sejam bem vindos! — Gritei por cima do barulho ensurdecedor. — Que legal esse helicóptero, tremendo!!! Deve ser o máximo andar num desses!!!

— Entra aí pra ver!

Entrei mesmo, sentei no banco do piloto, estava mais feliz do que criança em parque de diversões. A cada helicóptero que chegava era a mesma história, eu voava antes do que todos para receber os irmãos e xeretar na "aeronave". Alguns deles sabiam o meu nome, embora eu não os conhecesse nem de vista.

— Olá! Você que é o Rillian, não é? — Eles deviam estar lembrados de mim por causa da minha participação recente nos Ritos de abertura de Portais. — Meu nome é Marilis.

Muitos se apresentavam assim, a outros eu me apresentava. Mas a alguns Marlon fazia questão de ele mesmo fazer o papel de anfitrião. Eu corria de um lado para o outro, de abraço em abraço, e de helicóptero em helicóptero. Thalya resolveu me acompanhar, curiosa que estava em entrar também nos helicópteros. Para nós era uma alegria!

Ela gostou de entrar embaixo da hélice, era uma ventania enorme que lhe revirava os cabelos e a punha rindo como louca.

— Olha, aquele ali é maior do que esse! — Gritou Thalya.

Era mesmo. Tinha até frigobar.

Mas apesar da nossa correria particular, notamos que a maioria já se dirigia direto para o Vale aonde aconteceria a Festa. Estava entardecendo e logo iniciariam os Cânticos. Exatamente às oito horas da noite.

Realmente aportou ali um verdadeiro exército, uma coisa indescritível, sem dúvida o suficiente para lotar dois estádios de futebol, gente que vinha de toda a América Latina! Por baixo umas sessenta mil pessoas. O que meus olhos viam nem em sonhos eu poderia ter imaginado. Realmente eram muitos os filhos das Trevas!

E enfim chegou a hora de nós também nos prepararmos e nos posicionarmos em nossos lugares porque o Ritual não atrasaria nem um segundo. Haviam deixado pilhas e pilhas de mantos próximas à casa; era um manto diferente, mais parecia uma toalha grossa e negra com um Pentagrama grande desenhado nas costas. Como eu ia participar da Consagração meu lugar era bem mais na frente e eu não poderia ficar com Thalya e nem com ninguém do meu Grupo.

Despimos nossa roupa e deixamos guardada dentro do carro. Uma vez colocado o manto, calçamos as sandálias que foram fornecidas por causa da distância um pouco longa e das pedras do caminho.

O clima era de uma exultação muito grande, uma expectativa contagiante do que viria a seguir naquela noite, risos e cordialidades entre todos. Subi junto com Thalya, Rúbia, Ariel, Naion e Surama. Quando chegamos lá nos separamos, e cada um foi para o local aonde deveria ficar.

Fui informado em qual ponta do Pentagrama deveria posicionar-me. Todos estavam em seus lugares desde as sete e meia. Era um visual impressionante, sem dúvida.....

A fogueira, ainda apagada, erguia-se alta contra o horizonte diante dos nossos olhos. Bem mais distante estava um tonel de bronze absurdamente grande cheio de vinho. Parecia uma enorme caixa d'água suspensa.

***

As tochas foram acesas em toda a volta do Pentagrama, formando longos corredores. Ao redor, somente a noite. O céu estava coalhado de estrelas e a luminosidade da Lua que começava a minguar parecia sedutora. O cheirinho de mato inebriava o ar. Todos estavam nos seus lugares em silêncio profundo. Eu me sentia seguro ali. Muito seguro. Quase imortal. Quem poderia resistir aos

Filhos das Trevas??? O Vale tinha uma acústica bastante privilegiada de forma que quando se iniciaram os cânticos, às oito horas em ponto, os instrumentos repercutiram alto e claro. Um número enorme de pessoas integrava o conjunto e o coral, era uma verdadeira orquestra bem ali adiante. As músicas, inspiradas pelos Guias, eram específicas para aquela ocasião.

Os atabaques começaram sozinhos numa batida constante e cadenciada, leve. Todos começaram a embalar o corpo ao sabor daquele ritmo, até que entrou o coro de vozes masculinas, potente, vigoroso, semelhante a uma espécie de canto gregoriano. Foi crescendo, crescendo, as vozes femininas foram entrando em harmonias inebriantes até que todos explodiram numa melodia absolutamente indescritível e maravilhosa. Já nem parecia que estávamos na face da Terra!

A música me contagiava. À medida que soava os vasos de incenso iam sendo acesos com tochas. O cheiro era gostoso. A brisa continuava afagando nossos rostos e a Lua vagava devagar pelo céu. Meus olhos ficaram cerrados a maior parte do tempo.

De repente o tempo deixou de existir, as horas passavam em minutos, e os minutos em segundos. E deu onze horas da noite. Aquele período de cânticos e adoração devia chegar ao fim e o Ritual propriamente dito começaria. Os quatro Sumos Sacerdotes se posicionaram cada um na sua ponta correspondente do Pentagrama. A entrada da Suma Sacerdotisa era um momento mágico e especial. As músicas criavam o clima de expectativa, a melodia era doce e bonita. E ao longe, da ponta oposta de onde eu me encontrava vi nada mais nada menos do que a Suma

Sacerdotisa Gwyneth entrar.

Ela passou por um túnel de tochas de fogo, as pessoas tinham cruzado as tochas acima da cabeça e à medida que ela caminhava as tochas iam sendo descruzadas. Em perfeita sincronia.

Forcei a vista para ver bem. Gwyneth era muito bela, vinha andando devagar, sem roupa alguma, com um adorno delicado de flores nos cabelos. Todos os olhares estavam convergidos para ela. Até que assumiu sua posição no Pentagrama. Os Sumos Sacerdotes começaram a entoar solitariamente alguns encantamentos. Num coro, apenas os quatro homens cantavam agora, fortemente, até que num estrondo de potência a voz deles modificou-se. Via-se claramente que a canalização tinha acontecido. A presença dos demônios começou a ser incessantemente invocada por eles. E então, pouco antes da meia noite, a fogueira foi acesa. O fogo ergueu-se alto e poderoso, muito grande diante dos nossos olhos. Enquanto durasse a fogueira, o mesmo aconteceria com o Rito. Ele só acabaria quando o fogo se extinguisse.

Os encantamentos continuaram dentro do contexto ritualístico que a Festa exigia, até que foram trazidas as oferendas para Astaroth. Um dos Sumos Sacerdotes gritou em alta voz, numa força incalculável, algo que jamais as cordas vocais humanas isoladas poderiam produzir.

— Astaroth está aqui!!! Está olhando para vocês... e sorrindo!!!

Entraram as cinco mulheres, todas elas de dezessete anos, também adornadas apenas com flores na cabeça. Estavam se oferecendo em sacrifício voluntário à Entidade. Conforme pede o Rito, as cinco moças são sacrificadas pela Suma Sacerdotisa. Gwyneth aproximou-se delas, canalizada, e fez o que devia.

O povo jubila por cada morte. Elas não pareciam realmente sentir dor! Observei atentamente em meio à euforia. Eu havia aprendido que quando o sacrifício é voluntário não ocorre dor. E de fato: não parecia que estivessem sofrendo coisa alguma, e a vida se escoava delas tranqüilamente. Cada uma gritava, por sua vez:

— Em suas mãos entrego a minha alma!

O sangue foi separado para ser vertido no caldeirão de vinho porque todos beberiam dele mais tarde. Era uma forma de participação conjunta no Ritual. Normalmente a Entidade que está saindo aparece durante ou logo após o sacrifício.

Mas neste dia Asmodeo não pôde aparecer para despedir-se, já tinha ido embora. Não é regra que a Entidade que está de saída apareça. Mas a Entidade que está chegando sim, aparece, e vem com muito regozijo.

Uma sombra de repente materializou-se diante de nós, muito mais alto do que a fogueira. Astaroth apareceu, gigantesco, como um homem, com a testa ligeiramente deformada, o queixo proeminente. Usava a coroa já conhecida mas tinha algo como dois chifres que saíam por trás da cabeça. O olhar era sempre muito penetrante, o rosto apresentava como que sulcos profundos, o queixo alongado. Usava uma corrente dourada que caía sobre o peito peludo. Os braceletes de ouro chegavam quase até os cotovelos.

Veio receber as cinco oferendas feitas a ele. Nós sabíamos da sua particular predileção pelas mulheres jovens e seu rosto dizia o quanto as tinha apreciado.

Depois que foram oferecidos os cinco sacrifícios, começou outra etapa do Rito. As oferendas que viriam então seriam oferecidas em prol daqueles que estavam sendo Consagrados naquela noite. O sangue deles seria derramado em troca do Poder.

***

Observei entrar o segundo grupo de sacrifícios, dezoito pessoas ao todo. Estes não eram voluntários. Vinham amarrados com as mãos às costas e as bocas amordaçadas com estopa. E estavam visivelmente apavorados. Eram todos Cristãos. Havia um homem mais velho, alguns rapazes, algumas moças.

Como pareciam fracos! As pessoas mais fracas são presas muito fáceis. Os métodos são inúmeros. Pastores e líderes seduzidos por mulheres... Cristãos que estejam internados em hospitais.. jovens que são retirados de acampamentos... acidentes

com ônibus de crentes... orações no monte...

As pessoas de Poder dentro da Irmandade e que estão infiltradas na imprensa... na polícia...nos hospitais... nas Igrejas....forjam e divulgam as notícias como querem. O que impede que um ônibus cheio de Cristãos caia duma ribanceira e pegue fogo? Alguns corpos nunca são encontrados...

Cristãos que "aparentemente" morreram dentro dos hospitais podem facilmente ser mortos nos Ritos de passagem das Estações e depois serem devolvidos ao local de origem. O que impede estas pessoas de terem que sair para fazer um exame urgente, de ambulância, acompanhados pelos seus "médicos"???

Foram orar no monte, mas aconteceu uma tragédia na volta, um acidente... assaltos...

O líder da mocidade viajou a trabalho com o "Pastor", mas aconteceu um problema, o jovem morreu, o Pastor salvou-se por um "milagre".

.....
...

O número de pessoas sacrificadas varia de acordo com o grau a que se está sendo Consagrado. Para Feiticeiros, cinco vidas. Para Bruxos, sete vidas, para Sacerdotes, nove. Para Sumos Sacerdotes, doze.

Naquele dia eram dezoito sacrifícios. Dez pessoas seriam usadas para os dois grupos de nove Feiticeiros: cinco para cada grupo. E os oito restantes eram um símbolo que fazia menção à oitava Aliança, a Aliança de Jesus. Queria dizer que nos daria Poder sobre ela.

Os próprios Sumos Sacerdotes oferecem os sacrifícios. Os Consagrados participam de forma indireta, segurando uma longa fita vermelha que fica presa ao punhal. A cada golpe do Sumo Sacerdote estes gesticulam ritualisticamente pronunciando em coro palavras de Consagração. Antes disso é permitido que tanto os Sacerdotes quanto os demônios divirtam-se um pouco com todas as oferendas. A eles, sim, está reservada toda a dor que vem dos atos de crueldade.

Aquilo representava que teríamos, a partir de agora, Poder sobre a Igreja e sobre os Cristãos. Em todas as Festas há sacrifício desses vermes. É um verdadeiro presente às Entidades, sem dúvida, o que eles mais apreciam receber. Primeiro tais pessoas são induzidas ao pecado e à queda, depois são ceifados para as Festas e mortos. Espera-se que, por estarem em pecado e desobediência, irão direto para o Inferno de crueldade e sofrimento. Os pecados preferidos são de adultério e corrupção.

O Sumo Sacerdote alçou voz e apresentou o primeiro sacrifício:

— Este, que não é nem Cristão verdadeiro e nem adorador do diabo... este, que serve a dois senhores... este, que tem mantido por muito tempo a sua prostituição, que não é nem frio, nem quente... a quem Deus vomita de sua boca! — Uma risada tonitruante esgarçou-lhe a boca. — Se Deus o vomitou, que não se fará com ele agora?

O povo entrou em puro delírio! Urros, gritos, vivas, brados e braços ao ar, uma louca alegria. Astaroth observava, os olhos quase engolindo a cena que se descortinava. Eu sabia que aquele era um "mal" necessário. Provavelmente os filhos de Israel também rejubilavam muito cada vez que um povo inteiro era dizimado, ou cada vez que um animal era destruído por causa dos seus pecados. Deus era tão cruel quanto Lucifér. Com a diferença que Lucifér não se arrepende do mal que causa, como Deus, cuja natureza fraca vacila. Quando Lucifér toma uma decisão, ele vai até o fim. E naturalmente que a morte não é um mal em si, porque se Deus é todo Bom, e mata, quer dizer que as ofertas de sacrifício não podem ser consideradas ruins em essência. Apenas necessárias.

Um a um foram sendo apresentados, torturados e mortos.

Depois todas as suas Bíblias foram queimadas na fogueira, uma ação de desprezo, mostrando a todos que aquilo de fato não os tinha ajudado em nada. O sangue deles também foi vertido e colocado no caldeirão, onde se fazia a poção daquela noite.

***

Chegou a minha vez de ser chamado. Aproximei-me do Sumo Sacerdote, que me estendeu a taça contendo a mistura do caldeirão. Chegava efetivamente o momento da Consagração. Bebi o conteúdo da taça que continha vinho, sangue e ervas. Ele impôs as mãos sobre mim e falou as palavras mágicas. Assim como os demais Consagrados, recebi o Poder naquele momento.

Astaroth vinha com as suas mãos impostas sobre o Sumo Sacerdote, e sorria, tinha um semblante de felicidade. O Sumo Sacerdote impôs as mãos, fez um Pentagrama na minha testa com ungüento da própria taça. A sensação foi muito estranha, um formigamento imediato por todo o corpo assim que engoli a mistura. Uma leve tontura tomou conta de mim e senti que as pernas estavam fracas. Mas durou somente um momento, e logo as forças retornaram.

No final, devidamente apresentados à Comunidade, foi dita a patente que acabávamos de adquirir. Todo o povo se prostrou. Eu era um Feiticeiro.

Cada um de nós recebeu alguns presentes específicos. Eu ganhei um belo anel, um cetro feito de fêmur humano e revestido de ouro, todo trabalhado, uma corrente com um Pentagrama muito mais bonito do que o primeiro, uma pulseira de ouro. Um pequeno livro de encantamentos foi-me dado também, um material impresso numa gráfica particular da Irmandade.

Depois disso as músicas recomeçaram em outro tom. Todos começaram a dançar em volta da fogueira. Algumas Entidades voavam por ali, como morcegos gigantes, davam alguns rasantes e chegavam quase a nos tocar. O fogo tinha um calor ameno apesar da pequena distância que estávamos dele. Eu podia tocá-lo, sentia como se as labaredas me acariciassem as mãos.

E comecei a ver mais pessoas fora da roda. Estavam alegres, mas não tão efusivas quanto nós. Então começaram a dançar conosco, foram adentrando, dando as mãos, eram muitos, pareciam convidados que estavam chegando fora de hora. Mas... fora de hora?!! Não, era só impressão. Nós é que não sabíamos que eles tinham estado ali todo o tempo.

***

A mulher que me tomou a mão era absolutamente estonteante, uma beleza singular, algo estupidamente diferente. Perfeita. Olhei o rosto dela, sem uma ruga, uma mancha, completamente esculpida. Mas imediatamente eu vi que não era humana... ela era gelada e os olhos tinham uma expressão robótica, vitrificada. Ela sorriu e aproximou o rosto perto do meu, cochichou algo em meu ouvido, uma indecência que me deixou cheio de desejo na hora.

Mas... não sei..... quando ela deslizou a mão sobre o meu corpo, eu a segurei e disse que não queria. Ela respeitou. Olhou-me um pouco sem entender mas foi procurar um parceiro mais estimulado. Eu queria conversar com ela, apenas, perguntar como era o Inferno, coisas assim. Mas ela rapidamente disse-me que naquele dia isso não seria permitido. Eles estavam ali para celebrar, apenas celebrar, nada mais. Ela e os demais Súcubus e Incubus de fato não queriam perder tempo. A ocasião era para outras coisas, e eles incitavam as pessoas a terem relações entre si e com as próprias Entidades.

Pela madrugada adentro correu o Ritual. Depois da minha recusa tentei conversar um pouco com os outros Feiticeiros recém Consagrados, mas não houve como, tal a invasão de demônios belíssimos e loucos para confraternizarem-se conosco. Tinha chegado o momento da Festa em si.

Os demônios inundaram o Vale de forma impressionante, como eu nunca tinha visto. Rúbia surgiu não sei de onde, de repente, sorrindo e cantando. O clima sem dúvida era de muita descontração! Mas também de muita sedução. Ela já vinha bebendo porque o enorme caldeirão de vinho estava à disposição.

Eu sabia que Rúbia desde a minha Iniciação estava esperando por aquele momento. Ela não esperou convite ou abertura, o fato de eu estar ali era o que bastava para ela. Aproximou o rosto de mim e me beijou, depois deslizou a cabeça na direção do meu pescoço, beijou-me ali também, mas simplesmente não sei o que aconteceu! Senti Rúbia me abraçando, coloquei as mãos sobre os cabelos dela

mas então não parecia mais a textura do cabelo humano, parecia que eram pelos de animal, eriçados, grossos! A boca dela parece que estava alongada, parecia que tinha pêlos, parecia... parecia... o focinho de um animal!!!

Eu a empurrei um pouco, procurei ver melhor mas as tochas perto de nós já estavam apagadas. Então senti uma agulhada no pescoço aonde ela me beijava, minha cabeça rodopiou e me afastei dela num ato reflexo. Vi algo que saiu correndo de perto de mim, e ela não estava mais ali. Procurei com os olhos ao mesmo tempo em que levava a mão ao pescoço. Tinha muita gente perto de mim, mas nada de Rúbia. E meu pescoço sangrava um pouco embora não doesse muito.

Não dei maior atenção ao fato e fui pegar vinho. Não cruzei com ninguém que fosse do meu círculo de amizades, mas isso não importava. Bebi bastante, e depois resolvi que não estava mesmo a fim de participar da confraternização nos moldes que eu já conhecia. Havia vários mantos caídos pelo chão. Peguei uns três ou quatro deles e me direcionei para a colina, fiz um ninho para mim sobre a grama e me aconcheguei porque ali estava frio, longe do calor do fogo. Fiquei quieto, observando de longe, parecia impossível acreditar que realmente eu estava naquele lugar. Fui bebendo vinho para me esquentar e por fim deitei de costas na grama, coberto pelo manto, e olhei o céu e as estrelas.

Difícil traduzir meus sentimentos, minha alma, meu coração naquele momento. Embora eu estivesse feliz com a Consagração, de repente parecia que eu não fazia parte daquilo tudo. Olhei o manto de estrelas, a Lua, e pensei em como o Universo era grande, em como tudo era belo, e que tudo isso tinha sido criado por Deus.

Deus.....

Que espécie de Poder teria Ele, a ponto de criar tudo o que existe? Teria que ser um Poder muito, muito grande.....

E por que será que Lucifér reinava apenas no Planeta Terra??? Com toda uma vastidão de mundos existentes no Universo, o domínio dele restringia-se à Terra. Por quê??!!

Aqueles pensamentos não tinham lógica, mas teimavam em

me vir à mente. Sacudi a cabeça e botei a culpa no vinho. Mas olhei de novo para o céu...e fui obrigado a admitir que tudo o que estávamos fazendo, fazíamos abaixo daquele céu tão grande e tão belo... que tinha sido criado por... Deus!

Deus, Deus, Deus! Que coisa, lá era hora de pensar em Deus??????

Adormeci no alto da colina, escutando de longe os cânticos. A fogueira estava quase apagada. Quando acordei os primeiros raios de sol brotavam no horizonte. Esfreguei os olhos, virei a cabeça na direção do Vale. A fogueira estava apagada.

— A Luz está vindo. — Refleti, na minha semi-consciência. — E quando a Luz chega... as Trevas têm que se afastar!

Sacudi de novo a cabeça e tratei de recolher as minhas coisas espalhadas pelo chão. Aqueles pensamentos não tinham um pingo de lógica, eram totalmente absurdos!

***

Mais tarde, perto do horário de irmos embora, Marlon abraçou-me muito forte e carinhosamente, como sempre:

— Parabéns, meu filho! Estou muito orgulhoso de você!

Eu já tinha observado o ferimento que havia em meu pescoço no espelho. Embora realmente não doesse era bastante profundo, como se tivesse sido feito por um objeto longo e perfurante, nada que se assemelhasse à boca humana. Sorri por causa da amizade e cumplicidade de meu amigo, mas estava meio encafifado com o que tinha acontecido.

— Marlon, olha isso aqui no meu pescoço. O que que é isso?!

Ele olhou, puxando de leve a pele para o lado para observar os furos profundos. Não pareceu preocupado.

— E melhor você cobrir isso aí com um curativo. Não se preocupe. Em três dias já não vai ter nada!

Fiquei quieto e não perguntei mais nada. Marlon afastou-se um pouco, um homem parecia ansioso em falar com ele. Vi

Zórdico passando e corri atrás:

— Zórdico! O que é isso no meu pescoço? Ele olhou e repetiu o que Marlon dissera.

— Não se preocupe. Em três dias já sumiu! Mas é melhor você cobrir e passar ungüento, não ande com o pescoço exposto!

Ele mesmo me forneceu o ungüento e eu não dei mais atenção. Não doía mesmo! E depois acabei perguntando a quem tinha a melhor explicação: Rúbia, quem mais?

— Pôxa, o que foi que aconteceu, Rúbia? Você me espetou? Ela pareceu ligeiramente penalizada.

— Puxa, Rillian...me desculpe! É que eu não tenho controle sobre isso ainda. Não quis te machucar...tive que sair de perto!

Custei a entender. Na verdade não entendi. Apesar do que eu mesmo já tinha experimentado, minha mente continuava recusando-se em aceitar plenamente a licantropia. Cada vez que eu me deparava com algo que sugerisse o fenômeno eu ficava travado!

— Ela deve ter alguma tara por pescoços, é isso! — Aquilo ajudou minha mente a descansar.

E realmente — incrivelmente — em três dias já tinha sumido completamente o ferimento.

***

Dessa vez, dentro da Irmandade houve uma mudança muito acentuada. Passei a ser muito mais respeitado e era conhecido por muita gente. Nos próximos Ritos, muitas pessoas que eu nem conhecia chegavam perto de mim, me abraçavam, cumprimentavam, me conheciam pelo nome. Eram muitos os que vinham me pedir ajuda agora, e eu me sentia útil porque os meus Poderes podiam ajudar muita gente. Até então eu tinha recebido bastante. Agora estava começando o tempo em que eu ia poder retribuir.

O Poder que eu tinha dentro da Style era outro aspecto significativo. Arrumei emprego para algumas pessoas, parentes de

membros da Irmandade. Eu me sentia muito bem em ajudar.

Mas o que realmente começou a me fascinar naquela época foi o dinheiro. Eu estava muito, muito bem de vida. Ganhava otimamente como Supervisor, tinha o departamento aos meus pés. Mas eu gastava horrores durante o mês, coisa de três a quatro vezes o que eu ganhava. Tinha cartões de crédito dos principais bancos, vários talões de cheque cinco estrelas e gastava sem dó.

O que eu excedia do meu salário, ganhava na Irmandade. Sempre tinha alguém que me dava. Eu não precisava pedir, e nem era preciso que as pessoas me conhecessem para dar o dinheiro. Era muito comum chegarem perto de mim, cumprimentarem e estenderem a grana, no meio da brincadeira:

— Olha, isso aqui o meu Guia mandou dar para você! Para as suas despesas no "final de semana"! — A pessoa até me olhava com ar de troça, porque a quantia dava para eu passar o mês inteiro.

Outras vezes vinha dos meus amigos. Marlon, por exemplo, chegava rindo e me abraçando, colocava o dinheiro no meu bolso:

— Esse seu terno aí já está muito visto. Tó! Compra um novo pra você! E a quantia era absurda, dava para comprar uns dez ternos importados! Ou então, era Zórdico que brincava:

— Peraí! Acho que você emagreceu. Precisa se cuidar melhor. Olha, vai pegar um restaurantezinho nesse sábado! Eu estou pagando, heim?! — E me dava o suficiente para vários banquetes.

Então eu não tinha medo de gastar. Sabia que na hora certa o dinheiro vinha, em abundância. Minha conta bancária nunca ia estourar. Todas as pessoas dentro da Irmandade tinham um poder aquisitivo altíssimo. Marlon era podre de rico, Zórdico, então, sem comentários. Todos eles! E, agora, eu também. No futuro, teria mais ainda, eu sabia.

Por hora... era só aproveitar!

Roupas importadas e ternos finíssimos de corte italiano eram o meu fraco; só usava vestimenta de griffe que comprava sempre em lojas suntuosas, e de monte. Tinha me acostumado completamente ao estilo social. Aliás, nunca ficava somente em

uma ou duas peças, pelo contrário. Não deixava jamais de ter tudo quanto me agradasse, em grande quantidade. Gastava verdadeiras fábulas. Ternos, sapatos, camisas, gravatas, tudo do bom e do melhor. Às vezes mandava fazer sob medida. Cabeleireiro, só os de renome. Tinha aprendido a cuidar de mim mesmo.

Outra fonte de gasto abusivo eram os restaurantes. Raramente eu comia na Style, estava enjoado do refeitório de lá, então almoçava fora. Porque ali perto estava mesmo coalhado de restaurantes ótimos. Depois do expediente, não raro voltava para os mesmos restaurantes com meus amigos e gastava mais com aperitivos e petiscos.

Às vezes gastava saindo com Thalya; outras vezes gastava com Camila, porque afinal ela ainda existia. Mas com ela eu gastava mais em presentes e em viagens. Camila realmente não tinha noção, ela nunca parava para se perguntar de onde vinha tanto dinheiro. O importante era gastar. Sempre foi.

Normalmente eu chegava em sua casa e encontrava Camila deprimida por algum motivo tolo. Por exemplo, como no dia em que o pai dela trouxe os costumeiros pãezinhos da padaria. Como estavam quentinhos, Camila devorou um antes da hora. Mais tarde, à mesa do lanche, o pai avisou:

— Você já comeu o seu pãozinho, pois agora você vai ficar sem! — Afinal, o normal era ter somente um para cada um!

Eu cheguei logo depois e Camila estava muito emburrada por causa do pãozinho.

— Vamos, vamos sair, Camila! Esquece esse pãozinho e vamos fazer alguma coisa melhor!

Normalmente alguma coisa melhor era pegar um táxi, ir para algum Shopping aonde ela se abarrotava de pacotes e ficava com o rabinho balançando de felicidade. Era difícil até carregar tantas coisas. E então, para completar, eu lhe dava comida até que não sobrasse mais nenhum espaço livre no estômago. Aí era só pegar um táxi e voltar para casa. Decerto que Camila estava muito feliz comigo e com a situação, era uma verdadeira luva. Vivia ultra dócil e satisfeitíssima porque os tempos de vacas magras tinham

acabado.

Agora ela podia enjoar à vontade das roupas caras que comprava. Não raro ela usava duas ou três vezes a mesma peça e já se cansava. Aí dava para alguém. E comprava tudo de novo!

Às vezes sobrava tempo para irmos a um "lugar mais tranqüilo". Eu tinha curiosidade em experimentar os grandes hotéis de São Paulo, o que fiz bastante. Passava o final de semana com Camila e desfrutava de tudo o que o Hotel tinha para oferecer. Comíamos, aproveitávamos o teatro interno, as sessões de cinema, as danceterias, etc... etc... etc...

É claro que era necessário dar uns balões na mãe dela. Então dizíamos que Camila ia dormir em minha casa. Minha mãe concordava em despistar a dela, e como Camila não estivesse nem aí para isso, eu muito menos. Adorava fazer aqueles Cristãozinhos de otários!

Fazíamos também pequenas viagens aos finais de semana sempre que dava vontade, no mesmo esquema. Se a mãe dela ligasse era só dizer que tínhamos saído, que não estávamos em casa. Nunca aconteceu de ninguém desconfiar de nada. Com a eterna compulsão por compras, às vezes Camila inventava que não queria comprar em São Paulo, e então nós íamos, por exemplo, fazer compras no sul. Como roupas de inverno direto em Gramado. Ou então, que tal dar um pulo em Campos do Jordão só para comprar chocolates? Ou quando tudo isso já tinha cansado, inventávamos alguma outra loucura bem onerosa. Só para ver como é que era.

Volta e meia eu costumava alugar um flat muito bom que ficava logo atrás da Style. Alugava por uma semana, geralmente quando tinha muito serviço e isto me obrigava a ficar até tarde no trabalho. Eu almoçava e ia descansar um pouco, tomar um banho, relaxava antes de retomar o expediente. E tinha gás para ficar até tarde no departamento. Outras vezes alugava o flat para ir com Camila, para ter um lugar de sossego só para gente descansar um pouco de tanto inventar moda.

Muitas vezes Thalya também aproveitou o flat. Ela costumava passar na Style no horário de almoço, comia comigo e

depois pedia a chave do apartamento emprestada.

— Vou lá pegar uma piscina e fazer uma sauna!

Thalya realmente não trabalhava mais, estava muito bem com o dinheiro que recebia do pai. E que, por sinal, continuava tentando restabelecer a saúde, longe de São Paulo. Às vezes o tentando restabelecer a saúde, longe de São Paulo. Às vezes o dinheiro também vinha da Irmandade. Ela gastava muito em compras, cosméticos, roupas, mas o que ela mais gostava mesmo era de ir para a Disney. Volta e meia Thalya voava para lá! Pelo menos umas duas vezes por ano, e nunca ficava menos de vinte dias. Vivia me convidando para ir junto, mas realmente não dava. Como é que eu podia me ausentar tanto tempo da Style? Agora que eu estava feliz da vida com o meu emprego não ia ficar saindo para viajar aos Estados Unidos. Marlon me incentivou em minha decisão:

— Vai ter muito tempo para você viajar. Por hora você está certo! É preciso que você esteja preparado para tudo o que o final do Terceiro Ciclo vai requerer.

Uma vez Thalya voltou completamente extasiada com a visita que tinha feito ao Templo Satânico em São Francisco, na Base Mãe, junto com algumas moças da Irmandade

— É uma coisa linda aquele Templo! Não teria palavras para descrevê-lo! É fantástico, você precisa conhecer! Super luxuoso, e imenso, dá umas dez vezes a Catedral da Sé, se não mais! E as pessoas me trataram muito bem! Falaram em português comigo para eu não me sentir mal! Você tem que ir comigo, Edu!

Mas eu sabia que não era o tempo disso, nem tinha muita vontade, pra ser sincero. Tinha, sim, muita vontade de saber o que viria no fim do Terceiro Ciclo e porque falavam tanto disso comigo. Agora eu poderia ficar sabendo, agora que era Feiticeiro!

Realmente não demorou muito!

***

Capítulo 6

Na sexta seguinte o Rito do qual Marlon faria parte aconteceu em casa de Zórdico. Já sabíamos que se tratavam de pessoas escolhidas para o futuro Governo do Brasil. Mas em especial os Consagrados daquela noite tinham a ver também com o Estado de São Paulo.

E apesar de ser algo que englobava a nossa cidade, nosso estado e nosso País nem todos os membros da Irmandade estavam convidados a participar daquilo. Deveria haver apenas umas três mil pessoas naquele dia. Comecei a perceber que conforme a área envolvida, conforme a missão escolhida, conforme o patamar alcançado... a coisa ficava mais ou menos "elitizada".

O Rito foi transcorrendo normalmente. Eu sabia que Marlon estava lá em cima, no altar, mas não sabia quem era ele. Porque todos os participantes estavam com o capuz cobrindo completamente o rosto neste dia. Era um Rito de Consagração para Governo, mas também de mudança de patente. Todos estavam sendo consagrados Sacerdotes.

O Rito não foi muito diferente do que eu já estava acostumado. Cânticos, encantamentos, mantras, muita reverência devido à solenidade do ato que envolvia a Consagração daquelas pessoas.

No centro do Pentagrama, muito grande, havia um mapa do estado de São Paulo em relevo. Cinco Sumos Sacerdotes ocupavam as cinco pontas do Pentagrama. Reparei que Gwyneth estava também entre eles. Atrás ficou postado o grupo dos escolhidos para fins estratégicos. Cada um deles caminhou sobre o Pentagrama e sobre o mapa do Estado simbolizando que os seus pés estavam — e estariam também futuramente — sobre as cidades-chaves. O próprio Leviathan e sua hierarquia lhes dariam toda a capacitação.

O sacrifício foi simbólico. O perfil populacional brasileiro é muito miscigenado, então houve ali uma tentativa de representação dos diversos povos que povoam São Paulo. Cada um dos participantes ofereceu um pouco do seu próprio sangue, como

brasileiros que eram, e ele foi colocado no caldeirão.

E houve apenas uma vítima. Ele foi escolhido com base nos cálculos do que seria a porção mais expressiva dos moradores de São Paulo no final do Terceiro Ciclo. A morte dele simbolizava o domínio que se faria completo sobre a mais expressiva fatia da população naquele momento tão aguardado. Os cálculos mostraram o representante: o ponto médio da curva populacional estimada para 1998 (a fatia mais numerosa) apontava para um jovem que deveria estar completando 27 anos no mesmo período.

Portanto foi recrutado e sacrificado um adolescente de idade compatível. Isto é, em 1998 ele teria completado os esperados 27 anos.

A morte dele representou a entrega e a morte de toda a cidade, a destruição de toda aquela geração. Todas as pessoas próximas àquela faixa etária estariam debaixo de um jugo especial e seriam acessadas com maior legalidade após aquela Consagração da cidade. Seriam pessoas muito facilmente manipuláveis. Estariam debaixo dos pés das forças satânicas que operariam na cidade com força crescente através dos líderes que estavam sendo ungidos.

Depois do sacrifício Leviathan apareceu pessoalmente vestido com toda a pompa que requeria o momento. Tocou cada um dos recém-consagrados Sacerdotes e falou individualmente a cada um com palavras de incentivo, aprovação e encorajamento. No final do Rito foi baixada uma cortina que separou o altar de nós. Foi o momento em que eles rodaram entre eles o cálice de Consagração e descobriram — provavelmente — os seus rostos. Nós não pudemos presenciar esta parte íntima e nem saber quem eram os escolhidos. Pelo menos naquele primeiro momento.

E logo depois acabou de vez a Cerimônia.

Quinze dias depois fui chamado para uma reunião ali mesmo em casa de Zórdico. Eu já tinha uma desconfiança de qual seria o meu próprio chamado por causa de coisas que Marlon me falava às vezes, e por causa daquela insistência no final do Terceiro Ciclo. Mas quando Marlon me fez o convite, eu tive a certeza. Já tinha sido escolhido, faltava-me apenas a patente.

Por isso era claro que eu não ficaria apenas como Feiticeiro por muito tempo.

***

Mas enquanto não vinha o resto queria aproveitar um pouco o meu posto recém-conquistado. E praticamente no segundo final de semana após o Rito eu resolvi faltar nas reuniões de Celebração e levei Camila para um final de semana num Hotel Fazenda em Serra Negra. Era uma coisa totalmente passível de acontecer, afinal os membros da Irmandade também têm vida particular. E eu queria estar fora um pouco, passar um tempo com alguém que não tivesse nada a ver com o Satanismo. Queria espairecer, penso eu.

E realmente comprei o pacote turístico. Fomos de ônibus, com outros passageiros. Eu queria um local tranqüilo, queria de fato descansar e não pensar em nada, queria tirar a cabeça de tudo. As imagens do fogo, do sangue e dos sacrifícios tanto da abertura do meu Nono Portal e da Festa da Primavera, quanto do Rito de Consagração de Marlon ainda estavam muito frescas em minha cabeça. E era difícil metabolizar tudo em tão pouco tempo. Acho que era uma particularidade minha porque Thalya, que tinha entrado comigo, estava perfeitamente adaptada.

Mas eu queria um descanso para mim. Não era alta temporada, o Hotel provavelmente estaria vazio e portanto parecia perfeito.

No meio do caminho nós pegamos uma verdadeira tempestade na serra, um temporal que parecia disposto a afogar o mundo. O motorista estava irritado porque tinha que voltar ainda no mesmo dia e procurava correr o máximo que a estrada e visibilidade permitiam.

Todos estavam apavorados dentro do ônibus, a começar pelo guia turístico que volta e meia gritava para o motorista ir um pouco mais devagar.

Camila não estava nem um pouco à vontade, com olhos assustados, procurando enxergar a estrada pela janela. Já eu me sentia muito à vontade. Eu era filho do Fogo e nada poderia me

acontecer. Eu sabia que os demônios não permitiriam que o pior acontecesse com o ônibus porque eu estava ali dentro. Foi uma trajetória muito tensa para todos, menos para mim. Ninguém conseguiu comer o lanche que foi servido, sanduíches com suco. Eu comi o meu, o de Camila, e o de outros passageiros inapetentes.

— Fica tranqüila, Camila! Não vai acontecer nada! — Eu a tranqüilizava ao mesmo tempo em que devorava todos os lanches.

O guia turístico havia dito que uma sopa nos esperava no Hotel. Eu queria estar bem recheado para não ter que depender daquela catástrofe!

Mas aí um sujeito resolveu fumar, de tanto nervoso. Já tinham avisado que isso podia acontecer desde que a pessoa fumasse nos últimos bancos, e com as janelas abertas. Mas quem estava ocupando os últimos bancos eram Camila e eu, justamente em busca do almejado sossego. E o cara sentou bem atrás da minha cadeira, abriu ruidosamente a janela. Eu nem me dei ao trabalho de falar nada, simplesmente lancei um esconjuro nele.

Imediatamente o homem começou a tossir. Não conseguia tragar o cigarro, tossia, tossia, tossia, já estava tendo um troço de tanto tossir. Apagou o cigarro e voltou para o seu banco lá na frente, completamente passado, cheio de mal estar, todos olhando para ele. Continuou tossindo, foi para o banheiro, vomitou. E se manteve naquele mal estar a viagem inteira até que eu tirei o encantamento de sobre ele.

O final de semana foi ótimo. Descanso, sossego, muitos passeios, muitas compras na cidadezinha turística. Camila estava radiante, e eu não pensei em mais nada. Foi de fato muito bom e eu pude voltar bem mais refeito.

***

Chegou a reunião para a qual eu tinha sido chamado na casa de Zórdico. Realmente muita coisa estava acontecendo em muito pouco tempo naquele ano. Desde março, depois da abertura do primeiro Portal, que não parava de acontecer. Pelo que Marlon me adiantou não seria bem uma reunião, mas uma recepção para

algumas pessoas que, como eu, tinham sido chamadas. Os principais Braços da Irmandade também tinham sido convidados. Isto é, os principais líderes dos tentáculos diretamente ligados à Irmandade estariam presentes.

— Trata-se de uma confraternização entre aqueles que estão mais diretamente ligados à futura rede estratégica brasileira, que foram escolhidos para este fim. Você sabe o que digo, tem ouvido bastante sobre isso ultimamente! — E sorriu dando-me um tapinha amistoso nas costas. — Tudo já foi previamente elaborado em São Francisco e alguns representantes norte-americanos estarão na festa para repassar as informações. Gwyneth mesmo estará lá.

— Pôxa, Gwyneth vai ficar morando aqui, pelo visto. Não vai mais embora!

— O previsto é que ela permaneça por seis meses, conforme foi orientado, porque havia muitas arestas importantes a serem lapidadas nesse período. Esta reunião é mais uma delas. Primeiro vamos participar da confraternização e depois, à noite, alguns assistirão a uma palestra específica. Você está convocado também para a palestra, se quiser levar outra roupa, fique à vontade!

Era um sábado à tarde e fazia muito calor. Marlon foi me buscar no lugar de sempre e avisou que Thalya poderia vir junto comigo.

— Por que esta festa hoje, Marlon? É alguma coisa especial? — Perguntei no caminho.

— É, sim! Estamos nos preparando para o findar do Terceiro Ciclo, como você já ouviu falar, e há muito o que fazer!

Aquela história de Terceiro Ciclo pra cá e pra lá já estava até me irritando. Eu vinha ouvindo esta história já não era de agora, e ninguém tinha se dado ao trabalho de me explicar nada. Eu tinha procurado fazer diferente e honrar a sabedoria que me proporcionava o meu novo patamar, mas já era demais. Minha curiosidade chegava às raias do insuportável.

— Bom, mas afinal de contas, Marlon... o que é o Terceiro Ciclo??!

— Calma, calma... tenha paciência! Sei que você já esperou

bastante. Mas logo você vai entender o que é isso. Hoje à noite você vai entender o que é o Terceiro Ciclo, quando ele acaba, porque você foi escolhido, porque você é tão especial, porque teve um crescimento tão rápido aqui dentro. E porque Leviathan te escolheu! Vai entender porque você nasceu aqui em São Paulo, no dia que nasceu, nas circunstâncias que nasceu. A sua própria vida vai ficar um pouco mais clara e você vai compreender que nada é por acaso. Sua vida, sua trajetória até aqui... foi planejada! A sua e a de mais alguns outros que você vai também conhecer hoje.

Thalya escutava muito atenta e não resistiu à pergunta: — Eu também faço parte desse Grupo?

Marlon foi claro:

— Você faz parte como apoio! Claro! Um homem não é completo se ele não tiver uma mulher ao seu lado. Você faz parte... ao lado do Eduardo!

Ficamos calados e pensativos. Para todos os efeitos, ele queria dizer que no futuro ela seria minha esposa e juntos teríamos uma família para apresentar à Sociedade.

Quando chegamos fomos direto para a beira da piscina aonde seria a festa. Estava tudo muito bonito, muito bem decorado, e o coquetel começava a ser servido. Havia uma mesa grande central aonde iam sendo colocados os petiscos, e cada um se servia como queria. Pequenas geladeiras tipo frigobar espalhadas por toda a volta da piscina estavam ao nosso dispor.

Xeretei um pouco em tudo. Tinha algumas comidas esquisitas que eu não conhecia e que não me apeteceram. E uma grande quantidade de salgadinhos e docinhos. Fui direto no que me interessava: coca-cola e coxinhas.

Thalya também fez um pratinho e me seguiu, sentamo-nos numa mesinha com guarda-sol e ficamos conversando. Tinha talvez umas trezentas pessoas ali na festa, um número pequeno diante do que estávamos acostumados. Bem familiar mesmo. Nossos amigos passavam pela nossa mesa, cumprimentavam, conversavam, riam. Ariel estava lá, Górion, Rúbia, Aziz, o Egípcio, a risonha Kzara e todos os do meu Grupo.

Zórdico também, naturalmente, como um dos Mestres, Sacerdotes e representantes no Brasil da maior importância. Tudo o que vinha da Base dos Estados Unidos chegava direto nas mãos dele. Taolez também estava presente e pelo que vim a saber, ele era também um dos contatos-chave no Brasil. Alguém extremamente Poderoso e que seria ainda mais no futuro. Marlon seguia os dois de perto, agora como um dos Mestres mais elevados na hierarquia da Escola e também como Sacerdote.

Era um grande privilégio fazer parte de um círculo tão seleto. Percebi que meu Grupo tinha um chamado especial no sentido da estratégia satânica. Ainda que eu não soubesse exatamente qual era a estratégia para a qual estávamos sendo chamados, sabia que a grande maioria não estava presente. Havia muitos e muitos Grupos que não tinham nada a ver com o final do Terceiro Ciclo.

Que seria o Terceiro Ciclo afinal???!! Que curiosidade!!!

Tinha também muita gente que eu não conhecia, para dizer a verdade, a maioria. Marlon fez questão de ir me apresentando a algumas pessoas:

— Acho que vocês ainda não se conhecem, não é, Rillian? — Fez Marlon aproximando-se de minha mesa e trazendo a tiracolo um homem de mais ou menos uns 40 anos. — Guarda bem o nome dele: Fernando Morrit! — Falou o nome verdadeiro e não o pseudônimo. — Você ainda vai ouvir muito esse nome, vai ouvir falar demais do nosso amigo aqui em todos os cantos dessa cidade. Ele vai estar junto com você daqui a alguns anos, na função para a qual você foi escolhido. Aquela que você vai conhecer hoje, mais tarde!

Não sei se Morrit era da própria Irmandade ou se de algum dos Braços, esqueci de perguntar.

— Oi, tudo bem? Então você que é o Rillian? — Ele tinha um jeito meio esquisito mas parecia saber bem quem eu era. Olhou para o meu prato: — Você gosta de coxinha, heim?

Ficou conversando um pouco comigo, de pé ao lado da mesa. Eu também fiquei em pé, mantendo o protocolo das boas maneiras. Thalya apenas acompanhou a conversa, quieta. Foi tudo o mais

informal possível. Marlon pediu licença com polidez e logo foi conversar com outra pessoa, como era do seu feitio nessas ocasiões. Pelo que parecia ele tinha muito o que discutir com toda aquela gente que não costumava encontrar com tanta freqüência.

— Daqui a pouco venho te apresentar mais pessoas! — Exclamou ele bem humorado antes de deixar-me com Morrit.

O homem de cabelos ligeiramente grisalhos nas têmporas me olhou com certa curiosidade. E procurou brincar:

— Marlon já falou muito de você, confesso que eu estava curioso para saber quem era o cara! E, pôxa, você é novo! Não pensei que você fosse tão jovem! Que idade tem?

— Em cinco meses, 21 anos!

— É a idade da razão! — Brincou ele. — Mas no final do Terceiro ciclo você vai estar com praticamente 31 anos, o que é uma ótima idade!

— Pois é! — Retruquei recusando-me a admitir minhas limitadas informações quanto àquilo.

Durante a tarde Marlon apresentou-me mais alguns homens, todos mais velhos do que eu e cujo ponto comum era o fato de que seriam pessoas que estariam ocupando posições de destaque no final do Terceiro Ciclo. De todos foi dito o nome verdadeiro. Eles já sabiam quem eu era, através de Marlon, e repetiam sempre a mesma coisa:

— Você é jovem! Estará com o sangue novo no período em que precisaremos de maior empenho e dedicação!

Um deles, um homem magro com bigode escuro e espesso, de semblante forte, sorriu ao dizer:

— É um grande prazer conhecê-lo, meu caro. Nós vamos fazer parte da mesma História!

— Sem dúvida vai ser mesmo um prazer! — Respondi calmamente. As apresentações foram rápidas, apenas um primeiro contato.

— Guarda esse nome! — Não cessava de repetir Marlon. —

Todos eles estarão estampados na mídia!

E falavam sem parar no fim do Terceiro Ciclo. Procurei continuar não dando bandeira de que não sabia do que se tratava. Meu crescimento até o grau de Feiticeiro tinha sido tão veloz que não houvera tempo e nem liberação das Entidades para que me fosse dito o que era aquilo. Eu estava louco para que chegasse logo a noite e eu pudesse saber o que me aguardava.

De repente reparei num homem que me chamou a atenção. Eu o tinha visto muito por alto no dia do Rito de Consagração de Marlon. Ele vinha passando em todos os lugares, todas as mesas, devagar, cumprimentando os presentes um a um. Apesar de simpático parecia ter algo esquisito em si mesmo, era mais fechado, mais reservado. Tinha uma postura diferente.

Quando ele passou por nós olhou direto para mim, e perguntou sem rodeios:

— Você sabe quem eu sou?

— Não. Não sei, não!

— Eu sou o pai daquela moça ali, em quem você está de olho!

Eu já tinha visto Gwyneth de longe, muito à vontade, com um top mostrando a barriga, short e tênis. Brincava bastante, conversava com todos, era animada e extrovertida. E falando sempre aquele impressionante português correto. Aliás o português do pai dela também era muito bom!

Thalya se intrometeu, gracejando:

— Pois é isso mesmo, dá logo uma bronca nele! Porque afinal eu estou sentada aqui e ele não pára de olhar pra aquela menina!

Ele deu risada e falou ainda em tom de brincadeira:

— Bom, mas admito: minha filha é bonita mesmo! Você tem bom gosto! Todos demos risada, não havia essa história de "falta de respeito" dentro da Irmandade. Eu faria o que quisesse, Thalya também. E ponto. Mas em se tratando de Gwyneth, eu estava apenas olhando.

Então ele simplesmente recitou as palavras iniciais de um encantamento, parou de repente, olhando para nós. Eu e Thalya completamos a frase em coro, unânimes, mostrando que também sabíamos do que se tratava. Aquilo provocou um ar de satisfação estampado na face daquele homem, e ele riu. Tomou o nosso copo de coca-cola, ergueu-o num gesto amigável fazendo um brinde.

— Muito bem. É isso mesmo. Então... vamos somar Poder! Poder à nossa força!

— E morte a esse fracos!!! — Completamos eu e Thalya bebendo também a coca, um de cada vez.

As palavras de encantamento que ele pronunciou tinham um significado mais ou menos como se quisesse dizer "O círculo está se fechando".... ou "O fim do tempo de Deus está próximo".

Estava chegando o tempo de dominar toda a Terra, de Lucifér exibir o seu Poder em total plenitude! Nosso tempo estava próximo!

— Vocês têm muito privilégio em serem discípulos de Leviathan. Esse País vai experimentar uma força Infernal muito grande. Muito grande! Alguns têm dito o contrário, que aqui será um "Celeiro de Missionários"... — E fez um ar de deboche. — Mas unidos do jeito que esses medíocres são vai ser um celeiro de bosta! Nunca vai sair daqui nada que preste. Você terá orgulho de fazer parte dessa tropa, Rillian. De fazer parte daqueles que dominarão esta Nação!

E então ele se afastou, despedindo-se. Eu o acompanhei com a vista. Que homem sui generis! Nada mais, nada menos do que um dos maiores líderes mundiais da Church Satan estava bem ali.

— Uau! Ele veio em pessoa!

A tarde correu agradável e, ao anoitecer, algumas pessoas começaram a despedir-se para irem embora. Ficariam apenas os que participariam da palestra.

Thalya fez questão de arrumar-se bem, colocou o vestido azul que tinha comprado comigo no Shopping e ficou muito atraente. Eu estava de jeans e camisa, mas tinha trazido um blazer para ficar mais adequado.

Entramos no salão aonde iríamos assistir a um vídeo e participar da reunião. O pai de Gwyneth adiantou-se e começou de cara contextualizando o que vinha de fato a ser o final do Terceiro Ciclo. Que momento esperado!

— Para alguns já é bastante familiar o que é o Terceiro Ciclo, mas para aqueles que não sabem vou explicar rapidamente de que se trata. Quando o chamado Cristo morreu na Cruz, Ele mesmo afirmou: "Está consumado". Que quer dizer isso? Que o plano de Deus para a Humanidade tinha sido concretizado através daquela circunstância. Deus levou milênios preparando a vinda do Cristo para a sua morte na Cruz e, uma vez consumada a morte, termina por aí a estratégia de Deus em relação ao Homem. Pois Ele mesmo foi categórico, torno a dizer: "Está consumado". Em Cristo apresenta-se ao mundo a Oitava Aliança do Criador para com os homens. Mas é justamente quando termina o plano de Deus em relação à Humanidade que começa o de Lucifér! E este trás ao mundo a possibilidade de assumir com ele mesmo uma nona aliança. Aos escolhidos, apenas aos seus filhos, Lucifér oferece uma aliança que suplantará a oitava. Dentro do âmbito Divino acontece algo semelhante, nem toda a Humanidade está inserida dentro do contexto da Oitava Aliança. Não é assim? Apenas os escolhidos, os que foram feitos "filhos", os "predestinados para a salvação"! Mas vamos esquecer a ultrapassada Oitava Aliança. A Aliança dos Filhos de Deus. Nós estamos inseridos no contexto da Nona. Olhemos para o plano de Lucifér, para o palco que começou a ser montado exatamente quando Deus concluiu o Seu plano. Dentro do contexto estratégico de Lucifér o Tempo é contado da seguinte maneira: depois da vinda do chamado Cristo, a História da Humanidade foi dividida em blocos principais que ocorrem a cada salto de seiscentos e sessenta e seis anos. A contagem faz-se naturalmente espelhada no calendário Gregoriano porque é o que traduz a nossa realidade. Então vejam: do ano zero ao ano 666 aconteceu o Primeiro Ciclo. Com mais um salto de seiscentos e sessenta e seis anos chegamos ao ano de 1332, o Segundo Ciclo. Com mais seiscentos e sessenta e seis anos, cairemos no ano de 1998. É familiar a vocês esta data?! Exatamente em seis de março de 1998 termina o Terceiro e último Ciclo. Por que seis de março? Como todos já sabem, levando-se em conta a Numerologia

cabalística o número nove é extremamente importante. É a síntese do número da besta, o seiscentos e sessenta e seis. Vamos um pouco mais devagar. O número 666 representa a trindade maldita: a besta, o anticristo e o falso profeta. Se somarmos os dígitos desse número, isto é, 6+6+6, chegamos num produto de 18. Pelo mesmo mecanismo, somando-se os dígitos desse novo número, 1+8 é igual a 9. Está demonstrado cabalisticamente porque o 9 é um número tão importante dentro da conjuntura satânica e porque ele vai aparecer em muitos e muitos lugares. O 9 é um 666 "condensado"! Mas vamos adiante: somando-se os dígitos de 1998 chegamos a 27, que por sua vez cai de novo no 9. A data de término do Terceiro Ciclo também não é à toa: 6 de março ou seja, dia 6 do mês 3, cuja soma dá 9. O mês de março, em se tratando do Brasil, por exemplo, é muito forte porque aí começa o ciclo de Leviathan, como todos sabem, inaugurado na Festa Sátor. E o final do Terceiro Ciclo inaugura para nós uma nova Era: o início do fim do Cristianismo!!!

O homem fez uma pequena pausa projetando os slides que demonstravam o que tinha acabado de expor. E continuou:

— Sei que o contexto numerológico não é novidade para vocês. O número 9 — o 666 condensado — , e o número 5 — uma alusão ao Pentagrama, símbolo de Poder e Domínio, símbolo da Alta Magia — são os números mais fortes dentro do Satanismo e tudo gira em torno deles. Mas voltemos ainda um pouco à questão dos três Ciclos. Em cada Ciclo foi cumprida uma etapa do plano estratégico de Lucifér. Sabemos que o culto a Deus e o culto a Lucifér já existiam muito antes do advento de Jesus, certo? Mas os três Ciclos têm a ver com uma oposição completa à Aliança desse Cristo. A estratégia do anticristo só pôde existir depois do aparecimento do Cristo, é óbvio. Deus, em sua insanidade, prometeu pisar a cabeça da Serpente através do Seu Enviado. Mas nós sabemos quem tem o reino mais poderoso. E o reino mais poderoso aponta qual dos dois é o detentor do Poder verdadeiro! Sabemos que Jesus nasceu um pouco antes do ano zero, mas é importante manter-se dentro do calendário Gregoriano. Por isso, tão logo Lucifér conheceu o Cristo, no ano zero, iniciou-se aí também o seu plano contra esse enviado de Deus! Era necessário algo que viesse a neutralizar a estratégia de Deus. Nos primeiros 666 anos começou a ser revelado paulatinamente o que fazer. O pai

começou a mostrar-se muito devagar... o exército satânico começou a ser organizado. E o inimigo — a recém inaugurada Igreja — começou a ser sondada! Isso é primário, a estratégia de ataque ao inimigo dependeria muito de como seria a Igreja, de como se comportaria. Para que um ataque seja certeiro há que se conhecer em detalhes o oponente. A luta não depende apenas de nós, mas também das condições do inimigo. Era necessário saber de tudo, acompanhar, espionar: como estavam se desenvolvendo, o que eles sabiam, o que não sabiam, etc. Isto é muito intuitivo. Não se pode criar uma estratégia "da cartola", mas somente após a coleta de dados! Isso aconteceu basicamente no Primeiro Ciclo, foi feita uma monitoragem completa, um acompanhamento do crescimento do Cristianismo no mundo. E foi relativamente fácil plantar sementes malignas logo de cara. O sincretismo religioso, por exemplo, foi uma delas. O Apóstolo Paulo fundou Igrejas mas logo elas foram contaminadas. Ele mesmo teve que exortar tremendamente as Igrejas novinhas porque era muito fácil que algumas delas se desviassem rapidamente da rota. Vejam na época do Imperador Romano Constantino, que era pagão e adorador do deus sol invicto. No início do quarto século ele tornou o Cristianismo a religião oficial do Império Romano. Foi o fundador das bases da Igreja Católica Apostólica Romana. Mas o Decreto foi um golpe político. Constantino observou que os grupos Cristãos vinham corajosamente subsistindo apesar da perseguição acirrada que teve início principalmente na época de Nero. Quanto mais eram perseguidos, mais fortes pareciam ficar. Apesar de não serem maioria. Então era interessante obter o apoio daquele grupo em Roma. E através do Concilio de Nicéia, em 325, o Cristianismo tornou-se a religião oficial do Império. Mas vejam que golpe de mestre: quando deixaram de ser perseguidos, quando foi dado todo o aval para que cultuassem ao seu Deus... a coisa começou a ir por água abaixo. Constantino sugeriu, na verdade, uma unificação do Cristianismo com as religiões politeístas da época. Os Templos Pagãos foram modificados convenientemente, mas mantidos. Bem como as suas imagens de escultura, cujos nomes foram apenas modificados. Porque a essência daquele povo romano não poderia ser assim retirada do dia para a noite. Mas os Cristãos também tinham que sair contentes do acordo. A solução era um sincretismo com carinha mais Cristã do que pagã! E a partir daí foi só induzir mais e

mais ao erro. A raiz da idolatria já existia dentro do Cristianismo. Paulo e Pedro curaram pessoas à distância. Alguns Cristãos dos primeiros séculos fizeram a mesma coisa. De forma que havia peregrinações e visitas "místicas" aos túmulos dessas pessoas. Constantino deu um jeito de potencializar mais ainda esse erro: construiu Igrejas sobre os túmulos e incentivou a adoração de mortos e imagens dentro do Catolicismo. E esse foi apenas um dos erros cometidos! O batismo de crianças foi logo introduzido, uma maneira de não deixar escapar ninguém daquela nova estrutura religiosa. E como era Decreto do Imperador não havia como se esquivar: todos tinham que ser Cristãos, quisessem ou não! É claro que logo as bases das doutrinas Cristãs começaram a ser deturpadas e violentamente impactadas. Mas sutilmente! E aquilo que tinha aparência de Cristianismo realmente ficou só na aparência. Estava feito! A partir daí iniciou o processo. A Igreja Católica realmente despontou como líder absoluta e começou a propagar para o mundo um sistema religioso deturpado e falido, anti-bíblico e cheio de engano. Isso foi estrategicamente bem planejado por Lucifér. Porque o Cristianismo puro não poderia crescer! O engano foi semeado... e floresceu, deu frutos que perduram até hoje. Como vocês sabem há Principados agindo por trás dos grandes Sistemas Religiosos. Principados que monitoram, comandam, regem e perpetuam esse enganos.

Novamente ele projetou os slides e continuou falando com muita propriedade e conhecimento.

— No Segundo Ciclo o interesse maior do Império das Trevas não foi em relação ao Cristianismo pelo simples fato de que ele estava totalmente contaminado. O vírus do engano já tinha sido plantado dentro dele. O sistema religioso não oferecia qualquer perigo. Uma vez minada a base Cristã — pelo menos temporariamente — Lucifér usou o período do Segundo Ciclo para começar a organizar os grupos que viriam a trabalhar com ele. O fato da Igreja estar inoperante garantiu tempo para que fosse organizado e treinado o nosso próprio exército.

Na verdade, os "primórdios" desse exército! Nesse período a Irmandade começou a esboçar uma organização mais categórica. E o início da revelação estratégica do anticristo começou a ser

repassado. No final do Segundo Ciclo, no ano 1.100, deu-se início às Cruzadas. Teria sido uma tentativa de levante Cristão? Ou algo bem diferente disso? Vejam por vocês mesmos: na época havia alguns líderes proeminentes dentro da Igreja Católica e que eram adoradores das Trevas. E tinham como função criar todo um desconforto em relação às atitudes dos Cristãos perante o mundo. E saboreiem a sábia artimanha! Tudo o que é imposto à força deixa de cumprir o princípio do Amor. As Cruzadas mais destruíram do que construíram... em nome do Amor! O rótulo negativo nunca mais foi tirado. Foi mais uma tentativa de Lucifér em causar amortecimento de todo e qualquer foco de Cristianismo autêntico. Porque as Cruzadas eram uma forma de imposição de um Cristianismo dentro dos moldes de quem? Da Igreja Católica Apostólica Romana! Que cada vez mais distanciava-se da Verdade de Deus. Ou seja, qualquer um que porventura "achasse" diferente, que quisesse ler a Bíblia ou seguir um Cristianismo puro seria sumariamente destruído. Era importante continuar semeando o erro. E por fim... o Terceiro Ciclo! Ele começou em 1332 e está para terminar. Foi um período bastante importante. A Irmandade de fato foi organizada a nível mundial. O projeto das doze Bases foi explicitado, desde aonde seriam elas até quando deveriam estar em pleno funcionamento; a rede satânica foi estendida sobre o mundo nas suas mais diversas ramificações; as culturas foram melhor permeadas; o príncipe deste mundo consolidou a vantagem do seu reinado. Em outras palavras: a doutrina Satânica alastrou-se pelo planeta disfarçada em milhares de formas diferentes! Mas nosso pai aproveitou também para consolidar a imagem negativa da Igreja Católica, que continuava sendo a única expressão de Cristianismo. Mais pedras de tropeço foram colocadas. O mundo tinha que olhar para o Cristianismo e enxergá-lo desvirtuado! Naturalmente não há vantagem alguma em destruir o Catolicismo. É muito mais proveitoso torná-lo inoperante em termos de verdade Cristã. Alguma coisa nesse sentido foi conseguida através da Inquisição. Nessa época, a mesma coisa: havia pessoas da Irmandade incumbidas de fazer o Cristianismo Católico continuar perdendo a credibilidade. Quanto a isso dispensa-se comentários. A Inquisição foi uma "Caça às Bruxas", em outras palavras. Mas muita gente de bem morreu, sem culpa no cartório. Uma coisa eu lhes garanto: nenhuma Bruxa de verdade, que estivesse adorando de fato a

Lucifér, foi morta. Porque a Inquisição nasceu no coração dele. Em nome de Deus queimaram-se milhares de inocentes! Não havia escapatória possível uma vez que fosse feita a acusação. Se a pessoa confessasse o "crime", morria mais rápido. Se não confessasse, morria lentamente sob tortura! Sei que todos vocês já viram os nossos troféus, não? Os instrumentos de tortura utilizados nessas épocas de glória para nós e humilhação completa Para os Cristãos. E hoje esse sangue está nas mãos deles, daqueles que dizem ter de si o Amor de Deus. Uma perversidade destas... torturar uma pessoa até a morte sendo que ela está ali, jurando de pés juntos, que é inocente! Realmente... que bela pegada de nosso pai na História. Ainda que nossa Organização não existisse como uma Entidade Internacional o objetivo foi alcançado. Mas em 1523 surgiu um imprevisto... a Reforma Protestante! Martinho Lutero entrou em cheque com o Papa Leão X por causa da venda de indulgências cujos fundos iam para a construção da nova Basílica de São Pedro em Roma. Em 31 de outubro de 1517 Lutero afixou 95 teses na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg. Em linguagem que todo o populacho era capaz de compreender! E isso deu início à Reforma. E daqueles escritos brotou uma nova doutrina, uma doutrina que retomava a essência do Evangelho. Nisto veio uma mudança significativa, a princípio, e houve que se abafar novamente esta tentativa de retorno ao Evangelho verdadeiro. A Igreja Protestante também foi alvejada com sucesso nas suas bases porque logo rachou em duas e, a partir daí, surgiu uma gama incontável de ramificações dentro da denominação. O que só contribuiu para fazer desacreditada a sua doutrina. Se eles não conseguem entender-se entre si como podem querer evangelizar o mundo?! Hoje nossos esforços contra a Igreja Cristã restringem-se, vocês sabem, aos poucos Evangélicos que ainda têm a visão do Cristianismo Puro. Todas as outras linhas ditas "Cristãs" já não o são na realidade. E não oferecem mais o menor impedimento às nossas ações! A miscelânea foi total. Mas ainda que haja esse pequeno grupo dentro da Igreja Protestante — ou Evangélica — que de fato cultua ao Deus Vivo... eles estão com os dias contados.

O homem apresentou mais projeções e mais evidências: — E como ficamos nós, depois de 1998? Com grande esperança

contemplamos o final do Terceiro Ciclo. A partir de seis de março faltarão apenas 666 dias para a passagem ao ano 2000. Terá sido dada a largada... para o início do fim! Este período é o tempo que temos para terminar de vez de "por a casa em ordem". Ou seja, tudo tem que estar de vez no seu devido lugar! Vejam da seguinte forma: é como um jogo de xadrez aonde as peças estarão todas posicionadas. E no amanhecer do novo milênio será dado um cheque! Não é ainda o cheque mate. Ele virá algumas jogadas mais tarde! A partir do ano 2002 apresentaremos ao mundo o falso anticristo. Por que é necessário que haja um falso anticristo? Apesar dos nossos esforços será inevitável a presença de um grupo remanescente de Cristãos. Isto já está dentro do previsto. Apesar de toda a estratégia para manter a Igreja fria, inoperante, morta e sem visão, alguns fatalmente escaparão ao cerco. Alguns ainda estarão orando, estarão guerreando espiritualmente, ainda serão conhecedores das profecias do Apocalipse. E isso pode vir a causar interferência no nosso plano. Então o falso anticristo virá para fazer desviar os olhos da Igreja na sua direção. Além disso, vejam também por outro ângulo: Lucifér será vingado com a mesma moeda. Do mesmo modo que nosso pai não sabia quando viria e quem seria o Messias prometido, a Igreja de Cristo será enganada por um falso anticristo. Perderá seu tempo e gastará seus derradeiros esforços com algo virtual!

Ele apresentará todos os sinais do anticristo, tudo aquilo que a Bíblia diz que ele vai ter... ele terá! Os sinais serão tão em relevo que o remanescente não deixará de notar! As orações podem ser intensas... ou podem não ser... mas a Igreja acreditará ter vencido quando ele morrer!

Alguém ergueu a mão e fez a pergunta crucial:

— Mas os Cristãos acham que o Apocalipse tem que ser cumprido na íntegra. E a Bíblia não diz que o anticristo vai morrer! Eles podem vir a desconfiar disso!

— Sim. — Respondeu o homem. — Mas talvez você tenha se esquecido de todos aqueles textos bíblicos que dizem que Deus se arrependeu disto ou aquilo. "Deus intentou fazer o mal... e não fez"; "Deus fez... mas se arrependeu". A Bíblia também é clara em dizer que o clamor do Seu Povo pode fazê-Lo... mudar de idéia! Deus

mudou a História tantas vezes. Observe agora as falsas Igrejas entrando em cena caso esta hipótese seja aventada: "Deus se arrependeu tantas vezes e mudou o curso da História... apenas está acontecendo mais uma vez. Deus ouviu o nosso clamor e resolveu poupar a Igreja. E acabar de uma vez com o anticristo"! Compreendeu? Esta é também uma das razões em montar as Igrejas falsas. Elas ajudarão a apontar a direção errada. E quando todos tiverem acreditado que a peleja acabou..."quando andarem dizendo Paz, Paz... então virá o fim"! Em 2006 se levantará o verdadeiro. E nesta ocasião a Igreja de fato já estará desfalecida! Uma força Infernal demoníaca cada vez maior será liberada sobre a Terra. E Lucifér estará no auge do seu Poder! Mesmo que a Igreja viesse a perceber o engano já não haveria como lutar contra isso pelo simples fato de que o anticristo já estará exatamente no lugar em que deve estar. A partir de então começará efetivamente a reinar. Quem será ele? Foi gerado pelo próprio Lucifér, que para isso se utilizou de uma mulher previamente e cabalisticamente escolhida. Ele já vive hoje. E em 1998 completará 27 anos. Mais precisamente em março, entre nove e dezoito de março. Mas antes disso, já aos 18 anos, Lucifér passará a andar pessoalmente com ele. Ainda que não seja o tempo de se manifestar. Humanamente falando ele será um homem descendente de judeu. E extremamente carismático. Inteligentíssimo. Terá Poderes e faculdades extraordinárias, assombrará a Humanidade com sua sabedoria e conhecimento. Fará tais prodígios que o mundo o aceitará e o adorará como deus. A própria Bíblia Sagrada garante: "Fará o que lhe aprouver; com o seu conhecimento fará prosperar o engano na sua mão"; "E destruirá os Santos do Altíssimo"! Nós o conheceremos em breve. Será apresentado pessoalmente no Sabbath do ano de 1999. Ele tem sido mantido guardado e escondido, está sendo muito bem treinado para se levantar com Poder na virada dos seus 35 para 36 anos, em 2006. Quando apresentará uma solução para o colapso mundial. Porque o planeta estará mergulhado num caos total e a corrupção dos governantes mundiais correrá solta. Mas ele dominará sobre todas as Nações. Simplesmente porque o mundo passou mais de 2000 anos sendo preparado para ele! O anticristo estará chegando em casa, assumindo o que é seu. Não será como Jesus, que "veio para os seus e os seus não o receberam"... não! Ele será espetacularmente bem recebido! Todos o olharão e o aceitarão

plenamente como solução para os seus anseios mais profundos. E de fato ele falará muito do Homem, da natureza humana, pregará o respeito à essa natureza, e aos desejos dela. E justamente por defender de corpo e alma a essência humana é que convencerá a todos de que o mal que ainda existe na Sociedade precisa ser extirpado de uma vez para sempre! E esse mal é o Cristianismo, a origem de tudo o que é pernicioso, tudo o que vai contra aos mais profundos anseios da raça humana. O que a Igreja propõe, como fruto dos ensinamentos do nosso Opositor, é uma linha de conduta absolutamente impraticável. Deus infringiu ao homem um padrão absurdo. Um padrão que foge à natureza que Ele mesmo deu à Sua criatura. Mas Deus não mais poderá castigar o homem porque este não conseguiu cumprir aquilo que foge à sua essência. Pois o anticristo trará a plena liberdade, e toda a falsa moralidade será banida! Tudo o que for de Deus deixará de existir e será completamente esquecido. O anticristo deixará bem claro que somente com a extirpação desse mal haverá solução para todos. Mostrará que tudo o que gira em torno do Cristianismo é nocivo e contrário a uma Sociedade plena, saudável e gloriosa. Então virá o momento tão esperado: dar-se-á início novamente à perseguição dos Cristãos. Só que desta vez será sem precedentes. Não será uma perseguição qualquer. Jamais a Humanidade presenciou e nem presenciará tal massacre! Será um tempo de completa assolação até que se cumpra o propósito para o qual ele foi enviado. Isto é: destruir por completo e aniquilar tudo o que se chama pelo nome de Deus, tudo o que for sinal e resquício destes inomináveis Cristãos. E finalmente Lucifér confrontará e derrotará o Cristo no Armagedom! Destruí-Lo-á completamente!!! Lucifér ama o homem, e ele dará à Humanidade — através do anticristo, à princípio — um reino de absoluto prazer!

Batemos palmas com entusiasmo crescente. E depois novamente foi feita a pergunta:

— Como fica a questão do tal Arrebatamento de que os Cristãos falam?

— Primeiro que isso não passa de um falso prêmio de consolação, mais uma promessa de Deus que não será cumprida, como tantas outras. Promessas bem mais simples como Amor, Paz,

Alegria e Justiça nunca são cumpridas nas vidas dos Cristãos... que dizer de uma história louca como essa?!! Mas, ainda que fosse verdade, que diferença isso faz para nós? A Bíblia diz que nem toda a Igreja salva será arrebatada. Eles continuam crendo que todo e qualquer salvo será levado, mas esta não é a doutrina correta. Apenas os Cristãos salvos e santificados serão levados. E nós bem sabemos aonde anda a santificação deles. O padrão exigido por Deus é utópico e muito difícil de ser alcançado. Azar deles! Podem ter certeza de que a maioria ficará por aqui mesmo. Nosso "divertimento" não será tirado. E haverá o extermínio total dos Cristãos!!! Quanto aos judeus, uma ressalva: eles não são uma ameaça. Como rejeitaram Jesus, estão tão perdidos quanto o resto da Humanidade. Mas sobre eles existe uma vingança moral, por assim dizer, porque foi o Povo escolhido por Deus no início. Assim como eles rejeitaram o Cristo verdadeiro, aceitarão o falso, o anticristo. E este se assentará no Templo de Jerusalém, no Trono, e será adorado como deus. Será aceito pelo Povo que traiu e matou Jesus! Essa será a maior afronta que Lucifér poderá fazer a Deus, além de destruir a Sua Igreja! Depois disso, enfim, iniciar-se-á a era Luciferina. Sem Cristãos no mundo não haverá mais malefícios, haverá unidade. Os privilegiados nesse novo reinado seremos nós, os filhos. E estaremos no comando. Algumas outras raças indesejáveis serão simplesmente eliminadas, como os Cristãos. Deus criou raças que não têm razão de ser. E a Terra finalmente retornará à sua origem: o Paraíso! O Paraíso será absoluto porque não haverá mais a interferência de um Deus louco e hipócrita. A Terra será transformada, e os Céus também. Lucifér tem Poder de transformar a matéria, como é do conhecimento de vocês, e de influenciar as leis da Natureza. Esta Terra destruída que vemos agora será transformada inteiramente quando os filhos do Fogo efetivamente ocuparem o seu lugar. E voltará a ser belíssima.

O homem parou um pouco de falar, bebeu alguns goles de água. Não se ouvia burburinho na platéia. Retomou rapidamente:

— Está claro? — Diante da ausência de respostas negativas, concluiu: — Mas, para que tudo isso aconteça dentro do previsto, temos cada um de nós que fazer a nossa parte. Especialmente aqueles que foram chamados para estar na linha de frente! Então, vamos a isso! Primeiro de tudo: o palco tem que estar praticamente

montado até o final do Terceiro Ciclo. Nos 666 dias restantes é o tempo que dispomos para aparar arestas e terminarmos de colocar as peças chaves no tabuleiro. Eu estou aqui para falar também sobre isto, e sobre os que estarão assumindo a liderança em 1998. 1998 é um ano muitíssimo importante para nós! Mas vamos conversar sobre isso um pouco mais tarde. Antes quero falar brevemente do panorama mundial que será criado para que o anticristo possa se manifestar. Tudo começa a nível regional. E quais são os principais passos regionais a serem percorridos? Primeiro, infiltrar as Igrejas Evangélicas a fim de que estas sejam contaminadas e tornem-se inoperantes; segundo, assumir o domínio político, isto é, ocupar cargos e posições de liderança a fim de poder manipular a Sociedade; terceiro, é necessário que as bases da educação sejam afetadas. Afinal, é através das Escolas e Faculdades que a mente das gerações será preparada, moldada para aceitar o anticristo e servir àquele que governará por trás dele. A mente de uma Sociedade não se prepara do dia para a noite e nem com passes de mágica. Só o tempo faz o serviço perfeito e completo, desde que saibamos nos colocar devidamente. Quarto: permear todos os outros setores possíveis da Sociedade com esse mesmo intuito de moldar as mentes. Neste sentido existe uma gama enorme de locais aonde exercer nossas influências: literaturas, artes, filmes, músicas, jogos de computador, vídeo games, filosofias, modas, mídia, etc...! Algumas são subliminares, outras nem tanto. Todos vocês sabem que hoje em dia há muita facilidade do mundo em aceitar as coisas do "diabo". Mas isso não é por mero acaso, é fruto de longo trabalho. Este mundo jaz no maligno, mas todos o acham muito sedutor, todos desejam o mundo e o que ele oferece. Há maneiras de fazer com que haja inclinação da mente humana, uma aceitação da nossa causa e das nossas coisas. Como acontece isso? Como se dá o acesso às mentes e há influência sobre elas? Vamos tomar um exemplo simples: uma Grife! Quem poderá prever que uma roupa, uma camisa, um boné possa causar estrago? Mas certas grifes que vocês conhecem foram previamente Consagradas, foram trazidas diretamente pelos Guias mediante preço de sangue. Isso dá autoridade para a atuação dos demônios. E o objeto, a roupa, o disco, o brinquedo agem como se fossem "Cavalos de Tróia". Como funciona isso efetivamente? Qualquer objeto pode ser energizado. Uma colher, por exemplo, quando submetida a um

campo eletromagnético deixa de ser uma simples colher. Ela fica energizada, magnetizada, polarizada. Aí damos para alguém. Vamos supor que esta pessoa que foi presenteada carregue com ela também uma bússola. A bússola dá a direção para essa pessoa. Mas a colher energizada vai desnortear a bússola, concordam? Só que a pessoa não sabe que a bússola está desnorteada, ela vai apontar para um outro caminho... e a pessoa passará a caminhar por este outro caminho... mudará de rumo sem saber... mas continuará achando que está no caminho certo! Da mesma forma que a colher, qualquer coisa submetida a uma Consagração fica "carregada" com uma força que não é conhecida aos olhos humanos mas que os demônios dominam. É uma maneira sutil, pouco agressiva, de fazer alguém andar em uma estrada completamente diferente e ainda assim achar que está indo na direção certa. Se a bússola fosse a Bíblia...esta pessoa deixaria de ser alguém que pudesse ser direcionado por ela, deu pra entender? Como diz o versículo "Aos olhos do tolo, o seu caminho é correto". Compreenderam a analogia? O instrumento — a colher — é criado a partir de preço de sangue, e como todos sabem, sangue tem muito valor no reino espiritual. Quando se derrama sangue num altar e se Consagra a um demônio uma logomarca, uma grife, uma música, um objeto de arte... isto tem muito Poder! A mesma coisa acontece do lado de Deus. É uma Lei Espiritual. Lembram-se do Tabernáculo? Era um barraco, uma cabana construída sobre a areia do deserto. Como é que pode uma coisa dessa? Que aquele cantinho perdido do deserto, aquele pedacinho de terra espelhasse tanto Poder?! Se alguém não autorizado entrasse naquela salinha... seria fulminado, destruído!!! Mas era uma cabana! Só que ali havia uma Energia Poderosa, uma Força. Esta Força só estava ali porque o Tabernáculo tinha sido construído dentro de determinadas especificações que foram dadas pelo próprio Deus. Aquele local foi Consagrado também. Por isso aquele pedacinho de deserto deixou de ser apenas areia! Lucifér, da mesma forma, é conhecedor das Leis Espirituais, e que não são as mesmas que regem o nosso mundo. Por isso quando ele diz "faça assim e assim", quando diz que determinados locais, determinadas horas, determinadas atitudes, determinadas palavras...podem causar uma potencialização energética e uma interferência enorme, assim ocorre! E isso pode vir a traduzir-se no extermínio espiritual de

alguém. Do mesmo jeito que um barraco sobre a areia do deserto não é mais apenas um barraco... uma camisa também não é mais apenas uma camisa. Em outras palavras, isto é o Feitiço, o encantamento da Alta Magia que usamos do nosso lado. Através deles cria-se uma circunstância ou um local dirigido por outras leis que não as naturais. Quando se faz um encantamento são quebradas as leis naturais por meio de "símbolos" que são entendidos no reino espiritual, e somente no reino espiritual. Isso dá legalidade — Poder! — à Entidade de agir dentro de um determinado perímetro. E dentro deste perímetro o demônio tem total autoridade e influência. Os objetos de encantamento são usados para facilitar este acesso. Se ele estiver na casa do seu inimigo, no seu quarto, na sua sala, vai potencializar, facilitar, abrir uma porta maior ao demônio. Lembram-se da Arca da Aliança? Era somente um objeto, um móvel. Mas aquele móvel transportava um Poder de Deus, por assim dizer, de modo que era capaz de causar mortes e destruição se fosse usado de maneira errada... ou se fosse tomado por mãos erradas! Assim funcionam também os nossos objetos de encantamento. Um pequeno objeto pode ter muito, muito Poder e alterar grandemente as leis naturais, criar portas de acesso à atuação das Entidades espirituais. Mas os meios para fazer isso não acabam por aí. Por exemplo, há filmes que contêm entre um quadro e outro mensagens subliminares, frases que apresentam uma antítese de Deus. Tais como: "Deus é infiel", "Jesus não existe", "Lucifér te ama", "Leviathan é o rei do Brasil". Isto é captado pelo subconsciente e vai embotando a mente humana para as coisas de Deus. A música, da mesma forma, atua no cérebro de uma maneira gradativa convencendo de certas realidades. O contato com a realidade virtual também é fundamental neste sentido. É um passo para a contemplação do reino espiritual! Uma vez que a mente já esteja dominada, é fácil preenchê-la com tudo o que queremos! Neste sentido há muita coisa: os jogos computadorizados, o RPG — já aprovado em escolas —, as linhas esotéricas que falam de viagens astrais, processos de meditação, e incentivam o contato com duendes e bruxas, com seres extraterrestres; os filmes de terror, os filmes de efeitos especiais, tudo que estimula e faz alusão à fantasia, à Magia, aos Poderes sobrenaturais... tudo isto e muito mais... prepara gradativamente a mente humana para entrar em contato com o mundo das Trevas e não se assustar com ele! A

influência satânica expressa em tudo o que eu disse até agora, que começou regional, tem que expandir-se e ser Mundial. Para que todos sejam preparados. Porque quando houver uma manifestação luciferina é necessário que o mundo não se choque com isso, ao contrario, seja algo natural para todos. Todas essas coisas têm dois objetivos, em suma: fazer desviar a bússola da Humanidade e apontar o caminho de Lucifér. E abrir brechas de acesso à vida dos Cristãos quando eles se utilizam das mesmas coisas, consciente... ou inconscientemente! Reparem que o próprio estímulo à violência tem que acontecer. O incremento estrondoso na violência dentro da Sociedade é condição sine qua non porque o mundo — o Reino — só poderá ser tomado pela força. Até a Bíblia concorda com isso! Ou vá dizer que Deus pediu ao Seu Povo para conquistar os inimigos com "flores"!? Claro que não! Foi através da violência, com sangue, gritos e dor, ao fio da espada, sem compaixão nenhuma! Da mesma forma nós: quando chegar enfim o momento do extermínio, da conquista... se fará necessário um mundo cheio de pessoas treinadas e acostumadas à violência. O exército precisa ser treinado, não é? Lucifér tem gerado um mundo violento para poder usar desse trunfo na hora "H", e acabar com tudo o que não condiz com o seu reino.

O homem mudou um pouco de assunto e começou a falar mais especificamente da questão principal, o final do Terceiro Ciclo e o início da era luciferina com os seiscentos e sessenta e seis dias. Momento no qual todos nós estávamos convocados a participar ativamente.

— Toda a estratégia de Lucifér estará praticamente cumprida até 1998. O palco do mundo terá sido montado. Para que as arestas se concretizem haverá necessidade de uma liberação muito grande de Poderes Infernais, o que somente acontecerá ao término do Terceiro Ciclo. Em 1998 Lucifér ganhará mais Poder e será liberado um enorme contingente de demônios sobre a Terra. Este mundo é de Lucifér, o próprio Jesus disse que estava para ser entregue ao príncipe deste mundo. Mas por uma questão numerológica temos que esperar o ano de 1998 para que seja acrescentado o Poder que Lucifér aguarda. Com a ajuda dele teremos 666 dias para completar o trabalho. Assim como existem horas do dia mais propícias para a atuação de determinadas Entidades, ou

períodos do ano, o mesmo se dá com nosso Pai. Existe um coeficiente de Poder que está associado ao Tempo chronos, ao tempo humano, ao tempo da Terra. E que se traduz num complexo numerológico, cabalístico e astrológico que não vamos desmembrar hoje. Mas este tempo será chegado. Em 1998! Falemos um pouco deste ano tão esperado. As doze Bases já estarão montadas, isso não é novidade para ninguém. Os principais veículos de propagação do reino Satânico já deverão estar totalmente difundidos pelo mundo. Entendam isso como tudo o que disse até agora: conjuntos musicais, grifes, gêneros alimentícios, filmes, vídeo games, jogos, literaturas, artes, doutrinas e práticas falsas de todos os tipos. As Igrejas falsas já deverão estar todas formadas. As "verdadeiras" completamente infiltradas. A infiltração nos sistemas de governo e todos os outros setores da Sociedade deverá ter sido terminada também! Saúde, Ensino, Política, Finanças, Rede Militar, etc. No que diz respeito à saúde, surgirão mais duas pragas epidêmicas e incuráveis na Humanidade. Uma delas foi o câncer. Haverá ainda mais duas para desafiar...e derrotar a Ciência. A solução para elas virá através do anticristo. Em se tratando do ensino nas escolas, esse é também um detalhe à parte. Em breve vocês verão que a nossa doutrina Satânica estará sendo ensinada dentro das Escolas e das Faculdades, com outros nomes, mas assim será! Também em relação ao mundo político: os principais cargos, aqueles que foram escolhidos por Lucifér, deverão ser definitivamente ocupados em 1998. Deverão ser criadas todas as circunstâncias necessárias para que se faça necessário um Governo Mundial. É preciso que o mundo venha a cogitar esta possibilidade. Havendo um Governo Mundial o passo imediato é que haja um Líder Mundial! Os próprios governantes no mundo deverão estar sugerindo isso. Muitos deles serão irmãos nossos. Para chegar nisso é continuar com o processo que já descrevi: há que se quebrar as bases da Sociedade a nível Mundo. O processo começa a nível regional e se espalha. Em cada canto do Planeta o objetivo será o mesmo. Deverá acontecer uma falência do Sistema Econômico Financeiro Mundial. Tudo gira em torno do Sistema Financeiro. É necessário que seja implantado o caos Mundial nesse sentido para que o anticristo possa trazer as soluções. A Unificação da Moeda será outro passo a ser conquistado depois desse colapso econômico. Far-se-á necessária também uma Rede de Comunicação Mundial

instantânea, provavelmente computadorizada. Haverá uma fonte universal com tentativa de unificar a Religião em algo único também. Toda a doutrina que tem sido propagada pela Nova Era enfoca muito bem esses passos! Os Estados Unidos consolidar-se-ão como Potência Mundial imbatível. Aquele foi o País escolhido por Lucifér para ser o seu reduto. Não poderá haver outra Nação capaz de enfrentá-lo, portanto a União Soviética está com os seus dias contados. O trono de Lucifér deverá estar posicionado na maior Potência do mundo. Os Estados Unidos serão cada vez mais poderosos e crescerão muito. Aumentarão também o seu poderio bélico para que sejam cada vez mais uma Super Potência. A ponto de que toda a Humanidade cada vez mais olhe na direção deste País e aceite as direções que serão dadas para o mundo. Se a direção for "Agora haverá um Governo Mundial", assim será. Se a direção for uma "Economia Unificada", com uma "Moeda Única" vigorando, ninguém poderá se opor. Ainda há Protestantes nos Estados Unidos, mas é um ínfimo resquício que continuará por pouco tempo. Ao final do Terceiro Ciclo não haverá mais Poder Cristão nenhum ali. O domínio será cem por cento. E não somente ali, a Igreja estará por um fio em toda a Terra.

(Essa reunião aconteceu há mais ou menos doze anos. Quando não havia AIDS, Internet, ventos de um Governo Mundial ou Moedas Unificadas. Também a antiga URSS estava em pé e, de certa forma, era uma ameaça aos EUA e à Base-Mãe).

O homem fez uma pausa novamente, voltou a beber água e olhou para nós com um sorriso:

— Mas falemos um pouco do Brasil! Que deverá acontecer em termos de preparo para o final do Terceiro Ciclo e o início do período de 666 dias? Em termos religiosos, vocês já sabem das 666 Igrejas falsas montadas em todo o Território Nacional. Os detalhes sobre esse trabalho será dado pelos líderes de vocês que já foram instruídos a respeito. Não serão estas quaisquer Igrejas, mas Igrejas proeminentes, formadoras de opinião! Como uma das funções delas será impulsionar as Igrejas na direção errada quando o anticristo falso se manifestar é importante que elas sejam expressivas. Em 1998 deverá ocorrer também a queda de muitos líderes evangélicos. As sementes têm sido plantadas para que venham a germinar no

tempo certo! A própria Bíblia nos direcionou o ataque. Observando as vidas de dois grandes homens de Deus o "remédio" certo foi encontrado. Davi caiu por causa da sedução do sexo. O homem segundo o coração de Deus se rendeu a uma mulher. E Salomão, o homem mais sábio do mundo, corrompeu-se por causa do dinheiro. Se formos observar o texto de I Reis 10:14 vemos que ele recebia todo ano o seu peso em talentos de ouro. Isso dava 666 talentos. Esse número não é por acaso. A revelação dele não tinha ainda chegado a homem nenhum, mas já expressava uma realidade espiritual. Através desse "pequeno" luxo em relação ao dinheiro Salomão revelava a natureza pecaminosa do seu próprio coração. Rendeu-se à corrupção, ao dinheiro. E logo veio a inclinar-se perante Astaroth! Se Davi e Salomão caíram... quanto mais os nossos Pastorezinhos de hoje! Se estes homens esqueceram os bons desígnios de Deus por causa de sexo e dinheiro, qualquer um cai! Segundo Zacarias "Fira o pastor e as ovelhas serão dispersas". Uma monitoração dos grupos evangélicos dentro das Faculdades também é de fundamental importância. Podem levantar-se líderes nesse lugares. Às vezes estes estudantes, se convertidos, podem vir a ser pedras de tropeço. Claro que não vamos gastar tempo com qualquer Faculdade, somente as melhores porque nas melhores estão as melhores cabeças. É muito importante que os estudantes já Cristãos sejam observados e os recém convertidos, enfraquecidos. Por um outro lado, o contrário também está valendo: cabeças interessantes podem ser recrutadas para nós. Não esquecer as Faculdades Teológicas mais expressivas! Nestes lugares recrutamos um ou outro que interessa... e apagamos quem não interessa! Em relação aos outros seguimentos de preparo para o anticristo o Brasil não vai diferir dos passos que eu já falei até agora. Portanto vamos agora falar um pouco daquilo que diz respeito a vocês que estão aqui hoje. Ou seja: política! Porque para isso vocês foram chamados! Vocês são a elite do nosso pelotão neste país A política se traduz em liderança, e essa liderança vai ser completa! Vamos esmiuçar isso um pouco: todos os setores políticos têm que ser englobados. No Brasil como um todo a ordem de Leviathan é a seguinte: ele escolheu 72 homens e 18 mulheres para ocupar posições específicas e estratégicas de grande destaque. Estes — apontou para nós — são vocês! "Mas...", perguntarão alguns, "nesta sala há mais do que 72 homens e 18 mulheres". Sim.

Os que estão "a mais" são aqueles que darão suporte próximo aos escolhidos. Leviathan já apontou aqueles a quem ele quer. São pessoas que nasceram em circunstâncias especiais e foram treinadas de maneira especial para estarem aptas a desempenhar bem o seu papel. O planejamento para estas pessoas já existia desde o seu nascimento.

Naquele momento passei a observar melhor quem estava presente. Todos aqueles homens a quem Marlon me havia apresentado estavam ali. O próprio Marlon estava... Zórdico, naturalmente; Taolez; e Górion, o único do meu Grupo de Conselho além de mim.

— Estes homens e mulheres foram selecionados para estarem dando início à preparação de circunstâncias favoráveis no Brasil para o recebimento do anticristo. Agilizando tudo para que ele possa atuar de uma forma muito tranqüila aqui dentro. Não adianta apenas derrubar Igrejas e fazer todo o resto. O cenário político é da mais alta importância porque ele pode coibir ou facilitar todas as coisas que queremos. Quero que fique claro que os escolhidos não vão ocupar qualquer cargo. Eles foram chamados para serem o supra sumo da ação estratégica neste lugar, para ocupar cargos expressivos. Ninguém será lançado para iniciar num posto menor do que o de deputado federal, e isto apenas para começar, porque estas pessoas têm que ter Poder de influência! A nossa luta será grande, mas alcançaremos a vitória. Principalmente porque a consciência política deste país é quase zero, e em se tratando do contingente evangélico, então, dispensa-se comentários. Enquanto eles dormem na sua postura de "política é do diabo", nós tomaremos tudo o que for necessário. De fato... a política é de Lucifér mesmo. Evidentemente todo aquele que se interpuser em nosso caminho será simplesmente eliminado! Todo obstáculo será brutalmente retirado, nada poderá atrapalhar os nosso planos. Cristão ou não cristão, se atrapalharem... morrerão. Não há o por quê continuarem vivendo. Notem o seguinte, Lucifér já determinou o lugar de cada um no Mundo. Vocês, como brasileiros, têm seu papel a desempenhar mas a Irmandade no Mundo todo prepara-se para fazer a mesma coisa em seus próprios países. Percebem a grandiosidade e a dimensão disto? Nosso exército marcha numa Unidade e Perfeição estonteantes! Quanto a vocês, suas posições

serão reveladas no devido tempo. As 18 mulheres não exercerão pessoalmente, na maioria, o Poder político. Mas serão cuidadosamente colocadas perto dos homens que queremos atingir e influenciar. E posso garantir-lhes que elas também serão muito, muito poderosas dentro do seu raio de ação.

Realmente Lucifér pensava em tudo! E o homem continuou:

— Mas temos consciência de que nem todos estarão devidamente posicionados ao final dos 666 dias. Uma boa parte, a maior parte, sim, após as Eleições de 1998. Os que faltarem entrarão nas Eleições do ano 2000 e, no mais tardar, em 2002, alavancados por aqueles que já estão em seus lugares. Então o cenário estará pronto, completamente pronto! Todos vocês continuarão sendo treinados especificamente para isso, e serão gradativamente introduzidos no cenário político do país. Assim como aquele que é treinado para infiltrar Igrejas tem que conhecer a Bíblia muito bem, vocês terão que conhecer muito bem História, Economia, Administração e Política! É óbvio que os Guias vão potencializar a força de vocês, acrescentar Poder à ela, mas há que se fazer cada um a sua própria parte. Há que se esforçar, estudar, aprender! Ninguém vai entrar de pára-quedas nessa jogada. Serão muito bem instruídos nesse sentido! Aliás, apenas para que vocês saibam, é do nosso interesse desmantelar a Bancada Evangélica no Congresso Nacional. Eles não terão grande crescimento, não darão fruto, não conseguirão manter objetivos comuns, cada um procurará defender o seu próprio interesse. Principalmente porque já foram selecionados aqueles que estarão sendo infiltrados aí para cumprir este propósito. Para causar divisão, escândalos e destruir os que ainda estarão compromissados com a "nobre causa". Eles perderão a visão!

Falou ainda um pouco mais orientando e projetando slides a respeito do domínio de cada Principado e cada Potestade, em cada região do Planeta, e terminou com diplomacia:

— Todo o apoio necessário vocês encontrarão na Irmandade. No que for necessária a ajuda da Base, estaremos à disposição. Aliás, em breve vocês terão o gosto de possuir uma Base em seu próprio país. O único país da América Latina escolhido para tal. O local escolhido, além de ser uma região portuária, representa o

início da colonização brasileira. Tem a ver com os deuses cultuados e com o domínio do próprio Leviathan. Aquele é um povo com muita facilidade de absorver influências satânicas. Os espíritos que atuam na região já dominaram praticamente em cem por cento o lugar. O evangelho tem uma dificuldade enorme em penetrar em todo o nordeste por causa disso. No entanto, a umbanda, o candomblé, a quimbanda e toda a miscigenação afro impera. O Catolicismo, o culto a Maria e a todo tipo de imagens também. A sensualidade aflora com muito vigor, fruto claro da idolatria. A Base vai aumentar ainda mais tudo isso. Enfim, é um grande privilégio estar no meio daqueles que foram escolhidos nada mais, nada menos, que por Leviathan! Tenho certeza de que todos vocês farão um excelente trabalho, capacitados por Entidades das mais poderosas!

Terminada a reunião, segui com Marlon pela alameda que nos levaria de volta ao carro. Thalya caminhava ao nosso lado e Marlon bateu no meu ombro:

— Então, como é que você se sente em ter sido um dos 72 escolhidos? Dei de ombros.

— Não posso saber se fui um deles. Tinha mais do que isso naquela sala, você sabe. Ele não disse quem eram as pessoas. Quer dizer, você sabe que é um deles, Gwyneth te disse, mas eu ainda estou no escuro!

Marlon riu, gracejando:

— Mas eu sei quem são, Eduardo. E você é um! — Ele falava com alegria na voz. — Eu vou estar bem perto de você. Aliás, a gente vai estar por perto sempre, nós vamos trabalhar no mesmo lugar! É o nosso destino.

Dei risada também, satisfeito:

— Mas como assim, no mesmo lugar? Vai ser em alguma Empresa?!

— Não acabamos de dizer que nosso lugar é na política, Eduardo?!!! O que está acontecendo com você? Acorda! Ainda está em estado de choque?

— Bom, mas...eu vou estar no Congresso?!!

— Mais do que isso. Não só estará comigo no Congresso como você é um dos que estarão na Bancada Evangélica! O Morrit vai estar com você.

— Bancada Evangélica? Pôxa, mas eu vou ter que aprender os costumes deles!

— Alguma coisa você já sabe, né?

— Ah, mas eu não quero saber deles, eu tenho nojo deles, odeio eles!!!

— É por isso mesmo que você vai estar no meio deles. O seu ódio não é encoberto a Lucifér. Você é a pessoa certa para estar ali. Mas concordo com você... de fato eles são a pior espécie que existe! Eu sei que é um trabalho difícil mas os seus Guias vão te capacitar a isso! Você começará como deputado federal.

Durante o caminho nem consegui pensar em outra coisa. Congresso Nacional.....!

Marlon nos deixou em casa e nos despedimos com a alegria de quem tem muito a fazer e sabe que a recompensa será grande. Mas ainda tive tempo de questionar, "in off":

— Mas, Marlon, eu vou ter mesmo que fazer parte do grupo evangélico? Daquele bando de falsos?!!! Eu odeio eles! Vão ficar Jesus pra cá, Jesus pra lá! Me põe em outro lugar!!

Ele riu, mas falou com firmeza:

— Espera aí! Primeiro que eles não vão te incomodar. Quem estiver lá vai ser logo neutralizado! As providências são tomadas antes. Depois, pense no seguinte. Veja o privilégio que você está recebendo ao ser... o lobo! O lobo no meio dessas "ovelhinhas". Você vai fazer o papel do Vingador! Vai vingar a afronta que os Cristãos estão fazendo contra o seu pai. Contra aquele que ama de fato os seus filhos! Você será um instrumento nas mãos de Lucifér com esse propósito. Essa missão, essa capacidade ele está dando para você. É como se ele te dissesse: "Vá lá, filho meu...e faça justiça! Eu o capacitarei para isso!". Compreende agora?

Aquilo fazia tudo mudar de figura.

— Legal! Eu vou destroçá-los!!!

— Calma! — Advertiu Marlon. — Você não poderá fazer isso se mostrar os seus dentes de lobo. Eles têm que confiar em você! Satanista nenhum entra no quartel general do inimigo e se revela como opositor. Seria o cúmulo da estupidez. Eles que fiquem à cata dos estereótipos, das roupas pretas e das caras Maquiavélicas! Nós não temos nenhum mesmo!

E então eu gostei.

***

Capítulo 7

Aproximava-se a Páscoa dos Cristãos. Para nós nada significava, mas Zórdico acenou para mim com um maço de ingressos para uma Peça de Teatro. Foi numa noite depois do Conselho.

— Olha só! Que que você acha de assistir a uma comédia?!

Olhei os ingressos e era alguma coisa referente à Paixão de Cristo. Os outros foram se aproximando de nós.

— Paixão de Cristo?! Comédia?!! Mas isso aqui é comédia? — Perguntei.

— É, sim. A gente vai dar muita risada!

Zórdico havia ganho os ingressos, um monte deles. O pessoal topou na hora. Todo mundo já foi pegando o seu.

— Quá, quá, quá! Deus não tem nem Amor pela gente... quanto mais Paixão!

— É. Um pai negligente como Ele.

E desandou o mau humor de sempre em relação ao Criador. Bastava falar de Jesus, de Deus, e a raiva era instantaneamente desencadeada. Thalya não se deu muito por convencida:

— Mas o que é que vai ter de comédia nessa Peça?

— Ué... vamos lá! Você vai ver. Vamos assistir mais uma vez

ao martírio Daquele que tentou ser Santo! É muito legal ver e rever o sofrimento Dele! — Respondeu Górion.

Marlon não fez comentários, apenas ouviu e pegou o seu ingresso. Zórdico era o mais animado com o programa. E ficou marcado para o sábado.

No sábado Thalya já chegou meio de bico. Estava sem nenhum carro com ela e teve que subir tudo a pé. Da sua casa até o ponto de encontro na Igreja perto da Avenida eram vários quarteirões.

— Mas que coisa. Que subidinha mais chata! Podiam ter marcado numa outra Igrejinha, heim? Tem uma outra lá pra baixo!

Não esperamos muito e Marlon passou junto com Rúbia para nos pegar. Ela estava na direção. Para variar, Marlon nunca dirigia. Nem bem arrancamos e Thalya já começou:

— O, Rúbia, me deixa dirigir um pouco esse carrão! Deixa experimentar!

— Não, não. Você é muito novinha pra dirigir um carro desses! — Fez ela com seriedade só para provocar.

— Sou nada. Eu dirijo o Escort! Dirijo o Santana!

— Não. Esse carro você não vai dirigir! Marlon interveio com ar de "o todo-poderoso":

— Larga de ser chata, Rúbia! Deixa a menina dirigir um pouco.

E Thalya já começou a gritar toda alegre:

— Oba, oba! — E pulou sobre os bancos caindo lá na frente em cima de Marlon e Rúbia.

Só que aí ela não conseguiu mesmo dirigir muito bem. O carro era muito grande e cheio de frescura.

— Ah, Rúbia, pode dirigir você! Não quero mais! Fica você aí de motorista que eu vou ficar aqui atrás esticadona!

Rúbia assumiu de novo a direção e deu uma olhadinha pelo retrovisor como quem diz: "Como você é folgadona, isso sim!"

— Não tem nada aí pra comer, Marlon? — Perguntei.

Sempre tinha alguma coisa pra comer naquele carro. Abrimos o frigobar e pegamos uns refrigerantes. Tinha uns sacos de salgadinho por ali também, que foram triturados.

Fomos encontrando com o resto dos nossos amigos que nos esperavam em pontos marcados pelo caminho. Uma comitiva de uns quatro carros finalmente se alinhou um atrás do outro. E fomos para o Teatro que ficava lá para os lados do Bexiga.

Sentamo-nos todos num bom lugar, lado a lado, bem na frente. Thalya ficou na ponta, perto do corredor, eu me sentei ao lado dela. Marlon ao meu lado, Zórdico ao lado de Marlon e a fileira continuou. Rúbia, Górion e Kzara sentaram-se na nossa frente. Kzara era a mais risonha, alegre como sempre. Eu gostava de mexer com ela só para vê-la cair na gargalhada. Qualquer coisa que eu dissesse sempre era muito engraçado!

Estava divertido e por incrível que pareça esperávamos com impaciência pelo início. E logo a Peça começou. Houve uma parte narrativa, uma contextualização da época, do Império Romano, da vida de Cristo, essas coisas. Mas o enfoque principal realmente foi na Paixão de Cristo. À medida que a Peça se desenrolava nós começamos também a não nos conter muito.

A parte em que Pilatos falou que tinha o Poder tanto de absolver Jesus quanto de condená-lo foi o estopim para que ninguém mais conseguisse manter a boca fechada.

— Você só tem esse Poder porque do Alto lhe foi concedido! — Disse o ator que fazia o papel de Jesus.

— Ah, ah, ah! O próprio Deus falando pro seu assassino: você só pode me matar porque Eu estou deixando, heim?! — Cochichou Ariel.

E "qui, qui, qui, quá, quá, quá!". Eram só chacotas e mais chacotas. Qualquer atitude de Jesus na Peça desencadeava uma torrente de muitos risos baixinhos. O olhar, a expressão de sofrimento, tudo era motivo. Zórdico era o mais cínico, falava besteira após besteira o tempo todo. A musiquinha era ridícula, tudo era ridículo no nosso entender, desde as perninhas finas de

Pilatos na sua "sainha" até o capacete dos soldados romanos, a armadura que parecia um abridor de latas.

— Nossa, podiam ter pego um Jesus mais bonito, esse cara tá um trapo! — Falou Thalya me cutucando. — Que ator mais maltrapilho.

E finalmente chegou a hora da Crucificação. Todos nós continuávamos com risadinhas e comentários impublicáveis. O único mais quieto era Marlon, cujo senso de humor não se deflagrava tão facilmente assim. Ele esboçava alguns sorrisos apenas, voltando os olhos de um para outro, escutando os cochichos e comentários, só olhando. Mas a idéia foi dele.

Em dado momento ele se inclinou sobre o meu ombro e comentou:

— Vai, vamos nos divertir um pouco. De verdade.

— Mas eu já estou me divertindo. Já tá divertido!

— Não, não é isso que eu estou falando. Você tem Poderes novos agora. Os Guias te obedecem, você pode interferir nessa história aqui.

Olhei de novo para o palco, próximo ao momento "D", a hora da Crucificação.

— Interferir nessa história?!... Mas é só uma Peça!

— Você pode mudar o final dessa história. Pode dar o final que quiser. De fato essa Peça tem começo, meio e fim. Alguém escreveu tudo nos mínimos detalhes. Mas você pode interferir nela. E também em qualquer outra história! Não é interessante saber que você tem o Poder de interferir na História de verdade?! Na história da vida das pessoas, da Humanidade...! A Peça é um pequeno exemplo. Mas estou te apontando algo muito maior: você tem o Poder de interferir, de mudar, de alterar o curso... independentemente do que já tenha sido escrito! A vida das pessoas tem começo, meio e fim. Como a Peça. Mas assim como você pode mudar o final dessa Peça... pode fazer o mesmo com a vida daqueles que cruzarem o seu caminho! Apesar de Deus já ter "escrito" todos os dias dessas pessoas. Lucifér tem esse Poder. Afinal de contas, Deus somente se arrependeu porque alguma coisa

aconteceu de errado! Alguma coisa saiu meio diferente do que Ele tinha planejado, caso contrário não haveria arrependimento. E quem foi que conseguiu alterar o resultado? Alterar o curso da História? Mudar o que Deus tinha planejado? Alguém foi capaz de interferir naquilo que já estava escrito! E você começa a ter esse Poder agora. Esse Poder é dos filhos do Fogo!

Fiquei impressionado e meio calado. Zórdico virou a cabeça e resmungou: — Taí, gostei! Fogo!

— Fogo? — Falei.

— Fogo?! — Ecoou Thalya.

— Fogo? Fogo?!

— Fogo!!

Todo mundo ria e repetia a palavra sem saber do contexto, por pura brincadeira.

— Alguém disse fogo?

— Que tal... fogo? No Cristo?! — Interveio Marlon. — Vamos torrar Jesus!!! Vamos programar uma morte diferente pra Ele!

Rúbia desatou a rir:

— É isso aí! Jesus assado!

— Isso, ótimo! Jesus na brasa!

— Bem passado ou mal passado?

— Vamos empalá-lo, então! Jesus no espeto!

Foi uma baixaria incontrolável. Mas até então eu achava que aquilo era uma mera brincadeira, mas Marlon, rindo a valer pela primeira vez, tornou a me cutucar.

— Pois então... faça! — Disse—me ele. — Dá ordem!

— Ordem?

— É, pode dar ordem! Não hesitei mais. Estendi apenas a minha mão e falei as palavras de evocação de Abraxas. Em seguida, acrescentei:

— Faça com que aquele manto se incendeie.

E fiz o sinal do Pentagrama no ar, empurrei-o na direção do Jesus que estava quase crucificado, deitado sobre a cruz de madeira. E diante daquele Teatro lotado de repente o manto que envolvia o personagem começou a incendiar de leve. Mas em segundos subiu muito rápido, como que num assopro do meu Guia o fogo alastrou-se e o personagem tornou-se uma bola incandescente aos gritos.

Foi uma correria, um verdadeiro auê! O Pilatos também passou mal imediatamente, vomitou de maneira incontrolável ali mesmo. Baixaram a cortina e nem vimos como apagaram o fogo.

Essa foi a hora em que rimos mais, quase não conseguíamos nos controlar.

— Quiá, quiá, quiá!!! Torrou mesmo Jesus! Vão ter que encontrar um outro!

— Quem sabe encontram um mais bonitinho da próxima vez! — Falou Thalya de novo.

Subia um cheiro de queimado que inundou o Teatro. Era mais engraçado ainda olhar para a carinha assustada de todo mundo. Num primeiro momento ninguém sabia bem se aquilo fazia ou não parte da Peça. Passaram-se alguns minutos e nada. Finalmente apareceu uma pessoa no palco. Ele afastou a cortina e deu alguns passos na direção do público. Nem fazia parte dos atores, não estava vestido a caráter.

— Peço desculpas em nome da nossa comitiva. Todos os presentes terão seus ingressos carimbados e poderão vir assistir à Peça em qualquer outro dia. Hoje, por motivo de força maior, a apresentação está suspensa devido ao acidente com o ator.

Nós mal conseguíamos ficar sérios. Saímos rindo a mais não poder e fomos direto para uma pizzaria para poder comentar à vontade sobre a "comédia". E sobre como eu tinha modificado o final dela.

Mas aquilo ficou na minha cabeça a semana toda. Que coisa. Não tinha sido necessário nenhum preparo, nenhum objeto, nada. Uma palavra minha e acabei com a peça! Inacreditável!

Alguns dias depois, uma tarde eu estava sentado sozinho em frente de casa tomando um sol. Só olhando para as árvores, pensando na vida, quieto. Até que veio vindo lá de cima um rapaz que volta e meia passava por ali. Tinha uns 22 ou 23 anos e era meticuloso: sempre vinha sem camisa e com a maior pose de "pancudão"! Eu já conhecia a figura de vista. Era o típico metido a "musculoso". Só que ele não sabia bem a diferença entre gordura e músculos: ele era mais gordo do que forte!

E naquele dia olhei... e me impliquei. Falei baixinho os encantamentos de evocação. Assim que senti Abraxas perto de mim, sempre olhando com raiva gratuita para o rapaz que quase passava à minha frente do outro lado da rua, pedi:

— Queria que esse cara morresse! E no meu ouvido esquerdo veio a voz dele:

— Você tem certeza?

— Não... morrer, não! Mas bem que ele podia sofrer um pouquinho. Que cara mais folgado! Ele é muito metido!

Nem bem terminei de falar e vi um vulto negro atrás do rapaz. Aconteceu bem ali à minha frente. De repente o vulto se adiantou e passou à frente dele. Então vi que o demônio estendeu a mão e como que atravessou o tórax do homem, adentrou por ele...e começou a apertar o seu coração!

Mas aí minha visão do demônio se fechou e pude contemplar apenas os resultados.

O jovem foi envergando, envergando, levou a mão ao peito com força e o rosto estava cheio de dor. Finalmente ele se deixou cair na calçada, se contorcendo. Na hora me ergui um pouco, pensei comigo:

"Nossa, ele vai morrer mesmo!!!!"

E de novo a voz de Abraxas:

— Quer que continue? Podemos levar a alma dele agora mesmo pro Inferno?

— Não, não, não! — Fiquei até assustado com aquilo. — Deixa ele, deixa ele! Não faz mais nada!

E aí vi que lentamente o rapaz parece que começou a melhorar. A dor diminuiu, começou a respirar melhor. Ficou ainda sentado um tempo, tão preocupado consigo mesmo que nem me viu do outro lado da rua. Não havia mais ninguém ali aquela hora.

Finalmente ele se levantou com um pouco de dificuldade. E seguiu seu caminho massageando o peito, o rosto preocupado.

Quanto a mim, deixei-me ficar ali um bom tempo ainda. Nem eu conseguia acreditar no Poder!

"Puxa vida... eu posso realmente mudar a História. Eu poderia ter mudado o curso da vida desse rapaz! Com uma única palavra..."

E me senti o máximo! "Nossa, como sou poderoso! Vou ser muito mais em breve!"

***

A questão das legiões que nos acompanhavam era um aspecto à parte e só se compreende perfeitamente o seu modo de agir com o passar do tempo.

No meu caso, após as aberturas dos Portais passei a ter contato com nove grandes Potestades e Principados. Ou melhor, era mais um oferecimento da minha vida a eles do que propriamente um contato mútuo. Porque eu não tinha ainda patente para fazer movimentar a Força de alguns deles. Lembrei-me de quando eu era ainda um Aprendiz ou um Mago, e Abraxas reagia aos meus comandos somente mediante a sinalização por meio de objetos. Não que lhe faltasse Poder para causar grandes destruições na ausência de um lenço ou cabelo da vítima. Mas é que eu não tinha ainda atingido o patamar hierárquico necessário para que assim acontecesse!

O mesmo se dava também com alguns daqueles demônios muito poderosos com quem eu tinha entrado em aliança através dos Portais. Ou seja, eles somente responderiam totalmente ao meu comando quando eu subisse ao nível de Bruxo, ou mesmo Sacerdote. Mas a aliança já estava firmada. Só teria que aguardar o tempo certo para que efetivamente se manifestasse o nosso vínculo

em pés de "igualdade".

Era um privilégio a ser conquistado, sem dúvida!

Mas quando eu me relacionasse plenamente com Adramelech, Azazel, Abadom, Menphus e os demais teria um Poder incalculável. No final do Terceiro Ciclo eu poderia dispor completamente daquele Poder. Os Principados e as Potestades, como espíritos territoriais que são, exercem domínio extenso mediante a sua rede de comandados. Isto traduz-se em um Poder mais ou menos abrangente conforme se tenha a capacidade de fazer mover a Força deles.

Por enquanto, como Feiticeiro, o meu raio de ação de Magia estendia-se apenas pelo Território Nacional. Eu poderia lançar um Feitiço de São Paulo e atingir alguém no Amapá ou no Rio Grande do Norte sem ter que ir até lá e nem depender de ninguém de lá.

Mas mais tarde meu Poder se estenderia por toda a América Latina. E poderia aumentar ainda mais.

Alguns desses nove demônios poderosos que me haviam escolhido tinham sob seu comando nove legiões de dezoito demônios cada uma delas. Outros governavam outros tipos de legiões. Isso significava que estavam já ao meu alcance parte daqueles milhares de demônios de patentes altas. As castas continuam descendo, cada uma das Potestades tem milhares de demônios ao seu comando.

Foi somente então que comecei a compreender como é possível lançar um Feitiço e atingir alguém do outro lado do mundo. Se tivermos acesso a Principados poderosos — e patente compatível para movimentar essas forças — assim acontece!

Mas enquanto não se tem ainda tão grande Poder a comunicação e a Unidade dentro da Irmandade faz-se necessária. Se um inimigo precisa ser alvejado e ele sair do nosso território de ação, é preciso comunicar irmãos que possam fazer isto por nós. Ou por terem mais Poder... ou por estarem mais perto do outro território.

***

Logo comecei a freqüentar as reuniões específicas que me prepararíam para o meu destino espiritual dentro do âmbito político. Sabia para o que tinha sido escolhido. Apesar de faltar ainda muitos anos, o trabalho seria árduo.

Primeiro aconteceram alguns Congressos que reuniram os 72 homens e as 18 mulheres escolhidas. O primeiro foi em Curitiba. Passamos um final de semana num belo Hotel e um homem veio de São Francisco, da Base, para palestrar. Para todos os efeitos, diante do mundo aquela era apenas uma Convenção comum. Coisa freqüente dentro das Empresas. Não despertava a atenção de ninguém.

Do meu Grupo de Conselho fomos apenas eu, Marlon e Górion. Os demais não faziam parte dos noventa escolhidos. Eu e Marlon ficamos muito próximos. Mas Górion já estava selecionado para fazer parte de uma subdivisão diferente dentro daquela estrutura.

As palestras duravam o dia inteiro mas nem todos participavam de todas as reuniões. Ficou implícito que alguns daqueles escolhidos não eram membros diretos da Irmandade, mas faziam parte dos Braços mais próximos. Ocupavam cargos de alto escalão. As posições de maior destaque na estrutura política eram destinadas à Irmandade, mas aqueles figurões de "fora" tinham seu quinhão estratégico. Ainda que em minoria. Por isso era claro que nem tudo se podia dizer na frente de todos.

Eu e Marlon fomos chamados a participar das reuniões na íntegra. Quando o grupo era menor naturalmente o descortinar da estratégia era maior. Quanto maior o Poder futuro naquela pirâmide mais dados seriam acrescentados.

Neste Congresso foram repetidas as diretrizes em relação ao final do Terceiro Ciclo e enfatizou-se muito os anos de 1998, 2002 e 2006. Novamente ficou claro que nem todos conseguiriam estar posicionados em seus lugares já em 1998 por causa de possíveis interferências das Igrejas remanescentes com suas orações de guerra. Mas a margem de erro era pequena.

A novidade principal foi a abordagem totalmente nova a respeito da capacitação a ser dada pelos demônios. Para que

exercêssemos bem o nosso papel futuramente foi-nos dito que receberíamos um Poder completamente diferente de tudo que eu já tinha visto. Que seria estabelecido através de um "Elo de ligação".

— Normalmente as Entidades vêm até nós por meio dos Ritos e dos Portais abertos. Mas agora será diferente. Nós iremos até eles! Assim como existem "níveis" de Céu, o mesmo acontece com o Inferno. E há uma região no Inferno, uma Galeria onde habitam demônios que ainda não são operantes no nosso mundo. Uma espécie de grupo de retaguarda. Seres que estão à espera do sinal de comando para invadir a Terra e que darão todo o aparato de proteção e Poder ao anticristo. Estão como que nos bastidores do Inferno, soldados camuflados esperando pelo tempo certo: o toque da Trombeta. — Foi explicando o homem de terno bege à nossa frente. — Esse exército de retaguarda começa a ser liberto de forma progressiva a partir de março de 1998. Mas especialmente no findar dos 666 dias, na passagem do ano 2000, uma grande parte será enviada. Por isso é óbvio que o que se vê hoje na Terra não é o Poder total de Lucifér. Ele está guardando os seus melhores guerreiros para o fim! E se o mundo já está mergulhado num caos desde já, e a inoperância de Deus é completa, quanto mais nesse tão esperado período?! Quando Lucifér liberar cem por cento do seu Poder? Quando a Bíblia fala de terremotos, maremotos e grandes cataclismas está falando em outras palavras de manifestações demoníacas. Porque eles têm Poder sobre a Natureza! Se o próprio Jesus repreendeu a tempestade era sinal de que havia alguma coisa por trás daquela tempestade. Não era um fenômeno comum. Mas se os demônios podem dominar a Criação do Criador... o que não farão com todo o resto?! Deus criou os Céus, a Terra e tudo o que neles há. Mas veio Lucifér, que agora comanda tudo! Ele não somente tomou posse de tudo, mas também sentou-se na cadeira de comando. E no Apocalipse acontecerá que Lucifér dará também ordens à Natureza para que ela aja em favor dele e do seu exército.

Eu ouvia bastante interessado. Realmente não tinha idéia daquilo, que há demônios que nunca saem do Inferno, mas esperam pelo tempo do fim.

Quanto a nós, dali em diante deveria acontecer o contato com esses demônios preparados para o confronto final. Do mesmo jeito

que eles dariam o respaldo ao anticristo, nos capacitariam desde já com o mesmo intuito. Justamente por sermos a futura liderança que montaria o palco para o governante dos últimos dias era imprescindível o contato imediato com eles.

— Mas eles estão no Inferno. — Disse novamente o homem que dirigia a palestra. — E de lá não sairão antes que se cumpra o tempo estabelecido. Então dessa vez vocês é que vão até eles! Descerão até a dimensão do Inferno e serão apresentados para que se estabeleça o Elo. Seus próprios Guias os levarão até lá!

De fato... tudo isso era muito novo.

***

Houve ainda mais dois Congressos de temáticas semelhantes. Um em Florianópolis e outro em Recife. Viajamos para mais dois finais de semana em cada uma destas cidades. Em Florianópolis Thalya esteve junto comigo. Enquanto eu assistia as palestras ela ia à praia, fazia compras. Só divertimento! Depois nem perguntava o que tinha sido discutido na reunião. Ela sabia muito bem que não era tempo de saber. Mas foi uma boa companheira para os raros momentos de folga.

Os pontos-chave nesses dois encontros foram as cidades mais importantes a serem completamente dominadas. Toda a região de São Paulo era importante. Até em relação ao crescimento de Igrejas Evangélicas era um dos maiores focos do Brasil. O interior paulista tinha sua importância, mas em menor escala, uma vez que já tinha sido bastante contaminado principalmente com a Maçonaria.

Houve menção especial ao Sul do Brasil e à Bahia. Belo Horizonte, Brasília e algumas outras cidades de menor importância estratégica foram salientadas também.

Haveria oportunidade de conhecer uma boa parte delas. Em ocasiões subseqüentes Marlon levou-me a conhecer diversos Núcleos Satânicos nesses lugares.

***

Depois dos três Congressos os noventa escolhidos foram distribuídos em grupos de apenas cinco participantes. Cada grupinho desses teria seu treinamento individual conforme as direções de Lucifér ao longo dos anos. Eu e Marlon ficamos juntos, e conosco mais dois homens e uma mulher. Ela não era de São Paulo, vinha somente para essas reuniões, uma vez por mês. Sempre nos reuníamos em casa de Zórdico ainda que ele mesmo não participasse conosco. Quase sempre Marlon comandava.

Deixou-se um pouco de lado aquela história de descer até o Inferno. Não aconteceria de imediato.

Começamos então, a princípio, aprendendo muito especificamente sobre Leviathan. Seu Poder, sua história, sua influência no País. Depois falou-se muito do Brasil em si. Um pouco de História antiga e atual, a questão da situação econômica, social, racial. Um panorama de cada estado do País foi esboçado, sua geografia, sua produção, sua história quando interessava. Foram esmiuçados um pouco dos costumes de cada região, até hábitos dos mais efêmeros: que tipo de comida e bebida são apreciados, que tipo de roupa se usa, as crendices regionais. Também repassou-se uma visão comparativa em termos de crenças religiosas e como se fazia a distribuição geográfica delas. Alguns aspectos particulares do Brasil foram detalhados: aonde há maior sensualidade, aonde estão as maiores concentrações de evangélicos, índices de criminalidade, etc.

Pareciam as aulas de história, geografia e ciências políticas que se tem no colégio.

São Paulo em especial foi muito bem esmiuçada. É uma cidade de fato interessante porque comporta-se como uma "região-espelho" de todo o Brasil. Em São Paulo há como que um resumo de tudo o que aparece pelo país inteiro.

Cidade de enormes contrastes: grande industrialização e mecanização ao lado de pobreza das mais intensas. É um centro financeiro, um centro cultural, um centro comercial, um centro político; vive debaixo de muita prostituição por causa da vida noturna intensa, é detentora de uma violência privilegiada, exala corrupção; tem alta rotatividade de narcotráfico, uma concentração

muito grande de todo tipo de Igrejas, uma enorme miscigenação. Passada a fase dos panoramas brasileiros em todos os seus aspectos iniciamos efetivamente um esboço de como funcionava o sistema político. Quais eram as figuras mais proeminentes na época, a quantas andava o atual governo. Algumas predições sobre ele foram feitas. Aprendemos também algo sobre as leis, as emendas, a hierarquia, os partidos políticos. Vimos como funcionava a cadeia de influências que podem ser exercidas uma vez que se atinja um cargo de Poder.

Os componentes dos pequenos grupos estavam esperando instruções sobre quando e como seriam lançados. Mas não havia ainda um definição clara sobre as funções a serem exercidas. Conforme Lucifér fosse analisando o cenário e o potencial de cada um, ele mesmo indicaria quais peças deveriam entrar em cena. Nossa parte era estar preparados. E continuar na caminhada de Consagração aos Guias.

— Quando todos tiverem ocupado os seus cargos... — Disse-me Marlon certa vez. — O tipo de governo que cada um exercerá será perfeito. Nós não estaremos sujeitos ao "erro" porque os Guias existem desde antes da fundação do mundo. Eles sabem perfeitamente o que fazer. Nos darão a orientação certa, não estaremos sujeitos às falhas que os seres humanos estão. O homem erra porque ele não tem a mente que Lucifér tem!

***

Começamos a entrar em detalhes acerca de algumas castas hierárquicas de demônios, sempre dentro do âmbito das Potestades e dos Principados. Vimos com maior riqueza as suas particularidades, com muitas minúcias. Desde a classificação até a sua forma de atuação, e os Ritos específicos para desenvolver cada tipo de Poder específico.

Quando a Bíblia fala sobre "seta que voa ao meio-dia" ou da "Lua que molesta à noite" está falando de legiões que atuam em determinados horários, ou

períodos, de maneira mais forte. Por exemplo, há demônios especialistas em causar doenças graves e que atuam apenas na área

da saúde. Há outras legiões específicas de demônios que trabalham na mente das pessoas, no consciente, subconsciente e inconsciente delas. Esses demônios não estão ligados necessariamente às doenças mentais — ainda que possam fazê-lo — mas à capacidade de persuadir as pessoas a aceitar uma idéia e rejeitar outra, por exemplo. Isso significa que eles podem tanto influenciar a opinião das pessoas como também causar todo tipo de distúrbio tido como psicológico e psiquiátrico. Outros são especialistas em unir ou desunir pessoas, estão muito ligados aos vínculos humanos e às suas alianças. Alianças de casamento, de família, de irmãos, de amigos... entre políticos...

Outros atuam no segmento da violência. Outros potencializam ou retiram talentos específicos de pessoas específicas; outros são demônios de sensualidade; outros, de morte, e etc... etc... etc....a lista foi infindável, um longo estudo.

Uma vez que se conheça o seu destino espiritual dá-se início a um conjunto de estudos e contatos com os demônios específicos da área para a qual se foi escolhido. E que não têm nada a ver com o resto da Irmandade. Os Ritos específicos vêm descritos no Livro dos Grimões e são trancados debaixo de trilhões de chaves. Outras pessoas da Irmandade que não tenham sido chamadas para o mesmo fim nem ficam sabendo nada a respeito, são segredos guardados dentro de cada grupo de treinamento. Além de ser uma forma de proteção, é impraticável todos saberem tudo acerca de tudo e todos! Por causa da complexidade muito grande destes Rituais. E assim como eu nada saberia sobre os Ritos específicos de outras fatias de atuação... eles também nada saberiam sobre nós.

E então, finalmente, começamos alguns treinamentos específicos para posteriormente realizarmos o Ritual que nos levaria até a dimensão do Inferno. Primeiro o treinamento era individual. Eu devia aprender a fazer sozinho para depois fazê-lo em conjunto. Como uma coreografia. Primeiro você aprende a sua parte e só depois dança junto com os demais.

Para que o balé se tornasse perfeitamente afinado cada um tinha que fazer muito bem a sua própria parte. Pois aquelas práticas eram em extremo complexas, muitíssimo sigilosas, e não se podia pensar em brincar com algo de tal seriedade. Foram sendo

descortinadas questões extremamente secretas da Alta Magia.

As partes necessárias do Livro dos Grimões foram traduzidas para cada um a fim de que começássemos a compreender aquele novo contexto.

Era claro que havia uma série de obrigações periódicas a cumprir até o ano de 1998. Algumas orientações já tinham sido dadas, como a visita ao Inferno. Outras viriam apenas com o correr dos anos. Estas obrigações culminariam aos poucos no Poder de que necessitávamos para atuar.

Mais tarde ficamos sabendo que a questão da liderança do país não era somente política, mas envolvia também a polícia, a área do Direito e certos patamares dentro da mídia.

No meu caso fui direcionado a participar de um tipo de Ritual que seria feito na Lua Cheia. Outros grupos, eu sabia, ao contrário: trabalhariam na Lua Nova, ou na Lua Minguante. Assim nós conseguiríamos fechar uma aliança entre nós, um círculo onde cada um estaria mais forte dentro de um período, especializado dentro de um quadrante.

Eu estaria me especializando em um tipo de Ritual para uma legião de demônios que tinha ação na mente. Aqueles capazes de influenciar opiniões, facilitar a persuasão, fazer nascer e fazer morrer idéias e também causar distúrbios de loucura. Me seria dado o dom da palavra e o dom da persuasão. O que seria muito importante no lugar aonde eu estaria.

Eu ainda não tinha esta legião me acompanhando, mas os novos Ritos que se aproximavam iriam aos poucos me colocando em contato com eles. Aprendi que alguns demônios podem controlar pessoas à distância, e aquilo me deixou outra vez de boca aberta. Com aquele novo conceito em mãos me ficou mais claro como seria possível que seres de dentro do Inferno pudessem dar capacidades a quem estava na Terra. Eu sempre tinha imaginado que para haver influência os demônios necessariamente têm que estar pelo menos por perto, ou então canalizar. Achei incrível!

Assim como o homem, na sua limitação, foi capaz de desenvolver o "controle remoto", quanto mais os seres espirituais

não são capazes de fazer algo parecido? Só que com muito mais técnica!

O que existe entre um aviãozinho e o seu controle remoto, além do ar? Um aviãozinho pode voar bem alto e, sem sair do chão, nós pilotamos todos os seus caminhos. Isso só acontece porque existem ondas de rádio que, emitidas pelo controle remoto, acionam os motores do avião à distância. Mas não é qualquer controle remoto que move qualquer aviãozinho. Tem que ser o controle certo para o avião certo, ou seja, é necessário o acoplamento entre um e outro. A ligação entre um e outro. O Elo.

O mesmo pode acontecer com os seres humanos e as Entidades espirituais. À nossa volta não existe apenas ar, há também um campo energético complexo e vasto que não enxergamos, mas que está ali. Os demônios podem movimentar este campo externo, podem lançar de si mesmos uma "carga" energética que vai causar uma mudança no campo como um todo.

Isso leva à produção de um estímulo eletromagnético capaz de interagir no nosso cérebro, pois ele funciona através de impulsos elétricos. Daí resulta uma reação orgânica, bioquímica. Uma reação "corporal"!

Em outras palavras, se os demônios puderem causar essa interferência elétrica cerebral... eles controlarão à distância qualquer indivíduo! É o mesmo princípio do controle remoto que age por meio de ondas de rádio e movimenta o avião. Desde que haja como estabelecer o Elo, aonde ligar esses "fios" invisíveis... os seres humanos podem ser manipulados como perfeitas marionetes pelo mundo espiritual.

É simples depois que se compreende o conceito.

Ficou claro, então, que era mais ou menos isso o que aconteceria conosco quando descêssemos ao Inferno.

(Eu ainda não sabia, mas os demônios podem estabelecer esse tipo de ligação com quem eles quiserem, de forma inconsciente ou subliminar. Desde que haja como haver o acoplamento. No caso dos "órfãos" era muito fácil. Há muitos pontos fracos. E no caso dos Cristãos a maioria das vezes também

não era diferente: podem ser encontradas brechas para o controle à distância).

***

E uma vez terminado o treinamento específico estávamos preparados para realizar o Ritual em conjunto. Seríamos levados pelos nossos Guias ao passeio pela Galeria Infernal aonde estavam os soldados dos últimos dias.

Levei um pouco de tempo para digerir aquela experiência absolutamente estranha. Marlon já estava bastante acostumado àquela prática, mas para mim era novidade. No entanto ele não disse nada e nem me preparou antecipadamente.

Nos reunimos os cinco em casa de Zórdico, como sempre, numa sala especial para aquele fim. E sem maiores delongas fizemos cada um dos passos Rituais necessários. Colhemos um pouco de nosso próprio sangue na região do umbigo, desenhamos com ele um Pentagrama no abdome, bebemos a poção, passamos um ungüento especial no corpo todo. Havia música e incensos. Uma atmosfera propícia nos envolveu.

Todos os passos para o desdobramento foram lentamente seguidos. Somente por desdobramento nós sairíamos daquela sala e iríamos em direção ao nosso destino.

.....

Senti meu corpo flutuando. Por uma fração de segundos pude ver os nossos corpos ficando lá embaixo. Atravessei o teto, subi, e tão logo saí da casa senti meu corpo sendo sugado. Literalmente aspirado para dentro de um túnel escuro como se estivesse dentro de um cano de aspirador. Tive a sensação de ver as coisas passando muito rápido perto de mim. Extremamente rápido. Pelo menos assim me pareceu.

Me questionei muito a respeito depois. Teria sido uma alucinação? Um comportamento dirigido, pré-sugestionado?...

Mas a verdade é que ao final daquele túnel escuro fui

projetado num cenário esquisitíssimo. Um lugar como um "Grand Canion" de pura rocha, com vastas depressões muito profundas, picos montanhosos altíssimos. Senti como se fosse cair naquele precipício, ir direto para o abismo lá no fundo, mas não foi o que aconteceu. Simplesmente eu flutuei acima daquela paisagem impressionante, daquele céu em tom lilás.

E não houve tempo para mais nada, tive apenas a percepção de Abraxas ali ao meu lado e de repente eu já estava dentro de uma sala. Ou do que parecia ser uma sala. De altas paredes de pedra e iluminada brandamente por alguma fonte luminosa que eu não sabia dizer de onde vinha. Não havia ali velas, ou tochas, ou lâmpadas. Mas estava iluminado de forma que eu enxergava bem.

Senti de pronto um cheiro adocicado, agradável. Mas um pouco sufocante.

E então eu o vi. Belfegór. Um demônio imenso, como eu nunca imaginara. Estava sentado num trono de pedra e ladeado por dois outros demônios com aspecto de lobos. Deviam fazer o papel de guardas ou sentinelas.

Belfegór parecia uma espécie de minotauro, mais para o lado humano do que animal. Muito grande, muito forte. Os pés tinham cascos. E o seu cetro exibia na ponta um crânio humano, no seu cajado havia pedaços de vísceras e membros humanos grudados. Pareciam reais.

Não tive muita oportunidade de ver mais nada. Ele olhava para mim e sua voz soou de maneira fortíssima. Ele falava e eu sentia tudo tremendo e vibrando à minha volta.

— Quando soar o toque da trombeta você será revestido de um Poder incalculável. Mas por enquanto eu não tenho muito o que te dar. Mas o que eu tenho, eu te dou. Você vai sair daqui hoje com uma capacitação especial. Quando você falar, eu falarei através da sua boca. E as pessoas vão ficar magnetizadas, atraídas, dominadas por isso. A sua palavra terá muito Poder. Você vai ser muito usado pelo mecanismo das palavras. A partir de hoje, a sua mente é minha mente... o teu corpo é meu corpo... a tua força é minha força! E eu darei sabedoria à sua inteligência.

E então ele estendeu a mão na minha direção e tocou a minha cabeça. Seus dedos terminavam em garras. E quando ele imprimiu o indicador no centro do meu crânio, no Nono Portal, senti uma pontada. Mas aí ele falou novamente:

— Nós estamos ligados. Foi feito o Elo. Você ganhou um outro nome ao seu lado. Agora você tem o conhecimento de Belfegór.

E me falou a sua patente, a qual já não me recordo. Me senti lisonjeado, e a sensação foi tão ímpar naquele momento que não consegui pronunciar uma só palavra. Foi impossível abrir a boca, a impressão que me dava é que nem boca eu tinha. Quanto mais ser capaz de produzir algum som com ela.

Imediatamente senti minhas costas arrepiando, somente as costas. E meu corpo foi sugado com muita violência para trás. Minha coluna até estalou, meus ossos pareciam remexer-se por causa daquela sucção muito forte. Vi tudo afunilando à medida que entrei de costas no túnel. Até que a visão desapareceu e quase de imediato eu senti um baque, um tranco... e minha cabeça bateu fortemente no chão.

Eu estava de novo na casa de Zórdico. Mas me pareceu como se tivesse caído, como se tivesse sido jogado do teto até o chão. Ou como se estivesse dormindo e acordasse do meu sono com o barulho da minha cabeçada. "TUM"!

Meu corpo estava dormente, formigando, esquisito. E junto com isso veio uma sensação de refrescância em todo o corpo. Mais ou menos parecida como quando chupamos uma bala de menta e tomamos água em seguida. Era gostoso...

Levantei meio aos trambolhões e fui direto para o chuveiro tomar um banho. Queria tirar logo aquele ungüento do corpo. Nem liguei para os outros. A bem da verdade nem me lembro seja estavam de volta ou não. Não faria muita diferença porque ninguém deveria comentar nada acerca de suas experiências individuais. Pelo menos não num primeiro momento.

Entrei debaixo do chuveiro e quando passei a mão pela cabeça vi que estava suja de sangue. O lugar aonde eu tinha sido

tocado pelo dedo de Belfegór estava sangrando. Tentei olhar o que havia ali mas não vi muito bem por causa do sangramento, que durou um tempo ainda. Deixei de lado.

Não houve a formação da crosta normal de um ferimento normal. Depois de alguns dias criou-se um tipo de escamas muito finas naquele local. E a pele ficou meio grossa, áspera. Somente naquele diminuto ponto. A região descarnou como cal, como uma farinha fina, durante um tempo.

E depois ficou uma marca, uma pequena circunferência de coloração esbranquiçada aonde não nascia cabelo. No Nono Portal. Lembrei-me da antiga teoria: o Nono Portal, o mais poderoso, precisava de três Ritos para ser completamente aberto. Eu já tinha passado por um. Teria sido esse o segundo? Estaria mais aberto ainda o meu Portal?

Fiquei super-cabreiro. Confuso. E tive receio de voltar novamente ao Inferno, falar de novo com Belfegór. Nem sei por quê. Não havia motivo aparente!

"Que coisa estranha... será que eu fui, será que não fui até o Inferno?... Mas fiquei com uma marca..."

Embora não pudesse conversar com outras pessoas, a Marlon pude perguntar algumas coisas. Ele me escutou limitando-se a responder que estava tudo normal, tudo correndo dentro do esperado.

— Isso é algo semelhante à marca que você tem na mão. A marca da mão é um selo com Leviathan; a da cabeça é um selo com Belfegór. Dependendo da patente e do tipo de missão para a qual você foi chamado, pode haver mais selos pelo corpo. Mas a maioria é feita na cabeça. Essas marcas são símbolos de patentes espirituais que você recebe no seu corpo físico.. E esse pontos jamais, em hipótese alguma, podem ser ungidos com óleo.

Não fiz muitas perguntas a respeito disso na época. Nem entendia bem o que era essa tal de unção. Só vim a saber com maior clareza mais tarde. Naquela hora me limitei a expor minhas questões individuais:

— Olha, Marlon, de qualquer forma, apesar disso que você

está me dizendo... eu tenho mesmo que ir lá de novo?

Questionei um pouco e obtive como resposta algo que me agradou.

— Tudo bem, Rillian. Não é absolutamente necessário que você volte agora. Dá para esperar um pouco mais porque, de qualquer forma, o Elo já está feito mesmo. Mas quando você completar 25 anos não haverá mais como adiar esses Ritos. Fui claro? Mas das reuniões mensais você continua participando.

— OK!

E assim foi. Por um tempo eu não precisaria mais dar as caras para Belfegór. O que, no íntimo, me alegrou bastante.

Eu tinha pouco mais de 21 anos nesse período.

***

Capítulo 8

A questão das Igrejas falsas era uma realidade que eu já tinha experimentado. Não somente com relação à Igreja das minha colegas da Style, mas muitas outras. Depois da palestra de Gwyneth e do pai dela percebi que o que tinha acontecido com aquela Denominação Cristã nova não tinha sido somente uma brincadeira. Fazia parte de planos muito maiores.

Era uma Igreja relativamente nova, quase ninguém havia ouvido falar, estava começando no Brasil.

Ouvi comentários sobre ela várias vezes, tinha uma unidade enorme que alguns já tinham ido conhecer. Foi justo uma das primeiras que apareceram. Um dia fui convidado para dar um pulo até lá também. Um rapaz que não fazia parte do meu círculo de relacionamentos mais estreitos convidou-me para ir. Segundo ele, iam dar uma "sondada".

— A mensagem básica dessa Denominação, pelo que nos chegou até agora, já é um prato cheio. Eles falam o que o povo quer

ouvir e prometem o que o povo quer ter: dinheiro e cura física. Uma vez que o sistema financeiro do país está falido e o sistema de saúde também, não é à toa que eles estão atraindo tanta gente! Você não quer acompanhar a gente para conhecer o Cultinho deles?

Topei. Fomos até lá num grupo pequeno e entramos. Estávamos em oito pessoas. O lugar de fato era grande e estava bem cheio, mas não representava nenhum perigo para nós. Nos espalhamos e percorremos o local em grupos de dois até nos acomodarmos para o início do Culto.

A palavra era vazia, a Igreja era morta, o Pastor só gritava, pulava, agitava-se, e o povo ia ao delírio. Ele dizia que o diabo estava amarrado, destruído, que toda obra de macumbaria e feitiçaria estava desfeita, e todo mundo ia prosperar porque Deus tinha feito a Promessa e etc... etc... por aí afora.

No final da pregação o Pastor abriu um espaço para testemunhos e quem quisesse poderia ir contar o que Deus estava fazendo em suas vidas. Eu não fui, já estava ocupado demais tentando conter o riso. Mas três dos rapazes que estavam conosco entraram na fila e foram "testemunhar". Eles contaram histórias totalmente estratosféricas, falaram coisas muito acima da realidade, chutaram o balde. E a Igreja quase vinha abaixo de tanta euforia:

— GLÓRIA A DEUS!

— ALELUIA!

— AMÉM!!!

E salvas e mais salvas de palmas, e uma gritaria histérica ecoava vez após vez. Confesso que me diverti muito. E percebemos que de fato aquela Igreja tinha muita chance de crescer, com aquela palavra vazia mas que atraía muita gente. Nada como dar um empurrãozinho.

— Precisamos de pequenos milagres! Algumas pessoas precisam ser curadas de doenças graves, por exemplo. E bastante, bastante profecia, e dons de revelação. E muitos possessos sendo libertos!

Em Igrejas que estão crescendo muito rápido a necessidade de líderes e Pastores é muito grande. Foi facílimo infiltrar muita

gente naquele lugar. E cerca de trinta pessoas da Irmandade logo ocuparam cargos importantes. A raiz da Igreja foi totalmente contaminada, aqueles trinta influenciaram todos os demais. A doutrina Satânica era propagada e os líderes mais compromissados generosamente colocados de escanteio. O povo recebeu o que queria, porque não estava nem aí em ter compromisso com Deus. Nada de carregar a cruz, sofrer, fazer morrer a sua própria carne, desejar o Criador pelo que Ele era. O que queriam era bênção, bênção, bênção: prosperidade e curas.

Não foi difícil fazer parecer que aquele era o lugar certo para conseguir tais coisas.

— Também precisamos libertar mais vidas do poder do diabo. Podemos sugerir e influenciar os líderes para que contratem pessoas e paguem para que elas se sujeitem a fazer o papel de "endemoninhados". Elas armam um escândalo e ganham o que precisam!

E não é que aconteceu mesmo?!! Boa parte daquela gente não tinha nem o que comer em casa. Tudo tem o seu preço, e sempre havia quem subornar para se fazer passar pelo "demo". E todos poderiam ver e palpar o "poder" daquela Igreja.

Essa Igreja foi apenas mais uma dentre tantas outras que vi sendo esmagadas ao longo daqueles anos. O Exército destacado para destruir completamente o Cristianismo não dormia no ponto!

As grandes campanhas de "cura" que volta e meia aconteciam no Brasil por vezes eram forjadas. Os "ministros de Deus" que vinham invariavelmente dos Estados Unidos nada mais eram do que Pregadores fabricados pela Irmandade. A mídia tem um poder fantástico. Pode-se transformar o maior salafrário num homem santo. Basta marketing maciço em cima. E para tanto o único pré-requisito é a agência de publicidade, que não falta dentro da Irmandade. E muito, muito, muito dinheiro. O que falta menos ainda.

Qual o estereótipo do Pastor perfeito? Ele precisa falar bem, ser muito articulado e convincente. Precisa exibir uma linda família, de preferência uma mulher com cara de santa e pelo menos três ou quatro filhos no "caminho do Senhor". De preferência mais

filhas do que filhos porque a mulher sempre tem uma aparência mais santa. Este homem de Deus também tem que ter muito dom de revelação, conhecer a vida das pessoas de cabo a rabo sem que tenha sido previamente informado. E também um poder tremendo de cura.

E depois: fitas de vídeo, palestras pelo mundo, mídia, marketing, grandes campanhas. Está feito o líder! Estes homens sempre vêm das bases, são treinados especificamente para isso nos Estados Unidos e na Holanda.

Especialmente quando se trata de cura física os Cristãos esquecem de tudo o mais. Inclusive do texto em que Jesus adverte os seus discípulos dizendo que "muitos farão curas em Meu Nome". Jesus não disse que muitos fariam curas no nome do diabo, mas em Seu Nome.

Mas desde que a cura venha parece que nada mais importa, nem mesmo que isto tenha sido feito falsamente em nome de Deus.

— Olha só! Esse homem faz curas. Ele diz: "Em nome de Jesus"! E os doentes de câncer são curados! Esse homem é de Deus!

Ninguém se lembra das advertências bíblicas, de que viriam falsos profetas fazendo milagres maiores do que os de Jesus e enganariam a muitos. Até mesmo os próprios escolhidos. Todos se esquecem de que Lucifér pode curar e trazer o mal sobre eles... em nome de Jesus!

Melhor para nós! Porque os encantamentos que fazíamos para que de fato eles não enxergassem nada à sua volta funcionava cabalmente! Os Cristãos não sabem nem pelo que eles estão lutando, não conhecem ao Seu Deus e nem à causa para a qual foram chamados. Estão adormecidos, dormindo em berço esplêndido, buscando cada um ao seu próprio interesse. Quando acordassem...seria tarde!

Eles estão esperando aparecer alguém com estereótipo de Bruxo para começar a suspeitar de alguma coisa. Alguém com ar maquiavélico, recendendo a enxofre por onde passa. Podem esperar sentados. Nenhum filho do Fogo verdadeiro denunciaria a sua

presença!

Os Cristãos não estão preparados para supor que um homem branco, com uma família bem constituída e aparência inocente possa ser, de fato, um "lobo em pele de cordeiro". Como são idiotas!!! Não têm um pingo de visão.

E vi com meus próprios olhos como facilmente são corrompíveis os que estão imbuídos de cargos de liderança. Parece que para eles os fins justificam mesmo os meios. Não importa o que Deus vai pensar. Desde que façam como querem e nos finalmente a coisa fique com aparência de Cristã... tudo bem!

Realmente a sedução do sexo e do dinheiro era muito simples. Vi acontecer várias vezes. Não precisava ir muito longe. Por exemplo, Kzara era uma mulher cuja missão era derrubar líderes evangélicos. Só nessa altura entendi o que no começo não fazia sentido. Volta e meia eu a ouvia falar:

— Aquele Pastor ali, aquele verme, vive falando eruditamente com aquela cara lavada no seu pulpitozinho. Mas olha só! Falou tanto, falou tanto, mas pois é! Pois agora caiu! Deitou comigo, e ainda por cima o cara é o maior frouxo. Tive vontade de matar ele ali mesmo! Pena que o mais interessante no momento é o vivo.

— Deixa o cara, Kzara! Morto não sofre, e agora ele vai colher o fruto. Vai sofrer o impacto do que foi plantado, o que é muito melhor. E quando ele cair, o povo que ele lidera vai junto.

Mais tarde eu vim a saber quem era o Pastor do qual Kzara falava, e com quem dormiu várias vezes. Ele era um dos que estavam na linha de fogo e que deveriam cair dali a muitos anos. No ano de 1998, no final do Terceiro Ciclo. Era um tempo em que muitos líderes deveriam sair do caminho.

— Quando esse homem cair...ah! — Kzara era a que mais se regozijava.

A semente do mal estava plantada e estava sobre ele. No momento certo daria fruto. Muitos estavam sendo monitorados. Kzara e as outras que tinham esse tipo de missão trabalhavam muito. Às vezes viajavam também. Até para o exterior, se

necessário.

A verdade é que havia um encantamento sobre elas, um encantamento de sensualidade. A própria Kzara era o tipo de mulher totalmente irresistível aos homens naturais. O olhar era muito penetrante, o jeito de andar tremendamente sedutor. Mesmo de calça jeans ela não passaria despercebida. Tudo o que usava era produto de Feitiçaria, até o tipo de perfume, os colares, os adornos.

Kzara já tinha sido gerada com esse propósito. Ambos os pais faziam parte da Irmandade, mas não no Brasil. Desde o nascimento ela já tinha sido consagrada para servir ao Reino das Trevas e a Lucifér nesta função específica.

O objetivo de mulheres como ela era puramente conseguir plantar a semente. Abrir a legalidade. Quando tinham a relação sexual com os homens de Deus, elas plantavam essa legalidade através de encantamentos. Normalmente também colhiam material para que se pudesse perpetuar o Feitiço de uma forma muito especial. Pele, pêlos, cabelo, esperma. Tudo isso era levado para os Ritos. Existe um salão na Irmandade preparado só para esse fim. Ali são guardados esses materiais para que se possa criar uma amarra e uma brecha permanente. Os demônios podem agir mais livremente.

Os materiais são misturados com sangue de sacrifício e poções específicas. Espiritualmente falando o negócio era para valer! Além dos homens-alvo já terem caído, pecado, atraído maldições sobre si mesmos... ficavam com aquela amarra invisível e permanente.

Depois de Consagrados os materiais extraídos o ideal era que se pudesse trazer um pouco destas poções de volta para eles, através de um café ou um suco. O simbolismo é fortíssimo. Como se através daquele ato, mesmo sem o saber, eles estivessem aceitando a Consagração que fora feita de suas vidas a Lucifér. Dizendo "Assim seja"!

***

No serviço tive uma agradável surpresa logo depois disso. Eu

já era Supervisor há mais de um ano mas nunca tinha tido contato pessoal com o meu Diretor Financeiro. Porém um dia eu estava liberando uma remessa para o exterior, para a Bélgica, e precisava da assinatura do dito cujo.

Normalmente quem fazia a ponte entre a Supervisão e a Diretoria era a Maria. Como Supervisor eu não participava das reuniões com a Diretoria. Mas Maria e os demais Gerentes repassavam as diretrizes para nós, os Supervisores, em reuniões. E eu, por minha vez, repassava o necessário aos meus funcionários com outra reunião.

Mas ela estava viajando naquela semana, fazendo um curso fora. E diante da urgência da remessa subi eu mesmo até a sala do Diretor. Quase nunca ele estava lá, sempre em viagens pelo mundo todo a negócios. Só que naquela ocasião eu o encontrei. Falei com a secretária dele que procurou ser cordial mas respondeu:

— Tudo bem, deixa aqui que eu mesma levo pra ele.

Eu precisava da assinatura o quanto antes. Então expliquei com calma:

— Olha, eu espero. Realmente estou precisando muito despachar a remessa. Ela atendeu meu pedido e foi cuidar do problema na mesma hora. Entrou na

sala dele, deixando a porta entreaberta. Quando olhei e dei de cara com ele, à distância, estremeci de leve:

"Opa! Eu conheço esse cara! Eu já vi ele lá na Irmandade, será possível? Só se for alguém muito parecido."

E fiquei olhando, tentando manter a discrição. Afinal o sujeito era Diretor da Empresa! Não podia ser assim confundido com um Satanista, de graça. Mas era muito difícil que eu estivesse enganado. Ele tinha uma particularidade que me chamara a atenção logo de cara: o cabelo dele parecia uma peruca, e era de um tom acaju! Não deixava de ser realmente engraçado, um homem de 50 anos com aquele cabelo todo penteadinho. Era a coisa mais esquisita que eu já tinha visto.

Coisa de francês! Ele não negava mesmo a raça, cheio de coisinhas, e lenços no bolso e rococós na roupa, e falando cheio de

biquinhos franceses: "Jùe, jùe, jùe". Sem dúvida era meio difícil esquecer daquele senhor de cabelo acaju e sotaque francês bem acentuado. Eu tinha certeza que já tinha mesmo cruzado com ele várias vezes nas Reuniões de Celebração!

Olhei para o teto como quem não quer nada.

"É mesmo muito parecido! É um sósia!"

Mas ele então me viu de dentro da sala e não pareceu nem um pouco surpreso com a minha presença.

— Ah, Eduardo! Comme vite, comme vite! — E me fez sinal para entrar. — Bonjour, rapaz!

Ele dispensou a secretária e me estendeu a mão.

— Tudo bem? Olha, parabéns pelo seu empenho. Você está fazendo um bom trabalho aqui na Empresa.

"Será que ele está mesmo só falando de trabalho ou tem algo mais nesse convite para entrar?". E alto:

— O senhor me desculpe... — Eu não queria arriscar exageradamente. — Mas eu acho que o conheço de algum lugar, não conheço?!

— Sim, certamente que me conhece. Olha aqui! — E afastou um pouco o cabelo da orelha.

Que gesto pouco habitual. Me estiquei sobre a mesa e olhei. Havia ali uma marca muito parecida com a minha. Seria somente uma cicatriz? Eu não quis falar nada mesmo assim. Deixei que ele completasse a frase:

— Tá vendo? Somos irmãos!

— Somos irmãos?! — Filhos do Fogo!

— Ah! Então é isso mesmo! Eu já tinha te visto lá na casa do Zórdico!

— Eu também vi você! No Rito dos Portais!

— E não era você também lá naquela outra cidade, naquele dia assim e assim?

— Era eu mesmo!

— Puxa, que mundo pequeno!...

— Não, o mundo não é pequeno... nós é que somos muitos! Oh, Oh, Oh!

— Ah, Ah, Ah! — Decididamente aquilo era muito engraçado. Ainda mais vindo do Diretor da Empresa! — Ah, Ah, Ah!

— E quando você precisar pode vir falar direto comigo, não precisa fazer ponte através da Márcia, ouviu?

Eu pensei comigo mesmo: "Meu irmão, que tal um pequeno aumento? Que tal matar logo essa nossa Gerente?". Mas respondi polidamente:

— Ah, mas é o protocolo, né? Não posso ir passando por cima das hierarquias.

— Pois o protocolo que vá (...)! Por acaso ela é nossa irmã? Nós é que somos irmãos! Ela eu quero mais é que morra, que se exploda! Aliás, talvez ela não fique muito tempo na Empresa mesmo...

Não disse nada mas entendi o recado.

Depois disso volta e meia nós conversávamos, brincávamos, algumas vezes ele me convidou para almoçar com ele, mas não aceitei. Eu achava que não ficava bem diante dos meus funcionários. Gostava de fazer uma política, fazer de conta que estava perto deles, porque quando precisasse sabia que eles iam colaborar comigo e trabalhar bastante.

E continuei almoçando com meus subalternos. Não queria dar aquela imagem de que eu era "o poderoso", daqueles que fazem panelinhas e almoçam com "os poderosos". E deixava a ralé de lado!

E.... mas vê se pode. O Diretor Financeiro da Style também era da Irmandade!

***

Alguns dias depois disso eu almocei com alguns amigos da

Irmandade durante meu período de intervalo na Style. Marlon não pôde vir devido a alguns compromissos e então fomos apenas eu, Thalya, Zórdico e um casal que pertencia a um outro Grupo de Conselho.

Na verdade Zórdico é que havia me chamado. Estava ali por perto resolvendo coisas junto com o casal, e me telefonou convidando-me a acompanhá-los no almoço. Eu chamei Thalya e todos nós nos encontramos. Foi bastante agradável. O casal — Pietro e Marcela — eu conhecia de vista. Eles eram muito falantes e acabaram por comentar, a certa altura da conversa, sobre o trabalho que algumas pessoas do Grupo deles exerciam nos Hospitais.

Via-se que falavam de algo que julgavam ser muito importante. Como era, de fato. Eu conhecia muito superficialmente aquela fatia porque em meu Grupo ninguém havia sido chamado para isso. Me empolguei e fiz muitas perguntas. Notando meu interesse genuíno, Pietro convidou:

— Nós temos que passar por lá após o almoço, e é aqui perto. Se quiser, pode nos acompanhar! Você vai conhecer um Hospital muito grande!

— Ótimo!! Hoje estou mais livre, tenho um tempo bem dilatado. Se vocês tivessem me pegado há dois dias, por exemplo, seria meio impossível. Vamos lá, sim!

Thalya não podia ir, de forma que fui sozinho com Pietro e Marcela. Pelo caminho fomos conversando.

— É preciso que fiquemos sabendo rapidamente quando entram Cristãos nos Hospitais.

— Mas como ficam sabendo tão rápido? Os Guias sinalizam? — Perguntei.

— Alguns, sim, claro. Os Guias monitoram tudo. Mas há gente dentro do Hospitais para exercer essa função.

— Normalmente alguém que já é médico, ou da enfermagem, colabora muito nesse sentido. Não se descansa dia e noite nesse trabalho!

— E se entram Cristãos...?

— Ficamos sabendo na mesma hora! O destino deles depende muito de que tipo de Cristão eles são. Muita gente não merece cuidado especial, os demônios se encarregam deles normalmente. Mas se for alguém que esteja já na alça de mira...

O Hospital realmente era muito grande, um labirinto cheio de gente. Pietro e Marcela penduraram seus crachás e entraram sem problemas. Eu fui junto. Entramos por uma ala perto do Pronto-Socorro e pude ver rapidamente a confusão. Mas logo tomamos o elevador e fomos para lugares mais privativos, aonde só circulava gente do próprio estabelecimento.

— Nosso ponto de encontro é numa sala de reuniões aqui no andar. Há três colegas que vamos encontrar nessa Unidade.

Marcela abriu a porta e demos de cara com dois senhores que já estavam lá dentro. Abraços, sorrisos, fui apresentado a eles. Não eram quaisquer médicos. Pelo que vi, grandes figurões, poderosos, ocupavam cadeiras de destaque lá dentro.

— E aonde está o Russo? Não pôde vir? — Perguntou Pietro.

— Ele está ocupado num lugar aonde vocês não podem entrar agora. Está dando cabo de um infeliz! Já não era sem tempo!

— Aquele verme de homem que comentamos há poucos dias? Ora, viva! Então ele vai completar o serviço?

— Precisamente!

O médico que usava óculos virou-se para mim e sorriu, explicando:

— Trata-se de um Missionário. Isto é... tratava-se! — E voltou a dar risada. Explicaram-me rapidamente de onde saíra o Missionário e como ele dera entrada há pouco mais de uma semana na Enfermaria.

— Há muitos Cristãos que são internados aqui? — Perguntei.

— Depende do que você quer dizer com "muito". Perto do contingente de pessoas que passa por aqui, não é muito. Depois não é com todo Cristão que importa perder tempo. Tem gente que já é

tão morta espiritualmente que convém viver um pouco mais, sofrer um pouco mais, decepcionar-se um pouco mais com Deus! Mas pode ter certeza de uma coisa: se entrar aqui alguém que mereça não sair mais... não sai mais mesmo!

— Aliás... — Comentou o outro médico. — É impressionante como esta gente insiste em cultuar Deus! Sabe, para nós que estamos aqui dentro o tempo todo e convivemos dia-a-dia com o sofrimento humano, fica cada vez mais claro que o Amor de Deus e a Sua Justiça não existem. Aqui nós vemos todos os dias como Deus é "bom". Lares e famílias inteiras destruídas pela doença, coisas medonhas! Para nós a doença não existe, mas para essa pobre Humanidade perdida nas mãos do Criador... nem queira saber, meu irmão!!! — Ele falava com um tom de voz irado, e profundamente convencido do que dizia. — Nem os filhos de Deus escapam dessa situação ridícula, vergonhosa! Precisa ver a que ponto pode chegar a dor, a angústia, a solidão. Estão completamente perdidos e nem sabem disso. E, claro, nós estamos aqui para aliviá-los um pouco de todo esse peso! — E riu.

Tocou-me profundamente o que ele disse, e suspirei aliviado. Que bom que eu era um Satanista, um filho do Fogo! E não tinha que me preocupar com o padecer do corpo, com as doenças.

— Quer conhecer um pouco a Unidade, ver os aparelhos? — Claro!

Passeamos um pouco por lá, subimos e descemos pelos andares, me mostraram várias coisas. Eles não dispunham de muito tempo mas foram atenciosos comigo. E despediram-se sorridentes.

— Quando você quiser voltar, não faça cerimônia, heim? Você poderá nos encontrar sempre naquela sala de reuniões, no horário logo após o almoço. Depois mandamos notícias do nosso amiguinho ex-Missionário!

Saí com Pietro e Marcela e fomos para outra ala completamente diferente e bem distante daquela. Era inclusive em outro prédio.

— Queremos te apresentar uma outra pessoa. Nós te dissemos que normalmente são os médicos e enfermeiras que estão

atentos aos Cristãos. Mas ela é uma peça chave na monitoragem dos pacientes e também dos grupos Cristãos que vigoram no próprio Hospital e na Faculdade.

Fomos parar na Capelania Evangélica. Uma das "Capelãs" era da Irmandade. Somente ela estava lá, e saiu para conversar conosco. Era muito tagarela, uma senhora rechonchuda e de cabelo encaracolado. Simpática em extremo, amorosa, com típico estereótipo Cristão!

— Esta aqui é a Vivian! A nossa "ovelha-negra". — Brincou Marcela.

— Ela não parece mesmo um carneiro? — Perguntou Pietro, referindo-se ao cabelo encaracolado e "fofinho".

Vivian me estreitou em seus braços maternais.

— Como vai você?! Espero que esteja gostando da visita ao nosso habitat! Esse Hospital é uma loucura, mas gosto daqui. Posso andar por onde quiser e a hora que quiser. Praticamente tenho acesso livre a quase todos os departamentos.

— Parece que você também monitora os alunos Cristãos da Faculdade, não é? — Perguntei, curioso em saber como ela poderia se desdobrar tanto. — Por acaso você é onipresente, é?

Todos riram do comentário. Vivian explicou:

— Há ligações estreitas, sim, entre a Capelania Evangélica e o Grupo de A.B.U. da Faculdade. Foi uma aproximação paulatina mas hoje eles confiam em mim sem reservas! — Ela sorriu significativamente. — Eles costumam evangelizar os pacientes sempre que podem. Depois os nomes, Enfermarias e números de leitos daqueles que se convertem me são passados. Para que eu "dê o acompanhamento" que eles não podem dar por falta de tempo. Na verdade não sou eu que os estou ajudando. Eles é que têm me ajudado muito no meu trabalho!

— Pôxa. Eles entregam o ouro na sua mão! E tem alguém expressivo na A.B.U.? Alguém que precise de um tratamento vip da nossa parte?

— Não, realmente não! No momento não passam de crianças,

a maioria ainda é recém convertida. São como crianças carentes que estão à procura de amigos, de alguém com quem possam conversar. Alguns têm muitos problemas em casa. Já me incumbi de deixá-los bem acomodados, pode ter certeza. E bem acompanhados. A maioria não será capaz de perceber, em breve, o Amor de Deus. Esquecerão do primeiro amor, decepcionar-se-ão com o Criador e com as Igrejas. Esfriarão! Pobre-coitados! Estão à procura de algo que já encontramos há muito tempo!

Vivian falava até com certa compaixão, sem ódio. E repetiu:

— São como crianças!

De repente alguém interrompeu nossa conversa, chegando meio apressado mas todo sorrisos. Era o terceiro médico.

— Olha! É o Russo!

— Oi!!! Vocês passaram por lá e eu não estava, né? Disseram-me que vocês tinha vindo pra cá e dei uma corrida para cumprimentá-los.

— E aí? — Indagou Marcela. — Terminou o trabalho?

Russo deu de ombros. E cochichou baixo apenas para que nós ouvíssemos:

— Um a menos pra encher o saco! — E alto: — Pena que não possa conversar mais com vocês hoje. Tenho uma classe de estudantes me esperando!

— Qual é a sua especialidade? — Perguntei. Ele respondeu, e me pareceu algo tão esquisito que dei risada.

— Sério que isso existe?!

— Se existe! — Respondeu Pietro. — E ele é Professor da Faculdade!

— Foi um prazer conhecê-lo, Rillian! — Russo também me abraçou. — Numa próxima vez te explico tudo sobre a minha especialidade!

— Caramba! Medicina é um negócio interessante mas tão esquisito também, não? — Comentei com os outros observando-o enquanto se afastava.

— Pois é! — Falou Vivian. — Mas eu gosto mesmo de trabalhar aqui! Me sinto em casa. Sou muito bem vista e muito querida no Hospital, conhecida pelo meu amor aos doentes e meu compromisso com Jesus. Mas também, por um outro lado... quando mostro os dentes não tem quem escape! — E riu gostosamente outra vez. — É muito bom ser filha de Lucifér! Quando eu freqüentava a Igreja, decepcionei-me muito. Sou filha de evangélicos, meu marido e meus filhos são evangélicos, vivi dentro de Igreja desde que nasci. Mas estava tão cansada de ver tanta hipocrisia e tanta discrepância entre o falar e o agir. Resolvi fazer um Seminário Teológico, dar uma última chance para Deus falar comigo. Mas lá fui recrutada! Um professor, alguém infiltrado da própria Irmandade, apresentou-me a antítese do Cristianismo e me doutrinou. Mais tarde, depois que passei pela Escola Preparatória, fiquei sabendo que os Guias tinham me apontado como promissora. E fui resgatada! Finalmente encontrei a verdade!

Conversamos ainda um pouco mais. Vi um pouco do material que ela levava, folhetinhos evangelísticos feitos nas gráficas de nossos irmãos e que continham mensagens satânicas subliminares. Vivian pegou um deles, a gravura da capa era uma daquelas já conhecidas pinturas de crianças chorando.

— Este folheto tem um encantamento muito forte, é impressionante. Quem lê não entende nada, e ainda fica com a porta aberta para a ação dos demônios. Todo material Consagrado é ótimo para dar a recém convertidos!

— Conheço esta gravura! São vinte e sete quadros ao todo!

— Isso mesmo! Contam que foram crianças oferecidas em Ritos Sacrifício, fotografadas um pouco antes da morte e posteriormente pintadas sob inspiração demoníaca. A figura dos demônios aparece subliminarmente em todos eles.

Encontrei Vivian ainda mais umas duas ou três vezes no Hospital e nas Celebrações semanais da Irmandade. O Grupo que ela freqüentava — junto com aqueles médicos, Pietro, Marcela, e outros — tinha toda uma missão voltada para a área da saúde. Foi bom aprender um pouco com eles.

Realmente Vivian era muito "crente", bastante considerada

dentro do meio Evangélico por causa do trabalho que realizava. Os Cristãos não costumam desconfiar de quem leva tantos (aparentemente) a aceitar Jesus. A própria Vivian me explicou como isso acontece:

— Há dois pilares principais para atuar nesse campo: primeiro, levo os doentes à uma conversão puramente emocional. É muito fácil "evangelizar" no Hospital. As pessoas estão fragilizadas, amedrontadas, carentes, sedentas de uma palavra seja ela qual for. Os Guias sinalizam muito bem o que falar a cada um, conhecem a vida das pessoas de cabo a rabo. Sabem o que dizer para levar a pessoa a um entendimento apenas intelectual e emocional do Evangelho. Mas se por acaso percebo que de fato a pessoa "evangelizada" vai se converter... aborto o processo! Os Guias rapidamente sinalizam a aproximação dos Anjos e então eu "deixo para uma próxima vez". Em segundo lugar, o outro ponto importante é lançar bases pouco consistentes do Evangelho para os recém-convertidos. Não diz o provérbio "Ensina o teu filho no caminho que deve andar e até a velhice não se apartará dele?". Faço o contrário. Isto é, ensino o caminho, sim, mas com algumas falhas, um Evangelho pela metade. As pressões que vierem a seguir farão com que facilmente esta pessoa se desvie do caminho inicial. Mais importante — e mais sábio! — do que a ausência total de fruto é a presença de um fruto que não permanece. Porque se eu for infrutífera e não tiver resultados para apresentar logo vão questionar o meu Ministério. Seria tolice! Portanto, tenho que mostrar serviço. Ninguém tem realmente como verificar a qualidade deste fruto, não é mesmo? Porque aonde vão procurar os pacientes depois? Mesmo que se convertam normalmente sou eu mesma quem indico a Igreja que podem vir a freqüentar. De preferência bem morta mesmo, bem inoperante! Porque o problema não é aumentar o número de Cristãos, o problema são os Cristãos compromissados com Deus, mas isso eu posso garantir: que os meus Cristãos ficam bem morninhos, bem mansinhos! Sempre precisando de mamadeirinha na boca! Inclusive aqueles garotos da A.B.U. me pressionaram muito com essa história de evangelizar, evangelizar, evangelizar. Organizando cursos onde eu pudesse ensiná-los! Convidando outros Cristãos para participar. Fazendo campanhas dentro do Hospital. Organizando palestras na

Faculdade. Eu vou. Claro! Montei também um coral com a maioria deles. Cantamos no Hospital na Páscoa, no Natal... assim não os perco de vista! Servir a Deus já é um castigo, se eles foram tolos o suficiente para escolher esse caminho, que se decepcionem e fiquem parados o resto da vida. Porque Deus é muito cruel, cedo eles experimentam a dor e o desapontamento!

***

Às vezes meu Grupo de Conselho reunia-se esporadicamente em casa de Górion, próximo à Igreja que Camila freqüentava. Era realmente pertinho. Muitíssimo raramente eu ainda ia aos Cultos. Não deixava de ser um divertimento quando não tinha mais o que fazer. Era sempre muito engraçado observar aqueles comportamentos estereotipados.

Apesar de meus recém completados 22 anos eu ainda tinha muito do moleque que eu sempre fui. Colocar taxinhas nos bancos era um passatempo delicioso, pichar os banheiros recém pintados também. Isso eu sempre iria fazer se houvesse o ensejo.

E um belo dia estava entrando ao lado de Camila e dei de cara com a maquete do novo Templo que pretendiam construir. Ou melhor, como ficaria a Igreja após a mega-reforma que estava sendo cogitada. Parei, olhei bem, observei cada detalhe. A maquete estava em local de bastante destaque à entrada do salão principal. Não tinha como não ver.

Naquele dia não teve Culto. O Pastor Sines, o titular da Igreja, só falou do projeto de ampliação da Igreja, como seria, como não seria. No domingo seguinte voltei para saber mais e foi a mesma coisa: nada de Culto. O Pastor Sines continuava com aquela lenga toda, como seria, como não seria a nova Igreja. E como fazer para arrecadar os fundos necessários!

"Pô!!! Será possível que esse negócio vai mesmo crescer?!! Mas que coisa!!!"

Eu estava indignado. Ainda que a Igreja não fosse de forma alguma expressiva e nem representasse ameaça, talvez isso acabasse mudando de figura depois do crescimento planejado.

Logo que pude, comentei no meu Conselho. Estávamos reunidos informalmente em casa de Górion.

— Vocês conhecem essa Igreja aqui perto, não? Sabiam que ela está com um projeto de reforma bem expressivo?! Se desandar a crescer talvez venha a causar interferência aqui. Aonde tem fumaça pode vir a ter fogo, vocês sabem! O irmão da minha namorada é um dos Pastores de lá, um Pastorzinho de meia tigela que cuida do Departamento Infantil. É incrível como a Igreja Cristã parece que adora ter esses tipos na liderança. Mas a Igreja é riquíssima, eles são donos de um Colégio e também de uma Faculdade Teológica. E agora está com esse projeto de reforma do Templo. Dentre outras coisas querem que comporte dois mil membros! Vê se pode!

Todos ouviram mas Zórdico não pareceu surpreso.

— De fato tem muita procedência a sua observação, Rillian, e nós já tínhamos visto isso. Esta Igreja está sendo monitorada há algum tempo mas estamos observando apenas, não há necessidade de fazer muito além disso. Já sabíamos do projeto. Mas quero que vocês entendam o principal. A Igreja nunca é uma ameaça em si mesma. Simplesmente porque o Poder que elas podem vir a ter não é maior do que o Poder que nós mesmos temos. Mas às vezes as Igrejas atrapalham um pouco. Isso acontece quando as suas orações e os seus Louvores são fortes o suficiente para causar uma interferência em nossas próprias Reuniões. Digamos que o que acontece é mais ou menos semelhante a quando estão muito próximos dois aparelhos eletrônicos: um causa interferência no outro. No que nos diz respeito, quando essa interferência começa o melhor a fazer é "desligar" um dos aparelhos. Naturalmente preferimos "desligar" a Igreja! — Brincou Zórdico, nem um pouco preocupado. — Se eles insistirem com essa idéia o processo vai acontecer mais rápido do que eles imaginam!

E foi assim mesmo. Enquanto o projeto ficou só no orçamento e no "vamos ver" ninguém da Irmandade efetivamente se preocupou. Mas quando de fato parece que o negócio engrenou e as obras estavam em vias de iniciar, chegou o momento de agir.

Como sempre algumas pessoas foram infiltradas. Bastou a

carta de apresentação. Nem fiquei sabendo muito bem desses detalhes, mas a verdade é que todos entraram. Rúbia foi uma das primeiras. O trabalho para o qual tinha sido incumbida exigia um pouco mais de tempo e dedicação. Era necessário conquistar a confiança dos líderes porque o objetivo era que ela mesma ocupasse um cargo de liderança.

Ariel foi logo depois. Ele não viria a fazer parte da liderança como Rúbia, mas estaria dando cobertura no meio dos membros. Lançaria encantamentos dali mesmo e agiria apenas no momento certo.

Não havia muita necessidade de medidas extremas. A Igreja era fraca.

Mais duas pessoas do Grupo foram destacadas para ajudar. Naion e Surama. Eram pessoas poderosas que entrariam principalmente para corromper pelo dinheiro, aproveitando o início das construções e a necessidade de aumentar a receita.

Era engraçado dar de cara com eles dentro da Igreja, nós nos cumprimentávamos cordialmente, e só. Eu não podia fazer muito naquele lugar aonde todos me conheciam. De forma que fui incumbido apenas de sondar um pouco a Escola Dominical na Classe dos Jovens. Não que aquilo tivesse a ver com o plano estratégico, mas eles queriam um pouco mais de notícias ao vivo e à cores sobre a professora, uma mulher que já tinha sido anteriormente alvejada. Por causa deste ataque ela tinha sofrido um aborto e mais tarde acabou deixando a Igreja quando as bombas que estávamos plantando começaram a estourar.

Os alvos principais eram alguns dos líderes. Pastor Sines; o irmão Rodolfo, que era tesoureiro; o irmão Cláudio, responsável pelo Louvor; o Emerson, líder da Mocidade; e, claro, o Pastorzinho Sérgio que eu odiava.

Não foi difícil destruir completamente aquela liderança. A Igreja não oferecia resistência nenhuma, e na sua cegueira tornava-se totalmente aberta para nós. Sua ganância, sua soberba, seu Cristianismo frio e de fachada foram grandes facilitadores. A prosperidade era aparente, apenas material. Por dentro eram vazios, cheios de Teologia e muito pouca vida com Cristo. Ah! Se

soubessem o quanto eram alvos fáceis, o quanto eram presas tolas aos nossos dentes! Se soubessem o quanto rimos pelas suas costas!

***

Caíram um após o outro. O primeiro foi o Pastor Sérgio. Poucas semanas após a infiltração ele saiu em férias. Rúbia estava tremendamente próxima do Pastor Sines e ganhou um cargo de confiança muito rápido. Rápido até demais. Não fiquei sabendo se ela o tinha seduzido, ou se não foi realmente necessário, mas o fato é que quando o Pastor Sérgio saiu ela assumiu o lugar dele no Departamento Infantil. A título de cobertura.

Naquele mês Rúbia conseguiu criar uma tal confusão perante os pais das crianças que estes rapidamente voltaram-se contra o Pastor Sérgio absolutamente convictos de que ele estava conduzindo muito mal o Departamento. E — pior — ensinando heresias para os seus filhos. O encantamento para cegá-los foi muito forte e muito eficaz.

Rúbia tornou-se a grande estrela e a grande "ungida" da história. Como que ninguém tinha percebido antes que espécie de homem era aquele Pastor Sérgio???!!!???

O rebú que Rúbia criou não se limitou apenas aos pais, mas envolveu também o Pastor Sines que, contrariando a antiga e longa amizade que tinha com o Sérgio e toda a família, não teve outra alternativa senão despedi-lo. Tão logo ele voltou das férias e pôs os pés na Igreja foi parar no olho da rua!

Eu não conseguia acreditar como a coisa tinha acontecido tão rápido. Ele tinha sido simplesmente demitido!

Na casa de Camila aquilo estourou como uma verdadeira bomba!!! O Pastor.... mandado embora da Igreja! Foi uma comoção. Ele era muito venerado por toda a família, sempre visto como sendo "o máximo", o homem de Deus. Para o Pastor Sérgio também foi um choque. Decididamente ele não esperava aquela reviravolta. Depois disso toda a família de Camila, tomando as dores dele, retirou-se da Igreja. Simplesmente não foram mais. Cheios de mágoa e rancor, com o nariz torcido, saíram falando mal

e com os relacionamentos quebrados. E o Pastor Sérgio deixou de ir à Igreja porque ele não esquentava banco. Ou ia para estar no púlpito ou não ia. E não foi.

A situação dele passou de mal a pior. Antes ele tinha um bom salário, viajava muito, usava o carro da Igreja para fins particulares, vivia muito bem e sem despesas porque morava com os pais. E agora estava sem nada. As portas se fecharam de tal forma para ele que não houve como ser aceito em nenhuma outra Comunidade. Um membro da Igreja, penalizado, ofereceu um emprego de balconista na papelaria que possuía. E, de Pastor, Sérgio passou a balconista de papelaria!

Rúbia assumiu o Departamento Infantil por um bom tempo, deturpando o ensino das crianças e lançando maldições. A futura geração daquela Igreja estava sendo totalmente contaminada mas todos estavam muito satisfeitos com o trabalho dela. Eles estariam muito mais predispostos a desenvolver todo tipo de "virtudes": uso de drogas, homossexualismo, frieza espiritual, controle à distância, problemas familiares de todo tipo, violências, perversões.

Quanto aos outros alvos, foi uma seqüência ininterrupta.

O irmão Cláudio, organista da Igreja, caiu em seguida. Ele era dentista e tinha tendências homossexuais muito fortes, apesar de casado. Era uma questão praticamente pública, todos sabiam das suas lutas em relação a isso. Não que tivesse acontecido algo, era uma batalha na mente e as confissões partiam de sua própria boca. Ariel e Naion "sentiram de orar por ele" por causa daquele problema. Impuseram as mãos, falando "em línguas". Na verdade lançando maldições e pedindo que os demônios usassem aquela porta para acabar de vez com a vida dele.

Poucas semanas depois ele sofreu um derrame e ficou numa cadeira de rodas. Sem haver quem o substituísse em tão curto prazo o Louvor acabou ficando bem mais insosso do que antes.

Emerson, líder da Mocidade, era primo de Camila e também tomou as dores do Pastor Sérgio. Abandonou a Igreja de forma que mais um dos nossos objetivos foram atingidos sem o menor esforço.

Nessa altura o Pastor Sines começou a apresentar os primeiros sinais de avaria mental. Contra ele tinha sido feito um encantamento mais sério. O próprio Zórdico assumiu as rédeas e já tinha sido dada uma vida pela vida dele. Para a Igreja sobrou o pepino. Logo não havia mais como esconder que ele estava ficando completamente louco. Nossos amigos traziam as notícias em primeira mão. Às vezes ele estava pregando, parava, reclamava que não era bem aquilo que ele tinha a dizer, virava as costas e ia embora. Outras vezes tinha acessos horríveis, chorava, chorava, começou a ver monstros na Igreja, não falava mais coisa com coisa.

Depois disso os membros começaram a sair que nem enxurrada da Igreja. Durante aquele êxodo o tal irmão Rodolfo acabou também picando a mula. Começou a faltar dinheiro e o apartamento grande aonde o Pastor Sines morava deixou de ser dele, foi obrigado a morar nos fundinhos da Igreja. Logo largou o Ministério. E aquela Igreja simplesmente acabou! Ficou ali, mais morta ainda, totalmente inoperante. E os sonhos de crescimento foram por água abaixo!

Uma vez que a destruição já estava em andamento, o serviço foi feito completo para que aquele Ministério nunca mais se reerguesse. Lucifér não faz nada pela metade. Então o ataque estendeu-se contra o Colégio também.

Uma das Diretoras era uma senhora que, por sinal, também fazia parte da família da Camila. A Sofia. Uma pessoa da Irmandade já tinha sido infiltrada na Escola há algum tempo e vinha ocupando o cargo de Vice Diretora. Foi dado o sinal verde. Realizou-se um encantamento contra a Sofia. Vi tudo o que aconteceu, em casa de Camila costumava cruzar bastante com ela.

Aliás, eu a detestava. Era muito metida, orgulhosa, sempre fazendo parecer que era melhor do que todos. Eu achava nojenta aquela ostentação! Sempre que tinha oportunidade, o tempo todo que estava com ela sempre dava um jeito de impor as mãos e lançar maldições. Acho que na idéia deles eu era até convertido, de forma que ela aceitava as minhas orações.

Mas o encantamento maior também foi feito por Zórdico, como Sacerdote.

Primeiro começaram os tremores, que por fim ficaram tão intensos que ela já não sustentava uma xícara. Aquilo piorou a olhos vistos, rapidamente, e começou a suspeita de Mal de Parkinson. Depois de muitas idas e vindas nos Hospitais, Sofia teve que ser operada. E entre a cirurgia, quarto, exames e remédios o gasto foi altíssimo. Ela chegou ao ponto de ter que vender apartamento e carro para pagar as despesas com a saúde. Nem por isso melhorou, o problema continuou como antes e ela terminou doente e na rua da amargura financeiramente falando. Divorciada, o marido não queria nem saber se ela tinha gasto a sua parte dos bens. A bancarrota foi tão grande que ela teve que ir morar de favor na casa da mãe. E a Vice Diretora, colega da Irmandade, assumiu o cargo. Aos poucos alterou todo o sistema de ensino e desfez-se daqueles que poderiam vir a servir de empecilhos de alguma forma.

Na Faculdade Teológica o caminho já tinha sido o mesmo. Pessoas infiltradas ali de longa data também terminaram assumindo cargos de liderança e ensino. Tornaram-se mestres e professores. A intenção era desvirtuar sutilmente o Cristianismo além de enfraquecer aqueles que pudessem vir a ser líderes em potencial. Era importante desestimular e até fazer com que desistissem de seguir o Pastorado. Uma maneira interessante de anular o mal pela raiz. Matá-los espiritualmente. Fazê-los desistir... fazê-los adoecer. E, em última instância, até levar ao túmulo de verdade os poucos remanescentes fiéis.

E recrutar os que as Entidades apontassem como promissores... para o nosso lado!

(Aliás, tinha sido naquele lugar que Vivian fora selecionada).

***

Quanto ao Emerson, o antigo líder da Mocidade, foi localizado logo. Estava freqüentando uma outra Igreja até que promissora, a mesma aonde Camila e a família tinham ido parar. Já estava outra vez quase que ocupando cargo de liderança porque era muito carismático. Foi Marlon quem se indignou desta vez:

— Quer dizer que este homem ainda está de pé?! — Ele logo me pediu o que queria. — Me arruma os dados dele de uma vez por

todas!

Eu tinha acesso muito fácil a tudo, os dados foram passados e os demônios direcionados contra ele. Tão logo dei a Marlon o que me pedira e ele simplesmente comentou:

— Esse aí está morto!

Não sei qual era a brecha que Emerson tinha. O encantamento foi muito poderoso. Depois de quinze dias ele sofreu um acidente de carro numa rua próxima à Avenida Paulista e morreu. Outro a menos.

Alguns meses depois disso, um dia a mulher dele me falou uma coisa que não gostei. Perguntou na maior cara dura por quanto tempo eu ia continuar enrolando a Camila sem casar com ela. Aquilo me irou demasiadamente, aqueles Cristãos eternamente tropeçando em mim aonde quer que eu estivesse, intrometendo-se em minha vida! Lancei o encantamento na hora, falei alto as palavras em aramaico, com ódio, olhando bem nos olhos dela. E fiz os gestos sem nenhum disfarce. Agora eu não era mais qualquer um. Meus Feitiços tinham muito Poder.

Ela ainda riu, com desprezo, sem entender o que eu estava dizendo:

— Você tá louco, é, menino?!

Não foi só a mim que ela ofendeu, mas aos Guias que andavam comigo. Aquelas palavras que ela mesma pronunciou parece que tiveram um efeito contra ela mesma. Em menos de um mês ela estava internada num sanatório para doentes mentais. Lembrei-me do Poder que viria através de Belfegór. Ele me daria o dom da palavra, mas também o Poder sobre a loucura.

Quando finalmente ela teve alta, matou-se no mesmo dia, atirou-se pela janela do apartamento.

Quem sabe quando estivesse no Inferno ela ia aprender a não brincar com as Trevas.

***

Capítulo 9

Fazia já um ano que eu tinha participado de um Campeonato de Kung Fu bastante importante no estado de São Paulo. Dentro da categoria "médio-ligeiro". Estava ainda quase quatro quilos abaixo do que me garantiria o nível "meio-pesado", que era o que eu queria ser. Mas foi o meu primeiro Campeonato de grande responsabilidade. Todos os meus alunos da ADINK estavam lá, meus Mestres também.

Inscrevi-me através do Wing Chun porque ainda não estava formado no Ton Long. Participei dos Torneios classificatórios e não tive dificuldade. Consagrava minha faixa preta a Abraxas, pedia a capacitação dele. E, relaxado diante do adversário, lutava por instinto. Embora meu nível fosse muito bom, com a capacitação do meu Guia eu ficava melhor ainda e a luta acontecia muito rápido. Não só levei o primeiro prêmio como quebrei o record brasileiro de tempo de luta. Isso me trouxe muita satisfação pessoal, muito prestígio e muita fama.

Como Camila estivesse cheia de tudo que se referisse ao Kung Fu era claro que ela não ia dar as caras. Minha família também não estava nem aí, de forma que fui sozinho com Thalya.

Ela assistiu e ficou muito entusiasmada. Entristeceu-se por não ter tirado nenhuma foto. Saímos e comemoramos somente nós dois a conquista da minha medalha e o ótimo prêmio em dinheiro.

E chegou a data do novo Campeonato. Novamente me saí muito bem nas eliminatórias e desta vez fizemos a coisa completa: convidamos o pessoal da Irmandade para ver a Final. Todos estavam lá para me prestigiar, todos os meus amigos. Thalya, Górion, Ariel, Rúbia, Zórdico, Marlon, Taolez, Kzara, Cerdic, dentre outros que não faziam parte do meu Conselho mas que foram assistir ao Campeonato. Já fazia agora dois anos que eu era Feiticeiro.

Fomos em quatro carros. Como sempre Marlon foi me pegar junto com Rúbia, e Thalya veio junto. O clima já era de vitória desde a ida!

Marlon comentou, brincalhão:

— E aí, vai faturar mais essa? Eu dei risada:

— Vou fazer o possível!

— Olha, eu trouxe a máquina, vê se quebra a cara deles, heim?!! — Exclamou Thalya empolgada.

Rúbia, para variar, não podia deixar de fazer umas piadinhas:

— E que kimono você trouxe para usar?

— O preto, gracinha! Cor da morte!

Ela devia estar sabendo que o pessoal da Academia vivia pegando no meu pé por causa dos meus kimonos. No entender da turma todos eles tinham algum defeito e eu ficava parecido com isto ou aquilo cada vez que usava um! Capitão América, pepino, Pai-de-Santo, por aí! Só me restava o preto. Era o único com o qual tinha sossego!

Novamente foi muito tranqüilo, sem qualquer problema. Com um encantamento autorizava a canalização. Eu tinha uma salinha só para mim porque tinha sido o Campeão do ano passado, o que facilitava mais ainda.

O Ginásio estava lotado. Quando passei pelo corredor de entrada já escutei a vibração da platéia. Lutei. Depois até me admirei ao ver o filme porque fiz ali movimentos que, eu sabia, não tinha capacidade para fazer. Eu conhecia o meu corpo, a minha flexibilidade, a minha força natural. Ainda que estivesse no ápice da minha forma física, sabia o que podia e o que não podia fazer.

Derrubei meu oponente com um chute completamente sem ângulo, através de um giro impressionante e impossível. Aliás, aquele foi um movimento que eu nunca pensaria em fazer. Foi muito rápido, muito certeiro, um golpe só!

A expressão do meu rosto era estranha até para mim..... revelando uma ferocidade muito grande, uma fúria, algo que nem que quisesse conseguiria repetir. O maxilar do rapaz quebrou por causa do chute, com protetor e tudo.

Os gritos ecoavam pelo Ginásio, as luzes dos holofotes

estavam sobre mim. Quando subi a plataforma a sensação de honra e reconhecimento foi muito forte. Os Mestres que estavam na Bancada inclinaram-se perante os vencedores. Depois que desci meus alunos e companheiros da ADINK, que estavam sentados ao redor das arenas de luta, correram na minha direção e me carregaram no colo no meio de muita gritaria. Foram me carregando até o vestiário, quase que bateram com a minha cabeça no teto do corredor, tanta era a empolgação!

Me encontrei depois de vestido com meus amigos da Irmandade.

— Aí! Detonou! Quebrou o cara!!! — Ariel abraçou-me com um abraço de urso.

— Então, aonde nós vamos agora comemorar isso aí, heim, pessoal?! — Gritou Marlon, cumprimentando-me também, muito efusivo.

— Eu fotografei bastante, viu? — Comentou Thalya depois de me abraçar e beijar. — Gastei o filme todo, tirei trinta e seis fotos!!

A câmera que ela tinha era poderosa, dava zoom, tinha lentes especiais. As fotos ficaram muito boas!

— Você deu um chute lindo, um golpe maravilhoso! — Interrompeu Rúbia com um amplo sorriso.

— É mesmo, você estava muito bem, estava lindo lá em cima daquele pódio! — Exclamou novamente Thalya, pendurando-se em mim. — Deixa eu ver a sua medalha!

— E eu filmei tudo, não perdi nada, inclusive aquela hora em que você quase meteu a cara na parede! — Continuou Rúbia.

— Pois é, o pessoal perdeu a noção! Zórdico, Taolez e os outros não ficaram atrás nos cumprimentos. Depois entramos no carro e Marlon perguntou de novo:

— E aonde é que nós vamos?

— Bom, acho que vou sair um pouco da dieta de luta agora, né? Vamos detonar, vamos para uma Churrascaria!!!

— Isso! Boa opção, boa opção! — Concordaram todos.

Eu tinha me preparado bastante e agora queria comer carne. E comi. Comi que nem um boi ladrão!!! Lá pelas tantas comecei até a passar mal. Brinquei:

— Filho do Fogo, o Fogo não queima... mas eu acho que estou até me sentindo mal! Acho que comi demais!

Comecei a falar umas bobeiras para Marlon sobre como eu faria para acabar com aquele mal estar, entre risos, mas Zórdico ouviu e veio para o meu lado.

— Aonde é que está doendo? É aqui, em cima do estômago? — E colocou a mão sobre minha barriga.

Quando ele tirou a mão eu não sentia mais nada.

— Ué! Não está mais doendo, não!

— Pois é. Mas agora pára de comer! — Advertiu ele, sorrindo. — Você já deve ter comido um boi inteiro, já se entupiu demais!

Thalya ainda aproveitou a oportunidade.

— Melhor a gente deixar ele voltar sozinho de ônibus! Nada de entrar no carro! Vai saber o que pode acontecer depois de ter comido tanto ovo de codorna!

— Tudo bem! — Falou Marlon. — A gente abre o teto solar, liga o ventilador!

E era só brincadeira atrás de brincadeira. Nos divertimos muito! Ainda comentei sobre o próximo Campeonato, o mais importante do País, dali a mais ou menos uns cinco meses.

— É isso aí! Quem sabe mais tarde você não vai participar do Mundial?!!

***

Nesse meio tempo, antes do próximo Campeonato, formei-me faixa preta no Ton Long. Ou seja, recebi a graduação de Professor também neste estilo. Por ocasião das Provas experimentei

uma sensação completamente ímpar e que nunca mais tornei a viver.

O exame durou três dias inteiros. A primeira prova era a Teórica. Eu tinha estudado bastante mas estava um pouco receoso pois era muita a matéria e os detalhes. O Brasil tem somente 500 anos de História e já há tanto o que lembrar, quanto mais a História de mais de 5000 anos da Arte Marcial Chinesa!

Nós tínhamos três horas para responder 200 questões tanto dissertativas quanto de múltipla escolha. Comecei a prova, fui respondendo o que eu sabia. Mas tinha também questões que não sabia. Então resolvi deixar de ser orgulhoso e pedir ajuda a Abraxas. A Arte Guerreira foi ensinada aos homens pelos demônios.

Nada melhor do que um deles para me auxiliar naquele momento.

Concentrei-me e autorizei a canalização. E essa experiência eu não vou esquecer jamais! Até porque depois daquele dia nunca mais aconteceu nada parecido! Eu estava plenamente consciente, perfeitamente acordado. E logo percebi as sensações características da aproximação dele. O frio no corpo, tremores leves, os pêlos do braço arrepiando, até mesmo o odor característico de Abraxas eu pude sentir muito claramente. Era um cheiro de incenso. Normalmente as Entidades exalam esse tipo de cheiro que lembra o aroma dos incensos que queimávamos nas Reuniões da Irmandade. O aroma prenuncia a presença deles.

E então meu braço esquerdo começou a formigar no ombro, a sensação foi se estendendo até a ponta dos dedos. Em seguida o braço adormeceu completamente. Parecia que eu tinha dormido em cima dele durante uma semana inteira! Ficou todo paralisado e insensível.

Fechei os olhos e continuei sentindo a presença dele, permaneci com a cabeça levemente inclinada para frente e a mão direita sobre a fronte, como que pensando na prova. E então minha mão começou a escrever. Sozinha! Perdi totalmente o controle sobre ela. E era uma rapidez tão impressionante que nem conseguia acompanhar plenamente com os olhos o que Abraxas estava

fazendo. Mas o mais inédito foi que escrevi todas as frases do fim para o começo, escrevi as palavras ao contrário, uma coisa tremenda!!! Nas questões de múltipla escolha eu quase perdia de vista a caneta, minha mão voava riscando a alternativa certa numa agilidade indescritível!

Todo mundo estava muito entretido com suas próprias questões, ninguém notou nada. Acho que terminei a prova em cinco minutos.

De repente ele parou. E minha mão começou a tremer ligeiramente, eu não conseguia controlar aquilo. Então ocultei-a meio próxima do corpo e a segurei com a outra mão até que passasse. Não durou muito tempo. Aí veio uma sensação de algo queimando no centro do peito, inflamando, e o calor se estendeu por todo o meu corpo. Passou o frio. E em seguida veio o período semi-letárgico habitual depois que ele deixava o meu corpo.

Fiquei quieto, esperei um pouco. E então li toda a prova. Era exatamente a minha letra! Inacreditável! Mas não tinha sido eu quem escrevera aquilo. O mais engraçado é que algumas coisas que já estavam escritas a caneta, Abraxas mudou. Não tenho idéia de como ele pôde apagar a caneta sem deixar a mais mínima marca no papel!!! Para um demônio desmaterializar aquela tinta deve ter sido muito fácil.

E fui bem naquela prova, bem demais. Acertei tudo! Mas naquela noite fiquei pensando... aquela coisa de escrever a frase ao contrário... eu começava no fim mas o espaço dava certinho quando chegava no início da linha. Perfeito! Nos outros dois dias eram as provas Física e Técnica. Mas quis fazer tudo por mim mesmo. Eu estava numa forma física muitíssimo boa e era capaz de fazer sozinho. E fiz. O único momento em que quase apelei para meu Guia foi durante um exercício isométrico de resistência para a perna muito desconfortável. Consistia em permanecer numa posição extremamente incômoda — a posição de mabú, ou do "cavalo" — diante de uma pira de fogo. A posição deveria ser sustentada por quinze minutos, e a dor suportada.

Ficar cinco minutos já era bastante difícil. Mas eu estava acostumado e agüentava dez, doze minutos. No dia do Teste não

foi diferente e, apesar de ter pensado em canalizar, não o fiz. Fui até o limite da minha força.

O resto dos exercícios físicos não tiveram dificuldade a ponto de necessitar pedir ajuda. E também me saí bem.

No último dia era a prova Técnica, ou seja, apenas de Kung Fu. Começou com a apresentação das 107 armas. Apenas uma pequena seqüência de cada, enfocando os movimentos mais complexos. Apresentar as seqüências inteiras seria impraticável.

Depois as seqüências livres de braço, os "Toy-chas" (lutas combinadas), as técnicas de torções, as técnicas de chutes, as avaliações de ataque e defesa, a parte acrobática. Mesmo nessa ultima não quis chamar Abraxas, apesar de saber que não era o meu forte. Meus saltos mortais saíram um pouco tortos e perdi pontos, mas não tinha importância. Estava indo muito bem no resto!

Até que veio a última parte do Exame, as lutas propriamente ditas. Eram sorteados os oponentes entre os próprios participantes do Exame. E cada luta durava um minuto apenas, os pontos iam sendo atribuídos ou não pelos Mestres. Tudo é minuciosamente avaliado. Foi um teste bastante complexo e totalmente abrangente. Em relação às lutas, cada um de nós faria dez delas. E tínhamos que nos sair bem em pelo menos seis.

Eu estava indo bem, estava fazendo pontos, dava e tomava alguns golpes mas com os protetores agüenta-se bem o impacto. No entanto, numa das lutas já quase no final, levei um chute no peito que me fez voar longe. E bati de costas na parede. O impacto me fez voltar com o corpo para frente e o rapaz que lutava comigo ainda me acertou um soco na nuca. Me senti bambeando e próximo do nocaute. Mas Abraxas tomou conta de mim sem que eu pedisse.

Assim que caí, meio zonzo, senti uma força grande tomando conta dos meus braços. Estava bem consciente e olhei para meu adversário, mas já não sentia os meus olhos normais, sentia aquele calor muito forte ao redor deles. Fui para cima dele e dei um golpe só, nem sei como furou a guarda. Foi um soco muito bem dado, minha mão ficou dominada por uma incrível potência. E ele quase que foi erguido do chão com o impacto do golpe.

Ficou caído, mas a princípio ninguém fez nada. O rapaz ficou se contorcendo por causa do impacto na região abdominal, mas aí como ele não melhorava tiveram que acudir. E os dois médicos que ficam de prontidão durante os Exames foram chamados. Retiraram os protetores e depois de avaliá-lo um pouco acharam melhor removê-lo para o Pronto-Socorro.

Realmente foi melhor. No dia da Formatura, na entrega das faixas, comentaram comigo que ele tinha ficado internado e passara pela cirurgia por causa da hemorragia interna. Caramba...

Mas ainda que não estivesse participando da Cerimônia, ele também tinha passado no Exame e se formado. Aquela luta só fez com que ele perdesse alguns pontos que não foram suficientes para desclassificá-lo.

Quanto a mim, estava muito contente. Tinha feito todo o Teste Físico e o Técnico por mim mesmo. E a ajuda de Abraxas na Prova Teórica me garantiu a melhor nota.

***

Acabei aprendendo duas coisas logo depois disso, quando participei do outro Campeonato. Como é difícil cair do pedestal... e como eu era importante para meus amigos da Irmandade e para os Guias.

Aconteceu assim: na Final do Campeonato, que era em São Paulo mesmo, eu estava com a minha autoconfiança lá em cima. Talvez por causa do excelente resultado que conseguira no Exame da Federação. Mas às vezes o pessoal da Irmandade tirava uns baratinhos comigo, dizendo que se não fosse pelo meu Protetor...

— É, "Abraxinha"! Que protetor o seu, heim?!

Mas eu tinha passado no Exame sem a ajuda dele! Mesmo que tivesse sido nocauteado naquela luta isso não me levaria a ser reprovado. E mesmo sem a nota dez na prova teórica, também teria passado do mesmo jeito! Então resolvi que não ia pedir a ajuda dele, não ia lutar canalizado na Final.

— Essa aqui eu vou ganhar por mim mesmo! — Vangloriei-

me.

Todos foram assistir novamente. O prêmio era excelente e quem ganhasse o primeiro lugar levava também um troféu enorme. Teve uma demonstração coreográfica antes, um negócio muito bonito. Eu participei dessa coreografia com o nunchaku.

Depois participei de algumas lutas e por fim chegou a última luta. Só que acho que Abraxas adivinhou qual era a minha intenção! Deve ter percebido que eu ia deixá-lo de fora na última luta, afinal ele me conhecia muito bem. Sabia de cór e salteado que tipo de reações eu costumava ter. E por isso também me armou a dele. Só posso acreditar que tenha sido isso.

Então, na penúltima luta acabei machucando de leve o joelho. Poderia ter sido pior não fossem os protetores, nem sei direito o que aconteceu mas tomei um golpe meio de mau jeito. Isso nunca teria acontecido em condições normais! Acho que Abraxas propositalmente permitiu que eu não estivesse cem por cento para que tivesse que apelar para ele, quisesse ou não. Mas eu era muito teimoso, turrão mesmo...e não desisti da minha decisão.

Fui lutar sem consagrar a faixa.

Mas não tinha boa firmeza no joelho, infelizmente. A luta durou dezessete segundos. No começo tudo ia bem, trocamos alguns golpes, eu me defendi e ele também. Mas estava sem boa sustentação e ainda pensei, em frações de segundo:

"Puxa vida, algumas palavras agora e Abraxas me ajuda!"

Mesmo assim não fiz. Na minha cabeça eu só pensava em ganhar sozinho. No dinheiro do prêmio, e no que ia fazer com ele. De repente, vindo não sei de onde, meu oponente conseguiu me acertar um chute no meio da cara!!!!!!!!!

A única coisa que eu acho que vi depois daquilo foi meu protetor de boca voando longe. As pernas bambearam e eu fui direto para o chão. Senti na boca algo meio crocante e que não sabia dizer o que era.

Olhei para o alto, zonzo, enxerguei meio fora de foco o reflexo forte das luzes e o juiz, envolto em névoa, que estendia a mão diante do meu nariz contando o tempo. Eu nem conseguia ver

quantos dedos tinha ali. Escutei a gritaria da multidão e pensei de novo:

"Essa não! Esta alegria toda é porque eu estou aqui no chão!"

Meu oponente saltitava perto de mim como um canguru. Amaldiçoei a vida dele, a vida do juiz que já tinha dado a vitória para o outro. Enfim percebi o que era aquilo crocante na boca, eram os meus próprios dentes da frente! Cuspi no chão os pedaços e me preparei para enfrentar o momento mais difícil da minha vida. O dia em que eu tinha perdido uma luta!

Me levantei mas não queria nem olhar pra cima, morto de medo de que alguém fotografasse aquele momento tétrico. Nem tirei o protetor de rosto, se eu ficasse com ele a chance de ser reconhecido era menor.

Terminada a luta já era o momento de subir ao pódio porque estavam definidos os seis ganhadores. Para mim não valia o segundo lugar. Eu estava furioso e inconformado.

E não me deixaram subir na plataforma com o protetor! Fui obrigado a tirar e fiquei lá em cima só desejando que tudo acabasse o mais depressa possível, olhando para baixo, com cara de ovo, morto de vergonha!!! Me senti um rato, nunca fui tão humilhado. Eu conseguia ver os olhinhos dos meus alunos olhando pra mim ali perto do pódio, não compreendendo bem o que tinha acontecido comigo.

E eu que sempre dizia que para levar um chute na cara a pessoa tinha que ser muito ostra!...

"Não é possível....."

Desci do pódio e eles vieram para me carregar de novo, o que recusei terminantemente. E fui sozinho para o banheiro. Só queria ver a minha cara. Quando olhei, não conseguia acreditar. Não tenho palavras para me descrever emocional-mente naquele momento. Um dos incisivos estava quebrado inteiro e o outro partido na diagonal!

— Como é que pode uma coisa dessas??!!!!!

Me troquei. Eu queria poder ficar lá dentro eternamente, não

queria ver ninguém. Nem o pessoal da Irmandade. Fiquei ali um bom tempo resmungando sozinho.

— Eles vão querer comer churrasco outra vez e o que é que eu vou dizer? Que houve um pequeno problema com os meus dentes?!

Finalmente saí e fui ao local de encontro, perto dos carros. Eles tentavam me animar:

— Parabéns!! Segundo lugar! Está ótimo!

Era tudo o que eu não queria ouvir. Procurei não demonstrar minha indignação. Mas todos eles sabiam o que eu tinha feito, que não pedira a ajuda de Abraxas. Mesmo assim ninguém disse nada. Não era mesmo o momento!

— Não fica chateado, não!!! Você é o segundo no País! — Falou Górion. Thalya quis me animar mas disse a coisa errada:

— Eu fotografei, Rillian!

— Você fotografou o quê?! — Perguntei rispidamente.

— Ah... foi a sua entrada. Só! — Hum.

— Mas que cara de poucos amigos a sua! Deixa disso! Você se saiu bem!

— Ariel queria de fato me animar. — Você é o segundo do Brasil, sabe o que é isso?! Sabe quantas pessoas tem querendo esse título?

— Rúbia, você filmou? — Perguntei.

— Filmei.

— Pois destrua esse filme! — Respondi, preocupado.

— Que é isso, filho? Não fica assim, não. — Marlon foi bastante sincero.

— Não esquenta a cabeça com isso desse jeito. Dá um sorriso!

Diante daquilo eu fiz força para não rir. Marlon tinha falado brandamente, mas os outros ficaram todos postados ao meu redor fazendo graça para que eu risse.

— Aí! Dá uma risadinha!

Dei um sorriso amarelo, inibido, e logo levei a mão à boca:

— Não dá. Minha boca está comprometida.

— Que que aconteceu?!! — Exclamou Thalya, com cara de espanto. — Vai dizer que seu dente quebrou?!

— É, Thalya, quebrou! Tá satisfeita?

— Deixa eu ver!

— Vai ver coisa nenhuma. Eu vou no dentista antes! — Tá bom. Então vamos comemorar! — Tornou ela.

— Não, eu já disse que vou pro dentista! Você não entendeu o que eu disse?!

— Agora?! Vamos comemorar primeiro!

— Não! Tem que ter um dentista de plantão, eu não vou a lugar nenhum assim! Como é que eu vou comer? Vamos ao dentista!

— A gente come pizza, pizza é molinho! — Thalya estava irredutível. — Amanhã você conserta o dente.

— Não. Vamos no dentista. Marlon interveio:

— Tá bom, filho, vamos ver um dentista pra você. Eu sei aonde tem um.

E fomos, em caravana com quatro carrões importados, num dentista vinte e quatro horas. Thalya e Rúbia desceram comigo. Foi até rápido e ficava pronto na hora, nem precisava esperar para comer. E só aí fomos para a pizzaria. Mas eu nem estava muito a fim de comemorar nada. Minha boca estava inchada e eu me sentia ridículo! Zórdico, Taolez, Ariel, Górion, Marlon, Thalya, Rúbia e mais alguns amigos conseguiram me animar um pouco.

E acabei me conformando com o segundo lugar.

***

O Campeonato tinha sido no domingo. Na sexta-feira

subseqüente Marlon ligou-me de manhã na Style e avisou-me que haveria uma Cerimônia especial para repassar algumas diretrizes novas. Ele não poderia levar-me por causa de compromissos, mas disse-me que seria bom que eu chegasse mais cedo em casa de Zórdico. Normalmente nós chegávamos para os Ritos em torno de onze horas da noite, mas Marlon disse que nove seria um bom horário dessa vez.

"Chi!", pensei logo de cara. "Que que eu vou dizer para Camila??? Em plena sexta-feira!"

Saí mais cedo do serviço, logo depois do almoço. E fui para a casa dela.

— Olha. Resolvi passar a tarde com você porque depois vou ter que voltar para a Empresa à noite, temos muito o que fazer.

Ela acreditou na desculpa, mas engripou um pouco:

— Tudo bem. Acho que então vou com você! Fico lá também!

— Não! Não dá para você vir junto, você vai me atrapalhar! Mas Camila não aceitava argumento.

— É sexta-feira, depois que você sair nós já podíamos ir para o cinema, e depois jantamos. Afinal uma hora você vai ter que sair! Vou junto, vou junto, vou junto!

E nada a demovia. Aquilo já estava me torrando a paciência!

Era difícil Camila aparecer na Style, eu fazia o possível para que isso não acontecesse. Raramente ela entrava, somente quando passava por ali para pegar dinheiro comigo. E depois ia torrar tudo fazendo "compras na Augusta", o supra sumo do programa. Ela adorava! Mas hoje eu tinha que arrumar um jeito dela ficar em casa.

"Ela não vai comigo!"

Como não consegui convencê-la por bem tive que pedir a Abraxas que fizesse alguma coisa. Abracei-a, coloquei as mãos em suas costas e fiz um encantamento leve. Ainda deixei bem claro para Abraxas: falei que não queria nada de muito exagerado, um distúrbio leve apenas, só para que ela ficasse em casa.

Passada uma meia hora começou a dor de cabeça. Que não passou nem com o melhor analgésico. Depois começou também a dor de barriga. Logo veio a diarréia, bastante intensa.

— Você não está bem, Camila. É melhor você descansar um pouco. Vai deitar, eu vou indo!

— De jeito nenhum! Hoje é sexta-feira, eu não vou ficar em casa sozinha! Vou com você assim mesmo. Daqui a pouco já passa!

Que insistência. De repente ela fez um movimento qualquer, foi se abaixar para pegar não sei o quê e deu um grito:

— Aiiiii!!!

Camila travou as costas de tal jeito que não conseguia voltar à posição normal. Ficou entrevada! Não podia nem se mexer. Tive que carregá-la até a cama, Camila chorava de dor. A vizinha sabia aplicar injeção e foi chamada. Veio toda prestativa, e eu comprei uma ampola de Voltaren. Mas nem com Voltaren Camila melhorou. E teve mesmo que ficar em casa!

— Ufa! — Pensei. E falei para Abraxas. — Que amanhã ela já esteja bem, heim? Eu só preciso disso hoje!

Voltei para despedir-me dela no quarto. Camila nem podia se mexer, e reclamava:

— Puxa vida, acho que vou passar o final de semana inteiro na cama! Que droga ser pobre, se eu fosse rica já estava lá no Einstein! E ficava curada! Pobre tem mais é que morrer! Por que que existe pobre?!!

Essa era uma das suas frases prediletas. Ainda que ela vivesse como rica por causa do meu dinheiro, nos poucos momentos em que se sentia pobre ficava na mesma lamúria de sempre. E queria morrer.

— Você sabe que essas dores lombares se resolvem com repouso e antiinflamatório. Não adianta ir para o Einstein, Camila! Seja boazinha! Amanhã estou aqui, tá?

E eu pude sair cedo, finalmente. Peguei um táxi e fui para o ponto de encontro perto da Igreja. Ariel viria buscar-me. Ele chegou esbaforido e ligeiramente atrasado. Uma coisa inédita!

Parece que tinha ido buscar uma encomenda.

— Rillian! Vamos?!

Estranhei que Thalya já tivesse ido antes, com Rúbia. Isso nunca acontecia, nós sempre íamos juntos! Fomos sozinhos e conversando:

— Que Cerimônia especial será essa, não?

— Não sei! — Respondeu Ariel. — Mas que coisa fascinante é a nossa Irmandade, heim? Nós somos de fato privilegiados por podermos estar aqui, né?

Passamos o resto do caminho comentando como era bom ser filho de Lucifér e como seria possível alguém em plena sanidade mental cultuar a Deus. Como é que eles podiam acreditar numa coisa tão absurda, num Deus que só promove desgraça no mundo?

Quando chegamos e fomos descendo para o sub-solo reparei que no salão principal não havia ninguém. Não havia nada preparado, não tinha o cheiro costumeiro de incenso. Ariel me puxou pelo braço, sempre carregando a tal da encomenda que tinha ido pegar:

— Vai ser em outro lugar hoje!

Fomos para outra sala. Ariel abriu a porta de correr explicando:

— Me disseram que hoje é um grupo menor.

Estava tudo escuro lá dentro, não se enxergava nada. Fui entrando e comentando:

— Ué, você tem certeza que vai ser aqui, Ariel? Não tem ning.....

— SURPRESAAA!!!!!!

A luz acendeu e dei de cara com todos os meus amigos reunidos em volta da mesa arrumada e cheia de comes e bebes! Ariel colocou o último pacote, os doces que tinham ficado sob sua incumbência.

— Boas vindas ao campeão! — Viva!

— Hurra!!

E palmas e mais palmas. Todo mundo gritava e falava ao mesmo tempo. Eu não estava entendendo nada:

— Peraí, gente! Hoje não é meu aniversário, não!

— E você acha que o título que você ganhou não vale de nada, cara?!! — Exclamou Górion.

— É isso aí! — Fez Thalya, muito lampeira. — Merece um beijo!

E avançou para me beijar enquanto os outros continuavam falando alto e me dando tapinhas nas costas. Tinha umas cinqüenta pessoas ali.

— Essa festinha é pra ver se levanta o seu astral! — Exclamou Rúbia beijando-me também.

Quiseram que eu fizesse discurso, mas eu não sabia o que dizer. Na verdade estava muito emocionado com a atitude deles. De verdade.

— Bem... vocês me pegaram direitinho! Me sinto um sujeito de sorte em ter vocês como amigos!

Zórdico fez um pequeno discurso em minha homenagem, falando que eu podia de fato tê-los como uma família, e novamente dizendo o quanto eu era querido, o quanto era especial, o quanto eles se alegravam em poder conviver comigo. E acrescentou:

— Sua alegria é nossa alegria! Quando um de nós é vitorioso, a vitória e nossa. Essa conquista é de todos nós.

— Mas eu não fui Campeão!

Todos deram risada. Zórdico também. E falou:

— Só não foi porque não quis, porque foi bobo! Mas... aprenda uma coisa.

Você faz parte da Força, e ela faz parte de você. Você não pode simplesmente se desvincular dela! A sua força depende da unidade, da unidade com Abraxas. Caso contrário, estará fraco. O Poder deriva da Força. E a Força é produto da Unidade.

Compreendi o que ele estava dizendo. E simplesmente perguntei:

— Vocês não vão passar o filme, né?

— Vamos, sim! — Falou Rúbia. — Está tudo montado. Você não pode ficar com esse trauma todo! Isso vai passar agora mesmo!

E passaram. Passaram primeiro o anterior, onde eu tinha me saído super bem, e depois mostraram o último.

— Vencer ou perder... está na sua mão! — Retomou Zórdico carinhosamente. — Você não tem que jogar dados na vida, Rillian! Você preferiu arriscar e contar com a sorte, só que não precisa ser assim. Você é um vencedor, faz parte de um time de vencedores. Entre nós não há derrota. Tudo o que você quiser será possível!

Entendi muito bem. Não haveria próxima vez. E a festa continuou super divertida. Eles me deram um kimono novo muito bonito, em nome de todos. Depois fomos todos para a beira da piscina, estava calor e fazia uma noite maravilhosa. Ficamos conversando até quase o raiar da manhã.

O mais incrível é que não houve Ritual naquele dia. O dia tinha sido separado para aquela homenagem!

***

Capítulo 10

Um pouco antes da próxima Festa Sátor recebi uma agradável notícia. Como Feiticeiro eu tinha sido escolhido para ser auxiliar do Sumo Sacerdote Akilai naquela Celebração. Era algo bastante expressivo, principalmente porque se tratava da Festa a Leviathan. Aquele convite me fez lembrar muito da Feiticeira ruiva no dia da Iniciação. Eu estaria desempenhando o mesmo papel que ela tinha exercido naquela ocasião.

Com uma pequena diferença. Além da honra em ter sido escolhido como auxiliar do Sumo Sacerdote, abrindo a Cerimônia e preparando a poção do caldeirão aquilo representaria um incremento no meu próprio Poder. Porque o sacrifício também

deveria ser oferecido por mim.

Não era o convencional nem de longe. Mas eu já estava acostumado que coisas assim acontecessem sempre comigo.

No dia da Festa viajamos todos para uma cidade próxima aonde aconteceria a Celebração. Desta vez numa outra Fazenda, num Galpão imenso. Estavam todos lá, aquela concentração enorme de pessoas vindas de todos os cantos da América do Sul. Reparei que nesse dia também haveria pessoas sendo Iniciadas.

O Ritual correu perfeitamente bem. Fiz tudo certinho. Conforme pede o protocolo, eu mesmo já tinha colhido os ingredientes. Tem horário e lugar certo para fazer isso. Preparei as ervas, não esqueci nenhum detalhe.

Todos os passos complexos para a confecção daquela importante poção saíram a contento. Recitei os encantamentos, as palavras e os mantras, realizei todos os gestos, toda a seqüência ritualística. À medida que o tempo ia passando e a poção se aproximava de ficar pronta passei a ver os demônios rodando ao redor do caldeirão, regozijando-se com tudo o que eu estava fazendo. O povo em geral ainda não os estava vendo, mas na minha posição privilegiada naquele dia pude contemplá-los bem antes!

Abraxas estava presente também, um pouco mais afastado, observando tudo.

Por fim... ficou faltando apenas o sangue do sacrifício. Começaram os atabaques. A música característica preparava aquele momento. Todos estavam esperando pelo clímax da Cerimônia. Ela já tinha sido colocada sobre a mesa *por* outro auxiliar. Uma menina.

Procurei incansavelmente controlar as batidas do meu próprio coração. Dessa vez era exigido como parte do processo algo muito difícil. Eu não poderia ser canalizado. E esse era o meu grande temor. Minha patente de Feiticeiro Profundo não mais me permitiria aquele tipo de luxo. Não poderia mais ser "carregado no colo" por Abraxas naquelas circunstâncias.

Aproximei-me da mesa sem olhar para ela. Peguei o punhal, ergui-o acima da cabeça, pronunciei as palavras certas e

acrescentei, como convinha, que entregava aquela vida ao demônio. Mas... fiz o que nunca poderia ter feito. Subitamente, sem querer, baixei os olhos para ela! E exatamente naquele instante... quando olhei para ela.. . ela abriu os olhos e olhou para mim!!!

Marlon tinha me dito que nas primeiras vezes em que se faz isso sem canalização é melhor não olhar.

— Depois você acostuma. Aí você vai poder matar olhando nos olhos. Não é seu irmão, sua irmã...é apenas um bastardo sem valor!

Fosse como fosse o olhar daquela menina acabou comigo. Me veio um aperto tão grande no coração, uma sensação horrível e tenebrosa. Em frações de segundos eu olhei para Akilai. Marlon, Zórdico e Taolez estavam ali em cima, como Sacerdotes que eram, mas eu era auxiliar do Sumo Sacerdote. Não adiantava pedir socorro aos meus amigos.

Akilai olhou firme para mim, não fez movimento nenhum, quase paralisado. Estava canalizado e seus olhos chamuscavam. Mais alguns milésimos de segundo e pensei então em pedir para Abraxas me canalizar. Só que não podia.

"Mas com ou sem Abraxas, o fim dela vai ser o mesmo!"

Senti minha cabeça rodopiando naquele pensamento. E não sei o que me deu. Diante daquele mar de gente, em plena Festa dedicada a Leviathan..... assumi uma postura de recusa! Decidido, apoiei devagar a faca sobre o corpo da menina.

"Não serei instrumento disso."

Aconteceu tão rápido que nem vi. Virei as costas e me preparei para sair. Como se eu pudesse fazer isso...! Não tinha terminado ainda o giro do corpo e a descarga elétrica foi violentíssima! Recebi um tranco que parecia querer explodir meu corpo em mil pedaços. E não me recordo de mais nada.

.....
....

Quando acordei, estava no chão, jogado meio que de qualquer jeito. Como se tivesse sido atirado ali. Não sentia um

pingo de força em todo o meu corpo. Para dizer a verdade, nem parecia que eu existia porque o meu corpo estava totalmente insensível dos pés à cabeça. Nem sei quanto tempo fiquei desacordado.

Zórdico acudiu-me, Akilai também, e me puseram num canto apoiado contra a parede meio fora de cena. Já não estavam canalizados. Ninguém disse nada.

Mas me olhavam com um ar estranho, deixando transparecer aquele questionamento: eu não tinha sido capaz de cumprir com a responsabilidade que me fora dada.

Fiquei ali, tentando me recuperar. Eu queria a todo custo limpar o sangue que me manchava as mãos mas não conseguia movê-las. Arrastava-as no chão com extrema dificuldade, e nada de conseguir me limpar. A cabeça parecia que ia estourar, minhas costas também doíam bastante. Aos poucos fui melhorando mas custei a compreender o que tinha acontecido.

O Rito já estava acabando. Quando eu me senti um pouco melhor dei um jeito de ir ao banheiro sozinho para me lavar. Ainda sentia o corpo estranho, mole, cansado, formigando. A confraternização já tinha começado mas eu não quis saber de nada. Fui para a beira da piscina e coloquei os pés na água, fiquei ali chacoalhando-os devagar, vestido apenas com meu manto, pensativo.

Não fiquei muito tempo só. Logo Thalya apareceu, sentou ao meu lado, meio calada. Pôs os pés na água e começou a querer puxar conversa. Mas eu não queria conversar.

Não passou muito tempo e Rúbia veio também, sentou e imitou nosso gesto, enfiou os pés na piscina. As duas foram muito sutis, não comentaram nada apesar de saberem o que tinha acontecido.

— Como a noite está bonita, né? — Falou por fim a Rúbia. — Vamos dar um mergulho de vez nessa água?

E já foi tirando o manto e entrando. Thalya voou atrás dela. Eu não sabia nadar, de modo que entrei mas fiquei no raso. Fizemos a nossa própria festa particular, até o raiar do dia.

Brincamos, conversamos. Foi bom que elas estivessem comigo. Estava muito chateado com o que tinha acontecido. Eu tinha sofrido as conseqüências da minha imprudência... e a menina tinha morrido do mesmo jeito.

Mas estava estranhamente inconformado com o destino dela... por um momento pensei que pudesse decidir sobre a sua vida. Eu tinha visto os seus olhos... tentei poupá-la... não adiantou de nada. A imagem daqueles olhos levou muito tempo para sair da minha cabeça. Para dizer a verdade, nunca saiu.

Na hora de voltar, no carro, acabei comentando tristemente com meu amigo:

— Marlon...o Abraxas entrou em mim de um jeito tão violento! Pôxa, por que que ele fez isso? O que eu fiz?!

Abraxas ainda era meu protetor. Uma atitude extrema daquelas não combinava bem com o amor que ele dizia ter por mim.

— Não foi o que você fez... foi o que você não fez, Eduardo!

— Ah, mas eu não podia fazer! — Retruquei com veemência. — Não podia fazer.

Ele olhou para meu rosto e, embora compreendesse o meu sentimento, falou com cuidado mas firmemente:

— Tem certas coisas... que simplesmente você tem que aprender a fazer. Porque faz parte... olha... é necessário. É um mal necessário! Você tem que estar disposto a cumprir as suas obrigações, tem que estar pronto a servir Lucifér do mesmo jeito que ele está sempre pronto a nos servir. Tem coisas que é melhor não questionar, filho. — Abraçou-me de modo paternal, apesar de tudo. — Está tudo bem com você? Melhorou o mal estar e a dormência?

— Quase tudo!

— É... Abraxas poderia ter te matado. Pelo que vi ali, ele chegou ao limite do que o seu corpo suportaria. Ele sabia até que ponto podia ir!

— Eu não estava esperando por isso...

— Você não pode dar as costas para o altar daquele jeito. Foi uma loucura o que você fez! Uma afronta inominável! Largando tudo ali e indo embora! Se fosse outra pessoa, Eduardo... tal vez agora estivesse morto.

Voltamos para São Paulo. Naquele dia tudo foi bem, era um domingo e aproveitei o resto do dia para descansar. Tomei um banho bem longo e fui deitar.

No meio da madrugada acordei com uma dor terrível no lado esquerdo do peito. Eu não conseguia me mover, não conseguia falar, não conseguia nem respirar direito. Uma dor opressiva, tremenda, acompanhada de uma sudorese fria e intensa, uma dificuldade respiratória, uma taquicardia! Para mim, eu estava enfartando!

Não consegui pensar em nada. E aquela dor não passava, durou a madrugada inteira. Fiquei me contorcendo na cama, sozinho. Quando o dia começou a clarear senti um pequeno alívio. Saí da cama com dificuldade e resolvi ir até o Hospital. Nem pensei em ligar para Marlon ou Zórdico àquela hora da manhã. No fundo eu acho que já sabia o que ia escutar. Mas estava com medo e queria uma opinião exclusivamente médica. A última coisa que eu queria pensar era que estava sendo punido de alguma forma.

— Eu sou filho do Fogo.....

No Hospital a dor passou sem medicação nenhuma, de repente. E nada foi acusado nem no meu raio-X de tórax e nem no meu eletrocardiograma. Voltei para casa e me preparei para o serviço. No final da tarde, subitamente começou uma fortíssima dor de estômago. Esperei um pouco, procurei me controlar ao máximo... mas não houve como. Vi que não ia mesmo passar e tive que ir até o ambulatório da Empresa. Tomei Buscopam na veia com glicose, e nada!! Nem um pingo de melhora. Tive que voltar para casa mais cedo.

Ainda assim não pensei em contatar ninguém da Irmandade. Fiquei com dor até tarde, tomando buscopam em gotas sem sucesso. No meio da noite a dor diminuiu um pouco mas não passou. No dia seguinte fui obrigado a procurar ajuda. Liguei para Zórdico logo cedo e me queixei:

— Puxa, eu tô mal! O que é que tá acontecendo?!

— Está se sentindo mal, é?

— Caramba, não passa! Tomo remédio e não adianta! Eu sabia o que ele ia dizer.

— E...você só pode ser tocado se os seus Guias permitirem! De certa forma você sabe, não é? Sabe que agiu mal?

— Se você errar de novo, vai ser pior! O nosso caminho é de disciplina. Você também ficaria muito decepcionado se fizesse um pedido a Abraxas e ele não se empenhasse em cumpri-lo!

Tinha sido mesmo um castigo por causa da minha desobediência e indisciplina.

— Tá bem. Entendi. — Falei meio seco. — Obrigado pela dica.

E desliguei. Não perguntei quando ia passar o desconforto, agora tinha certeza do que estava acontecendo. Mais para o final de semana eu já não tinha mais nada.

Mas pelo visto não me serviu muito de lição porque logo fui punido novamente.

***

— Você sabe que a Rúbia é uma Reprodutora, não!? — Perguntou-me Marlon mexendo o cappuccino diante dele.

Dentro da Irmandade as mulheres escolhidas como Reprodutoras são aquelas cuja maior finalidade é a de gerar filhos para os demônios. Estas crianças sequer são registradas, para todos os efeitos elas nem chegam a existir. Até o período da gravidez é feito em local retirado e todo o círculo de conhecidos destas mulheres nem fica sabendo que elas estiveram grávidas.

As pessoas da Irmandade têm muitas posses. Isso facilita a mudança de cidade, de estado, ou até mesmo de País durante a gestação. Se o objetivo for sacrificar a criança em outro País, por exemplo, a Reprodutora é levada ao seu destino para esse fim.

A concepção é feita em Rituais especiais conhecidos como

Ritos de Fertilidade. O ato é inspirado pelos demônios, o homem é previamente escolhido para unir-se, sempre canalizado, a uma determinada Reprodutora para um fim específico. Os Súcubus e Incubus têm esse Poder reprodutor porque podem carregar esperma coletado de um ser humano com eles. Mas no caso do Ritual de Fertilidade é sempre uma relação homem-mulher. E o homem é meramente um instrumento do demônio para o ato que gerará a criança.

Geralmente ela é sacrificada logo após o nascimento durante um Rito específico para isso. Ou pode ser criada por nove meses, e então morrer.

Algumas vezes eu vi a concepção acontecer, no Rito de Fertilidade. Mas o sacrifício não se vê assim tão facilmente. É uma Cerimônia para poucos, geralmente apenas Sacerdotes. Dizem que as Reprodutoras têm um parto indolor. Apenas Deus quer que as mulheres dêem à luz em sofrimentos.

Uma das finalidades principais deste tipo de prática é oferecer a criança em "troca" de outra vida. Como estes bebês são vidas especiais, geradas com a finalidade de morrer, a entrega prenuncia que outra vida qualquer será ceifada. Normalmente a ordenança e orientação destas práticas partem dos próprios demônios.

Mas esses Ritos também podem ser puramente "Ofertas de gratidão”.

Também nesse caso têm que ser previamente solicitados pelos Guias. Não se pode fazer a esmo, do nada.

Há um bom tempo Thalya cogitou nisso, ela tinha vontade de ter um filho comigo para ser oferecido. As Entidades aceitaram o pedido e deram seu aval. E nós começamos a nos preparar para a única data do ano aonde isso poderia acontecer. Um dos aspectos a serem seguidos era a abstinência sexual dentro de um determinado período do dia. Mas tanto eu quanto ela acabamos descumprindo a regra. E não pudemos participar do Rito. No ano seguinte aconteceu a mesma coisa. Só que dessa vez fomos sutilmente castigados pela nossa falta de compromisso.

Na mesma noite morreram dois cachorros de Camila, o que nos deixou bastante chateados. Eu também gostava deles! E o coelho cinzento de Thalya, o Herbert, teve o mesmo fim. Além do quê minha mãe cortou a mão de uma maneira absurdamente estranha no liquidificador. Eram muito claros os sinais, ainda que em momento algum eu quis aceitar essa possibilidade.

Compramos outro coelho no mesmo dia para Thalya. O nome dele ficou sendo Herbert, igualzinho ao outro. E nunca mais se cogitou naquela história de filho. Agora....

"Mas o que será mesmo que Marlon quer com essa pergunta?". E respondi alto:

— Sei, sim. Sei que Rúbia é Reprodutora! E fiquei esperando.

Eu, ele e Górion estávamos num agradável "Café" numa cidadezinha próxima de São Paulo. Marlon havia me ligado um dia antes, no serviço, e me convidara para encontrar-me com ele no dia seguinte à tarde. Em pleno meio de semana devia ser mesmo importante.

Aceitei, e ele disse então que passaria para me buscar na Style com Górion. Nesse dia Górion tinha sido recrutado para dirigir. E ali estávamos.

— Bem, tenho o privilégio de ser o escolhido para te comunicar uma proposta daquelas!

Górion meteu o bedelho, brincando:

— Olha, estou começando a ficar com ciúmes de você, sabia? Tudo é "Rillian pra cá e pra lá"! Pôxa, você é o Rei da cocada mesmo, tô ficando enciumado!

— Filho, você tem uma missão especial a cumprir, você já sabe disso. O seu nascimento não foi por acaso e nem nada do que se refere a você. De fato você é um predestinado! — Elogiou Marlon primeiro, e então foi aos finalmente. — Tenho uma boa notícia pra você! Akilai recebeu a orientação e pediu que eu a transmitisse. Você tem a honra de ter sido convidado para ser o instrumento nas mãos de

Leviathan! Ele mesmo vai te canalizar, você terá uma relação com a Rúbia no Rito de Fertilidade e ela vai gerar um filho seu!

— E olha, cara, com a Rúbia não precisa nem estar canalizado pra ficar feliz da vida! Que beleza! Ela está longe de ser alguém para se jogar fora! — Retrucou Górion.

— Além do benefício que você vai ter em possuir a Rúbia diante de todos, também terá o tremendo privilégio de ser o instrumento de Leviathan. E ele será muito grato a você, pode ter certeza! E você será muito bem recompensado com um Poder todo especial também!

— Uau!!! — Na hora eu fiquei muito empolgado. Pensei comigo: "Isso é mel na chupeta, heim?! É unir o bom com o bom demais!"

Rúbia se insinuava às vezes e eu sempre me fazia de rogado. Depois ela acabou me deixando de lado e aí quem não gostou fui eu. Mas... diante dessa circunstância... fazer o quê, né?! Tinha que ceder.

— Legal! Estou disposto, sim!

Diante da minha aquiescência o acordo foi firmado. Akilai foi avisado e a data escolhida, coisa de uns quarenta dias depois disso. Apenas nove dias antes eu tinha que fazer algumas restrições dietéticas, prestar atenção em alguns detalhes. Inclusive a abstinência sexual. Rúbia foi também comunicada e logo que me encontrou veio toda lampeira:

— E aí? Já te contaram a data? — Já, estou sabendo!

Ela olhou com charme dentro dos meus olhos e retrucou: — Você vai gostar....

— É...acho que sim! — Eu não estava muito acostumado com aquilo e fiquei quase roxo.

— O único problema disso é que depois eu vou ficar sem te ver por quase um ano, vou para o retiro durante a gravidez. Mas você pode me visitar, se quiser.

— Com certeza, eu vou!

Mas aí foi a vez de Thalya dar a nota. Ela ficou sabendo depois e apesar de procurar não falar nada, ficou de bico. Quis demonstrar alegria, mas notei que era fachada. Estava mesmo emburrada! O que, em se tratando de Thalya, era algo quase impossível de acontecer. Fui obrigado a ir conversar com ela assim que foi possível.

— Ô, Tassinha! Fala a verdade, vai! Você não está gostando dessa história, né?

— Ah, eu é que tinha que ir com você!!! Eu queria gerar um filho com você, tinha cansado de falar isso! Agora por que é que tem que ser a Rúbia???

— Quem escolhe não somos nós, né, Thalya? — Ai! Que coisa!!!

Ela fez de conta que deixou passar mas eu percebia muito bem, pelo seu olhar e atitude, que não estava nem um pouco satisfeita. A partir daquele momento, se eu conversasse muito com Rúbia ela ficava sempre de olho, antevendo que em poucos dias nós estaríamos diante de todos fazendo... aquilo!

Nove dias antes comecei a me preparar.

E dois dias antes do Rito eu estava ali pensando:

— Puxa... eu vou gerar uma criança! Eu sempre quis ser pai, ter o meu próprio filho... e agora vou gerar um bebê com alguém que não é a minha esposa, não é a mulher que eu amo! Depois a Rúbia vai encontrar um outro cara por aí...e vai ter filho com ele também. Pôxa! — E comecei a ficar meio nervoso com aqueles pensamentos. — Esta criança vai ter as minhas características genéticas!

Lembrei de Camila, que vivia dizendo como ia ser o nosso filho. Que ele ia ter a boca assim, e a perna assado, e os olhos não sei de que jeito...!!!

— Não! Essa criança vai ter a minha boca, e a minha perna, e os meus olhos... e vai ser a minha criança! E eu vou gerá-la para morrer??? De jeito nenhum! Isso não dá pra mim, não!

Sem saber ainda bem o que fazer resolvi dar um pulo em casa

de Thalya, conversar um pouco. Não falei do que se tratava mas fui adiantando:

— Ihh, Thalya, hoje estou meio down!

— Quando eu fico assim eu solto o Herbert e brinco de caçar o coelho! Sem esperar resposta soltou o bichinho e nós corremos um pouco por ali, ele

era muito engraçadinho. Algumas risadas depois eu estava melhor. Mas não deu tempo de conversar. Logo a campainha tocou e era nada mais, nada menos do que Rúbia em pessoa:

— Oi, Tassa! Oi, Rillian, você está por aqui?

Rúbia e Thalya continuavam muito amigas, apesar da rusguinha por causa do Ritual de Fertilidade. Rúbia chegou com um filme da Marilyn Monroe embaixo do braço.

— Trouxe um filme pra gente ver, Tassa! O Rillian não tem outra opção senão assistir o abacaxi com a gente, né?!

Thalya foi ligando a TV, olhou para nós dois com arzinho espevitado e despeitado ao mesmo tempo. E falou:

— Bom... vocês dois não podem comer nada de bom, né? — Olhou novamente com ar significativo. — Mas eu posso!

Foi para a cozinha e fez o maior piquenique para ela. Trouxe uma bacia de pipoca, coca-cola, sorvete, chocolate, doces e sentou na frente da televisão.

— Vamos assistir?

Eu e Rúbia só olhamos o banquete e não dissemos nada. E Thalya só no "croc, croc, croc".

— Hum...esta pipoca tá tão boa!

Acho que ela também estava deprimida. Comer tanto assim não era bem o natural dela. No meio do filme Thalya me cutucou com o pé e ofereceu:

— Você não quer sorvete?

Eu olhei para o sorvete de chocolate cheio de cobertura. Além de já estar com a cabeça cheia de pensamentos absurdos

vinha ela com tentações para cima de mim! E refleti comigo mesmo: "Se eu quebrar a dieta, não posso mais participar do Ritual!".

— Ah, Thalya, não posso!

Rúbia só deu uma olhada firme para nós e nem abriu o boca, continuou assistindo o filme. Mas a verdade é que aquele sorvete não me saía da cabeça. Lá pelas tantas eu não sabia mais nem o que rolava naquele filme chato.

"Quer saber de uma coisa?? Vou comer mesmo esse sorvete e pronto!".

Fui para a cozinha como quem não quer nada, quietinho. Abri a geladeira e entupi um copo com sorvete, comi compulsivamente, nem senti o gosto.

— Ei, Edu! Que demora aí nessa cozinha, o que é que você está fazendo, heim?!! — Gritou Thalya.

— Tô comendo! — Respondi de boca cheia. Foi a vez de Rúbia se manifestar. — Tá comendo o quê?! — Sorvete! Ela respondeu da sala meio sem acreditar:

— Sorvete? Você tá tomando sorvete?!! Mas.....o que que é isso?

Rúbia entrou na cozinha mas eu já tinha tomado tudo e enchido o copo com água. Thalya veio atrás e eu retruquei meio na troça, meio na seriedade:

— Olha, eu decidi que eu não vou participar desse Rito, não! Pensei bem e não vou fazer! Não é por sua causa, não, Thalya, e nem por causa da Rúbia! Mas vai haver um filho que vai ser a minha cara — (nessa altura ele já tinha mesmo a minha cara) —, e depois vão matar ele, e...não quero! Quando eu tiver um filho eu quero criar, não quero entregar a Lucifér!

Rúbia olhava estarrecida para mim com ar de "o que foi que você fez?", completamente sem palavras. E Thalya exibia um ar de quem estava adorando tudo. Mas Rúbia por fim deu um basta na situação e murmurou, mais de si para si do que para mim:

— Você só pode estar brincando, é isso. Você não faria uma

loucura dessas. — E não acreditou, porque a bem da verdade não podia provar que eu tinha mesmo quebrado a dieta.

Voltou para a sala e continuou na frente da TV, muito calma. Thalya deve ter achado que ela estava certa porque armou de novo um burrinho e me virou as costas. E eu nem aí. Voltei para a sala também. Só que depois fui para o banheiro... com o pote de sorvete a tiracolo! E tomei tudo, tudinho, sofregamente. Tanto Thalya quanto Rúbia esqueceram a história e o clima voltou a ficar às boas. Nenhuma delas realmente acreditou.

Mais tarde, naquele mesmo dia, acabei caindo em mim:

"Nossa! O que foi que eu fiz?!..... Que momento de fraqueza, que pisada na bola! Tem que ter um jeito de voltar atrás. Vai que como eu só comi um pouquinho de sorvete... vou falar com o Marlon agora mesmo!".

Procurei Marlon em todos os seus telefones até encontrá-lo. E fui direto ao assunto.

— Marlon, dei mancada feia, preciso falar com você urgente! E tem que ser pessoalmente.

— Ih, Eduardo, hoje é impossível! Só se a gente almoçar juntos amanhã, pode ser?

Não tinha outro jeito, e concordei.

— Tá bom. Amanhã cedo te espero no saguão da Style.

Já era meio tarde mas nem bem desliguei o telefone e ele tocou de novo. Era Thalya.

— Edu, não acredito no que você fez! — Ela estava séria. — Fiz o quê?

— Você tomou o sorvete!

— Não tomei sorvete nenhum.

— Ah, sim, então ele desmaterializou, né? Não dá pra acreditar no que você está aprontando!

Ainda achei espírito esportivo para brincar:

— Alguém fez desdobramento e tomou o seu sorvete, ou

então vao ver que foi o coelho!

Ela começou a rir.

— Mas e agora?!! Sabia que você pode morrer por causa disso, Eduardo???

— Não, imagine! Eu sou filho do Fogo, o Fogo não me queima. Lucifér é bonzinho, ele me ama. Se eu fosse Filho de Deus aí sim com certeza ia ter castigo, raios caindo na minha cabeça, trovoadas...mas fique tranqüila. Já falei com Marlon!

— É... tal vez você esteja certo. Espero que esteja!

Naquela hora procurei exaustivamente me convencer disso. Achei que poderia fazer o que eu quisesse em nome da liberdade tão apregoada. Mas estava enganado!

No dia seguinte encontrei-me com Marlon. Logo de cara eu pedi um prato caprichado na carne vermelha e ele olhou para mim com ar de estranheza:

— O que que você está fazendo, Eduardo?

— Estou comendo! — E desembuchei tudo. — Eu já quebrei a dieta ontem, me entupi de sorvete. Sabe, eu estive pensando, não estou pronto para isso! Vou gerar uma criança! — E desfiei minha ladainha e minhas motivações.

Ele escutou com muita atenção. Concluí minha defesa acalorado:

— Talvez mais pra frente, Marlon, olha, não está dando, cara! Tem que ser aos poucos! Com esta história de ter missão especial as coisas estão acontecendo muito rápido. Veja só: sou Feiticeiro há quase dois anos. Thalya nem Feiticeira é ainda. Não estou me queixando mas algumas coisas têm que ir mais devagar. Tem uns lances que ainda pegam comigo!

Marlon estava com um ar meio decepcionado. Procurei não ligar, apesar de que a aprovação dele me fosse muito cara. Ele procurou compreender.

— Bom... você é humano, tem sentimentos! O que mais posso dizer? Não vamos também fazer tempestade em copo d'água.

Eu vou ver o que posso fazer a respeito disso, interceder a seu favor. Mas uma coisa você precisa fazer... falar com ela!

— Fala você ,vai, Marlon... ela te respeita mais. Ele não admitiu o argumento

— Não. Fora de cogitação. Vou te deixar lá.

Ele mesmo me levou até a casa de Rúbia. Ela morava com mais duas moças em um apartamento enorme, as duas companheiras também eram Reprodutoras. Foi Rúbia mesmo quem atendeu à porta e me recebeu toda amável.

— Olá! Meu amigo Rillian! Que surpresa boa, vamos entrando! Ela me acomodou no sofá.

— Quer beber alguma coisa? Deixa ver o que tenho aqui...

— Rúbia, eu só vim falar uma coisa rápida com você e já vou embora! — Fui até meio ríspido. — Ontem eu fui na cozinha e tomei sorvete de verdade, e hoje no almoço eu comi carne, me enchi de carne, junto com o Marlon. Como dá para você perceber...

— Mas ele deixou você fazer isso????!!

— Mas eu já tinha quebrado a dieta antes, na casa da Tassa!

— Era verdade mesmo?! Eu não acredito que você fez uma coisa destas!!! Eu não quis acreditar.

Rúbia perdeu a compostura. Ficou irritadíssima, começou a gritar comigo, histérica, andando pela sala.

— Olha só o que você me apronta! Mas que maneira de agir!! Se você quer dar pra trás, tudo bem, eu não tenho nada com isso, mas acontece que você me coloca junto, agora eu estou junto nessa roubada! E o que é que eu vou dizer, como é que vou explicar uma coisa dessas????!!!! Como vou olhar para o Akilai e todos os outros???!!!!

— Isso pode deixar que eu explico. — Ela já estava me enervando.

— Mas acontece que o Ritual é amanhã, todo mundo vai estar lá. O que que eu vou dizer???

Vi que não dava para conversar com ela naquele estado. Levantei pronto para ir embora.

— Rúbia, quer saber? Se você não quer entender minhas razões não posso fazer nada. Você já está ciente. Olha, estou indo!

Imediatamente ela procurou mudar a atitude. Baixou o tom de voz e se aproximou de mim o mais meiga que pôde:

— Rillianzinho...pôxa, mas por que você fez isso? Expliquei de novo. Ela suspirou, visivelmente contrariada.

— Ai, menino! Cada uma que você arruma... eu não sei o que fazer! Qualquer coisa, o culpado é você.

— Quanto a isso não se exalte. Eu assumo.

Fui para casa ressabiado, pensando no que ia acontecer. No dia seguinte nem dei as caras no Ritual. Avisei Marlon:

— Não vou hoje... afinal, não tem o por quê eu estar lá.

— Tudo bem, vou ver o que posso fazer por você. Se tem como amenizar um pouco isso tudo.

Isso foi na sexta-feira. Sábado correu tudo bem. Domingo também. Comecei até a me animar. Talvez Marlon tivesse conseguido colocar uns panos quentes. Passei o final de semana com meus amigos da Academia e com Camila, tirei a cabeça de tudo que dissesse respeito à Irmandade. Mas domingo de madrugada acordei suando, com uma dor absurda no região lombar direita, na altura dos rins. Foi impossível levantar da cama. Nunca senti uma dor tão estúpida como aquela! Aquela outra que eu havia experimentado no coração não chegava aos pés desta última.

Inutilmente tentei me mover, até a respiração me matava de dor. Comecei a gritar chamando minha família, em franco desespero. Meus pais entraram atarantados no quarto, ninguém sabia o que fazer e eu só chorava, me contorcendo. Muito forte, muito forte, muito forte aquela dor! Não poderia suportar muito tempo!!!

Meus pais não tinham carro nessa época. Minha mãe ligou para meu tio que veio e literalmente me carregou. Não fui capaz de caminhar sozinho. No Hospital fui medicado e o diagnóstico feito:

um cálculo renal de dois centímetros de diâmetro! Continuei chorando porque a injeção de buscopam não fez o efeito desejado. Fiquei imóvel e senti um pequeno alívio. Mas bastava me mover e parece que aquilo deslocava a pedra, e a dor voltava.

Fiquei em casa durante cinco dias naquele chove não molha, quase dopado com tanto buscopam e analgésicos que tinham um efeito de pouco mais do que duas horas. Eu nem conseguia dormir, tanta era a dor. Não fui às reuniões e não consegui pensar em ligar para ninguém. E ninguém me ligou também! Eu sabia muito bem o que estava acontecendo mas não queria ter que dar o braço a torcer. Tinha que provar para mim mesmo que seria mais forte do que aquela provação toda.

Na sexta-feira melhorei um pouco. Mas depois de mais um ultrassom os médicos me disseram que no meu caso havia uma indicação cirúrgica. O cálculo era grande demais para sair pela via convencional e seria necessária a operação para retirá-lo. Meus pais estavam verificando qual era o melhor hospital para internar-me quando resolvi engolir o meu orgulho. Liguei para Thalya:

— Dá para você vir aqui me buscar? Me leva até a casa de Zórdico?

Não procurei Marlon. Tinha certeza do que ele iria me dizer. Quem sabe Zórdico teria uma postura diferente?

Thalya veio. E de cara percebeu o quanto eu estava abatido. Dor, noites dormir, dias sem conseguir comer.

— Nossa, Edu, o que aconteceu?...

— Estou com um cálculo renal. Imagine só, vou precisar de cirurgia, isso não é possível!!! Passei a semana inteira com uma dor insuportável! Mal posso me virar na cama. Passei mais tempo no Pronto-Socorro tomando buscopam na veia do que em casa.

— Ai, ai, ai, ai, ai...

E não disse mais nada. Quando chegamos em casa de Zórdico ele já estava à postos, junto com Marlon. Os dois estavam à minha espera.

— Eu sabia que você viria aqui hoje. — Adiantou-se Marlon.

— Aonde é que está doendo? — Quis saber Zórdico.

— Como é que você sabe que eu estou com dor?

Ele não respondeu mas aproximou-se de mim, colocando as mãos sobre o meu flanco.

— Olha, não tem mais nada aí. Só que tem uma coisa. Aprenda: é a última vez que você desobedece dessa maneira. Você tem uma Aliança! Uma Aliança com Lucifér, com o Inferno. Eles estão sendo fiéis na parte deles, você tem que ser fiel na sua parte também! É princípio de ação e reação! Você está causando o mal pra você mesmo.

Fiquei cabisbaixo.

— Foi por causa da dieta, né?

— Ainda bem que você mesmo percebeu. Mas olha... agora você está bem, cabeça pra cima. Mas não abusa da sorte. — Orientou Marlon, com seriedade. E acrescentou: — Eu fiz o que pude.

Não fosse por ele e talvez eu tivesse sofrido bem mais. Mas nem perguntei. Sabia que Marlon não podia decidir o que bem entendesse diante do ocorrido. Mas tinha certeza que ele tinha feito o possível a meu respeito.

Saí dali e fui direto para o médico, que não entendeu bem o que tinha acontecido. Depois de fazer outro ultrassom e procurar em vão a pedra, comentou:

— Vai ver alguma coisa aconteceu e quebrou a pedra. Vai ver ela dissolveu e já saiu.

Desculpa meio tola, mas saí lépido do Hospital.

"Escapei daquela cirurgia. Ufa!".

***

Capítulo 11

As coisas continuaram no seu curso normal dentro da Irmandade. Os meses continuaram passando sem maiores intercorrências. Confesso que o tempo talvez me tenha feito esquecer as agruras daquela semana de sofrimento. E minha índole teimosa me fez esquecer dos bons desígnios de ser plenamente obediente.

Marlon me dizia, volta e meia:

— O Sabbath está chegando novamente. Desta vez você vai participar, né? — E aquilo não soava como um convite.

Havia já duas vezes consecutivas que eu me recusava a ir. Depois que fui consagrado Feiticeiro deveria ter começado a participar daquela Celebração, mas sempre que se aproximava o trinta e um de outubro eu dava um jeito de não ir. Até então o meu livre arbítrio tinha sido respeitado. Porém cada vez mais Marlon me fazia compreender que não haveria mais possibilidade de continuar com a negativa.

Até para mim era um espanto toda aquela relutância. Não dá para classificar exatamente como relutância... nem eu sabia bem o que acontecia comigo cada vez que se falava em Sabbath. Não tinha a menor lógica! Ia receber um Poder todo especial... Lucifér iria me carregar nos braços e me fazer passar por dentro do Fogo... ia ficar milionário após o Sabbath...!

E milionário queria dizer milionário mesmo! A questão da prosperidade material é muito simples ainda que não aconteça como passe de mágica. Cada membro da Irmandade faz uma doação muito generosa em dinheiro para todos aqueles que estão sendo Consagrados no dia do Sabbath. O capital inicial é para o desenvolvimento de um negócio qualquer, previamente revelado pelos Guias. A orientação nesse sentido é feita nos mínimos detalhes e é apontado em qual segmento deverá atuar.

Um restaurante, uma grife, uma rede de produtos de beleza, uma frota de aviões, um banco, uma escola, uma indústria, etc...

Todos têm seus negócios porque há que se justificar as

grandes somas em dinheiro. Não se pode ficar milionário "do nada"! Além do quê tais negócios também têm que ser uma forma de divulgação do Império de Lucifér.

Toda a revelação vem por meio dos demônios e primeiramente são repassadas aos indivíduos que já têm como missão o "marketing" satânico. Uma vez que esteja pronta a logomarca, esta é consagrada em Rituais específicos e o sacrifício é oferecido simbolizando todos aqueles que morrerão espiritualmente através daquele instrumento de Lucifér.

O negócio é todo montado e gerenciado pela Irmandade. Os advogados, os contadores, todo o serviço na área de consultoria e tudo o que seja necessário é fornecido. E o negócio prospera a olhos vistos. Não há como escapar de "nadar no dinheiro"!

Eu sabia de tudo isto. Sabia que me tornaria um grande empresário antes de abarcar o meu chamado político. Teria muito dinheiro. Meu Poder aumentaria. Sem contar que o Sabbath deveria ser uma experiência fascinante!

Mas..... alguma coisa me dizia que se eu fosse até ali eu estaria indo longe demais! Era uma sensação muito estranha e totalmente incongruente. Embora tudo à minha volta me dissesse um "sim"... o meu íntimo dizia "não!". Era um passo muito sério. A impressão que eu tinha era que até então, se me desse a louca, ainda haveria como retroceder. Depois do Sabbath... não mais! Ou, pelo menos, seria muito mais difícil. Não que eu quisesse retroceder, porque de fato não queria. Mas algo, alguma coisa muito sem lógica me fazia querer ficar aonde eu estava.

Mas para todos os efeitos... eu iria. Foi o que disse a Marlon, e a Zórdico, e a Akilai. Me comprometi, e aceitei que não mais poderia recusar. Já era Feiticeiro há muito tempo e aquilo fazia parte das minhas obrigações como Feiticeiro. Não era mais uma questão de querer ou não querer. Eu sabia que assim que passasse pelo Sabbath certamente os Guias sinalizariam o início da minha Consagração a Bruxo. E eu daria novamente um salto quilométrico em direção ao Poder!

Entrou o mês de outubro.

Alguns dias antes da Ópera Negra começamos todos a nos preparar. Eu também. Mas quando faltavam três dias para a viagem passei a sentir-me cada vez mais ansioso. Não queria ir... mas o quê eu ia alegar para não ir??!! Aquilo já estava me consumindo! Decidi então pelo bom caminho. Isto é: o diálogo.

"Vou conversar e explicar que não estou pronto para ir ao Sabbath!", raciocinei.

E procurei Marlon e Zórdico disposto a conversar:

— Vocês sabem que tenho me preparado! Mas acho que não estou pronto ainda. É algo de muita responsabilidade e, para ser sincero... não vou!

Os dois olharam para mim com aquela cara de quem diz: "Como assim, não vai?".

— Você está jogando novamente pela janela o seu prêmio. — Grunhiu Zórdico.

— Eu não vou. — Respondi, educado mas categórico. Eles insistiram.

— Você tem que ir! — Imagina, Rillian!

— Não pode mais ser assim.

Achei melhor concordar. Vi que não conseguiria convencê-los. Não adiantava, por isso concordei, mas da boca para fora. E fiquei pensando em que desculpa ia arrumar. Pensei e repensei, tinha que ser algo inteligente.

Três dias. Dois dias. Um dia para o Ritual. E eu não tinha o que alegar.

Naquele ano o Sabbath não seria muito perto. O lugar determinado ficava a várias horas de São Paulo, de forma que estava combinado que Marlon me pegaria às três da tarde.

Não tendo o que fazer, pouco antes das três eu saí e fui para a casa de minha avó.

— Oi, vó! Quanto tempo! Trouxe pão doce para a gente tomar um café. Vim bater um papo com você! Vamos conversar!

Eu queria tirar aquele assunto de Sabbath da minha cabeça. Pensei que poderia fazer minha avó falar bastante e então eu diria para meus amigos que infelizmente tinha me esquecido do horário. E ainda pedi para Abraxas me proteger:

— Abraxas, por favor, não deixa eles saberem aonde eu estou! Que eles não venham me buscar aqui na casa da minha avó!

Ele não respondeu.

— Arre, será que esse Abraxas ouviu?! Ah, acho que ouviu, sim, ele que não quer responder!

E nem liguei mais, engrenei na conversa com minha avó. Tem certos assuntos que é só dar corda que as pessoas não param mais. Com minha avó era só perguntar:

— E aí, como é que você e o vô se conheceram?!

Quando ela cansou de falar, puxei a conversa com meu avô. Ele também tinha o seu assunto predileto, que era falar de um irmão dele, um tal de Jumbo.

E blá, blá, blá, blá! Quando saí de lá eram quase oito horas da noite e eu estava feliz da vida porque ninguém tinha ido me buscar!

Quando cheguei em casa, o espanto:

— Thalya??!! Mas o que você está fazendo aqui?

Ela estava parada em frente de casa. E me olhou com ar grave. — Edu, não é possível. Você esqueceu?!

— Esqueci o quê?

— Hoje é o Sabbath! — E ergueu levemente o tom de voz. — Nós vamos participar do Sabbath, lembra?!

— Ah, eu sei, mas sabe o que é? Eu pensei melhor e...

— Não tem essa de pensar melhor, não! Nós vamos lá, sim, senhor! — Ela estava um pouco alterada mas não brava, me pegou pelo braço. — Olha, nós temos que tomar um táxi agora. Vamos até o Campo de Marte que tem um helicóptero nos esperando! O Górion vai aguardar a gente lá às nove horas da noite. O pessoal fretou esse helicóptero por sua causa e eu fui a incumbida de trazer

você! Portanto: vamos indo!

— Thalya, eu não posso ir. E não vou.

— Mas o Górion está esperando! Ficamos pensando que devia ter acontecido alguma coisa porque você "atrasou", né? — Ela mesma fazia pouco caso. Era muito óbvio que eu não tinha tido imprevisto nenhum. — Larga mão de ser mula, cara!!! Você vai receber Poder, vai ter um monte de dinheiro, vai ter tudo o que quiser! O que está acontecendo, Edu?!!

Pra dizer a verdade eu não sabia. Mas era aquela coisa dentro de mim me dizendo aquele "não" categórico. Eu não podia compreender o por quê daquele "não". Era completamente atípico. Mas era definitivamente "NÃO"!

— Thalya, de fato você está certa... aparentemente parece tudo muito bom. Mas eu não sei dizer, nem explicar, só que algo me diz que isso não é bom! Entendeu? Eu não sei explicar, mas simplesmente não é bom!

— AH!!! — Ela colocou as mãos na cintura, quase não acreditando. — Dinheiro não é bom??? Por acaso ser um empresário na sua idade, não é bom? Ter o mundo a seus pés, o Poder, a força. Me diz! O quê é bom, então, Eduardo?!!

— Ai, ai... agora? Nesse exato momento? — Dei uma risadinha só para acalmá-la um pouco. — O que seria bom agora é... um cafezinho! Vamos tomar um cafezinho!

Thalya meneou a cabeça e não respondeu. Deu um suspiro longo e empinou o nariz:

— Pois está muito bem! Você não vai... mas eu vou!

Virou as costas, dobrou a esquina e sumiu. Eu sentei na porta de casa, meio cansado. Não sabia o que estava fazendo apesar de fazê-lo com plena convicção. Aquela negativa dentro de mim era muito forte e eu sabia que estava fazendo o certo. Embora não parecesse ter um pingo de lógica.

Resolvi chamar o Abraxas. Palavras, gestos de encantamento. Nada!

— Pelo visto ele já deve é estar lá! — Resmunguei, frustrado.

— Acho que só fiquei eu por aqui. Na cidade inteira não deve ter um demônio para contar história, estão todos no Sabbath! Caramba...nem um diabinho para conversar... — Procurei me animar um pouco e esquecer aquele sentimento estranho que teimava em crescer dentro de mim.

Fiquei ali um tempo, pensando, até que Thalya voltou. Tinha feito que ia mas não foi. Só escutei os sapatinhos dela, "ploc, ploc, ploc!". Veio e sentou do meu lado:

— Você tá aí? Nem ficou comovido que eu ia sozinha por esse mundo afora, né? A sua própria alma gêmea! Que coisa. Eu não acredito que você não vai...

— Thalya... — Dessa vez falei sério. — Você confia em mim? Ela também falou sério:

— Confio. Confio, sim! Eu sou a sua outra metade, confio em você!

— Então acredita nisso: pode parecer estranho, mas... ir para o Sabbath hoje.... não é bom!

— Ai, Edu! — E Thalya estava de fato preocupada nessa altura. — Você está ficando louco. Devem ter feito algum encantamento contra você, a sua cabeça não tá boa, Edu. Precisamos descobrir quem foi. Acho que você deve ter despertado ciúmes dentro da Irmandade, só pode ser isso! Alguém deve estar com ciúmes porque você virou Feiticeiro muito depressa, é o protegidinho do Abraxas, foi selecionado por Leviathan...sem contar que todo mundo sabe que você é o filhinho-de-papai do Marlon, do Zórdico, eles paparicam você demais, todo mundo sabe disso! — Thalya foi ficando mais preocupada à medida que falava. — Alguém lançou um Feitiço contra você, não percebe?! Nós temos agora que fazer algo maior para simplesmente destruir essas pessoas!

— Não sei, Thalya, olha... eu estou normal! Minha cabeça está boa, sim. Não é encantamento. Eu teria sabido. Você acha que Abraxas não teria me avisado? Depois, com um Guardião como ele, quem ia chegar perto de mim? E como você mesmo disse, sendo protegido do Marlon, do Zórdico... seria loucura, você sabe!

Quem aqui faria isso?

— Sei, aqui até pode ser, mas tem gente pelo Brasil inteiro. Vai ver não foi daqui, pode ter sido alguém da Base, vai saber! Será que a Gwyneth não andou dando com a língua nos dentes?

— Não delira. A coitada foi tão gentil o tempo todo. Ia lucrar o quê, fazendo enredo? Esquece isso. Eu estou bem!

— Você tá bem mesmo?

— Tô bem, sim.

— Então... — Ela pensou um pouco. — Sabe o que eu vou fazer? Vou alugar um filme da Marilyn e assistir com o Herbert!

— Ah, eu também vou com você!

— Não, não! Dessa vez eu vou assistir sozinha com ele.

— Tá bom. — E lancei um olhar para ela, um misto de troça e segundas intenções. — Mais tarde eu passo lá. Depois do filme!

Thalya deu uma risadinha e acrescentou, com uma requebradinha:

— Talvez seja melhor do que o Sabbath! Ela foi subindo a rua devagar. Gritei atrás dela:

— Ei! E quem é que vai avisar o Górion?

— Não se preocupe... eu ligo pra ele! Voltei a desabar no degrau à frente de casa. E de repente me deu uma tristeza tão grande...! Apesar de não querer ir, minha razão me dizia que estava fazendo tudo errado. Era muito forte aquela dicotomia dentro de mim.

"Eu sempre fui a ovelha negra da família e agora estou me tornando a ovelha negra da Irmandade! Puxa, depois de tudo o que fizeram por mim! Têm sido tão bons comigo! Eu tinha que ter ido, mas não pude!!!".

Sobreveio-me um sentimento de angústia, de tristeza, de confusão, de dúvida... um conflito interno tão grande... que de nada me valeu toda a história de vida que eu tinha. Comecei a chorar desconsoladamente na porta de casa.

Não havia ninguém na rua. E a verdade é que naquele momento eu me sentia muito só. Mas subitamente apareceu um velhinho que vinha caminhando devagar, e aproximou-se de mim. Olhou para o meu rosto e não se fez de rogado, apoiou a mão suavemente sobre o meu ombro:

— Ô, garoto, não chora, não!

Ele me pegou meio de surpresa e não tive o que responder de imediato. Apenas pensei comigo mesmo, já meio irritado:

"Quem é você pra dizer alguma coisa a meu respeito???"

E fiquei olhando para ele por entre as lágrimas, procurando secá-las logo.

"Quem é você pra dizer se eu choro ou não choro?! Eu sou o Catatau!", continuei refletindo, sem dizer palavra.

Ele me olhava com brandura e comentou:

— Olha, quando você chegar na minha idade vai ver que a vida passou tão rápido... que a gente poderia ter feito tanta coisa...e não fez!

Engoli o choro, desabafei:

— É, pois é. É justamente isso... que eu não sei!! Eu acho que eu deveria ter feito uma coisa que eu não fiz!

Ele continuou olhando para mim:

— Você sentiu paz... em tomar essa decisão?

— Ué?! Na hora eu senti, mas depois não senti mais.

— Ah! Tem umas certas coisas que quando a gente não sabe o que fazer... vou te contar um segredo: quando você não souber o que fazer... pede pra Deus! Deus sabe! Deus sabe o futuro, a melhor solução.

Minha expressão mudou de pronto e respondi entrecortadamente, começando a me irar:

— Não.....não vou pedir pra Deus, não...

Ele me ignorou e continuou:

— Olha, você só diz uma frase, só precisa dizer uma frase. Você diz assim: "Pai! Eu não sei o que fazer. Mas Tu sabes. Tu podes me dar a direção.". E aí... aí é só deitar nos braços de Deus! — Ele falou aquilo com muita segurança, com um olhar doce.

Mas o Deus que eu conhecia era um Deus maaaaaau!!!!!!!

— Deus é cruel! Deus é mau! Deus não é Amor! Eu não quero esse Amor pra mim!!! — Respondi com toda a convicção do mundo, meus olhos soltando faíscas.

— Qual é a pessoa que você mais gosta no mundo? — E ele sorria. Pensei um pouco: "Meu pai me odeia... minha mãe também...":

— Bom... eu gosto da minha vó. Minha vó é boazinha!

— Você daria a sua vida pela sua avó? Demorei um pouco para responder.

— Não, acho que não. Minha avó já está velha... eu sou novo!

— Então... acho que Deus é Amor! — Respondeu o velho. Virou as costas e foi embora!!!

E eu fiquei pensando no que ele tinha querido dizer. Não entendi. Mas me encafifou tanto!

"O que será que esse homem quis dizer???"

Entrei em casa devagar, meio cabisbaixo, e em cima da mesa, bem à vista "tinha um folhetinho. Um desses folhetos que os Cristãos costumam entregar. Alguém devia ter dado à minha mãe. Bati os olhos nele e dei de cara com os dizeres bíblicos, as palavras daquele Jesus que eu odiava saltaram diante dos meus olhos: "Ninguém tem maior Amor do que este, em dar a sua própria vida em favor dos seus amigos".

Aí aquilo me incomodou de verdade! Amor... dar a vida.....acabei fazendo a pergunta ao contrário. O velho tinha me perguntado se eu daria a minha vida por alguém, e eu disse que não. Mas depois de ler aquele versículo, fui obrigado a indagar:

"Quem daria a vida por mim?! Será que Marlon faria isso?

Ou Zórdico? Será que alguém daria a vida por mim? Aqui está dizendo que Jesus deu a vida pelos amigos dele... mas eu não sou amigo Dele! Portanto Ele não deu a vida por mim!".

E fiquei pensando, pensando, não conseguia tirar aquilo da cabeça.

"Aquele homem disse para eu chamar Deus de Pai... mas o meu pai é Lucifér! Como eu posso chamar de Pai alguém que não é meu Pai???"

Naquela noite não dormi. Minha mente deu um nó, eu não conseguia esquecer aquelas palavras que ficaram ecoando dentro do meu coração:

"Alguém morreria por mim?... Quem morreria?!"

Esqueci de Thalya. Ela ficou sozinha com o Herbert e nem lembrei de passar lá como havia prometido. Como dormi muito mal à noite acordei bem tarde no dia seguinte. Era domingo e almocei em casa de Camila, como sempre, mas eu estava com a cabeça longe... não conseguia nem escutar direito o que me diziam.

Fui embora mais cedo apesar que Camila fez bico. Mas eu não conseguia me concentrar em nada.

Passou o domingo inteiro.

E de madrugada começou: primeiro uma dor abdominal muito forte, que foi piorando à medida que começava uma disenteria intensa, sanguinolenta. Comecei a vomitar muito, vez após vez, a febre veio alta junto com um desconforto tremendo. Passei a noite toda quase sem sair do banheiro, vomitando intensamente e com aquela disenteria. E muita, muita dor!

Não dormi nada. De manhã eu me sentia fraco. Exausto! Ninguém teve tempo ou vontade de ir comigo ao Hospital, mas eu sabia que era melhor ir logo. Lá me deram soro no Pronto-Socorro, baixaram a febre e colheram sangue. Mais tarde o médico disse que eu precisava ser internado porque a minha desidratação estava bastante crítica. E explicou-me que a infecção intestinal — uma gastroenterocolite aguda — podia passar para o sangue se eu não começasse logo com os antibióticos. Falou numa tal de septicemia que, se acontecesse, podia me levar à morte.

— Mas eu não posso tomar antibióticos em casa?! — Perguntei, relutante.

— Infelizmente você vai tomar antibióticos injetáveis. Não há como ir para casa!

Não havia vaga em quarto particular como me dava direito o meu plano de saúde, de forma que fui transferido para outro Hospital do Convênio. Ficava até perto da Style. Nessa altura meus pais já tinham sido avisados e minha mãe foi comigo.

Eu estava me sentindo muito mal e sabia que aquilo era um castigo. No outro Hospital me avaliaram de novo para ver se realmente eu precisava ser internado. Mas não houve jeito. Com o meu exame de sangue na mão disseram ser mesmo necessário. Meu hemograma estava muito infeccioso. E fiquei mesmo internado!

Já no quarto, olhando para as paredes brancas e para o soro que continuava pingando lentamente na veia, procurei ser otimista:

"Bom... me matar eles não vão! Eu faço parte de uma estratégia importante e eles precisam de mim. Vou ter que pagar pelo que eu fiz, mas não vou morrer!"

A única maneira de pagar é pelo sofrimento.

"É o preço. Mas também não fui no Sabbath, fiz o que eu queria. Sabbath agora só no ano que vem!"

***

Recebi muitas visitas. Meus alunos de Kung Fu vieram, meus colegas de trabalho também, logo de cara. Mas foi só no segundo dia de internação que comecei a receber telefonemas da Irmandade.

Thalya foi a primeira:

— Edu, que coisa! Não acredito que você está internado... tá tudo bem?

— Se eu estivesse tomando sol na praia estaria tudo bem, que pergunta! Se eu estou aqui é porque não está tudo bem.

— Mas você foi teimoso.

— Não vem me dar sermão, Thalya! Eu tô pagando o preço, não tô? E Sabbath... só no ano que vem! Me livrei!

— Tá bom, vá. Vou te visitar mais tarde!

Veio e quase cruzou com Camila, que chegou depois. Aliás, elas se cruzaram duas vezes! Thalya achava a maior graça, uma vez se escondeu no banheiro e outra vez debaixo da cama. Camila não viu nada.

À tarde veio aquele médico que eu tinha conhecido no Hospital aonde Vivian trabalhava. O Russo.

— Só vim ver como é que você está. — Disse ele. — Dei uma olhada no seu prontuário. Olha, menino, você é muito querido mas não abusa da sorte, não!

— É. Tá... eu sei! Caramba, o que eu estou fazendo aqui?! Sou filho do Fogo e...

— Você sabe o que está fazendo aqui! — Retrucou ele. — E olhe, antes aqui na Enfermaria, do que lá! — E apontou o final do corredor. — Lá na UTI!

— Lá na UTI é muito ruim? — Perguntei, meio assustado. Ele veio bem pertinho de mim e cochichou:

— É um Inferno!

— Ah! Pôxa, mas espera aí! O Inferno é bom!

Ele já estava de saída, e nem se virou para responder:

— O Inferno dos órfãos, menino, o Inferno dos órfãos! E foi embora.

Um dia, o quinto dia de internação, de repente eu saí do banheiro e dei de cara com aquelas duas funcionárias da Style que eu "amava". A Vanessa e a Tatiana!!! Nem consegui disfarçar minha indignação:

— Mas o que é que vocês estão fazendo aqui?!!!

As duas de Biblinhas embaixo do braço me explicaram que tinham vindo orar por mim!!! O ódio que senti foi indescritível.

"O que será que aquele Abraxas está fazendo que nem viu

essa invasão?"

Expulsei as duas sem dó nem piedade, sem a menor ponderação, assim que começaram com a pregação delas. Perdi as estribeiras.

— Eu não quero saber de oração!!!!!!!! Vão todos vocês (.....)!!!

Coloquei as duas pra fora aos berros. A Enfermeira apareceu assustadíssima. Berrei com ela também:

— Eu não quero essas duas imbecis aqui dentro! Deu pra entender??? Mas foi praticamente o único percalço durante os dias de internação. As duas saíram espavoridas, igualzinho à Enfermeira que insistia em destruir as minhas veias. Tinha sido obrigado a mostrar "os dentes" e amaldiçoá-la um pouco. E ela nunca mais se atreveu sequer a entrar no meu quarto.

Logo depois que Vanessa e Tatiana desentupiram o beco, Marlon me telefonou pela primeira vez. Mas falou tão secamente comigo, como nunca acontecera:

— Não pude te ligar antes e também não vou ter como te visitar! — Começou ele. Eu já esperava por aquilo. — Mas, Rillian, vou te dizer uma coisa: você está abusando!!!

— Eu sei, eu sei, já me disseram isso! — Tentei brincar.

— Eu não estou brincando. Você está abusando da sorte! Na próxima vez, você morre!

— Como assim, eu morro?!!

— Se você dirigir um carro a duzentos por hora na beira do precipício a chance de você cair lá embaixo é muito grande, concorda? E é o que você está fazendo!!! — Ele estava irado, berrava pelo telefone.

Me irritei também:

— Pô, você tá nervoso, Marlon!!!

— Mas é claro que eu estou nervoso! Você não sabe o trabalho que você tem me dado nesses dias! Eu tenho procurado interferir a seu favor perante a liderança, perante as Entidades. Mas

assim não dá!!! Que argumentos eu posso ter a seu favor?! Você não entende? Você é um privilegiado e está jogando tudo pela latrina!!!!!!!!!

— Tá, tá bom! Já ouvi!

— Olha, Eduardo, eu estou falando sério. Esta foi a última vez! Não vai ter a próxima!

— Tá. Tudo bem. Já entendi.

E ele desligou quase sem se despedir. Depois foi a vez de Zórdico.

— Oi, tudo bem? — Falei, tentando adivinhar o humor dele. — Você não vem me visitar?

— E você lá merece visita de alguém?! Quem vai se dar a esse trabalho? Por acaso o Abraxas está aí com você?

— É, eu tenho chamado, mas ele não dá sinal de vida...

— Pois é, nem o teu Guia te quer mais! Daqui a pouco você vai ficar abandonado. É o que você merece! Porque não percebe que foi resgatado de um mundo sem a menor perspectiva, sem futuro nenhum. E Lucifér te dá um futuro, te dá oportunidades, te dá amor e carinho e você joga tudo pela janela?! Você tá achando que é o quê?! Você acha que virou o quê agora?

Tentei enrolar.

— Mas, veja, eu estava na casa da minha vó...

— E a Tassa não foi lá te buscar? E o Górion não estava com o helicóptero pronto?

— Mas alguma coisa me dizia para não ir.

— Ah, tá! E se essa "alguma coisa" disser novamente esse tipo de ridicularia é melhor que você nem ponha mais os pés aqui dentro. Porque você vai para o Inferno dos órfãos!

— Mas espera aí! Lucifér não é meu pai? Mesmo que eu morresse hoje ele não me receberia?!

Zórdico continuou seco e sem hesitar:

— Não, não. Você está confundindo as Bíblias. Filho Pródigo

não existe na nossa!

— Bom, mas...

— Não tem mais, nem menos! Essa foi a última vez que você apronta, viu?

— Tudo bem. Quando é que eu vou sair daqui, heim, Zórdico? Já podia parar agora, já sofri cindo dias!...

— Pois espere mais cinco. Essa sua doença não vai retroceder antes de dez dias.

— Mas, pôxa, tá muito ruim aqui. Fiquei em jejum dois dias, estou tomando uma sopa... não estou agüentando mais!

— É, quem sabe agora você dá um pouco de valor.

— E vocês não vêm me visitar? — Perguntei de novo.

— Eu já te disse: você não merece visita!

— Tá bom, então quando eu sair daqui...

— Quando você sair daí, nós entramos em contato com você! E Ploft! Desligou.

"Nossa! Como ele estava bravo! Será que eu não posso nem aparecer na Irmandade?".

Fiquei com cara de tacho.

E tive que suportar todo aquele desconforto do Hospital, as injeções a toda hora, o médico que me acordava antes das sete da manhã todo dia para me examinar, as enfermeiras sempre carregando bandejinhas. Eu tinha verdadeiro pavor daquelas bandejinhas. Sempre repletas de coisas horríveis!

E ninguém da Irmandade foi me visitar. Só mesmo Thalya. (E o Russo).

Mas finalmente completaram-se os dez dias e tive alta. Recebi um telefonema simpático pela primeira vez, e me disseram que estavam vindo me buscar.

Zórdico veio junto com Taolez, Górion, Ariel e Rúbia. Perguntei logo por Marlon.

— Ele está ocupado e não pôde vir. Não se preocupe! Antes de sairmos do quarto eles fizeram uma rodinha em volta da cama.

— Bem... acho que agora você aprendeu, né? — Começou Zórdico.

— Ah, aprendi, sim! E não quero mais! Essa história de filho do Fogo, o Fogo não queima.. . caramba!

Todo mundo só olhava. Estavam meio quietos, escutando.

— Não queima pra quem é obediente! Olha só o que você faz! Mas, tudo bem, não vamos perder tempo falando disso, são águas passadas. Agora você já foi avisado, né? — Disse Zórdico outra vez.

Rúbia foi a primeira a me abraçar.

— Êh, garoto, você não toma jeito mesmo, heim?

— Mas agora eu tomei!

Górion e Ariel também pareciam felizes que eu pudesse sair e voltar para o meio deles.

— Pôxa, seu cabelo está horrível! Quanto tempo faz que você não toma banho? — Falou Górion com ar de troça.

— Tomei hoje, bobão, até parece! Mas acho que até o ar desse lugar é ensebado! E tomar banho com esse soro aqui também é péssimo. Acabo me cansando antes de conseguir ficar bem limpo!

Mas a verdade é que eu estava mesmo muito fraco, tinha emagrecido bastante, meu rosto estava até meio encovado.

— Tudo bem, Rillian. Deixa você melhorar de vez e a gente vai comer um churrasco! — Prometeu Ariel.

— Boa! Churrasco!

Me levaram até em casa. Descemos todos na calçada, Zórdico ainda conversou um pouco com minha mãe.

— Aqui está o seu filho de volta. Quem sabe agora ele toma juízo! — Comentou ele.

— Pois é, o Eduardo fica sempre comendo coisa que não deve! — Pelo visto dessa vez ele comeu demais.

Eu só escutei, meio sorridente. Depois que foram embora, minha mãe ainda perguntou:

— Charmoso esse seu amigo! Ele trabalha com você?

— É. Trabalha comigo. — Respondi sem pestanejar.

Não deixava de ser verdade. Se ela soubesse...

Só encontrei Marlon alguns dias depois, na reunião do Conselho. Fui direto para ele. Meu amigo ainda estava de cara meio amarrada:

— Oi! Tudo bem? — Cumprimentei. Ele só me olhou e não respondeu.

— Ei. Estou falando com você! Vai dizer agora que você vai ficar mudo também! O Abraxas já não fala comigo há dez dias. Agora você também?!

Marlon desanuviou a cara:

— Não me compara com Abraxas. Não tem cabimento! Ele é um demônio!

— Vai dizer que você não queria ser que nem ele?

— Não. Ele é feio. Eu sou mais bonito!

Vi que Marlon estava brincando e suspirei de alívio. Tinha meu amigo de volta!

— Bom... eu já tô perdoado, né?....

Ele me deu uma descabelada. E seu olhar para mim era o mesmo de sempre:

— Tá. Tá perdoado. Você está com fome? — Ô!

Então depois que acabou a reunião ele me levou ao melhor Restaurante de São Paulo. Marlon vigiou muito bem o que eu ia comer! Ainda não estava com a dieta totalmente liberada.

E todos me mimaram de novo.

***

Capítulo 12

A nova Igreja de Camila era muito próspera financeiramente falando, contava com a presença de muitos empresários de alto poder aquisitivo. A antiga tinha sido de fato implodida. Agora ela poderia inchar à vontade, se fosse o caso. O mal estava muito bem plantado. Aliás, foram muitas as Igrejas destruídas. Vi acontecer diversas vezes.

Não fazia muito tempo que o Emerson, primo de Camila, havia falecido. Ele tinha sido seguido de perto e, conseqüentemente a nova Igreja também ficou na alça de mira. Eles não possuíam ainda sede própria, reuniam-se numa escola pública. Mas o Templo definitivo estava sendo construído. Era enorme, com capacidade para comportar muitos membros.

Mas a região escolhida era também local aonde a Irmandade tinha vários núcleos de estudos.

Eu nunca tinha me dado ao trabalho de conhecer aquela gente de perto até que efetivamente se mudaram para a nova sede. Por causa do interesse despertado um dia resolvi dar um pulo lá para ver. Algumas pessoas da Irmandade já estavam indo também à título de sondar as coisas. Verificar o que a Igreja estava ensinando, qual a visão dos líderes, se havia pessoas promissoras que pudessem vir a causar qualquer tipo de resistência.

Rúbia foi algumas vezes, Thalya também. Taolez chegou a ir, Górion e Ariel idem. Então, dei também o ar da graça.

Logo no primeiro Culto reparei no sujeito que dirigia o Louvor. Era um tal de Davi, como fiquei sabendo depois. Ariel e Górion também estavam lá naquele dia, sentados mais para o fundo da Igreja. Eu os vi de longe e cumprimentei muito de leve com a cabeça.

Eu e Camila sentamos lado a lado. E o Davi naquele Louvor. Ele estava cantando uma música que conhecia e até achava bonita. Mas é claro que eu transferia aqueles dizeres para a minha realidade. Porque era óbvio que os Cristãos nunca iam experimentar aquilo que apregoava a letra. O único capaz de

garantir aquele tipo de cuidado era Lucifér. O resto... pura demagogia! A começar pela vida do próprio Davi.

Ele estava ladeado por dois demônios de hierarquia mediana. Dois Sadraques. Não chegavam a ser Potestades mas eles eram mais poderosos do que os Sadraques comuns. Sadraques são espíritos de morte que estão sob o domínio de Nosferatus e que pertencem à uma casta bem inferior. São demônios que atuam principalmente em cemitérios e agem na mente das pessoas causando tristeza e abatimento muito intensos, abrindo portas à atuação de Entidades mais poderosas.

Os dois demônios me deram a impressão de causar um controle completo na vida daquele homem. Parados ao lado do líder do Louvor, parecia haver um "fio invisível" entre eles: quando erguiam as mãos, Davi erguia também; quando abaixavam as mãos, Davi abaixava. Quando cantavam, ele cantava, se fizessem gestos... ele repetia! Até o movimento da boca era igual! O comando vinha deles! Era um controle à distância.

"Mas que marionete graciosa nós temos aqui."

Um sorriso leve estampou-se nos meus lábios. No que dizia respeito ao Louvor daquela Igreja podíamos ficar sossegados!

Fiquei observando. E o povo se quebrantava, chorava... achei graça! Raciocinei outra vez:

"Esse cara é Cristão de fachada mas pelo visto a Igreja está muito satisfeita com ele!"

Depois veio a pregação, que também me pareceu inexpressiva, morta, nada além de palavras vazias lançadas ao ar. Todos pareciam estar provando algo para si mesmos. Por causa do alto poder aquisitivo e do grande número de Empresários, a impressão era de que estavam mais à cata de um "desencargo de consciência" do que de qualquer outra coisa. Porque nenhum deles ali realmente precisava de Deus. Com tanto dinheiro e tantas possibilidades de decidir a própria vida... quem ia querer saber de Deus?!

Mas tinham que deixar claro que "eram ricos... mas bonzinhos"!

Procurei circular um pouco depois do Culto, sondar as pessoas. Mas não cruzei com ninguém que emanasse qualquer vibração "negativa". Não parecia haver nada, nem ninguém que pudesse nos incomodar.

Na falta de algo mais importante com o que me ocupar procurei saber um pouco da história do tal Davi.

— Quem é aquela bênção que dirigiu o Louvor? Quantas músicas lindas! — Perguntei à família de Camila.

— Ah, é o Davi. Um servo do Senhor! Ele até faz parte de um conjunto de Música Evangélica que tem vários discos gravados.

E encheram a bola por causa do Davi. E eu só pensando comigo: "Ah, ah! Servo do Senhor! Deu mesmo pra ver!" Me contaram um pouco da história dele.

— Esse é um homem que o Senhor está sustentando! Porque ele tem câncer, sabia? Mas está vivo, forte.

Mais essa. Fiquei curioso. Qual seria o interesse dos demônios naquele cara? Comentei com o Górion na reunião seguinte:

— Será que ele tem algum potencial? Poderia ser recrutado para nós, talvez?

— Ah, não sei, Rillian! Eu não sei ainda avaliar isso. Mas pergunte para o Zórdico!

Eu perguntei, na mesma semana. Ele tinha muito mais dados do que eu imaginava.

— Ô, Zórdico! Fui na Igreja da Colina Verde.

— Eu sei. Eles estão mudando para a nova sede, né? Estão com um projeto meio "mega", querendo crescer. Mas essa Igreja vai durar pouco também.

— Mas eles não são ameaça nenhuma. Para você ter uma idéia, quem dirige o Louvor é um tal de Davi. E eu vi dois demônios ladeando ele, controlando tudo!

— É. Mas tem algumas pessoas ali que podem vir a incomodar.

— Eu não vi ninguém. — Dei de ombros.

— Continua freqüentando mais um pouco, vê o que você acha. — Ele me deu todo o incentivo. — Vai indo, vai indo!

Insisti na minha dúvida:

— Mas o Davi de repente não pode ser um potencial para nós? Não poderia ser alguém para estar aqui dentro?

Zórdico riu.

— Não, não, não! Ele é só alguém de conveniência. Uma peça descartável! Aliás esse homem é homossexual, sabia? Ele nunca se converteu... não sabe quem é Jesus! Mas o "Ministério" está dando dinheiro pra ele, estabilidade. Em outras palavras: está muito cômodo.

Fiquei pasmo. Zórdico continuou:

— Evidentemente é do interesse de Lucifér manter essa estabilidade dele. Só que nunca o chamaria para fazer parte do seu exército. O que as Entidades fazem é simplesmente cegar todos os que estão à sua volta. Isso funciona muito bem. A maioria dos Cristãos daquela Igreja está em Trevas. É fácil reinar nas Trevas. A Luz não entra... o entendimento não vem... a visão não se abre! Pode estar na cara deles, e não vão enxergar. E enquanto o Davi estiver na liderança... a porta está aberta!

— E pelo visto acho que estão cegos mesmo. Me disseram que ele tem câncer! E que está sendo sustentado "pelo Senhor"! E a Igreja acredita??!

Zórdico fez uma cara de quem comeu e não gostou, assentindo com a cabeça.

— Pra você ver a que ponto chega! Mas, olha... não há nenhum encantamento no que se refere a essa história de câncer. Os demônios só se encarregam de protegê-lo, de fazer com que todo mundo aceite as suas mentiras. É muito mais conveniente para nós. Ele tornou-se um colaborador indireto, só deve cair quando chegar o tempo, quando tiver muitos admiradores. No ápice do ministério, quando for considerado a "grande bênção" por todos... então é a hora de retirar a proteção e fazer a realidade vir à tona. Quando ele

cair muitos cairão junto. Ele vai enfiar a cara na lama e meio mundo vai ficar sabendo. E perfeito!

— Nossa! O cara é bicha! E com câncer! Mas como é que pode? Tem médicos naquele lugar! Isso eu preciso sondar mais de perto!

Então um dia eu fui ao escritório da Igreja na intenção de "me aconselhar". E nessa de conversa vai, conversa vem com um dos Pastores, cruzei com o Davi.

Na minha cabeça eu ainda achava que ele podia ser recrutado. E dei um jeito de me convidar para entrar na sala dele.

Nem bem atravessei a porta e já vi de cara os mesmos demônios do domingo. Os dois olharam para mim com simpatia. Sorrisinhos marotos pintaram-lhes nos lábios ainda que mantivessem uma respeitosa distância por causa de Abraxas, que me acompanhava. Assim que me aproximei para apertar a mão do Davi eles se afastaram uns três passos com as cabeças semi-inclinadas. Era uma reverência tanto a mim quanto a Abraxas. Uma óbvia questão hierárquica.

Comecei a conversar. Expus uma ou outra dúvida tola e puxei o papo para o que me interessava:

— Mas como é que você se converteu? Como foi o seu encontro com Jesus?! Ele falava muito manso, muito brandamente, muito polidamente.

— Foi uma bênção, uma coisa de impacto!

— Sim, mas como é que foi?

— Foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida! — Tudo bem, mas o que aconteceu?

E ele falou, falou e não disse nada. Em suma: era homossexual e se converteu.

"Era, heim?", pensei no meu íntimo.

— Tremendo. — Respondi. — E você trabalha agora em tempo integral na Igreja?

— Isso mesmo. Durante a semana dou aconselhamentos, nos

finais de semana ministro Louvor. Ministro Louvor também em outras Igrejas. E a Igreja me paga um salário para isso. Dá para eu me manter muito bem. Moro junto com um amigo num condomínio fechado.

— E...é verdade que você tem câncer?

— É verdade, sim. Aliás, o meu amigo mora comigo justamente pra isso, caso eu passe mal durante a noite. Ele pode me acudir, levar ao Hospital. O carro da Igreja fica comigo 24 horas por dia.

Eu só assentia procurando conter ao máximo a expressão do meu rosto. Como podia alguém mentir assim com a cara tão lavada?

— E como você descobriu o seu câncer?

— Um dia eu estava tossindo muito, e aí saiu pela minha boca um pedaço de carne, sabe? Então liguei para o meu médico e ele me disse para recolher aquele pedaço. E foi feita uma biópsia. Tinha ali fragmentos de estômago, pulmão e fígado. E descobriram que eu tinha câncer nos três órgãos.

— Ah!....

Olhei meio de lado e vi que os demoniozinhos estavam rindo abertamente. E tive novamente que me controlar para não rir junto com eles. Continuei cutucando só para saber até onde ia. Era um absurdo atrás do outro.

Depois almoçamos feijoada junto com os outros Pastores! Como se alguém com câncer de estômago pudesse se entupir daquela maneira. Era só questão de reparar um pouco e ver quanta barbaridade acontecia.

Assisti também de cátedra a todas as vezes em que Davi sumiu vários dias com o pretexto de estar fazendo tratamento quimioterápico. Ninguém nem sabia aonde era o Hospital em que ele se "tratava". Mas depois Davi apresentava uma nota, a Igreja reembolsava. E nunca ninguém questionava nada, nada, nada. Era impressionante. O cara deitava e rolava.

Saí dali boquiaberto. E pensar que os demônios nem

precisavam fazer muito esforço para manter aquela farsa funcionando!

No outro domingo voltei ao Culto e foi a mesma coisa: o Louvor controlado pelos demônios e uma pregação inexpressiva. Foi feito o convite mas ninguém foi à frente para receber Jesus.

Um dia o Davi me convidou para ir à casa dele encontrar com alguns amigos. O ambiente ali me era muito conhecido. Vários sadraques estavam presentes, uma meia dúzia além dos que acompanhavam cada um dos rapazes. Que eram todos "Cristãos" e homossexuais. As Entidades ficavam por ali, observando, rindo. Às vezes chegavam mais perto e ficavam como que pousados nas costas deles. Mas mantinham respeito com a minha presença.

Saí de lá muito feliz porque todos eles estavam sendo muito úteis nas mãos daqueles demônios. Um dos rapazes ainda era namorado da secretária da Igreja e filho de um político de renome na época! Um belo escândalo! Quando viesse à tona...!

***

Continuei freqüentando os Cultos semana após semana. Estava muito engraçado e eu me divertia. Os Pastores alternavam-se nas pregações mas não era nada de porte, nada que mexesse com questões importantes.

Até que um dia veio um Pastor que eu ainda não conhecia. E ele logo me chamou a atenção. Não sei se ele tinha estado em férias, ou o quê, mas o fato é que ainda não nos tínhamos cruzado até aquela data.

O Louvor estava terminando, Davi falava os seus últimos aleluias quando o tal Pastor subiu ao púlpito. Vi então que pela primeira vez se incomodaram os demoniozinhos que acompanhavam o chefe do Louvor. Imediatamente recuaram bastante, tomaram uma boa distância e abaixaram a cabeça como se alguma coisa os estivesse ofuscando, agacharam-se levemente. Eu podia ver os seus olhares de ódio, fúria e indignação pela presença daquele homem.

Que coisa mais estranha.....! Corri os olhos pela Igreja para

ver se encontrava alguém conhecido da Irmandade. Mas não vi ninguém. Novamente olhei para frente, para o Pastor, e senti também o ódio inundar meu coração e mente:

"Quem será esse gordo?! Ele está incomodando os meus amigos!"

Me senti indignado. E aquele ódio continuou inflamando o meu peito. Percebi Abraxas ali por perto e notei que ele também não estava gostando nem um pouco. Eu tinha que descobrir o quanto antes quem era aquele Pastor gordo. Olhei enfurecido para frente enquanto ele orava antes de dar início à Pregação daquela noite.

Nem sei o que ele pregou. Só sei que me incomodou.

"Eu odeio esse cara!"

Depois disso não vi mais aquele Pastor. Tudo voltou ao normal. Mas como eu continuasse freqüentando a Igreja logo a família de Camila cismou que eu deveria ser batizado. Eu nem achei a idéia tão ruim. Devia ser engraçado também, tudo o que eu pudesse fazer para afrontar os Cristãos era engraçado. E praticamente concordei com aquela história de Batismo.

"Eu só vou me molhar, e todo mundo vai pensar que eu sou mesmo Cristão".

Comentei com Marlon todo feliz:

— Marlon, vou me batizar lá na Igreja da Colina Verde! Imagine que profanação, heim?

Ele me olhou com uma cara um tanto ou quanto incrédula. Pensou que eu estivesse brincando.

— Imagina, Eduardo, que idéia! Não faça isso!

— Mas, Marlon, eu só vou me molhar.

— Não adianta querer te explicar isso agora, você não vai entender. Mas não invente moda, ouviu? Vou te dizer uma coisa: você não vai! Ponto final.

— Mas o que que é isso, Marlon, é água!! Desde quando eu preciso ter medo de água?! Se um demônio tem medo de água,

então isso é mesmo o fim do mundo. Vai me dizer agora que aquela história de água benta é verdade? Borrifa água benta, eu derreto?

Marlon ainda deu risada apesar da aparente seriedade da questão.

— Não é bem assim. Mas, olha, não faça isso. Não faça isso! Você tem uma aliança de sangue aqui dentro. Não se envolva com esse tipo de coisa!

Teimoso, teimoso, teimoso como sempre, eu simplesmente o ignorei.

— Tá bom.

Mas no dia do Batismo lá estava eu prontinho para ir. E louco para usar a toga azul que eles punham para entrar na água.

Mas o carro quebrou e então nós não fomos. Me inscrevi de novo. Só que aí o Batistério teve um vazamento e os Batismos foram adiados. Entendi pelo pior caminho que definitivamente não era para eu ir.

Fazia uns quatro meses que eu estava freqüentando a Igreja. Mas à despeito do meu lapso com o Batismo continuei sendo incentivado em acompanhar de perto a Comunidade. Mesmo porque nem era preciso estar lá todos os domingos.

Quanto àquele Pastor irritante, só o vi uma vez naquele tempo todo.

***

Numa certa sexta-feira eu estava em casa de Camila no finalzinho da tarde e precisava sair o quanto antes porque tinha que chegar mais cedo no Ritual da Irmandade. Quando deu umas oito horas da noite eu já estava me preparando para ir embora. Só que pelo visto todos pensavam que eu era "convertido" mesmo: Camila cismou em que eu lesse um trecho da Bíblia antes de ir. Ela nunca tinha feito isso em todos aqueles anos. Nem ela lia a Bíblia, quanto mais insistir comigo naquela bobagem.

Recusei terminantemente:

— Eu não vou ler essa (...)!

— Puxa, isso lá é coisa que se fale??!

— É coisa que se fale, sim! Isso aí é pura (...)! Não vou ler nada!!!

— Vai ler, sim. — E abriu um texto qualquer, começou a empurrar a Bíblia na minha direção com uma insistência horrorosa. — Vai, Eduardo! Lê!

Como eu continuasse me negando, ela mesma leu alguns versículos. E aquilo me irritou de tal forma... me deixou tão absurdamente furioso... que ao sentir Abraxas ali bem pertinho de mim... eu o deixei canalizar-me! Deixei que ele entrasse no meu corpo e destruísse o que eu não teria coragem de fazer por mim mesmo. Não pensei em mais nada. Minha consciência apagou e perdi contato com a realidade.

Quando voltei a mim dei de cara com uma Camila assustadíssima, chorando, meio jogada sobre a cama.

— Que aconteceu?!! Que aconteceu?? — Perguntava ela em meio ao choro, procurando se alinhar.

— O quê aconteceu? Não aconteceu nada, caramba! Eu preciso ir embora... nossa, que bagunça que está aqui!

Olhei em derredor. O quarto estava todo revirado, o aparelho de som no chão, os livros arremessados longe, a cama fora do lugar, o colchão caído, as gavetas abertas e reviradas.

E Camila continuava histérica, chorando:

— Edu, não sei o que aconteceu mas alguma coisa tomou conta de você! Seu rosto mudou completamente, você falou comigo numa outra voz, num outro timbre! Não era mais você!!! E aquilo olhou pra mim e disse que se eu continuasse me metendo ia me dar mal. Que eu não tinha ninguém me protegendo, nem no Céu e nem na Terra... e se continuasse interferindo ele ia levar a minha alma essa noite mesmo. E eu fiquei apavorada!

— Camila... depois a gente conversa sobre isso. Agora eu tenho que ir.

Ela pareceu mais assustada ainda.

— Mas você não pode ir embora assim!

— Assim como, Camila? Eu estou ótimo! Agora vê se me dá licença! Você não pára de pegar no meu pé.

Observei que ela estava um pouco arranhada no braço. Mas saí sem me preocupar muito. Ela tinha me irado demais com aquela atitude de me obrigar a ler a Bíblia.

"Acho que o Abraxas deve ter dado uma exagerada, mas até que foi bom. Ela precisava de uma prensa. Assim me dá sossego." No fim do Ritual comentei com Thalya:

— Pôxa, a Camila foi muito chata hoje! Ficou querendo que eu lesse a Bíblia de qualquer maneira, me encheu de tal forma que eu deixei o Abraxas canalizar. E ele pôs um fim naquela situação.

— Ai, Eduardo, nunca me intrometi mas realmente você está perdendo seu tempo com essa mulher. Tinha mais é que largar disso! Que que tem a ver esse relacionamento, cara? Larga dela de uma vez!

— Mas, coitada. Como é que ela vai viver? Eu sou responsável por ela! Thalya fez um ar claro que dizia: "Como você é imbecil!!!". E nem quis

saber de conversar mais nada. Deixei por menos. Que adiantava querer discutir?

Thalya estava muito mudada. Como eu, é claro, mas parece que ela tinha introjetado mais a essência do Satanismo. Ainda que não fosse Feiticeira estava perfeitamente certa de tudo o que queria. Quando eu a via canalizada sempre me impressionava. Talvez por tê-la conhecido antes de tudo aquilo. O rosto mudava muito, a voz soava tonitruante e muitas vezes masculina, a musculatura parece que "crescia". Ela falava com sabedoria, os gestos eram firmes e precisos, muito rápidos, de uma força incalculável. Praticamente impossíveis ao ser humano.

Estava tão longe daquela garotinha do SESC!

Dois dias depois fui ao Culto de novo. Nessa época a Kelly tinha um fusquinha amarelo. Fomos todos juntos, enlatados: eu,

Camila, Kelly, dona Carmem e seu Augusto. Mas aconteceu uma coisa diferente e inexplicável naquele dia. Algo totalmente inusitado. Logo na entrada enxerguei um ônibus que vinha de fora estacionado ali em frente.

— Olha o ônibus do conjunto! — Falou dona Carmem apontando. — Eles vieram ministrar o Louvor!

Não havia lugar no pátio da Igreja de forma que estacionamos o carro fora, meio distante.

Nós estávamos um pouco atrasados e já tinha começado. Escutei o Louvor de longe. Mas naquele dia estava... diferente! Bem diferente de quando era o Davi. E aquela música me incomodou! Senti uma "coisa" esquisitíssima.... não tinha idéia do que poderia estar acontecendo.

Começou primeiro uma tremedeira. Vinha por dentro e sacudia levemente o meu corpo, em espasmos. Nem bem dei os primeiros passos e percebi que o controle muscular também estava difícil. Caminhar parecia estranho, minhas pernas não estavam dispostas a obedecer nenhum comando. Travavam! Que poderia ser isso???? Na hora não entendi nada. Mas era como se os demônios que me acompanhavam quisessem impedir minha entrada naquele lugar!

Já perto da entrada do pátio senti que não só as pernas travavam como os braços involuntariamente começaram a se contorcer. E aumentou visivelmente a tremedeira. As sensações foram tão intensas que logo todos começaram a perceber e a achar esquisito. Até que finalmente minhas pernas travaram de verdade, meus braços retesaram e me invadiu uma sensação extremamente desagradável. Uma coisa muito ruim por dentro. Angustiante. Opressiva.

Eu lutava contra mim mesmo mas os tremores vinham por todo o corpo, me sacudiam. Meus olhos ficaram quentes, o coração acelerou descompassadamente. Senti muita força nos braços. E um ódio.... um ódio.... um ódio!!!!! Incontrolável e insano, totalmente fora de proporções, impressionante! Como nunca tinha experimentado.

Foi Camila quem comentou com os olhos já arregalados:

— Ué?!....Que aconteceu?! Vamos!

A família toda ficou parada esperando, sem entender porque eu me contorcia daquele jeito. A expressão do meu rosto devia estar daquelas, a julgar pela cara deles!

— O que foi? — Perguntou de novo Camila.

Respondi grosseiramente, irritado e desesperado ao mesmo tempo:

— Não sei o que é! Ou melhor, acho que é essa música!!! Isso tá me incomodando! Vamos embora daqui!

Lembro-me que a toda hora tentava tapar os ouvidos inutilmente. Aquela droga de música! A única coisa que eu queria era sair dali, sair o quanto antes. Sair! Sair! Sair!!! Vi que seu Augusto, dona Carmem e a Kelly foram caminhando na frente. Mas Camila ficou ao meu lado.

— Mas vamos tentar ir entrando devagar... — Ainda tentou argumentar ela tomando-me pelo braço.

Tentei acompanhar, dar mais alguns passos na direção daquela malfadada Igreja. Adentramos o pátio e para mim a música estava muito alta, parecia me queimar por dentro. Cada acorde estava em brasa. Eu me sentia em franca agonia. O que estava acontecendo????!!!!

Uma vez dentro do pátio travei completamente. Não ia nem para frente e nem para trás.

— Espera aqui um pouquinho que eu vou chamar o Pastor. — Desembuchou Camila.

Eu nem sabia o que pensar. As sensações de mal estar se intensificavam tanto que apenas me agachei um pouco, tentei inutilmente pensar, raciocinar, entender o que se passava comigo.

Mas não sei o que aconteceu, de repente o tal Pastor estava ali, Camila e toda a família também. Era um Pastor palmeirense. Ele chegou amigável, pôs a mão no meu ombro:

— E aí? Sabe que o Palmeiras ganhou ontem? O seu time não

é de nada, heim? — E Ah, Ah, Ah pra cima e pra baixo. — Bom, vamos entrar aí, né?!

Que Pastor tolo! Eu queria mais era vomitar. Olhei para ele creio que com um ar de sofrimento. Ainda que eu não quisesse deixar transparecer aquela loucura toda.

— Eu não estou me sentindo muito bem... não quero entrar, não! — E tentava me controlar ao máximo.

Acho que ele pensou que eu estava mesmo só passando mal fisicamente, uma coisa corriqueira.

— Mas não precisa entrar agora na Igreja. Fica aqui no pátio até você melhorar!

Eu tentei levantar e caminhei mais um pouco, meio apoiado nele e em Camila. Seu Augusto tentou ajudar também. Eu aceitei a ajuda. Mas a música ficou mais forte, e estava incomodando tanto! Então minhas pernas travaram outra vez. A tremedeira aumentou e ficou incontrolável. Eu parecia que ia explodir de ódio ali mesmo. Mas não dava pra entender, era só uma música! Só uma música!!!

Novamente minhas mãos se contorceram na direção dos ouvidos, numa atitude reflexa. Cada acorde continuava machucando alguma coisa por dentro. Senti uma vertigem horrível e minha visão começou a ficar turva. Me trouxeram uma cadeira, eu sentei. Mas notei que se formava um grupinho à minha volta. Eu já nem sabia quem era quem naquelas alturas.

Escutei a voz de alguém me perguntando:

— O que você está sentindo?

— Eu não sei. Não estou me sentindo bem. Eu só quero ir embora daqui! Quero ir embora daqui.

Abri os olhos e vi um homem calvo diante de mim. Era um dos Líderes. Mas ele não me fez muitas perguntas, simplesmente colocou a mão sobre a minha cabeça e começou a orar. Foi instantâneo. Apaguei completamente. Fiquei sem saber o que aconteceu, aquele tempo deixou de existir para mim.

Quando voltei à consciência demorei um pouco para perceber o que se passava. Eu estava literalmente esmagado no chão com um

monte de homens em cima de mim. Eles me seguravam fortemente os braços e as pernas, tinha alguém com o joelho em cima do meu ombro, pondo todo o peso do corpo. Estavam me machucando, estava doendo! E minha cabeça parecia que ia estourar com uma voz que berrava no meu ouvido histericamente:

— Qual é o seu nome?!!! Qual é o seu nome?!!

Foi o momento de maior indignação da minha vida.

— Eduardo!!!! EDUARDO é o meu nome, caramba! Precisa berrar desse jeito pra perguntar isso?!!!

Por causa das construções o pátio era ainda de terra batida. Mas tinha garoado na véspera e a água transformara tudo num pequeno lodo. E eu estava esticado naquela lama! Com a cara e o cabelo sujos, a roupa em petição de miséria, rasgada, imunda. Nesse dia eu vestia uma calça branca que ficou totalmente perdida. Vários botões da minha camisa tinham estourado de forma que eu me sentia nu no sentido literal da palavra. Que vexame!!!!

Vi que todos eles se entreolhavam cabreiros, pensando se deviam ou não me soltar.

— Mas você está bem?...

— Estou!!! Tô bem, tô ótimo, caramba!! Precisa armar esse banzé todo? Por que está todo mundo em cima de mim?! Pô, vocês estão me machucando!

Eles foram levantando. Um gordão de cavanhaque estava sentado em cima da minha barriga. Eu me sentia massacrado, todo dolorido, machucado, ralado, arranhado. E barro por todo o corpo! Até dentro do ouvido, onde minha cabeça tinha sido espremida contra a terra. Que coisa absurda! Me senti surrado.

Alguém foi buscar o meu tênis. Tinha voado longe.

— Olha, aqui está o seu sapato...

Levantaram a cadeira que também tinha sido arremessada e me colocaram sentado nela. Eu tentava me recuperar enquanto todos continuavam me olhando com olhos arregaladíssimos, ressabiados, visivelmente assustados.

Duas pessoas tentavam afastar da porta da Igreja os curiosos que tinham largado o Culto para vir ver o que estava acontecendo.

— Vamos entrar, vamos entrar.... passou... sem tumulto!

E à minha volta ficou apenas aquele grupinho que estivera sentado em cima de mim. Eu estava completamente atônito. Letárgico. Aturdido. E no escuro.

— Olha, você precisa se converter. — Disse-me por fim um dos Pastores.

A voz dele parecia fazer eco dentro da minha cabeça, parecia vir de longe. Ainda me sentia grogue, perdido, abalado. Inconformado. Por fim, perguntei:

— Se eu me converter posso ir embora daqui?....

— Pode. Se você aceitar Jesus não precisa nem ficar hoje no Culto. O propósito de Deus é que você aceite Jesus.

— Então se eu aceitar Jesus eu vou embora?

— Sim, porque aí você estará livre.

— Bom, então... o que eu preciso fazer pra me converter? — Eu só queria me mandar.

Vi de relance a família de Camila ali do lado. Era uma cena típica de foto. Todos com os olhos esbugalhados e ar compenetrado na minha direção. Camila estava ainda chorando, assustada.

— Repete comigo esta oração, tá bem?

Ele falou rapidamente algumas coisas sobre Jesus que já nem me lembro. E eu repeti tudo o que ele disse. A rigor, estava aceitando Jesus, mas não fiz de coração. Repeti por repetir, apenas para ir embora depressa. O Pastor ainda perguntou para mim assim que terminamos:

— Você crê nisso?

Senti novamente muita raiva:

— Você crê nisso?!

— É claro que eu creio. Eu sou um servo de Deus.

— Pois antes desse ano findar você vai estar servindo ao mesmo deus que eu! — E aquilo soou como uma maldição.

Mais tarde soube que ele largou o Pastorado. Ficou completamente descrente de tudo. Abriu uma franquia de sorveteria numa cidade do interior.

Finalmente saí de lá. Fulo da vida! Saí lançando encantamento em todo mundo, vociferando.

— Esses malditos!!! Que essa Igreja maldita afunde.

Mas procurei não demonstrar minha raiva. Camila veio para perto de mim, pegou na minha mão, e fomos para o carro. Ninguém falou nada, estavam todos mudos e envergonhados. Eu, mais do que todos, apesar da minha fúria. Da Igreja até a casa deles o assunto não foi abordado em momento algum. Ninguém sabia o que dizer. Falaram do tempo, do almoço:

— Quem diria, hoje vamos almoçar mais cedo. Ah! Ah! Ah!

— É, macarrão mais cedo! Claro. Ninguém assistiu ao Culto.

E assim que pusemos os pés em casa dona Carmem fez menção de colocar um Louvor no aparelho de som. Todos foram unânimes e cochicharam entre eles.

— Você tá louca? Vai por Louvor?! Olha o cara aí!! — Disse a Kelly.

Eu só queria um pouco de sossego. Fui para o banheiro e me lavei como pude. Aí desci para o quintal sozinho. Camila logo veio atrás, com linha e agulha. Enquanto ela costurava os botões da minha camisa resolvi me distrair um pouco com os cachorros. Eles gostavam de mim, eu costumava brincar sempre com eles, mas nesse dia nenhum queria chegar perto.

Tentei me aproximar mas eles recuaram, enfiaram-se na casinha e não saíram mais. Cansei de chamar. E de dentro da casinha olhavam pra mim e rosnavam.

"Mas que raio de coisa louca...."

Eles adoravam pão, então fui buscar vários pedaços. Mas nada! Eles não pegavam! As fatias rolavam pelo chão e lá ficavam.

Por fim resolvi entrar no canil, tão inconformado fiquei. Mas não houve jeito. Encolhidinhos dentro da casinha, assim que abri a cerca os três se puseram a ganir desconsoladamente como se eu os estivesse matando. E sempre tinham sido meus amigos... fiquei sem entender mais aquela.

Desisti.

— Chama você, então, Camila!

Ela chamou mas não adiantou. Os bichos não vieram mesmo! Camila não disse palavra, voltou a costurar minha camisa, quieta. Eu me afastei do canil e fiquei pensativo também, encostei-me na parede do quintal. E ainda estava de olho neles quando subitamente escutei a voz conhecida de Abraxas:

— Estamos com você outra vez!

E aquilo me trouxe um estranho alívio. Desde que acontecera aquele terrível episódio dentro da Igreja eu estava sem conseguir por os pés no chão, completamente fora de mim mesmo. Ouvir Abraxas falar comigo me deixou um pouco mais confortado. Tudo deveria estar bem se continuavam comigo. Mas aonde teriam estado eles?!... O que teria realmente acontecido?!

— Obrigado por você estar aqui perto de mim, Abraxas. — Murmurei baixinho. — Não entendi o que aconteceu lá....

Mas ele não respondeu. Então Camila me devolveu a camisa e perguntou:

— Você sabe o que aconteceu, Eduardo?

— Não. Não sei. Eu só sei que a música estava me incomodando e aí eu apaguei.

— Olha, Edu, vou te dizer uma coisa... você ficou possesso. Você pode não acreditar, mas um demônio tomou conta de você! Falou através da sua boca. Você produziu um som... um som tão inacreditável! Que as suas cordas vocais não são capazes de produzir. Foi como... como um urro de leão, uma coisa totalmente furiosa! Foi muito alto, muito alto... parecia um bicho... — Os olhos dela estavam meio perdidos, como que contemplando novamente a cena tão recente e tão impressionante. — Foi preciso

oito homens para te segurar! Oito! Aliás teve um que chegou perto pra ajudar, mas você falou um monte de coisa da vida dele, um monte de pecado! E não era você, claro, porque você não conhece aquele homem.

— Falei, é? Falei o quê?

— O demônio acusou aquele homem de todos os pecados que ele tinha na vida. Você virou a cabeça pra ele, apontou o dedo e falou com aquela voz forte: "Quem é você pra me enfrentar? A sua vida é tão suja quanto um charco de lama. Você não honra nem a sua própria família, quer honrar quem aqui dentro dessa Igreja? Você saiu com fulana, você adultera com ela! O que você está falando aí agora?". Dá pra acreditar? Desceu a lenha nele, Eduardo, mas com um ódio, um ódio...e o cara teve que sair mais cabisbaixo do que nunca. Virou as costas e foi embora quietinho. Ele ficou tão assustado que até abalou um pouco os outros! Levou bastante tempo para te segurar também... o demônio tinha muita força! Depois começaram a repreender o espírito maligno até que ele saiu e você acordou.

Não falei nada. Era difícil acreditar que aquilo tinha acontecido. Por isso Abraxas tinha dito "Estamos com você de novo"? Quer dizer que realmente ele tinha sido obrigado a se afastar temporariamente de mim por causa daquela gentinha????? Mas como é que pode.....?!

Fomos almoçar e pouco antes de nos servirmos chegou o Pastor Sérgio. Ele me olhou um pouco, percebeu que eu estava sujo mas não ligou muito. Sentou-se à mesa também e resolveu fazer o que não fazia há muito tempo:

— Bem, cheguei na hora certa, vamos agradecer ao Senhor!

Todos o cutucaram discretamente mas visivelmente em pânico.

— Não, não... orar, não!

Ele não entendeu, mas deixou passar. E ninguém orou.

A partir desse dia bastava eu aparecer e rapidamente desligavam o Louvor, ninguém se atrevia a falar de Bíblia comigo ou qualquer coisa que fizesse menção à Igreja.

***

Procurei esclarecer as minhas dúvidas com Marlon o mais depressa possível. Fui voando atrás dele indignadíssimo.

— Marlon, aconteceu um negócio muito estranho comigo esse domingo naquela Igreja. Zórdico disse que eu podia ir, é uma Igreja morta! Ele me avisou sobre algumas pessoas que talvez pudessem vir a incomodar, mas nunca disse que não poderia ir lá! E fui pego de surpresa, o Abraxas não disse que naquele dia tinha um outro conjunto ministrando Louvor, não era aquele imbecil do Davi. Aquela música me incomodou demais! E o Abraxas aprontou, perdeu a compostura... me jogou no chão... me sujou... na frente de todo mundo! Pôxa, o que significa isso?! — Senti a revolta me invadindo só de falar no assunto. — Acordei com aquela gente amontoada em cima de mim!!!! Passei a maior vergonha.

Marlon não falou nada antes que eu tivesse me desabafado bastante. Só escutou. E eu não conseguia mais ficar quieto:

— Que insulto para um filho do Fogo! Nunca fui tão humilhado na vida! E que atrevimento daquela gente! O que o Abraxas está pensando? Eu sou protegido dele, como que me joga no chão daquela maneira sem mais essa nem aquela? — Olhei para ele. — Você não tem nada a dizer, Marlon?

Por fim ele abriu a boca.

— Rillian, por acaso tem alguém que você deteste muito nessa vida?

Não tinha. Ódio, ódio de verdade por alguém... não! Eu não gostava do Pastor Sérgio, não gostava da Kelly... mas não podia dizer que era ódio.

— Bom, então imagina alguém que te prejudicou muito, que te causou muito mal. E imagina agora você ter que suportar essa pessoa na sua frente! É um osso duro de roer. Você se sentiria indignado mesmo. É mais ou menos esse o sentimento dos demônios. Olha, aquela Igreja está morta, é verdade, mas ainda tem algumas pessoas que vão precisar cair! Vão ter que se tornar

inoperantes para deixar de causar interferência.

— Isso é a interferência da qual vocês falam?

— Pode-se dizer que sim. Há muitos graus diferentes de interferência, Mas o que aconteceu com você podemos chamar de "interferência máxima". Entenda da seguinte forma: quando você aproxima dois fios desencapados um do outro acontece uma faísca, não é? Um "curto-circuito"! Não significa que o pólo positivo é mais "forte" do que o negativo... são apenas diferentes. E por serem diferentes e opostos, a aproximação causa um fenômeno que é puramente natural... e incontrolável! Como relâmpagos! A reação pode ser violenta algumas vezes, como o relâmpago também é. O mesmo acontece com os filhos da Luz e das Trevas. Quando alguém que está vibrando numa faixa muito positiva aproxima-se de você, que vibra numa faixa muito negativa...acontece o "curto-circuito". Isso traduz-se naquilo que os Cristãos chamam de "manifestação demoníaca". Foi mais ou menos isso o que aconteceu. O Abraxas sentiu-se tremendamente afrontado com a proximidade dos filhos da Luz e deixou isso bem claro! É princípio de ação e reação.

— Pôxa... mas não tem como evitar isso?

— Tem, sim. É uma questão hierárquica e de treinamento. Com o tempo isso não vai mais incomodar você!

— Mas por que é sempre o demônio que faz o papelão, por assim dizer? Porque os Anjos não saem berrando e se contorcendo do mesmo jeito? E nessa história eu que paguei o pato, minha cara foi parar na lama!

— Normalmente quando acontece esse choque de forças opostas, esse fenômeno, os demônios se manifestam vigorosamente pelo seguinte: ao contrário dos Anjos, que são disciplinados por Deus e levados em cabresto bem curto, o mesmo não se dá com os nossos aliados. Os Anjos são ridiculamente treinados para serem sempre passivos... a darem a outra face! São obrigados a se controlar, são mansinhos porque Deus não lhes permite liberar tudo aquilo que sentem. Mas o demônio, não. Se você der um tapa na cara dele, ele não vai te dar a outra face. Ele vai é te dar um soco no meio da boca! Isso é o que todo homem gostaria de fazer

também. E é o que Lucifér dá aos seus filhos e aos seus comandados. A oportunidade de reagir! Reagir diante da afronta! Serem autênticos, expressarem tudo o que sentem!

O argumento me pareceu muito lógico. — Aahhh!

— Então aprenda agora: você ainda não está cem por cento preparado para confrontar algumas coisas. Quando você atingir um patamar mais elevado aqui dentro da Irmandade e efetivamente puder fazer uso da força de todos os Principados para os quais você já abriu os seus Portais... então isso será cada vez mais difícil de acontecer. Porque eles podem suportar uma pressão bem maior.

— Isso quer dizer que podemos entrar em toda e qualquer Igreja sem susto?

— Sim. Eles suportam muito bem o Louvor, as orações, a Palavra... e se por acaso houver aproximação de algo muito perturbador "eletricamente e energeticamente" falando, eles têm maior liberdade e destreza para afastarem-se até que passe o desconforto. Isso quer dizer que os Cristãos podem até orar por você, você pode até confessar Jesus. E não vai acontecer nada! Só tem um porém...

— Que porém...?

— É algo que os Cristãos não fazem muito, não estão acostumados. Eles não gostam porque requer muita disciplina da carne!

— O quê?

— O jejum de quarenta dias, no mesmo padrão que Jesus fez. Todo jejum faz com que os Cristãos se tornem "mais positivos". Nós não precisamos jejuar porque Lucifér já nos deu todo o acesso aos demônios para que nossa força seja potencializada. Mas Deus não deu o mesmo privilégio aos Cristãos. Então, se eles querem atingir esse nível de espiritualidade, têm que se sacrificar. A abstinência da carne faz com que se entre mais em simbiose com o mundo do Espírito. Quando você se priva da matéria, sua consciência se abre mais para as coisas do espírito. E isso eleva o grau de intensidade daquela "positividade". Ao ponto de empatar com o nosso nível de "negatividade". A reação é natural! Diante do

jejum de quarenta dias é impossível controlar os demônios...!

— Quer dizer que se um Cristão jejuar quarenta dias não tem como nós, Satanistas, passarmos despercebidos?

— Exato. Nesse caso temos que ficar afastados. O próprio Lucifér não suportaria isso. Mas não se preocupe... ninguém quase faz isso hoje em dia.

Concordei com a explicação mas ainda fiquei curtindo uma pontinha de insatisfação:

— Mas os demônios que andam comigo já são bastante poderosos...não é possível que aqueles Cristãozinhos do pau oco possam incomodá-los a esse ponto!

— Sim, são poderosos, mas você se esquece de que eles têm ações específicas também. E no caso dos seus Guias, pode-se dizer que não são exatamente o que chamamos de "espiões de Igreja". Você foi recrutado para um outro fim, eles também! Coloque um soldado na cozinha, por exemplo. É a mesma coisa. Naturalmente que ele não vai se sair tão bem quanto o cozinheiro. Ele não foi treinado para estar na cozinha. E o cozinheiro nunca vai poder enfrentar o front de guerra! Compreendeu?

Dei-me finalmente por satisfeito com a explicação. Marlon fez um breve momento de silêncio e então retomou:

— Mas não é exatamente o problema da manifestação demoníaca o que mais preocupa no caso desse jejum. Já que estamos falando sobre isso... abordemos um item muitíssimo delicado. Veja bem, você sabe que os demônios podem controlar à distância. E, quando estão controlando à distância, não há como haver manifestação porque a Entidade não está presente. O Cristão pode orar, impor as mãos... mas não haverá sinais de endemoninhamento. No entanto, há um porém. "A unção quebra o jugo", não é o que eles dizem? Realmente! Isso é a pior coisa que poderia acontecer a um de nós. Ser ungido com óleo!

— Sim. Sei. Você disse algo sobre isso depois que começamos a freqüentar as reuniões dos escolhidos para o Governo Brasileiro.

— Naturalmente é mais fácil "ser pego" ou desmascarado por

alguém que tenha jejuado, é fato. O discernimento espiritual deles aumenta e, mesmo que o demônios não estejam perto, a revelação pode vir. Alguma coisa como se eles conseguissem enxergar por trás da pele do cordeiro... e vissem o lobo por trás da pele. Mesmo que os demônios não estejam por perto. E tal pessoa pode acabar nos ungindo. Mas só acontece o pior se o óleo usado for realmente o "óleo de unção" descrito na Bíblia. Não é o que acontece sempre. Nas Igrejas que têm Costume de ungir é muito importante difundir o conceito errado de que "qualquer óleo" serve. Isto é, o que importa é "fazer com fé", o óleo seria o de menos. Vale óleo de cozinha, óleo Johnson's, etc...! Mas não é bem assim. Deus deu uma receita para a confecção do óleo, do mesmo jeito que deu uma receita para a confecção da Arca, do Tabernáculo. E se ao fazer o Santo dos Santos as medidas I não fossem observadas, por exemplo, ou o tipo dos materiais? Certamente aquele lugar não teria o Poder que tinha, nem Deus se dignaria a entrar lá. O mesmo acontece com o óleo de unção!

— E qual é exatamente o problema do óleo?

— Bem, digamos que, ao abrir os Portais e ao participar de Ritos de Consagração específicos, você recebe em você mesmo "fios condutores" que ligam seu corpo e mente aos demônios propiciando comunicação mútua. Se por acaso acontecesse a infelicidade de você ser ungido nesses Portais, nos pontos aonde estão conectados esses "fios", estaria tudo acabado! O óleo funciona espiritualmente mais ou menos como um "gel isolante". Em outras palavras, você teria perdido todo o seu Poder.

Um calafrio me percorreu a espinha e estremeci.

— Todo o Poder?!? Mesmo que eu continue sendo um Satanista? Ser ungido não quer dizer que eu me converti!

— Sim, mas infelizmente os Portais e as conexões são desfeitas pela unção. Isso é algo bastante poderoso, uma verdadeira tragédia. É como se Lucifér tivesse te dado um super-carro-super-possante, cheio de recursos e detalhes. Mas tivessem confiscado a sua chave. Ele está bem ali, à sua frente, mas você perdeu o poder de usá-lo. Não pode fazer nada com ele! Para reabrir os Portais, readquirir o Poder... sai caro, muito, muito caro...

Engoli em seco e não fiz mais perguntas. De qualquer forma, minha dúvida tinha sido retirada.

Passaram-se duas semanas e eu tirei umas férias do Culto. Nem apareci. Mas aí, apesar de que a explicação de Marlon tivesse sido bem clara, comecei de novo a me questionar naquilo que me incomodava.

"Mas, peraí! Era só música, caramba! Eles só estavam cantando! Não, não, não! Isso só pode ter sido coisa da minha cabeça!.... Eu acho que vou de novo! E isso! Vou de novo!"

E aí eu mesmo dei a dica. Cheguei todo lampeiro na casa de Camila domingo pela manhã e convidei:

— Vamos ao Culto? Só me olhavam:

— Culto?!!

— É, hoje eu acordei querendo ir no Culto!

Nem tinha perguntado a Abraxas se deveria ir, nem comuniquei Marlon. Eu não ouvia mesmo ninguém. Queria tirar aquela cisma por mim mesmo. Tentaram desconversar. Seu Augusto estava meio receoso, a Kelly também. Mas dona Carmem concordou, e então todos acabaram dando o braço a torcer. E eu me sentei todo sorrisos no carro absolutamente convicto de que nada iria me acontecer, e que Lucifér era mesmo o máximo, e que eu estava por cima da carne seca!

Mas... que azar! Aquele mesmo grupo que tinha ministrado o Louvor naquele dia fatídico estava lá na Colina Verde de novo!!! Fazia duas semanas que eles não apareciam, mas a Igreja achou que a bênção tinha sido tão grande, e então os convidaram de novo. E calhou de ser justo naquele domingo!....

Quando encostamos o carro e eu vi o mesmo ônibus senti o sorriso amarelando e morrendo nos lábios. Olhei meio encanado:

"Ah, não!"

E comecei a sentir imediatamente uma ponta de mal estar, um enjôo leve que veio invadindo o estômago. Quando desci do carro escutei a música muito claramente, como da primeira vez. E coisa da minha cabeça ou não o fato é que começou tudo de novo: a

tremedeira, o medo, o suor frio, a taquicardia. Minhas pernas bambearam.

Não era possível. Mas em vez de sumir dali tentei enfrentar valentemente. Procurei controlar a minha mente para não prestar atenção na música, fazer de conta que não estava escutando. E tentei andar até o pátio. Fui falando o quanto deu, bem alto, na tentativa de encobrir aqueles acordes horríveis com a minha voz.

A família de Camila caminhou na frente e acho que não perceberam logo de imediato. Eu fui mais atrás porque não conseguia dar passos largos.

— Você tá bem, Edu?... — Perguntou Camila me olhando firme e com os olhos já demonstrando apreensão.

— Mais ou menos.... ah! Estou bem, sim!

Mas assim que coloquei os pés dentro do pátio da Igreja, assim que pisei naquele solo.....não precisou nem ninguém me encostar a mão, orar por mim, nada disso. Apaguei de novo!

Mas foram somente alguns minutos. Quando voltei a mim vi que algumas pessoas chegavam perto para ver o que estava acontecendo. Me manquei:

— Não quero ficar aqui. — E levantei instantaneamente do chão empoeirado, dei meia-volta, não deixei ninguém se aproximar.

Voltei para perto do carro.

Camila entrou na Igreja, chamou a família. E voltamos todos para casa outra vez sem assistir ao Culto. No mesmo clima de constrangimento, em silêncio. Apesar de ter me sujado menos eu estava dez vezes mais inconformado do que antes. Não teria palavras para descrever o meu estado emocional. Eu sabia que Marlon já tinha explicado.... mas aquilo era demais! Era só uma Igrejinha....era só uma música!

Não era possível!!!!!!!!!!!!!!!!!

***

Da minha parte resolvi marcar uma consulta com um psiquiatra. Eu devia estar ficando louco, era isso. O que tinha acontecido na Igreja não me saía da mente. Mas eu queria crer a todo custo que aquilo não tinha nada que ver com Abraxas e nem com o reino espiritual. Por algum motivo talvez eu não estivesse com minha sanidade mental cem por cento. E por pior que fosse ficar louco não seria tão ruim quanto admitir que demônios pudessem esquentar-se com alguns Cristãos cantando!

Expliquei tudo o que aconteceu ao médico.

— Será que eu estou normal?

Ele fez uma série de perguntas e pediu um eletroencefalograma. Quando veio o resultado, estava tudo bem. Ora! Como eu preferiria que houvesse uma alteração qualquer capaz de explicar melhor aqueles estranhos acontecimentos!... Abraxas e os outros eram muito poderosos. Uma musiquinha ia causar todo aquele tumulto? Que coisa mais fora de propósito e absurda!

Mas realmente parecia que eu não estava louco, pelo contrário, estava perfeitamente bem da cabeça.

Então me decidi a procurar Zórdico. Não quis mais falar com Marlon. Aquilo estava me deixando cada vez mais incomodado e talvez Zórdico tivesse alguma outra explicação que me fizesse ficar um pouco mais descansado.

— Zórdico, eu fui à....

— Eu já sei. Olha, por enquanto, não vá à Igreja!

— Mas por quê?!!! Afinal de contas, você tinha deixado! Por que agora eu não posso ir?

— Primeiro que você não está sendo treinado para isso, você foi chamado para uma outra atividade. E é com isso que você deve se preocupar.

— Mas você disse que eu podia ir! — Retruquei de novo. Eu estava cada vez mais injuriado.

— Daqui a pouco esta Igreja vai estar inoperante e então você vai poder ir à vontade. Por enquanto faça como eu estou te dizendo:

não vá mais! Não fique lá. Pára de criar problema, Rillian!

— Tinha um Pastor lá que orou por mim da primeira vez, um careca... e não gostei nada dele!

— Eu sei quem é. Ricardo Cabral é o nome dele. Não se preocupe, nós vamos cuidar de tudo e essa Igreja vai deixar de existir! Mas enquanto isso... não vá lá!

— Tá bom! — Concordei meio emburrado.

Passaram algumas semanas. Tudo continuou correndo normalmente nos Ritos. Mas aquela história.....decididamente não consegui engolir!

"Não...é ...possível!"

Era tudo em que eu conseguia pensar, dia após dia: que aquilo não estava acontecendo! Lucifér era o maioral, não era? Eu tinha experimentado o Poder das Trevas ao vivo e à cores, sabia que era real e devastador. Portanto alguma coisa não me cheirava bem naquela história. Eles estavam só cantando e puseram Abraxas como louco. Por mais que ele não fosse treinado para entrar em Igrejas... tinha limite! E o tal jejum de quarenta dias que nem Lucifér podia suportar? E a unção com óleo que podia pôr tudo a perder?!

Minha cabeça saracoteava dando voltas e mais voltas sem chegar a lugar nenhum.

.....
..

Passado alguns dias:

— Vamos no Culto? — Pedi. Dessa vez ninguém queria ir mesmo. Negaram-se terminantemente. — Não, não, não!

— Mas vamos, vai!

— Não!

Ninguém se atreveu. Não me levaram. E no sábado seguinte só avisaram:

— Chega um pouco mais tarde amanhã. A gente vai ao Culto

e você vem para o almoço, tá?

Não queriam que eu fosse de jeito nenhum. Mas não me dei por vencido.

"Eles vão sozinhos, é? Pois, sim!"

E no dia seguinte logo de manhãzinha pintei por lá. Meia hora antes deles saírem eu já estava na porta esperando. Quando todos apareceram, felizes, com as Bíblias na mão, deram de cara comigo:

— Oi! Eu resolvi ir no Culto!

Eles se entreolharam e não tiveram como dizer não. E fomos. Fiquei alegríssimo porque era o velho e bom Louvor comandado pelo Davi. Nada me incomodou e eu pude entrar à vontade dentro da Igreja. Estava tudo como antes, os demoninhos que o acompanhavam estavam ali mesmo. Percebi que todos olhavam sorrateiramente para mim esperando alguma manifestação.

Mas tudo correu dentro do esperado. E no final do Culto vi que Camila correu para falar com aquele Pastor gordo que eu já tinha visto uma vez. Fiquei olhando de longe enquanto ela conversava, volta e meia ele desviava discretamente os olhos na minha direção. Me irritei e lancei uma maldição contra ele.

"Que Pastor folgado esse aí!"

Sem que eu soubesse, Camila agendou uma entrevista minha com ele. Tinha levado com ela alguns desenhos que eu costumava fazer incessantemente, uns desenhos claramente satânicos, com figuras de demônios, sangue. Enquanto ela mostrava as folhas de sulfite eles combinaram uma provável data.

Pessoas se aproximavam de mim, cordiais, cumprimentavam.

— A Paz do Senhor!

"A Paz do Senhor, é?" — E contra todos eu lançava maldições, cheio de ira. O Pastor Arnaldo, o que tinha brincado comigo por causa do time Palmeiras, aproximou-se também.

— Olá, hoje você não caiu, heim?

Que idiota! Nem esperei ele continuar, encostei-lhe a mão no

peito e falei em aramaico, lancei o encantamento com ódio.

— Talvez amanhã você caia! — Retruquei.

— Ué? Está falando em línguas? Você foi batizado no Espírito?

— Não. Fui batizado no Fogo.

— É, o Fogo do Espírito é tremendo mesmo, né?

Estávamos falando duas línguas. Que se danasse aquele Pastor Arnaldo! Eu estava cheio de fúria por causa de tudo e todos naquele lugar. Não fosse por eles e não teria sofrido aquele vexame! E ainda tinha a cara de pau de tirar sarro?

Agora eu tinha umas contas a acertar com o tal Ricardo Cabral. Olhei à minha volta:

"Cadê aquele outro idiota?"

Vi que ele conversava com algumas pessoas à distância.

"Já sei! Vou pedir para o Davi orar junto comigo por ele. Aquele lá é um podre, tem demônios com ele. Mas ninguém vai desconfiar se ele orar comigo!"

E corri atrás do Davi. Tinha que me apressar se quisesse concretizar o meu plano.

— Oi, irmão, a Paz do Senhor! Onde está o Pastor Ricardo?

— Ele está ali conversando com o Gustavo Kalil, um dos participantes daquele conjunto que esteve aqui duas vezes.

Não! Era bênção demais junta!

— Não diga!! Mas os dois estão juntos? Vamos orar por eles? Eu senti no coração de orar por eles!

— Então vamos! — E Davi me acompanhou. Fui com a maior sede ao pote. Davi fez as honras da casa:

— O irmão aqui sentiu de orar por vocês dois! Ele vai abençoá-los!

A oração do Davi era só apoio para a minha. Eles aceitaram sem receio, eu impus as mãos sobre eles e "orei" em aramaico para

abençoá-los bastante. O Pastor Ricardo ainda comentou:

— Puxa, e dizer que há algumas semanas você estava caído aí, possesso! Como Deus é maravilhoso, que tremenda restauração na sua vida! Deus te abençoe.

O Gustavo concordou:

— E agora você já está entrando na Igreja, é de fato um belo testemunho!

— É, que bom. — Respondi. E pensei comigo mesmo: "Eu estou entrando e logo vocês é que vão estar saindo daqui chispando!"

Naquele dia voltei de alma lavada para casa. E decidi:

— Não vou mais nessa Igreja. Lá só tem idiota e eu já fiz o que tinha que fazer! Peguei três daqueles Pastores, eles vão pagar pelo que fizeram!

E realmente não tive mais nenhuma vontade de ir lá para nada. Nem para dar risada.

Só que Camila tinha agendado a entrevista com o Pastor gordo.

***

— Eduardo! — Disse-me ela logo no começo da semana. — Sabe, eu marquei uma entrevista com um Pastor para que você possa tirar ás suas dúvidas!

— Que dúvidas, Camila? Eu não tenho dúvida nenhuma.

— Mas sabe o que que é? Você não quer entender melhor porque você caiu...?

— Eu já entendi. Agora eu não vou cair mais. É a vez deles caírem! — Eles quem?

— Olha, Camila, não me encha! Pára com essa conversa! — Fui estúpido. — Além do mais, quem é esse Pastor? — É o Brintti!

— Brintti? Mas que nome mais esquisito! — Parei um pouco. — Ah! Por acaso é aquele gordo?! De bigode, que parece um leão

marinho?

— Hum....é ele mesmo!

— Sei, sei. É aquele gordinho, heim? — E já imaginei o que fazer. — Tá bom. Pode dizer que eu vou.

Quando Camila confirmou a entrevista esperei o momento propício para fazer um Feitiço pesado contra ele. Desci ao porão de casa e fiz tudo nos conformes. Por causa da minha raiva, e que certamente estava potencializada pela raiva de Abraxas, eu não queria nada mais nada menos do que a morte dele. Já tinha visto acontecer muitas vezes. Aquele cretino daquele Pastor Brintti ia ser somente mais um na lista.

Tinha certeza que ia funcionar. Estava tranqüilo. E no dia da tal entrevista encaminhei-me para o escritório da Igreja ao lado de Camila com toda a calma do mundo. Sentamos. Começamos a ler umas revistas. Camila olhava no relógio, já preocupada. Eu nem aí. Continuei afundado na leitura.

— Nossa! Mas como ele está demorando!

Camila foi perguntar à secretária se ele tinha avisado que iria atrasar. Nada. Ninguém sabia nada. Eu estava certo de que ele estava morto e logo receberíamos a notícia. Fiz questão de esperar ali mesmo.

E esperamos. Três horas de espera. Finalmente resolvemos ir embora. Passaram-se dois dias. Mas estranhei que ninguém me ligasse avisando do enterro.

Mas qual não foi a minha surpresa quando descobri que ele não estava morto. Camila ficou sabendo o que acontecera e me comunicou:

— Puxa, o Brintti teve um problema naquele dia, Edu. A filhinha dele caiu do sétimo andar do prédio onde eles moram! Mas foi por Deus mesmo que não aconteceu nada. Ela caiu em cima de um toldo e rolou na grama, não sofreu um arranhão. Mas eles tiveram que correr com a menina no Hospital, é claro, por isso que ele não pôde ir. E na preocupação nem se lembrou de avisar.

— Mas ele tá vivo???

— Ora, tá! Lógico. Foi só a filha dele que teve um problema, mas está tudo bem.

Fiquei indignado. Ele ainda estava vivo! Certamente os demônios tinham tentado furar a Guarda de proteção dele e não conseguiram. Então foram por outro caminho. O ataque maciço à volta faria com que ele se desequilibrasse emocionalmente, e quando isso acontecesse seria mais fácil penetrar e ferir a sua vida.

Voltei a escutar a voz de Camila:

— Deus livrou, né? Que bênção! Mas ele marcou outra vez com você, viu? Não vamos desistir, tá?

Ela ainda me contou que ele pregara no último domingo testemunhando no púlpito o livramento do Senhor. E foi um grande momento de júbilo! Aquilo me irritou mais do que tudo. Mas procurei não dar bandeira. Camila não entendia aquela minha postura tão estranha aos seus olhos.

"Mas que incompetência desses demônios! Além de tudo ainda ficam dando ponto para esses imbecis, estão agora todos achando que foram aqueles Anjinhos que protegeram a menina! Pois agora esse cara vai morrer de qualquer jeito!"

***

No final de semana seguinte estávamos nós cinco ao redor de um Pentagrama. Tínhamos terminado um Ritual de morte conjunto para acabar de vez com a vida do Pastor Brintti. Chamei Górion, Ariel, Rúbia e Thalya, meus amigos mais próximos.

Estava quase amanhecendo. Havíamos passado a noite toda ali envolvidos naquela sede de vingança.

Reunidos no apartamento de Rúbia, nossos Guias e suas legiões já estavam perfeitamente sinalizados e deveriam agir para completar aquela incumbência nos próximos dias. Meus amigos estavam tão furiosos quanto eu. Aquela era uma luta comum, os Cristãos não podiam afrontar desse jeito nem a mim e nem aos demônios.

Alguns dos Guias tinham aparecido durante a madrugada

para entender-se conosco. Abraxas, inclusive. Ele veio com um ar de regozijo e prometeu enfaticamente:

— Seu desejo será cumprido!

Ao final da noite o clima entre nós já era de júbilo. Estávamos certos da vitória. Nada poderia nos impedir de ceifar a vida dele.

Antes do sol raiar ficamos conversando ainda um bom tempo, externando a nossa indignação. Nem tínhamos ido ao Ritual de Celebração da Irmandade. Só avisamos que íamos fazer algo especial e não fomos. Era preciso aproveitar a posição astrológica favorável daquela madrugada de sexta-feira. Ninguém perguntou nada, provavelmente já sabiam do que se tratava.

— Aquele Pastor precisa morrer! Imagina só! O encantamento que eu fiz pegou na filha dele, mas acontece que ela está inteira, e vejam que coisa, ainda por cima aquela Igreja está com a bola toda achando que Deus é o máximo. Não vou mais tolerar isso! Aquele cara precisa morrer de qualquer jeito!!! Ele tem que ver o Poder do Inferno, eu quero que ele seja esmagado! — Exclamei.

— Ele vai ver o que que dá mexer com os filhos do Fogo! — Vociferou Ariel.

— É isso mesmo. Vai sentir nele mesmo o Poder do Fogo! Esse Fogo queima... e vai doer! — Disse Thalya com cara de poucos amigos e deixando transparecer sua raiva.

— Vai doer!!! — Completaram Rúbia e Górion.

Terminamos de recolher o material usado no Ritual. Tínhamos oferecido três vidas em troca da vida do Pastor Brintti. Quando ele morresse, as três vidas seriam entregues. Quando eu fiz o encantamento sozinho, tinha oferecido apenas uma vida à escolha de Abraxas.

Mas agora não haveria escapatória possível!

***

O próximo encontro com o Pastor Brintti era dali a poucos dias. Novamente fomos eu e Camila ao escritório da Igreja, sentamos, pegamos as mesmas revistas para ler. Mas eu mal podia conter a minha ansiedade em receber as notícias tão aguardadas.

E nada do homem aparecer!

— Puxa, o Brintti está demorando... — Disse Camila com um suspiro.

— Ele não vai vir! — Respondi categoricamente.

— Como assim, não vai vir? É claro que ele vem! Ele marcou com a gente. Deve estar atrasado de novo por algum motivo. Vai ver é o trânsito!

— Trânsito, sim! Ah! Devem é estar tentando encontrar um caixão em que ele caiba, porque gordo daquele jeito....

— Ai, Eduardo! Pára de falar nisso, como você é macabro! Deixa o coitado do homem em paz.

— Mas é verdade, ele vai precisar de um caixão sob encomenda. Ele não vai vir, Camila. Ele morreu!

— Olha, Eduardo, você podia parar de falar tanta besteira. Que Deus te perdoe dessas coisas que você fala!

Ela levantou e foi atrás da secretária. Ligaram na casa dele para saber o que estava havendo. Pouco depois Camila voltou:

— Disseram que ele saiu faz tempo e estava vindo pra cá. Acho que já, já ele aparece!

Eu continuei na mesma ladainha.

— Pronto! Ele morreu no caminho. Vai ver teve um enfarto, um derrame, enfiou o carro no poste. Nessas horas tá sendo entubado em alguma UTI por aí, ou já passou para a Vida Eterna direto.

Nós já tínhamos avisado algumas pessoas-chave que estavam na linha de frente dos Hospitais. Caso ele desse entrada em algum Pronto-Socorro era pra simplesmente terminar o serviço imediatamente.

Esperamos mais de duas horas. E o Pastor não apareceu. Camila foi falar de novo com a secretária, que tentou em vão localizá-lo. Saímos de lá sem saber o que tinha acontecido. Pisei na calçada como quem pisa em nuvens. Em breve eu saberia que ele tinha sido liquidado!

E realmente não demorou muito. No dia seguinte Camila me ligou na Style toda penalizada. Mas não escutei o que queria.

— Eduardo, o Brintti bateu o carro ontem à caminho do escritório, por isso que ele não foi. Deu perda total no carro.

— !!!!!

— Que coisa, né? Coitado do Brintti!

— Mas, e ele?!! Ele morreu? Ou está internado?!

Camila deve ter interpretado o tom entrecortado da minha voz como sendo de extremo pesar diante do acontecido.

— Não, não se preocupe. Ele está ótimo! Não teve um arranhão! Deus trouxe o livramento mais uma vez!

— Quer dizer que o carro amassou todinho, e só no canto em que ele estava não amassou???!! Bom, a bem da verdade deve ter sido um cantão porque ele mais parece uma lontra.....

Me dei conta de que era imprescindível me controlar. Mas não poderia descrever o tamanho do meu furor.

— Pois foi isso mesmo! — Continuou Camila. — Deus não deixou amassar o cantinho dele!

Eu não estava acreditando. Depois de todo aquele Ritual!!! O que aqueles demônios pensavam que estavam fazendo?!!

— Mas ele não teve nem um arranhãozinho?

— Nem unzinho! E, aliás, você vem aqui hoje?

Respondi com toda a educação que eu tinha para aquele momento:

— Não me enche, não vou aí coisa nenhuma. Preciso de paz e sossego um pouco!

Bati o telefone em estado de bala. Continuei falando sozinho

completamente inconformado, rodando pela sala que nem um gorila enjaulado.

— Mas o que que tem esse leão marinho bigodudo, esse gordo?! Liguei para Thalya para desabafar:

— Você imagina que aquele cretino ainda está vivo, Thalya?! Ela quase gritou do outro lado:

— Mas não é possíííível!!! Será que nós fizemos alguma coisa errada, Edu?

— Não, não, estava tudo certo, os demônios estavam lá! Disseram que tudo ia sair a contento. O que pode ter dado errado?!

— Isso não está acontecendo! Vamos falar com a Rúbia, ela deve ter uma boa explicação! Olha, vem pra cá agora. Não vamos deixar barato essa história, não!

— É! Está na hora de abrir a temporada de caça à baleias! — Resmunguei mal humorado.

— Que complicação!

Fizemos uma conferência a três, eu Rúbia e Thalya. Rúbia procurou recuperar a calma depois da explosão de raiva.

— Deixa estar. Nessa sexta, na reunião da Irmandade, nós falaremos com todo mundo! Esse Pastor não perde por esperar! Ele vai morrer!

E fizemos como combinado. Nem bem terminou a Celebração e eu mesmo fui atrás dos figurões. Marlon, Zórdico, Taolez e Akilai. Nós cinco, junto com eles, totalizando nove... num Rito poderoso... somando o Poder das nossas castas demoníacas... não haveria como dar errado! Akilai era Sumo Sacerdote. Marlon, Zórdico e Taolez, Sacerdotes. Eu e Rúbia, Feiticeiros. Os demais, Magos. Não tinha erro.

Expliquei em rápidas palavras o que estava acontecendo. Minha vontade era de subir pelas paredes:

— Estou indignado....aquele Pastor cretino.... aquela foca amestrada.... ele está vivo! Está querendo medir forças comigo! Querendo medir forças com Lucifér, com Abraxas.....! Quem ele

pensa que é?!.....Pois agora eu quero que ele morra com dor, com sofrimento! Quero aniquilar a família dele! Eu quero que esse homem seja des-tru-í-do! Eu faço qualquer coisa!!!!

Akilai se adiantou:

— Você fará o que for preciso?

As palavras saíam em tropeções pela minha boca, o ódio que eu sentia era tão intenso que parecia que ia me consumir. Ou aquele Pastor seria consumido, ou eu. Mas aquela situação de afronta tinha que se resolver:

— Eu faço o que for preciso! Eu quero essa vida. Reivindico essa vida para Lucifér, para as Trevas! Quero que o Fogo do Inferno consuma cada gota daquela banha!

Akilai falou sem pestanejar:

— Você daria treze vidas por ele?

Todos sabiam da minha relutância em relação aos sacrifícios. Ficaram quietos ao meu redor, esperando pela resposta. Não pensei duas vezes:

— Sim.

— Você sacrificaria essas treze vidas... sem estar canalizado?!

Akilai soube escolher bem a proposta. Eu tinha sido auxiliar dele naquela noite quando dei as costas para o Altar e Abraxas quase teve um piripaque, entrou no meu corpo que nem um animal.

Respondi novamente sem hesitação alguma:

— Sim.

— Você tem certeza do que está falando?

— Tenho. Tenho plena certeza. Plena convicção!

— Você sabe que se você prometer... e não cumprir... seu lugar será o Inferno dos Órfãos. Você será irremediavelmente deserdado e vai ser pior pra você!

Falei muito seriamente, os olhos carregados, a voz cheia de uma fúria cega:

— Eu tenho consciência disso.

Akilai parou, pensou um pouco absorto em si mesmo. Os demais apenas olhavam para ele.

— Você tem certeza disso, Rillian? Tem certeza de que será capaz? — Perguntou ele mais uma vez.

Olhei fundo para o gigante:

— Eu quero essa vida.

— Então está bem. Nós vamos providenciar essas ofertas. Treze crianças de sete a nove anos.

— Elas só serão entregues depois que ele morrer, certo?

— Exatamente. Amanhã nós faremos o Rito todos juntos, em nove pessoas. Ele não vai escapar, e quando estiver morto... então você cumprirá a sua parte do trato!

Assenti sem dizer mais nada. E meu ódio era tão grande que eu não via a hora de chegar o momento de nos reunirmos para aquela vingança.

***

No sábado seguinte nos reunimos em casa de Zórdico. E invocamos praticamente todo o Inferno ali. Foi um Rito poderosíssimo e extremamente meticuloso. O que tinha de mais forte e profundo na Magia, e que estava ao nosso alcance, foi utilizado.

Foram evocados treze Príncipes das mais altas patentes. Nossos Poderes foram somados. Os demônios apareceram, até mesmo Leviathan esteve lá. Estavam todos bastante sedentos pelo sangue que tinha sido prometido.

Foi muito impressionante. Não tinha ainda vivido nada daquele porte até então, nunca tinha visto nada parecido com aquela sinergia. Não tivera o gosto e o privilégio de participar de algo comum ao lado de Akilai, por exemplo. Mas aquela briga era nossa! O Poder deriva da Força, e a Força é produto de União. E foi o que eu vi naquela noite. União entre nós. União com o Reino das

Trevas.

Os sacrifícios seriam especiais, uma criança para cada Príncipe. E as velas feitas com a gordura delas adornaria o próprio Altar durante um tempo, como símbolo daquela vitória.

Eu queria que ele morresse. E depois dele, tudo que lhe dissesse respeito teria que desaparecer também. Então deixamos bem claro: a destruição tinha que ser completa! Da família, dos bens, do ministério, de tudo à sua volta.

Mas Marlon fez um aparte:

— Não. Pense bem, Rillian. A morte seria um prêmio para esse homem. Ele tem que sofrer. Cada dia da vida dele tem que ser um Inferno, cada dia tem que ser vivido debaixo de desgraça e sofrimento. A vida tem que lhe ser amarga de tal forma que ele inveje os mortos! Vamos antecipar o Apocalipse para ele: ele buscará a morte e não a encontrará. Experimentará o que é dor e não terá como se livrar disso. Não é melhor do que a morte?

— Eu não tinha pensado nisso. Você tem razão. — E reiterei perante as Entidades. — Podem fazer assim. Treze vidas pela destruição dele. Mas no final de tudo eu quero que termine com morte! E uma morte de sofrimento, dolorosa. Ele, a família, o ministério... tudo tem que estar envolvido!

E fiz um juramento com meu próprio sangue conforme pedia o Rito. Ele foi derramado numa taça e através daquele ato eu me comprometi perante aqueles demônios. Me comprometi a devolver cada gota de sangue multiplicada por treze. Sem canalização. Eu iria cumprir a minha parte do pacto.

A noite terminou e o Ritual também. Saímos todos convictos de que o acordo estava selado. Muito bem selado. E quanto a mim, tinha certeza de que algo tão ruim aconteceria nos próximos dias que Pastor Brintti não teria condições de aparecer no terceiro encontro.

***

Capítulo 13

Nove dias deveriam correr antes que os demônios iniciassem sua ação maléfica. Então aguardei um pouco, naquela semana não marquei nada com o Brintti. Deixei apenas para quinta-feira da outra semana.

Aconteceu como das primeiras vezes. Fiquei com Camila no escritório e esperamos por duas horas e meia. Naquele dia estava absolutamente convicto de que ele não apareceria *mesmo.* Não tinha mais chance de haver qualquer imprevisto.

Mas houve. O maior imprevisto de todos aconteceu naquele dia. Algo que ninguém poderia jamais supor.....

Eu já estava exultante, rindo, bem humorado. Quando ouvimos batidas na porta. A secretária abriu. Era o Pastor Brintti!

Olhei para ele com ar estarrecido. ***VIVO???!*** E imediatamente senti algo semelhante ao que tinha experimentado por causa do Louvor no pátio da Igreja. A tremedeira, o mal estar, o ódio indescritível... veio tudo junto só pelo simples fato de olhar para aquele homem.

Não consegui balbuciar palavra nenhuma. Pensava atropeladamente e tentava manter minha mente funcionando. Não era possível que fosse acontecer de novo! Que espécie de reações eram aquelas??? De repente, percebi o óbvio: era medo. Medo puro. Puro pavor!

O Pastor parou um pouco na porta, apoiou-se no batente olhando para nós e sorrindo levemente. Vestia um terno azul-marinho, camisa branca, e suava visivelmente. Parecia um pouco cansado, ofegante... bastante ofegante, para ser sincero. Acho que tinha sem dúvida enfrentado alguns problemas para chegar ali. Debaixo do braço, a sua Bíblia.

— Custou.... mas cheguei! — Exclamou ele.

Procurando controlar aquela torrente de ódio que me invadia, pensei: *"Como* que você chegou?!"

E falei alto, sem um pingo de educação.

— Nós não temos nada para conversar. Você atrasou, eu tenho um compromisso. Tenho mais o que fazer do que ficar esperando você vir aqui!

— É que eu tive uns contratempos.

— Eduardo, ele está aqui. — Acudiu Camila. — O que custa conversar um pouco? Demorou tanto para vocês se encontrarem!

Ele aproximou-se de mim e me estendeu a mão à guisa de cumprimento. Mas eu não consegui pegar na mão dele. Aquele tremor por dentro se intensificava e meu medo era não conseguir mais me controlar. Ele ficou com a mão no ar. E eu estava quase em pânico.

Mas Pastor Brintti não se deu por vencido, pousou a mão que eu não quis apertar sobre o meu ombro. Imediatamente senti o meu braço ficando dormente. Me esquivei dele com brutalidade e retruquei incontinenti:

— Já disse que não tenho nada pra tratar com você!!! Estou saindo! Mas não saí. Parecia grudado no chão.

O meu furor aumentava e se misturava com aquela sensação de pavor incontrolável. A vontade que eu tinha era de socá-lo, amassar aquela cara idiota! Mas sabia que não conseguiria fazê-lo. Era estranho, eu queria enfiar a mão nele com toda a força que tinha... mas não conseguia.....! Meu braço estava travado.

Me lembro que ainda consegui fechar a mão. Mas o braço não ia. Simplesmente não obedecia ao meu comando.

Impossível descrever meu estado! Era pior do que tinha passado na Igreja! Poderia morrer a qualquer instante com tanta adrenalina jorrando no meu sangue! Estava quase em desespero, a presença dele à minha frente me ameaçava. Me sentia ameaçado por ele... por algo totalmente desconhecido. Mas não tinha o menor sentido! Eu estava no ápice da minha forma física. Podia acabar com ele num único golpe. Podia explodir aquela cara em um milhão de pedaços!

Por uns instantes esqueci do mundo à minha volta, de Camila, da secretária. Até do que eu estava fazendo ali. Já nem sabia mais. Minha atenção estava toda voltada para aquele Pastor.

E a monstruosa ira contra ele era tão inexplicável e densa quanto as Trevas que eu cultuava.

Mas ele, apesar de claramente cansado, estava calmo. Muito calmo. E olhava para mim fixamente.

— Vamos lá na minha sala? Lá a gente pode conversar melhor! A gente bate um papo rapidinho, eu não vou ocupar muito o seu tempo e você já vai embora.

— Vai, Eduardo, vai! Não vai demorar muito! — Falou Camila. "Vou enrolar ele dez minutinhos e vou embora", pensei, trêmulo.

Mas o que eu queria mesmo era sair correndo! Ele subiu na frente para me mostrar o caminho. Então minhas pernas obedeceram, apesar de muito bambas; subi trôpego, me segurando no corrimão. Eu olhava para ele de costas e tinha cada vez mais uma vontade louca de bater nele, acabar com tudo pelas minhas próprias mãos.

Ele entrou numa salinha simples. Uma mesa não muito grande, uma estante com livros, um abajurzinho.... reconheci logo. Era a mesma sala aonde eu tinha conversado com o Davi.

Pastor Brintti me deu passagem segurando a porta:

— Pode sentar, Eduardo.

Eu sentei já em posição de quem vai levantar, na beirada da cadeira. Não pretendia realmente ficar ali mais do que dois ou três minutos, no máximo. Mas, para minha surpresa... ele trancou a porta à chave.... e guardou a chave no bolso do paletó!!!!

Olhei para ele e quase gritei:

— Por que que você trancou a porta?

— Calma!... Você não está preso aqui dentro. A gente só vai conversar dez minutos.

Dez minutos era tempo demais. *Um minuto* ali com ele já era tempo demais!! Senti meu corpo estremecer fortemente. Na verdade, eu não queria ficar ali nem mais um segundo. Precisava sair imediatamente. Olhei para a janela atrás de mim. Mas ela tinha

grades.

"Não posso fugir pela janela".

Tive que me virar novamente para a frente. Será que ele percebia o quanto eu estava nervoso... e apavorado? Comecei a falar rapidamente, só queria me livrar dele. Minha voz saiu até embargada.

— Olha, Pastor, isso tudo foi um... um grande engano! A culpa é da minha namorada que está meio maluca, achando que eu estou com coisa.... mas a verdade é que eu estou muito bem, muito bem mesmo! Não tem nada de errado comigo, eu estou indo embora. Eu tenho compromisso. Eu já marquei muitos encontros com "Pastores" na minha vida! Mas a realidade é que vocês nunca têm tempo pra mim. Vocês só serviram de pedra de tropeço no meu caminho. Hoje quem não tem tempo sou eu! Você furou comigo duas vezes e hoje ainda chegou atrasado. Agora quer que eu tenha *consideração* por você?!

Isso eu consegui falar. Mas na minha cabeça aquela idéia fixa continuava martelando, eu queria mesmo era bater, bater nele até matá-lo! Me imaginei agarrando aquela gravata e torcendo-a em volta do pescoço dele, puxando-o para bem perto de mim e então enfiando o maior e mais bem dado soco do mundo naquele nariz!!!!...

"Só estamos nós dois aqui, a porta está trancada. O que me impede de encher a mão nessa lata de leão marinho dele?"

Mas minhas mãos continuavam estendidas sobre a mesa e pareciam coladas no tampo de madeira. Alguma coisa — que eu não sabia dizer o quê — segurava-as muito apertado ali. Senti uma fúria inominável e gritei:

— Eu odeio você!!!

Pastor Brintti me olhou com ternura e respondeu:

— Pois eu amo você.

Detestei aquilo. Já estava chorando de tanta raiva contida no coração. Devia estar fazendo um papel patético mas não pude evitar que lágrimas de puro ódio aflorassem:

— Ama *coisa nenhuma!!!* Ama e chega atrasado? Que amor é esse?! Eu não quero falar com você!!! Quero ir embora!

— Tá bom. Você pode ir embora. Acalmei um pouco instantaneamente:

— Posso?

— Pode. Mas antes eu vou orar por você...

E não esperou mais nada, não esperou eu dizer se concordava ou não, num gesto decidido estendeu a mão na minha direção. Nem encostou em mim. A única coisa de que me lembro é que minha cabeça despencou e bateu violentamente na mesa. Lembro que escutei o "bum"! E mais nada.....!

Apaguei.

***

Aquele período todo foi muito entrecortado. Mais estive fora de mim mesmo do que propriamente consciente do que acontecia.

Quando acordei, estava no chão. Ergui a cabeça zonza e vislumbrei um pouco do recinto ao meu redor. A cadeira em que eu estivera sentado estava jogada do outro lado da sala, o abajur estava caído com o foco deslocado, a mesa mal posicionada. Havia vários livros jogados por ali, alguns até meio em cima de mim. Provavelmente tinham despencado da estante durante a crise de ira de Abraxas.

Pastor Brintti estava perto de mim e literalmente suava em bicas com o rosto muito vermelho. Estava com as duas mãos estendidas sobre o meu corpo. Me senti um pouco recuperado e levantei aos trambolhões, peguei a cadeira e a coloquei de pé, sentei nela. Fiquei olhando para ele, me contorcendo.

— Você precisa de Jesus... — Disse-me.

Eu continuei olhando com ódio e nem respondi. Então ele continuou. Abriu a boca e orou de novo. Me recordo das suas primeiras palavras e mais nada. Outra vez perdi a consciência.

.....

.....

Certamente gastamos horas naquele processo.

Volta e meia eu me recuperava, conseguia ter alguma idéia de onde estava. Mas logo o mundo desaparecia outra vez. Toda a recordação que tenho desse dia vieram através desses flashes muito rápidos de memória. Uma vez olhei e vi duas pessoas. O Pastor e mais um homem.

"Quem será aquele ali....?"

Mas viajei de novo. Nunca fiquei sabendo se realmente alguém entrou para ajudá-lo, ou se era um Anjo de Deus.

Em outro momento abri os olhos e tive a impressão de que o abajur estava na minha cara. Talvez fosse ele que estivesse produzindo aquela luz tão forte, devia ter rolado ali para o chão e estava com a lâmpada direto no meu rosto. Coloquei a mão sobre os olhos procurando me proteger daquela luz que queimava. De longe, bem longe podia indistintamente escutar a voz do Pastor, pescava uma palavra ou outra.

— Que a Sua Luz inunde esse ser...

Acho que não era a luz do abajur... então?! Que Luz seria?....

Perdi a noção de quantas vezes eu caí ali naquela sala, apaguei, acordei, semi-acordei, apaguei de novo. A realidade perdeu o sentido. Eu não sabia o que acontecia mas a verdade é que estava totalmente à mercê daquele homem.

O tempo passou sem que eu me desse conta. Quando acordava fazia menção de me levantar, olhava para o Pastor. Ele parecia gastar tempo apenas para constatar se eu estava melhor ou não. No entender dele devia estar péssimo porque logo começava a orar de novo. Minha cabeça parecia prensada numa morsa, tamanha era a dor.

Parece que eu o escutei dizer:

— E pára de bater com a cabeça dele no chão!!!

Daí minha mente sumia.

.....

.....

Numa das vezes em que acordei percebi que minha garganta estava completamente rouca. Eu devia ter berrado a plenos pulmões por horas para conseguir chegar naquele estado. Meu corpo estava muito dolorido, machucado; passei a mão pelo supercílio aberto, havia sangue ali. A camisa já estava toda rasgada. O que estava acontecendo comigo???? Quando terminaria aquela tortura medonha?!

O escritório estava um verdadeiro pandemônio. Tudo pelo chão. E o Pastor Brintti parecia visivelmente esgotado, sem o paletó, a gravata torta. Mas continuou me olhando com ternura.

Então, num ápice de segundo me passou pela mente tudo o que eu tinha vivido nos últimos seis anos dentro da Irmandade. As promessas de Poder... de liberdade.... de simbiose com os liderados de Lucifér...

Mas diante do que eu estava vivendo aquilo de repente perdeu completamente o sentido!!!!...

Perdeu.... perdeu a razão de ser. Tudo o que eu tinha experimentado, tudo o que eles tinham me dito estava sendo colocado em cheque por aquele leão marinho, aquele saco de banha, aquela lontra.....!

Na verdade, aquele *homem de Deus* estava jogando toda a minha doutrina por terra. *Alguma coisa* o estava protegendo... ele tinha alguma coisa mais forte do que os treze Príncipes do Inferno! Aqueles treze demônios não puderam impedi-lo de estar ali, de fazer aquilo comigo!

Todo o Poder que eu tinha experimentado e através do qual eu tinha visto os outros serem derrubados e esmigalhados... não estava surtindo efeito com aquele Pastor Brintti.

Aquilo tudo correu que nem fogo em rastro de pólvora pelo meu pensamento. Alguma coisa estava errada!... Eu tinha que admitir! Fazia tempo que eu vinha sentindo no meu íntimo que havia algo errado. E aquela convicção me invadiu muito forte, muito intensa! Eu tinha acreditado... e vivido... um grande engano!

Aquele homem tinha um Poder maior do que o meu, um

Poder maior do que o de Akilai, Marlon, Zórdico, Taolez. Ele estava ali, em pé. E eu me rastejando no chão. Ele abria a boca, apenas *falava* e eu parecia prestes a morrer por causa disso. Ele abria a boca e eu ia para no chão me contorcendo, me debatendo, berrando. A presença dele me fazia tremer de terror!

"Era tudo uma mentira.... tem, sim, algo mais forte. .. *tem algo mais forte..."*

Então devia ser verdade! Aquilo que estava com ele — Deus! — era mesmo maior. Tinha que ser, porque eu sabia o tipo de Feitiço que tinha sido feito contra ele. Se não fosse por Deus ele nunca estaria ali na minha frente!

Eu estava absolutamente convencido. Tinha certeza de uma coisa: o que estava acontecendo ali naquela sala tinha fugido completamente ao controle dos demônios e da Irmandade. O que eu tinha prometido pagar era um preço muito alto, muito alto. E eles queriam receber o pagamento. Se pudessem ter impedido, eu não estaria ali, o Pastor não estaria ali.

Se aquele encontro estava acontecendo.... é porque tinha saído tudo errado. O Poder de Deus tinha feito sair tudo errado!!

"OOOOHHH! Como dói minha cabeça!"

E naquele momento a decisão me cortou como uma faca afiada: "Não quero mais."

Não queria mais a Irmandade. Não queria mais a aliança com Lucifér, com Abraxas, com todos os demônios aos quais eu tinha derramado sangue inocente. Queria retroceder do caminho sem volta. Não era mais uma questão de hierarquia ou patente. Marlon tinha dito que os demônios que estavam comigo não eram treinados para suportar a Igreja e o Louvor.

Mas o próprio Leviathan tinha comprado aquela parada, a honra dele estava em jogo. E aparentemente ele não estava podendo interferir a meu favor.

Já bastava. Tinha visto e experimentado o suficiente.

— Pastor.... — Falei, finalmente, num momento de lucidez. — Eu quero essa libertação... quero esse.... esse Jesus que o senhor

está falando. Quero isso pra mim! E, olhe, eu estou sentindo... os demônios estão ainda aqui à nossa volta. Eu não quero mais...! Não quero mais demônio me jogando no chão.

— Você está certo. — E a expressão dele era de alívio. — Realmente você não precisa disso. Todo o sofrimento que você poderia ter.. Jesus já teve... na Cruz!

Aquelas palavras pareciam feitas de puro Fogo ardente. Queimavam-me por dentro de maneira indescritível. E então falou a mesma coisa, a mesma coisa que aquele velhinho tinha dito há quase um ano:

— Jesus deu a vida por você. Morreu por você!

Era muito difícil entender aquilo. Não conseguiria compreender. Custei a perguntar, sentia a voz falhando e as lágrimas na garganta:

— Por... mim? — Meu olhar era de estranheza. — Não... não por mim, Pastor. Você não me conhece... eu sou muito ruim!! Muito ruim. Você não sabe com quem está lidando.

— Eu estou lidando com uma vida que Jesus ama. E Ele está aqui agora. Jesus está aqui!

Fiquei um pouco atordoado, procurei à minha volta:

— Mas eu não estou vendo Ele. Eu só sinto os demônios aqui!

— Fecha teus olhos. Repete comigo essa oração. Senhor Deus... Apertei a mão uma na outra, me esforcei para falar: — Senhor... Deus.....

Não houve como. Apaguei de novo. Aconteceu várias vezes ainda. Eu só percebia que tinha caído quando voltava a mim. Eu queria muito repetir a oração, mas os demônios não deixavam, estava muito claro. Mas acontece que dessa vez eu queria.

— Continua orando, continua orando porque eles ainda estão aqui, Pastor.

Era tudo o que eu conseguia dizer no meio daquela luta tão ferrenha.

Mas aí... finalmente... consegui! Consegui repetir parte daquela oração. Lembro-me de estar meio ajoelhado perto da mesa, o Pastor Brintti permanecia agachado ao meu lado e apoiava uma das mãos no chão para sustentar o equilíbrio. A outra mão estava nas minhas costas.

Falei aquelas frases curtas de todo o meu coração. De toda a minha alma. Com todo o meu ser. Sentia muita fraqueza, o corpo amortecido, muitíssimo dolorido. Não sabia explicar porque doía tanto. Eu estava acostumado à atividade física muito intensa e não tinha nunca nem uma dorzinha muscular. Mas parecia que tinha sido atropelado por um caminhão.

Então ele disse:

— Amém!

Eu não conseguia acreditar que tinha acabado:

— Mas é só isso?!

— É. É só isso.

— Mas peraí... — E meu rosto refletia as dúvidas da minha alma: "Não tem sangue, não tem sacrifício, nem dor?! Não tem atabaque, nem fumaça, nem incensos, não tem *nada?!"* — É mesmo só isso?! E Jesus vem? É *assim* que se evoca Jesus?...

Ele esboçou um sorriso manso:

— Deus não complica as coisas, quem complica é o diabo.

Diabo. Aquela palavra soou estranha. Tive uma revelação diferente diante dela. O diabo. O diabo. Lucifér, ele queria dizer. Meu... *pai??!*

— Deus te ama. — Continuou ele. — Jesus também. Ele está aqui! Ele quer te dar uma nova vida.

Então caí em mim, percebi, e senti que aquele ambiente estava completamente livre dos demônios! Por algum motivo, um motivo que eu não conseguiria compreender naquele momento, eles tinham saído de lá. O ar estava leve.

— Mantenha seus olhos fechados. Eu vou orar por você agora. Eu obedeci.

— Senhor, faça ele experimentar o Seu Amor...

E ele orou uma oração simples, pediu que eu experimentasse o Amor e a Paz de Deus.

E aí..... subitamente..... *eu senti!* Senti uma outra mão na minha cabeça.

Um toque tão terno, tão doce! Mas quem estaria com a mão na minha cabeça? Abri os olhos de leve. O Pastor Brintti continuava com uma das mãos apoiadas no chão. E era muito perceptível o calor da outra, que continuava nas minhas costas. Mas então... de quem seria aquela terceira mão?!! Seria de *Jesus* aquela mão suave sobre a minha cabeça?!....

Senti os olhos inundando de lágrimas, um quebrantamento de corpo, alma e espírito, uma emoção incomparável. E imediatamente escutei uma voz que não era a do Pastor. Ele estava orando baixinho, bem baixinho, e a outra voz me disse as palavras que nunca mais pude esquecer.

— Eu me alegro com a sua vida. Estava esperando por esse momento... para poder te chamar de filho! No tempo certo você vai entender essas palavras. E hoje, nesse dia, você está recebendo a proteção do Deus Todo-Poderoso...e a Sua Paz!

Então chorei. Chorei. Chorei. Foi a primeira vez na minha vida em que chorei tanto. Foi um choro de alívio! De desabafo. E de Paz. Realmente senti uma Paz estranha, tão diferente de tudo o que já tinha experimentado. Só então me dei conta de que eu nunca soubera o que é Paz. Apesar de toda a dor, a cabeça estourando... senti aquela Paz que jamais poderei expressar em palavras humanas. Jesus retirou todo o peso da minha alma, a ira, o terror, a opressão.

Depois percebi que aquela mão sobre a cabeça sumiu. E ficou apenas a do Pastor Brintti nas costas. Atirei-me nos braços dele. Agradeci pela sua vida.

— Deus te ama muito! — Falei, emocionado.

— Não, Deus ama você! Ele te ama muito! Você é muito especial para Deus. Os Anjos do Senhor estavam aqui.

— Pastor Brintti, olhe... me perdoa pelo que eu fiz. Me perdoa! Ele não entendeu:

— Seus pecados já estão perdoados. Você não precisa pedir perdão pra mim. Deus já te perdoou... você não me deve coisa alguma!

Não consegui dizer mais nada. Só olhei para ele com muita admiração. Depois comecei a olhar para mim mesmo: estava todo estourado, minha camisa não tinha mais nem um botão, alguns hematomas já estavam aparecendo. E o sangue tinha coagulado um pouco na minha face.

Ele também estava meio machucado. Todo suado, a roupa em desalinho, alguns botões também estavam estourados e ele tinha alguns arranhões na mão e no rosto, umas manchas avermelhadas próximas ao pescoço. Sorrimos um para o outro e nos erguemos. Olhei para a saleta ressabiado, temeroso:

— Pastor... o que aconteceu aqui?

— O que aconteceu foi horrível demais. Você não precisa saber disso. Não perguntei mais nada. Talvez fosse a pior hora para saber. Apesar de tudo eu estava inundado por um sentimento desconhecido, uma coisa não experimentada. De Paz. Esqueci do Inferno, dos Rituais, do que ia acontecer comigo a partir dali. Somente aquela convicção:

"Se Deus protegeu esse homem... vai me proteger também." Desci as escadas e tinha certeza de que não queria absolutamente mais nada com o Reino de Lucifér. Eu tinha Paz! E uma Alegria... do nada! Me sentia invadido por uma Alegria muito grande, estranha, envolvente. Que, para mim, vinha do nada! Mas era Dom de Deus!

— Hoje tem Festa nos Céus. E o seu nome está sendo escrito no Livro da Vida.

Eu não entendi nada daquilo mas aceitei o que ele dizia, e me alegrei mais ainda. Devia estar mesmo acontecendo uma Festa, porque a Alegria que eu tinha por dentro era a alegria de uma Festa.

Saí da sala querendo abraçar todo mundo. Abracei Camila, abracei o Pastor Brintti de novo, abracei a secretária da Igreja. Ele

pediu que ela me trouxesse um analgésico, tomei os comprimidos antes de sair.

Camila não fez nenhum comentário, ficou calada a maior parte do tempo. Só murmurou, já na rua:

— Agora você está liberto...

Pegamos o ônibus, as pessoas me olhavam com ar estranho. Todo descabelado e cheio de vergões pelo rosto, tentei arrumar a camisa como deu. Fechei uma metade sobre a outra e pus para dentro da calça.

Apesar dos olhares, a sensação que eu tinha era de simpatia para com todos. Queria abraçar o cobrador, o motorista, queria contar o que eu estava sentindo. Tão radiante.... leve.... estava outra pessoa. Fiquei pensando durante todo o caminho:

"Que Poder é esse? Que *Poder é* esse que Deus tem?! Como é que eu nunca percebi isso antes? Como pude estar tão enganado?"

Camila não arriscou fazer pergunta alguma. Eu decidi ir direto para minha casa e ela foi para a dela. Queria ficar um pouco sozinho. Precisava. Aquilo era algo totalmente novo para mim!

***

Ninguém havia dito nada sobre aquilo, mas chegando em casa a primeira coisa que fiz foi juntar todas as coisas que eu tinha da Irmandade. Fui até o quarto e, ao pegar cada item, sentia crescer o sentimento de indignação dentro de mim:

"Como pude ter vivido esse erro por tanto tempo? O Pastor teve mais Poder do que nós! Deus criou o diabo, *isso* é fato! Como pude acreditar que a criatura pudesse ter mais Poder do que o Criador? Que coisa mais absurda! Como acreditei nisso?"

Juntei os livros, os cadernos de anotações pessoais, o diário aonde as coisas mais importantes. Também o cetro de fêmur humano, os potes com ervas aromáticas, os ungüentos, a Bíblia Negra, o colar, o anel, a aliança, os punhais, as adagas... tudo que se referisse à Irmandade e a Magia.

Coloquei dentro de uma caixa de papelão e fiquei olhando um bom tempo, sentado na cama. Os últimos seis anos da minha vida estavam dentro daquela caixa...! Mas eu não sabia como proceder, o que fazer com aquilo. Refleti bastante. Observando aquele amontoado à minha frente procurava descobrir bem lá dentro de mim o significado que tais coisas ainda pudessem ter. Mas parecia que tudo aquilo *era... **lixo!***

Eu me sentia mais e mais convicto à medida que pensava.

"Isso *é* lixo! Tenho que jogar tudo fora porque não serve para mais nada!"

Muita coisa me passou pela cabeça. Pessoas, cenas, conversas, promessas. Lembrei muito de Marlon.

"Meu Deus... como ele pode estar tão enganado?! O que aconteceu com ele para que chegasse a crer em algo *tão fora* de propósito? E todos os meus amigos... estão enganados!"

Guardei a caixa e acabei indo deitar. Mas me sentia ainda muito estranho... leve.... em Paz! Aquela Paz era uma coisa muito, muito diferente. Um estado de espírito até então completamente desconhecido.

Deitei e puxei as cobertas até o queixo, suspirei fundo.

"Puxa... o que está acontecendo comigo? Não sei definir isso, me sinto tranqüilo, alegre..."

E adormeci.

***

Acordei com o toque insistente do telefone. Levantei com o coração aos pulos, tropeçando em tudo. Desci rapidamente. Por que ninguém tinha atendido ao telefone??

— Alô?!?

— O caminho que você escolheu é um caminho sem retorno. Reconheci imediatamente a voz de Zórdico.

— Você já foi longe demais por esse nosso caminho para pensar em mudar de rumo agora! Você está enganado. O que

aconteceu ontem *tem* uma explicação. Nós poderíamos conversar a respeito. — Zórdico falou brandamente mas com extrema firmeza. Não parecia disposto a escutar uma negativa.

— Não. — Respondi. — Zórdico, a experiência que eu tive foi singular. O que aconteceu ontem mudou todo o rumo da minha vida. O encantamento não funcionou, ele estava muito bem. Conseguiu expulsar as Entidades de mim, todos os demônios poderosos que me acompanhavam! É inacreditável! Com palavras, *com palavras* ele fez isso! Não encostou em mim! Olha, alguma coisa ele tinha naquele olhar que me fez tremer por dentro e por fora, me fez sentir medo. E não só a mim, ele apavorou os demônios também! Por que os demônios teriam medo dele, Zórdico?!? Os demônios existem desde antes da fundação do mundo, então por que teriam medo de um homem, de um *gordo?!* Não, não... não... aquele homem tem uma fé espantosa. O Feitiço não funcionou... ele falou de uma maneira que expulsou Abraxas, todos os Guias, todas as legiões. Todos se afastaram quando aquele homem pronunciou o... Nome de Jesus! Porque, sim, eu compreendo que o que ele fez, não fez na força dele, mas na Força do Deus Todo-Poderoso!

Zórdico ficou mudo. Eu esperei um pouco e então continuei:

— Eu tenho a convicção de que Jesus de fato *é Deus*! Ele não é simplesmente como um Buda, um Maomé, um Confúcio ou Gandhi... sabe... *Ele é Deus!* Nenhum demônio se dobraria diante desses outros nomes. Você sabe disso muito bem. Mas Deus esteve lá, Zórdico. Ninguém que não fosse Deus poderia ter feito aquilo. Usou a vida daquele homem... — Senti a voz embargada pela emoção e custei a reter as lágrimas. — E você acredita... você acredita que esse Deus que criou o Universo... que criou o diabo... Ele olhou pra mim e me aceitou...?! Do jeito que eu sou!

E não pude mais controlar o choro, aquilo me tocou muito forte, a lembrança mexeu comigo. Desandei aos prantos pelo telefone:

— Eu fui tão mau, fiz tanta coisa ruim, prejudiquei tanta gente. Nós matamos tanta gente, há tanto sangue nas nossas mãos!... E mesmo assim Deus olhou pra mim, e eu pude... pude

sentir esse Amor. Sabe, um Amor diferente do que o que Abraxas dizia ter, um Amor muito mais profundo do que nosso pai Lucifér dava. E eu senti Paz, senti uma Paz que não pensei que existisse, algo que não posso nem te dizer como é forte. Eu não vi a Deus, mas eu pude *sentir!* De verdade! Olha... Zórdico... Deus existe e é muito Poderoso! E Ele nos ama!

Ele respondeu secamente:

— Não importa o que você esteja sentindo agora. Você está enganado. É bom que você retorne.

— Não. Eu não preciso de tempo para pensar. Eu não quero. E desliguei.

Foi impossível dormir o restante da noite. Fiquei refletindo, pensando, pensando...

***

Levantei cedinho na sexta-feira após aquela noite insone. Eram umas seis e meia quando entrei na cozinha. Todos em casa ainda estavam dormindo.

Sempre que um de nós entrava ali pela manhã as maritacas e os outros passarinhos normalmente percebiam e já começavam a piar, fazendo seu pequeno alvoroço à espera de comida. Mas naquela manhã, estranhamente, as gaiolas cobertas estavam completamente mudas. Estava silencioso demais.

Aproximei-me meio desconfiado.

— Ué...será possível que eles não acordaram ainda?

Retirei o pano primeiro da gaiola das maritacas. E senti o baque e a dor aguda ao encontrá-las mortas. Estavam caídas ali, as duas. Tive até medo de descobrir as outras gaiolas. Mas já não havia o que fazer. Na segunda gaiola estavam os dois chupins mortos também. E na terceira, o pássaro preto. Morto.

Corri para ver o que tinha sido feito da minha tartaruga. Ela havia morrido da mesma forma que os demais. Fui para a sala

chocado, não sabia o que fazer. A única coisa que me passou foi tentar ligar para o Pastor Brintti. Toquei, toquei, mas ninguém atendeu. Resolvi então ligar para a Igreja. Mas lá também ninguém atendeu.

Desliguei o telefone. Fiquei ali parado decidindo o que fazer. Em questão de minutos o telefone tocou de novo. Atendi meio receoso. Era Zórdico novamente:

— Você vai ter o mesmo fim que eles se persistir no seu erro! Eu já te disse que o caminho é sem volta. Hoje tem Ritual, você sabe. Nós vamos passar aí para te buscar. Esteja aguardando.

E desligou sem esperar resposta.

Procurei não pensar mais à respeito. Tratei de recolher os bichinhos para enterrá-los. Minha família não entendeu nada, que mal súbito teria sido aquele?

Depois de enterrá-los decidi que não ia para o serviço. Nem dei satisfação. Mas foi um dia tenso. Eu sabia que tinha acontecido aquilo por minha causa. O que me revoltou mais ainda. Que culpa eles tinham?! Meus amigos falavam tanto que Deus era injusto, mas eles estavam sendo injustos também! O que minha *maritaca* tinha feito contra eles?!

Mas eu sabia que estavam usando o Rito de anel de fogo contra mim. Iam atacar tudo à minha volta até que eu cedesse. Se não fosse por bem, ia ser por mal.

Mas eu não estava disposto a ceder!

"Não vou me deixar abater. Se o Brintti está bem... eu também vou ficar bem."

Tentei falar com ele o dia todo, em vão. Queria uma orientação qualquer, que ele me dissesse o que eu tinha que fazer. Qual o caminho a trilhar a partir daquela manhã?

Passei o dia todo em casa, entocado e meio acuado. Queria ficar só. Camila ainda ligou durante a tarde pedindo que eu fosse até a casa dela. Mas não quis sair. E à medida que veio o cair da noite, chegou também a angústia. E o temor. Zórdico tinha dito que eles viriam buscar-me. O que eu deveria fazer?!

Procurei simplesmente confiar... confiar que havia um Poder maior comigo. E que nada iria acontecer. Mas ainda assim não me isentei de fazer alguma coisa.

"Preciso estar num lugar seguro..."

Então decidi sair dali. Não era conveniente ficar esperando em casa. Estava tenso e decidi gastar energia de alguma forma. Precisava de uma válvula de escape qualquer. Então peguei minha bicicleta e pedalei até o Parque do Ibirapuera, até o Batalhão do Exército.

E estacionei a bicicleta em frente à guarita do guarda noturno.

Sentei ali com o coração apertado, fiquei pensando que ninguém tinha tido tempo de me ensinar as palavras mágicas para que eu pudesse invocar Deus. Eu sentia muita falta... de poder falar com Deus! Queria que Ele falasse comigo como os demônios falavam. Mas eu não sabia qual era o encantamento que deveria usar! Ninguém tinha me ensinado o Rito.

"Acho que o Brintti esqueceu. No meio daquela confusão toda ele esqueceu de me dizer quais são os encantamentos usados. Como é que eu invoco a Deus...? Como é que Ele fala comigo?!"

Eu não sabia. Não tinha idéia do que fazer a não ser esperar. Devia ser umas dez e meia, onze horas da noite. Mas o guarda não me deixou ficar. Nem bem desci da bicicleta e ele já foi saindo da guarita e dizendo que naquela área eu não podia parar. Não queria arrumar confusão. Perguntei humildemente:

— Bom... do outro lado da rua eu posso ficar?

— Do outro lado da rua pode.

— E se eu ficar do outro lado você consegue me ver?

Ele olhou para mim com aquela cara de quem diz: "Mas que pergunta estúpida!"

Então concordei, atravessei empurrando a bicicleta.

— Vou ficar lá do outro lado.

Acenei para o guarda para ter certeza de que ele estava me vendo. Ele não se moveu, apenas continuou olhando para mim com

a cara dura e sem nenhuma compaixão. Acenei de novo. E de novo. E mais uma vez. Até que uma hora ele fez um gesto com a mão, meio enfadado.

— Ahhh! Ótimo!

Ficar ali me faria sentir um pouco mais protegido. Então me acomodei no chão, deitei na grama e fiquei ali olhando para o céu. Estava uma noite clara e quente, o céu deixava ver algumas estrelas. Fiquei divagando a noite toda:

"Pôxa vida.... Deus fez tudo isso.... Deus fez as estrelas. Deus fez essa grama! Deus fez o diabo. O diabo não sabe fazer grama, não sabe fazer estrela." — Funguei um pouco. — "O diabo só sabe fazer o mal....matou as minhas maritacas!"

Estava chateado.

"Será que eles vão fazer alguma coisa contra a minha família? Será que eu vou chegar e vai estar todo mundo... *morto?!"*

Queria tanto falar com Deus! Eu não sabia como! E fiquei a noite toda mudo. Hoje sei que Deus enviou os Seus Anjos, eu não vi, mas eles estavam lá. Havia um exército ali para me proteger. Não seria aquele pobre-coitado daquele guarda que poderia defender-me da Irmandade e dos demônios. A noite passou e não fui incomodado por viva alma.

Vi o dia amanhecendo e de novo me veio aquela sensação que já tinha experimentado na Festa da Primavera. De que a chegada da Luz faz as Trevas se dissiparem. Me senti um pouco melhor. Fortalecido por aquela luz do sol. Acho que nunca dei tanto valor para um amanhecer como naquele dia. Parecia que enquanto houvesse luz sobre a minha cabeça eles não poderiam me fazer mal.

Porém voltei para casa angustiado, desesperado, chorando. Sem saber o que eu ia encontrar. Estariam todos mortos do mesmo jeito que os bichinhos?

Entrei aos trancos e barrancos. Eles estavam já de pé apesar de ser um sábado. E estava tudo bem, graças a Deus! Acho que estranharam muito o meu comportamento. Eu sempre tinha sido tão distante, tão esquivo, tão rebelde.... mas naquela manhã abracei

todos eles. Disse o quanto eram importantes para mim. E passei a dar um valor diferente para minha família. Naquela altura eles poderiam estar mortos. E eu estaria sozinho.

O sábado foi passando. Fui até a Igreja à procura do Pastor Brintti. Ou de qualquer outro que pudesse me dizer alguma coisa, que me ensinasse o procedimento para invocar Deus, acessar a dimensão Dele, falar com Ele. Era muito, muito importante. Deus não poderia saber o que estava acontecendo se eu não falasse com Ele. Pelo menos, era assim que eu pensava.

Quando cheguei eles estavam lá, os Pastores e Levitas (responsáveis pelo Louvor). Mas estavam ocupados numa reunião decidindo quais as músicas a serem cantadas no dia seguinte. Só o Pastor Brintti não estava. E ninguém quis me atender.

Fiquei meio descorçoado. Que fazer?! Numa última tentativa pedi à secretária:

— Você tem uma Bíblia aí? Me empresta uma Bíblia?

Eu já não tinha nenhuma. Todas as Bíblias que havia ganho da família de Camila foram jogadas fora.

Ela me arrumou uma e eu me sentei um pouco, procurei tomar fôlego. Pus a Bíblia no colo, abri em qualquer parte. Quem sabe eu encontrava alguma direção que pudesse me ajudar?

Mas não encontrei. Caí num tal de Livro de "Lamentações" e o que li não me confortou em nada.

— Ai, meu Deus!

Fechei a Bíblia. Abri de novo. Que angústia. Nada parecia me confortar. Deus precisava saber o que estava acontecendo e eu não encontrava nada útil. Abri ainda uma terceira vez. E li atropelando as palavras, havia ali um trecho que falava que eu deveria entrar no meu quarto e orar, e meu Pai que via em secreto.....

— AH! — Suspirei profundamente de alívio. Tinha encontrado direção.

— Já sei! O local sagrado é o meu quarto!.... — Devolvi a Bíblia o mais rápido possível e saí da Igreja. — Não vou ficar esperando eles, não... nem tem horário para acabar a reunião! E é

só lá no quarto que eu posso falar com Deus. Vou voltar pra casa e falar com Deus sozinho.

Cheguei em casa praticamente correndo de tanta ansiedade. Meu irmão Roberto estava confortavelmente espalhado no quarto que nós dividíamos. Mas eu não quis nem saber. Simplesmente expulsei-o de lá.

— Roberto, dá licença que eu preciso usar o quarto!

— Tudo bem, usa. Pode usar!

— Você não entendeu, eu preciso usar o quarto *sozinho!*

— Mas o quarto também é meu, você pode perfeitamente usar sem que...

Nem esperei que ele concluísse.

— Roberto, saia imediatamente!

— Mas eu estou deitado, pôxa, que que é isso?

Catei o colarinho dele e me controlei o suficiente para literalmente não arremessá-lo fora. E tranquei a porta à chave. Ameacei, para ter certeza do meu sossego:

— Se você bater nessa porta eu vou te esmurrar a cara!!!

Ele sabia que não podia me enfrentar. Calou o bico e foi arrumar outra coisa para fazer.

Quanto a mim, sentei na beirada da cama e me preparei para o grande desafio. O que eu nunca tinha feito na vida. Ia tentar falar com Deus. E fiz. Fiquei falando sozinho muito tempo, mas primeiro sinalizei bem para Deus quem é que falava:

— Deus... quem está falando é o Eduardo! Aquele que o Brintti expulsou os demônios, lembra?

Na minha cabeça aquilo era fundamental. Há tantos "Eduardos" no mundo... como Deus poderia saber de qual deles se tratava? Eu queria ter certeza de que Deus sabia que eu era eu.

— Então, Deus, sou eu que estou falando, o Eduardo que mora na rua tal, número tal. O Eduardo Daniel Mastral, que mora no Brasil, o filho da dona Odete e do seu Otávio.

Depois daquela apresentação fiquei simplesmente falando e falando, abrindo o meu coração. Será que depois que eu falasse Deus me responderia??? Que nem Abraxas? Bom, Abraxas nem sempre respondia, só quando ele estava a fim. Mas será que Deus ia me falar alguma coisa? Será que eu estava fazendo certo? Será que não tinha que esperar algum horário específico mais propício para falar com Ele?

Depois que falei bastante, acabei me lembrando que os Cristãos costumavam terminar as suas orações com uma frase peculiar: "Em nome de Jesus, amém!"

Imaginei que aquilo deveria ser algo como um "Tchau", uma maneira de desfazer o contato. Uma despedida! Então concluí:

— Não deixa aqueles demônios me pegarem, e nem fazerem mal para a minha família... por favor... me protege assim como você está protegendo o Brintti. Tá? Em nome de Jesus, amém! — Aí me lembrei: — Não, não! Não é amém ainda! Olha, eu lembrei de mais uma coisa, não estou despedindo ainda! Queria pedir uma coisa...

Eu tinha escutado aquela história algumas vezes, lembrei daquela passagem bíblica aonde Jesus ressuscitava Lázaro.

— Ressuscita os meus passarinhos, e as maritacas, a tartaruga... os bichinhos todos? Você ressuscitou o teu amigo... ressuscita os meus bichinhos?

Eu falava com Deus na linguagem normal, do mesmo jeito que estava acostumado a falar com os demônios. Não achei que aquilo pudesse ser de alguma forma desrespeitosa. Ninguém tinha me ensinado nada. Imaginei que talvez fosse daquele jeito mesmo. Nunca tinha ouvido contar que os Cristãos precisassem falar em aramaico ou coisa que o valha.

Depois que terminei a oração estava mais animado:

— Bom.... eu pedi pra Deus ressuscitar os animaizinhos. Agora vou até o terreno baldio aonde eles estão enterrados. Vai que eles não conseguem sair sozinhos da terra!

Na minha imaginação eu acreditei que realmente aquilo pudesse acontecer. E que as minhas aves e a tartaruga estariam

naquele momento tentando sair do lugar aonde eu os tinha enterrado. Coitadinhos!

Corri até lá, desenterrei... mas continuavam mortos ainda.

"Ihh...acho que Deus não me ouviu... não sabe quem é o Eduardo."

***

No dia seguinte, domingo, fui ao Culto. Fiz questão de ir.

O Louvor, que foi novamente dirigido pelo grupo do Gustavo Kalil, não incomodou. Que tremendo!! O mesmo que tinha me derrubado por duas vezes agora era agradável de ouvir. Pude entrar confortavelmente na Igreja e escutar todas as músicas. E pela primeira vez fui capaz de prestar atenção. Aquilo caiu no meu coração de uma forma diferente, tocante. Eu conhecia a música, simpatizava com ela, mas nunca tinha conseguido prestar atenção daquele jeito. Entender de fato o significado mais profundo daquilo.

"— Não tenha sobre ti um só cuidado, qualquer que seja. Pois um, somente um, seria muito para ti. É Meu, somente Meu, todo o trabalho. E o teu trabalho é descansar em Mim! Não temas quando enfim tiveres que tomar decisão. Entrega tudo a Mim, confia de todo o coração!"

A letra me tocou profundamente. Chorei, chorei, chorei. Como um bebê desmamado. Não conseguia me controlar. E aquilo me confortou!

Depois a pregação foi sobre o Salmo 91. Eu só faltava deglutir as palavras. Deus prometia que "mil cairiam ao meu lado e dez mil à minha direita, mas eu não seria atingido". Fiquei feliz da vida. Queria dizer que o diabo não poderia me pegar se Deus determinasse o contrário!

No final do Culto fui procurar saber do Pastor Brintti. Eu o havia procurado com os olhos incessantemente, mas nada dele. Perguntei ao Gustavo:

— E o Pastor Brintti?

— Ele teve um probleminha e não pôde estar hoje com a gente.

— Mas está tudo bem? — Está, sim.

— Mas ele tá bem mesmo? — Está, está bem.

— Ãh...ele está vivo? É o que eu quero dizer!

A pergunta parecia estranha. Ele me olhou com um ar meio sem entender e sorriu:

— Claro que ele está vivo! Que pergunta!

Fiquei satisfeito. Que bom que ele estava bem. Agora eu tinha por ele um carinho todo especial. E se ele vivesse, eu também conseguiria. Perguntei de novo. Em ordem de importância, aquela era a segunda questão:

— Gustavo... quais são as palavras? Qual é o Ritual, quer dizer, como que eu *acesso* a Deus? Eu já sei que eu tenho que estar no meu quarto, que é lá que Deus vai me ouvir, mas... como eu devo fazer?

Ele deu risada. Me abraçou meio desajeitado e respondeu:

— Você é muito amado, Eduardo! Mas que história é essa de ter que estar dentro do teu quarto?

Retruquei um pouco:

— Mas a Bíblia fala que eu preciso fechar a porta e meu Pai que vê em secreto vai me ouvir.

— Não! Não é assim! Você pode falar com Deus em qualquer lugar! Pode falar agora, se quiser.

Aquilo parecia estranho, tão diferente de tudo a que eu estava acostumado.

— Posso falar agora?

— É claro! Deus te ouve em qualquer lugar.

— Em qualquer lugar... *mesmo?* E a qualquer hora?

— Sim, dentro do ônibus, dentro do elevador. Ele está em todos os lugares.

— AH!... Mas quais são as palavras mágicas para chamá-Lo?

— Não tem isso... olha, Deus te escuta, Ele é teu amigo. Não precisa de nenhuma palavra mágica! Por acaso você precisa de alguma palavra especial para falar com o seu pai, na sua casa?

A luz parece que começou a brilhar: — Não.

— Pois então, com Deus também é assim. Você é filho Dele, fala com Ele a hora que quiser, no lugar que quiser. E Ele escuta!

Eu achei aquilo muito legal!!!

— Então vamos falar com Deus agora! Gustavo, você pede pra Ele me proteger?

Ele não entendeu direito mas concordou em orar. Abaixamos a cabeça e ele começou:

— Pai... protege o teu filho...

Eu o interrompi de pronto.

— Mas peraí! Peraí, Gustavo, assim Deus não vai saber quem eu sou. Fala que é o Eduardo que mora na rua tal, número tal...

Ele riu de novo, com gosto:

— Nãão!!! Não precisa falar isso! Deus sabe! Ele sabe quem você é! Não precisa dar o endereço. Ele sabe de todas as coisas.

— Mas Ele sabe quem eu sou?! — Aquilo era incompreensível para mim e eu estava muito ansioso por me fazer entender. — Você não falou o meu nome!

— Mas Ele está aqui, Ele está vendo nós dois; sabe quem você é, e quem eu sou.

— Como que Ele pode estar aqui? Eu não estou sentindo a presença Dele à minha volta. Não estou sentindo nada, nenhum arrepio, nenhum cheiro, não estou vendo nada e nem ouvindo! Como é que você sabe que Ele está mesmo aqui?

— Deus não precisa de nenhum efeito pirotécnico que denuncie a Sua presença. Ele prometeu que quando dois ou mais estivessem reunidos em nome Dele, lá Ele estaria... então, cá Ele está! Vamos continuar a nossa oração!

Gustavo começou a orar de novo. Eu prestei muita atenção em cada palavra que ele pronunciava. Mas eu não conseguia ficar quieto, o interrompia a toda hora, quase que ele nem conseguia completar meia dúzia de frases.

— Ora também pela minha mãe, pela minha família. Pede pra Deus proteger a minha família.

Ele orava:

— Senhor, proteja também a mãe do Eduardo...

— Ah, olha, pede pra Ele proteger os meus amigos que ficaram lá! Eles estão enganados. E que o Zórdico não fique bravo comigo. Fala pra Deus não deixar o Zórdico ficar bravo comigo.

— *Zórdico?!*. Isso é nome de gente?

Nem respondi. Queria me fazer entender a qualquer custo, e depressa. Tinha um senso de urgência muito grande no meu coração. Tentei orar também, atropelava as palavras e as idéias. Uma parte da frase era para Gustavo, a outra' parte para Deus.

— E o Marlon, Deus? Não deixa ele ficar bravo, chateado... sabe, eu gosto muito dele! E a Tassa também, a minha alma-gêmea, pede pra Deus proteger ela, Gustavo!

— Tassa? Alma-gêmea? Ué?! Mas você não namora com a Camila???

— É. Namoro. Mas acontece que a Camila não é alma-gêmea. A alma-gêmea é a Tassa! E ela ficou lá! — Reconheço que eu não estava falando coisa com coisa.

Ele não entendia nada. Mas minha mente rodopiava tanto e minha ansiedade em dizer como ele devia orar também era tanta que os pensamentos vinham em borbotões completamente fora de contexto. Simplesmente vinham à minha mente e eu os colocava para fora.

Mas por fim Gustavo pediu:

— Então está bem. Deixa eu orar, mas fica quieto para que eu possa me concentrar e você também, tá?

— Tá.

Me acomodei ao lado dele e apertei os olhos. Ele orou. Orou de uma forma genérica, pediu que Deus estivesse protegendo a mim, minha família, meus amigos... mas eu achei que ele não tinha orado direito! Será que Deus ia saber direitinho quem eram todas aquelas pessoas?

— Em nome de Jesus, amém! — Falou o Gustavo.

— Amém! Por que você fala assim?

Ele me explicou sucintamente o que significavam aquelas palavras. Depois me explicou porque Jesus era o único caminho de acesso ao Pai. Compreendi que a "Palavra Mágica" era "Jesus". O sangue Dele tinha aberto o caminho para a dimensão de Deus. Fiquei maravilhado embora não compreendesse completamente. Mas minhas dúvidas naquele momento foram satisfeitas. Quando tivesse outras, já sabia a quem procurar.

Olhei para a Bíblia que Gustavo tinha nas mãos. Era grandona, pesada.... bonita! Comecei a dar umas indiretas.

— Legal essa sua Bíblia aí! Eu tinha um monte de Bíblias, mas queimei tudo.

Ele me olhou com um ar esquisito e me apressei a explicar:

— Mas eu queimei quando não era convertido, e agora eu me converti... sabe, Gustavo, é que eu era filho do Fogo!

Ele não entendeu nada mas também não fez perguntas. Continuei:

— É, eu era filho do Fogo, mas agora me converti, mas estou com medo! Porque eles podem me matar.

Acho que Gustavo pensou que eu era meio louco. Reconheço que não falei nada com nada. Tudo tinha sido tão recente, eu estava com a cabeça a prêmio e completamente sem chão.

Mas consegui o que queria, ele me ofereceu a sua bela Bíblia e eu fui todo lampeiro para casa com ela. Voltei carregando aquele livrão debaixo do braço. E depois não desgrudava mais dele.

O problema é que eu lia e não entendia nada. Gustavo ainda me aconselhou:

— Você precisa freqüentar uma Escola Dominical.

Aquilo imediatamente me fez lembrado daquela aula onde me tinham dito que a cabeça de Moisés brilhava como uma lâmpada. Eu não estava muito a fim de ir. Tinha que haver uma outra maneira mais esperta de aprender a Bíblia. Mas concordei com ele da boca para fora.

***

Na segunda-feira fui para a *Style* normalmente. Estava me sentindo um pouco melhor depois das incríveis mudanças ocorridas nos últimos quatro dias. A Gerente reclamou um pouco comigo porque faltei sem dar um pingo de satisfação.

— Eu não passei bem, não estava legal! — Expliquei. E já me imaginei arrumando um atestado médico falso.

Mas não foi preciso. Mesmo porque meus dias na *Style* estavam contados. Naquela mesma tarde ligaram da casa de Camila me informando que ela não estava passando bem.

— Ué, mas o que aconteceu?

— Ela está com uma dor terrível nas costas, está chorando já faz tempo e vamos ao Pronto-Socorro.

— Mas ontem ela estava bem!

— Para ser sincera, desde sexta que ela está com uma dorzinha leve. Não demos maior importância, mas hoje aumentou muito de repente.

Raciocinei rápido. Não queria nem pensar naquilo. Sexta-feira também tinha sido o dia em que encontrei os meus animais mortos, o dia em que eles tinham dito que viriam me buscar para o Ritual. O dia em que virei a madrugada na rua em frente ao Batalhão do Exército. Teria talvez alguma relação.....?!

Saí da *Style* e fui até a casa de Camila. Um tio dela nos deu carona e corremos até o Hospital das Clínicas. Calhei de encontrar lá um amigo meu, aluno de Kung Fu, que também era estudante de Medicina. Ele nos ajudou um pouco, agilizou os exames. Eu estava

um tanto ou quanto apreensivo; fazia o possível para não pensar que ela pudesse estar colhendo as conseqüências decorrentes do fato de ter insistido tanto no encontro com o Pastor Brintti.

E logo veio o diagnóstico. Ela tinha um cálculo renal de diâmetro considerável. O processo de obstrução estava bastante crítico, o médico explicou-nos que o caso era delicado e seria necessária a cirurgia o quanto antes. Parecia que já estava "voltando urina para o sangue". Camila tinha febre e havia possibilidade de complicar o quadro com uma bacteremia e infecção generalizada.

Mas o problema é que a cirurgia era agressiva, seria necessária uma toracotomia e retirada de parte da última costela para acessar o rim. E o pior: não dispunham de vagas na Enfermaria. De modo que, após a operação, Camila teria que ficar esperando no corredor do Pronto-Socorro até que aparecesse um quarto. O risco de uma infecção hospitalar nessas condições também era grande.

Fiquei em ponto de bala. Que fazer??? Fui atrás dos médicos.

— Não tem mesmo nenhuma outra solução além da cirurgia? — Perguntei.

— Poderia ser feita a litotripsia extra-corpórea. E um método mais sofisticado através do qual a pedra é implodida por meio de ondas de choque. É rápido e seguro. Mas nós não temos ainda este aparelho aqui. Somente alguns Hospitais têm o Litostar.

Diante daquilo vacilei. Camila ficou apavorada com a idéia de cirurgia. Mas o preço da Litotripsia era bastante salgado. Ninguém tinha aquele dinheiro todo. Resolvi conversar na *Style* no dia seguinte, ver se havia alguma possibilidade de conseguir o dinheiro.

A assistente social foi bastante solícita e disse que talvez houvesse como Camila ser atendida pelo meu convênio. Um dos Hospitais a que eu tinha direito possuía o Litostar. Então fiz um rolo. Eu tinha poder para isso e não foi difícil. A assistente social concordou:

— A Empresa financia a cirurgia e quando chegar a fatura

você paga, tudo bem assim? A *Style* manda uma carta para o convênio e ele autoriza a moça a fazer o procedimento. Será uma autorização especial, é claro! A fatura virá em nome da *Style*, mas você paga.

Camila faria a litotripsia, então fiquei mais tranqüilo. Mas isso não mudava o fato de que íamos ter que pagar. Conversei com a família dela e dois dos seus tios, comovidos com a gravidade do quadro, prometeram ajudar-me. Um deles iria vender o carro, o outro colaboraria com uma quantia em dinheiro. Todo mundo se acertou e em dois dias Camila fez a litotripsia.

Foi simples e bastante rápido. E o problema ficou resolvido. Pelo menos para ela. Mas para mim estava só começando. O primeiro percalço foi que a fatura chegou em tempo record na *Style*. Quatro dias depois que Camila foi operada já estava lá. E eu tinha apenas cinco dias para efetuar o pagamento.

Mas os tios dela me deixaram na mão. O primeiro falou sem o menor pudor:

— Sabe, eu pensei melhor... e não vou vender o carro, não! O outro também deu pra trás.

— Não tenho condições de ajudar. Refiz melhor as contas e está fora de cogitação.

E assim todos tiraram o corpo fora, me deixaram sozinho para arcar com aquela dívida enorme. Era óbvio que eu não tinha dinheiro pra tanto. Ia além do meu salário, e eu também estava cheio de contas das despesas prévias com os cartões de crédito e cheques pré-datados. Era a velha história de gastar muito mais do que tinha por causa do vínculo com a Irmandade.

Que fazer, que fazer, que fazer, meu Deus? O negócio estava feio. Não tinha a quem recorrer. Estava sozinho.

Voltei a conversar com a assistente social:

— Não dá pra parcelar no meu salário esse débito? Eu pago em cinco ou seis vezes, vocês descontam uma parcela por mês.

Ela ficou de avaliar. Levou a proposta para a Diretoria, de quem deveria vir o aval. Isso queria dizer que *aquele* Diretor ficaria

ciente de tudo. Estava com a pulga atrás da orelha mas não perdi as esperanças de conseguir o parcelamento.

Entretanto....

No dia seguinte fui chamado direto ao departamento pessoal.

— Realmente sua proposta não foi aceita. A única maneira de você quitar o débito com a *Style é* essa: vamos demiti-lo e usar o dinheiro da sua rescisão contratual para pagar as despesas.

Senti o chão se abrindo debaixo dos meus pés. A última coisa que eu esperava era um revertério daqueles.

E fui mesmo demitido, por justa causa, não recebi um tostão. Até o meu fundo de garantia ficou retido. Saí com uns trocados no bolso.

A partir daí minha vida financeira começou a estourar de todos os lados. As dívidas foram vencendo e eu não tinha com quê saldá-las. Comecei a procurar um outro emprego incansavelmente mas não parecia haver porta aberta em lugar algum.

Começaram as cobranças, o telefone tocava sem parar. Raro era o dia em que não recebia um aviso por telefone, carta ou telegrama. Não havia o que penhorar, eu não tinha bens em meu nome. Foi a sorte! Mas até para agiotas pedi dinheiro emprestado mais de uma vez naquela época. Paguei depois com cheques sem fundo. Um dos agiotas me ameaçou de morte por causa disso. Já nem liguei! Minha situação ficou tão preta que uma dívida a mais, uma a menos... dava no mesmo.

A verdade é que ao longo dos meses acabei recebendo mais de vinte protestos. Meu nome foi protestado em todos os cartórios de São Paulo.

Em desespero, comecei a vender tudo o que eu tinha a preço de banana para tentar me equilibrar um pouco. Meus ternos, meus kimonos, meus nunchakus, meus troféus e medalhas, tudo o que pudesse transformar em dinheiro... eu vendi. Mas era só um paliativo...! Pensei também em vender os objetos de ouro da Irmandade. Eram coisas valiosas, sem sombra de dúvida. Ainda estavam guardados dentro da caixa de papelão em cima do armário.

Mas meu coração não se sentiu tranqüilo!

"Não posso vender essas coisas. E nem ficar com elas. Na verdade, *ninguém* deve ficar com isso!"

Marretei todos os objetos até deformá-los, juntei com o resto do material e incendiei tudo no quintal. Acho que foi mesmo uma direção vinda do próprio Deus. Com o que sobrou dos objetos de ouro eu fiz um trouxa grande, amarrei algumas pedras e lancei no rio.

De cima da ponte, olhando a água correndo lá embaixo, repeti com todo o ardor do mundo o chavão evangélico que tinha aprendido. Parecia bom pronunciar aquelas palavras naquele instante:

— Que o sangue de Jesus cubra todo o pecado que vem por meio desses objetos. Em nome de Jesus, amém! — E joguei.

***

Capítulo 14

Apesar da confusão em que tinha se transformado a minha vida, fiquei firme e me apeguei o quanto pude à Igreja. Passei a freqüentar assiduamente os Cultos. Comecei a gostar, a aprender, a estudar.

Um mês depois da minha demissão Thalya me procurou. Desde o meu encontro com o Brintti não via ninguém e nem falava com nenhum dos meus amigos. Excetuando os telefonemas de Zórdico, é claro. Eu me lembrava sempre muito de Marlon. Sentia uma falta especial dele. Mas sabia que não poderia procurá-lo.

E aí Thalya veio e me exortou um pouco, do jeito dela:

— Eduardo, o que é que está havendo com você? Você tinha *tudo!* O que que Deus está te dando agora?!

Nem eu sei de onde tirava tanta convicção nas minhas palavras:

— Thalya... eu tenho uma coisa que nunca tive antes. Eu não tenho mais o dinheiro, o emprego, não tenho mais o Poder. Eu não consigo mais apagar velas, e nem acender, sabia? Quando queimei as coisas da Irmandade eu não tinha fósforos à mão, e foi um ato reflexo, fiz os gestos sem pensar... mas não funcionou. A vela não acendeu. Não consigo mais!

Aquilo era motivo de alegria para mim e despeito para ela:

— Mas que coisa mais maravilhosa que você está me dizendo! Você enlouqueceu, sem sombra de dúvida!

— Eu não tenho mais isso, mas tenho uma coisa que dinheiro não compra. Eu tenho Paz no coração.

Ela definitivamente não compreendia.

— Paz? Como você pode dizer que tem *Paz* com tudo explodindo à sua volta?!! Você perdeu tudo! Está na lama, sem o seu emprego, todo mundo te cobrando por todos os lados, seu nome está sujo! De quebra não tem um tostão. Você está tendo que vender até a sua própria roupa para ver se tapa os buracos, para arrumar uns trocados para as mínimas coisas. Seus animais morreram... sua namorada quase morreu também!.....E quer me convencer de que está em Paz?!

Ora! Veja se tenho cara de boba!

Fiquei meio quieto mas não foi porque ela tivesse me convencido com sua argumentação. Lembrei que seria muito mais fácil enfrentar tudo se pelo menos *alguém* ficasse do meu lado. Mas minha família já me cobrava dia e noite o pagamento das contas, e Camila estava bastante irritada com a falta de emprego. Como ela poderia manter o seu padrão de vida e os seus gastos sem o dinheiro que eu lhe dava todos os meses?

— O que que tá havendo com você, Edu?... — Thalya parecia inconformada.

— Olha, você precisa conhecer o Brintti. Precisa conhecer! Você viu o encantamento que nós fizemos contra a vida dele, e ele está inteiro. Deus é maior, Thalya! Estou convencido disso. Tá vendo esse céu que está sobre a sua cabeça, tá vendo o Sol? Deus fez! O diabo não pode fazer nem céu, nem Sol, nem grama, nem

árvore. Nem nada! Deus fez o diabo também, então como é que Lucifér pretende ser maior do que Deus?! É uma grande enganação, Thalya, o Apocalipse vai acontecer, sim... mas quem vai ganhar não são os filhos do Fogo! Isso é um erro. Esta história de filho do Fogo, o Fogo não queima... é mentira. Deus pode fazer queimar o Inferno inteiro. Eu saí de lá, não saí? E estou vivo!

Ela me olhou com ar de pena.

— Mas por quanto tempo, não? Você não percebe que eles vão acabar com você? Eu gosto muito de você, Edu, não quero que sua vida termine dessa maneira!

— Não. Deus vai me proteger, Deus é maior. Sabe, tem um Salmo... Salmo 91! — Eu tinha decorado apenas aquele trechinho. — Que fala que "mil cairão ao meu lado, dez mil à minha direita, e eu não serei atingido". Isso é Palavra de Deus! Deus escreveu, então Ele vai cumprir. Ele promete, Ele cumpre. E eu não vou ser atingido! Porque Deus me escolheu.

E continuei lembrando do Salmo 40, uma outra coisa que estava recentemente martelando a minha cabeça:

— Lá diz que Deus me tirou de um charco de lama. Era assim mesmo que eu me sentia e não sabia! Eu estava no meio de um mar de lama e não sabia. E se eu estava no lugar errado e já havia tanta paz e tanta harmonia... agora que eu estou no lugar certo vai ser muito melhor. Se a coisa errada já era tão boa, imagina como não serão os filhos de Deus? Agora eu estou na verdadeira família! Se os filhos do diabo são tão unidos... os filhos de Deus devem ser muito mais! Você não sabe, Thalya, ensinaram tudo errado para nós. Venha comigo, eu vou marcar um encontro com o Brintti, tá bem? Você precisa vir comigo!

Ela se irritou:

— Eu não quero saber de Brintti coisa nenhuma!!! Ele vai ter o fim dele e você vai ter o seu se não mudar de idéia rapidinho! Você tá louco! Que você cure essa sua insanidade o quanto antes, porque senão você vai sofrer as conseqüências. Bom, quer saber do que mais? Você sabe onde me encontrar.

Virou a costas e me largou falando sozinho, foi embora louca

da vida.

— Puxa vida... minha amiga me deu as costas. Marlon não me liga mais. Zórdico só se comunicou para me ameaçar... meus animais morreram, estou tendo que vender a minha roupa, perdi o meu emprego... — E racionalmente eu não conseguia entender porque tinha Paz.

Fui de novo para o meu quarto falar com Deus. Chamei a Deus, falei, fui muito sincero com Ele.

— Deus... se eu estou enganado... então Você me mostra! Mas eu preciso de uma prova de que Você existe. Eu já ouvi falar no Teu Nome...já li alguma coisa da Bíblia. Eu entendo agora que o que aprendi do outro lado foi completamente distorcido. A Sua Verdade *tem que* ser perfeita — e Absoluta! — porque afinal, o Deus que fez o Universo cheio de Leis que funcionam tão perfeitamente...não ia escrever um Livro confuso! A nossa interpretação disso é que estava errada. Então me dá uma prova. Me mostra. Me mostra que Você tá me ouvindo! Porque eu falava com Abraxas e ele aparecia pra mim, me respondia, conversava comigo. Me dá certeza que... — E minha voz já estava molhada. — Me dá certeza de que Você existe!

Fiquei esperando um pouco. E nada. Aí insisti de novo:

— Deus! Se Você não existe por que Você me tirou de lá então?!! Que que aconteceu? Eu estou sentindo Paz mas é estranho, né? — Senti uma ou duas lágrimas escaparem. — O meu mundo está ruindo...! E eu estou só...

Então abri a Bíblia e caí no Sermão da Montanha, li que "Bem aventurados são os que choram porque serão consolados". E mais um monte de coisas. Depois de ler, falei de novo com Deus:

— Vem me trazer esse consolo... esse conforto. — E aí já chorava de verdade. — Mostra pra mim que você tá aqui, Deus...?!

Eu queria tanto ver a Deus... era uma necessidade tão premente... tão intensa... tão absolutamente necessária! Sentir, pelo menos, que Ele estava me ouvindo. Fechei os olhos e subitamente me pareceu como que se alguém tivesse acendido a luz do quarto. Antes a escuridão era quase completa, apenas a luz que entrava

pela porta entreaberta iluminava levemente o ambiente. Mas a luz do quarto estava apagada, disso eu tinha certeza. E agora parecia que tinham acendido...

Mas não foi somente a luz. Ainda antes de abrir os olhos senti o clima diferente, experimentei aquilo, uma sensação doce de serenidade e Paz me inundou. Uma Paz muito diferente daquela paz experimental conseguida através da penetração no Vazio. Inspirei fundo devagar.

"Houve luz...."

E quando abri os olhos vi um homem ali na minha frente. Alto, muito alto. Forte. Com braceletes de ouro. Com cabelo comprido, escuro. Da mesma estatura de Abraxas. Mas envolto em uma luz forte, brilhante...

Ele olhava para mim com muita ternura, muita tranqüilidade. Tão diferente do olhar dos demônios, frio e profundo. Era difícil olhar muito para ele por causa daquela luz tão forte. Mesmo assim continuei olhando, olhando, olhando aqueles olhos tão cheios de docilidade.

E enfim perguntei, trêmulo:

— Você é Deus?

Ele sorriu e respondeu:

— A forma de Deus se manifestar é diferente do que você aprendeu até hoje. Eu não sou Deus... mas Ele me enviou para te proteger. Não temas... Ele está contigo! Nenhum mal vai te tocar. Nem você... e nem à sua família!

Eu já não conseguia fixar o olhar nele, estava ofuscado. Cobri um pouco os olhos com a mão e abaixei instintivamente a cabeça para me recuperar. Mas quando ergui a vista não havia mais nada ali. Ele se fora. E a luz do teto continuava apagada. Eu estava na penumbra novamente.

Fiquei muito emocionado, chorei bastante. Eu estava até me estranhando, nunca fui de chorar daquele jeito. Mas desde a minha conversão parecia haver uma fonte aberta dentro de mim; as mínimas coisas me tocavam profundamente, me comoviam.

Parecia que meus sentimentos tinham "desembotado" e eu colocava para fora todas as nuances da minha alma e espírito. A ira, a agressividade, o ódio... tinham desaparecido!

Passei dias pensando naquela aparição. Se eu tinha mesmo visto ou não. Ou se tinha só imaginado.

Tentei raciocinar:

"Nunca vi nenhuma foto de Anjo. Os Anjos, na minha cabeça, sempre foram pequeninos, gordinhos, de asinhas e com aquelas flechinhas na mão. Nunca me passou pela cabeça que um Anjo pudesse ser tão grande e tão forte. Era do tamanho de Abraxas! Os demônios mentiram quando nos disseram que apenas os fortes tinham saído do Céu. Tem Anjos muito fortes lá também! Não pode ter sido minha imaginação porque eu não tinha arquivada na minha mente uma figura dessas!"

Queria contar para todo mundo que Deus tinha falado comigo. Que tinha me mandado um recado através de um Anjo. Falei para o Gustavo, para os Pastores. Mas ninguém me deu crédito nenhum. Estava escrito nos olhos deles. Aí aquilo me derrubou um pouco. Eles eram Pastores e líderes, mas nunca tinham visto Anjos... então talvez eu não tivesse visto nada também! Ninguém entendia aquilo. Ninguém acreditava naquilo. Deveria ter sido projeção da minha mente.

Camila também não me deu bola. E minha mãe idem, pensou que eu estava usando drogas de novo. Então parei de comentar.

Mas um dia eu abri a Bíblia e dei de cara com as mesmas palavras. Deus dizia: "Não temas, eu estou contigo".

Fiquei muito encafifado e surpreso:

"Nossa, então acho que eu vi mesmo! Mas por que eu vi, e esses Pastores não viram? Puxa, acho que estou ficando louco. Eles devem estar fazendo algum encantamento para que eu fique louco."

Nunca mais comentei nada com ninguém. Mas guardei aquela experiência bem no fundo do coração.

***

Quanto ao Pastor Brintti, nunca conseguia encontrá-lo. Vivia perguntando mas sempre me respondiam que ele estava com problemas e não estaria presente. Foi assim até que casualmente cruzei com ele um dia no escritório da Igreja.

O Pastor Arnaldo estava me dando um pequeno discipulado individual, e ele apareceu. Mas estava muito apressado. Me deu um abraço e eu perguntei:

— Está tudo bem?

— Tá! Tá tudo bem. — Mas eu via que ele estava visivelmente abatido. — Estou com muita pressa hoje, tenho que viajar.

Parece que ele estava de mudança, ia para o interior. Eu não quis tomar demais o seu tempo. Então comentei, convicto:

— Sabe, decidi que vou até lá. Vou até lá e vou pregar para os meus amigos! Vou dizer que Jesus é maior e que eles estão enganados, e...

Ele me interrompeu:

— Não faça isso! Não faça isso porque se você fizer, eles vão te matar! Ele nem sabia por onde eu tinha andado. Era até interessante que falasse aquilo com tamanha convicção.

— Esse é trabalho de Deus. Não é seu! Não vá! — Reiterou ele.

E foi embora. Foi a última vez que eu o vi. Ele se mudou e perdi completamente o contato com o Pastor Brintti. Mas sei que ele está vivo até hoje.

***

Capítulo 15

Naquele primeiro ano recebi muitas ameaças da Irmandade e passei um período de muita incerteza e solidão. Um dia Marlon me ligou:

— Filho, você tem um papel muito importante... não pode desistir pura e simplesmente! Você vai renunciar a tudo o que Lucifér tem para te oferecer? Olha...é muito mais do que você possa imaginar, creio que talvez você não tenha entendido bem a dimensão da coisa. Ele te escolheu para algo grande, muito, muito grande. O seu papel aqui é fundamental.

— Marlon... Lucifér não sabe fazer árvore, Lucifér não faz o Sol... — Eu estava com essa idéia fixa. — Deus faz! Deus tem Poder. E Esse mesmo que teve o Poder de criar o Universo e fazer tudo perfeito... não pode ser menor do que Lucifér, que não fez e nunca vai poder fazer nada disso. Marlon, escuta, eu acho que vocês estão enganados. Não é possível. Eu quero apresentar o Brintti pra vocês!

Ele tinha se tornado a minha referência e o que eu mais queria era que meus amigos pudessem conversar com ele. Olhar dentro daqueles olhos que eu tinha olhado. Experimentar na própria pele o que eu tinha experimentado.

— Ah! — Marlon ainda deu um muxoxo de deboche. — É aquele Pastor, não é?

— É, pois é. Ele tá vivo!

— Mas não por muito tempo, você sabe muito bem disso.

— Marlon, ele está protegido. Não vai ser tão fácil assim matar aquele homem. E eu também estou! Vocês não vão poder me atingir. Sabe, estou vendo agora muita coisa que não tinha nem idéia antes. Lucifér deturpou a Palavra de Deus para nos enganar. Deus *também* protege os Seus filhos! Por enquanto estamos medindo o nosso Poder com base em olhar para Igrejas fracas e destruídas, mas elas não estão refletindo o verdadeiro Poder de Deus. E quando Lucifér tiver que confrontar, não as pessoas, mas o próprio Deus? Ele não tem chance, Marlon! Deus é mais Poderoso, a História é diferente, vocês estão entendendo tudo errado, a História é diferente.

— É uma pena que você pense assim. Porque vai sofrer as conseqüências da sua decisão.

E desligou. Foi a única vez que falei com ele naquele ano.

Marlon voltaria a me procurar, mas muito depois.

Quem fez contato outras vezes foi Zórdico. Ele me alertava vez após vez, muito firmemente. Se eu não mudasse de idéia as conseqüências seriam irreversíveis e o preço que eu iria pagar seria muito caro. Eu tinha conhecido o Poder do outro lado e sabia exatamente com o que estava lidando. Tinha visto com os meus próprios olhos pastores caindo, líderes morrendo, pessoas com Ministérios ficando loucas. Tinha visto o Poder do encantamento separando casais, rompendo alianças, destruindo famílias, espatifando carros, causando doenças.

— Por que você acha que com você vai ser diferente, Rillian? — Perguntou ele. — O que que você acha que tem...e que os outros não tinham?! Por que você acha que não pode ser tocado?

Eu realmente não sabia. Mas aí lembrei, num flash: "Eu falei com tanta gente que tinha um Anjo me protegendo e ninguém acreditou. Vai ver é porque eles não tinham Anjo" . E respondi:

— Deus me deu uma Guarda, eu tenho uma proteção. Deus me deu um Guia! Ele foi mandado por Deus.

Zórdico riu do outro lado.

— Quer dizer que Deus te deu um Guia? Você quer dizer...um *Anjo?* Você não sabe que os mais fortes estão conosco? O que sobrou são apenas os fracos!

— Mas ele é forte. Eu vi. Ele é do tamanho do Abraxas.

— Mas o Abraxas não é o *mais* forte! Existem outros muito mais Poderosos!

— Mas até Leviathan estava envolvido naquela briga com o Brintti. Nós prometemos a ele uma vida, bem como a todos os outros doze príncipes. Por que ele não fez nada para impedir o que aconteceu, já que tinha tanto Poder assim?

— Não pague pra ver, menino. Você vai se arrepender. — E a voz dele soou muito cortante.

Fez-se um breve momento de silêncio de ambas as partes. Então ele concluiu:

— Eu vou esperar um pouco ainda. E você vai nos procurar. Se esse tempo passar e nada acontecer, então você vai amargar. Lhe será reservado o Inferno dos Órfãos. E você vai sentir dor e sofrimento como nunca sentiu na tua vida, e isso vai ser só o princípio das dores!

Não quis mais ouvir nada. Desliguei. E procurei ignorar o que ele dissera.

***

Os meses foram passando. Eu tinha muitos pesadelos, as noites nem sempre eram boas. Eu me via no Inferno, me via em mesas de sacrifício, via os demônios que me atormentavam, me arrancavam pedaços. Às vezes parecia que eu acordava, mas sem um braço, ou sem as pernas. Só aí percebia que tinha sido um sonho. Não pareciam pesadelos comuns... eram muito reais!

As vezes sentia como se houvesse coisas estranhas ou bichos dentro de mim. Um monte de coisas horríveis. Escutava vozes me chamando no meio da noite, e isso *não* era sonho. Escutava claramente essas vozes que gritavam o meu nome. Sentia como se me tocassem, sentia mãos me tocando com força. Acordava com o coração saindo pela boca.

Várias vezes despertei e meu cobertor tinha sido arremessado longe. Não estava simplesmente caído ao pé da cama, mas do outro lado do quarto. Aliás, uma vez me assustei de verdade. Eu estava dormindo e sentia frio, muito frio, estava todo encolhido. Estiquei o braço para pegar a coberta, mas não achei. Então dei de cara com ela, vi muito bem pela luminosidade que entrava pela porta aberta do quarto. O cobertor estava completamente esticado no ar como se alguém o estivesse segurando. Quando olhei, firme, não parecia real. Então ele caiu... quem segurava de repente o soltou. Senti um calafrio percorrer o meu corpo.

Quase sempre escutava passos pela casa, ou via vultos.

O Porão se tornou muito opressivo. Era o lugar aonde eu costumava fazer meus Ritos. Permanecer ali muito tempo agora era quase impossível. Normalmente passava mal, sentia dores de

estômago, vomitava.

Até minha mãe começou a se sentir mal, volta e meia via vultos também.

Não bastasse isso, o telefone continuava tocando por causa das cobranças financeiras.

E quando eu pensava que iam me deixar em paz, vinha de novo uma ameaça da Irmandade. Foi de fato um ano difícil!...

Minha família também me cobrava. Ninguém queria saber *como* eu faria, desde que pagasse minha parte das contas. Meu pai me chamava de vagabundo, perguntava sem parar quando eu ia arrumar outro emprego. Camila continuava pressionando, querendo manter seu padrão antigo de vida. Parecia que aquilo nunca ia ter fim.

Começou a me faltar o ânimo diante de tantas adversidades que eu nunca tinha experimentado. Passei até mesmo por um período que poderia chamar de depressão. E não tinha ninguém ao meu lado. Ninguém a não ser Wang, que me ajudou muitas vezes. Wang era aquele estagiário com quem fiz amizade na *Style.* Ele já não trabalhava lá mas era meu aluno de Kung Fu.

Vinha de família muito rica e abastada, me emprestou dinheiro naquela época. Depois acabou nem querendo de volta. Foi um ouvido amigo; e ainda que eu não entrasse no mérito de porque estava vivendo aquele percalço, podia compartilhar com ele as dificuldades do dia-a-dia.

E foi assim, até que um dia Zórdico ligou outra vez:

— Seu tempo esgotou. Infelizmente você usou mal o seu livre arbítrio. Você tomou a sua decisão. E tomou a decisão errada! É uma pena porque nós te amávamos muito, você era muito querido entre nós. Eu não consigo entender o que faz você persistir tanto nesse erro. — E nessa última frase falou bravo.

Ele tinha razão em não entender. Eu também não entendia. Procurei me explicar ainda uma última vez:

— Mas eu sinto Paz! Eu sinto Paz...

Zórdico falou categoricamente do outro lado da linha antes de

desligar:

— Você sabe que não houve ninguém que ameaçou sair daqui e ficou vivo contar a história. Você não vai ser exceção à regra!

Então bateu o telefone na minha cara. E nunca mais ligou.

Eu já tinha constatado naquele período todo que de fato a Igreja não era o paraíso que eu imaginava. Em termos gerais as pessoas não estavam muito interessadas nos meus problemas. Ninguém queria saber que eu estava sendo protestado, que tinha dívidas, que estava sendo ameaçado. Ninguém queria saber, era uma dura realidade. Eles não se preocupavam muito nem uns com os outros. Quanto mais comigo! Eram frios, distantes e descompromissados.

Mas meu negócio não era com as pessoas, era com Deus. E somente Ele poderia ter me dado aquela força, uma certeza que ia além do que meus olhos viam, além das atitudes das pessoas. Capaz de me fazer abandonar tudo o que conhecia, meus amigos, meus privilégios, meu futuro...e sair andando por um caminho completamente desconhecido. Mesmo que a Igreja estivesse doente ainda assim eu queria ficar ao lado de Deus. Isso bastava. Não tinha nada a ver com as pessoas. Pelo menos no início foi assim.

Vi que Deus realmente se manifestava de maneira muito diferente de Lucifér, preparava os seus filhos de formas muito novas para mim. Tudo era novo. E quanto mais eu O conhecia, mais percebia que o diabo deturpara a Palavra.

Algumas aulinhas de discipulado foi tudo o que tive, mas foi realmente muito pouco. Não tinha ninguém na Igreja com quem eu pudesse conversar. Não podia simplesmente contar a verdade. Então me limitava a ir ao Culto. Orava do meu jeito, escutava a Palavra, lia livros cristãos, lia a Bíblia.

Mas senti muita falta de amigos. Não podia mais dividir as coisas, não tinha com quem contar. Pelo menos, humanamente falando. Eu cria que Deus me protegia. Tinha que crer. Porque agora estava feito.

A Igreja da Colina Verde, que tinha sido bastante alvejada

pela Irmandade, eu sabia, explodiu mesmo. O Corpo Pastoral desagregou-se, o líder principal, Pastor Arnaldo, teve sérios problemas cardíacos e não morreu por um milagre. Outro largou o Pastorado. Os outros dispersaram.

O Davi foi "descoberto", o tão esperado escândalo teve bastante proporções. A Igreja ficou realmente inoperante. E é até hoje.

***

A família de Camila mudou-se para o interior, para Ribeirão Preto. Como eu continuasse sem emprego, viajei também e passei algumas semanas procurando trabalho. Talvez uma porta se abrisse e eu pudesse ir morar lá também. Mas a verdade é que eu não estava satisfeito com essa solução. Preferia continuar em São Paulo.

Eu estava com quase 25 anos e Camila com 27. A pressão em torno do casamento aumentou muito depois que eu definitivamente me converti. Mas a verdade é que não queria, em hipótese alguma, me casar. Antes desejava por toda lei terminar de vez aquele namoro. Nunca me casaria com ela. Seria arruinar a minha vida.

Por outro lado conheci uma Igreja muito jóia em Ribeirão. O Pastor Agostinho foi extremamente gentil comigo, me acolheu muito bem. Experimentei através dele uma pequena porção de Amor verdadeiro. De Amor Cristão genuíno.

Era o tipo de pessoa que pensei que nunca encontraria, depois do Brintti. E ele nem era brasileiro, era angolano! Espelhava vida com Deus, vida Cristã de verdade. Não era fingido, seu Amor e alegria pareciam autênticos, sinceros... e ele sempre tinha tempo para mim!

Às vezes, no meio da noite me batia uma necessidade de conversar com alguém, minha mente se enchia de fantasmas assombrados e me vinha um certo pânico. Ou eu me via diante de muitas dúvidas e muitas incertezas. Ou a solidão ficava forte demais.

Então ligava para ele.

— Pastor... me desculpe o horário... eu queria conversar com você. Vamos conversar?

E ele conversava, amistoso, sem pressa. Esporadicamente ele vinha pessoalmente em casa de Camila. Outras vezes eu ia até a casa dele. Muitas vezes jogamos bola juntos. E eu me apeguei muito. Estava sempre no escritório da Igreja atrás do Pastor Agostinho, era bem perto do apartamento aonde Camila morava. Dava para ir à pé.

Aprendi muito. Aos poucos contei um pouquinho do que vinha passando. Mas com extrema cautela, não entrei em detalhes de nada, jamais poderia vir a falar da Irmandade. Sumariei muito por alto, com medo de entrar em qualquer detalhe mais comprometedor. Mas ele escutava meus desabafos com atenção.

Um dia, perguntei sinceramente o que deveria fazer. Admirei a atitude dele, apesar de que não me confortou plenamente.

— Olha, Eduardo... realmente é difícil dizer! — Começou ele. — Você precisa de um milagre na sua vida. Não vou dizer que tenho a solução pronta, e muito menos que sei *qual é* a solução, a resposta. Mas uma coisa vou te dizer. Deus sabe de tudo... e pode tudo! No tempo certo acontecerá o seu milagre. Por hora... não vejo solução. Mas Deus pode. Deus pode tudo!

E me contava experiências dele, da sua vida, de dificuldades que ele mesmo tinha passado. Me confortava.

Então decidi me batizar. Dessa vez era pra valer!

Foi uma experiência muito gostosa. Para todos o Pastor Agostinho falou alguma coisa. Mas gastou mais tempo comigo, disse muita coisa ali diante de mim, na água da piscina.

— Hoje é motivo de festa nos Céus. Você não pode ver, mas os Anjos estão aqui.

E mais um monte de palavras bonitas, promessas de Deus para mim, frases de incentivo.

Aquilo me tocou tanto, me tocou tanto.

"Puxa vida... Deus me aceitou..."

E aquilo era tremendo, incrível. Não poderia expressar o quanto Deus me impressionou... ao me aceitar! O Batismo foi a experiência mais fascinante que tive. Eu estava fazendo o que a Bíblia mandava fazer, o que Jesus tinha feito. Eu era um novo homem agora. A velha vida tinha passado. Eu estava cheio de alegria por dentro e por fora.

E ainda que não pudesse ver, acreditei naquilo: que os Anjos estavam ali. Era muito reconfortante saber que eles estavam lá por nossa causa. Por *minha* causa! Ah, que alegria tão grande! O Batismo foi melhor do que todos os Ritos que eu tinha feito antes. Por causa de toda aquela simplicidade. E do profundo significado espiritual. Deus era simples. Ele já tinha feito toda a obra. Nós recebíamos tudo pela graça.

O tempo passou. Fiquei alguns meses em Ribeirão Preto. E pensei comigo mesmo, decidido:

"Nunca vou comentar nada do que aconteceu. Com ninguém! Jamais vou tocar nesse assunto de Satanismo com quem quer que seja. Simplesmente vou esquecer desse episódio, fazer de conta que nunca aconteceu. Vou viver uma nova vida. Não tenho mais as coisas mesmo, queimei tudo. Eu vou apagar esse passado da minha vida!..."

Apenas os pesadelos me incomodavam um pouco. Mas até eles, com o passar do tempo, diminuíram. Só eram despertados quando alguma coisa puxava o fio da meada das minhas lembranças. Alguns tipos de música, certas combinações de cores, sangue... então eu sonhava.

Mas procurei esquecer mesmo, apagar. Fiz força para jogar tudo aquilo num lugar escuro e esquecido da minha mente. Enterrei. Para nunca mais desenterrar.

***

Depois do Batismo eu me senti bem melhor. Logo em seguida veio uma proposta para voltar a São Paulo e trabalhar numa conhecida multinacional no ramo alimentício. Era um emprego excelente. Meu currículo e experiência anterior foram

reconhecidos. Passei nos testes de seleção e comecei uma nova etapa da minha vida. Já fazia mais de um ano e meio que havia saído da Irmandade.

Trabalhava na Empresa de dia, voltei a dar aulas de Kung Fu à noite. Isso ajudou a dar uma boa melhorada na minha receita mensal. A ADINK tinha se desestruturado por causa de problemas internos, de modo que eu tinha saído de lá. Também não era possível morar em Ribeirão e dar aulas em São Paulo.

Mas comecei a trabalhar com um grupo muito bom dentro de uma Faculdade. Era um emprego registrado e com salário privilegiado. Minha situação financeira melhorou bastante e comecei, aos poucos, na medida do possível, a limpar os protestos do meu nome.

Naquela Faculdade treinei excelentes alunos. Alunos que, quando se graduaram Professores em Arte Marcial me conferiram o título de Mestre em *Wing Chun* e Mestre em *Ton Long.* Segundo a cultura chinesa, o Mestre não é necessariamente o que quebra dez tijolos com a cabeça, mas aquele que sabe *transmitir* a Arte sem desvirtuá-la. Por isso, quando formei alguns dos meus alunos, recebi a graduação de Mestre.

O que o período anterior teve de conturbado, este teve de bom. Veio enfim um pouco de refrigério. Eu saía às cinco horas do serviço e ia direto para a Academia. Treinava bastante até as oito, horário da minha aula. E me divertia muito com meus alunos. Sempre me dei muito bem com eles.

Comecei também a praticar um terceiro estilo numa conceituadíssima Academia e com um dos maiores Mestres no Brasil. O *Hu Lai Chien,* estilo da Serpente.

A única coisa que eu queria de verdade era terminar com Camila. Mas ela não estava disposta a aceitar essa proposta. Nem queria conversa nesse sentido. Imaginei que se fosse cada vez menos para Ribeirão aos poucos conseguiria fazer com que ela entendesse, *definitivamente,* que eu não continuaria com aquele relacionamento. Já o considerava terminado. Era preciso somente que Camila entendesse e aceitasse essa realidade.

"Vou me afastar dela. Camila vai se cansar de mim, vai se cansar de me esperar."

E foi assim. Praticamente não dava mais as caras em Ribeirão Preto, ficava sempre em São Paulo, ia tentando deixar cada vez mais claro que o namoro estava desfeito. Comecei a freqüentar uma outra Igreja. Ela tinha mudado de sede e veio parar no mesmo quarteirão de minha casa. Comecei a xeretar e acabei me adaptando bem à ela.

Nessa época meu amigo Wang continuou sendo um grande companheiro, saíamos muito juntos, nos divertíamos à valer. Mais tarde, conforme nossa amizade permitiu, contei-lhe que não era formado em Administração de Empresas e não tinha diploma. Ele admirou-se de que eu tivesse aprendido tanto sem a Faculdade e então me ajudou em algumas deficiências. Emprestou-me livros, deu-me provas da Universidade de São Paulo para resolver. Me ensinou muita coisa. Até que chegamos a um patamar praticamente de igual para igual.

Fiquei sem diploma mas conhecia perfeitamente bem o assunto. Meu ensino foi dos mais estranhos, mas *aprendi*. De fato aprendi. Em toda a minha vida subseqüente fui capaz de concorrer com homens formados e me sair tão bem quanto eles. Ou melhor.

Foi um tempo muito bom. Um tempo que durou mais de um ano. Não tive de quê me queixar. Ninguém da Irmandade voltou a me ligar e comecei a pensar que talvez fossem deixar-me em paz.

Mas a perseguição no emprego começou. E não seria a última vez. Ao longo de anos eu viria a experimentar aquele tipo de situação. Isto é: cruzar com pessoas da Irmandade dentro das Empresas.

***

A primeira vez foi naquela multinacional no ramo alimentício. Fazia já um bom tempo que estava trabalhando e me saindo muito bem. Até que um belo dia nossa equipe participava de uma reunião. E fomos apresentados a um dos Diretores Comerciais. O tal sujeito era bastante comentado na boca de todos por causa da

sua carreira meteórica na Empresa. Algo realmente espantoso.

Eu estava curioso para conhecê-lo. Nem de longe me passou pela cabeça que ele pudesse fazer parte da Irmandade. Mas era. Suas atitudes confirmaram a minha suspeita.

No meio da reunião, todos argumentando aqui e ali, dando sugestões a respeito do lançamento de um novo produto no mercado, de repente vi que ele começou a me olhar muito estranho.

Todas as vezes que eu falava dando minhas opiniões os olhares convergiam para mim. E ele continuava me encarando daquela maneira tão esquisita. Um olhar frio, quase de raiva.

"Engraçado... por que será que esse cara não pára de me olhar desse jeito?"

Quando terminou a reunião e estávamos todos dispersando, ele veio rapidamente para o meu lado. Esboçou um sorriso parabenizando-me pela participação. Na mão direita ele carregava umas pastas, então estendeu-me proposital-mente a mão esquerda. Respondi ao gesto também com a minha esquerda.

Ao apertarmos as mãos ele baixou os olhos para o local aonde eu tinha a marca. Tive a sensação de que ele a observou rapidamente. E voltou a olhar estranhamente para mim. Então pronunciou algumas palavras baixinho. E eu ouvi uma ou outra sentença que me era familiar. Era um encantamento!!!

Assustei-me. Sinceramente me pegou desprevenido. Não estava esperando por aquela. Desvencilhei-me do aperto de mão e mantive a compostura o melhor possível.

"Não é possível que eu estou *vendo* isso!"

No dia seguinte fui demitido. Nem alegaram coisa alguma. Mas eu sabia muito bem porque estava acontecendo.

Depois disso fiquei doente. Minha rinite alérgica potencializou de forma espantosa, tive uma pequena pneumonia. Mas não foi nada de muito grave. Será que ele lançou um encantamento "fraquinho" ou Deus me protegeu do pior?! Difícil dizer. Mas no meu íntimo guardei a segunda alternativa.

Por causa dos problemas de saúde fiquei muito tempo sem

poder aparecer na Academia. Quando voltei soube que a Faculdade não mais permitiria o ensino da Arte Marcial ali, e eles estavam mudando de lugar. Iam para um outro bairro que, para mim, era totalmente fora de mão. De modo que perdi também meu emprego na Academia.

Diante disso Camila e a família me convenceram a passar novamente um período em Ribeirão. Eu não queria, mas minha família também não era nada compreensiva. De novo estava criado o problema e a confusão de sempre por causa do pagamento das contas. A pressão era tão grande que fui outra vez para o interior. Aquilo já estava me cansando...

A Igreja do Pastor Agostinho crescia, contava agora com muitos membros, inclusive pessoas que poderiam me ajudar a conseguir um emprego na cidade. Novamente tentei. Mas neca! Novamente não se abriu porta de emprego para mim em Ribeirão Preto.

Completei 27 anos. Um dia atendi ao telefone em casa de Camila e era alguém da Irmandade. Mas não reconheci a voz.

— Alô?

Imediatamente escutei do outro lado da linha umas palavras de encantamento. E depois:

— Você vai começar a pagar pelo que fez. Não chegará a atingir a idade de Cristo. Vai morrer antes disso, com dor e sofrimento.

Eu desliguei e procurei mais uma vez ignorar.

Naquele mesmo dia à noite, no Culto, uma pessoa ficou possessa. Foi aquela gritaria e eu não pude resistir, fui atrás meio às cegas. Apesar de saber que talvez fosse melhor não me expor, queria saber o que *realmente* acontecia quando alguém "ficava possesso"!

O homem se enfiou dentro do banheiro, sentou-se de cócoras sobre o vaso sanitário. Alguns membros da Igreja procuravam controlar a situação. Eu entrei meio como quem não quer nada. Mas nem bem apareci e o demônio olhou fixo para mim, falou imediatamente com ar zombeteiro:

— Ah! Ora, ora! Quem é que está aqui? Sabia que você vai morrer? Sabia que você não vai atingir os 33?

As pessoas que estavam lá repreendiam e oravam, mas de repente parecia não haver mais ninguém ali além dele e de mim. O demônio ignorou um pouco as orações, mas eu não sabia o que fazer e nem o que dizer. Fiquei mudo e atônito.

— Você vai pagar muito caro. — Continuou o demônio. — A traição custa muito caro! Nós iremos atrás de você. Você não vai ter por onde escapar!

Os presentes não sabiam se continuavam orando ou se falavam comigo. Olhavam ora para mim, ora para o demônio. Até que pediram para que eu me afastasse. Saí, mas fiquei de antena ligada. Custou um pouco para o demônio sair. Mas acabou sendo vencido. A verdade, penso eu, é que ele só queria mesmo me dar o recado.

Nessa noite minha mãe me ligou de São Paulo. Meu pai tinha tido um problema e estava internado em estado grave. Eu deveria voltar naquela mesma noite. Correndo o risco de talvez nem o encontrar vivo. Peguei o primeiro ônibus da madrugada e voltei para São Paulo.

Meu pai estava internado no Hospital das Clínicas e o mesmo amigo que me tinha ajudado com Camila foi muito solícito naquela situação desesperadora.

Não havia muito o que fazer em relação a meu pai a não ser orar...e esperar.

Deus me poupou de ficar o dia todo ocioso, arrumei um emprego novamente. Um ótimo emprego em outra multinacional. Entrei como Analista Econômico-Financeiro e ia trabalhar temporariamente por seis meses. Todos os dias saía do serviço e ia ao Hospital.

Meu amigo estava estagiando na UTI aonde meu pai ficou internado. Que coisa boa! Ele acompanhou de perto toda a evolução do quadro. Fiquei mais tranqüilo e fiz questão de conhecer a equipe médica.

Meu pai acabou tendo alta depois de mais de um mês. Mas

ficou com muitas seqüelas da parada cardíaca e déficit de oxigenação cerebral. E acabou vindo a falecer dois meses depois do episódio que desencadeou tudo.

A Igreja que eu freqüentava ao lado de casa me auxiliou demais em tudo o que foi preciso. Até o funeral foi pago por eles. Camila veio algumas vezes para São Paulo, mas eu terminei o namoro de uma vez por todas. Não tinha mais intenção de voltar para Ribeirão e nem para ela. Deixei tudo bastante claro. Tive uma conversa definitiva, pelo menos do meu ponto de vista.

Camila se sentia como se estivesse vivendo um divórcio. Mas nós não estávamos casados. Era somente um namoro, um noivado meio forçado. Ainda que tivesse durado quase doze anos.

E acabei de vez. Ainda que ela não concordasse.

Adaptado à Igreja ao lado de casa, sentindo-me bem acolhido, resolvi ficar por lá mesmo. Naquela Igreja acabei conhecendo minha futura esposa. Poucos dias depois que meu pai faleceu conheci Isabela. Em três meses, pouco antes do Natal, começamos a namorar. O casamento só foi possível quatro anos depois.

***

Nessa época em que comecei meu namoro com Isabela dei de cara outra vez com um membro da Irmandade no serviço. Eu tinha sido contratado como temporário para um serviço extra que a Empresa estava fazendo. Mas me destaquei bastante naquele período todo, fiz um ótimo trabalho e fui bem reconhecido pelos meus superiores. De forma que ao findar os seis meses eu não seria dispensado. Já me haviam dito claramente que seria aproveitado na Empresa, seria efetivado e não demitido.

Um dia eu estava andando pela fábrica fora do horário de expediente. Era um sábado. Gostava muito de ver as máquinas trabalhando, elas funcionavam ininterruptamente. E como eu tinha livre acesso, sempre que dispunha de um tempo livre corria para lá. E aprendia todos os detalhes da confecção daquele material com o qual trabalhávamos.

Depois do almoço estava indo para minha sala brincar com jogos de computador. Passei defronte à sala entreaberta de um dos Chefes dos Engenheiros. Olhei de relance e vi um símbolo que me pareceu familiar. Era discreto, pequeno, sobre a mesa.

Alguma coisa me incomodou diante daquilo. Olhei, olhei.....

"Mas será possível?! Não, não... não é possível..."

Nem fiquei muito mais tempo ali. Na segunda-feira o dono da sala veio conversar comigo. Nunca tínhamos conversado muito excetuando as questões do trabalho. Volta e meia ele me perguntava como estavam as análises de custo, por exemplo, ou outra coisa qualquer. Mas naquele dia ele chegou e já foi direto indagando, meio firme:

— Você entrou na minha sala?

— Não. Cheguei agora, não fui a lugar nenhum.

— "Não", digo eu! Você esteve na minha sala, sim.

Num flash compreendi a que ele se referia. Eu tinha entrado mesmo. No sábado. Mas não quis acreditar que tinha sido o Guia dele que estava me dedurando. Por um momento foi mais fácil supor que alguém tinha visto e comentado com ele. Embora eu soubesse que essa possibilidade não era plausível: tinha estado sozinho no departamento quase o tempo todo. Mas achei melhor desconversar um pouco.

— Ah! Bem, sábado eu estive mesmo aqui e passei em frente à sua sala... mas nem entrei!

Ele me olhou com um ar difícil de definir.

— Hum...está muito bem, então. OK.

Foi embora. Naquele mesmo dia, à tarde, meu chefe me chamou. Agradeceu pelos meus serviços e me deu o bilhete azul.

Saí meio nas nuvens. Não tinha sido a primeira vez que acontecia. E não seria a última.

***

Muitas coisas vieram depois disso. Períodos muito bons, outros muito difíceis.

Deus levou a mim e a Isabela para a Igreja aonde Ele queria que estivéssemos.

Passei também por horas e horas de ministrações individuais ao longo de quase três anos. Relembrei em detalhes toda a história que tanto esforço eu fizera para esquecer. Esse foi o meio escolhido por Deus para realizar um tremendo, *tremendo* processo de cura integral e restauração na minha vida! Através das confissões, com arrependimento e muitas lágrimas, fazendo orações de renúncia e sendo ungido com óleo curei-me dos traumas profundos da alma. Aos poucos fui sendo liberto de todo o jugo satânico que ainda estava sobre mim.

Até sobre as coisas que eu já tinha realmente esquecido, ou sobre aquelas que eu nem sequer sabia, Deus trouxe revelação. A mais controversa dessas foi a respeito de minha paternidade. Embora as circunstâncias e as claras coincidências apontem para meu amigo e mentor, espero confirmação clara. Confirmação que vá além das palavras de minha mãe. Além das palavras do próprio Marlon, que admitiu o fato como verdadeiro mesmo sem que eu lhe perguntasse. Deus sabe quem me gerou. E eu sei que Marlon usaria de todos os meios para me trazer de volta à Irmandade.

Somente esse trabalho profundo, complexo e minucioso que vivi junto com servos de Deus foi capaz de me fazer pronto a relatar o que está escrito aqui. Foi um trabalho de Libertação e Cura Interior muito importante!

Nosso compromisso com Deus cresceu. Eu e Isabela fizemos cursos, estudamos a Palavra. Aprendemos que é imprescindível reparar as brechas abertas das nossas vidas. E aos poucos o Senhor foi me mostrando uma pequena parte do Seu Poder. Experimentei o Seu cuidado, a Sua provisão, a Sua maneira peculiar de guiar Seus filhos pela tribulação. Ele me abriu os olhos e por diversas vezes capacitou-me a ver os Anjos Guerreiros Poderosos que estão ao Seu lado. Deu-me um Dom de discernimento que me faz perceber sempre a opressão demoníaca à minha volta. Foram muitas experiências!

Mas o diabo se levantou furioso contra nós. Ameaças, perseguições e ataques dos mais diversos contra mim e Isabela só poderão ser contados em um outro livro como esse. Seria impraticável descrever tudo o que passamos até este momento.

Mas em tudo o que vivemos, uma coisa ficou clara: Deus é Poderoso!!! Nada ocorre sem a Sua permissão. E quando acontece o "pior" é para que, no futuro, tenhamos o melhor. Sei que Deus teve um propósito muito especial em ter-me buscado e tirado de uma forma sobrenatural de dentro do Inferno. Ninguém pregou para mim... ninguém me disse que eu estava errado. Quem falou comigo foi Deus, e de forma incontestável!

Se assim não fosse certamente eu não estaria aqui para contar essa história. O preço pago para que esse livro chegasse a existir foi alto... muito alto! E só vencemos por causa da Graça e proteção de Deus.

Gosto de fazer uma analogia: o Senhor permitiu que Moisés morasse no Egito durante 40 anos, conhecesse seus segredos, seus ritos, sua cultura. Depois Deus levantou esse homem como Libertador dos Israelitas em cativeiro. Nisso vejo uma leve semelhança com o que Deus está fazendo comigo: embora em nada eu possa me fazer comparável a Moisés, Deus permitiu que eu vivesse dentro do Satanismo, conhecesse os seus segredos e estratégias... para agora sinalizar à Igreja, denunciar as manobras do Inimigo. Para que esta também seja liberta.

E não somente isso, esse é também um apelo aos que estão aprisionados dentro do Satanismo. Estão enganados. Aqueles a quem o diabo chama de "filhos", esses são os mais equivocados de todos.

Nossa oração é que o Pai use este livro como instrumento para libertar os que estão cativos, trazer Luz aos que caminham na escuridão. Proporcionando-lhes um encontro autêntico com Jesus, o Cristo!

A minúcia de detalhes não foi para fazer exaltado o reino de Satanás. Mas para mostrar à Igreja que o inimigo é muito mais real do que se pensa, está muito mais organizado e furioso do que nunca. E para ele, os fins *sempre* justificam os meios.

Peço também a você, leitor, que ore por mim , por minha esposa, e por nossos familiares. Porque acima de tudo precisamos de cobertura de oração.

Nosso coração está firme no Senhor! Sabemos que nossa vida, nossos dias, *cada um deles*, está nas mãos do Criador. Essa é a nossa segurança e a nossa convicção: de que nada nos acontecerá, nem ninguém nos tocará à revelia do nosso Pai que está nos Céus.

***

Marlon,

Você foi uma das pessoas que mais admirei em minha vida. Foi o conselheiro, o incentivador, o amigo, o mestre, o pai em tantos momentos que jamais vou esquecer.

Sei qual é a sua verdadeira identidade, e aonde você está hoje. Tenho acompanhado sua vida pública pela mídia. O texto que se segue depois desse é para você também, mas meu carinho me fez escrever algumas palavras dirigidas somente à tua pessoa.

Sei que, ao seu modo, você procurou fazer por mim tudo aquilo que conceitua como sendo o melhor. Muitas vezes eu o ouvi. Mas agora, depois de ler esta história da qual você fez parte, gostaria de pedir-lhe que ainda lesse com atenção estas linhas.

Olhe para cima. O que você vê? O céu azul, as estrelas, o Sol que nos aquece...! Olhe à sua volta. O que vê? Montanhas e vales majestosos, a água cristalina que desce da colina e forma um lindo lago repleto de vida, de peixes coloridos! Sinta seu frescor! E quantas árvores frondosas cheias de frutos saborosos, flores de todos os tipos. Peço que sinta o perfume delas... consegue?

Olhe para si mesmo e ouça as batidas de seu coração, perceba o ar que entra e sai incansavelmente dos seus pulmões. Você é um ser vivo, perfeito, ultra-complexo!

Poderia Lucifér fazer *isso?!?*. Criar tanta beleza, tanta

harmonia? Poderia ele criar a *Vida?*.

Só há um Criador, um Pai! E Sua Criação espelha a Majestade e Poder que vem Dele mesmo.

Certa vez você me disse: "É tarde demais para mim...".

Pois eu te digo hoje — nunca é tarde para Deus!

Eu fui perdoado e amado pelo Criador. Hoje sinto algo que Poder não substitui, dinheiro e nem coisa alguma podem comprar. Sinto Paz! Estou orando por você. Você terá sua chance. Não a desperdice. O tempo está muito curto. Deus está batendo em sua porta agora... abra!!! Deixe-O entrar.

Jesus te ama.

***

Aos amigos da Irmandade:

Todo o Poder das Trevas, os Feitiços, encantamentos não foram suficientes para derrubar os homens realmente comprometidos com Deus. Posso falar hoje por mim mesmo. Embora eu tenha passado — e ainda passe — por lutas e muitas dificuldades, nada tem me faltado!

Porque o Senhor é meu Pastor.

Mas *antes* de ser o Pastor que cuida, Ele tem sido o Senhor de minha vida. Estou sujeito a Ele, e na força Dele eu posso resistir a Lucifér. Porque é maior Aquele que habita em mim, o Espírito Santo, do que aquele que está no mundo...

Quantas maldições foram lançadas contra mim e minha esposa? Eu sei... perdemos nossos empregos, nosso dinheiro, nossos animais morreram, familiares foram atacados, e a maioria dos nossos irmãos em Cristo se afastou de nós por medo de sofrerem retaliações.

Mas estamos em pé. A mão de Deus tem nos sustentado!

E por meio das lutas nos tornamos mais fortes, pois o Poder de Deus se aperfeiçoa em nossa fraqueza. Hoje posso dizer que "Tudo posso naquele que me fortalece", pois aprendi a viver com

muito e com nada, cercado de amigos e solitário. Mas por mais solitário que pudesse estar, Jesus nunca me abandonou, *nunca*\ Tudo o que ocorreu só ocorreu porque Ele permitiu.

De fato no meio Cristão não há muita união, falta comprometimento e amor ao próximo. Foram poucos, muito poucos os que de fato ficaram ao nosso lado. De verdade. Apenas duas mulheres, valentes, guerreiras, comprometidas com Deus, e que vocês não puderam tocar! Temos um Deus fiel, amoroso, que não falha!

Sabe... todos aqueles que aparentemente caíram, os líderes evangélicos... na verdade alguns nunca foram convertidos de fato! Por isso tornaram-se um alvo tão fácil. Outros, embora salvos, não tinham discernimento da Batalha Espiritual travada ao nosso redor e com isso deram legalidade para o ataque dos demônios. Mas nunca perderam a Salvação! E outros, ainda que tivessem perdido suas vidas, Deus assim o permitiu pois sabia que eles não suportariam o ataque. Trouxe-os para junto de Si, e agora estão no Céu, com o Pai.

Toda história tem dois lados.

Mas a guerra não acabou! Deus irá derramar Poder sobre Sua Noiva, a Igreja, e haverá transformação! Haverá aquecimento, avivamento, união como nunca houve! E então vocês vão ver quem é o Rei da Glória, quem é o Senhor do Exércitos!

O quê é este pequeno planeta diante de todo o Universo? Um grão de areia.....

E Lucifér crê que tem Poderes para enfrentar o Criador do Universo porque "comanda" um grão de areia?

Não há "Inferno bom" para os filhos do Fogo. Foi Deus quem criou *tudo!* Criou também uma dimensão para aprisionar Satanás e os seus. E não é um lugar bom, com toda a certeza.

Se eu pude sair do Inferno, se Deus me amou, me aceitou, restaurou minha vida e perdoou meus pecados... pode fazer o mesmo por vocês. Sabem o que lhes está oculto? A Verdade! E a Verdade é Jesus. O único Caminho, a Verdade e a Vida! O que vocês estão vivendo *não é* Vida!

Górion, Ariel, Rúbia, Taolez, Zórdico, Thalya, Kzara, Aziz, Egípcio, Akilai, Cerdic, Naion, Surama, Vivian, Russo, Pietro, Marcela e todos os outros.... *isso não é vida*\ Parece vida, mas é morte! Não paguem para ver. Saiam enquanto é tempo. Confiem em Deus! Aceitem a libertação. Confessem Jesus como seu Senhor enquanto há tempo. Não tenham medo! O Senhor dos Exércitos os protegerá! Deus enviará seus Anjos para protegê-los. Eu vi estes Anjos!!! São enormes, fortes, belos, muito, mas muito maiores e mais Poderosos do que os demônios que eu vi.

Jesus ama vocês, deu Sua vida por mim e por vocês. Há uma saída, acreditem! Uma saída sem sangue, sem fogo, sem mortes, sem dor, sem fumaça, sem atabaques... basta abrir a boca. Basta pedir assim:

"Senhor Jesus, entra agora na minha vida. Eu quero a Sua Vida em mim, eu preciso Dela, e do Seu perdão. Eu não quero mais nada com o Reino das Trevas. Liberta-me! Perdoa-me dos meus pecados! Confesso hoje com a minha boca, falo audivelmente que creio em Jesus, o Filho do Deus Altíssimo, e O recebo como meu único Senhor e Salvador da minha vida. Lava-me agora com o Teu sangue. Limpa-me do sangue que há nas minhas mãos. Eu te recebo agora! Ajuda-me a sair deste lugar aonde me encontro. Em nome de Jesus, amém!"

Eu estarei à disposição de vocês para ajudá-los.

***

Camila,

Através destas linhas gostaria de expressar minha gratidão a você. Você foi um instrumento nas mãos de Deus. Participou desta história, de um milagre de Deus!

Foi você quem insistiu para que eu conversasse com o Pastor Brintti. Você esteve ao meu lado quando eu ainda era um marginal. Já te pedi perdão pelo mal que causei a você e aos seus. Deus também me perdoou.

Sei que após ler este livro você pode estar pensando: "Não foi bem assim...". Mas foi assim como escrevi cada linha, foi assim que vi, que senti, que vivi... enxergando sob um prisma distorcido pelo diabo.

O tempo que passamos juntos nos trouxe crescimento, amadurecemos como pessoas... mas sem dúvida falhamos em muitas áreas. Somente creia: Deus é Pai e tem o melhor para você. Você é costela de um homem que Deus já separou para estar ao seu lado, para te amar. Há tempo para tudo! E hoje, Camila, é tempo de mudar.

Sei que sua fé foi resfriada...mas o Pai não te abandonou! Ele te ama. E pode transformar completamente sua vida. Ore! Busque a Deus! Ele ouve e responde! Fez tanto por mim, fará muito por você também. Não se afaste Dele.

Você é uma privilegiada por ter nascido e crescido num lar Cristão, ensinada no caminho certo desde a infância. E por mais imperfeições que existam nos lares Cristãos, sempre será muito melhor do que viver na enganação, dando cabeçadas na vida até encontrar o caminho certo.

Não desperdice isso. Você é filha do Rei. Seu Reino é de Amor. Você quer este Reino? Então entregue-se a Ele. Muitos conhecem Deus mas não se entregam a Ele, não descansam em Seus braços, não confiam...

Deus é fiel. Busque ao Senhor em primeiro lugar e o mais Ele fará. Faça isto enquanto é tempo. Jesus está voltando, e só a Igreja Santificada vai ser arrebatada e poupada da Grande Tribulação. Muitos Cristãos, embora salvos, vão ficar aqui após o arrebatamento. O final dos tempos está próximo. É tempo de olhar para Deus, tempo de *viver* com Deus e para Deus!

Que o Senhor te abençoe e te guarde.

***

Epílogo

Como falar de Amor num mundo onde impera o ódio e a violência? Como definir tal palavra se já não existem parâmetros? Amor... Amor?!

Já tão desvirtuado na sua essência, já tão incompreendido por todos...

A cada esquina um clone falso. Parece estar dentro de cada olhar. Em cada gesto interessado. Em cada rosto apaixonado. Tão comum, tão corriqueiro... Mas não é esse um sentimento estranho?

Condicional, contraditório, manipulador, tantas vezes traiçoeiro e egoísta! Este não é o Amor verdadeiro.

Se o Amor tivesse uma forma, ela seria igualzinha à forma de Deus. Os dois se encaixariam perfeitamente, cada nuance de um e de outro, cada curva, cada saliência, cada reentrância estaria sobreposta. Porque Deus é Amor!

E Ele não requer nada que não esteja disposto a dar. O Amor é paciente e benigno, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não se alegra com a injustiça. O Amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera e suporta. Jamais acaba.

O Amor se doa, doa tudo, até a própria Vida.

Deus é Amor incomparável e Absoluto, sublime, impressionante e tremendo.

Sem paralelo para o homem natural. Sem referencial humano. O Amor Puro que vive...é Deus!

Mas tão indescritível dor causou o Homem no coração do Seu Criador...

Fizemos pior, muito pior do que o cão que morde a mão do que o alimenta, do que aquele que cospe no próprio prato. Através do pecado viramos as costas para Aquele que nos amava acima de tudo.

Quanta dor. Quanto sofrimento. Que lamentação tão grande no coração do Pai. A dor aguda de uma facada teria sido mais

amena! Depois desse ato impensado e egoísta ficamos privados de Deus e Ele de nós.

Mas o Pai não poderia deixar-nos abandonados à nossa própria sorte.

À deriva num caminho sem volta!

Mesmo ferido, mesmo traído,

Mergulhou Deus no poço de lama aonde estavam os seus queridos.

Fez-se igual a eles.

O que era Incorruptível revestiu-se de corruptibilidade, o Imortal da mortalidade.

Para pagar o preço estabelecido por Ele mesmo.

"Sei que não tendes como me pagar, ó meus amados!

Apunhalastes o meu coração, mas irei atrás de vós.

Far-me-ei semelhante a vós, e pagarei com o meu sangue,com a minha Vida, o preço do vosso resgate. Eu vos resgatarei novamente!

Perdoarei o mal que me fizestes.

Por meio do meu sangue. Por causa do meu Amor.

Eu sou o Amor Vivo. Trarei de volta para Mim aqueles que aceitarem esse Amor."

Morreu Deus... por aqueles cujos corações estavam mais sujos do que as mãos.

Por toda a Humanidade!

Ressuscitou Deus, e vive!

E o Amor chama para Si aqueles que são seus.

Esta é uma História de Amor. Preste atenção nela!

Uma Pequena História de um Grande Amor

Existe um Ser Supremo, uma Pessoa Eterna. Sem começo ou fim. Sempre existiu, sempre existirá.

Nos Céus estabeleceu Ele o Seu trono e o Seu Reino domina sobre tudo.

O seu Nome é o Grande Eu Sou, o Alfa e o Ômega. O Poderoso El-Shaddai.

Magnificente, sobre vestido de Glória e Majestade, coberto de luz como por um manto, Ele, o Senhor, é o Altíssimo eternamente. Glória e Majestade estão diante Dele. Força e Formosura no Seu Santuário.

Ele reina revestido de Majestade, cingido de Poder. Desde sempre, desde a Antigüidade está firme o Seu Trono. Só Ele é Deus desde a Eternidade. O Senhor é Deus supremo, e o grande Rei acima de todos os deuses.

Nas Suas mãos estão as profundezas da Terra, e as alturas dos montes Lhe pertencem. Dele é o mar pois Ele o fez, e obras das Suas mãos são os continentes. Estendeu o Céu como uma cortina, pôs nas águas o vigamento da Sua morada. Tomou as nuvens por carro e voou nas asas do vento.

Ele firmou o mundo; é o Senhor de toda a Terra. A Glória do Senhor é para sempre!

Esta Pessoa — o Deus Triúno — Pai, Filho e Espírito Santo coexistindo perfeitamente de uma forma misteriosa, decidiu criar também milhares de seres espirituais para compartilhar de Si mesmo.

Fez então todo o exército dos Céus, os Anjos, para povoar o Universo criado por Ele.

Mas um dos Seus Anjos, o mais sábio nos Céus, intentou o mal dentro do seu coração. A Deus nada é encoberto. E viu-lhe o coração. Conheceu-lhe os desígnios.

E disse o Senhor a respeito dele:

"Tu eras o exemplo da perfeição, cheio de sabedoria e formosura. Te cobri-as de pedras preciosas. Eras Querubim da Guarda estabelecido por Mim. Permanecias no meu Monte Santo e no brilho das pedras andavas. Perfeito eras nos teus caminhos desde o dia em que foste criado... até que se achou iniqüidade em ti. O seu interior se encheu de violência, elevou-se o teu coração por causa da tua formosura; corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor. Perdeste o juízo! Tu dizias no teu coração: 'Eu subirei aos Céus, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono. Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo'. Então lancei-te por Terra, te reduzi a cinzas, vieste a ser objeto de espanto. Jamais subsistirás."

Nenhum ser criado poderia usurpar a Glória de Deus, atentar contra a Sua Soberania. Na Glória de Deus não se pode tocar.

E então esse Querubim foi precipitado para o reino dos mortos, no mais profundo abismo. E veio a ser aquele que chamamos de Satanás, a antiga serpente do Éden, o que tem assolado a Humanidade desde que ela existe. Destituído do seu posto, sim, mas não do seu Poder... foi lançado na Terra, aprisionado dentro do tempo Chronos.

Porque um ser eterno não poderia ser julgado e chegar ao seu fim se não estivesse sujeito ao correr do tempo.

Depois disso Deus criou o Homem, para louvor da sua Glória. No Seu coração nasceu o desejo e da Sua boca brotou a palavra:

"Façamos o homem à Nossa imagem, conforme a Nossa semelhança."

E foi criada a raça humana. Deus abençoou o homem, e lhe deu poder para dominar a Terra, e para multiplicar-se. E disse Deus ao homem, em relação ao caminho que leva à morte:

"Não vá por esse caminho, se andares por ali ficarás separado

eternamente de Mim. Não poderás usufruir de todas as maravilhas que tenho para ti. Se pecares... certamente morrerás."

Mas Satanás já estava presente nesse mundo e a sua sede de vingança era muita. Odiando a Deus, eternamente destituído da sua posição e sabendo que chegaria o dia do seu julgamento, intentou destruir o homem para afrontar ao Criador. Destruindo a Criação, tudo quanto Deus disse que "Era bom", vingar-se-ia Daquele que conhecia o mal no seu coração. E nisso tem se empenhado desde a sua queda.

O aprisionamento de Satanás nesse mundo fez com que ele revelasse cabalmente a essência dele mesmo. Aquele que era o Querubim Ungido tornou-se o grande inimigo da Humanidade. Ele não ama e nem nunca amará o homem. Porque odeia a Deus.

E enganou o homem, induziu-o à desobediência. Plantou no seu coração o desejo que já tinha passado no mais profundo do seu ser. E assoprou:

"Se fizeres como te digo... serás *como Deus!"*

O Querubim Ungido da Guarda quis ser como Deus. O homem quis ser como Deus.

O Pai apontou ao homem o caminho da Vida. E também mostrou qual o caminho da morte. Mas tanto Anjos como homens foram criados com livre arbítrio. Nunca presos ao querer do Deus Criador. Temos liberdade de escolha. E o mundo em que vivemos é fruto da escolha que fizemos: a Criação está contaminada pelo pecado do homem. Colhemos as conseqüências dos nossos atos impensados. A Terra foi amaldiçoada por nossa causa.

Cresceu a destruição após a queda. Nós, que por meio do pecado e da desobediência escolhemos o caminho da morte, ficamos sujeitos ao príncipe da Morte. Totalmente entregues nas mãos de Satanás.

E o diabo, o usurpador, veio somente para matar, roubar e destruir. Sempre rugindo à volta como leão, sempre procurando a quem possa devorar. Ele foi homicida desde o princípio. Nele não há Verdade alguma, quando mente fala do que lhe é próprio porque é o pai da mentira. E para fazer prosperar o seu caminho de engano,

o próprio Satanás é capaz de transformar-se em um anjo de luz, e os seus ministros em ministros de justiça.

Se possível for, ele enganará até aos escolhidos de Deus.

Não existe ser mais cruel e pavoroso do que o diabo. Nem alguém mais interessado em nos destruir completamente do que ele. Sabendo que o seu dia se aproxima, e não tendo como escapar, sua única forma de vingança é levar com ele tantos quantos puder carregar.

Mas Deus Pai, Onipresente, Onisciente e Onipotente, desde antes da Criação desse nosso mundo já tinha em Si mesmo a solução para reverter a escolha errada do homem e para dar o devido fim em Satanás.

A sentença saída da boca de Deus tinha sido proferida. "O salário do pecado é a morte". O pecado não depende da cultura e nem do tempo na História. É intrínseco, inerente ao ser humano.

Destituídos estávamos da Glória de Deus por causa do pecado. E se todos nós pecamos, todos estamos em débito. A Humanidade toda debaixo de jugo de morte.

O único preço que poderia reverter essa sentença era o sangue. *A morte pela morte!* Mas não qualquer morte, e nem qualquer sangue... apenas o sangue de alguém que não estivesse debaixo do mesmo jugo. Só havia um nessas condições. O próprio Deus. Estando toda a Humanidade debaixo de um débito e sem nenhuma condição de pagá-lo, Deus decidiu arcar com o preço que Ele mesmo tinha requerido. Porque a Palavra Dele jamais voltaria atrás.

E isso nos leva.... à Cruz! A Cruz de Cristo. O ato de maior Amor, de mais perfeito Amor, o ato mais sublime que poderia existir. O Deus da Glória, abandonando a Glória, descendo à podridão do nosso mundo... pagando o preço mais alto que poderia existir.

"Ninguém tem maior Amor do que este, dar a vida pelos Seus amigos."

O único meio de Deus voltar a aceitar o homem era um, e apenas um: o perdão. O perdão veio pela Cruz, quando Jesus

agonizou e entregou Sua vida. O próprio Deus se fez carne, o Criador se fez criatura... para morrer... para pagar... anular a sentença e a dívida. Para derramar o sangue que reconciliaria todo homem com Ele.

Ele foi ofendido, insultado, desrespeitado. Ele foi traído, mas ainda assim tomou o nosso lugar e, com dor e sofrimento, pagou com Seu sangue, cumpriu o que tinha sido proferido pela Sua própria boca. Foi crucificado por nossa causa.

E essa é a mensagem da Cruz de Cristo. O único justo, o único sem pecado, o único capaz de reverter a sentença de morte que pairava sobre toda a Humanidade amou tanto que se entregou à dor e à humilhação. Dor que não pode ser traduzida em palavras. Dor física. Dor espiritual.

Jesus foi obediente até a morte. Deus deu o Seu único filho para que todos os que O recebessem tivessem Vida Eterna.

A Vida vem através do sangue, do sangue de Cristo Jesus. Ele, como perfeito Sumo Sacerdote, Sacerdote imutável, santo, inculpável, sem mácula alguma, mais alto do que os Céus, a Si mesmo se ofereceu. E assim firmou uma Aliança entre Deus e os homens. Aliança de Sangue, incorruptível e indestrutível. Tornou-se o Mediador dela, por meio da qual recebemos a promessa da herança.

Porque sem o derramamento desse sangue não poderia haver remissão de pecados. E os que aceitam essa remissão já não têm que oferecer nenhuma outra oferta de sangue.

Aquele sobre quem estiver o sangue não mais será cobrado dos seus pecados, não entrará em juízo; passou da morte para a vida. Mas quem não aceitar o Filho ficará debaixo do primeiro decreto. E dará conta de todos os seus pecados.

Mas para todos os que aceitarem o sacrifício, todos aqueles que receberem o Seu sangue sobre as suas cabeças, Deus dirá:

"Que simplesmente sejam... *perdoados* de tudo o que me fizeram! Nunca mais me lembrarei dos seus pecados!"

Nós estávamos mortos em nossas transgressões, separados de Deus; éramos impulsionados por este mundo e pelo príncipe do

Inferno. Por natureza não passávamos de filhos da ira, como os filhos de Satanás. Porque todos os que pecam contra Deus violentam a sua própria alma, todos estes amam a morte.

Mas bem-aventurado o homem a quem Deus jamais imputará pecado! Serão feitos justos pelo sangue, servos da Justiça, e terão finalmente Paz com Deus. E nenhuma condenação haverá para estes que estão em Cristo. Porque a Lei do Espírito da Vida os livrou da Lei do pecado e da morte!

Cristo morreu, mas ressuscitou. Está vivo, vive eternamente, voltou ao Seu lugar de origem. Está assentado à direita de Deus e intercede por nós. Ele não pôde ficar aprisionado pela morte, pelo contrário, trouxe com ele as chaves da morte e do Inferno. Tragada foi a morte pela vitória.

Onde está, ó morte, a tua vitória, onde está o teu aguilhão?!

Fomos libertos do Império das Trevas e transportados para o Reino do Filho do Amor. Jesus é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a Criação. Pois Nele e para Ele foram criadas todas as coisas, nos Céus e sobre a Terra, as visíveis e as invisíveis. Tudo foi criado para Ele e por meio Dele. Pois Jesus já era antes que tudo existisse. Nele tudo subsiste. Porque aprouve a Deus que em Jesus residisse a plenitude. *Ele é Deus,* a segunda Pessoa da Trindade!

O Amor se fez humano, e esse é Jesus. O Cordeiro que tira o pecado do mundo.

Quem beber da água que Ele der nunca mais terá sede. Esta água será em nós como uma fonte a jorrar para a Vida Eterna. Nunca mais teremos fome, porque Jesus é o pão vivo que desceu do Céu, o pão verdadeiro. Ele é a Luz do mundo, não mais andaremos em trevas. Jesus é a Ressurreição e a Vida. O Caminho e a Verdade. O Pastor que cuida e dá a vida pelas Suas ovelhas. Elas O ouvirão e conhecerão a Sua voz. Nunca serão abandonadas nas mãos do lobo.

E o Espírito Santo, o Consolador, o próprio Deus habitará dentro daqueles que O receberem. Nós O conheceremos porque Ele estará em nós para sempre. Não seremos órfãos. Ele nos guiará a

toda a Verdade. Porque é a terceira Pessoa da Trindade!

Nada mais se requer de nós. A salvação é de graça. O que poderíamos fazer nessa vidinha curta que pudesse nos comprar a *Eternidade* ao lado de Deus? Nada.

Mas temos a oportunidade de entrar no Paraíso sem fazer outra coisa além de aceitar o Amor de Cristo. Porque se assim não o fosse, o sacrifício Dele não teria sido suficiente. Se fosse preciso que fizéssemos apenas *uma coisa mais*, além de aceitar Jesus Cristo, na verdade Ele teria morrido em vão. Mas somos salvos puramente por graça de Deus, é presente Dele para nós. Recebido por fé, por meio da confissão com a nossa boca numa oração simples.

Cabe a nós, novamente, como no início, tomarmos a decisão. Deus outra vez nos aponta o caminho da Vida e da morte. O caminho da Vida: recebendo no coração o Filho. O caminho da morte: não recebendo o Filho, não tendo compromisso com Ele. Estes continuarão à mercê de Satanás.

Mas quando Deus pensou na Salvação do Homem, ao mesmo tempo pensava em dar o devido fim em Satanás. De forma que também para isso se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo.

Jesus, por sua morte, destruiu aquele que tinha o poder da morte, o diabo. E livrou das suas mãos todos os que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida.

A Cruz destruiu Satanás. Jesus triunfou sobre ele e todo o seu exército rebelde, Principados e Potestades, e os expôs publicamente ao desprezo. Ele é o cabeça de todo Principado e Potestade.

E aguarda por mais um curto período de tempo, quando todo o Inferno será posto por estrado dos seus pés.

Porque Deus O exaltou e lhe deu o Nome que está acima de todo nome. Para que diante do Nome de Jesus se dobre todo joelho. Nos Céus, na Terra e debaixo da Terra. E toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor!

Ao mundo inteiro tem sido anunciada a boa nova da Salvação. Porque para todos é a Cruz. Mas não se aproveita a Palavra quando esta não é acompanhada de fé.

Compreendamos isso: a Vida vem gratuitamente! No entanto, por causa da dureza dos corações humanos muitos não entrarão no descanso de Deus. Porque têm ouvido... mas não aceitado. Receber o Filho é mais do que simplesmente acreditar Nele. Muitos *acreditam* em Jesus. Mas nunca o receberam. Nunca se deixaram transformar. Nunca nasceram de novo. Nunca tiveram seus pecados perdoados. Nunca terão a vida Eterna.

Apesar de "acreditarem" em Jesus.

Ele é o único caminho à Deus. Não existe nenhum outro.

O mundo está para ser julgado, as Nações e toda a Humanidade. Pois têm amado mais às Trevas do que a Luz. É necessário que venha e se efetive o ministério da iniqüidade, regido pelo diabo. Porque Deus tem usado e usará o príncipe deste mundo para exercer o Seu juízo sobre a Terra. E depois Lucifér também terá a paga que merece. Ele e os que o acompanham, tanto demônios quanto homens. Pois não há criatura que não seja manifesta na presença de Deus. Pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos Daquele a quem temos de prestar contas.

Foi decretada a sentença de Satanás. O tempo dele está sendo contado. Esgota-se. O seu fim foi determinado, e está próximo. A sentença se fez ouvir: "Ele será lançado no lago que arde com fogo e enxofre, aonde há pranto e ranger de dentes."

Mas a Igreja de Cristo está doente.

Perece por falta de conhecimento e compromisso com Aquele por quem foram chamados. Não podemos ser apenas ouvintes da Palavra, mas operosos praticantes. Caso contrário seremos como o homem que construiu sua casa sobre a areia. Não prevaleceremos contra a tempestade!

Deus deu à Sua Igreja o Poder para lutar contra o inimigo. Jesus não só já julgou o diabo como também tirou das suas mãos toda a autoridade sobre aqueles que recebessem o Selo do Cordeiro.

Mas estes que receberam o Selo e a promessa têm estado adormecidos. É preciso que despertem. "Acorda, ó tu que

dormes...!"

Estamos vivendo o tempo do fim. Portanto não usemos de chavões e respostas simplistas. O inimigo e seu exército está mais afiado do que nunca, exatamente como Deus havia dito que aconteceria. E nós, do nosso lado, vivemos um tempo de indiferença, apatia espiritual e apostasia. Tempo em que o amor se esfria de quase todos. Tempo em que é mais fácil ficar quieto, dormindo... porque a luta é muito grande.

Mas não podemos nos conformar com isso, Igreja de Cristo!!!

O final dos tempos é também a hora em que Deus derramará sobre os que O buscarem de todo o coração um Poder e um revestimento especial e tremendo do Espírito Santo. Mas é necessário a Igreja reconhecer sua atual fragilidade.

É tempo de arrependimento. E santificação.

Busquemos o arrependimento genuíno pelas nossas más obras, nossa postura errada diante da guerra. Nossa frieza. Nossa inominável barganha com Deus. Por acharmos que podemos servir a dois senhores e ainda assim nos salvarmos no final. Por andarmos com a nossa vida cheia de brechas, relativizando o pecado e achando que um pouquinho aqui e ali não nos fará destituídos da Vida Eterna.

Não podemos beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios: não podemos ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demônios. Vivemos tempos em que temos dado ouvidos a espíritos enganadores e a ensinos de demônios.

Cuidado, Igreja de Cristo! Deus tem para nós todo o Poder de que necessitamos. Mas façamos a nossa parte. Aquilo que devemos fazer, Deus não o fará por nós. Talvez não percamos de fato a nossa Salvação, mas quem sabe a maior parte das nossas bênçãos. E a maior delas é o conhecimento genuíno do Pai. Ele se revela a quem está pronto para a revelação. E a maioria não está pronta!

Mas uma coisa é certa: apenas arrependimento e dependência do Pai nos poupará das mãos do inimigo.

Havendo, pois, entre nós ciúmes e contendas não é assim que

somos carnais e andamos segundo o ensinamento dos homens? Veja cada um como procede. Porque a obra de cada um se tornará manifesta, será revelada e provada pelo fogo de Deus. Portanto, tudo o que fizermos, façamos para a Glória de Deus. Não nos tornemos pedra de tropeço nem para o mundo e nem para a Igreja, como tem acontecido.

O Além e o abismo estão descobertos perante os olhos do Senhor, quanto mais o coração dos filhos dos homens!

Que foi feito da nossa Unidade?! Sejamos *um*, como o Pai e Jesus são um. Somente assim o mundo crerá que Jesus foi enviado e que Ele é o filho de Deus. Não podemos andar separados. A casa dividida não prevalece.

De onde procedem as guerras e contendas que há entre nós? De onde, senão dos prazeres que militam na nossa carne? Da nossa altivez e falta de humildade.

Somos membros uns dos outros, portanto vivamos em paz uns com os outros. Refreemos a nossa língua e o que dizemos. Se não o fizermos, é vão o nosso Cristianismo e enganamos o nosso próprio coração. Como pode de uma só boca proceder bênção e maldição?!

Falemos todos a mesma coisa, esqueçamos a loucura das denominações que não se suportam mutuamente. Nosso Deus é um só: voltemos ao Evangelho puro. E que não haja divisão entre nós, antes sejamos inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer.

Que foi feito do nosso amor fraternal? Acima de tudo procuremos ter amor intenso uns para com os outros! Sirvamos uns aos outros, cada um conforme o Dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus. Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus; se alguém serve, faça-o na força que Deus supre. Para que em todas as coisas seja Deus glorificado.

Porque de nada adiantam dons e línguas sem amor; de nada adiantam a sabedoria e o conhecimento, a fé que remove montanhas; mesmo que entregássemos o nosso próprio corpo para ser queimado, ou distribuíssemos todos os nossos bens por entre os

pobres... nada disso se aproveitaria sem amor.

Aquele que não ama não conhece a Deus, antes permanece na morte, porque Deus é Amor. Não amemos, então, somente por palavras, da boca para fora. Mas de fato e de verdade.

Quem entre nós é sábio e entendido? Que mostre mediante condigno proceder. Se temos inveja amargurada e sentimento faccioso entre nós não nos glorifiquemos disso e nem mintamos contra a verdade. Esta não é a Sabedoria que desce lá do alto, antes é terrena, animal e demoníaca. A Sabedoria do alto é primeiramente pura, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e bons frutos, imparcial, sem fingimento.

Que foi feito e onde estão as boas obras decorrentes da nossa Salvação? Assim como o corpo sem espírito está morto, a fé sem obras igualmente.

Sejamos como Deus quer que sejamos. Há, sem dúvida, um preço a ser pago. O preço da nossa própria cruz, da morte do "eu". O preço da obediência. O preço da santificação. É hora de esquecer o Evangelho mutilado, esquecer da prosperidade pela prosperidade, a bênção pela bênção. Não foi somente para isso que fomos chamados. Fomos chamados para *Glorificar a Deus acima de tudo, e em tudo!*

Somos pedras vivas, casa espiritual, sacerdócio santo e real, raça eleita, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus. Somos povo de Deus para proclamar as virtudes daquele que nos chamou das Trevas para a sua maravilhosa Luz! Mas não podemos ser tudo isso apenas virtualmente! A Palavra não se cumpre apenas porque está escrita. Cumpre-se quando permitimos que ela se cumpra em nós!

Não desprezemos, portanto, o nosso Criador. Nem a Sua Palavra que permanece para todo o sempre. Pois Deus não modificará o que os Seus lábios proferiram. Temos acomodado a Palavra ao nosso prazer, cumprindo o que nos convém e o que não convém... esquecendo.

As portas do Inferno não prevalecerão contra a Igreja... desde que esta se santifique e repare as suas brechas. Assim o Deus da

Paz esmagará Satanás debaixo dos nossos pés. Temos autoridade para pisar em serpentes e escorpiões, e sobre todo o poder do maligno, e nada absolutamente nos causará dano. Desde que nos santifiquemos e andemos na direção estabelecida por Deus.

Resistamos ao diabo, e ele fugirá de nós. Mas antes sujeitemos-nos a Deus, abandonemos o pecado e o amor desse mundo!

Muitas são as promessas de vitória. Alcancemo-las, pois!

O Senhor é quem nos guarda, é a nossa sombra à nossa direita. O nosso socorro vem Dele, que fez os Céus e a Terra. É Ele quem nos preserva do terror do inimigo, esconde-nos da conspiração dos malfeitores e do tumulto dos que praticam a iniqüidade. Deus desferirá contra eles Sua seta, de súbito se acharão feridos.

Não confiemos nas nossas próprias armas, mas no Nome do Senhor. Ele nos ouve quando clamamos por socorro, nos tira do poço de perdição e do tremendal de lama. Firma os nossos pés sobre a rocha! Ainda que andemos por um vale escuro como a morte, não tememos. Pois o Senhor, o Deus Eterno, nos dirige e protege.

Portanto, quanto ao mais sejamos fortalecidos no Senhor e na força do Seu Poder. Revistamo-nos de toda a armadura de Deus para que possamos ficar firmes contra as ciladas do diabo. Porque a nossa luta não é contra sangue e carne, mas contra Principados e Potestades, contra os dominadores desse mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes.

Tomemos a armadura, como soldados que somos, guerreiros em tempo de guerra. Resistamos no dia mau, e uma vez tendo vencido tudo, ainda permaneçamos inabalados. Com toda oração e súplica, orando em todo o tempo, vigiando perseverantes, sendo direcionados em jejuns, fazendo uso da unção com óleo e de todo o aparato de que dispomos... vençamos o inimigo!

Somos santuários de Deus, e o Espírito Santo habita em nós. Se alguém destruir o santuário de Deus, que somos nós, Deus o destruirá. Porque o santuário de Deus, que somos nós, é sagrado.

Maior é O que está em nós do que o que está no mundo. Se Deus é por nós, quem será contra nós? Estejamos bem certos de que nem morte, nem vida, nem Anjos, nem Principados, nem coisas do presente ou futuro, nem poderes, nem altura ou profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do Amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor!

No final dos Tempos muitos virão em nome de Jesus, e enganarão. Ouviremos falar de guerras e rumores de guerras, levantar-se-ão Nações contra Nações, Reino contra Reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares. Mas isso é apenas o princípio das dores.

Falsos profetas vão se levantar. Farão obras maiores do que as de Jesus por causa do poder do diabo por trás delas. Grandes sinais e prodígios acontecerão. A iniqüidade e o pecado se multiplicará. E por causa disso se esfriará o amor de quase todos.

E o anticristo se assentará no Templo de Jerusalém, o Abominável da desolação será cultuado como se fora deus. E virá sobre a Terra um tempo terrível, uma Tribulação sem precedentes. Um tempo quando todos serão julgados. Mas a Igreja de Cristo *Santificada* já terá sido arrebatada e já não estará nesse mundo. Os que tiverem ficado por falta de santificação receberão sua Salvação depois da morte física e da Tribulação destes dias.

Mas um dia o Sol escurecerá e a Lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento e os poderes dos Céus serão abalados. Então aparecerá no Céu o sinal do Filho do Homem vindo sobre as nuvens, todos os povos da Terra O verão. Ele virá com Poder e muita Glória. Todo olho o verá. Como o relâmpago sai do oriente e se mostra até o ocidente, assim há de ser a vinda do filho de Deus. No dia em que não se espera e na hora em que não se sabe. Para o confronto Ele virá.

"Eu sou o Alfa e o Ômega. Aquele que é, que era e que há de vir, o Todo Poderoso. Eu sou o Primeiro e o Último, e Aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos Séculos dos Séculos, e tenho as chaves do Inferno e da morte."

Então o Céu se abrirá, e eis um cavalo branco. O Seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro, o Senhor Jesus é este

cavaleiro. Ele julga e guerreia com Justiça. Tem no Seu manto, e na Sua coxa, um Nome inscrito: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES.

Sua aparência será semelhante ao Filho do Homem. Com vestes talares e cingido à altura do peito com uma cinta de ouro, a Sua cabeça e cabelos serão brancos como alva lã, como a neve. O Seu manto é tinto de sangue, e o Seu Nome é o Verbo de Deus. Os olhos refulgirão como chamas de fogo; e os pés, semelhantes ao bronze polido, parecerão como que refinados numa fornalha; a voz, como voz de muitas águas. Na mão direita sete estrelas e na boca uma afiada espada de dois gumes. Na Sua cabeça há muitos diademas. O Seu rosto brilhará como o Sol na sua força.

E O seguirão os exércitos que há no Céu, poderosíssimos.

E haverá peleja. Miguel e os seus Anjos pelejarão contra o dragão e os seus demônios. Mas estes últimos não prevalecerão, nem mais se achará no Céu o lugar deles. Será expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, será atirado para a Terra e com ele os seus demônios.

E cheio de grande cólera ficará o diabo sabendo que pouco tempo lhe resta.

E a besta e os reis da Terra, os filhos de Satanás, todos com seus exércitos estarão congregados para lutar contra aquele que veio montado no Seu cavalo, contra o Seu exército. Contra o Filho de Deus. O Herdeiro de todas as coisas, o resplendor da Glória.

Jesus destruirá o iníquo com o sopro da Sua boca. E todos os que não tiverem aceitado o livramento que vem por meio do Seu sangue terão o mesmo fim que Satanás. O lago de fogo e enxofre.

Todas as Nações serão reunidas na Sua presença, e ele separará uns dos outros. Os justos para a Vida Eterna. Os injusto para o castigo eterno.

A besta será aprisionada e com ela o falso profeta que, com muitos sinais, seduziu aqueles que receberam a marca da besta em todo o mundo. Os dois serão lançados vivos dentro do lago de fogo que arde com enxofre. E os restantes serão mortos. Depois será

lançado ali também o próprio diabo, o sedutor do mundo. E serão atormentados de dia e de noite pelos Séculos dos Séculos. A morte e o Inferno serão lançados também para dentro desse lago.

E se alguém não for achado inscrito no Livro da Vida, e não tiver recebido o Selo do Cordeiro, Jesus, terá o mesmo fim.

"Assim Eu escolhi sobre eles o infortúnio e farei vir sobre eles o que temem. Porque clamei e nenhum deles respondeu, falei e não me escutaram; antes fizeram o que era mau e abominável perante Mim. Escolheram aquilo em que Eu não tinha prazer. Agora sobre eles virá o Meu Juízo e a Minha Justiça."

Haverá muito furor, muita ira no terrível dia do Senhor.

Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o Poder, e Riqueza, e Sabedoria, e Força, e Honra, e Glória, e Louvor.

Aleluia!

Mas haverá para os filhos de Deus, então, novo Céu e nova Terra porque o primeiro Céu e a primeira Terra passaram e o mar já não existe. Não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas. Exultaremos no que Deus cria, e para nós Ele criará alegria e regozijo.

"Eis que faço novas todas as coisas."

Haverá uma nova cidade, uma Jerusalém Celestial que descerá do Céu, a qual terá a Glória de Deus. O seu fulgor será como o de uma pedra preciosíssima. E o seu santuário será o próprio Senhor, o Deus Todo Poderoso, e o Cordeiro Jesus. A cidade não precisará nem de Sol e nem de Lua porque a Glória de Deus a iluminará, o Cordeiro será a sua lâmpada. O Senhor será a sua Luz perpétua, o seu Deus a sua Glória. Nela entrarão os inscritos no Livro da Vida, no Livro do Cordeiro, os que aceitaram o Seu sacrifício e permitiram a entrada Dele nas suas vidas. Os que foram lavados no sangue vertido do Cordeiro, estes entrarão na cidade pelas portas. Aos seus muros chamarão Salvação, e às suas portas, Louvor.

O lobo e a ovelha pastarão juntos, e o leão comerá palha com o boi. O leopardo se deitará perto do cabrito, o leão novo e o animal cevado andarão juntos. A vaca e a ursa pastarão, e as suas

crias se deitarão lado a lado.

O rio da Água da Vida sairá abundantemente do Trono de Deus e do Cordeiro, brilhante como cristal. Contemplaremos Deus face a face, e nas nossas frontes estará o Nome Dele. E o Senhor Deus brilhará sobre nós, como no princípio o desejou, e, juntos, reinaremos pelos Séculos dos Séculos.

E virá uma grande voz do Trono, que nos dirá: "Deus habitará novamente com eles, eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles."

Então o Senhor Deus nos enxugará dos olhos toda lágrima. E já não haverá morte, nem luto, nem pranto, nem dor. Nunca mais haverá voz de choro e nem de clamor, nem qualquer maldição. Jamais teremos fome, nunca mais teremos sede, não cairá sobre nós o Sol e nem ardor algum, pois o Cordeiro que se encontra no Trono nos apascentará e nos guiará para as fontes da Água da Vida.

Porque tudo isto terá passado, as primeiras coisas terão passado.

E Deus dirá, assentado no Seu Trono:

"Eis que faço novas todas as coisas. Tudo já está feito. A quem tem sede, Eu darei de graça — através de Cristo — a fonte da Água da Vida. Os vencedores herdarão essas coisas. Eu lhes serei Deus, e eles me serão filhos."

Aquele que ouve, diga: Vem. Aquele que tem sede, venha, e quem quiser receba de graça da Água da Vida.

E o Amor terá vencido, e existirá para sempre, permeará tudo e todos. Eternamente!

Estas palavras são fiéis e verdadeiras, são palavras da Bíblia, o Livro de Deus. Nela está escrita esta História, do início até o fim.

A História do Amor.

F I M

CONVITES PARA SEMINÁRIOS

Daniel e Isabela Mastral visitam Igrejas compartilhando suas experiências através de palestras. As propostas e sugestões para cada visita podem ser adquiridas através dos mesmos contatos que aparecem no início deste livro.

Contato por E-Mail DANIELMASTRAL@HOTMAIL.COM

Resposta

Nesta edição resolvemos dar algumas respostas, ainda que resumidas, a alguns questionamentos levantados por satanistas. Vamos tocar somente em alguns pontos que consideramos cruciais. Muitos dos argumentos levantados pela irmandade são vazios e têm o objetivo de causar confusão no meio do povo de Deus.

Pensemos primeiramente sobre o **possível arrependimento de Deus por ter criado o homem (Gn. 6.6).** É preciso entender que esta é uma expressão antropomórfica, ou seja, sentimentos de Deus apresentados de forma a serem entendidos pelo homem comum. A idéia bíblica para arrependimento é mudar de direção, ou de comportamento ante a admissão de algum pecado.

No caso de Deus, mostra uma dor causada por traição ou quebra de aliança por parte do homem. O objetivo para o qual o homem existe, que é glorificar a Deus, não foi cumprido. "Arrependeu-se" é a palavra do vocabulário humano que mais se aproxima deste significado. Em outra ocasião Deus deixou de aplicar o castigo, por sentir profunda misericórdia de seu povo. A expressão utilizada para mostrar este sentimento é "arrependeu-se" *(Ex.32.14).*

Deus foi acusado de mudar de comportamento. Segundo os satanistas, Deus permitiu o casamento entre irmãos, como no caso de Caim e mais tarde proibiu o incesto. Ora, as leis mosaicas formam um pacote dividido em vários subtítulos: Leis morais (10 mandamentos), leis cerimoniais, leis sociais, etc.). Algumas destas leis visam proteger a raça humana, durante um determinado tempo, de alguma ameaça de extinção.

Uma destas leis diz que o homem deve enterrar suas fezes. Ora, estamos lidando com um mandamento que visava proteger o indivíduo daquela época de uma contaminação. Hoje temos uma rede de esgotos e aparelhos sanitários que nos protegem, uma forma moderna de enterrar as fezes. O princípio é eterno, mas sua aplicação pode ser contextualizada. Visivelmente esta lei foi dada para uma época específica, visando o benefício do homem.

A lei que proíbe o incesto visava a mesma proteção, pois está provado que casamentos consangüíneos podem acarretar alterações na formação do feto. Naquela época o problema não era tão grande, pois a recente criação do homem não lhe trazia uma história genética tão grande como a que temos. Hoje temos muito mais a herdar de nossos antepassados do que naquela época.

Sobre a extinção da figueira se tem dito que Jesus a amaldiçoou sem causa, pois não era tempo de dar figos. Sabemos que a figueira é considerada na Bíblia como símbolo da religiosidade judaica. Sabemos também que a figueira é um tipo de árvore que não tem folhas a não ser na época em que dá seus frutos.

A presença de folhas em uma figueira é sinal de que está frutificando. Jesus viu uma figueira cheia de folhas e imaginou que poderia encontrar alguns frutos nela, o que não aconteceu. Aquela figueira acabou se tornando um símbolo de religiosidade apenas aparente: cheia de folhas, mas sem frutos. Liturgia sem Deus, sem mudança comportamental e sem transformação de vida.

Devemos como seguidores de Jesus procurar secar até a raiz este tipo de manifestação religiosa em nosso meio. A figueira portanto simboliza um inimigo infiltrado com o objetivo de deturpar os verdadeiros sinais de espiritualidade. Pelos frutos (comportamento) os conhecereis e não pelas folhas (liturgia e

milagres).

Quanto a Lúcifer, Jesus mesmo tratará dele. "E então será revelado o iníquo, a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca, e aniquilará pelo esplendor da sua vinda; a esse cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira" (2Tm.2.8,9). Seus dias estão contados, pois a manifestação da glória de Deus não retardará.

Alerta

Jesus advertiu sua Igreja da possibilidade de uma contaminação maligna. "Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos" (Mt.24.24).

A melhor tática de infiltração é a invisibilidade. Parecer um dos nossos, falar como um dos nossos, defender nossas causas e aparentar piedade, são táticas bem conhecidas pelo nosso inimigo.

Creio que há um plano diabólico que tem como objetivo diluir a mensagem cristã. Lúcifer é inteligente o suficiente para não insistir em se apresentar de vermelho, rabo comprido, tridente, chifres pontudos e um sorriso naftalina. Ele parece um anjo de luz (Gl.1.8).

Cuidado com aqueles que "Tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. Destes afasta-te. Porque deste número são os que se introduzem pelas casas, e levam cativas mulheres néscias carregadas de pecados, levadas de várias concupiscências; que aprendem sempre, e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade. E, como Janes e Jambres resistiram a Moisés, assim também estes resistem à verdade (2Tm.4.5-8).

A história da Igreja prova que, como instituição se mostra mais vulnerável do que gostaríamos. Por mais paradoxal que pareça, esta estranha vulnerabilidade, acontece nos momentos em que ela se mostra mais capaz, mais soberba e dona da verdade.

Constantino não encontrou grandes dificuldades para introduzir no ceio da Igreja um sincretismo religioso altamente

corrosível. As trevas penetraram, tomaram conta e a Igreja se prostituiu com seus amantes. Tornou-se uma instituição que abrigou um cem número de doutrinas e práticas nocivas a fé cristã.

Israel também teve seus tropeços. Apesar de tantas manifestações do poder de Deus, erigiu altares à mesma Rainha do Céu e a Baal, o rei da Terra. A tática satânica mais bem articulada é pregar uma mensagem parecida o máximo possível com cristianismo, mas introduzindo aqui e acolá um veneno ardente que ao ser ensinado com linguajar evangélico pode até passar desapercebido.

Não há como negar que a Igreja contemporânea tem abrigado todo tipo de ave de rapina. Doutrinas e comportamentos litúrgicos dos mais bizarros invadiram nossos templos. Há fogo estranho queimando por toda parte.

A infiltração satânica já começou e nem nos demos conta disto. É a tática do Cavalo de Tróia. Ao invés de ficar jogando pedras no telhado deles, vamos penetrar em suas casas, ganhar sua confiança e minar gradativamente suas bases.

Este livro fala de acontecimentos ocorridos a cerca de quinze anos ou mais. O objetivo é tocar a trombeta de alerta. O autor não tem o mínimo interesse de que nomes ou endereços sejam descobertos. Seria ótimo se esta carapuça não se encaixasse em ninguém, mas se alguém a vestir, será por sua conta e risco. Como já foi declarado no início do livro, os nomes e endereços foram propositadamente modificados com o fim de dificultar a investigação dos mais curiosos.

O inimigo, dissimulando, tentará calar esta voz, se fazendo passar por injustiçado e perseguido, o que é de se esperar. Irá rugir como um leão, tentando nos assustar, mas devemos resistir-lhe com as armas da nossa milícia, que não são carnais, mas poderosas em Cristo.

O dia em que Jesus resgatará sua Noiva está chegando, a cabeça da serpente será esmagada definitivamente. Somente Jesus reinará em grande poder e Glória. O ambiente político, econômico e religioso já está pronto. A nossa triste, porém verdadeira constatação é que a Noiva de Cristo parece ter absorvido este

costume tão brasileiro de chegar atrasada ao casamento. Cremos porém na restauração que virá por interferência divina e a Igreja será apresentada a Jesus como noiva imaculada, sem mancha nem ruga.

Uma glória.

Ubirajara Crespo

***

Principais Referências Bíblicas

Gn. 1:1; 1:26; 2:16-17; 3:1-7,17-23

Dt. 30:15,19-20

Sl. 23:4; 32:40:1-2,4-6; 89:35; 92:8; 93:1-2;95:3-5; 96:6,10; 103:19;104:l-3,31;121

Pv. 8:35-36; 15:11

Is. 1:6-10; 14:12-15; 55:6,8-11; 60:18-21; 65:17

Ez. 28:12-16,19

Mt. 1:21; 7:24-27; 24:4-8,11-12,21,24,27,29-31,35-36,42,44,50;25:13,31-32,34,41,46; 26:28

Lc. 10:19-20

Jo. 1:29; 4:10,14 ; 3:16-21; 6:33-35; 10:10-14; 8:12,44; 11:25-26;14:5,16-18,21; 17: 21-23

Rm. 3:23; 4:6-8; 5:1; 6:17-23; 8:1-2,11, 31, 38-39; 16:20

1Co. 1:20; 3:3,13,16-17; 4:10 ; 10:21,31-32; 13:1-8; 15:26,54-56

2Co. 5:19; 11:14-15

Gl. 2:16,21

Ef. 1:5-14; 2:1-3,8; 4:25; 6:10-19

Fl. 2:6-11

Col. 1:13-22; 2:10,14-15

1Tes. 4:3,7

2Tes. 2:7-8

1Tm. 4:l

Hb. 2:14-15; 4:2,6-7,15; 7:26-28; 8:10,12; 9:14-15,20,22; 10:18

Tg. 1:26; 2:26; 3:9-10,13-18; 4:1,7,11

1Pe. 1:18-19,25; 2:5,9; 4:8,10-11; 5:8,9

1Jo. 3:8,14; 4:4

Ap. 1:5-8,13-18;5:12; 7:16-17; 12:7-9; 19:11-14,16,19-21; 20:10,14;21:1-8;22:1,3-

***

Continua em:

Guerreiros da Luz vol. 1 e 2

Quem se emocionou com Filho do Fogo, não pode perder esta continuação. Guerreiros da Luz despertará em você a essência do soldado de Cristo, que combate o bom combate da fé. É um livro que relata os passos para esse treinamento, onde princípios espirituais abordados de forma agradável, trazendo mais crescimento e renovação de nossa fé no Senhor dos Exércitos.

***

This document was created with Win2PDF available at http://www.win2pdf.com.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.